UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

ALEXANDRA DIAS FERRAZ TEDESCO

A ARGENTINA NA PERIFERIA DO TEMPO: OS COMBATES DA SOCIOLOGIA CIENTÍFICA E UM MUNDO NOVO PARA OS INTELECTUAIS (1930-1970)

Campinas
2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

ALEXANDRA DIAS FERRAZ TEDESCO

A ARGENTINA NA PERIFERIA DO TEMPO: OS COMBATES DA SOCIOLOGIA CIENTÍFICA E UM MUNDO NOVO PARA OS INTELECTUAIS (1930-1970).

Tese apresentada ao Programa de pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Doutora em História na área de Política, Memória e Cidade.

.

Orientador: Profa. Dra. Silvana Barbosa Rubino

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA ALEXANDRA DIAS FERRAZ TEDESCO E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. SILVANA BARBOSA RUBINO.

Campinas
2018.

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CNPq, 140437/2015-0

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7840-5014

Ficha catalográfica Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Cecília Maria
Jorge Nicolau - CRB 8/3387

Tedesco, Alexandra Dias Ferraz, 1987-
T228a A Argentina na periferia do tempo : os combates da sociologia científica e um mundo novo para os intelectuais (1930-1970) / Alexandra Dias Ferraz Tedesco. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Silvana Barbosa Rubino.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Vida intelectual - História. 2. Sociologia - História. 3. Ciência - Aspectos sociais - Argentina. I. Rubino, Silvana Barbosa, 1959-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Argentina in the periphery of time : the combats of Scientific Sociology and a new world for the intellectuals (1930-1970)
Palavras-chave em inglês:
Intellectual life - History
Sociology - History
Science - Social aspects - Argentina
Área de concentração: Política, Memória e Cidade
Titulação: Doutora em História
Banca examinadora:
Silvana Barbosa Rubino [Orientador]
Alejandro Raul Blanco
Miguel Soares Palmeira
José Alves de Freitas Neto
Mariana Miggliolaro Chaguri
Data de defesa: 07-12-2018
Programa de Pós-Graduação: História

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação/Tese de Mestrado/Doutorado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 7 de dezembro de 2018, considerou a candidata Alexandra Dias Ferraz Tedesco aprovada.

Profa. Dra. Silvana Barbosa Rubino

Prof. Dr. Alejandro Raúl Blanco

Prof. Dr. Miguel Soares Palmeira

Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto

Profa. Dra. Mariana Miggiolaro Chaguri

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em [nome do Programa] do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

AGRADECIMENTOS

Como toda pesquisa longa e vagarosa, a reflexão e a redação dessas linhas atravessaram, junto comigo, uma série de histórias paralelas, e todas elas aparecem hoje no mural das muitas coisas que Buenos Aires me deu. Inicialmente, o apoio do CNPq durante todo o projeto foi vital para o desenvolvimento da pesquisa, principalmente em tempos de poucos recursos como são esses, a expectativa é ter feito jus ao privilégio que tive. Começo agradecendo, pessoalmente, aos colegas e professores da UNICAMP, em especial minha orientadora, Silvana Rubino, que com sua confiança tão grande em mim e em meu projeto, permaneceu, durante esses anos todos, como inspiração intelectual. Agradeço também aos professores membros da banca de qualificação, José Alves de F. Neto e Alejandro Blanco, pelos comentários certeiros e pela injeção de ânimo que, naquele momento, eram tão necessários. Ao Alejandro, ainda, devo o agradecimento de ter me enviado – desde Buenos Aires – um livro seu, no momento em que eu cogitava elaborar um projeto, ainda em 2013, e pela persistente generosidade comigo e com minhas idéias. Além deles, cito com carinho todos os professores que contribuíram não apenas com a tese mas, também, com minha familiarização em um universo de problemas que me tornaram mais observadora e mais convicta de que há uma imensa possibilidade de parceria e colaboração no mundo intelectual, agradeço, pois, aos professores Miguel Palmeira, Josiane Cerasoli, Iara Schiavinatto, Edgard de Decca, Cristina Meneghelo, Michel Nicolau Neto, Mariana Chaguri, Daniel O. Perez e Silvio Chibeni.

Houve um momento em que percebi que estive, oficialmente, vivendo dentro da tese. Viveram comigo dentro dela, durante um ano de muito amadurecimento, Gilson e Sanfelice, duas ilhas de filosofia que têm enorme responsabilidade sob os pontos positivos deste trabalho. Por todo apoio e constância, como sempre, Nadia e Vaner aparecem aqui como a ocasião da leveza que tanto se faz necessária num projeto como este. Agradeço à minha família, Lilian, Irineo, Maria Aparecida e Valéria e Ibiaçu, por confiarem em mim de modo tão definitivo, e me pavimentarem um caminho de autonomia. Por fim, eu devo algumas muitas linhas para Vítor Hugo, parceiro e companheiro intelectual, existencial e sentimental, as quais substituirei por todo futuro que este projeto, enquanto promessa, nos descortina: assim como esta tese, nossa aliança é uma das muitas coisas que Buenos Aires me deu.

RESUMO

Levando em conta um duplo olhar, sincrônico e diacrônico, esta tese propõe que a emergência do projeto da *sociologia científica* na Argentina da década de 1950, encabeçado por Gino Germani, bem como os combates travados com as referências anteriores (a saber, a predominância de uma sociologia histórica permeada por referências do pensamento alemão) e, notadamente, a própria crise desse projeto "científico", funcionam exemplarmente enquanto pontos de observação de um conflito intelectual que extrapola a esfera unicamente teórica. Proponho que, ao dedicar-se à inserção de referências norte-americanas no debate da sociologia argentina, o projeto desses intelectuais incide tanto sobre os conteúdos das teses quanto sobre a estrutura institucional da produção do conhecimento e, paralelamente, sobre a preponderância de determinados tipos de atitude intelectual. Nesse sentido a hipótese é que a recepção e a ressignificação das tradições francesas, alemã e estadunidense na sociologia argentina podem ser observadas a partir de três olhares concomitantes: a atenção aos enfrentamentos especificamente teóricos, as tensões institucionais e, finalmente, as mudanças na concepção de "intelectual" e de "sociólogo" que acompanham esse processo. Trata-se de uma história da intersecção entre esfera pública e privada no universo intelectual argentino, através da qual se supõe possível trazer à tona as dinâmicas de circulação intelectual e a tradução, para o contexto argentino, das disputas globais acerca do lugar da sociologia nos enfrentamentos disciplinares e na relação com os espaços extra-universitários. Sustento, por fim, que o período entre 1955 e 1957, momento de reorganização do campo intelectual argentino e, especificamente, da organização do curso de Sociologia na Universidade de Buenos Aires, marca o início de um inédito projeto de revisão das fontes que até então informavam os debates sociológicos naquele país, notadamente aquelas oriundas do clássico debate alemão acerca da "crise dos tempos", orientada pela divisão entre ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*) e ciências naturais (*Naturwissenschaften*). A tentativa de superação dessas referências, levada a cabo pelo projeto da sociologia científica, bem como os ataques sofridos pelo projeto intelectual em questão, ajudam a perceber de que modo - recuperando a inspiração de Carl Schorske em *Vienna Fin du Sciècle* (1981) de somar à análise diacrônica de cotejamento das teses um corte sincrônico no mundo cultural – o projeto da sociologia científica não dialogou apenas com outras *sociologias* mas, também, com outras manifestações simbólicas de época que definiram seus limites e sua pretensão.

Palavras-chave: História Intelectual; História da Sociologia; Sociologia Argentina; Sociologia Científica; Gino Germani.

ABSTRACT

Taking into account a double, synchronous and diachronic look, this thesis proposes that the emergence of the project of scientific sociology in Argentina in the 1950s, headed by Gino Germani, as well as the struggles fought with previous references (namely, the predominance of a historical sociology permeated by references of German thought) and, especially, the crisis itself of this "scientific" project, are exemplarily points of observation of an intellectual conflict that extrapolates the sphere solely theoretical. I propose that the project of these intellectuals focuses both on the institutional structure of the production of knowledge and, on the other hand, on the preponderance of certain types of intellectual attitude, by dedicating itself to the insertion of American references in the debate of argentine sociology. In this sense the hypothesis is that the reception and re-signification of the French, German and American traditions in Argentine sociology can be observed from three concomitant glances: attention to specifically theoretical confrontations, institutional tensions and, finally, changes in the conception of "Intellectual" and "sociologist" that accompany this process. This is a story of the intersection between the public and private spheres in the Argentinean intellectual universe, through which it is possible to bring to light the dynamics of intellectual circulation and the translation into the argentine context of global disputes about the place of sociology in disciplinary confrontations and its relation to extra-university spaces. Lastly, I would like to point out that the period between 1955 and 1957, a time of reorganization of the Argentine intellectual field and specifically the organization of the Sociology course at the University of Buenos Aires, marks the beginning of an unprecedented project to review the sources that until then informed the sociological debates in that country, especially those coming from the classic german debate about the "crisis of the times", guided by the division between the sciences of the spirit (Geisteswissenschaften) and the natural sciences (Naturwissenschaften). The attempt to overcome these references, carried out by the project of scientific sociology, as well as the attacks suffered by the intellectual project in question, helps to understand how - recovering the inspiration of Carl Schorske in Vienna Fin de Siècle (1981) to add to the diachronic analysis of the comparison of theses a synchronic cut in the cultural world - the project of scientific sociology did not only dialogue with other sociologies but also with other symbolic manifestations of the time that defined its limits and its pretension.

Keywords: Intellectual History; History of Sociology; Argentinean Sociology, Scientific Sociology, Gino Germani.

RESUMEN

Teniendo en cuenta una doble mirada, sincrónica y diacrónica, esta tesis propone que la emergencia del proyecto de la sociología científica en la Argentina de la década de 1950, encabezado por Gino Germani, así como los combates con las referencias anteriores (a saber, la predominancia de una sociología histórica con muchas referéncias del pensamiento alemán) y, en particular, la propia crisis de ese proyecto "científico", funcionan ejemplarmente como puntos de observación de un conflicto intelectual que extrapola la esfera únicamente teórica. Propongo que, al dedicarse a la inserción de referencias norteamericanas en el debate de la sociología argentina, el proyecto de esos intelectuales incide tanto sobre los contenidos de las tesis y sobre la estructura institucional de la producción del conocimiento y, paralelamente, sobre la preponderancia de determinados tipos de actitud intelectual. En este sentido la hipótesis es que la recepción y la resignificación de las tradiciones francesas, alemana y estadunidense en la sociología argentina pueden ser observadas a partir de tres miradas concomitantes: la atención a los enfrentamientos específicamente teóricos, las tensiones institucionales y, finalmente, los cambios en la concepción de "intelectual" y de "sociólogo" que acompañan ese proceso. Se trata de una historia de la intersección entre esfera pública y privada en el universo intelectual argentino, a través de la cual se supone posible traer a la luz las dinámicas de circulación intelectual y la traducción, para el contexto argentino, de las disputas globales acerca del lugar de la sociología en los enfrentamientos disciplinares y en la relación con los espacios extra-universitarios. Sostengo, por fin, que el período entre 1955 y 1957, momento de reorganización del campo intelectual argentino y, específicamente, de la organización del curso de Sociología en la Universidad de Buenos Aires, marca el inicio de un inédito proyecto de revisión de las fuentes que hasta entonces organizaban los debates sociológicos en aquel país, especialmente a los que se derivan del clásico debate alemán sobre la "crisis de los tiempos", orientada por la división entre las ciencias del espíritu (Geisteswissenschaften) y las ciencias naturales (Naturwissenschaften). El intento de superación de esas referencias, llevado a cabo por el proyecto de la Sociología Científica, así como los ataques sufridos por el proyecto intelectual en cuestión, ayudan a percibir de qué modo - recuperando la inspiración de Carl Schorske en Vienna Fin du Sciècle (1981) de sumar al análisis diacrónico de cotejo de las tesis un corte sincrónico en el mundo cultural - el proyecto de la sociología científica no dialogó sólo con otras sociologías, sino también con otras manifestaciones simbólicas de época que definieron sus límites y su pretensión.

Palabras clave: Historia Intelectual; Historia de la Sociología; Sociología Argentina; Sociología Científica; Gino Germani.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALAS: Asociación latino-americana de Sociologia

APA: Asociación de Psicoanálisis Argentina

CCF: Congress of the Cultural Freedom

CEPAL: Comissão Econômica para a America Latina e o Caribe

CGT: Confereración General del Trabajo

CICSO: Centro de investigaciones en Ciencias Sociales

CLACSO: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales

CLAPCS: Centro Latino-americano de pesquisa em Ciências Sociais

CLES: Colégio Libre de estudios superiores

CONICET: Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas

ELSP: Escola Livre de Sociologia e Política

EUDEBA: Editoral Universitária de Buenos Aires

FFyL: Facultad de Filosofia y Letras

FLACSO: Faculdade Latinoamericana de Ciências Sociais

FUBA: Federación universitária de Buenos Aires

MIT: Massachusetts Institut of Technology

RUBA: Revista de la Universidad de Buenos Aires

SADE: Sociedad Argentina de escritores

UBA: Universidad de Buenos Aires

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNL: Universidad Nacional del Litorial

UNQ: Universidad Nacional de Quilmes

USP: Universidade de São Paulo

1 SUMÁRIO

INTRODUÇÃO. A Argentina na periferia do tempo. 11

CAPÍTULO 1. Do "colégio invisível" à "universidade nas sombras": A Argentina na *Republica Mundial das Letras.* 38

1.1. "Como mezclar sin mezclarse?": positivistas e espiritualistas disputam o sentido da crise. 39

1.2. Os relatórios de Ernesto Quesada e a criação de um espaço para o intelectual universitário..... 65

1.3. Mediações francesas e espanholas na conformação do campo intelectual argentino.. 88

CAPÍTULO 2. A sociologia como um "esporte de combate". 117

2.1. O marketing da síntese: a sociologia no cenário intelectual da virada do século..... 119

2.2. Ernesto Quesada, Ricardo Levene e Alfredo Povina: a sociologia de cátedra e o feudo dos *amateurs*..... 144

2.3. Do *Boletín del Instituto de Sociología* aos *Cuadernos*: a publicação como sismógrafo. 170

CAPITULO 3. Da cidade à cidadela: editoras, tradutores e revistas como caminho para a tradição intelectual alemã..... 194

3.1. O campo universitário como espaço de expectativa autoritária: mecenato privado e redes de sociabilidade intelectual. 195

3.2. A universidade nas sombras: os alemães pela ótica de Germani 231

3.3. Antes modernos que frankfurtianos: filosofia alemã traduzida ao espanhol e a *Sur*..... 256

CAPÍTULO 4. *Savoir pour prevoir*: a sociologia científica na periferia do tempo 281

4.1. A reinvenção da Universidade após o peronismo: um lugar para a sociologia..... 282

4.2. A assincronia como explicação da crise..... 309

4.3. A ciência contra as alpargatas: democracia, engajamento científico e universidade nacional. 336

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 375

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS 388

Bibliografia Geral..... 388

Obras de Gino Germani..... 402

Fontes Documentais 402

INTRODUÇÃO. A ARGENTINA NA PERIFERIA DO TEMPO

Mas não são apenas os governos totalitários que temem a leitura. Os leitores são maltratados em pátios de escolas e em vestiários tanto quanto nas repartições do governo e nas prisões. Em quase toda parte, a comunidade dos leitores tem uma reputação ambígua que advém de sua autoridade adquirida e de seu poder percebido. Algo na relação entre um leitor e um livro é reconhecido como sábio e frutífero, mas é também visto como desdenhosamente exclusivo e excludente, talvez porque a imagem de um indivíduo enroscado num canto, aparentemente esquecido dos grunhidos do mundo, sugerisse privacidade impenetrável, olhos egoístas e ação dissimulada singular. "Saia e vá viver!" dizia minha mãe quando me via lendo, como se minha atividade silenciosa contradissesse seu sentido do que significava estar vivo. O medo popular do que um leitor possa fazer entre as páginas de um livro é semelhante ao medo intemporal que os homens têm do que as mulheres possam fazer em lugares secretos dos seus corpos, e do que as bruxas e os alquimistas possam fazer em segredo, atrás de portas trancadas.
A leitura deu-me uma desculpa para a privacidade, ou talvez tenha dado um sentido à privacidade que me foi imposta.

Alberto Manguel.

Um regime de historicidade nunca foi uma entidade metafísica, caída do céu e de alcance universal (...) passar finalmente de um regime a outro comporta períodos de sobreposição. Produzem-se interferências, muitas vezes trágicas.

François Hartog

Há uma crise de nosso tempo. Uma crise total, que se estende a todos os aspectos da vida, na esfera pessoal e na ordem coletiva. Caberia acrescentar muito pouco a essa categórica afirmação, um lugar comum que ninguém mais discute. A discrepância começa quando se trata de atribuir-lhe um significado. Sem entrar na polêmica, digamos antes de tudo que (...) a palavra crise não deve ser entendida em um sentido necessariamente pessimista.

Gino Germani.

Poucas narrativas parecem ter sido tão resilientes na história do tempo recente como aquela que se organizou em torno da ideia de *crise*. Acionada desde diversos pontos de vista – econômico, político, simbólico – essa ideia foi um componente importante dos discursos mobilizados pelo universo intelectual para entender as mudanças pelas quais as sociedades ocidentais passaram nos últimos 100 ou 150 anos. Algumas perguntas, contudo, podem ser feitas ao significado da permanência dessa narrativa. A *crise* – se entendida enquanto um ponto de tensão entre espaço de experiência e horizonte de expectativa[1] - é uma posição privilegiada, ou mesmo possível, de reflexão sobre ela mesma? É possível equacionar a dimensão trágica de um projeto de mundo a partir do diagnóstico negativo que dele se faz no entretempo de sua vigência? Falar da crise é um modo de solucioná-la pela compreensão de suas causas ou um modo de reiterar a vigência de uma lente de observação? Menos do que responder de forma categórica a qualquer dessas perguntas, esta introdução pretende questionar-se, como indicado, acerca da permanência da narrativa de crise e da pertinência de validar esse debate enquanto nota de fundo de uma série de projetos intelectuais que se desenvolveram a partir dela, para resolvê-la ou reiterá-la. Parto do aporte de Bourdieu (2001) para considerar o discurso sobre a crise como um tipo de arbitrário constitutivo, tácito, que só se anuncia como tautologia, tornando-se a própria condição histórica do discutível. Essa constante possui, ainda, permeabilidade cotidiana, de modo que os discursos sobre a crise puderam tornar-se, para além de diagnósticos técnicos ou restritos ao âmbito intelectual, narrativas publicamente inflacionadas. Conforme propõe Koselleck, essa hipertrofia de significados possíveis deve-se à própria natureza polissêmica de um conceito que "indica insegurança, infortúnio (...) e se refere a um futuro desconhecido cujas condições não podem ser suficientemente elucidadas" (2002, p. 236)[2]. Trata-se, nessa perspectiva, de compreender de que modo a ideia de crise foi capaz de tornar-se uma concordância suficientemente polifônica e abrangente a ponto de delimitar o universo dos problemas possíveis durante longas décadas do século XX (BOURDIEU, 1996,

[1] Reinhardt Koselleck, em *Crítica e Crise*, elabora a seguinte definição: "Pertence à natureza da crise que uma decisão esteja pendente mas ainda não tenha sido tomada. Também reside em sua natureza que a decisão a ser tomada permaneça em aberto. Portanto, a insegurança geral de uma situação crítica é atravessada pela certeza de que, sem que se saiba ao certo quando ou como, o fim do estado crítico se aproxima. A solução possível permanece incerta, mas o próprio fim, a transformação das circunstâncias vigentes – ameaçadora, temida ou desejada – é certo. A crise invoca a pergunta ao futuro histórico" (KOSELLECK, 2006, p. 111). Parto, em consonância com Koselleck, da ideia de que a crise possui tanto uma dimensão cotidiana, que se projeta na vida das pessoas a partir da tensão entre espaço de experiencia e horizonte de expectativa enquanto uma *experiência histórica* (KOSELLECK, R. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de janeiro. UFRJ/Contraponto, 2006) quanto uma dimensão narrativa, ou historiográfica, a partir da qual se elaboram as "perguntas ao futuro histórico", dimensão de interesse dessa investigação.

[2] As traduções são minhas daqui por diante. Os originais constam em notas de rodapé. "The concept indicates insecurity, misfortune (...) and refers to an unknown future whose conditions cannot be sufficiently elucidated" (2002, p. 236)

2001). Essa capacidade de legitimar as pautas em torno das quais se organizam as desavenças, especialmente operante no mundo intelectual, ajudou a promover os espaços de discordância na concordância nos quais se deram os debates teóricos sobre a crise, amplamente heterogêneos. Os adversários teóricos sobre o tema da crise foram, enfim, cúmplices na validação narrativa que viabilizava o debate, além de protagonistas de sua circulação. Nos termos de Bourdieu, "o desacordo pressupõe um acordo, e o conflito entre tendências e doutrinas oculta, aos olhos daqueles que nele participam, a cumplicidade que supostamente têm e que atinge o observador alheio ao sistema" (BOURDIEU, 1967, p. 370)[3]. Para compreender esse "dissenso no consenso", aceitando a centralidade do sistema de ensino na reprodução dessas disposições, esta investigação procura considerar dois modos de aquisição cultural: o universitário e o extra-universitário (o dos cafés, das editoras e dos salões), de modo a observar tanto a relação diacrônica que os fenômenos intelectuais mantém com discursos anteriores a eles mas, também, de modo sincrônico, sua interação conflituosa com um universo de manifestações culturais que não se esgota, no caso argentino, na educação formal[4].

Levando em conta esse duplo olhar, sincrônico e diacrônico, proponho que a emergência do projeto da *sociologia científica*[5] na Argentina da década de 1950, encabeçada por Gino Germani, bem como os combates travados com as referências anteriores (a saber, a predominância de uma sociologia histórica permeada por referências do pensamento alemão) e, notadamente, a própria crise desse projeto "científico", funcionam exemplarmente enquanto pontos de observação de um conflito intelectual que extrapola a esfera estritamente teórica.

---

[3] "le désaccord suppose un accord, et les conflitcs manifestés entre les tendances et les doctrines dissimulent, aux yeux même de ceux qui y participent, la complicité qu´ils supposement et qui frappé l´observateur étranger au système" (BOURDIEU, 1967, p. 370).

[4] Conforme Bourdieu, "pode-se supor, de fato, que cada sujeito deve ao tipo de aprendizado escolar que recebeu um conjunto de esquemas fundamentais e profundamente internalizados que servem como um princípio de seleção para a posterior aquisição de esquemas, de modo que o sistema dos esquemas segundo os quais se organiza o pensamento desse sujeito deve sua especificidade não apenas à natureza dos padrões constitutivos, mas também à frequência com que são usados e ao nível de consciência com o qual operam - essas propriedades sendo presumivelmente relacionadas a condições de aquisição dos esquemas intelectuais mais fundamentais" (BOURDIEU, 1967, p. 372). ["on peut supposer, en effet, que chaque sujet doit au type d'apprentissage scolaire qu'il a reçu un ensemble de schemes fondamentaux, profondément intériorisés, qui servent de principe de sélection aux acquisitions ultérieures de schemes, en sorte que le système des schemes selon lesquels s'organise la pensée de ce sujet doit sa spécificité non seulement à la nature des schemes constitutifs, mais aussi à la fréquence avec laquelle ceux-ci sont utilisés et au niveau de conscience où ils opèrent — ces propriétés étant vraisemblablement liées aux conditions d'acquisition des schemes intellectuels les plus fondamentaux (BOURDIEU, 1967, p. 372)].

[5] A denominação "sociologia científica" é alvo de revisões e relativizações no debate historiográfico sobre o tema. Esse debate será oportunamente considerado na tese, de modo que a adesão ao termo figura não apenas como um modo de diferenciar esse projeto de "outras sociologias" mas, também, como um modo de aceitar a designação que o próprio Gino Germani deu ao empreendimento (BLANCO, 2006). Assim, sem desconsiderar que o sentido científico do projeto não pode ser compreendido de modo estanque, mas apenas relacional, a opção é por manter essa designação clássica na literatura sobre o tema.

Proponho que, ao dedicar-se à inserção de referências norte-americanas no debate da sociologia argentina, o projeto desses intelectuais incidiu tanto sobre a estrutura institucional da produção do conhecimento quanto, paralelamente, sobre a preponderância de determinados tipos de atitude intelectual[6]. Importa observar, de acordo com a tradição que se dedica a analisar as sociologias nacionais a partir de um marco transnacional, que a mudança do centro gravitacional das ciências sociais da Europa para os Estados Unidos que se acentua anos 1950 é um dado importante para a análise da assimetria que a sociologia americana estabeleceu com os atores de países periféricos (ALGER e LYONS, 2001), notadamente no que diz respeito às agendas de pesquisa (ALATAS, 2003). Tais vinculações, sugerem Heilbron e Guilhot, exigem uma atenção para o fato de que "as ciências sociais se desenvolveram em uma tensão permanente entre a aspiração a um conhecimento universalmente válido das sociedades humanas e a dependência em relação aos estados-nação" (2009, p. 121)[7]. Assim, ainda que as sociologias apareçam frequentemente como unidades nacionais, importa considerar que esse enquadramento nacional da análise não é auto-evidente e pode ser pensado, como esta pesquisa reivindica, como um momento específico da história do campo (SAPIRO, 2013).

Se, então, a dimensão da circulação internacional das ideias é o pano de fundo das tensões nacionais (SAPIRO, 2013), proponho que a recepção e a ressignificação das tradições francesas, alemã e estadunidense na sociologia argentina sejam observadas a partir de três olhares concomitantes: a atenção aos enfrentamentos especificamente teóricos, as tensões institucionais e, finalmente, as mudanças na concepção de "intelectual" e de "sociólogo" que acompanham esse processo. Importa apontar, ainda, para o fato de que este trabalho não tem pretensões biográficas sobre a trajetória de Germani[8] nem, em ultima instância, pretende refazer a síntese teórica do projeto do sociólogo[9]. Trata-se de uma história da intersecção entre esfera pública e privada no universo intelectual argentino, através da qual se supõe possível trazer à

[6] Um dos pontos centrais do debate acerca do projeto da "sociologia científica" é sua relação heterodoxa com as referências teóricas que mobiliza. Conforme já expuseram Blanco (2006) e Pereyra (2005), não é possível reduzir o projeto de Germani à mera substituição de um *corpus* teórico por outro, tampouco faz jus à complexidade de seu projeto assumi-lo enquanto discípulo de Parsons (algo inclusive cronologicamente impossível). Trata-se, então, de pensar seu esforço de ampliação das referências teóricas dentro dos marcos de uma tendência mais ampla, em cuja proa estão as análises da sociologia norte-americana mas que não exclui, evidentemente, o diálogo constante com outras tradições. Trabalho com a hipótese de que as práticas institucionais e os modos de conceber a pesquisa intelectual levadas a cabo por Germani podem, elas sim, vincular o autor à tradição norte-americana, não o apego irrestrito à uma aposta teórica.

[7] "les sciences socales se sont dévéloppées dans une tension permanente entre l´aspiration à une connaissance universellement valide des sociétés humaines et la dépendance vis-a-vis des états-nations" (2009, p. 121).

[8] Para tanto é possível consultar a biografia intelectual escrita por Ana Germani intitulada Del Antifascismo a la Sociologia, publicada em 2004.

[9] Nessa direção vão alguns dos trabalhos seminais de Alejandro Blanco (2005, 2006, 2009), Diego Ezequiel Pereyra (2005) e González (2000), de cujas análises este trabalho é reiteradamente tributário.

tona as dinâmicas de circulação intelectual e a tradução, para o contexto argentino, das disputas globais acerca do lugar da sociologia nos enfrentamentos disciplinares e na relação com os espaços extra-universitários. Trata-se, recuperando a inspiração de Carl Schorske em Vienna Fin de Sciècle (1981), de somar à análise diacrônica de cotejamento das teses um corte sincrônico no mundo cultural: a *sociologia científica*, afinal, não dialoga apenas com outras *sociologias* mas, também, com outras manifestações simbólicas de época, que definem seus limites e sua pretensão. Sustento, por fim, que o período entre 1955 e 1957, momento de reorganização do campo intelectual argentino e, especificamente, da organização do curso de Sociologia na Universidade de Buenos Aires, marca o início de um inédito projeto de revisão das fontes que até então informavam os debates sociológicos naquele país, notadamente aquelas oriundas do clássico debate alemão acerca da "crise dos tempos", orientada pela divisão entre ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*) e ciências naturais (*Naturwissenschaften*) e que essa revisão é, também, uma mudança na própria definição de "intelectual". É esse ponto de partida que essa introdução pretende detalhar a partir da composição de um panorama da circulação do debate sobre a *crise*.

*****

Quando Simmel (2005) diagnosticou em *As grandes cidades e a vida do espírito* – publicado em 1903 - que a autonomia do indivíduo na modernidade está, frente aos imperativos sociais, fadada ao fracasso, repercutia uma série de reflexões que circulavam na comunidade alemã e europeia a respeito de uma ideia-chave da virada do século XIX: a de *crise*. Descrevendo a "vida nervosa", típica das grandes cidades, Simmel pontua que o habitante citadino já não reagia com o *animo*, mas com o entendimento, relegando a um segundo plano, portanto, os sentidos como via de acesso ao mundo. O espírito moderno, sentenciava o ensaísta alemão, tornara-se contábil. A essa circunstância, que Simmel qualifica como embotamento subjetivo advindo da hipertrofia da cultura objetiva, não faltaram adjetivos e explicações na virada do século XIX para o XX. As discussões acerca das mudanças culturais desse contexto tinham, em Simmel como em amplos setores do campo intelectual europeu, uma pauta compartilhada: a reflexão sobre a crise e sobre a "decadência". [10]

[10] Nos termos de Pelletier (2008), o mote dessa crítica que informava diagnósticos tão dissimiles pode ser condensado na sensação de que "assim, a sociedade entra em um estado entrópico (a entropia é a segunda lei da termodinâmica, que mostra que a energia é degradante e homogênea), cujas revoltas anárquicas não escondem a profundidade da conformidade e a abstenção da vontade de aceitar que a liberdade anda de mãos dadas com o declínio das autoridades religiosas, políticas, sociais, morais e com o hedonismo individualista cínico de uma sociedade permissiva (PELLETIER, 2008, p. 81" ["la société entre ainsi dans un état entropique (l´entropie est la deuxiéme loi de la thermodinamique, qui montre que l´énergie se dégrade en s´homogénéisant) dont les révoltes anarchiques ne cachent pas l´inertie profunde, dont le conformisme et l´abscence de volonté d´assumer as liberte

Horst Möller, em *Crises et Conscience de crise en Allemagne* (in PELLETIER, 2008) diagnostica que a reflexão sobre a crise que perpassa a comunidade intelectual alemã dos anos 1920 e 1930 – protagonizada por Jaspers, Plessner, Simmel, Mannheim, etc – é anterior à própria consciência de seus efeitos concretos, que se delineariam apenas após a Primeira Guerra. Para o autor, os fundadores dessa pauta são Nietzsche, Freud, Marx, os "mestres da suspeita" ainda no século XIX. Em diálogo com Möller, Gilbert Mellio (in PELLETIER, 2008) propõe, ainda, que essa "atmosfera" que remete ao XIX se radicaliza no contexto das primeiras décadas do século XX graças a crítica da sociedade técnica, tão antiga, vale mencionar, quanto a própria técnica. Subscrevendo a possibilidade de recuar ainda mais o início desses diagnósticos, contudo, à essa tese interessa capturar especificamente o momento em que esse repertório se torna a "condição do discutível" ao generalizar-se pelo campo intelectual.

É dentro dessa tradição que Simmel - atrelado ao cargo de *privatdozent* em um sistema universitário que, no começo do século XX, vivia o ápice de sua verticalização[11] - formula sua análise. É também a partir da inteligibilidade dessa filiação que se pode compreender, por exemplo, a continuidade temática entre os alertas simmelianos e outras discussões fundadoras da sociologia alemã, como as de Ferdinand Tönnies e aos dificilmente superestimados ecos de sua *Comunidade e Sociedade* publicado em 1887. A aposta de Tonnies de que a "sociedade" consistia numa representação virtual e mecânica e, por isso, degradada em relação a "tudo o que é confiante, íntimo, que vive exclusivamente junto [e que] é compreendido como vida em comunidade" (TÖNNIES, 1995, p. 97) pode ser inserida num debate ainda mais exaustivo que fissurou a comunidade intelectual alemã e europeia, na virada do século (GAY, 1978; RINGER, 1999). Trata-se de uma *atitude intelectual* que foi capaz de congregar nomes tão distintos como Max Weber, Sigmund Freud, Oswald Spengler, Gaetano Mosca, Vilfredo Pareto, Paul Valéry e Edmund Husserl e que chegou, de modo matizado, à primeira geração da Escola de Frankfurt[12] (a leitura de Benjamin, por exemplo, parte, como a de Freud, de uma pauperização

---

vont de pair avec le déclin des autorités religieuses, politiques, sociales, morales et l´hedonisme individualiste cynique d´une société permissive" (in PELLETIER, 2008, p. 81)]

[11] Sobre o sistema de cátedras alemão, bem como sobre a categoria *privatdozent* (professor habilitado a dar cursos na universidade sem vínculo empregatício com ela, ou seja, sujeito ao pagamento dos frequentadores do curso) é possível consultar: RINGER, F. Fields of knowledge: french academic culture in comparative perspective. 1890-1920. Cambridge. Un. Press, NY, 1992, BEM-DAVID, Joseph. *O papel do cientista na sociedade, um estudo comparado.* Trad. Dante Moreira Leite.São Paulo. EDUSP, 1974 e LEPENIES, W. *Between literature and Science: the rise of sociology*. Translated by R. J. Hollingdale. Cambridge Un. Press, 1988. Reprinted in 1992.

[12] Como pontua Fabiani (2005), pensar em termos de recepção de uma "escola" é um ponto de complexidade em si mesmo, já que uma boa parte da definição sobre ou que é um grupo intelectual vem de outros grupos intelectuais, sendo portanto, em larga medida, autoreferencial. Dessa forma, é preciso levar em conta que os grupos costumam ser identificados por fatores como confluência de ideias, de trajetórias individuais e de procedimentos, que envolvem também cerimoniais diversos, passíveis de interpretação e de operações de traduções as mais distintas. Na pista de Collins, caberia questionarmo-nos sobre as condições institucionais que

da experiência)[13]. Muito embora não se possa identificar uma coincidência de prescrições, interessa sobretudo o diagnóstico compartilhado, na medida em que através dele se torna possível circunscrever o vocabulário comum entre projetos intelectuais tão distintos, capturando o consenso que circunscreve os distintos posicionamentos teóricos (BOURDIEU, 1996, 2001). Na análise de D´Agostini, essa possibilidade de concordância temática sintetiza o *aggiornamento* das ciências humanas em fins do século XIX, forçadas, frente à predominância da cultura científica, a se acomodarem a novos critérios. Nos termos da autora, "a expressão 'a ciência não pensa' manifesta o ponto de vista em comum que se difunde no pensamento continental daqueles anos, endereçado a defender a filosofia daquilo que Ortega y Gasset chama de 'imperialismo da ciência'" (2003, p. 58-59)

O sistema universitário alemão era mundialmente dominante na virada do XIX para o XX[14] (CASANOVA, 2002; LEPENIES, 1994; ESPAGNE, 2004). Tal proeminência pôs em circulação por toda Europa, através das dinâmicas de tradução e das viagens de formação, o tema da *crise*, que paulatinamente se espraia também para os debates latino-americanos, nos quais a 'literatura de catástrofe' ganharia contornos específicos. Pela extensão do debate, mesmo as dinâmicas de circulação precisam passar por um recorte. Desse modo, serão considerados aqui, prioritariamente, aqueles autores que, de um modo ou de outro, reverberaram nos debates argentinos que me proponho a observar (tanto pelo impacto de suas obras, como é o caso de Spengler, quanto pelo contato efetivo com o campo intelectual bonaerense, exemplarmente José de Ortega y Gasset). Subscrevo, para basear essa escolha de autores, a afirmação de Louis Pinto de que "a importação não é possível senão sob a condição de encontrar os interesses e a disponibilidade de uma população de intérpretes e intermediadores" (2009, p.10)[15].

---

favorecem o aparecimento desses grupos enquanto coletivos nomeáveis e, principalmente, que viabilizam sua identificação póstuma, já que "uma tradição intellectual não é definida por seu conteúdo (nem por um cânone) mas por um tipo estabelecido de relações sociais dentro de um coletivo intelectual" (COLLINS in FABIANI, 2005, p. 195) [une tradition intellectuelle n´est pás définie par un contenu (ni par um canon) mais par un type d´établi de relations sociales au sein d´un collectif intellectuel" (Collins in Fabiani, 2005, p. 195)]. No caso de Frankfurt, especificamente, para além da ponderação acerca da validade da ideia de escola soma-se o alerta de Martin Jay (2008), subscrito por Vandenberghe (1998), para quem a teoria crítica da escola de Frankfurt é um mito acadêmico: são teóricos falando de objetos similares a partir de uma tradição coletivamente compartilhada, o marxismo ocidental, "um círculo de intelectuais paramarxistas e uma teoria radical e totalizante da sociedade" (1998, p. 7) [un cercle d´intellectuals paramarxistes et une théorie radicale et totalizante de la société" (1998, p. 7)]. Discussão elaborada em artigo para a Revista de História Intelectual Intelligere. USP, 2018. Em edição.

[13] Para uma análise específica acerca da relação de Walter Benjamin com a tradição alemã é possível consultar Vanderberghe (1998), Jay (2008), Rouanet (1998) e Touraine (1992), confome bibliografia.

[14] Além dos autores citados na nota 3, a obra TOURAINE, A. *The academic system in American society*. Mc Graw-Hill Book Company. New Jersey, 1997 recupera, a partir de uma perspectiva comparada, os principais pontos acerca do sistema de cátedras vigente na Alemanha.

[15] "l´importation n´est pas posible qu´à condition de rencontrer les intérêts et la disponibilité d´une population d´interprites et a intermediares" (PINTO, 2009, p. 10).

Conforme Schnädelbach, "nos anos que compreendem o período entre 1831 e 1933 se desenvolveu, basicamente no âmbito da universidade, a ciência em língua alemã, que teve uma indiscutível aceitação mundial" (1991, p. 33)[16]. Como corolário dessa consagração em termos continentais, também um tipo de atitude intelectual dominante se espraiou pelos campos nacionais sob os auspícios do modelo alemão, adaptando-se às distintas conjunturas nacionais (RINGER, 1999; ESPAGNE, 2004, VANPAEMEL, 2015)[17]. Tendo em vista que os textos circulam descolados de seus contextos de produção[18], essa proeminência é um dado importante no caso do debate argentino da primeira metade do século XX já que, conforme será detalhado, o momento de hegemonia da Alemanha no mercado simbólico internacional coincide com o contexto de profissionalização do mundo intelectual argentino e, paralelamente, de consolidação de uma ampla rede de revistas e periódicos colocaram em circulação essas referências, em relação não sempre harmoniosa com a esfera de ensino oficial.

Conforme Mucchielli, se "durante longo tempo a lógica do objeto (ou lógica de aproximação do objeto) prevaleceu sobre a lógica disciplinar (ou lógica da especialidade)" (2001, p. 40), uma história intelectual que procura questionar a rigidez das fronteiras disciplinares em nome de uma abordagem que leva em conta suas intersecções deve concentrar-se, sobretudo, em capturar o processo de constituição das disciplinas, em detrimento da eleição de marcos genealógicos que são, na maior parte das vezes, construções tributárias das próprias tensões intelectuais às quais se quer tomar por objeto. Tendo isso em mente, esta tese busca alinhar-se à proposta de Pascale Casanova (2002), qual seja, a de sair da órbita da busca pelos

---

[16] "en los años que median entre 1831 y 1933 se desarrolló, basicamente en el ámbito de la universidad, la ciência en lengua alemana, que tuvo una indiscutible aceptación mundial" (1991, p.33)

[17] Christophe Charle rastreia em *La République des Universitaires* (1994) o interesse de uma série de intelectuais franceses pelo sistema universitário alemão, interesse que envolveu, inclusive, frequentes viagens de formação. Dentre esses intelectuais estão nomes de proa no campo francês, como Charles Seignobos, Maxime Collingnon, Georges Blondel, Emile Durkheim, Abel Lefranc, Célestin Bouglé e Jean Brunhes. Para Charle esse interesse revela o fato de que "o modelo alemão aparece, nesse momento, como a única alternativa ao esclerosado sistema napoleônico" (1994, p. 22) ["le modele allemande appairasait en effet, a cette époque, comme la seule alternativa posible au systèm napoleónien sclérosé" (1994, p. 22)].

[18] Bourdieu localiza, nas operações de circulação internacional das ideias, um mecanismo de *import-export* intelectual. Para ele, pressupor uma internacionalização previa no campo intelectual é ignorar o fato de que os embates se dão nos planos da nação, com as vicissitudes correlatas do campo que recebe a circulação. Os textos, dessa forma, circulam sem seus contextos. Sendo assim, torna-se necessário pensar a intencionalidade e a funcionalidade do que se traduz, do que se prefacia a partir de duas lógicas: afinidades eletivas por um lado, e adesões tácitas a clubes, de outro. Alguns autores estrangeiros são tornados, dessa forma, elásticos, adaptáveis, propícios a um "efeito de prisma deformante" (...) "que exercem, tanto sobre a produção como sobre a recepção, os campos intelectuais nacionais e as categorias de percepção e de pensamento que eles impõem ou inculcam" (2002, p. 8). Assim, é pensando sobre os campos nacionais que se pode entender a circulação, via "estruturas do inconsciente cultural nacional" (idem, p. 9), a saber, o "pensamento impensado" de uma época. BOURDIEU, Pierre. *Les conditions sociales de la circulation internationale des idées'. In: Actes de la recherche en sciences sociales*. 2002/5 n.145, p. 3-8. Utilizamos, aqui, a tradução de Fernanda Abreu *As condições sociais da circulação internacional das ideias.* para Enfoques – Revista Eletrônica | Rio de Janeiro | v.1 | n. 01 |p. IV– 117 | 2002.

segredos da obra – e, no mesmo sentido, da "abstração dos textos", nos termos de Chartier (2002) - em direção aos questionamentos baseados em: porque, em certos contextos, se fazem certas perguntas a certos textos. É também a partir do diagnóstico de Casanova de que, ao longo do século XIX, o nacionalismo alemão (componente de fundo de uma enormidade de versões sobre a crise, atribuída então ao "excesso de civilização anglo-francesa") tomou o lugar, em termos de pauta intelectual, do internacionalismo francês até então dominante, que será desenvolvida a ideia de que essa disputa teórica é acompanhada de uma mudança prática na circulação do saber no continente - já que a Alemanha com sua rede de universidades prestigiosas como Berlim e Heidelberg, havia se tornado, no fim do século XIX, a Meca da juventude estudiosa da Europa [19]. Sendo assim, as referências francesas e espanholas que compõem o debate tal como é recepcionado na Argentina estão também permeados por esse "suposto de germanização da Europa" vigente na transição para o século XX. Conforme destaca Espagne (2004), desde meados do século XIX a língua da filosofia era o alemão e, mesmo na França, que podia considerar-se dominante em todas as outras áreas da cultura humanística, eram frequentes as viagens de formação dirigidas àquele país. Nos termos do autor, "a Alemanha é um espaço que os filósofos franceses do século XIX frequentam, cuja língua eles se esforçam para aprender, da qual importam, traduzem, resumem e comentam as obras marcantes que usam para justificar suas carreiras" (2004, p. 389)[20].

Pierre Chaunu (1981), em seu comentário acerca da vigência da ideia de "decadência" na historiografia do ocidente, sugere que a noção moderna de decadência – tão acionada pelos debates que compõem o escopo dessa pesquisa - é indissociável da ideia de progresso pois este não existe, conceitualmente, senão no risco daquela[21]. O alerta de Chaunu é importante pois embora o tema da "crise", da decadência e do questionamento do progresso não seja exclusividade de certa vertente do pensamento alemão, é ali, no fim do XIX e no começo do

[19] Para uma análise aprofundada sobre as viagens de formação é possível consultar, por exemplo, VILLEGAS, Gil. *Los Profetas y el Mesias: Lukács y Ortega como precursores de Heidegger em el Zeitgeist de la Modernidad (1900-1929).* Mexico. Fondo de Cultura Económica, 1998, RUVITUSO, C. *Diálogos existenciales. La filosofia alemana em la Argentina Peronista (1946-1955).* Madrid. Iberoamericano, IAI, Vervuet, 2015 e SANCHEZ, Maria. *Intelectualidad Española em America Latina. La junta para ampliación de Estudios y sus redes culturales.* Sociotam. Vol XVII. N 1, 2007. O tema da circulação de intelectuais argentinos pelos espaços institucionais europeus é um ponto chave do primeiro capítulo da tese, momento no qual serão detalhados os fluxos de ideias e as dinâmicas de tradução/recepção.

[20] "L´Allemagne est um espace que les philosophes français du XIX siécle traversent, dont ils s´efforcent d´apprendre la langue, dont ils importent, tradusient, résument et commentent les oeuvres, marquantes, dont ils se servent pour justifier leur carrière" (2004, p. 389).

[21] Koselleck, em *The practice of Conceptual History* (2002), insiste no fato de que o conceito é usado. coloquialmente, cientificamente e politicamente. A tese é: ao contrário da ideia de declínio e decadência, a ideia de progresso se emancipou de suas conotações antigas com mais rapidez. Se torna um conceito maduro, de fim do mundo medieval à ideia de 'mundo aberto' moderno.

século XX, onde ele é levado ao limite de suas possibilidades enquanto chave explicativa do mundo.[22] Após um longo período de irrestrita confiança no potencial emancipatório da ciência, que esta tese pretende abordar tangencialmente, a virada do século marca o surgimento e a circulação de um discurso pessimista sobre os custos humanos e existenciais de tal confiança. Trata-se, também, do contexto que marca o amadurecimento de leituras sociológicas no debate europeu, fato que ajuda a ilustrar o enfrentamento do campo intelectual não somente em termos teóricos (a discussão conceitual sobre a crise) mas também institucionais e disciplinares: a sociologia aparece, para o setor mais tradicional da universidade alemã, como sintoma desse 'desencantamento do mundo' que informa os diagnósticos de crise.

Conforme Norbert Elias (1997) e Merlio (1996), ao conceito de *Civilisation,* das boas maneiras francesas, opunha-se, em amplos setores do mundo letrado de fala germânica, o conceito de *Kultur*, vinculado à ideia de um conhecimento orgânico, conectado ao indivíduo profundo e espiritual. A definição da comunidade intelectual alemã em oposição às referências francesas é, no diagnóstico de Elias, fundacional para o romantismo e para o historicismo alemão[23]. Sintetizando essa disputa, Schnädelbach aponta que "esse tipo de historicismo surgiu na Alemanha em fins do século XIX contra a filosofia racionalista ilustrada e sua pretensão de permanecer à margem da história" (1991, p. 51)[24].

Wolf Lepenies salienta, ainda, que a ideia da política em oposição à cultura, estruturante do debate alemão ao longo de todo o XIX, relegou a ideia de *civilization* a um valor de segunda

[22] Conforme Marramao (1995) sobre o nascimento da *história processo*: "foi obra daquelas *gens de lettres* do século XVIII que, mesmo não possuindo ainda o termo, tinham todavia clara a função do intelectual moderno: mais que produto mecânico ou emanação direta da divisão disciplinar, ela é a resultante global e complexa do entrelaçamento entre topologia especialista e saber histórico prospectivo ou strictu sensu projetual" (1995, p. 104). Se acionamos Koselleck à essa meditação, podemos localizar as duas operações conceituais constitutivas do termo progresso: a desnaturalização da metáfora do crescimento e a temporalização da história. Na antiguidade, a ideia de decadência que necessariamente sucede a idade do ouro impede o desenvolvimento de uma autêntica ideia de progresso (Marramao). O contexto da formação da ideia específica de progresso, no que concorda com o medievalista Jacques le goff, é entre o século XV e 1789, momento de transposição da escatologia em história progressiva. A delimitação do horizonte de sentido da história tem menos a ver, nessa perspectiva, com a postulação de uma conclusão predeterminada "mas antes em fornecer um esquema de ordenamento progressivo e de significação capaz de afastar o antigo temor do fatum e da fortuna" (1995, p. 109), o progresso, enfim, preenche de conteúdo a história e assim lhe confere um sentido. "Deste modo, a planificação do porvir adquire a pleno título as funções da providência" (idem, p. 110).

[23] Em outra análise consagrada, Karl Mannheim aponta que o romantismo emerge concomitantemente em vários países da Europa, tomando distintas formas em cada local. Enquanto na França se levava a abstração a suas ultimas consequências, na Alemanha, o evolucionismo da revolução preventiva formava uma barreira contra os distúrbios internos, principalmente porque o grande setor militar, especialmente na Prússia (diferente da também conservadora Inglaterra, onde o evolucionismo advinha do oposto, ou seja, da flexibilidade da aristocracia), favorecia o impacto quase nulo do liberalismo. Leva-se nesse contexto, para Mannheim, ao limite as teses de Burke, combinadas com elementos germânicos. A Alemanha fez pelo conservadorismo, em síntese, o que a França fez pelo progressismo durante o Iluminismo: levou até o fim as consequências lógicas de um corpo teórico.

[24] "este tipo de historicismo surgió en Alemania hacia finales del siglo XIX contra la filosofia racionalista ilustrada y su pretensión de permanecer al margen de la historia" (1991, p. 51).

ordem "que afeta somente a aparência, a superfície da existência humana" (2006, p. 11)[25], e alçou a *kultur* à categoria de valor especialmente intelectual. A cultura como auto cultivo aparece, nessa leitura, como antídoto para a anarquia individualista, imputada à tradição iluminista francesa. Do ponto de vista da *kultur*, quem progride é o indivíduo, não o corpo social de maneira ampla, de modo que "o carisma da nação fornece uma religião política, isto é, recria a ligação derrotada pelo desencanto e atomização do mundo, ao devolver ao indivíduo, no nível coletivo, um status que ele havia perdido em um nível pessoal" (MERLIO, 1996, p. 65)[26]. Ainda nos termos de Merlio, referindo-se a outro aspecto da tensão comparativa com o caso francês, "o século XIX confirma que a 'crise da civilização' moderna é, na Alemanha, mais fortemente ligada a uma reivindicação identitária" (1966, p. 44)[27]. Essa recusa do universalismo – premissa fundadora do corpo teórico que emerge com a Revolução de 1789 – que se encontra implicada em ou outro modo de produzir e divulgar a cultura é um aspecto que singulariza o debate intelectual do romantismo alemão e será uma das premissas cuja circulação importa rastrear para o entendimento do contexto argentino.

É importante ter em vista que essas questões, apesar de informadas pelo repertório popular e em alguma medida tomando esse repertório como objeto, davam-se, principalmente, dentro da universidade alemã. No fim do século XIX, algumas mudanças na composição social da Alemanha incidiam na organização dessa instituição, processo que foi percebido como crise, principalmente pelos setores mais bem posicionados, como os professores catedráticos, formuladores da ideia de *Bildung* (RINGER, 1999). Na virada do século, a comunidade universitária alemã, historicamente hermética, assistia a um processo de ampliação e fragmentação dos cursos, bem como ao fato de que alguns institutos técnicos ganhavam estatuto de Faculdades. O aparecimento de novas especialidades como Psicologia e Sociologia tornava ainda mais obsoleto o sistema catedrático alemão pois "de fato, a resposta integradora dessas disciplinas, frente à investigação metodológica dual 'ciências do espírito/ciências naturais', fazia com que [elas] não se encaixassem na divisão por departamentos" (SCHNÄDELBACH, 1991, p. 95)[28].

---

[25] "que afecta solo la aparencia, a la superfície de la existencia humana" (2006, p. 11)

[26] "Le charisme de la nation fournit une religion politique, c'est-à-dire recrée le lien défait par le désenchantement et l'atomisation du monde, tout en redonnant à l'individu, au niveau collectif, un statut qu'il a perdu au plan personnel" (MERLIO, 1996, p. 65).

[27] "le XIX siècle confirme que le 'malaise dans la civilisation' moderne est le plus souvent lié en Allemagne à une revendication identitaire" (1996, p. 44).

[28] "de hecho, la respuesta integradora de estas disciplinas, frente a la investigación metodológica propia de la estrutura dual: ciências del espiritu/ciências naturales, hacía que no encarajan en la división por departamentos" (SCHNÄDELBACH, 1991, p. 95).

Esses matizes institucionais de onde se projetam as discussões sobre a crise são importantes para a perspectiva teórica que sustenta essa tese, a saber, o suposto de que o desenvolvimento das ideias e sua circulação não obedecem exclusivamente a uma lógica imanente a elas[29]. Nesse sentido, conforme Fritz Ringer (1999), é o contexto de ameaça do papel do *intelectual mandarim* [30]que dá forma ao discurso de crise, posto que os acadêmicos alemães passaram a se ver enquanto parte de uma cultura ameaçada, da qual seriam eles mesmos as vigas mestras[31]. Ringer diagnostica que é no recorte temporal da primeira industrialização alemã, a saber 1880 – 1914, momento em que os filhos dos empresários passam a pressionar o sistema de ingresso universitário, que o setor mais ortodoxo da univerisdade alemã se levanta em defesa de uma *Bildung*: o conhecimento entendido como algo mais que erudição, se relacionando com a própria existência autoconsciente e concreta do indivíduo. Nos termos de Mannheim, "enquanto pensar o indivíduo nos moldes do Iluminismo significa precisamente *in-dividuum*, aquele que não pode ser dividido, para o pensamento romântico ele denota a posse de uma essência espcífica, incomparável e central" (1986, p. 166)[32]. Essa *Bildung*, pois, aparece ligada à ideia de *Kultur* num sentido pleno de cultivo pessoal, em oposição à ideia de civilização, creditada aos franceses enquanto perfumaria, boas maneiras, etiqueta. Dados esses atributos nos quais se funda a oposição entre Kultur e Civilisation, conclui Ringer, as duas visões de mundo que se chocam no campo intelectual alemão da virada do século XIX para o

[29] A opção por uma abordagem que leva em conta as mediações práticas da vida intelectual pode ser rastreada por um debate exaustivo. Cito, a título de exemplo, as discussões de Roger Chartier, Carlos Altamirano e Alejandro Blanco, conforme bibliografia. Em livro recente, Jorge Myers (2016) apontou para a necessidade de que cogitar a dimensão de circulação é, ainda, uma aposta no foco na mediação entre os textos e o mundo social. À ideia de que os homens pensam de maneira isolada e que a historiar as ideias é partir de um ponto de vista sempre imanente a elas mesmas, opõe-se aqui a observação das práticas. Suponho, nesse sentido, que uma análise que desconsidere as dimensões institucionais e de atitude (ou auto-percepção) intelectual dificilmente se desvincula da ideia de que bastaria, ao historiador, calibrar as lentes de observação, uma vez que o movimento imanente das ideias carregaria um sentido prévio, analisável de um ponto essencialista, que toma as ideias como um *élan* desencarnado cujo sentido é dado por leis.

[30] O termo "mandarim" usado por Ringer para descrever a comunidade científica alemã é creditado ao estudo de Max Weber sobre Os Letrados Chineses. No ensaio, Weber descreve os letrados da China imperial enquanto os "portadores do progresso no sentido de uma administração racional e de toda inteligência" (WEBER, 1951, p. 471), únicos autorizados a aconselhar politicamente o imperador e, notadamente dedicados à formação literária. Analogamente ao caso alemão, contudo, é reveladora a ponderação de que, na China, "os letrados submeteram-se ao governante desde que esse, por sua vez, se sujeitasse às suas exigências ritualísticas e cerimoniais; somente então, na linguagem moderna, eles se acomodaram e adotaram uma posição realista" (idem, 1951, p. 501).

[31] Referindo-se ao caráter conservador da universidade alemã neste período, Francisco Carlos Teixeira da Silva aponta que, correlado ao sistema de recrutamento "quase feudal": "a historiografia alemã, no século XIX e até os anos 1930 do século XX, era marcadamente orientada ora pelo kantismo – com forte viés idealista, buscando um sentido geral de aperfeiçoamento da condição humana na sucessão, aparentemente sem sentido, de fatos e datas – ora pelo hegelianismo, autoritário e de direita. O marxismo e outros hegelianismos de esquerda eram simplesmente ignorado" (DA SILVA in LIMONIC e MARTINHO, 2010, P. 380).

[32] "while individual for thinking in the manner of Elightenment mostly means in-dividuum, that which cannot be further subdivised, for romantic thinking it denotes the possession of a specific, incomparable, central essence" (1986, p. 166)

XX condensam-se em "atitudes, e não teorias, e manifestavam-se num conjunto característico de hábitos mentais e preferencias semânticas" (RINGER, 1999, p. 122)

É importante considerar, nesse contexto, a já mencionada emergência de uma terceira perspectiva analítica, situada no fogo cruzado entre literatos e cientistas: a sociologia (SNOW, 1998; LEPENIES, 1985). Nos termos de Lepnies "em meados do século XIX, literatura e sociologia confrontaram uma a outra pela prerrogativa de oferecer a chave orientadora da civilização moderna e de se constituir em guia apropriado para a vida na sociedade industrial" (1985, p. 01)[33]. Além dessa dicotomia fundadora, a sociologia foi confrontada também pela literatura de pretensões cientificizantes, nesse sentido, "a sociologia se defrontou com ascendentes e perigososo rivais e as ciências sociais estavam plenamente conscientes dessa competição, que atingia no âmago sua identidade disciplinar" (idem, p. 7)[34]. A nova disciplina, contudo, pôde apoiar-se no marketing da síntese entre as tradições das ciências naturais e as ciências da cultura, caminho através do qual a Sociologia se projetaria no debate intelectual, opondo à insistência na "crise do espirito" que pautava as discussões históricas e filosóficas, uma abordagem progressista, calcada na reivindicação da aproximação com as ciências naturais (LEPENIES, 1985).

A resistência que a nova disciplina encontra na Alemanha é proporcional à já mencionada circulação de referências românticas e historicistas. Remeto-me neste ponto à canônica pontuação de Dilthey, para quem só uma ciência da vida poderia ser efetivamente chamada de ciência. A partir de seu esforço por delimitar as especifidades das "ciências do espírito" e por emancipa-las da metodologia das ciências naturais, Dilthey informou uma série de debates que tiveram ampla reverberação em dois sentidos: a desconfiança diante da sociologia, entendida enquanto parte do processo de racionalização do mundo e, paralelamente, a composição do "discurso de crise" formulada como resposta a um suposto ataque à substância da *vida*, termo que

> Com efeito, foi uma palavra própria da discussão cultural, uma consígnea que pretendia abrir caminho em direção a novos horizontes, contra tudo aquilo que parecia petrificado ou morto em uma civilização fundamentalmente intelectualista e antivital, em uma cultura escravizada pelos convencionalismos e pela hostilidade em direção ao vivo. Se buscava um sentido novo que fizesse da vida uma autência experiência, entendido por autêntico o dinâmico, criativo, imediato e jovem (SCHNÄDELBACH, 1991, p. 173).[35]

[33] "from the middle of the ninetheenth century onwards literature and sociology contested one another the claim to offer the key orientation for modern civilization and to constitute the guide to livign appropriate to industrial society" (1992, p. 01).

[34] "sociology was thus faced with growing and dangerous rivals, and the social sciences were well aware of this competition, which threatened their disciplines identity at this core" (idem, p. 7)

[35] "en efecto, fue una palavra propia de la discusión cultural, una consigna que pretendia abrir camino hacia nuevos horizontes, contra todo aquello que parecia petrificado o muerto en una civilización fundamentalmente

É, portanto, a partir dessa tensão fundamental que suponho possível compreender a emergência e a substância dos diagnósticos de crise que circularam, a partir da Alemanha, por toda a Europa e, através de uma poderosa rede intelectual, pela Argentina. A emergência de novos grupos sociais na cena política, a pressão por acesso à universidade e, notadamente, o amadurecimento de perspectivas como a sociologia, compõem o pano de fundo desses diagnósticos sobre a crise.

O impacto da *Decadencia do Ocidente*, por exemplo, publicado por Spengler na Alemanha em 1919, é sintomático dessa circulação. A partir de sua morfologia histórica, Spengler elabora uma filosofia cultural organicista - em oposição ao mecanicismo - que estabelece uma comparação direta entre vida e morte das culturas com vida e morte dos organismos [36]: em seus termos "o homem culto vive para dentro. O civilizado para fora, no espaço, entre corpos e fatos" (SPENGLER, 1952, p. 493)[37]. A partir dessa relação dicotômica, a conclusão a que o autor chega é que "os mundos científicos são mundos superficiais, mundos práticos, imóveis, puramente extensivos" (idem, p. 494)[38]. Retomando, pois, a antiga discussão *kultur* vs *civilisation*, Spengler imprime a ela uma teodiceia particular, fincada em sua ideia de progresso: cultura e civilização não são opostos, mas realidades concatenadas, sequenciais.

Além de Spengler, o nome de Ortega y Gasset é sismógrafo do alcance do debate sobre a "crise do ocidente" que se projeta a partir das discussões alemãs. Como destaca Gil Villegas, o próprio Simmel foi professor de Ortega e, assim como outros de sua geração que frequentaram as universidades alemãs naquele contexto, inseriu-se no empreendimento de dar uma resposta ao recorrente "imperativo da modernidade". Villegas sintetiza esse "espírito":

> A aparente perda do significado ultimo da existência, da vida e da morte, se conectava com um problema muito mais amplo constituído pela aparente perda

intelectualista y antivital, en una cultura esclavizada por los convencionalismos y por la hostilidad hacia lo vivo. Se buscaba un sentido nuevo que hiciera de la vida una auténtica experiencia, entendendo por auténtico lo dinâmico, creativo, imediato y joven" (SCHNÄDELBACH, 1991, p. 173).

[36] Spengler parte do pressuposto de que o fundamento da história é a cultura, não havendo verdades em si, apenas para si. O autor defende, então, que o objetivo de sua morfologia histórica é perseguir os estágios de desenvolvimento histórico do ocidente a partir do suposto de que a história é composta por ciclos vitais dotados de personalidade específica. Viver historicamente, nesse sentido, nada mais é do que perceber-se parte do todo. A tese basilar é simples: as culturas florescem em dado tempo e dado lugar, cada uma delas imprimindo aos homens que a habitam seus contornos típicos. Cada uma delas se desenvolve, pois, de modo autônomo: nascem, vivem e morrem a seu modo, se constituindo, pois, numa eterna formação-deformação de formas orgânicas. Nesse sentido, a inevitabilidade da crise (entendida enquanto um fenômeno inscrito no próprio estágio civilizatório do ocidente) merece de Spengler nada além de uma sentença realista: que sucumbam as formas esgotadas. A crise, nessa visão, coincide com o ápice: a civilização tem um sentido duplo: culminação inevitável e enfermidade terminal, qual seja, presentemente, o fim da cultura do espírito (SPENGLER, 1952).

[37] "el hombre culto vive hacia dentro. El civilizado hacia fuera, en el espacio, entre cuerpos y hechos" (SPENGLER, 1952, p. 493).

[38] "los mundos científicos son mundos superficiales, mundos prácticos, inânimes, puramente extensivos" (idem, p. 494).

> do sentido da cultura da modernidade, uma vez que o crescente desencantamento do mundo (Max Weber) originado no desenvolvimento moderno da ciência e da tecnologia, havia provocado uma tragédia da cultura (Simmel) ao tergiversar meios em fins (VILLEGAS, 1998, p. 25)[39]

A resposta de Ortega a esse imperativo é, em consonância com os debates de maior fôlego nas universidades alemãs de então, uma revitalização radical com vistas a uma nova sensibilidade espontânea, capaz atualizar a geração *fin du siècle* no espírito de seu próprio tempo. O apelo geracional de Ortega encontra-se alinhado, conforme se pretende apontar ao longo da tese, aos vinculos identitários que informavam o debate alemão, na medida em que, neste cenário, nos termos de Merlio, "o povo é uma entidade histórica vital, orgânica, quase mística, um destino, uma ideia que portamos" (1996, p. 55)[40].

Ortega, inclusive, foi defensor conhecido do que ficou conhecido como "germanização da Europa". Espanhol, ele autou como grande divulgador da necessidade de superar o "frívolo espírito" de seu país, amparando-o na "robusta" filosofia alemã. Para o filósofo, conforme o clássico *La Rebelión de las Masas*, publicado em 1929, acionar esse suposto de germanização continental era o modo de salvar a Europa de sua crise mais profunda, a saber, o triunfo de uma democracia trágica onde não haveria protagonistas, só coro. Em *Meditaciones del Quijote*, de 1914, que consiste num diagnóstico acerca da realidade espanhola, Ortega já sugeria que a cultura germânica é aquela do acesso a realidades profundas, enquanto a latina diz respeito às realidades superficiais. Tratava-se, pois, do diagnóstico de um atraso.[41].

Não foram poucas as versões argentinas sobre a crise informadas pelas análises de Ortega. À repercussão do pensador espanhol somavam-se ademais discussões acerca do *criollismo*, sobre a posição da Argentina frente ao imperialismo norteamericano e, ainda, a respeito de uma saída espiritualista, em que a criatividade da barbárie funcionasse como o próprio antídoto para a decadência (serão abordadas lateralmente, na tese, algumas delas, como

---

[39] "la aparente perdida del significado ultimo de la existência, de la vida y de la muerte se conectaba con un problema mucho más amplio constituído pela aparente perdida de sentido de la cultura de la modernidade, una vez que el creciente desencantamento del mundo (Max Weber) originado en el desarrollo moderno de la ciência y de la tecnologia, había provocado una tragédia de la cultura (Simmel) al tergiversar médios en fines (VILLEGAS, 1998, p. 25).

[40] "Le peuple est pour elle une entité historique vitale, organique, voire mistique (un destin, une idée que nous porte" (1996, p. 55).

[41] Contemporâneo de Ortega, Husserl em *A crise da humanidade europeia e a filosofia*, após longa digressão acerca do caráter eminentemente filosófico do modo de vida europeu, sintetiza que a "crise europeia radica num racionalismo extraviado", não na razão em si, ou seja, o mal não é a racionalidade em si, mas a ingenuidade do objetivismo. "A hoje em dia tão falada crise da existência europeia documentando-se em inumeráveis sintomas de desaparição da vida, não é nenhum destino obscuro, nenhuma fatalidade impenetrável, mas torna-se compreensível a partir do plano de fundo da teleologia da história europeia que pode ser filosoficamente descoberta". Convoca então o heroísmo da razão, que supere o naturalismo e o objetivismo: "o maior perigo para a Europa é o cansaço". A similaridade de diagnósticos, pois, mais que a identificação a uma filiação teórica específica, ilustra a adesão ao *nomos* que pretendo destacar. (HUSSERL, 2008, p. 50).

as leituras de Ezequiel Martinez Estrada sobre a cidade moderna, Miguel Cané sobre a juventude e a cultura, Groussac, sobre o estilo de vida americano e José Ingenieros, sobre a democratização da cultura). Em graus distintos, contudo, todas elas contribuíram para a recepção dos debates sobre a crise que povoaram o cenário europeu no começo do século XX. Tenho em vista que pensar a Argentina na condição de receptora dos debates europeus não significa coloca-la na posição de *imitadora* de modas intelectuais forâneas: o *gap* temporal entre a instituicionalização da disciplina Sociologia dos dois lados do Atlântico é, exemplarmente, muito pequeno, por vezes inexistente.[42] Não se pode negar, contudo, que as disputas internas estão inseridas numa hierarquização que extrapola as fronteiras nacionais: há tradições mais bem posicionadas na "republica mundial das letras", nos termos de Casanova (2002), e a mobilização de tal ou qual repertório no campo nacional pode ser observada, nesse sentido, como uma criativa e estratégica mobilização de prestígio (HEILBRON, 1999; PINTO, 2009; SAPIRO, 2015). Assim, acompanhando a indagação de Vanpaemel, esta tese considera que

> centro e periferia participam como forças complementares na produção de valores comunitários compartilhados. O próprio uso do vocabulário central e periférico pode ajudar a entender como uma identidade comum dentro da comunidade está sendo criada e compartilhada (2015, p. 215)[43].

A própria reverberação de Ortega na Argentina é sintomática desse caráter transnacional que pretendo destacar. Suas primeiras conferências em Buenos Aires, em 1916, atraíram um enorme público, principalmente entre os universitários. O grande interesse pela fala de Ortega é revelador da afinidade entre o defensor da "germanização da Europa" e as demandas mais candentes de um amplo setor do campo intelectual argentino, afinal, o pensamento perspectivista-circunstancialista de Ortega supria a necessidade de um referencial anti-positivista que reiterasse a autenticidade da cultura latinomericana e, assim, sustentasse a reivindicação de amplos setores do mundo universitário: frente as oscilações políticas e sociais, impor à inteligência uma retirada nas alturas sociais, um recolhimento sobre si mesma, um imperativo de não-engajamento.

Para além das conferências de Ortega, uma ampla rede extra-universitária, notadamente periodística, contribuiu para a divulgação dos "pensadores da crise" nas primeiras décadas do

---

[42] Jaap Bos em *Les types de marginalisation dans leur relations constitutive au discour*s salienta que a "margem", nesse sentido, não é uma posição heterônoma. Ao contrário, possui potencial normativo na medida em que reconhece um centro e valida, assim, a própria dinâmica de circulação. Em seus termos, a relação entre marginal e marginalização não é de oposição, já que "uma e outra são ligadas por uma compreensão comum das práticas dominantes" (BOS, 2008, p. 18) ["l´une et l´autre sont liés par une comprehénsion commune des pratiques dominantes" (BOS, 2008, p. 18)].

[43] "Center and periphery participate as complementary forces in the production of shared community values. The very use of the central and peripheral vocabulary can help to understand how a common identity within the community is being created and shared" (2015, 215).

século XX argentino. A própria Revista de Occidente, publicação madrilenha de Ortega, circulava amplamente pela Argentina a partir de uma mediação fundamental no campo intelectual da primeira metade do século XX: a revista Sur, fundada em 1931 por Victoria Ocampo. O diálogo entre a publicação argentina e a espanhola era frequente. Ademais, vale notar que as colaborações de argentinos como Borges e Girondo sequer eram mencionadas como 'estrangeiras' (VÁZQUEZ, 2003). Uma série de publicações compartilhadas denotam esse trânsito. Em 1925, por exemplo, aparece na Revista de Occidente um texto de Waldo Frank – que será posteriormente grande colaborador da Sur – intitulado *El Español* e, em 1929 aparece, ao lado de Simmel, um relato auto-biográfico da própria Victoria Ocampo *De Francesca a Beatrice*. [44] A rede de intelectuais que conectava a Argentina ao país germânico era, para todos efeitos, tanto na esfera universitária quanto periodística, estreita e heterogênea. Os aportes teóricos do pensamento alemão confluíam, dessa forma, não apenas com as demandas epistemológicas do campo intelectual argentino mas, também, davam suporte a um amplo trânsito de modelos institucionais, graças às periódicas excursões de grandes gestores das universidades argentinas às então consagradas universidades alemãs. Coroliano Alberini, decano da Facultad de Filosofía y Letras da UBA (1925-1940, com interrupções), por exemplo, mantinha relações pessoais com Martin Heidegger e Edmund Husserl e foi recebido por Spengler, em Munique, por intermédio de Ernesto Quesada[45], por sua vez também ocupante de cargos fundamentais no sistema universitário portenho e, por três vezes, designado pelos gestores das universidades de La Plata e Buenos Aires para avaliar as universidades europeias. Não se pode deixar de notar, igualmente, a resiliencia dessa rede: em 1949, quando o governo peronista patrocina o *Primero Congreso de Filosofía de Mendoza,* as comunicações apresentadas por autores alemães, franceses, americanos, argentinos, etc, são majoritariamente tributárias desse repertório germânico, especialmente do existencialismo (RUVITUSO, 2015).

É importante notar que os discursos sobre a crise e a decadência traziam, em seu bojo, uma narrativa sobre a crise dos próprios intelectuais enunciadores da crise. Esse diagnóstico –

[44] Exemplarmente, para destacar a circulação das referencias alemãs a que me atenho, em 1932 há um texto de Ortega em homenagem ao centenário de Goethe intitulada "carta a um alemán" onde o mundo de 1932 parece mais caótico que o 1832 sendo necessário, pois "reivindicar Goethe por dentro", o fracasso dos clássicos, diz ele, só mostra que devemos seguir a marcha de nossa vocação espiritual. Nesse mesmo texto, Ortega é taxativo: "Devo enormemente à filosofia alemã e espero que ninguém me escamotearia o reconhecido de ter dedicado meu trabalho, como uma de suas funções principais, à aumentar a mente espanhola com a torrente do tesouro intelectual germânico" (ORTEGA, 1983, p. 16) ["Debo enormemente a la filosofia alemana y espero que nadie me escatimaria el reconocimiento de haber dado a mi labor, como una de sus facciones principales, la de aumentar la mente española con el torrente del tesoro intelectual germânico" (ORTEGA, 1983, p. 16)].

[45] Em 1920, Ernesto Quesada dedica, na Universidade de Buenos Aires, um semestre do curso de sociologia à obra "A decadência do Ocidente", de Spengler, conforme consta em seu plano de curso. O tema será desdobrado no capítulo 2.

fincado no "medo das massas" e compartilhado pelas correntes mais divergentes no campo – viabiliza uma unidade heurística, qual seja, a de que há uma concordância na discordância entre esses diversos modos de interpretar a *falência do ocidente*, baseada na inviabilização do sábio diante de uma sociedade massificada. Esse ponto é capaz de unir, numa filiação identificável, os reclamos de um Ortega, um Spengler e, até mesmo, um Adorno, francamente hostil, ainda que a partir de um suposto teórico distinto, aos efeitos da *standartização* da vida que diagnosticava quando de sua estadia nos Estados Unidos.

A célebre ponderação de Paul Valéry em seu diagnóstico sobre a bancarrota do espírito ajuda a dimensionar essa proximidade de temas que pretendo destacar. Para o francês, também escrevendo a partir do contexto de hegemonia do modelo alemão em toda Europa, o espirito é um valor como qualquer outro

> digo que o capital de nossa cultura está em perigo. O está sob vários aspectos. O está de diversas maneiras. Brutalmente. Insidiosamente. Está atacado de mais de um modo. Dissipado, descuidado, envilecido por todos nós. Os progressos dessa desintegração são evidentes" (VALÉRY, 2000, p. 27)[46].

O homem de gosto, assim, é tomado como burla por sua raridade. Parece viável o diálogo com o desabafo de Adorno em seu livro de aforismos já que, em ambos os casos, "nenhum indivíduo pode, quanto a isso, seja o que for". Diante da impossibilidade de ação, a defesa de um modelo de intelectual que guarda semelhanças com o sábio pode também ser sintetizada a partir de Julien Benda observando o que qualificava, na década de 1930, como uma traição dos intelectuais: "devo insistir em que o papel do clérigo não é o de mudar o mundo, mas de permanecer fiel a um ideal" (BENDA, 2003, p. 27)[47].

A intenção desse recorte não é igualar pensadores tão dissimiles, tampouco supor que *estilos de pensamento*, nos termos de Karl Mannheim, tão francamente contraditórios possam ser analisados como bloco. Ao contrário, a proposta é que o contraste entre tomadas de posição teórica evidencie uma concordância temática de fundo, concordância que permite, ainda que de modo esquemático, circunscrever o alcance da circulação desse discurso de crise. [48] Cada universo erudito possui sua *doxa* específica (PINTO, 2009), "conjunto de pressupostos inseparavelmente cognitivos e avaliativos cuja aceitação é inerente à própria pertinência"

---

[46] "digo que el capital de nuestra cultura está en peligro. Lo está sob vários aspectos. Lo está de diversas maneras. Brutalmente. Insidiosamente. Está atacado por más de uno. Disipado, descuidado, envilecido por todos nosotros. Los progresos de esa desintegración son evidentes" (VALÉRY, 2000, p. 27).

[47] "Dois-je redire que le rôle du clerc n´est pas de changer le monde, mais de rester fidèle à un ideal" (BENDA, 2003, p. 89)

[48] Conforme Fritz Ringer em *Fields of knowledge*, o diagnóstico dessa tradição em que civilização vira decadência aproxima estilos de vida, para além de trincheiras teóricas e, inclusive, "o trabalho inicial da Escola de Frankfurt pode ser entendido como uma variação mais complexa deste mesmo tema" (1992, p. 205). ["the early work of the Frankfurt School may be understood as a more complex variation upon the same time" (1992, p. 205)].

(BOURDIEU, 2001, p. 122). Segue-se dai que é possível pensar os adversários teóricos como cumplices no interior de um campo[49]. Conforme Bourdieu

> As oposições consagradas acabam parecendo inscritas na natureza das coisas, ainda mais quando um exame crítico rudimentar, sobretudo se estiver munido do conhecimento do campo (construído como tal), obriga muitas vezes a descobrir que cada uma das posições opostas não possui nenhum conteúdo fora da relação com a posição antagonista da qual ela não é outra coisa senão a inversão racionalizada (2001, p. 122).

Retomo a análise de Federico Neiburg, nesse ponto, para recolocar algumas perguntas que, carregadas de projeto político, balizaram as discussões intelectuais das primeiras décadas do século XX argentino até o peronismo. Afinal,

> a Argentina era uma nação inacabada. Ao mesmo tempo um diagnóstico do presente e uma construção do passado, um relato da história: como provar a permanência da crise senão construindo cada acontecimento como mais uma de suas manifestações? (NEIBURG, 1997, p. 99).

Esse reiterado recuo ao passado informa um modo de lidar com a crise sem sair de sua órbita, bem como de acionar a filiação a um determinado modo de se relacionar com a história, de modo que

> Os relatos que tomam a nação como referente parecem manter esse mesmo tipo de relação paradoxal com o tempo: afirmam que as chaves para compreender cada novo capítulo da história nacional devem ser procuradas no passado e, ao mesmo tempo, proclamam que a novidade de cada momento presente exige que se formulem projetos para a nação, ideais de boa sociedade. Essa combinação entre passado, presente e futuro, entre tradição e modernidade, é responsável pela pretensão normativa de toda formulação sobre a nação e pela naturalização do país como uma entidade ao mesmo tempo nova e ancestral (NEIBURG, 1997, p. 86).

Adiciono, nesse sentido, uma outra questão à indagação de Neiburg: afinal, lidando com uma tradição orientada a procurar sempre no passado a explicação para os fatos do presente, como descobrir o destino, se esse é o que havia antes da crise, se não olhando para trás? Em outras palavras, como superar a aporia de Eduardo Mallea segundo a qual "o conhecimento anterior da origem do nosso destino" (MALLEA, 1961, p. 18) é a terapia mais indicada para a perda do "sentido da argentinidade"?

Se pensarmos a sociologia científica enquanto plataforma prioritária de um modo de relação com a história no qual o presente se faz chave-mestra, estamos em condições de mensurar o rompimento que ela produz e encarna em relação a prática largamente difundida nas letras argentinas de procurar os elementos explicativos do presente no passado. Ela introduz

---

[49] "Todos aqueles engajados no campo, defensores da ortodoxia ou da heterodoxia, partilham a adesão tácita a mesma doxa que torna possível a concorrência entre eles e lhes impõe seu limite (o herético continua sendo um crente que prega o retorno às formas mais puras de fé): ela impede de fato o questionamento dos princípios da crença, que ameaçaria a própria existência do campo" (BOURDIEU, 2001, p. 124).

um elemento prospectivo e, no caso da proposta encampada por Gino Germani, carregada de intenções planificadoras. Essa dimensão fundamental se enfrenta não somente em termos teóricos, mas em termos de atmosfera intelectual, com a referência alemã, norteada pelas noções de identidade, destino histórico e essência nacional. Retomando Hartog, a definição da temporalidade, quando se dá sob o ponto de vista do futuro, muda o imperativo da ordem do tempo, reconfigurando-a de modo a tornar-se "uma ordem que continua acelerando ou se apresentando como tal. A história é feita então em nome do futuro e deve ser escrita do mesmo modo" (HARTOG, 2014, p. 141).

Interessa, nesse ponto, para que se possa dimensionar o impacto dos discursos sobre a crise no campo intelectual argentino, destacar que, graças às especificidades do contexto nacional, a recepção da constelação de debates que temos tentado descrever é amplamente seletiva, e ajuda a construir um dos referenciais prioritários do que Patrícia Funes (2006) chama de "hermenêutica da crise". Específico dos aportes argentinos acerca da crise, o elemento de novidade que aparece enquanto solucionador da crise é, ele mesmo, um composto de elementos do passado que, obliterados por uma suposta artificialidade, estariam inscritos, em potência, na essência mesma do "ser" argentino. O famoso debate sobre as "duas argentinas" e o reiterado recurso a uma "autenticidade" histórica funcionam como exemplos desse "novo" que emerge, informado pela tradição alemã, já carregado de destino histórico.

Proponho, nesse sentido, que o combate travado por esse novo projeto intelectual – a sociologia científica - aciona tensões não apenas teóricas, mas também, como tenho destacado, institucionais e, sobremaneira, põe em cheque a concepção do próprio intelectual a respeito de sua prática e de sua atitude frente ao campo político. Tendo sido ligada, principalmente a partir da associação inicial com os positivistas - vozes importantes no debate da virada do século – ao reino da técnica, a sociologia argentina em sua acepção "científica" entra em rota de colisão, nessas três dimensões, com as tradições canônicas do campo universitário das ciências humanas, história e filosofia, ambas fundamentadas, operacionalmente, na figura do sábio erudito e não do técnico planificador.

Parto da hipótese de que é possível localizar, nas disputas do campo intelectual argentino do começo do século XX, um conflito de *projetos intelectuais*, para além das desavenças teóricas pontuais. Por projetos intelectuais almejo circunscrever um recorte que leva em conta três dimensões concomitantes: a. uma dimensão propriamente teórica, cognitiva, referente aos conteúdos e dispositivos valorativos de determinada corrente de pensamento, b. uma dimensão institucional das disputas, que envolve a relação de autonomia variável do mundo intelectual

com relação a política e, internamente, as tensões disciplinares no campo universitário[50] e c. uma dimensão que será aqui chamada de "atitude", ou seja, relativa aos combates pelo significado e alcance do papel do intelectual que emerge das duas dimensões iniciais e que incide, diretamente, sobre um tipo de auto-imagem intelectual e sobre os contornos desejáveis da função de "intelectual" que advém de uma ou outra aposta teórica. O projeto intelectual vem a ser, portanto, um espaço de discordância na concordância, um compartilhamento de premissas básicas. Em outras palavras, trata-se de matizar, a partir do recorte argentino, a asserção de Florestan Fernandes de que "ao importar novos padrões de produção e de avaliação do saber, importamos também novos padrões de organização da personalidade do sábio" (1979, p. 32), processo que não pode ser dissociado da estruturação institucional das universidades e da relação de heteronomia variável que essas mantêm com a esfera privada de produção da cultura. Em *Competititon as a Cultural Phenomenon* (1971), Mannheim propõe que a competição entre as ideias pode ser entendida como fator estrutural, não de forma imanente, mas observável nas estratégias de ataque ou aliança. Competir, no caso das ciências humanas e sociais, pelo diagnóstico mais acertado sobre o mundo social é competir, também, pelo prestígio de tê-lo encontrado. Sendo assim, não se chocam simplesmente teses, se chocam visões da realidade que estão prenhes, por definição, de uma pretensão normativa sobre o mundo. [51]

---

[50] Embora saliente a questão tensional do conhecimento extra-acadêmico, Norbert Elias aponta para o fato de que é na Universidade onde as características sociais dos estabelecimentos científicos são melhor observáveis. Tal abordagem, pois, leva em conta que há agentes no campo que extrapolam a análise dos intelectuais inscritos no mundo científico formal mas que são eles, ainda assim, os responsáveis pela circulação de teorias e modelos de conhecimento. Para aprofundamento dessa discussão é possível consultar ELIAS, N. MARTINS, H. WHITLEY, R. *Scientific Establishments and Hierarchies. Holland*. D. Reidel Publishing Company, 1982 e MERTON, R. *The Matthew Effect in Science*. Science, v 159, 1968, p. 56-63.

[51] Karl Mannheim, em *Conservative Thought*, delimita o uso da categoria de "estilo de pensamento" a partir de uma comparação com a ideia de "estilo" na história da arte, qual seja, a existência de uma matriz identificável que perpassa as apostas de autores individuais. Opondo-se assim tanto à proposta de que o pensamento de uma época possa ser analisável isoladamente, a partir de um indivíduo específico, quanto à relação mecânica entre contexto e produção intelectual, Mannheim sugere capturar a pauta comum das ideias de determinada conjuntura a partir da análise dos grupos portadores desse "estilo", circunscrevendo assim sua intensão básica, por meio da qual esses grupos "expressam a ideia de que diferentes modos de ver o mundo são ligadas, em ultimas instâncias, à diferentes modos de pensar. Essa direção básica determina o caráter de um estilo de pensamento (MANNHEIN in WOLF, 1971, p. 240) ["express the idea that different ways of approach to the world are ultimately at the bottom of diferentes ways of thinking. This basic drive determines the character of a style of thought (MANNHEIM in WOLF, K. 1971, p. 240)]. Em 1977, Merton em *Sociologia de la Ciencia*, para sustentar a tese de que é preciso atermo-nos aos aspectos institucionais da produção do conhecimento, encampa a necessidade de atermo-nos aos dispositivos concretos que interferem nas oscilações e avanços da comunidade científica. Uma longa tradição sociológica tem debatido, nas últimas décadas, a questão da importância da organização institucional como elemento intrínseco do comportamento do mundo científico e, inclusive, das escolhas epistemológicas. Essa leitura é especialmente frutífera quando se trata de apreender os momentos em que as disputas pela definição de ciência e de cientista parecem encontrar pontos de culminância, embora a disputa seja constante e, como propõem Bourdieu (2008) e Gingras (1988), constitutivas da própria viabilidade do jogo. Já canonizada, a formulação de Bourdieu em *Homo Academicus* sintetiza essa vinculação institucional das escolhas epistemológicas considerando que o campo universitário não se diferencia dos outros em termos da disputa por determinação de condições e critérios legítimos de hierarquização (2008, p. 23). Norbert Elias, também, em Scientific Establishments, reflete acerca de como as hierarquias endógenas ao sistema universitário, tais como os aggiornamentos professorais e as

Proponho, enfim, que há um questionamento de base no projeto da sociologia científica argentina, que diz respeito, de forma inédita, ao enfrentamento em relação a um modo de observar as relações do presente com o passado e com o futuro, em relação a um regime de historicidade, retomando Hartog (2014), que se fundamentava na busca de explicações ontológicas-nacionais muito mais do que em soluções de feitio universal. O retorno das referências alemãs, espiritualistas e de apelo ontológico que se observa quando da instalação das "Cátedras Nacionais", em 1966, deixa entrever a persistência de uma relação passadista com o mundo, permeada por um constante diagnóstico pessimista da crise e por uma radical divisão entre ciências naturais e ciências do espírito. Analogamente, em detrimento das apostas universalistas e, com elas, da aposta na *civilisation,* 1966 marca não só o fim do projeto da sociologia científica em termos teóricos ou metodológicos mas, notadamente, a recuperação da associação entre auto-cultivo intelectual e essência nacional: uma modulação da *kultur*.

Embora essa tese não advogue uma aposta irrestrita em histórias comparadas, é importante notar uma concomitância temporal: o momento de crise do projeto da sociologia científica na Argentina, meados de 1960, é aquele em que a ideia de uma ciência, inclusive de uma sociologia, entendida enquanto técnica de bem estar, e mais ainda, do sociólogo como prestador de serviço, é mundialmente criticada. Há, globalmente, um novo sentido para a ideia de crise e para a ideia de "novo"[52]. Destaco que essa é a atmosfera que repercute na fala de Sartre, por exemplo, afirmando, nas conferências do Japão, que o intelectual é um técnico quando se rebela, e somente quando se rebela, e é também aquela que informa a posição de Marcuse e de sua crítica aos efeitos descivilizacionais da técnica, tão amplamente divulgada e eventualmente aclamada pelo movimento dos jovens de maio de 1968.

---

disputas por recursos, incidem sobre a produção do conhecimento na medida em que "o prestígio relativo dos campos científicos não é unicamente advindo das pressões e debates internos, mas também é resultado de pressões extra-muros" (1981, p. VIII) ["the relative prestigie of scientific fields is not only an outcome of infra-scientific pressures and debates, but it also result from extra-mural pressures and success" (1982, p. VIII)]. Entendendo o prestígio como normativo, Elias aponta para um mecanismo de duas vias: se "quem diz como faz diz o que é" temos, ao mesmo tempo, uma politização da ciência e uma cientificização da política, sendo inviável, portanto, uma análise restrita à hermenêutica das obras. As análises de Elias retomam diretamente o projeto de seu orientador, Karl Mannheim, e sua proposta de uma sociologia do conhecimento que servisse para pensar as práticas intelectuais a partir da análise das experiências de grupos sociais condensadas em determinadas visões de mundo, questionando dessa forma a ideia do intelectual e do cientista como criadores incriados que operam num vazio de tensões sociais.

[52] Segundo uma leitura heterodoxa, como a de Rorty (1982), o século XX assiste a emergência de um novo tipo de intelectual "o tipo cuja consciência é dominada por um sentimento da contingência da história, a contingência do vocabulário que ele próprio está a usar, o sentimento de que a natureza e a verdade científica estão largamente fora de questão e que a história está ao alcance de todos. Esse tipo de intelectual é secular com uma vingança, porque vê a religião da ciência ou da humanidade como tão auto-ilusória como a antiga religião" (RORTY, 1982, p. 308).

Para Hartog se, no imediato pós-Segunda Guerra "toda uma série de fatores, retomados muitas vezes em *slogans*, concorreu finalmente para relançar os hinos do progresso e não somente para manter operatório o regime moderno de historicidade, mas para fazer dele o único horizonte temporal" (2014, p. 142), no contexto ocidental da transição dos *sixties* para a década de 1970, o domínio do presentismo passa a pender para um elemento futurista: do *Tudo, Rápido!* dos muros de Paris ao *No Future* em menos de uma década. Tudo se passa como se, abrindo mão dos grandes universais em prol de uma ciência nacional e socialmente determinada, fosse possível re-acionar a dimensão do passado enquanto chave explicativa do mundo: terreno inóspito, de antemão, às tentativas sociológicas de planificação. É, pois, a ascensão e queda de um projeto intelectual historicamente determinado por suas relações com a esfera privada de produção cultural – nos termos de Sorokin (1941), aquele que se fundamenta no slogan positivista *savoir pour prévoir, prévoir pour pouvoir* -, pensada a partir de um cotejamento que leva em conta a dimensão teórica, institucional e de atitude intelectual, o objeto prioritário desta investigação.

*****

Proponho a divisão da tese em 4 capítulos que, embora procurem sobreviver a uma leitura isolada, se propõem a observar quatro dimensões correlatas do mesmo fenômeno. Os capítulos pretendem, nesse sentido, funcionar em pares. Embora o comércio entre as ideias não se apresente de modo estanque, no primeiro e no terceiro capítulo a ênfase recai nas relações entre o universo privado de produção da cultura e o mundo universitário, no segundo e no quarto capítulo, por outro lado, a intenção é acompanhar os debates institucionais e teóricos que se desenvolveram no campo especificamente acadêmico[53]. A aproximação à essa tensão resiliente é operada a partir de observatórios pontuais, autores, debatedores, publicações, traduções, etc, de modo que o conjunto de fontes utilizadas engloba tanto as obras de referência dos autores em contenda como, também, os planos de curso, as declarações oficiais e as crônicas de opinião

[53] De um outro ponto de vista, Heilbron e Gingras, afirmam que "Ao contrário dos pressupostos da monografia monodisciplinar, cuja existência está vinculada a uma demanda interna presente em todas as disciplinas, as especialidades de pesquisa só podem ser entendidas apenas de forma relacional, ou seja, ocupando uma posição em um conjunto, ao mesmo tempo em relações de competição e cumplicidade objetiva. Em vez de reproduzi-las na análise, elas devem ser tomadas como um objeto, isto é, deve-se investigar a divisão do trabalho acadêmico, suas fundações e seus métodos de institucionalização e questionar as fronteiras entre os campos de saber tanto quanto suas diferenciações internas" (2015, p. 9) ["Contrairement aux présupposés de la monographie monodisciplinaire, dont l'existence est liée à une demande interne présente dans toutes les disciplines, les spécialités de recherche ne se comprennent que de façon relationnelle, c'est-à-dire comme occupant une position dans un ensemble de relations de concurrences et de complicités objectives. Au lieu de les reproduire dans l'analyse, il faut les prendre pour objet, c'est-à-dire enquêter sur la division du travail académique, ses fondements et ses modalités d'institutionnalisation et questionner aussi bien les frontières entre les domaines de savoir que ses différenciations internes (2015, p. 9)]

que circulavam naquele momento. As fontes documentais utilizadas organizam o percurso da tese, e a variedade das escolhas procura responder aos diferentes planos em que a narrativa se desdobra. Desse modo, por exemplo, junto aos discursos e publicações oficiais que permitem observar com mais detalhes os aspectos institucionais, as revistas e os índices editoriais dão voz à aspectos relativos ao mundo cultural de modo mais amplo, que não se restringem ao universo acadêmico. Além disso, uma série de autores, notadamente o próprio Gino Germani mas também autores da Escola de Frankfurt, por exemplo, são levados em consideração como objetos de pesquisa a partir dos dados de publicação e circulação, constituindo-se, assim, para além de referências bibliográficas em si, enquanto suportes documentais. Abrindo mão, por assim dizer, de uma aposta rigorosamente cronológica, a esperança é a de construir a inteligibilidade da narrativa a partir do entrecruzamento polifônico dessas posições. A inspiração para essa composição é o alerta de Carl Schorke de que a análise dos textos é a urdidura, enquanto a análise deles em relação a outras manifestações culturais de seu tempo funciona como o próprio tecido, a trama. Perpassa os capítulos a tese de que os conflitos entre os *projetos intelectuais* em questão estão informados por distintos modos de experienciar a história e o conhecimento a respeito dela e que, nesse sentido, com Mannheim, nunca se defendem apenas teses, mas sempre, ao mesmo tempo, um mundo onde essas teses estejam em casa.

O primeiro capítulo se propõe a rastrear a circulação das referências alemãs na Argentina do começo do século XX a partir de três pontos de observação, a saber, a formulação, na Argentina, de um sentido autóctone para a disputa entre positivistas e espiritualistas que, de modo amplo, condensa as reflexões acerca da *crise da civilização*, pauta que organiza os debates alemães do começo do século, cuja circulação me proponho a rastrear; a circulação de nomes importantes do campo universitário argentino pelas universidades europeias desse contexto, com foco nos relatórios paradigmáticos que Ernesto Quesada oferece dos sistemas de ensino francês, inglês e alemão e as mediações espanholas e francesas através das quais a intelectualidade portenha entrou em contato com o repertório alemão e incorporou determinadas *atitudes intelectuais*. A tensão constitutiva do campo universitário, a saber, suas fronteiras em disputa e a relação de heteronomia para com a esfera privada de produção de ideias (salões, cafés, revistas), é colocada, dessa forma, na linha de frente da análise, evitando uma concepção estanque das disputas intelectuais: a história das posições no campo[54] é a aposta

[54] Falar em termos de "campo intelectual" engendra uma série de comprometimentos teóricos, notadamente com a definição *bourdiesiana*, a saber, um espaço de lutas pela hegemonia onde se disputam variadas espécies de capital, conforme a natureza do interesse em jogo no campo, espaço de socialização dos *habitus*. No caso do

desta tese para conferir inteligibilidade às disputas teóricas que terão vazão na década de 1950, quando da emergência do projeto da *sociologia científica*.

O segundo capítulo parte da constatação de que a sociologia é uma ciência plebeia.[55] Ao menos assim pareceu à Agathon, no centro dos debates acerca da Nouvelle Sorbonne e da substituição, no panteão, do busto de Victor Hugo por um de Comte, na virada do século. Seu temor era pontual: "como todas as disciplinas tinham que adotar os métodos da ciência ou imitá-los, a história se degenraria em exegese filosófica e a filosofia em sociologia" (LEPENIES, 1985, p. 40)[56]. O protesto de Agathon apresenta um elemento fundamental para a discussão desse capítulo, a saber, as tensões disciplinares que se projetaram na Universidade a partir da emergência da sociologia enquanto disciplina. Para delinear o itinerário do conflito disciplinar da sociologia na Argentina, foco desse capítulo, proponho o seguinte percurso: inicialmente, já que parto da perspectiva de uma história intelectual que circula, serão apresentados alguns dos caminhos institucionais pelos quais a sociologia se reivindicou enquanto chave interpretativa do mundo, notadamente na França e na Alemanha e, em seguida, na América Latina. Em um segundo momento o foco recai no processo especificamente argentino, e pretende apresentar o que ficou conhecido como "sociologia de cátedra", paradigma que será confrontado, na década de 1950, pela perspectiva da "sociologia científica", cujos traços fundamentais serão delineados no terceiro momento do capítulo. Esse percurso é analisado a partir do recurso documental às

universo intelectual, especificamente, importa considerar que "a lógica específica de um campo se institui em estado incorporado sob a forma de um *habitus* específico, ou melhor, de um sentido do jogo, ordinariamente designado como um 'espírito' ou um 'sentido' que praticamente jamais é posto ou imposto de maneira explícita" (BOURDIEU, 2001, p. 21). São essas adesões, não raro interpretadas como filiações teóricas em si mesmas, as linhas de inteligibilidade que permitem visualizar o caráter histórico das disputas intelectuais. São as nuances da formação das disposições, portanto, que habilitam a análise dos dispositivos de circulação das ideias: uma aposta na dinâmica, sobretudo, como antídoto à "perspectiva [que] supõe um ponto de vista sobre o qual não se assume ponto de vista" (idem, p. 33). Gisele Sapiro condensa, em *Elementos para uma História do processo de autonomização*, o que Bourdieu considera ser os três requisitos fundamentais para que se possa falar em autonomia de um campo, são eles a emergência de um corpo de produtores especializados, a existência de instâncias de consagração específicas e a existência de um mercado. Contudo, segundo o alerta da própria Sapiro, os dois últimos pontos engendram um questionamento ainda mais fundamental, a saber: a autonomia se desenvolve em relação a uma esfera específica ou é, no limite, uma categoria absoluta? Em sua leitura, a qual subscrevo, "com efeito, o mercado libera a produção cultural do clientelismo e do mecenato, ao instituir novas condições de produção, principalmente invertendo a ordem temporal entre oferta e procura que, tornada impessoal, só pode fazer-se conhecer, posteriormente, por meio dos índices de vendas, com o editor passando a ocupar o lugar do patrão (SAPIRO, 2004, p. 94). Segue-se, pois, que toda etapa de autonomização suscita novas formas de dependência. São essas tensões que se colocam de forma latente no caso argentino, na medida em que, conforme veremos ao longo dos capítulos, a característica central do mundo intelectual argentino é o vigor da esfera privada de produção da cultura em relação ao mundo universitário, fraturado ao longo de todo século XX por inúmeras intervenções e interdições de diversas ordens.

[55] BOURDIEU, Pierre. *Meditações Pascalianas*. Trad. Sergio Miceli. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 2001.

[56] "Como todas las disciplinas debían adoptar, o al menos imitar, métodos de las ciências naturales, la história amenazaba atrofiarse en exegésis filológica y la filosofia en sociologia" (LEPENIES, 1985, p. 40).

publicações oficiais de divulgação do Instituto de Sociologia da Universidade de Buenos Aires: inicialmente *o Boletín del Instituto de Sociologia* e, em seguida, os *Cuadernos de Sociología*.

A reflexão que orienta o terceiro capítulo, ainda que mantendo em vista que as ideias são um tipo específico de bem, diz respeito à possibilidade de pensar seu trânsito enquanto um tipo de comércio, tal como propõe Louis Pinto (2009), para quem a utilização, no trato com as ideias, de termos como "capital", "mercado" e outros tantos conceitos derivados da economia, é adequada para expressar o fato de que a produção cultural não é desinteressada, mas que ocorre a partir de uma lógica social de intencionalidades e interesses específicos, que condensam a peculiaridade dos campos e não se confundem, por sua analogia, com os interesses perpetrados por agentes em outros campos. O mercado editorial é, afinal, responsável por dimensionar o grau de transportabilidade de um bem, na medida em que congrega "instituições acadêmicas ou para-acadêmicas que formam um espaço de enfrentamento ideológico" (PINTO, 2009, p. 34)[57]. O divulgador de uma ideia, segundo essa análise, atua como mediador. É preciso, pois, considerar o circuito como um todo (comentadores, palestrantes, etc) procedendo a um "alerta contra as crenças fetichistas e espontaneístas que tendem a subordinar a leitura ao texto" (idem, p. 13)[58]. As traduções e redes de palestras e cursos que ocorrem à margem da universidade são, pois, estratégias de acumulação de capital simbólico e, nesse sentido, investigar a origem das disposições que compõem as posições dos campos equivale a lançar uma luz histórica, contingente, à determinadas configurações. Nesse sentido, a intenção do terceiro capítulo é rastrear a circulação de referências alemãs e da *crise do ocidente* na esfera extra-universitária, mantendo em vista sua relação de tensão com as instâncias oficiais. Tal procedimento importa na medida em que os sociólogos, filósofos e historiadores que se vincularam a esse campo constituirão, após a queda do regime peronista em 1955, a proa do contingente docente que retornará à Universidade. Assim, esse trânsito revela não apenas uma mudança institucional, mas uma dinâmica que incide sobre o próprio *habitus* desses grupos, na medida em que reconfigura os espaços de enunciação intelectual possíveis durante e após o peronismo. Desse modo, parto de uma retomada das disputas por monopólio de consagração intelectual entre uma universidade marcada por uma constante expectativa autoritária e um amplo circuito de editoras e grupos intelectuais privados, especialmente volumosos nas décadas de 1920 a 1950. Em seguida, apresento os contornos de uma rede intelectual por onde

[57] "institutions académiques ou para-académiques qui forment un espace d´affrontement idéologique" (PINTO, 2009, 34).
[58]"mise en garde contre les croyances fétichistes spontanées qui tendent a subordonner la lecture au texte" (idem, p. 13).

circularam os nomes de proa do cenário argentino deslocado da universidade durante o peronismo: a editora Abril e a Paidós e o CLES (Colégio Libre de Estudios Superiores). Finalmente, rastreio uma das vias centrais de divulgação de referências alemãs no campo intelectual desse contexto, a saber, o esforço da editora *Sur* em traduzir e publicar uma série de autores ligados à tradição alemã. Com esse rastreio, pretendo equacionar o enfrentamento que a sociologia científica encampará na década seguinte já que, ao mesmo tempo em que precisaria justificar-se enquanto disciplina universitária e científica, precisaria justificar a própria existência de uma universidade capaz de constituir-se enquanto *locus* prestigioso de enunciação intelectual.

O quarto e último capítulo dedica-se de modo mais exaustivo à caracterização do projeto intelectual que ficou conhecido como *sociologia científica*, identificado aqui com o empreendimento da fundação do curso de Sociologia na UBA a partir do esforço institucional capitaneado por Gino Germani. Em 1966, com Germani já exilado, o episódio que ficou conhecido como *La Noche de los Bastones Largos* – invasão policial na Universidade de Buenos Aires que marcou o começo de um longo período de autoritarismo e intervenções militares – o projeto de uma sociologia universalista, empírica e tecnicamente orientada, é substituído por uma antiga matriz dos debates intelectuais argentinos: o esforço nacionalista, o debate sobre a essência argentina e a orientação particularista dos ensaios de identidade, agora amalgamados com o marxismo que se projeta como grande plataforma teórica a partir de uma esquerda acadêmica que se radicaliza conforme se aproxima das demandas populares. No intuito de perscrutar essas tensões, começo apresentando o modelo de universidade e de ciência que se tenta implantar no momento da queda do peronismo, com destaque para as reivindicações de autonomia e profissionalização. Em seguida, a interface teórica do projeto de Gino Germani – carro-chefe dessa nova concepção que se buscava implantar – é posto em relação com as discussões norte-americanas sobre a crise e a planificação. Finalmente, o objetivo do terceiro ponto é pôr em relevo uma nova concepção de intelectual e de engajamento que, não apenas no plano teórico e institucional, mas também nas discussões sobre o próprio conceito de intelectual, põe em cheque o projeto da sociologia científica. Esse percurso será útil para evidenciar que os combates à sociologia científica não são unicamente teóricos, mas envolvem uma dimensão propriamente política sem a qual não é possível acessar as dimensões extra-teóricas do conflito que circunscrevem suas condições de circulação.

CAPÍTULO 1. DO COLÉGIO INVISÍVEL À UNIVERSIDADE NAS SOMBRAS: A ARGENTINA NA *REPUBLICA MUNDIAL DAS LETRAS*.

De Aaron Anchorena, por su parte, se decía que al terminar las grandes comidas que daba en los hoteles de Europa hacía destrozar la vajilla por un perro. No menos ostentosos aunque más prácticos, los Anchorena, como otras famílias cuando viajaban a Europa llevaban en el barco a los criados, cocineros, niñeras, choferes, así como también gallinas y vacas para tener huevos y leche fresca. Clara Cobo de Anchorena, según la tradición oral, llevaba en su coche numerosas cajas con guantes, pues cada vez que usaba un par lo arrollaba a la calle. Nuevo Heráclito de la moda, no admitía usar dos veces el mismo vestido. Paquín, de Paris, decía que sus mejores clientes eran la reina de Rumania y Clara Cobo de Anchorena (...). Las damas de família Anchorena, así como las de Alvear o Alzaga eran tan conocidas en las grandes tiendas de París por sus fastuosas compras que las vendedoras al ver sus tarjetas exclamaban: 'Ah! Madame appartient aux trois A"

Juan José Sebreli em Los Anchorena.

No campo científico, é absolutamente certo que carece de "personalidade" quem entra em cena como "empresário" da causa a que se deveria consagrar, ou tenta legitimar-se mediante a sua "vivência" e continuamente pergunta: Como demonstrarei que sou algo mais do que um simples "especialista"?

Weber em Ciência como Vocação.

1.1. "COMO MEZCLAR SIN MEZCLARSE?": POSITIVISTAS E ESPIRITUALISTAS DISPUTAM O SENTIDO DA CRISE.

Descrevendo a vida intelectual inglesa na década de 1960, o físico e romancista Charles Snow reformulou uma antiga polêmica no campo das reflexões sobre a relação tensional entre diferentes áreas do conhecimento, notadamente aquelas denominadas 'ciências naturais' e 'ciências do espírito' ou da cultura. Apesar de reconhecidamente arbitrária – e por isso mesmo expressiva -, a canônica divisão entre filosofia continental e filosofia analítica, tão em voga nos anos 1950, remonta, conforme o ponto de vista que organiza essa tese, a tensões similares àquelas que circunscreveram o nascimento da Sociologia como disciplina. No caso da filosofia, disciplina mais antiga e mais institucionalmente prestigiosa, a polêmica vinha sendo sucessivamente atualizada desde o século XIX, e teve na acusação de Franz Brentano a Wilhelm Dilthey em 1884 e no ataque de Rudolf Carnap a Martin Heidegger, em 1932, dois de seus episódios mais famosos (D´AGOSTINI, 2003). Na esteira desse debate, Snow destacou, na ocasião de sua conferência, a existência do que ele chamou de duas *culturas*, uma delas a dos intelectuais literários e outra a dos cientistas naturais, em especial dos físicos – ponto de vista corroborado por D´Agostini (2003). Nos termos de Snow, haveria entre ambas

> um abismo de incompreensão mútua - (às vezes particularmente entre os jovens), hostilidade e antipatia, mas acima de tudo falta de compreensão. Eles têm uma curiosa imagem distorcida um do outro. Suas atitudes são tão diferentes que, mesmo no nível da emoção, não conseguem encontrar muito solo em comum (1998, p. 78)[59]

O diagnóstico de Snow – ainda que de modo alegórico, ao fazer referência a uma condição contraditória que era a sua própria - é similar ao que inspirou Wolf Lepenies (1985) que, ao narrar a emergência da Sociologia como o nascimento de uma *terceira cultura*, também se atentou para o fato de que grande parte das querelas entre cultura científica e cultura humanística diziam mais respeito à dimensão das atitudes, das preferências semânticas e das visões de mundo do que, propriamente, à uma discordância inegociável no plano cognitivo. [60]

---

[59] "a gulf of mutual incomprehension – (sometimes particularly among the young) hostility and dislike, but most of all lack of understanding. They have a curious distorced image of each other. Their atitudes are so different that, even on the level of emotion, they can´t find much common ground" (1998, p. 78).

[60] Vale a pena mencionar, a título de comparação contextual, uma outra apropriação do debate de Snow que propunha a emergência de uma "terceira cultura". Em *The Third Culture. The Scientific Revolution*, John Brockman propõe que "A terceira cultura consiste naqueles cientistas e outros pensadores do mundo empírico que, através de seu trabalho e escrita expositiva, estão tomando o lugar do tradicional intelecutal ao tornarem visíveis os significados mais profundos de nossas vidas, redefinindo quem e o que somos" (1995, p.1) [The third culture consists of those scientists and other thinkers in the empirical world who, through their work and expository writing, are taking the place of the traditional intellecutal in rendering visible the deeper meanings o four lives,

Na esteira dessa discussão, o caso argentino é portador de uma peculiaridade importante: a zona híbrida entre a cultura científica, baseada na associação entre progresso, futuro e confiança científica, e a cultura literária, mais tradicional e mais humanística, tributária dos ensaios de identidade, alimentou um espaço de discordância na concordância que abrigou, até avançadas décadas do século XX, posições heterodoxas e importantes trânsitos teóricos. Nessa intersecção, o território em comum entre a leitura científica da crise e o ponto de vista espiritualista sobre o mesmo tema condensava-se em um objetivo compartilhado, a saber, a formulação de hipóteses e políticas culturais para amenizar os efeitos da imigração na composição da elite social argentina do começo do século. Nesse sentido, é importante a ressalva inicial de que, embora não seja possível condensar todas as posições de um universo intelectual em um enfrentamento teórico exemplar, a recuperação das leituras positivistas-cientificistas e a posterior reação a essas interpretações funcionam como contorno de um variado espectro de posições que, em detrimento de sua heterogeneidade, orbitaram em torno da aceitação ou recusa da "cultura científica", posição que, para além da teoria, engendra uma série de comprometimentos políticos, sociais, culturais e, eventualmente, estéticos.

Em seu ensaio *Médicos, curandeiros y videntes* (1997)*,* Beatriz Sarlo mostra de que modo a "imaginação técnica", estimulada pelas inovações do rádio e do cinema na década de 1920 argentina, pôde se coadunar perfeitamente com uma inclinação de natureza supersticiosa, igualmente observável no imaginário popular e de classe média da Buenos Aires daquele contexto. Como hipótese para entender essa curiosa zona híbrida, Sarlo aventa que o espiritismo, a proliferação de videntes e as elucubrações metafísicas de modo geral se combinavam com a imaginação técnica na medida em que os avanços dessa última afiançavam a ideia de que não há razão para crer que as coisas sejam impossíveis: tudo se passava como se a própria confiança científica engendrasse seu contraponto, conquanto instituía uma espécie de "milagre por equivalência de possibilidades". Nos termos de Sarlo, tratava-se de uma situação em que "a ciência se conecta com perguntas e desejos sobre a origem de vida e a potencialidade criadora: o que pertenceu aos deuses, começa a ser manejado pelos homens" (1997, p. 145)[61]. Um dos meios de difusão desse par antinômico de visões de mundo, os folhetins populares,

redefining who and what we are" (1995, p. 1)]. Diante de prostados e conservadores intelectuais americanos, que no geral não passavam, nos termos de Brockman, de comentadores em espiral, os cientistas falariam agora diretamente ao publico. Snow havia previsto, otimista, uma síntese das duas culturas, literária e científica, o que houve, contudo, segundo o diagnóstico de Brockman, é que um publico mais informado e mais aberto não precisa mais da mediação literária para ouvir os cientistas. Assim, o que antes era ciência tornou-se cultura publica, graças ao espaço nos jornais para temas como energia atômica e biodiversidade. Seriam os intelectuais públicos de Jacoby (2001), em suma, os psicólogos, biólogos, físicos, etc. que personificam essa nova cultura.

[61] la ciéncia se conecta con preguntas y deseos sobre el origen de la vida y la potencialidad creadora: lo que pertenció a los dioses, comienza a ser manejado por los hombres" (1997, p. 145).

estavam repletos de "psicologia fantástica", sendo um dos temas mais recorrentes nas histórias, além das grandes utopias tecnológicas, a hipnose. A "imaginação técnica", nos termos de Sarlo, não deixou de operar nos setores populares até avançadas décadas do século XX, enquanto no universo letrado se observa uma reação a essa confiança no futuro na forma de elaborações anti-positivistas. O objeto dessa investigação é, a rigor, a história dessa reação[62].

É a partir da especificidade do recorte proposto – os debates intelectuais sobre a crise - que essa narrativa pode ser observada como o ponto em comum entre as diversas correntes do universo intelectual da virada do século, o positivismo e o espiritualismo. Essas duas plataformas não são, vale dizer, antônimos imediatos, a ponto de que Rasmussen (1996) fale, em sua análise sobre o discurso crítico do progresso, em uma ampla penetração do decadentismo culturalista nas teses mais clássicas da cultura científica. Em comum entre essas duas posições é operante a articulação entre dois modos de responder ao mesmo imperativo gerado pelo diagnóstico trágico diante dos fenômenos imigratórios[63]. Como fenômenos intelectuais complexos que carregam uma série de pretensões normativas sobre o mundo, não emergem ou submergem em bloco, tampouco podem ser descritos ou caracterizados de forma estanque. Nesse sentido, para a economia do argumento deste trabalho, importa menos a tentativa de definir rigidamente essas tendências do que acompanhar seus desdobramentos relacionais: um ponto de vista se constrói em relação ao outro, sendo as oposições peremptórias menos frequentes que as zonas de trânsito. Assim, o positivismo e sua crítica se dão a ver, nos termos de Snow (1998), como duas "culturas", como duas plataformas de observação do mesmo fenômeno – a crise – e, desse modo, como cúmplices, na discordância, no interior de um campo (BOURDIEU, 1999). É partindo dessa concordância, pois, que o embate entre a tradição positivista-científica (que será identificada, paulatinamente, com o amadurecimento da sociologia) e a tradição ensaística-espirituralista, pode ser rastreado. Como alerta Oscar Terán (2008) a zona híbrida entre essas duas leituras, no caso argentino, desautoriza a inserção dos autores de uma vertente ou de outra em trincheiras estanques. Por esse motivo, são precisamente

[62] Ver Myers in Nogueira de Sá (org). *História Intelectual latino-americana. Itinerários, debates e perspectivas*. Rio de Janeiro. Ed. PUC Rio, 2016.

[63] Na síntese de Hugo Biagini (1989), em oposição à confiança positivista da virada do século, esse espiritualismo pode ser entendido em termos de um contrapeso: "A reação anti-positivista, que começa a verificar-se na América Latina com o novo século e na Argentina um pouco mais tardiamente, traz, entre outras questões, um renascer metafísico e um incremento dos sentimentos religiosos, assim como o menosprezo do utilitarismo e sua substituição por um sentido trágico da consciência, pelo ascético moral do herói e da santidade" (1989, p. 195). ["La reacción antipositivista, que comienza a verificarse en America Latina com el nuevo siglo y em argentina algo más tardiamente, trae aparejada, entre otras cuestiones, um reverdecer metafísico y un incremento de los sentimentos religiosos asi como el menosprecio de utilitarismo y su reemplazo por um sentido trágico de la conciencia, por lo ascético moral del heroe y la santidad" (1989, p. 195)].

os pontos de intersecção entre leituras distintas que merecem receber atenção quando o objetivo é observar as dimensões extra-teóricas do debate.

A coexistência e o enfrentamento dessas duas *culturas*, importa destacar, não são dados exclusivos do universo intelectual argentino. Essa dinâmica responde, ao contrário, a uma longa discussão acerca dos distintos modos de responder à "catástrofe da modernidade" no ocidente, e assumiu distintas formulações intelectuais desde o fim do século XIX. Gouldner, por exemplo, interpreta o positivismo francês e o romantismo alemão, duas chaves-mestras do século XIX, como versões correlatas acerca da mesma problemática – a crise advinda da modernização - com destaque para o trânsito entre elas: "assim, o positivismo francês foi, em seu início, um compromisso caracteristicamente romântico ente as velhas imagens da ordem hierárquica e a nova ordem burguesa" (GOULDNER, 1979, p. 314)[64]. Já que esta tese pretende inserir as discussões argentinas em um debate transnacional, pode-se também levar em conta a análise de Schnadelbach (1991) sobre o contexto alemão, na qual o positivismo aparece como o expoente de uma cultura mais ampla, a saber, aquela que concebeu o século XIX como "o século da ciência", momento em que ela se emancipa da filosofia e passa a reivindicar confiança irrestrita em seu papel normativo[65]. Nesse contexto, a ciência – e o positivismo como sua possibilidade filosófica[66] – identifica-se plenamente com a modernização, a industrialização e as mudanças da paisagem urbana. A análise de Schnadelbach indica, ainda, que o crescimento da cultura científica respondeu a alterações na própria concepção de ciência, anteriormente entendida em chave aristotélica[67]. Ele destaca que a introdução de procedimentos empíricos foi uma dessas alterações, na medida em que os conhecimentos sintéticos, independentes da experiência, foram desalojados em prol da proeminência do dado, única possibilidade efetiva de descrição e, portanto, de explicação (ANGENOT, 1989; RASMUSSEN, 1996). É essa operação, inclusive, que permitiu que a ciência passasse a ser vista como conhecimento cumulativo e, assim, necessariamente progressivo.

---

[64] "así, el positivismo francês fue en sus comienzos un compromisso caracteristicamente romántico entre las viejas imagenes del orden jerarquico y el nuevo orden burguês" (1979, p. 314).

[65] Habermas narra a emergência dessa cultura científica em oposição à anterior hegemonia da filosofia na universidade alemã nos seguinte termos: "as ciencias experimentais, que nasciam do ventre da faculdade filosófica, passaram a seguir um ideal de racionalidade procedimental que condenava ao fracasso qualquer tentativa visando inserir os seus conteúdos numa interpretação filosófica universal e enciclopédica" (2005, p. 87). Corroborando Schnadelbach, Habermas persegue o argumento da substituição de um ponto de vista idealista por outro, vinculado à cultura científica; para ele "essa emancipação das ciências experimentais selou a desintegração de interpretações metafísicas e unitárias do mundo" (idem, p. 88).

[66] No sentido em que Habermas pontua em "Para que ainda a filosofia?" quando afirma que, no momento em que as ciências naturais fundam um paradigma mais sólido que a filosofia, apenas o positivismo parece capaz de responde-la programaticamente, na medida em que "com o positivismo, a teoria do conhecimento resignou-se à teoria da ciência, portanto, à reconstrução posterior do método científico" (HABERMAS, 1971, p. 10).

[67] Enquanto conhecimento das essências da natureza e da realidade.

A relação entre positivismo, ciência e progresso foi uma das associações mais operativas da segunda metade do século XIX. Conforme Angenot,

> O paradigma do Progresso constitui a base da ideologia *pró-domo* do campo científico: um método positivo (ou chamado experimental) de plena conquista seria a culminação dos esforços milenares do pensamento humano. Ele dá à ciência o direito de defender suas conquistas contra a resistência que ainda encontra e o monopólio de afirmar e analisar os fatos. Culminação da evolução humana, a ciência moderna teria apenas bênçãos para oferecer (1989, p. 7)[68].

Essa aliança entre cultura científica e progresso se conectava com o sucesso das ciências naturais e, sobretudo, da biologia, o que permitiu que as sociedades, interpretadas então como organismos pela leitura positivista clássica, também pudessem ser analisadas em termos de evolução e progresso (KUHN, MERTON, HAGSTROM, in DE DEUS, 1979). No caso dessa filiação positivista, nota-se, ainda, uma secularização da ideia de progresso, notadamente com Stuart Mill e Auguste Comte, que fez com que ele deixasse de ser visto como um acidente e passasse, nessa leitura, a ser compreendido como uma necessidade (NISBET, 1985). Essa ideia chave - progresso – não foi, no entanto, valorativamente consensual. Enquanto no universo intelectual francês ela funcionou como teodiceia positiva, no debate alemão ela foi operacionalizada em termos de diagnóstico trágico. Já em seus campos iniciais de elaboração, portanto, as tendências positivistas e suas críticas, separadas pelas prescrições que engendravam, estiveram amalgamadas por um leque de preocupações compartilhadas: a ideia de decadência que surge implicada na ideia de progresso.

Um dos principais representantes da confiança na cultura científica, Saint Simon, em *Psicologia Social*, destacava, ainda no começo do século XIX, que a sociedade, quando promovida a objeto de estudo, não pode ser entendida como um aglomerado de vontades individuais, mas somente como um todo. "A reunião dos homens constitui um verdadeiro ser, cuja existência é mais ou menos vigorosa ou vacilante, na medida em que seus órgãos realizam mais ou menos regularmente as funções que lhes são confiadas" (1965, p. 57)[69]. Como em todo organismo, dizia, a perfeição do resultado dependeria da manutenção da autonomia e da sincronia entre as partes. Modelo dessa nova ciência do homem baseada na associação entre

---

[68] "Le paradigme du Progrès forme la base de l´idéologie *pro domo* du champ scientifique: a méthode positive (encore dite experimentale), pleinement conquiste, est l´aboutissement des efforts millénaires de la pensée humaine. Elle done à la Science le droit de défendre ses conquêtes contre les résistences qu´elle reencontre encore et le monopólio d´enoncer et d´analyser les faits. Aboutissement de l´evolution humaine, la Science moderne n´a que bienfaits à offrir" (1989, p. 7).

[69] "La réunion des hommes constitue un véritable être, dont l´existence est plus ou moins vigoureuse ou chancelante, suivante que ses organes s´acquittent plus ou moins régulièrament des fonctions que leur sont confiées" (1965, p. 57).

psicologia e biologia evolucionista, Saint Simon e seus colaboradores elevaram ao debate intelectual uma posição na qual o

> conceito central não era mais *sensibilité*, mas organização. A ênfase não estava mais em uma nova ciência do homem que tornaria possível formular políticas bem fundamentadas, mas em processos sociais que estavam relativamente separados das decisões políticas (HEILBRON, 1995, p. 183)[70]

Focado na composição do que seria uma nova síntese, Saint Simon representa a iniciativa de alçar a sociologia à categoria de *super-science* que forneceria um novo tipo de poder espiritual e "daria início a uma era positiva e orgânica para suceder o período revolucionário e crítico" (idem, p. 185)[71]: é a formulação mais robusta de um tópico central desse contexto, a saber, a prerrogativa de uma república de cientistas, primeira associação, de muitas outras, entre sociologia, planificação e utopia científica[72]. Nesse sentido, conforme Bresciani, "sua utopia, tal como outras projeções totalizantes com bases científicas, não se contentava em colocar a ciência positiva no âmago de uma nova religião; a ela atribuía o poder de instituir uma nova organização social" (1985, p. 47). O apelo de Saint Simon tornou-se mais esquemático com Comte que, como salienta Heilbron, demonstrou, no papel de sistematizador da cultura positivista, mais originalidade do que como formulador de teses inéditas. Em *Discours sur l´ensemble du positivism*, Comte salienta que o positivismo é uma doutrina que, lastreada na razão, não é hostil aos sentimentos nem à imaginação. Seria ela a ciência final, destinada a "presidir hoje a completa regeneração da Europa Ocidental" (COMTE, 1907, p. 2)[73]. A grave crise política moderna só seria solucionada, nesse ponto de vista, com uma prévia regeneração moral, "tal é a missão fundamental do positivismo, generalizar a verdadeira ciência e sistematizar a arte social" (idem, p. 3)[74]. O verdadeiro sentimento, sustenta ainda, tampouco é hostil a razão, sendo possível chegar ao coração através dos dados objetivos do mundo, que se mostrariam paulatinamente à razão humana conforme se aprimorassem os instrumentos de observação das leis evolutivas. A noção de evolução, como se vê, opera para além do

---

[70] "the central concept was no longer *sensibilité*, it was organization. The emphasis was no longer on a new Science of man that would make it possible to formulate well founded policies, but on social processes that were relatively detached from political decision-making (HEILBRON, p. 183).

[71] " this new spiritual power would usher in a positive and organic era to succeed the revolutionary and critical period" (idem, p. 185)

[72] Tal aposta, vale lembrar, estava conectada com um amplo projeto de Saint Simon e de seu grupo, que se relaciona não apenas com a discussão sobre a ciência mas também com outras áreas como o urbanismo e a organização do trabalho, dimensão que não será abordada neste recorte mas que pode ser consultada a partir da obra de Harvey, 2015.

[73] "presidir aujurd´hui l´entière régénération de l´Europe Occidentale" (COMTE, 1907, p. 2).

[74] "telle est donc la mission fondamentalle du positivisme, généraliser la Science réelle et systematizer l´art social" (idem, p. 3).

andamento do mundo tomado como objeto, passando a incidir, principalmente, no desenvolvimento das ciências e em sua hierarquização.

A verdadeira filosofia, segue Comte, deveria incidir sobre os três aspectos fundamentais da vida humana: pensamentos, sentimentos e ações, a partir de uma robusta atividade de sistematização. O próprio Comte opera, nesse ponto, a vinculação entre sociologia e positivismo, que tanto eco terá nas décadas seguintes, momento em que a nova disciplina aparecerá não apenas como intérprete da crise como, para seus detratores, como sintoma da decadência que pretendia resolver. Para Comte, colocar o sentimento no centro do sistema social e analisá-lo de modo científico equivaleria a desestimular "as utopias metafísicas, demasiado em voga entre os estudiosos modernos que, sobre a suposta perfeição de uma vida puramente contemplativa, não constituem mais que orgulhosas ilusões" (COMTE, 1907, p. 17)[75]. Além de Comte, Herbert Spencer contribuiu para alocar a cultura científica no cerne das discussões acerca do sentido progressivo do mundo e da história. Spencer se propunha a pensar o progresso também em termos anti-metafísicos, objetivando descortinar sua lei a partir do caráter comum das transformações que se dão no mundo natural. O progresso orgânico que orienta os demais é, em sua definição canônica, a passagem do homogêneo para o heterogêneo: todo organismo se desenvolve do simples em direção ao complexo. Essa perspectiva sustenta o caráter diferencial das sociedades humanas, lastreia a divisão do trabalho e justifica, em última instância, as distâncias sociais. Não se trata, para ele, de descobrir a lei, mas de "elevar a lei de todo o progresso, já estabelecida, da condição de generalização empírica ao estado de generalização racional" (SPENCER, 1908, p. 53).

Essa tradição, alocada especialmente na França, chega à Argentina através de uma diversificada rede de circulação, e aclimata-se na semântica da identidade continental destacada por Valdés (2000). O contato argentino com os positivistas franceses foi fomentado por uma ampla rede de argentinos que se deslocavam por aquele campo intelectual, num contexto em que a formação universitária era ainda bastante restrita em termos nacionais e, principalmente, não concedia o mesmo prestígio aos filhos das grandes famílias aristocráticas que uma viagem de estudos ao velho continente. Caracterizando o que ficou conhecido como *geração de 1837*, Elias Palti (2009) sinaliza para uma incorporação híbrida de tendências: o "momento romântico" desses primeiros letrados da república argentina comportaria, por sua natureza polissêmica, um elemento progressista

[75] "les utopies métaphysiques, trop actuelle chez les savants modernes, sur la prétendue perfection d´une vie purement contemplative, [que] ne constituent que d´orgullieuses illusions" (COMTE, 1907, p.17).

> De todos os modos, e mais além dos ritmos que a atrapalhada vocação iluminista, nenhum dos membros da jovem geração duvidava ainda, até em 1837, de que a marcha espontânea das forças nativas de sociabilidade se encaminhava fatalmente em direção à completa realização dos princípios de valores essenciais da espécie humana. As leis do progresso universal haveriam também aqui que abrir caminho, ainda quando transitassem por trilhas aparentemente demasiado intrincadas (quer dizer, aqueles da ditadura rosista a qual, com reservas, inicialmente sustentaram) (PALTI, 2009, p. 27)[76]

Desde a geração de 1837[77], portanto, o evolucionismo e a intenção organizadora desses primeiros letrados, os debates acerca do progresso e da cultura científica se colocavam como temas centrais das discussões do campo argentino[78]. Apesar dessa tradição, o que ficou conhecido como positivismo argentino, ainda que tributário dessas primeiras leituras, foi um fenômeno finissecular. As últimas décadas do XIX foram marcadas por uma série de mudanças estruturais na sociedade argentina, irradiadas a partir de Buenos Aires.[79] Conforme Rapoport e Seoane (2007), entre o censo de 1869 e o de 1914, Buenos Aires duplicou sua população a cada quinze anos. Entre 1895 e 1914, quando já contava com mais de 1,5 milhões de habitantes, o incremento foi de 137%. Em 1914, a densidade populacional de Buenos aires era 7.898 h/km, contra 2,8 da média do país, crescimento só comparável a Nova York. O aumento absoluto de

---

[76] "De todos modos, y más allá de los ritmos que la vocación iluminista trastocó, ninguno de los miembros de la joven generación dudaba aún, hacia 1837, de que la marcha espontânea de las formas nativas de sociabilidad se encaminaba fatalmente hacia la completa realización de los princípios y valores esenciales a la espécie humana. Las leyes del progresso unviersal habrían también aqui de hacerse passo, aun cuando transitasen por senderos aparentemente demasiado intrincados (es decir, los de la ditadura rosista, a la que, con reservas, inicialmente sostendrían)" (PALTÍ, 2009, p. 27)[76].

[77] O tema da identidade latino-americana, segundo análise de Hugo Biagini (1989), remonta às lutas de independência, e pode ser encontrado como eixo dos embates político intelectuais desde o começo do século XIX: "Com a chamada geração de 1837, em que pesem todas as suas contradições teórico-práticas, os ingredientes românticos ou historicistas que nela operaram reforçariam o americano, através da busca explícita de uma emancipação mental e cultural. A vertente positivista deu sua contribuição quando pretendeu determinar as bases do caráter ou da alma nacional" (BIAGINI, 1989, p. 39). ["Con la llamada generación de 1837 y pese a todas sus contradicciones teórico-prácticas, los ingredientes románticos o historicistas que operaron en ella reforzarían el mentado americanismo, tras la busqueda explícita de una emancipación mental y cultural. La vertiente positivista há aportado lo suyo cuando pretendió determinar las bases del caráter o el alma nacional" (BIAGINI, 1989, p. 39)]

[78] Para Palti, essa visão tem por base a ideia de vontade geral e de razão. O movimento romântico, por outro lado, funde vontade e razão na história, "na medida em que não existiria nenhuma instância transcendente à própria sociedade que pudesse intervir em seu sucesso formativo de fora dela, é preciso supor que todo desenvolvimento devia encontrar-se, de alguma forma, prefigurado em seus estados antecedentes, e assim sucessivamente. Isso assegura um encadeamento lógico entre os acontecimentos em uma relação de pressuposição mútua" (2009, p. 158). ["en la medida em que no existiria ninguna instancia trascendente a la própria sociedade que pueda intervenir en su processo formativo desde fuera de ella, hay que suponer que todo desarrollo debía encontrarse de alguna forma prefigurado en su estado antecedentes, y así sucessivamente. Esto assegura um encadenamiento lógico entre los acontecimentos, uma relación de presuposición mutua" (2009, p. 158)]. O historicismo romântico insinua ainda o tema da refundação comunal. Nesse sentido, as tendências poderiam ser sintetizadas em a. Ilustração: representação, toda representação supõe a ausência do que está sendo representado, não há, pois, a concretude objetiva do sujeito nacional e b. Romantismo: a representação é a capacidade institucional de performar os sentimentos vitais.

[79] Entre 1869 e 1970, a população de Buenos Aires cresceu 13 vezes e a densidade passou de 0,62 h/km para 8,4 h/km. Buenos Aires e 1947 tinha 0,07% da área do país e 46% da população. Porcentagem de estrangeiros: 1869 eram 13,8%, em 1914 eram 42,7%. Entre 1857 e 1957 chegaram pelo porto de Buenos Airs 4,5 milhões de imigrantes. Dados compilados por Vasquez-Rial (1996).

população, acompanhado das altas taxas de natalidade, havia revertido a baixa demográfica da crise de 1873, muito por conta de que "a presença de imigrantes italianos e espanhóis, que conservavam o comportamento favorável à natalidade característico de seus respectivos países de origem, permitiu a estagnação do retrocesso" (2007, p. 169)[80]. Buenos Aires concentrava 33% dos estrangeiros, tendo sido o reduto preferencial dos europeus oriundos de zonas já urbanizadas. Essa situação gerou um quadro em que, nos anos imediatamente anteriores à Primeira Guerra Mundial, a população se dividia entre 50% de imigrantes e 50% de argentinos sendo que, dentre os argentinos, muitos eram filhos de imigrantes. Os italianos eram maioria, nunca representando menos de 20% dos habitantes, em seguida vinham os espanhóis, em torno de 15%. Nas duas comunidades, Rapoport e Seoane (2007) notam a existência de muitos homens, poucas mulheres e poucos velhos, ou seja, grande parte da população economicamente ativa era constituída por mão de obra estrangeira. Essa composição, somada aos altos índices de endogamia e à existência de muitas associações e agremiações, conferia um alto grau de coesão comunitária a esses grupos, dificultando os projetos de nacionalização que frequentemente eram debatidos pela elite *criolla*. É a partir dessa situação conflituosa que positivistas e espiritualistas se enfrentam, ao menos em nível prescritivo, na virada do século. São esses dados os que constituem, enfim, o panorama social da radicalização do então embrionário "discurso de crise" em território argentino.

Tendo por tese básica a ideia de ater-se aos fatos, e entendendo por fatos os fenômenos acessíveis à experiência sensível, os positivistas argentinos pretenderam observar o mundo como conjunto de dados que se vinculam através de um conjunto de regularidades e leis. Esse positivismo *híbrido* – pois permeado de apelos metafísicos, como será detalhado - cumpria na Argentina da virada do século uma função progressista, ao inserir elementos científicos num ambiente francamente hostil aos custos sensíveis do processo de modernização. Era, na leitura de Vasquez-Rial (1996), a sustentação ideológica do modernizador Julio Roca, bem como da sua confiança numa Argentina alinhada às expectativas europeizantes de seus quadros de elite. Eles partiam, em termos sucintos, de uma hipótese que passava pela aceleração do processo de desenvolvimento visando a superação do estágio anômico que seu entretempo supostamente gerava. Leitores de Spencer mais do que de Comte, esse grupo de positivistas composto por nomes como José Ingenieros e Carlos Octavio Bunge, invocava uma série de interpretações biológicas para circunscrever os efeitos da imigração na virada do século, notadamente a partir da investigação racial da composição populacional. Nos termos de Biagini,

[80] "la presencia de inmigrantes italianos y españoles, que conservaban el comportamento favorable a la natalidad característico de sus respectivos países de origen, permitió la detención del retroceso" (2007, p. 169)

> tais pautas caractereológicas, ainda quando concebidas com um alcance mais ou menos permanente e definitivo, permaneciam sujeitas em geral a uma instância significativa: o fenômeno imigratório e suas possibilidades de incidir notoriamente na fisionomia nacional (1989, p. 120)[81].

Apesar do apelo progressista de seu projeto, portanto, a caractereologia biologista que informava sua visão sobre a decadência, principalmente no que diz respeito à vinda de europeus para Buenos Aires, se afinizava com as leituras de tom espiritualista ao propor que a causa fundamental dos males argentinos se encontrava no

> excesso de civilização, [na] sofisticação no consumo e conforto, agravada pela vida nas grandes cidades, que causam o empobrecimento do sangue, a diminuição da energia muscular, a perversão e a acentuação de um espírito de análise hiperracionalista que desemboca no ceticismo, no niilismo e na ruína da vontade (TERÁN, 2008, p. 114).[82]

Uma das vozes mais proeminentes da cultura científica na Argentina foi José Ingenieros. Uma voz bastante específica, é importante frisar, pois, num universo intelectual permeado por relações de parentesco político, posicionava-se no debate a partir da condição de imigrante italiano. Ingenieros foi um dos expoentes da formatação mais clássica do positivismo argentino, a saber, aquela que associava o discurso médico e o biologismo positivista a um ponto de vista socialista[83]. A questão social aparece, para ele, como doença, no sentido amplamente higienista que circulava por grande parte dos discursos intelectuais do começo do século XX. Embora a concepção de Ingenieros tenha assumido contornos distintos ao longo de sua trajetória, um marco importante dos debates que pretendo rastrear é o periódico *La Montaña*, fundado ainda em 1887, que o jovem Ingenieros dirige em companhia de Leopoldo Lugones.

O número inicial da publicação trazia o manifesto "Somos socialistas". Isso importa na medida em que, naquele contexto, a associação entre socialismo, sociologia e positivismo começava a ganhar corpo, o que será sumamente importante para a carga semântica dessas ideias ao longo de todas as décadas subsequentes. No manifesto, defende-se a supressão do Estado e a negação de todo tipo de autoridade, cláusulas no mínimo heterodoxas num debate

---

[81] "tales pautas caracterológicas, aun cuando fuesen concebidas con un alcance más o menos permanente y definitivo, permanecían sujetas por lo comun a uma instancia significativa: el fenómeno inmigratório y sus possibilidades de incidir notoriamente en la fisionomia nacional" (1989, p. 120).

[82] "exceso de civilización, sofisticación en el consumo y el confort, agravada por la vida en las grandes ciudades, que causan el empobrecimento de la sangre, la disminución de la energia muscular, la perversión y el acentuamiento de um espíritu de analisis hiperracionalista que desemboca em el escepticismo, el niilismo y la ruina de la voluntad" (TERÁN, 2008, p. 114).

[83] Embora não seja o objeto prioritário da discussão desta tese, é possível estabelecer uma relação de afinidade entre as posições socialistas e positivistas. Encontrando-se no campo progressista, as duas posições se consolidaram em regime de cooperação, haja visto o intercâmbio entre as publicações do Partido Socialista argentino e as declarações de princípio dos assim denominados positivistas. Para uma análise mais elaborada acerca dessa relação é possível consultar Beired (1996), Di Tella (2010) e Donghi (2000), análises contextuais onde a fundação do partido comunista e, principalmente, do partido socialista, são relacionadas às disputas intelectuais em torno do positivismo e do anti-positivismo.

intelectual composto, como supracitado, pelos filhos da aristocracia portenha. É também a partir de *La Montaña* que circularam algumas das primeiras reflexões sobre Marx, nas quais o socialismo aparece enquanto uma moral, em oposição ao ócio aristocrata. Apesar de que *La Montaña* tenha tido vida e audiência relativamente pequenas, Ingenieros tornou-se paulatinamente uma das principais vozes do debate sobre a questão da imigração e Lugones seria, anos depois, o cânone literário portenho. Em *Al Margen de la Ciencia*, livro de crônicas de viagem publicado em 1908, Ingenieros utiliza um repertório sintomático dos supostos teóricos positivistas e biologistas que circulavam então: ele sustenta que a escravidão deveria ser mantida em benefício dos seres humanos de segunda classe que se encontravam sob seu jugo. O regime escravocrata seria algo como a chancela política e jurídica de um fato de ordem puramente biológica (as leis sociais não criam a biologia, adaptam-se ou não a ela). A experiência argentina, segue Ingenieros, estaria revelando quão nefasta poderia ser a influência da mestiçagem no processo civilizatório. Antes de que pudesse ouvir quaisquer acusações sobre o caráter eugênico dessas teses, ele propunha que a sociologia não pode ser *sentimental* diante dos fatos: lamentar a desaparição das raças inadaptadas significava, para ele, ser anti-científico.

Bibiana del Brutto sintetiza os reclamos iniciais de Ingenieros, desde *La Montaña*, afirmando que

> o socialismo científico era a nova fé, o ideal positivo vinha a substituir a mudança religiosa que fazia perpetuar a ignorância e possibilitava a exploração, em substituição, o caminho positivo inspirava amor em direção aos despossuídos e oprimidos, encorajava o combate e o sacrifício (in GONZALEZ, 2000, p. 142)[84].

Em 1922, em banquete oferecido em honra de José Vasconcelos, Ingenieros não apenas elogia a revolução mexicana como a associa à penetração do positivismo que, libertando as consciências de velhos hábitos mentais como o kantismo, havia emancipado a geração que depois levou a cabo a revolução. O engajamento socialista, pois, e a construção da sociologia iam constantemente de par no pensamento de Ingenieros. O sentido desse engajamento, contudo, não era necessariamente popular. Conforme salienta del Brutto, o componente imigratório operava, na concepção de Ingenieros, a partir do lugar social do louco que é, em sua leitura, também um lugar biológico. Trata-se de uma variação que aparece também em *O homem medíocre* (INGENIEROS, 1913). Nessa obra, os partidários da uniformidade, no sentido primitivo em que propunha Spencer, aparecem como aqueles que se opõem à lei de que o progresso está na diferenciação e de que a desigualdade seria o pressuposto de qualquer

[84] "el socialismo científico era la nueva fe, el ideal positivo venía a reemplazar el cambio religioso que hacía perpetuar la ignorância y posibilitaba la explotación, en cambio, el recorrido positivo inspiraba amor hacia los expropriados y oprimidos, alentaba al combate y al sacrifício" (in GONZALEZ, 2000, p. 142)

seleção. Nessa obra, Ingenieros opõe, ao idealismo dogmático dos metafísicos, um idealismo experimental, orientado para o futuro. Nesse mesmo sentido, em sua obra mais famosa, *La sociologia argentina*, publicada originalmente em 1913, em Madri, a humanidade é retratada como uma espécie biológica que vive na terra lutando por sua sobrevivência como qualquer outra. Não está no mundo, pois, para realizar nenhum destino específico:

> Os fatos sociais e as transformações políticas não são boas ou más em si mesmas; resultam inevitavelmente de condições que concorrem a determina-las, próprias do ambiente em que os homens vivem e da acumulação das tendências que herdam devido a ação do meio sobre seus antecessores (INGENIEROS, 1957, p. 55)[85]

Ingenieros ganha espaço nessa discussão por operar como catalizador de um influxo positivista que não se restringia ao discurso "progressista". Exemplo desses significados múltiplos das leituras europeias, Ramos Mejía pode ser acionado como outro ponto de vista exemplar. Spenceriano tal como Ingenieros, Mejía via o progresso também como mecanismo inexorável. Mejía era, também como Ingenieros, médico, embora estivesse alocado, por seus vínculos familiares, em uma posição superior ao primeiro na hierarquia das consagrações intelectuais. Isso não impediu que comungassem na tese, tipicamente biologista, de que se a sociedade poderia ser vista como organismo a crise seria, por definição, uma enfermidade. Diferentemente de Ingenieros, contudo, o discurso de Mejía se encaminha para a composição de uma trincheira aristocrática frente aos efeitos danosos da modernidade. Trata-se de revalorizar a honra bárbara, recuperando os elementos de distinção na tradição nacional.

Tal como Mejía, Carlos Otávio Bunge também pertencia aos quadros mais tradicionais da elite bonaerense. Seu pai havia sido, inclusive, ministro da Suprema Corte. Bunge ficou conhecido como o mais "duro" dos positivistas argentinos, notadamente pelo recurso que fez às teses de Gobineau – para quem todo mestiço físico seria um mestiço moral - e pela formulação das propostas de resolução dos problemas sociais em termos de raça. Para Bunge, era necessário partir de que as sociedades possuem um fundo psicológico comum. Conforme Terán, tal asserção é um modo de fazer ressoar, mesmo na mais radical filiação positivista, os ecos metafísicos do diagnóstico crítico. As teses de Bunge denotariam, nesse sentido, que o contexto argentino exigia a admissão de uma reflexão ético-existencial para se posicionar nos

[85] "los hechos sociales y las transformaciones políticas no son buenas ni malas en si mismas; resultan inevitablemente de condiciones que concurren a determinarlas, propias del ambiente em que los hombres viven y de la acumulación de las tendências que esto heredan debido a la accion del medio sobre sus antecessores" (1957, p. 55)

debates e que, no caso de Bunge, essa ponte teria sido estabelecida através da psicologia (TERÁN, 2008).

Uma das obras mais famosas de Bunge, *Educación de los Degenerados*, parte de uma asserção que ilustra a continuidade de problemática que tenho tentado destacar: "Cada dia é maior, segundo as investigações da ciência, a sombra funesta que a degeneração projeta sobre a espécie humana" (1903, p. 5)[86]. Bunge diferencia a degeneração inferior, que rebaixa a moral, da superior, que rebaixa o corpo: o gênio, pois, não deixa de ser um degenerado, é um salto da natureza, e a natureza, afirma, não dá saltos. Tal proposta exige que se mantenha em vista o que, nos termos de Angenot (1989), caracteriza a própria disputa em torno do termo progresso em fins do século XIX: a polissemia dessa ideia-chave que foi capaz de abrigar, mesmo em seu progressismo, uma versão decadentista do devir: pode-se evoluir, nesse ponto de vista, rumo ao pior e ao trágico. Do apego à regularidade do mundo natural emerge, na obra de Bunge, a importância da educação "pois as primeiras forças da riqueza nacional não são as do espírito prático, mas o dos ideais do trabalho, da sobriedade, da boa fé... e esses ideais que não são congênitas devem ser adquiridas por meio de uma educação humanista" (idem, p. 58)[87]. O excesso de civilização, para ele, seria uma prova de que o maquinismo debilita. Essa aposta é importante pois aponta que, ainda que informado por um repertório amplamente filiado ao positivismo spenceriano, nem todas as soluções progressistas desse corpus teórico criam raízes na Argentina do começo do século. O veículo da degeneração, segue Bunge, é o avanço das ciências médicas, que preservam a enfermidade ao preservarem a vida do enfermo. É o moderno, nesse sentido, que produz a crise "já que não existem, como antigamente, aquelas grandes e periódicas e contínuas e saudáveis amputações sociais" (ibidem, 78)[88].

Uma adaptação importante da leitura spenceriana operada por Bunge é sua concatenação com o ponto de vista lamarckiano de que o exercício modifica a hereditariedade. Tal aposta constitui o núcleo de sua proposta educativa, na medida em que "a ciência e a arte que tem por objetivo inculcar e desenvolver nos indivíduos as maiores e melhores aptidões para a luta pela vida própria e pelo progresso da ciência" (1903, p. 95)[89]. O recurso a esse componente lamarckiano converte a *Bildung* de Bunge em uma operação de distinção social: propunha

---

[86] "Cada dia es mayor, segun las investigaciones de la ciência, la sombra funesta que la degeneración proyecta sobre la espécie humana" (1903, p. 5)

[87] "pues las primeras fuerzas de la riqueza nacional no son el espiritu práctico, sino los ideales del trabajo, de sobriedad, de buena fé... y esos ideales que no son congénitos en los degenerados liambres modernos, deben ser adquiridos por medio de una educación humanista" (idem, p. 58).

[88] "ya no existen, como antaño, aquellas grandes y periódicas y contínuas y saludables amputaciones sociales" (ibidem, p. 78).

[89] "la ciéncia y arte que ten por objetivo inculcar y desarrollar en los indivíduos las mayores y mejores aptitudes para la lucha por la vida propia y por el progresso de la pátria" (1903, p. 95).

educação diferenciada conforme distintos papeis sociais. A educação como distinção ajuda a perceber de que modo esses positivistas estão inseridos no debate público acerca dos efeitos da imigração.

Os efeitos danosos da confiança modernizadora defendida pelos positivistas, no entanto, começariam a ganhar destaque apenas no começo do século XX, momento em que o otimismo de filiação científica seria, então, abertamente questionado diante da dimensão do fenômeno imigratório que parecia, para a elite letrada de Buenos Aires, ter saído do controle de seus idealizadores. Se antes a imigração, em chave *sarmentina*, aparecia como panaceia civilizatória, como antídoto para o deserto e para a barbárie que este engendra, agora, a resistência de alguns setores de imigrantes a incorporar-se pacificamente à cultura argentina, bem como suas demandas efetivas por integração política, pareciam realocar a barbárie no território da civilização. Mesmo nesse contexto, contudo, o positivismo e, de forma mais ampla, as leituras científicas e progressistas do mundo, não foram considerados perniciosos em si, apenas incompletos (GUADAMARRA, 2011), motivo pelo qual é possível afirmar que essas teses discordam dentro de uma concordância mais ampla, a saber, o imperativo tautológico para o universo letrado que se resumia em refinar as dinâmicas de controle social frente à imigração e, em segunda ordem, as fronteiras de recrutamento intelectual: mesclar sem mesclar-se (TERÁN, 2008). Nesse sentido, a discussão que se entabula, no espaço público, entre Ingenieros, Bunge e, posteriormente, Ernesto Quesada, pode ser compreendida como uma tentativa de fazer operar, numa Argentina cindida por tensões sociais e imigratórias, uma função para a nova disciplina sociológica e, através dela, para a cultura científica de modo geral. Nesse terreno encontrarão, ao mesmo tempo, seus espaços de maior reverberação e suas críticas mais antagônicas: as leituras anti-positivistas ou "espiritualistas", que agora apresento.

Nas leituras anti-positivistas, como as de Alejandro Korn ou Paul Groussac, "se apelou ao acervo romântico que se ressentia do desenraizamento que a modernidade introduzia no interior de uma realidade anterior de cuja organicidade se sentia nostalgia" (TERÁN, 2008, p. 20)[90]. Essa leitura, afinada com a "nova sensibilidade" que ecoava das conferências de Ortega y Gasset, supunha que o qualitativo deveria opor-se ao cálculo, para que a aristocracia da virtude, que governa por poder tutelar "cultivada mediante uma prolongada educação que permita adquirir isso que se chama 'uma concepção de vida" (idem, p. 62)[91], pudesse retomar

[90] "se apeló al acervo romántico que resentía del desgarraminento que la modernidad introducia en el seno de una realidad cuya anterior organicidad se añoraba" (TERÁN, 2008, p. 20)

[91] "cultivada mediante una prolongada educación que permita adquirir eso que llama 'una concepción de vida" (idem, p. 62)

um sentido eminentemente argentino do moderno. A proposta, dessa forma, passava pela sustentação de um *ethos*, hábitos formados por uma sociabilidade específica onde se pudesse gerar "um espaço de retotalização que já não podem brindar nem a religião nem a metafísica" (ibidem, p. 66)[92].

Os assim chamados espiritualistas, numa chave *arielista*[93], concentravam suas propostas na recuperação de alguns elementos de vinculo comunitário que, segundo eles, haviam sido deixados para trás ao longo do processo de modernização. Distantes de poderem ser reduzidos a sua oposição à cultura científica, a tradição que aqui chamo de "espiritualista" tem origens remotas na cultura letrada argentina, tal como o positivismo. Um ponto de partida pode ser o movimento dos *krausistas*, descrito por André Roig (1969) como um "fenômeno de geração" que se opôs inicialmente à visão positivista.[94] Em sua composição do horizonte intelectual argentino, Roig localiza na segunda metade do XIX o florescimento da ciência natural, do romantismo paisagista e do positivismo. Os positivistas, homens de ação, se preocupavam mais com a funcionalidade de sua doutrina do que propriamente com manter uma ortodoxia frente às tradições europeias. É nesse contexto, para ao autor, que emerge o *krausismo*. Frente ao positivismo, o movimento tomou em suas mãos a tarefa de prolongar uma visão de mundo romântica, principalmente a partir de uma proposta pedagógica. Na política, os krausistas eram pelo voluntarismo nacional, propunham reformar a constituição, que julgavam muito universalista, e fazer com que o direito funcionasse para a vida. Por isso, sustentavam, a ideia de 'homem integral' deveria substituir a de 'cidadão'.[95] Um dos grandes representantes do

---

[92] "un espacio de retotalización que ya no pueden brindar ni la religión ni la metafísica" (ibidem, p. 66).

[93] O tema do arielismo será discutido ao longo da tese. Por hora, é importante mencionar que se trata da referência à obra Ariel, publicada por Rodó em 1900, e que deu forma e impulso ao movimento espiritualista e anti-imperialista em toda a América Latina e, como destacarei, especialmente na Argentina.

[94] Para Hugo Biagini, o krausismo era uma espécie de rigor kantiano do bem e do mal adaptado às gestões da coisa pública. Atitude exemplar, nesse sentido, seria a de Yrigoyen, "ao recorrer frequentemente a noções básicas como as de ética ou solidariedade o faz associando-as à participação comunitária, ao desenvolvimento econômico e a modernização integral, pressupondo uma realidade nacional que implica muito menos a restauração de uma ordem democrática do que sua empenhosa construção" (1989, p. 169) ["al recurrir frecuentemente a nociones básicas como las de ética o solidariedad lo hace asociándolas a la participación comunitária, al desarrollo económico y a la modernización integral, presuponiendo una realidad nacional que implica mucho menos la restauración de um orden democrático que su empeñosa construcción" (1989, p. 169)].

[95] Segundo Roig "Uma raiz dupla pode ser apontada em conexão com esse pensamento. Uma delas encontra-se na tradição doutrinal elaborada de maneira contínua e em muitos casos de alto valor intelectual que foi denominada em seu tempo "escola política do federalismo científico". Consistia de homens das fileiras do velho "partido federal", que de 1853 quase invariavelmente iam para a oposição. Esse "federalismo científico" tinha como pano de fundo uma filosofia espiritualista. Seus membros tentaram principalmente uma síntese do liberalismo e do catolicismo, entrando assim em muitos deles em outro movimento muito amplo e difuso que também foi chamado de "tradicionalismo". Eles eram quase todos de origem eclética, leitores de Donoso Cortés, Montalembert, Guizot, Berryer, Laboulaye, von Mohl e os federalistas norte-americanos. Seus nomes preencheram boa parte de nossa história intelectual da segunda metade do século XIX: Manuel Antonio Sáez, Bernardo de Yrigoyen, José Tomás Guido, Guillermo Rawson e muitos outros. Tudo certamente com nuances pessoais, mas unidos sob a mesma bandeira de luta em favor de um liberalismo federalista" (Roig, 1969). ["Una doble raíz puede señalarse a propósito

movimento era Hipólito Yrigoyen que, nos termos de Rapoport e Seoane (2007), utilizou-se dos aportes do movimento para orientar sua prática política "que deu forma à ideologia do caudilho radical com um certo sentido principista e uma certa consciência da função relevante dos organismos intermediários na vida social" (2007, p. 283)[96].

O movimento krausista, embora subestimado na tradição da discussão entre positivistas e espiritualistas argentinos, aciona um debate que permeou toda a querela posterior: aquele que remontava à distinção entre comunidade e sociedade, que tem sua formulação mais famosa na obra de Ferninand Tonnies, publicada originalmente em 1887 na Alemanha. Para o sociólogo alemão, o grande conflito do século XIX pode ser condensado na oposição entre pensamento histórico e racionalismo. A partir desta tensão Tonnies formula sua oposição entre comunidade (*Gemeinschaft*) e sociedade (*Gesellschaft*), a primeira, orgânica e real, responsável pelos vínculos primevos e naturais e a segunda, abstrata, constituindo-se como o espaço do estrangeiro, da esfera pública. Na síntese do próprio autor, tal situação incide sobre a vida do indivíduo na medida em que "ele tem uma comunidade de linguagem, costumes, crenças, enquanto a sociedade propõe negócios, viagens ou conhecimento científico" (1995, [pt-br], p. 18)[97]. Essa divisão foi fundadora de uma série de revisões que ganham fôlego, em todo mundo letrado ocidental, em meados do século XX. No caso argentino, o laço comunitário aparecia como garantia de um vínculo nacional que se esmorecia diante do vulto da imigração, e era um dos temas recorrentes da tradição que se opunha ao positivismo "modernizador".

Filiados, pois, à tradição da desconfiança em relação aos efeitos unilateralmente positivos da modernidade, a concepção espiritualista vinculada a defesa de uma Argentina orgânica (ou *verdadeira*, sob ponto de vista do Ser nacional) imprime à ideia de crise um sentido eminentemente trágico. Ao contrário dos positivistas, que viam a crise como uma dimensão necessária do progresso e, nesse sentido, como uma fase potencialmente criativa, os

---

de este pensamiento. Una de ellas se la encuentra en la tradición doctrinaria elaborada de modo continuo y en muchos casos de elevado valor intelectual que se denominó en su época "escuela política del federalismo científico". Estuvo integrada por hombres salidos de las filas del antiguo "partido federal", que a partir de 1853 militaron casi ininterrumpidamente en la oposición. Este "federalismo científico" tuvo como trasfondo una filosofía espiritualista. Sus integrantes intentaron en su mayoría una síntesis de liberalismo y catolicismo, ingresando de este modo muchos de ellos en otro movimiento muy amplio y difuso que se ha llamado también "tradicionalismo". Fueron casi todos de origen ecléctico, lectores de Donoso Cortés, Montalembert, Guizot, Berryer, Laboulaye, von Mohl y los federalistas norteamericanos. Sus nombres llenaron buena parte de nuestra historia intelectual de la segunda mitad del siglo XIX: Manuel Antonio Sáez, Bernardo de Yrigoyen, José Tomás Guido, Guillermo Rawson y tantos otros. Todos ciertamente con matices personales, pero unidos bajo un mismo estandarte de lucha a favor de un liberalismo federalista" (Roig, 1969)].

[96] "que dio forma a la ideologia del caudillo radical con un sentido principista y una cierta conciencia de la función relevante de los organismos intermédios en la vida social" (2007, p. 283)

[97] "he have a community of language, custom, belief, but a society for purposes of business, travel or scientific knowledge" (1995 (versão port.), p. 18).

espiritualistas buscavam uma "retotalização" nas antípodas da ideia de evolução. Nos termos de Ferré tratava-se de um empenho de "recuperação da metafísica, especialmente a partir da influência de Kant, pelo caminho da ética" (1958, p. 46)[98]. Na leitura desses autores, algumas das filiações de seus contemporâneos positivistas não faziam mais que traduzir a periclitante substituição da comunidade pela sociedade, pela ciência. Spencer, por exemplo, ferrenho crítico da metafísica e muito acionado por Bunge, Mejía, entre outros, funcionava como anátema. Spencer era o responsável por defender que a evolução poderia e deveria ser observada pela análise do social, pela divisão fisiológica do trabalho nos organismos de acordo com as capacidades adaptativas. As estruturas estariam, para ele, em relação analógica com as instituições. Sob esse ponto de vista, as ciências naturais determinam as Leis, e as ciências do espírito, em relação de cumplicidade, as identificam nos fenômenos sociais. As grandes linhas de força mobilizadas pelo setor espiritualista das letras argentinas são, na contramão dessa tradição biologista de Spencer, Nietzsche e Bergson. Uma outra concepção da ideia de "vida", como salienta Schnadelbach (1991), é operacionalizada nesse repertório: a razão filosófica desinteressada como antídoto da razão científica e, em última instância, a revalorização da vida enquanto manifestação do espírito.

Ponto de inflexão, a *crise* denunciada em obras de autores tão dissimiles como Husserl, Weber, Simmel, Nietzsche e Tonnies é também a crise dos próprios enunciadores, dos intelectuais. Comum a todos os diagnósticos – embora não a todas as terapias – o fato de que o indivíduo submerge na *massa*. A divisão entre aqueles que propunham a sobrevivência do indivíduo apesar da massa e aqueles que propunham sua integração saudável não é mais que uma discordância na concordância: mantém-se o *nomos* fundamental da decadência. O desencantamento de Simmel, em termos de diagnóstico trágico, encontra eco na chamada *Teoria das Elites*, formulada inicialmente pelos italianos Vilfredo Pareto e Gaetano Mosca. Ainda que as filiações políticas não possam ser estabelecidas de antemão, a tese dos sociólogos italianos de que a sobrevivência de uma minoria que governa uma maioria destituída de poder de juízo "era uma lei sociológica inexorável, que nem mesmo o mecanismo do sufrágio universal era capaz de romper" (GRYNSPAW, 1999, p. 11) está informada, tal como a de Simmel, pelo temor de que a urbanização e a modernização das grandes cidades europeias solapassem o legado do individualismo iluminista. O medo das massas se apresenta, nessa tradição, como o medo do próprio inconsciente, associação que tem desdobramentos efetivos não somente a partir de Freud, mas já na obra de Gustave le Bon e Hippolyte Taine. Como

[98] "recuperación de la metafísica, especialmente bajo la influencia de Kant, por el caminho de la ética" (1958, p. 46).

lembra Bresciani, trata-se de uma manifestação de uma conhecida tríade: "máquinas, multidões, cidades: o persistente trinômio do progesso, do fascínio e do medo" (BRESCIANI, 1985, p. 37). O recalcado da modernidade – os setores populares que começam a cobrar seu quinhão no progresso civilizatório e na melhoria das condições de vida - agora caminha nas ruas de Paris ou de Berlim e se confunde com a pluralização das demandas por sufrágio e por direitos[99]. Esse setor não formula objeção à elite intelectual em termos de argumentação formal, não participa da mesma sociabilidade, mas impõe sua existência incontornável com o próprio *ethos*[100].

A circulação dessa perspectiva de catástrofe mobiliza autores como Ortega, Spengler, Tonnies e Simmel, todos vinculados, como será tratado mais adiante, à mais fina tradição do pensamento romântico alemão (RASMUSSEN, 1996; MERLIO, 1996). É esse arsenal anti-positivista, como já havia sugerido Mannheim (1986)[101], o responsável pela formulação de uma solução passadista para a crise, e é também esse leque de diagnósticos que reverbera nas análises dos espiritualistas argentinos como Alejandro Korn e Paul Groussac. A proposta passava, em suma, por reabilitar os elementos autênticos do processo argentino, descortinando uma "missão histórica" que, inspirada por Ortega, era fundamentada na ideia de *geração*. Viver, para o filósofo espanhol, é posicionar-se em seu tempo, o fato de que hoje se creia na razão de

[99] Uma discussão clássica sobre o tema da transformações da cidade e sua interpretação como ameaça pode ser encontrado em WILLIAMS, R. *Campo e cidade na história e na literatura*. São Paulo. Companhia das Letras, 1990.

[100] Koselleck, em *Crítica e Crise*, sintetiza algumas concordâncias tensionais que informam o sentimento trágico a partir da recomposição das origens históricas do discurso crítico. Em seus termos, "a crise política (que, uma vez deflagrada, exige uma decisão) e as respectivas filosofias da história (em cujo nome tenta antecipar-se essa decisão, influenciá-la ou orientá-la ou, em caso de catástrofe, evita-la) formam um único fenômeno histórico, cuja raiz deve ser procurada no século XVIII" (1999, p. 9). Haveria, portanto, uma conexão intrínseca entre crítica e crise: o processo crítico do iluminismo conjurou a crise na medida em que o sentido político dessa crise permaneceu encoberto. A crise se agravava na medida em que a filosofia da história a obscurecia. A crise não era concebida politicamente mas, ao contrário, permanecia oculta pelas imagens histórico-filosóficas do futuro, diante das quais os eventos cotidianos esmoreciam (1999, p. 13). Na leitura de Koselleck, as filosofias da história que se desenvolveram sob os auspícios do discurso crítico, notadamente a ideologia do progresso burguês, tomam por base a ideia de que planejar a história equivale a dominar a natureza. Nesse sentido, não há resolução da crise, mas sua reiteração, na medida em que se desloca a tensão do hoje para a tensão do amanhã, assim, conclui o autor, "a incerteza da crise é idêntica à certeza do planejamento da história utópica" (1999, p. 158).

[101] Meinecke (1982), um dos grandes debatedores dessa relação entre romantismo e historicismo alemão que, de muitos modos, organiza o argumento de Mannheim, afirma *em El Historicismo y su genesis*, que "Em primeiro lugar, o historicismo nada mais é do que a aplicação à vida histórica dos novos princípios vitais descobertos pelo grande movimento alemão que vai de Leibniz à morte de Goethe" (1982, p. 12) ["ante todo, el historicismo no es más que la aplicación a la vida histórica de los nuevos princípios vitales descubiertos por el gran movimento alemán que va desde Leibdniz a la muerte de Goethe" (1982, p. 12)]. Para explicar o desenvolvimento dessa associação ao longo do século XIX, Meinecke recorre à ideia de que "o século do Iluminismo e do racionalismo nunca teve esses caracteres como exclusivos, mas desde seu surgimento, carregou consigo o germe do que, no século XIX, emergiria como romantismo e historicismo" (ibidem, p. 211). ["el siglo de la Ilustración y del racionalismo no há tenido nunca como exclusivos estos caracteres, sino que, desde su aparición, llevó em su seno el germen de lo que, em el siglo XIX, había de surgir como romantismo e historicismo" (ibidem, p. 211)]. O movimento historicista alemão torna-se, nessa leitura, o local de síntese da superação da ilustração, na medida em que faltava aos iluministas uma espécie de "experiência vital", uma conexão com as forças anímicas. A culminação dessa atitude seria, ainda para Meinecke, Ranke, que alia as ideias à realidade na medida em que as vai vivendo.

forma mítica seria suficiente, em sua leitura, para que as gerações argentinas sintam o chamado de combater pela causa da vida. A geração histórica, nesse sentido, aparece como unidade espiritual: a vida deixa de ser, portanto, a vida orgânica da tradição positivista.

A tensão entre as culturas científica e humanística, embora se dê prioritariamente no âmbito privado dos cafés, reuniões e clubes de discussão, teve também inflexões no mundo universitário que estava, nesse contexto, se reestruturando, notadamente em Buenos Aires. Tanto o surgimento de perspectivas sociológicas alinhadas à cultura científica quanto, por outro lado, a crítica de cariz espiritualistas aos processos de modernização, são componentes desses debates, bem como os ecos da Reforma Universitária de Córdoba, em 1918, que será analisada em conjunto com esse confronto de leituras sobre a *crise*. Para isso, baseio-me no diagnóstico de Graciano (2008) de que o debate entre nova universidade e velha universidade atualizava, com todas as contradições aparentes, o debate entre positivismo e anti-positivismo.

Conforme Ciria (1968), o movimento de Córdoba não nasce restrito à universidade "porque o mal estar universitário se vincula estreitamente com o choque social que marcou o fim da belle époque" (1968, p. 23)[102]. A tensão já existia em Buenos Aires. Os anos anteriores haviam sido permeados por episódios de estremecimento na relação entre a Universidade e o poder público; a especificidade de Córdoba, nesse sentido, era seu conservadorismo. A antiga universidade de Córdoba encontrava-se organizada de modo hermético, e não teve o mesmo sucesso que sua congênere bonaerense em absorver os influxos da modernização que envolviam, principalmente, o acesso da nova classe média imigrante ao universo letrado. O confronto entre o *mandarinato* professoral, católico, e os alunos, em Córdoba, foi ricamente descrito. Chamo atenção, todavia, para o fato de que o movimento foi transportado para fora da universidade e ganhou conotações mais amplas a partir do esforço de nomes como Ingenieros, Justo, Palacios, Augusto Bunge e Lugones, principalmente a partir da organização do primeiro congresso nacional de estudantes, ocasião em que se

> Projetou interessantes esquemas de lei e estatutos universitários, e proclamou a necessidade de autonomia, governo tripartite partidário, acesso livre às aulas, docência livre, regime de concursos e periodicidade de cátedra, publicidade dos atos universitários, bem estar estudantil, extensão e orientação social universitária, liberdade de juramento, nacionalização das universidades provinciais do Litoral e Tucumán, etc (apud CIRIA, 1968, p. 36)[103]

[102] "porque el malestar universitário se vincula estrechamente con la quebra social que marcó el fin de la belle époque" (1968, p. 23).

[103] Proyectó interessantes esquemas de ley y estatutos universitários, y proclamó la necesidad de autonomia, gobierno tripartito partiário, assistência libre, docência libre, régimen de concursos y periodicidad de cátedra, publicidad de los actos universitários, bienestar estudantil, extensión y orientación social universitária, libertad de juramento, nacionalización de las universidades provinculares del Litoral y Tucumán, etc (apud CIRIA, 1968, p. 36)

O texto *Paso a los jovenes*, de Lugones, dá também algumas pistas acerca da circulação da "nova sensibilidade", bem como das possibilidades múltiplas de apropriação que esse repertório atingiu (artigo publicado em *El Tiempo*, em junho de 1896 apud Ciria, 1968). Lugones está empenhado, nessa ocasião, em denunciar a tirania dos *velhos*, antigos inquilinos universitários, responsáveis pela situação calamitosa de Córdoba a partir da qual se deduz, efetivamente, que "a guerra é, sobretudo, contra a juventude" (apud Ciria, 1968, p. 50). Ainda mais inflamada é a proposta de Adolfo Korn Villafañe, no fragmento de Incipit Vita Nova (RN, 1920):

> Não devo ignorar minha própria responsabilidade e me acuso de haver lido, no silencio das bibliotecas, as páginas de alguns livros eruditos. E essa é minha máxima culpa. 'Oh! Se pudera alguma vez contribuir a que desaparecesse o espírito advocacil e mesquinho! Assim as maravilhosas turbas de Alexandria incendiaram em fogo sagrado os papiros do mundo antigo, porque os tesouros da ciência se haviam convertido no instrumento sutilíssimo e frio dos acadêmicos e legistas. Mas hoje o tempo passou tal como a simplicidade de por fogo em bibliotecas! É preciso incendiar com chamar de entusiasmo os corações da juventude (in CIRIA, 1968, p. 57). [104]

A proclama irreverente do movimento de Córdoba poderia condensar-se na fórmula: sobram ídolos e faltam altares. Também José Luis Romero, falando em 1956 sobre a reforma de Córdoba, rememora a sensibilidade espiritual que inspirou o movimento "eu não posso conceber a reforma como um conjunto de princípios rígidos e imutáveis, mas como um impulso do espírito" (apud GONZÁLEZ, 2000, p. 22)[105]. A letra mata, sintetiza, o espírito vivifica: eis o fundamento, para Romero, do humanismo do projeto. O mesmo autor, em texto de 1978, pontua que o movimento de 1918 questionou duas tradições, a colonial e a neoescolástica de tendência autoritária, superando inclusive a vigorosa influência do positivismo que tornava ainda mais robusta a vocação profissionalista que os estudantes de Cordoba questionam: "a tirania dos que não vão além do catecismo comtiano".

Também comentando o episódio de Córdoba, um dos nomes de proa do anti-positivismo argentino, Alejandro Korn, primeiro decano reformista, pondera que:

> Uma verdadeira crise cultural se abatera nas universidades. De um lado, a persistência do passado, o império da corrupção generalizada, a prevalência das mediocridades, a rotina e a sonolência do habitos dos professores e de outro a orientação patentemente utilitária e profissional de ensino, a ausência de

[104] No he de desconocer ni empero mi propia responsabilidad y me acuso de haber leído en el silencio de las bibliotecas las paginas de algunos libros eruditos. Y ésta es mi culpa grande. !Oh si pudiera alguna vez contribuir a que desaparezca el espiritu abogacil y mesquino! Así las maravillosas turbas de Alejandría incendiaron en fuego sagrado los papirus del mundo antiguo, porque los tesoros de la ciência se habian convertido en el instrumento sutilíssimo y frio de los académicos y los legistas. Pero hoy se ha pasado el tiempo y la simpleza de prender fuego a las bibliotecas! Hay que incendiar en llamaradas de entusiasmo los corazones de la juventud (in CIRIA, 1968, p. 57).

[105] "yo no puedo concibir la reforma como un conjunto de princípios rígidos e inmutables, sino como un impulso del espíritu" (in GONZALEZ, 2000, p. 22).

> todos os interesses superiores, o esquecimento da missão educativa e, finalmente, o autoritarismo desajeitado e a falta de autoridade moral, deram origem àquela reação que nasce das próprias entranhas da nova geração (2008, p. 37)[106]

Korn destaca que os reformistas entenderam que não se tratava de um problema de professores, mas do espírito da instituição. Cita, com ênfase, nesse sentido, a influência de Bergson, a partir da qual o cientificismo otimista do começo do século XX é condenado como cumplice de uma concepção utilitária da vida. O problema de Córdoba e da universidade em geral era, em seus termos, talvez uma questão de método, mas muito mais uma questão de atitude humana. Vale ressaltar que o movimento se inscreve na tradição crítica ao positivismo da geração anterior e, ao contrário dele,

> tentou penetrar na Argentinade através de preferências e valores, em vez do determinismo social e ambiental usado pelos homens dos anos 80 e 96. Nesta nova geração, militaram figuras como Alejandro Korn, Ricardo Rojas, Alfredo Palacios, Ricardo Levene, Juan B. Teran, Saul Taborda e muitos mais. Na maior parte do tempo, eles estavam envolvidos no Movimento de Reforma Universitária, embora sempre dentro da estrutura das idéias republicanas e liberais que alimentavam seus antecessores (NASSIF, 1968, p.9 apud TUNNERMANN, 2008, p.42)[107].

Interessante pontuar que, convivendo de modo aparentemente harmonioso com as leituras espiritualistas sobre o movimento de Córdoba, aparece uma concepção como a de Ingenieros, anos antes de encampar o positivismo rígido de inspiração spenceriana. Concordando na necessidade de mudança, Ingenieros insere um elemento que depois se desenvolverá de modo sistemático em suas teses: a ideia de que a crise se soluciona com os olhos no progresso, não na história. Em *La Universidad del porvenir*, Ingenieros defende uma educação integral, tal como a Bildung espiritualista encampada por Alejandro Korn, Paul Groussac ou Miguel Cané; no entanto, não passa desapercebida sua ressalva de que "estamos longe, no entanto, de considerar desejável uma regressão às humanidades clássicas, que todos os missionários recomendam como uma defesa do espírito conservador contra o espírito de

---

[106] "Había sobrevenido en las universidades una verdadera crisis de la cultura. Por una parte la persistência de lo pretérito, el império de difundidas corruptelas, predomínio de las mediocridades, la rutina y la modorra de los habitus docentes, por outro la orientación pacatamente utilitária y profesional de la enseñanza, la ausência de todo interés superior, el olvido de la misión educadora y por ultimo el autoritarismo torpe y la falta de autoridad moral, dieron lugar a esa reacción que nace de las entrañas mismas de la nueva generación" (2008, p. 37)

[107] "intentó penetrar en lo argentino por la vía de las preferencias y de las valoraciones más que por la del determinismo social y ambiental utilizada por los hombres de la década del ochenta y del año 96. En esa nueva generación militaron figuras como las de Alejandro Korn, Ricardo Rojas, Alfredo Palacios, Ricardo Levene, Juan B. Terán, Saúl Taborda y muchos más. En su mayoría, ellos estuvieron comprometidos en el Movimiento de la Reforma Universitaria, aunque siempre dentro del marco de las ideas republicanas y liberales que alimentaron a sus antecessores" (NASSIF, 1968, p. 9 apud TUNNERMANN, 2008, p. 42).

renovação" (apud CIRIA, 1968, p. 65)[108]. A novidade é, precisamente, a ciência social, um novo modo de abordar os problemas, estudado por homens que tenham um "sentido de verdade fundado na experiência", que desejem conhecer as coisas de maneira clara. Um conhecimento que é útil aos povos, sintetiza ele, e não uma diversão de dândis. Patrícia Funes analisa os jovens de Córdoba na chave da inserção do elemento do "jovem" como valor positivo em si mesmo. Os *Ulisses criollos*, como ela os chama, aparecem como os grandes símbolos da década de 1920, década de crítica do sujeito liberal e da convocação da criatividade da barbárie frente à decadência do ocidente. Em seus termos, nesse contexto, "a hermenêutica da nação está atravessada pelos conteúdos da crise" (FUNES, 2006, p. 79)[109].

As discussões em torno do movimento de Córdoba permitiram que os positivistas que compunham o campo de debates, muitos deles inseridos nas próprias universidades, ainda que nas disciplinas "técnicas", confluíssem com seus críticos, apesar das discrepâncias teóricas, nessa necessidade de contensão/integração social das massas de imigrantes através de um elemento de *novidade*. Essa zona híbrida pode ser dimensionada, inclusive, nos planos de curso das cadeiras de filosofia e história desse contexto nas quais conviviam, sem contradição aparente, defesas apaixonadas de Spencer e elegias igualmente convictas sobre Kant. Além disso, como pontua Terán (2008), uma série de leituras compartilhadas entre os positivistas e seus críticos, notadamente Renan e Taine, são indicativos desse elemento de concordância na discordância: trata-se, em ambos os casos, de, diagnosticada a ineficácia da *quantidade* como instrumento de coesão social, apelar à *qualidade*.

Esse apelo à qualidade traduziu-se, no movimento espiritualista, em valorização da concretude da vida como suporte da metafísica, numa resistência à cultura científica positivista que, como já mencionado, pretendia capturar os fatos sociais a partir de uma concepção rigorosamente empírica. Karl Mannheim, analisando o contexto alemão, dá algumas pistas acerca de como o alinhamento à uma ou outra cultura acaba por fornecer indicativos de uma pretensão normativa mais ampla, que diz respeito não apenas a preferências teóricas, mas, sobretudo, aos projetos de futuro. Em *Conservatism*, o autor parte de que a separação entre ciência da natureza e ciência do espírito é a cisão inaugural que origina duas visões de mundo às quais, analogamente, se conectaria o debate entre pensamento liberal e pensamento histórico. Essa cisão, ainda, se manifesta, para o autor, como um conflito entre dois "estilos de pensamento", o que significa afirmar que, antes de que apresentem propriamente conteúdos

[108] "lejanos estamos, sin embargo, de considerar deseable una regresión a las humanidades clássicas, que todos los misoneístas recomiendan como una defesa del espiritu conservador contra el espiritu de renovación" (65).
[109] "la hermenéutica de la nación está atravesada por los contenidos de la crisis" (FUNES, 2006, p. 79).

discordantes, essas duas maneiras de ver o mundo apresentam, sobretudo, duas concepções de forma. Mannheim se refere, sobretudo, ao caso alemão, no qual observa que a indiferença em relação ao pensamento concreto, especialmente após 1789, foi combatida com uma *forma* conservadora, ainda que de conteúdos variáveis. Como componentes dessa forma, ou desse estilo, ele localiza a crítica ao liberalismo, à abstração, à técnica, etc, condensados numa formulação nostálgica, refratária ao mundo novo ao qual se quer opôr resistência. Para usar os termos do próprio autor, "uma das características mais essenciais deste modo conservador de experimentar e pensar parece ser o seu apego ao que é imediato e concreto de uma maneira prática" (MANNHEIM, 1986, p. 88)[110]. Em oposição a isso, no progressismo estaria implícita uma fé no possível e, com isso, uma tendência ao coletivo. Interessa observar, sobretudo, que o que Mannheim procura pôr em contraste são duas experiências de mundo, dois arquétipos que revelam, para ele, duas experiências do tempo, que podem ser elaboradas da seguinte maneira: "o progressista sempre experimenta o presente como o começo do futuro, enquanto o conservador o considera simplesmente como uma última encenação alcançada pelo passado" (item, p. 97)[111].

A discussão de Mannheim é beneficiada, proponho, quando acionada a partir do alerta de Koselleck acerca da necessidade de desnaturalização do tempo histórico. Em seus termos, não sendo o tempo algo auto-evidente, o *tempo histórico* é aquela formulação que ocorre na tensão entre espaço de experiência e horizonte de expectativa[112]. Nos termos de Koselleck,

> se no cômputo da experiência subjetiva, o futuro parece pesar aos contemporâneos por ele afetados, é porque um mundo técnica e industrialmente formatado concede ao homem períodos de tempo cada vez mais breves para que ele possa assimilar novas experiências, adaptando-se assim a alterações que se dão de maneira cada vez mais rápida (2006, p. 16).

Partindo dos aportes de Mannheim (1986) e da conceitualização de Koselleck (2006), sugiro que a expectativa dos intelectuais espiritualistas na Argentina da virada do século se encontrava, a partir de um leque amplo de experiências pregressas, substancialmente distante do alargamento do futuro que supunha a visão positivista, embasada na confiança do *devir* frente à uma experiência de crise. Há, para além de duas teses, dois "futuros passados" em contenda. Tal afirmação não equivale a atribuir um caráter autenticamente progressista aos

---

[110] "One of the most essential characteristics of this conservative way of experiencing and thinking seems to be its claining to what is immediate and concrete in a practic way" (MANNHEIM, 1986, p. 88).

[111] "the progressive always experiences the present as the beggining of the future, while the conservative regard it simply as a latest staged reached by the past" (idem, p. 97).

[112] "Crisis becomes a fundamental historical-phisolophical concept on the basis of which the claim is made that the entire course of history can be interpreted out of its diagnosis of time. Since then, it is Always one´s own particular time that is experienced as crisis. And reflection upon the particular temporal situation disposes one to both a knowledge of the entire past a prognosis of future" (KOSELLECK, 2006, p. 239).

apelos positivistas mas, apenas, um caráter relacionalmente progressista. Nesse sentido, como lembram Bourdieu e Boltanksi em sua análise sobre o 'conservadorismo progressista', "ele se define contra o conservadorismo primário, que presta desse modo um serviço final ao fazer o conservadorismo 'reconvertido' passar desapercebido ou fazendo com que ele pareça progressivo" (1976, p. 44)[113].

Tendo em mente, pois, que se tratam de dois setores das elites formulando, a seu modo, os contornos de sua própria subsistência, pode-se discutir de que modo ambos 'futuros passados' elaboraram suas concordâncias conceituais. A busca de um princípio interior como princípio anterior que, para Mannheim, caracteriza o *estilo conservador*, é uma das ideias-chave dos anti-positivistas argentinos, principalmente quando a ideia de crise se associa a um sintoma da modernização (MOLLER in PELLETIER, 2008). A restauração de uma totalidade, nesse sentido, cumpre uma função estratégica na crítica ao mundo técnico que, já em meados da década de 1930, é associado, numa Buenos Aires em franco crescimento, aos fenômenos da urbanização, da divisão do trabalho, da perda do sentido da vida e da modificação da composição urbana da capital. Como salienta Sarlo, embora a esquerda revolucionária também fizesse uso dessa crítica nostálgica alguns anos depois, "como tópico, a idade dourada é especialmente permeável às operações de uma ideologia conservadora" (SARLO, 2003, p. 33)[114].

Uma versão canônica da crítica a técnica pode ser encontrada, por exemplo, em Paul Groussac, humanista que ocupou posições proeminentes no universo intelectual argentino do começo do século. Em *Del plata al Niágara*, publicado em 1925 mas descrito pelo próprio autor como *páginas da virada do século*, lemos, a título de introdução, mais uma manifestação da circulação desse "discurso de catástrofe": "a próxima geração testemunhará, sem dúvida, a decadência da civilização que surgiu do eclipse medieval, embora não testemunhe, talvez, o reinado completo do que vem substituí-lo" (1925, p. IX)[115]. A ciência, sustenta Groussac, não faz mais que substituir a semi-verdade de hoje pela quase verdade de amanhã, é uma queda no canto da sereia, portanto, a posição que supõe que ela resolverá os problemas que criou. Esse universo detestável que informa o texto de Groussac é inspirado nos Estados Unidos, destino final da viagem que dá título ao livro. Cheios de educação, segue o autor, os norteamericanos

[113] "il se définit contre le conservatisme primaire, qui rend ainsi un ultime service en faisant passer inaperçu le conservatisme reconverti ou en le faisant apparaître comme progressiste" (1976, p. 44).
[114] "como tópico, la edad dorada es especialmente permeable a las operaciones de una ideologia conservadora" (SARLO, 2003, p. 33).
[115] "la generación vendrera presenciará, sin duda, la decadência de la civilización que surgió del eclipse medieval, aunque no, quizá, el completo reinado de lo que venga a sustituirla" (1925, p. IX).

são utilitários e egoístas, o que o leva a supor que quanto mais algo se generaliza, mais é falso e, se é assim, "ser nada mais do que civilizado é um estado passivo e estático que deve ser transitório: a única coisa que importa é viver, pelo menos em parte, da própria substância e irradiar luz original, mesmo que seja fraca e trêmula" (1925, p. XXIII)[116]. Apesar de um generalizado sistema de ensino, conclui Groussac, os EUA não têm homem de gênio: "a democracia igualitária na ordem intelectual produz a uniforme mediocridade" (1925, p. 323)[117]. O progresso material como regresso moral, frase que poderia definir a análise de Groussac, se coloca em relação de antagonismo com a terapia positivista mencionada anteriormente, que via o progresso material e o incremento da técnica como a possibilidade de atingir, através da ciência da sociedade, o progresso moral.

Miguel Cané, outro espiritualista proeminente deste contexto, também escreveu sobre suas impressões a respeito dos Estados Unidos em sua obra *En Viaje*, pela qual recebeu duras críticas de Ernesto Quesada - para quem Cané, como toda uma camada de dândis portenhos, "adora se fazer de fatigado". Quesada qualifica o livro como a análise de um burguês encantado e rotineiro, nada além de um diletante seduzido pela política. Apesar das críticas de Quesada, contudo, é imporante levar em conta fato de que dois dos grandes defensores da ideia de que a crise se resolveria de um ponto de vista da recuperação espiritual tenham dedicado obras ao exemplo norte-americano. Terán ressalta que "foi ali que se condensou a representação latino-americana dos EUA como a terra do pragmatismo e do norte-americano como um sujeito tosco, pouco esclarecido e voltado quase exclusivamente para as habilidades práticas e regidas pela lógica do interesse econômico" (TERÁN, 2004, p. 31)[118]. [119]

---

[116] "no ser más que civilizado es un estado passivo y precário que debe ser transitório: lo único que vale e importa es vivir, en parte al menos, de la propia substancia e irradiar luz original, si quiera sea débil y trémula" (1925, p. XXIII).

[117] "la democracia igualadora en el orden intelectual produce la uniforme mediocredad" (1925, p. 323).

[118] "fue allí donde se condensó la representación latino-americana de un EUA como tierra del pragmatismo, y del norteamericano como un sujeto tosco, escassamente ilustrado y voltado casi exclusivamente a habilidades prácticas y regradas por la logica del interés económico" (TERÁN, 2004, p. 31).

[119] Não é muito diferente a famosa apreciação de Ruben Darío condensada em *El triunfo del caliban*: "Não, eu não posso, eu não quero estar do lado daqueles búfalos com cabeça de prata. Eles são meus inimigos, eles são os inimigos do sangue latino, eles são os bárbaros. É assim que todo coração nobre estremece hoje, então todo homem digno reclama que algo mantém o leite do Lobo. E eu vi esses ianques, em suas esmagadoras cidades de ferro e pedra e as horas que tenho vivido entre eles, passaram com uma vaga angústia. Parecia-me sentir a opressão de uma montanha, estava respirando em um país de Cyclopes, comedores de carne crua, ferreiros bestiais, mastodontes habitantes de casas. Colorados, pesados, rudes, percorrem suas ruas e se esfregam animadamente, até a casa do dólar. O ideal desses Calibanes é circunscrito ao mercado de ações e à fábrica, eles comem, comem, calculam, bebem uísque e fazem milhões. Cante! Lar doce lar !! E sua casa é uma conta corrente, um banco, um preto e um cano. Inimigos de toda a idealidade são, em seu progresso apoplético, espelhos desconcertantes de aumento; mas seu Emerson bem qualificado é como a lua de Carlyle; seu Whitman com seus versos machado, é um profeta democrata, ao uso do tio San; e seu Poe, seu grande Poe, pobre cisne bêbado de tristeza e álcool, foi o mártir de seu sonho em um país onde ele nunca será entendido. Quanto a Lanier, ele se salva de poeta de pastores protestantes e de bocaneros e cowboys, da gota latina que brilha em seu nome" ["No, no puedo, no quiero estar de

O que se desenvolve, em suma, é a percepção de que o positivismo era parte de um projeto que ruía junto com a ciência e com os efeitos danosos do maquinismo e do "excesso civilizatório". A ideia passa a ser a busca por uma substância que resista à velocidade da mudança. A hierarquia financeira já não era mais capaz de garantir as distinções de pertencimento nacional. O que unia esses críticos da modernidade era, precisamente, um estilo de vida, manifestado intelectualmente na busca por esses espaços de retotalização identitária. São os valores tradicionais e espirituais buscados no Ariel, de Rodó, os que sustentarão a composição dessa nova atitude. O Ariel, afinal, combate nos Estados Unidos seu pouco apego pela história, apego que representaria, para a América Latina, o símbolo de sua democracia, sua finalidade e seu destino. Nos termos de Altamirano,

> o termo arielismo tem sido usado tanto para resumir a mensagem de Ariel como para se referir a certa orientação do espírito daqueles anos: uma atitude, também chamada de idealista, de insatisfação com a unilateralidade do cientificismo e da civilização moderna utilitária, a reivindicação de identidade latina da cultura das sociedades hispano-americanas frente à América anglo-saxónica, e a rejeição da nordomanía, como chamou Rodó à tendência de que os Estados Unidos sejam um modelo a imitar (2010, p. 10)[120]

A "crise" como pauta organizadora provoca, ainda, a emergência de um amplo setor católico e conservador que ganha paulatino espaço no universo letrado de Buenos Aires a partir do começo da década de 1930. A tradição espanhola seria mobilizada, então, como antídoto ao exemplo norte-americano. Nos termos de Beired, "respiritualização é o termo que sintetiza os ansios dos intelectuais católicos frente a um mundo que consideravam dilacerado por fenômenos tais como a luta de classes, o liberalismo, o socialismo e a dissolução da família" (BEIRED, 1996, p. 153). Essa composição aparentemente heterogênea de versões sobre a crise – positivistas, espiritualistas, nacionalistas, etc – não obscurece a concordância mais ampla que

---

parte de esos búfalos de dientes de Plata. Son enemigos míos, son los aborrecedores de la sangre latina, son los Barbaros. Así se estremece hoy todo noble corazón, así protesta todo digno hombre que algo conserve de la leche de la Loba. Y los he visto a esos yanques, en sus abrumadoras ciudades de hierro y piedra y las horas que entre ellos he vivido las he pasado con una vaga angustia. Parecíame sentir la opresión de una montaña, sentía respirar en un país de ciclopes, comedores de carne cruda, herreros bestiales, habitadores de casas de mastodontes. Colorados, pesados, groseros, van por sus calles enpurrándose y rozándose animalmente, a la casa del dólar. El ideal de esos calibanes está circunscrito a la bolsa y a la fabrica, comen, comen, calculan, beben whisky y hacen millones. Cantan!! Home sweet home!! Y su hogar es una cuenta corriente, un banro, un negro y una pipa. Enemigos de toda idealidad son, en su progreso apoplético, perpétuos espejos de aumento; pero su Emerson bien calificado está como luna de Carlyle; su Whitman con sus versículos hacha, es un profeta democrata, al uso del tio San; y su Poe, su gran Poe, pobre cisne borracho de pena y de alcohol, fue el mártir de su sueño en un país en donde jamás será comprendido. En cuanto a Lanier, se salva de ser un poeta para pastores protestantes y para bocaneros y cowboys, por la gota latina que brilla en su nombre"]

[120] "el término arielismo ha sido empleado tanto para resumir el mensaje de Ariel como para referirse a cierta orientación del espiritu de esos años: una actitud, denominada también idealista, de descontento frente a la unilateralidad cientificista y utilitária de la civilización moderna, la reivindicación de la identidad latina de la cultura de las sociedades hispano-americanas, frente a la America anglo-sajona, y el rechazo de la nordomanía, como llamaba Rodó a la tendencia que hacia de los Estados Unidos el modelo a imitar" (2010, p. 10).

organiza o consenso fundamental dessas discussões: a ideia de que só uma elite letrada, ungida por distinções natas e socializada num determinado modo de vida de cultivo do espírito, seria capaz de, via sistema de ensino, domar essas "forças telúricas" – para usar a expressão de Lugones - que tomavam as ruas de Buenos Aires.

O próximo ponto objetiva perscrutar de que modo essas tensões da *modernidade periférica* (SARLO, 2010) que foram condensadas aqui a partir das disputas teóricas entre positivistas e espiritualistas, se espraiaram pelo mundo universitário argentino, funcionando também como orientadoras da expectativa de que a universidade operasse como resguardo da cultura nacional. Parto de que, se o clima espiritualista se condensou paulatinamente na esfera privada, através de revistas como a Proa e, posteriormente, a Sur, a cultura positivista radicou-se mormente nas universidades. Tal configuração não é, suponho, trivial: tratam-se de dois modos de aquisição da cultura, cujas implicações constituem o objeto de análise prioritário deste estudo. Instrumentos de ascensão social por definição, os cursos universitários abrigariam com mais facilidade, como veremos, as concepções positivistas e universalistas que se depreendiam da cultura científica. Os salões, os cafés e as revistas e os movimentos de vanguarda, por outro lado, permanecerão como espaços de resistência do setor mais tradicional das elites intelectuais portenhas, filiadas à um ponto de vista mais espiritualista, mais identitário e com olhos mais atentos ao passado como fornecedor das chaves do futuro.

1.2. OS RELATÓRIOS DE ERNESTO QUESADA E A DEFINIÇÃO DE UM ESPAÇO PARA O INTELECTUAL UNIVERSITÁRIO

Se a crise esteve presente, enquanto diagnóstico compartilhado, nas leituras de positivistas e espiritualistas na virada do século, um outro significante pode ser acionado, neste momento da análise, no intuito de focalizar as fissuras nessa concordância temática das elites intelectuais argentinas.[121] O elemento de novidade, tão importante para movimentos como a Reforma de Córdoba de 1918, não implica numa posição oposta àquela que se estrutura a partir da narrativa crítica. Há modos, enfim, de equacionar a crise com a novidade, desde que se leve em conta que esses discursos são produtos não apenas de uma relação sincrônica com discursos anteriores mas, também, de modo diacrônico, da interação conflituosa com um universo de manifestações culturais. Conforme Beatriz Sarlo

> O novo é defendido precisamente por aqueles que têm certeza de seu passado, que podem recorrer à tradição e rearma-la como se fosse um álbum de família.

[121] A discussão entabulada nesse capítulo é uma versão mais longa e mais abrangente de artigo: Tedesco, A. (2018). *Dios nos salve de las ciencias sociales: os relatórios de Ernesto Quesada e o debate sobre as humanidades nas universidades argentinas*. Revista *Tempo Social*, *30*(2), 277-300.

> Aqueles que reivindicam a novidade não são os recém-chegados. Aqueles que defendem uma base ética ou ideológica fora da literatura, são também aqueles que precisam de uma base para serem aceitos como intelectuais legítimos (2010, p. 107)[122]

A complexificação da estrutura social da Argentina nas primeiras décadas do século (DONGHI, 2000) tem também impactos na conformação do espaço letrado. Para Miceli, a Argentina da década de 1930 foi uma época em que "tanto a morfologia da inteligência como os padrões de envolvimento dos intelectuais na política sofreriam transformações drásticas" (2018, p. 9). Diante nisso, a proposta, neste momento, é, a partir dessa mudança morfológica, investigar o desenvolvimento universitário das discussões sobre a crise. A esfera literária, ultima aristocracia intelectual para a elite de Buenos Aires, opõe-se à inserção da universidade na cultura técnica. A nostalgia da velha Argentina se torna, na pena desses intelectuais, projeto, tal como a organização científica do mundo havia sido anteriormente. Se trata, portanto, de capturar a historicidade dessa projeção, notadamente a partir das relações de intercâmbio desigual entre campo universitário e esfera privada de produção cultural. Isso será feito a partir de um recorte documental específico, a saber, dos relatórios que o professor de sociologia da Universidade de Buenos Aires, Ernesto Quesada, elaborou acerca dos sistemas universitários francês, inglês e alemão. Tanto o caráter extensivo do documento quanto a posição de destaque de Quesada nos debates sobre a universidade argentina viabilizam a análise desses relatórios enquanto ponto de partida de uma reflexão mais ampla sobre a universidade, que será desenvolvida nos próximos capítulos.

Partindo do pressuposto de que o contexto de recepção dos relatórios confere a eles um sentido específico dentro das lutas por posições no mundo universitário em questão (PINTO, 2009; SAPIRO, 2002, 2004; HEILBRON, 1999), a estratégia será analisar os informes supracitados em diálogo com a posição de Ernesto Quesada no campo intelectual argentino. Abordarei, através desse procedimento, pontos sensíveis dos debates sobre os projetos de organização do mundo intelectual nesse contexto, tais como: a ideia de uma ciência que, ao mesmo tempo em que deveria ser pensada como erudição, exigia uma organização institucional profissionalizada; os embates frente ao caráter diletante e pouco dedicado à pesquisa que conformavam as universidades argentinas e as relações intimas, muitas vezes indiscerníveis,

[122] "Lo nuevo es defendido precisamente por quienes están seguros de su pasado, que pueden recurrir a la tradición y rearmarla como si se tratara de un albun de família. Los que reclaman la novedad no son los recién llegados. Los que defienden un fundamento ético o ideológico exterior a la literatura, son también los que necesitan un fundamento para ser aceptados como intelectuales legítimos (2010, p. 107).

dos professores universitários com a política, efeitos de um modelo não profissional de recrutamento docente.

Central nessa discussão, como apontado anteriormente, é a posição ambígua da elite que frequentava a universidade nesse contexto, especialmente em Buenos Aires: por um lado, se encontrava diante da necessidade de resguardar uma distinção estatutária frente às demandas dos filhos da primeira geração de imigrantes que começavam, já então, a adentrar no sistema de ensino; por outro lado, encontrava-se diante da necessidade de repensar as limitações sistêmicas de um conjunto universitário que, tendo até então operado como local de sociabilização das elites autóctones, ganhava, já na década de 1910, um verniz profissionalizante, que seus críticos costumavam entender nos termos de uma "mera fábrica de diplomas", destituída, nesse sentido, de prestígio intelectual específico. Importa, nesse momento, perscrutar na constituição dos cursos de humanidades das universidades argentinas um relativo consenso institucional, fissurado apenas em termos teórico-programáticos pelos debates entre positivistas e anti-positivistas relatados no tópico anterior.

O próprio Ernesto Quesada encontra-se, se levarmos em conta sua trajetória bibliográfica, numa zona híbrida entre ambas as tendências. É a partir dessa condição, inclusive, que a reivindicação de uma universidade moderna e profissional que ele elabora nos documentos pode ser dimensionada: dificilmente seus reclamos seriam capturáveis por ortodoxias de uma ou outra vertente, mas caminhamos em território mais firme se o alocamos, precisamente, nessa intersecção entre disputas teóricas e disputas por projetos institucionais de organização da ciência, trazendo a tensão para a linha de frente da análise

A proposta é capturar, dessa forma, a interface política do discurso do "saber puro" (BOURDIEU, 2001, 2008; SAPIRO, 1999), especialmente evidente no contexto em que a Argentina passava por transformações culturais profundas e o próprio papel do intelectual naquela sociedade era posto em questão. Para tanto, a moldura teórica da discussão institucional segue sendo a disputa entre positivistas e espiritualistas apresentada anteriormente. Os primeiros anos da década de 1910 são aqueles que, na Alemanha, onde estuda Quesada, servem de inspiração e tema da conferência Ciência como Vocação, que será aqui mobilizada como interlocutora do projeto de Quesada. A proposta é indicar um aspecto fundamental que perpassa as discussões sobre a universidade alemã e que constitui precisamente a experiência social a partir da qual Quesada escreve: o debate sobre como defender a profissão de cientista (inclusive no campo das humanidades) como uma produtiva auto-limitação ascética que pudesse resguarda-la (a ciência) dos francos ataques que estava recebendo, a nível mundial, nas primeiras décadas do século XX. Trata-se, em suma, de discutir a possibilidade de combinar

uma Bildung (ideia de formação, tão cara aos debates argentinos do contexto aqui abordado), com o inevitável processo de profissionalização e especialização universitária, que é também um dos pontos sensíveis do debate entre positivistas e anti-positivistas argentinos, grupos que polarizavam então os debates sobre a relação entre os homens de letras e a política e, ao mesmo tempo, protagonizavam esse vinculo.

Na ocasião da formatura da turma de direito da Universidade de Buenos Aires em 1906, a fala de Quesada exemplifica a tensão que pretendo apresentar quando aponta para que a maior dificuldade da universidade argentina reside precisamente em que "o nível de ensino depende da vocação do professor, e tal qualidade é uma condição que não se adquire, mas que é espontaneamente revelada e aderida ao próprio ser" (QUESADA, 1906, p. 18)[123]. Continua, na mesma fala, concluindo que "o problema da universidade, portanto, não é de direito nem de estatutos: é de homens; e a questão acadêmica significa, em suma, a crise do professorado em suas condições atuais" (idem, 1906, p. 28)[124]. Dessa forma, situo os relatórios elaborados por Quesada nos marcos de uma tensão que ultrapassa as disputas epistemológicas do campo argentino como dado simplesmente teórico (a disputa narrativa entre os diversos 'projetos' de nação e de ensino, que oscilavam entre as teses positivistas e espiritualistas de forma a criar a já mencionada zona híbrida entre eles).

A conferência de Max Weber acerca da Ciência como Vocação é o debate mais canônico de uma discussão que mobilizou uma geração de intelectuais no começo do século XX (LEPENIES, 1985). Nos termos weberianos, o irreversível processo de intelectualização do mundo e seu correlato desencantamento não poderiam, a custo de sacrificar a tradição da universidade alemã, redundar na discricionariedade valorativa que transformaria, se consumada, professores em propagandistas, ferindo assim o âmago da própria função destes[125].

---

[123] "el nível de la enseñanza depende de la vocación del professor, y tal calidad es una condición que no se adquire, sino que se revela espontaneamente y como adherida al ser mismo" (1906, p. 18)

[124] "el problema universitário, por lo tanto, no es de ley ni de estatutos: es de hombres; y la cuestión académica significa, en definitiva, la crisis del profesorado en sus actuales condiciones" (1906, p. 28).

[125] Para um detalhamento da famosa posição de Max Weber quanto às possibilidades epistemológicas da neutralidade científica é possível consultar *O sentido da neutralidade axiológica nas ciencias sociais e econômicas,* texto no qual, por exemplo, pode-se ler: "A alegação de que o professor universitário deveria ser totalmente destituído de paixão e de que deveria evitar todos os assuntos que ameaçassem introduzir emoção nas controvérsias é uma opinião estreita e burocrática que todo professor de espírito independente deve repudiar" (WEBER, 2016, P. 561). A questão colocada por Weber é a diferenciação lógica entre as diversas modalidades: o professor deve tornar claro para seu público, e especialmente para si próprio "quais de suas afirmações são fatos logicamente dedutíveis ou empiricamente observados, e quais são afirmações de avaliação prática" (idem, p. 561), é um requisito de honestidade intelectual operar essa disjunção. A integridade intelectual seria, assim, a única virtude específica que a universidade deveria inculcar, pois com ela se pode ter a especialização neutra e a fala prático-ética. Hoje em dia, sustentava Weber, o posicionamento ético do professor não é mais tomado como inequívoco. Hoje, referindo-se ao contexto de Weimar, a situação é mais complexa, a ponto de se falar em "direitos de personalidade" do professor. O drama é que esses profetas novos, ao invés de procederem, como outros profetas, nas igrejas e praças púbicas, o fazem das cátedras. "Considerando-se os mais qualificados para enunciar suas

Essa é a discussão matricial de Ernesto Quesada, a problemática que atravessa seus relatórios e embasa seus pareceres.

Dificilmente seria possível superestimar o papel de Quesada nessas discussões, tanto por sua vinculação institucional e seu círculo familiar quanto pela sua inserção específica nos debates sobre a questão universitária. Ernesto Quesada é filho de Vicente Quesada, homem de cultura que trabalhou, dentre outras coisas, como diplomata, e participou, a partir de sua posição enquanto membro da classe média ilustrada, da reivindicação de um campo de possibilidades para o intelectual na Argentina. Representante desse setor em ascensão na sociedade portenha, Vicente proporcionou ao filho uma educação rebuscada na Europa (Ernesto estudou na França e na Alemanha), convencido de que "os elementos distintivos de uma elite autêntica estavam então no conhecimento e, conseqüentemente, na aquisição de uma sólida formação intelectual era um impulso de primeira ordem na consolidação do status social" (BUCHBINDER, 2012, p. 65)[126]. Como pesquisador e historiador, Ernesto Quesada publicou uma série de artigos e um famoso livro sobre Rosas, além de uma série de relatos de viagens e trabalhos de crítica literária (inserido também no famoso debate sobre o *criollismo*)[127]. Interessa abordar nesse momento, no entanto, seus relatórios técnicos, que fornecem indicativos acerca de sua função como organizador e mediador do campo das letras argentino.

Além da já mencionada cátedra de Sociologia *na Facultad de Derecho y Ciencias Sociales* e na *Facultad de Filosofia y Letra*s da Universidade de Buenos Aires, ele ocupou

---

avaliações sobre questões essenciais 'em nome da ciência' e na tranquilidade cuidadosamente protegida das salas de aula privilegiadas pelo governo, dentro das quais não podem ser controlados, ou confrontados pela discussão, ou submetidos à contestação" (WEBER, 2016, p. 563). Uma preleção deveria ser diferente de um discurso, sintetiza. O ponto de honra weberiano é de que apenas na área de sua especialidade o professor tem esse direito de autonomia frente a avaliação pública. "Não há, contudo, qualificação especializada para a profecia pessoal" (idem, p. 563). Deve, pois, procurar outras esferas para expor sua visão de mundo, como qualquer outro. Quando o fizer, contudo, não deve faze-lo como homem de ciência, mobilizando o prestígio que o Estado lhe conferiu como professor. "Não é verdade – como muitos tem insistido – que a personalidade é e deveria ser um todo, no sentido de que ela se deforma quando não se manifesta em todas as ocasiões possíveis" (564). É de mau gosto, pois, misturar assuntos pessoais à analise especializada dos fatos, isso destitui a palavra profissão da única acepção significativa que ainda possui. Nas universidades alemãs, o regime de privatdozents e a consequente competição por alunos acabam dando proeminência ao profeta, ao que eleva o tom de voz para fazer profissões de fé. "Temo que os que tornam suas preleções estimulantes mediante intromissão de avaliações pessoais irão, a longo prazo, enfraquecer o gosto do estudante por análises empíricas ponderadas" (ibidem, p. 569). Por ultimo, deve-se combater a ideia de que atinge-se a neutralidade pela exposição dos contrários e pela busca do meio termo entre eles. Ao contrário, o que a ciência pode oferecer é dizer: a. tais os quais posições avaliativas essenciais são concebíveis com referência a tal problema prático, b. que são estes ou aqueles fatos que se devem levar em conta ao fazer sua escolha entre tais posições avaliativas" (WEBER, 2016, p. 570)

[126] "los elementos distintivos de una auténtica elite estaban entonces en el conocimiento y, consecuentemente, la adquisición de una sólida formación intelectual era un impulso de primera orden en la consolidación del status social" (BUCHBINDER, 2012, p. 65).

[127] *La Época de Rosas: su verdadero caracter histórico* publicada em 1898 é a obra mais conhecida de Quesada, que, segundo analistas como Terán (2008) e Buchbinder (2012), inaugurou uma tradição que terá seu ápice duas décadas depois com Leopoldo Lugones: a revisão da era Rosas e a revalorização de seu legado para a formação da cultura argentina

também outros cargos chave no sistema universitário do começo do século: foi professor de Economia Política na então recentemente fundada universidade de La Plata, atuou como conselheiro e interventor da Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires no contexto da reforma de 1918 e foi também vice decano da FFyL. É durante seu período de maior atividade institucional que Quesada produziu os três relatórios que analiso em seguida: sobre a Faculdade de Direito de Paris, de 1906, sobre 22 universidades alemãs, de 1910 e sobre o sistema de avaliação da Universidade de Londres, publicado em 1912 mas redigido três anos antes. Para que o impacto dos informes e sua circulação no mundo universitário argentino possam ser considerados, abordarei os relatórios em ordem de publicação.

Em 5 de maio de 1906, o então catedrático de sociologia da FFyL e docente da Faculdade de Direito Ernesto Quesada responde afirmativamente a solicitação de Juan Garro, decano de da Faculdade de Direito da UBA, que consta registrada no preâmbulo do relatório: "se o ritmo e suas ocupações permitirem, será útil informar-se sobre o estado atual do ensino de direito na referida cidade e comunicar oportunamente os resultados de suas investigações" (1906, p.1)[128]. Como o próprio Quesada relata na introdução do relatório, a encomenda foi feita em caráter honorífico: "Em uma carta particular da mesma data, acrescentou o reitor, que tal relatório servirá muito para a bem sucedida reforma do plano de estudos de nossa Faculdade, assunto que tem sobre a mesa e que deve ser resolvido no presente ano de 1906" (1906, p.2)[129] Dessa missão resulta a publicação, ainda em 1906, de *La Facultad de Derecho de Paris. Estado Actual de su Enseñanz*a, através da Imprenta y Casa Editora de Coni Hermanos.

A parte inicial do relatório é dedicada a uma recapitulação histórica do sistema universitário francês. Retomando a situação anterior a 1789, Quesada destaca a existência de muitas escolas de Direito, fragmentadas e herméticas, desorganização que gerava, em sua análise, o fenômeno de que "os graus académicos eram considerados como uma formalidade vã e adquiriram tal reputação de facilidade que caíram no ridículo" (1906, p. 8)[130], apesar de revestidos de certa importância performática. Na era napoleônica, segue, há a primeira tentativa de centralização do sistema universitário e, no que tange ao Direito, um avanço importante: a divisão entre magistratura pública e advocacia. Já nesse ponto, Quesada indica que o sistema universitário alemão se insinuava como referência principal dos reformadores, pois já se

[128] "si el tempo y sus ocupaciones lo permitirem, se sirva informarse del estado actual de la enseñanza del derecho en dicha ciudad y comunicarle oportunamente el resultado de sus investigaciones" (1906, p. 01).
[129] "En carta particular de la misma fecha, agregaba el decano, que tal informe 'servirá de mucho para la acertada reforma del plan de estúdios de nuestra Facultad, assunto que tiene en el tapete y que debe resolverse en el presente año de 1906" (1906, p. 2).
[130] "los grados académicos eran considerados como vana formalidad y habían adquirido tal reputación de facilidade que cayaba en lo ridículo" (1906, p. 8)

percebia que, no caso germânico, havia uma orientação mais filosófica para o estudo do direito. Exemplo dessa referência alemã seria a criação de uma série de centros auxiliares "adotando o temperamento germânico de criar faculdades de ciências administrativas" (1906, p.42)[131]. Sucintamente, Quesada sustenta que apesar dessas tentativas o século XIX é marcado todo ele por um modelo técnico, composto por aulas que serviam unicamente como preparação para os exames. Conclui seu panorama histórico de forma contundente ao afirmar que, até 1870, "a instrução superior na França havia sido medíocre" (1906, p. 55)[132].

Para que a crítica de Quesada ao modelo francês possa ser melhor dimensionada é preciso ter em conta que a estruturação do sistema universitário argentino, e latinoamericano de forma geral, foi projetada a luz desse modelo napoleônico que, em síntese, é descrito por Durkheim como um projeto no qual "as diferentes ciências eram apenas instrumentos profissionais, e foi apenas a esse título que se lhes atribuiu um lugar no ensino superior" (DURKHEIM, 1918, p. 15)[133]. [134] Tunnerman (1981) destaca que o caso argentino carrega ainda uma tensão adjacente: a influência do neotomismo e do conservadorismo espanhol acabou confinando as experiências universitárias do país a um discurso escolástico, refratário à introdução de métodos experimentais, o que teria redundado numa tradição de "ensino livresco". Dessa forma, sustenta, criou-se um sistema universitário que funcionou como um conjunto de escolas professorais carentes de um núcleo aglutinador, burocratizado, sujeito à tutela governamental e, de um ponto de vista teórico, extremamente conservador e heterônomo em relação à Igreja e, posteriormente, ao Estado, o que fez com que as atividades de investigação migrassem para as academias e centros privados de produção da cultura. Percebe-se, pois, que se trata de uma questão resiliente e que, no momento em que Quesada publica seus relatórios, era tema de uma ampla discussão no mundo intelectual argentino.

A dificuldade de abandonar os modelos "livrescos" de ensino, sugere Quesada, devia-se a uma resistência do próprio corpo docente mais tradicional, que também obteve seu espaço

---

131 "adoptando el temperamento germânico de crear facultades de ciéncias administrativas" (1906, p. 42).

132 "la instrucción superior en Francia habia sido medíocre" (1906, p. 55).

133 "les diferentes sciences n´étaient que des instruments professionels, et c´est seulement à ce tittre qu´il leur assignait une place dans l´enseignement supérieur" (DURKHEIM, 1918, p. 15)

134 Langlois, em *Cuestions d´histoire et d´enseignement*, promove uma síntese da evolução do ensino francês, partindo do pressuposto de que a ideia de universidade como "ensino universal" não é necessariamente o oposto de ensino especializado. Embora seja um texto crítico ao estado do ensino francês na virada do século, ele registra, sobre as universidades alemãs, que "elas foram organizadas, originalmente, sob a influencia do protótipo parisiense, época em que o triunfo do sistema colegial havia alterado profundamente os termos desse protótipo" (1902, p. 10) ["elles ont été organisées, a l´origine, sour l´influence du prototype parisien, a l´epoque où le triumphe du système colegial avait altéré profondément les traits de ce prototype" (1902, p. 10)]. No mesmo sentido a obra de Durkheim . *La vie universitaire a Paris*. Paris. Libraire Armand Colin, 1918, destaca os fatores positivos dessa fragmentação, contrastando, assim como Langlois, com a análise de Quesada.

na universidade a partir de um modelo não profissionalizado de recrutamento (nesse sentido, parece natural que se tome em conta a aporia de Bourdieu (1967, 1976) de que os eleitos costumam eleger, para garantir sua própria reprodução, a partir dos critérios de eleição que os elegeram). No caso de Paris, apesar da direção dessas mudanças apontar, já em meados da década de 1910, para uma germanização das instituições, para Quesada, o sistema universitário francês seguia sendo, ainda, um lugar de preparação para exames.

Na análise de Charle (1994), ao longo do século XIX a universidade francesa perdeu paulatinamente a capacidade de acompanhar mudanças, a principal delas o crescimento da poderosa universidade alemã[135]. Diferentemente de outros países, na França cada reforma era um novo começo, inviabilizando quaisquer projetos claros sobre o ensino superior ou mesmo um espírito de corpo unificado[136]. Nesse sentido, a reorganização napoleônica – que instituiu as *Écoles* - funda um período no qual os professores franceses perdem autonomia relativa em relação a seus congêneres alemães:

> O modelo de suprema excelência era o dos altos funcionários, baseado no acúmulo de posições e mobilidade dentro do aparato estatal e não, como se tornou a regra primeiro nos países germânicos e depois no resto da Europa, na conquista da excelência intelectual julgada pelos pares (CHARLE, 1994, p. 11)[137].[138]

Corroborando, pois, as impressões que Quesada manifesta no relatório, Charle relata que, desde o modelo napoleônico, os diplomas possuíam sobretudo uma finalidade prática: "incompatível com o modelo alemão no qual os exames são exteriores à universidade e não existem senão os graus de doutorado e habilitação, destinados a formar os futuros membros da comunidade acadêmica" (CHARLE, 1994, p. 47)[139]. Outra diferença fundamental, também apontada por Charle, Ringer (1999) e Bem-David (1974), é a proeminência, no universo intelectual francês, de recrutamento exógeno à universidade, resultado de uma ampla esfera privada de circulação do saber. Nos termos de Charle,

---

[135] Pode-se consultar, ademais, a análise de Muchielli, 2001, conforme bibiografia.

[136] Pensando acerca dos efeitos do deslocamento de eixo da ciência alemã para a estadunidense, Verschueren (2018) atualiza o diagnóstico de Charle (2014), atentando-se para o fato de que o modelo de unviersidade francesa teve dificuldades nessa transição.

[137] "Le modele d´excellence suprême était celui des hauts fonctionnaires des grands corps, fondé sur le cumul des postes et la mobilité au sein de l´appareil d´État et non, comme c´est devenu la règle d´abord dans les pays germaniques, puis dans le reste d´Europe, sur la conquête de l´excellence intellectuelle jugée par les pairs" (CHARLE, 1994, p. 11)

[138] Charle analisa uma série de analistas do modelo francês, e traça um perfil, são jovens, oriundos das ciências humanas. Cerca de 20% dos professores da Sorbonne entre 1879 e 1939 tinham passado temporadas na Alemanha, a maior parte em filosofia e história. Universitários franceses que pesquisaram o modelo alemão: Charles Seignobos, Maxime Collignon, Gabriel Séailles, Camille Jullian, Georges Blondel, Emile Durkheim, Abel Lefranc, Maurice Caullery, Célestin Bouglé, Emmanuel de Martonne, Jean Brunhes (CHARLE, 1994, 1996)

[139] "incompatible avec le modele allemand où tous les examens étaient extérieurs à l´Université et où n´existaient que les grades suprêmes du doctorat et de l´habilitation, destinés à fournir les futurs membres de la communauté savante" (CHARLE, 1994, p. 47)

> Esses canais de escolarização parisienses, numa perspectiva comparativa franco-alemã, constituem um lugar complementar de socialização que compensa a maior heterogeneidade de origem social das aspirantes *sorbonnards* em comparação com a dos berlinenses comuns (1994, p. 111)[140]

A comparação com o caso alemão é basilar para o relatório de Quesada. Em certo ponto da descrição da faculdade parisiense, o sociólogo retoma a crítica feita na colação de grau do curso de direito, ao pontuar que "diferentemente daquele [o professor alemão] converte sua aula em um laboratório de ideias que seu trabalho o sugere, enquanto este [o professor francês] busca apenas trazer para os ouvintes um panorama da disciplina que cursam" (1906, p. 173)[141]. Lembra-se Quesada, de Leipzig,

> ante 400 ou 500 estudantes, ansiosos por ouvi-lo, prendendo a respiração, reinarando um silêncio religioso e vendo o velho sábio explicar sua conferência com um fogo e com um zelo contagioso (...) e assim via formar-se dia a dia, por assim dizer, a mesma ciência que foi estudada, tão intensamente cheio de vida era aquele curso" (1906, p. 174)[142].

A interferência do estado nas avalições, argumenta, também impedia que, no caso francês, o professor pudesse ir além do essencialmente protocolar. Não bastaria, contudo, mudar as disciplinas, seria preciso transformar o método de ensino "no qual o professor possa colaborar com os estudantes, como sucede na Alemanha, habitando-os a investigarem por eles mesmos" (idem, 216)[143]. Sua descrição sobre os exames parisienses é sintomática nesse sentido: "Os exames parciais e anuais são apenas testes de memorização, enquanto no sistema alemão eles são a pedra de toque para obtenção de um grau acadêmico" (idem, p. 230)[144]. Apesar da sobrevivência dessa tradição livresca, muitos professores mais modernos, atesta Quesada, pleiteam um regime de autonomia tal como há na Alemanha "onde a ingerência do ministro é mais moral que real e cada Faculdade governa exclusivamente seus planos de estudos" (ibidem, p. 253)[145] e onde o Estado deve estar, pois, afastado da ciência pura, "é exatamente isso que

---

[140] Ces filières de scolarisation parisiennes, dans une perspective comparative franco-allemande, constituent ainsi un lieu de socialisation complémentaire qui compense la plus grande hétérogénéité d´origine sociale des aspirants sorbonnards comparée à celle des ordinarien berlinois (1994, p. 111).

[141] "diferentemente de aquél [o professor alemão] convierte a su aula em un laboratório de ideas que su trabajo le sugere, y este [o professor francês] solo busca trazer a sus oyentes el cuadro completo de la asignatura que cursan" (1906, p. 173).

[142] "ante 400 a 500 estudiantes, ávidos de escucharle, conteniento su respiración, reinando un silencio religioso y viéndose al viejo sábio explicar su conferencia con un fuego y con un celo contagiosos (...) y se via formarse día a día, por asi decirlo, la ciência misma que se estudiaba, tan intensamente lleno de vida era aquél curso" (1906, p. 174).

[143] "donde el professor pueda colaborar con los estudiantes, como sucede en Alemania, habituando-se estos a investigar por si mismos" (idem, p. 216).

[144] "Los examines parciales y anuales no son sino pruebas de memorismo, mientras que en el sistema alemán, son la piedra de toque para obtener un grado acadêmico" (idem, p. 230)

[145] "donde la ingeréncia del ministro es más moral que real y cada Facultad gobierna exclusivamente sus planes de estúdios" (ibidem, p. 253)

acontece na Alemanha, e esse é o segredo da vida frutífera e vigorosa de suas múltiplas universidades, e da influência decisiva delas no desenvolvimento intelectual do país" (ibidem, 261) [146]. [147]

O teor do relatório parisiense de Quesada pode ser melhor dimensionado se confrontado com o relatório que fez sobre a Alemanha, a pedido da recém fundada Universidade de La Plata, publicado com o *titulo La Enseñanza de la História en las Universidades Alemanas*. Quesada anota, na Advertência do relatório, que a investigação provém de uma viagem a Alemanha no inverno de 1908 e 1909, e que se refere ao seu percurso por 22 universidades daquele país. O pedido foi feito, também em caráter honorífico, pelo corpo de gestão da universidade de La Plata: "na medida em que essa informação [sobre o funcionamento das universidades alemãs] poderia ser útil para estabelecer o curso de história que será fundado naquela universidade (...) e que será destinado à cultura superior desinteressada" (1910, p. VII)[148], são palavras de Rodolfo Rivarola, decano da Faculdad de *Ciencias Juridicas y Sociales* da referida universidade. Quesada responde a carta em novembro de 1908, de Buenos Aires, aceitando a solicitação. De saída, o texto informa sobre a motivação do aceite: "aconselhar o modelo que, em meu entendimento, representa hoje as tendências mais dignas de imitação" (idem, p. XII)[149] O livro não é dedicado ao público, vale lembrar, mas sim aos técnicos da universidade.

O ponto de partida do relatório, que também funciona como justificativa, é a hegemonia da universidade alemã mundialmente

> A erudição alemã merece a reputação de superioridade de que desfruta; Os alemães são uma grande parte dos pioneiros que, pelo aperfeiçoamento de métodos e por descobrimentos fundamentais, abriram novos horizontes para a ciência; e desde que os métodos históricos, alçados ao mais alto grau de perfeição, eficiência e elegia, foram universalizados e que os horizontes das disciplinas históricas foram delimitados, a Alemanha espalhou, em todos os domínios por explorar, inumeráveis trabalhadores, industriosos, disciplinados,

[146] "eso es cabalmente lo que se pasa en Alemania, y ese es el secreto de la vida fecunda y vigorosa de sus multiples universidades, y de la influencia decisiva de éstas en el desenvolvimiento intelectual del pais (ibidem, p. 261)

[147] Apenas alguns anos depois de Quesada, Durkheim, na já mencionada obra, delineia perspectiva oposta, que consideramos oportuno registrar na medida em que, apesar de o sociólogo francês diagnosticar também os efeitos da separação em Faculdades, ou em Écoles, no sistema de ensino, considera que, ainda assim, em termos gerais, os franceses consideram "que, em princípio, o papel fundamental da Universidade é antes o cultivo dos interesses da ciência do que a busca de suas conseqüências práticas" (1918, p. 21) ["qu´in príncipe le rôle fondamental de l´Université est plutôt l aculture desintéréssée de la science que la recherche de ses conséquences pratiques" (1918 p. 21)], princípio que não é afetado, em sua análise, pelo fato de as *Ecoles* conferirem, ao mesmo tempo, diplomas técnicos. Durkheim destaca, ainda, que a competititividade do exame de *agrégation* é fator que leva, justamente, ao prestígio dos professores diante da sociedade civil.

[148] "en cuanto esa información (sobre a organização do ensino nas universidades alemãs) pudiera ser útil para establecer el curso de historia que será fundado en esa universidad (...) destinado a la cultura superior desinteresada" (1910, p. VII)

[149] "aconsejar el modelo que, a mi entender, representa hoy las tendências más dignas de imitación" (idem, p. XII).

> exatos, capazes e satisfeitos em praticar desinteressadamente os questionamentos mais abstrusos (QUESADA, 1910, XV)[150]

Quesada relata que na Universidade de Columbia há um professor, Sr. Farrington, que visita regularmente universidades do mundo todo e, no semestre seguinte, dá um curso de "pedagogia universitária" na sua instituição de origem, medida que, em sua leitura, poderia, se implantada na Argentina, ajudar a elevar o nível da universidade nacional de tal forma que os estudantes não precisassem mais sair do país para estudar. Recomendando vivamente, pois, o paradigma alemão, cita o professor Bassermann, de Heidelberg:

> uma atmosfera especial é respirada nelas, e para aqueles que realmente os frequentaram têm a memória imperturbável dos anos em que puderam pertencer à alma mater, como a jóia mais preciosa, até os últimos anos: esse tempo deve ser lembrado, como se saboreia um copo de vinho envelhecido, autêntico, dourado e delicioso, que não retorna e cuja importância é insubstituível no resto da vida (idem, p XVII)[151].

Para que a juventude argentina possa um dia dizer coisa análoga, sustenta Quesada, é preciso atualiza-la nesses critérios. Elaborar um tipo de organização universitária onde a ciência não seja cultivada só por ela mesma, mas pela *vida*. Só assim, argumenta, a universidade argentina será, como nos institutos mais avançados da Europa,

> uma colmeia em plena efervescência, transbordando de estudantes das grandes salas de aula nas quais os professores dão suas conferências públicas, e cheios de trabalhadores nas mesas das salas reduzidas, onde guiam a nata de cada curso na investigação do métodos verdadeiros, inculcando, ensinando-lhe critérios, supervisionando sua produção e permitindo-lhe estudar intensivamente cada matéria. O resultado será, sem dúvida, brilhante: só depende de nós fazê-lo sem demora, porque agora é hora de incorporar nossa vida universitária à corrente de progresso das instituições análogas, em vez de continuar a mantê-la na rotina de outras épocas, como se os tempos não mudassem e as exigências do presente não fossem outras (1910, p.19)[152].

---

[150] "La erudición alemana ha merecido la reputación de superioridad de que goza; alemanes son una gran parte de los iniciadores que, por el perfeccionamento de los métodos y por descobrimentos fundamentales, han abierto a la ciência nuevos horizontes; y desde que los métodos históricos, llegados al más alto grado de perfección, eficácia y elegância, se hán universalizado y que los horizontes de las disciplinas históricas se han delimitado, Alemania há desparramado, en todos los domínios a explorar, innumerables trabajadores, laboriosos, disciplinados, exactos, capaces y satisfechos de practicar desinteressadamente las más abstrusas indagaciones" (ibidem, p. XV)

[151] "se respira en ellas una atmosfera especial, y, a quien realmente las ha frecuentado, le queda el recuerdo impercedero de los años en que pudo pertenecer al alma mater, como la joya más preciada, hasta sus últimos años: esse tempo debe ser recordado, como se saborea una copa de vino añejo, autentico, dorado y delicioso, que no vuelve y cuya importância es irremplazable en el resto de la vida" (idem, p. XVII).

[152] "una colmena en plena efervescência, desbordando de estudiantes las grandes aulas, en las cuales los professores dan sus conferencias publicas, y llenas de trabajadores las mesas de las salas reducidas, donde aquéllos guían a la flor y nata de cada curso en la investigación de la verdade, inculcándole métodos, enseñándole critérios, fiscalizando su producción y habilitándolo así a estudiar intensivamente cada matéria. El resultado será, sin duda, brillante: sólo de nosotros depende que se realice sin demora, porque es ya tempo de incorporar nuestra vida universitária a la corriente de progresso de las instituciones análogas, en vez de continuar manteniéndola en la rutina de otras épocas, como si los tempos no cambiaran y no fueran otras las exigências del presente" (1910, p. XIX).

Os anfiteatros universitários, segue Quesada, tem que ser laboratórios de vida, a ciência cultivada neles deve ser vibrante, atrelada a problemas concretos da existência, fincada no cultivo do horror pelo respeito supersticioso ao texto. Tal requisito incluía, como se pode imaginar, uma personalidade vocacionada no papel de docente: "Em sua sala de aula, o professor exerce um verdadeiro sacerdócio (...) a grave responsabilidade de seu apostolado aumenta a força de seu espírito e involuntariamente o inflama com o desejo de dar vislumbres de sabedoria" (idem, p.XX)[153]. O docente, portanto, para que exerça seu sacerdócio, deve sempre estar atento à observação do mundo, nesse sentido, cita Fichte:

> os professores deviam ser considerados, antes de tudo, como homens de ciência e basear sua autoridade na investigação metódica de seu material, ensinando os alunos a praticá-lo; daí a grande característica do século XIX: a instituição de seminários universitários para aprofundar a pesquisa científica, e apropriar-se de métodos e critérios adequados, visando apenas a verdade e o exercício da crítica pessoalíssima, sem ser constrangido por exames escolares e planos de estudo obrigatórios, como no século XIV (ibidem, p.73)[154].

Sua ênfase numa universidade de pesquisa envolve concebe-la como um *templo* do saber, no qual a cada especialidade estaria reservado um *altar*, distante das exigências do mundo da formação profissional: "As carreiras profissionais são estabelecidas pelo Estado, fora da universidade: para outorgar diplomas, o Estado impõe exames determinados ante suas próprias comissões sem contaminar a universidade com o ônus de ser, ao mesmo tempo, uma escola profissional" (ibidem, p. 74)[155]. Essa separação entre o cultivo do saber puro na universidade e o ensino técnico a cargo do estado é defendida por Quesada, já em 1906, em entrevista publicada no Diario Nuevo, datada de 2 de julho. Nessa ocasião Quesada tece já uma crítica feroz ao sistema francês e propõe que o Estado gerencie os diplomas técnicos, separando essa tendência profissionalizante dos estudantes vocacionados que "estão animados pelo amor desinteressado de poder" (1906, p. 49)[156].

Tentando compor um quadro especialmente técnico no relatório, Quesada relata que a Universidade alemã era dividida em dois setores: escolas técnicas e academias.

> A tradição germânica defende o antigo conceito universitário - que, de fato, assumiu essa característica apenas desde o início do século passado - de

[153] "en su aula, el professor ejerce un verdadero sacerdócio (...) la grave responsabilidad de su apostolado levanta a la fuerza su espiritu e involuntariamente lo abrasa el deseo de dar resplendores de sabiduría" (idem, p. XX).
[154] "los professores debían considerarse, ante todo, como hombres de ciência y basar su autoridad em la investigación metódica de su matéria, enseñando los estudiantes a praticarla; de ahi la gran característica del siglo XIX: la institución de los seminários universitários para ahondar la investigación cientifica, y apropiarse métodos y critérios, buscando sólo la verdade y el ejercicio de la critica personalíssima, sin estar hostigado por exámenes escolares y por planes de estúdios obligatorios, como em el siglo XIV" (ibidem, p. 73).
[155] "las carreras profesionales son estabelecidas por el estado, fuera de la universidad: para otorgar diplomas el estado impone exámenes determinados antes comissiones propiasm sin contaminar asi a la universidad con la carga de ser, a la vez, escuela profissional" (ibidem, p. 74).
[156] "están animados del amor desinteressado de poder" (1906, p. 49).

> reservar a ciência pura, o conhecimento, o estudo das universidades; e deixar de lado a ciência aplicada, o poder, para escolas técnicas de todos os tipos. Mas, nas últimas décadas, o movimento de aproximação entre as duas tendências é visível e não são poucos universitários que estão inclinados à fusão (1910, p. 245)[157].

Quesada narra ademais suas conversas o conselheiro do ministro de educação da Prússia, Mr. Elster, que o assegura que a Alemanha não abrirá mão de uma universidade com ensino desinteressado. Não poderia haver, na leitura do Ministro, ingerência sobre planos de estudo, nem mesmo exames de qualquer espécie. Essa ideia do saber sem preocupação prática, para o conselheiro, "é o que formou o povo alemão, em suas classes dirigentes políticas, intelectuais e sociais" (idem, p. 249)[158]. Mais preocupada em dar espaço ao gênio do que em educar a maioria, portanto, essa instituição considera que "a missão da universidade é precisamente conservar o fogo sagrado no altar da ciência pura, e que complicá-la com aplicação prática a desnaturalizará e desvirtuará" (ibid., P. 249)[159]. O governo, assim, organiza a aplicação da ciência, a universidade permanece no reino do pensamento puro, apartada de considerações políticas[160]. O princípio básico da universidade alemã segundo Quesada, que ele recomenda vivamente para a Argentina, pode ser condensado em: investigação científica independente dos julgamentos das massas, dos governos, das agrupações sociais de forma geral e "de tudo que possa obedecer a um propósito interessado" (1910, p. 260)[161]: a independência do corpo docente é assim um direito fundamental, não pode haver exigências teológicas de nenhuma espécie[162]. Nesse sentido, a intervenção na autonomia do professor, ainda que pontual,

---

[157] "La tradición germánica defende el viejo concepto universitário – que, en realidad, ha tomado esa característica sólo desde comienzos del pasado siglo – de reservar para la ciência pura, para el saber, el estúdio de las universidades; y de apartar la ciência aplicada, el poder, para las escuelas técnicas de todo orden. Pero, en las ultimas décadas, es visible el movimento de aproximación entre ambas tendências y no son pocos los universitários que se inclinan a la fusión" (1910, p. 245).

[158] "es lo que há formado el pueblo alemán, en sus clases dirigentes politicas, intelectuales y sociales" (idem, p. 249).

[159] "que la misión universitária es cabalmente la de conservar el fuego sagrado en el altar de la ciência pura, y que complicarla con la aplicación practica será desnaturalizarla y desvintuarla" (ibidem, p. 249).

[160] É importante salientar, nesse ponto, que a Universidade alemã cresce vertiginosamente, a partir do começo do século XIX, a partir de uma aliança direta com o Estado. A liberdade de cátedra a que se refere Quesada, nesse sentido, não estava acompanhada de uma liberdade de gestão ou mesmo de uma liberdade de posicionamento político. Essa nuance da "autonomia" desejada por Quesada precisa ser levada em conta já que, como pontua Bem-David (1974), quando o modelo de universidade alemão passa a ser exportado para a Europa e para os Estados Unidos, esse tipo de vinculação não é, via de regra, observado ou criticado por seus propagandistas.

[161] "de todo lo que pueda obedecer a un proposito interessado" (1910, p. 260)

[162] "Na prática, os laboratórios da universidade eram instituições poderosas, quase independentes, que deram amplo espaço ao diretor do laboratório para desenvolver sua própria linha de pesquisa e alistar seus alunos em seu programa de pesquisa. Comparado com os privados ou pequenos laboratórios de professores em outros países, os laboratórios alemães eram instituições de grande porte e poderosas no centro da vida acadêmica, crucial no currículo educacional e altamente apreciado como representações da universidade" (VANPAEMEL, 2015, p. 217). [In practice, the university's laboratories were powerful, almost independent institutions, which gave the laboratory director ample space to develop his own line of research and enlist your students in your research program. Compared to the private small laboratories of teachers in other countries, the German laboratories were large and

poderia provocar, na universidade alemã, uma cisão incontornável, "ninguém se atreverá a fazer a menor intromissão a um professor a respeito do que pens ensinar e de como o faz em sua sala de aula ou seminário" (idem, p. 263)[163].

Na Alemanha, argumenta Quesada, quase não há sábio fora da universidade. Tal afirmação é especialmente reveladora se confrontada, por exemplo, com o caso francês (LEPENIES, 1985; RINGER, 1999), onde grande parte do recrutamento intelectual era feito na esfera das revistas culturais, na imprensa de modo geral e nas profissões liberais. Conforme indicado anteriormente, essa esfera privada, no caso argentino, era organizada a partir de uma relação hermética entre famílias criollas os "gentleman-escritores", para usar a expressão de David Vinãs (2005), composição que dificultava, em larga medida, a presunção de que a universidade pudesse atuar como árbitro exclusivo das consagrações intelectuais (inclusive porque, como desenvolverei em seguida, os frequentadores das universidades são, em sua maioria, membros da aristocracia urbana de Buenos Aires, já vinculados entre si a partir de relações familiares e socializados no âmbito dessas relações de prestígio pessoal).

Percebe-se, nesse ponto, a existência de uma zona híbrida no projeto de Quesada: seu reclamo de profissionalização vem atrelado a uma crítica ao que seria seu exagero, a profissionalização levada até seu último grau, que acabaria levando a uma extrema racionalização dos estudos, convertendo-os num mero aporte técnico da visão utilitarista da vida que é, segundo a análise canônica dos seus contemporâneos e do próprio Quesada, o protótipo do estilo de vida estadunidense. Nesse sentido, ele ressalta que, embora os Estados Unidos tenham conseguido criar excelente condições materiais para os seminários e para o desenvolvimento de pesquisa (por vezes melhores que as alemãs, inclusive), lhes faltava o espírito:

> eles ainda não têm o que caracteriza o mundo universitário alemão: sua legião de pesquisadores eruditos, de professores-modelo, de estudos admiráveis, que cultivam a tradição secular do ensino da ciência pura e a ela dedicam toda a sua vida, pela qual se encontram na proa do mundo intelectual. Isso o dinheiro não compra: é preciso um longo sedimento secular e um atavismo muito poderoso, e os Estados Unidos carecem das duas coisas (1910, p. 555)[164].

---

powerful institutions at the center of academic life, crucial in the educational curriculum and highly appreciated as representations of the university (VANPAEMEL, 2015, p. 217).

[163] "nadie será osado a pretender hacer la menor indicación a un professor respecto de lo que piensa enseñar y de como lo hace, sea en su aula o en su seminario" (idem, p. 263).

[164] "no tienen aun lo que caracteriza al mundo universitário alemán: su legión de investigadores sábios, de professores modelos, de estúdios admirables, que cultivan la tradición secular de la enseñanza de la ciência pura, y a ella dedican su vida entera, por el cual se encontran em la cabeza del mundo intelectual. Eso no lo da el dinero: se necesita um largo sedimento secular y un poderosíssimo atavismo, y los estados unidos carecen todavia de ambas as cosas" (1910, p. 555)

Antes de analisar o relatório de Londres é interessante ter em vista os pontos centrais do reclamo institucional de Quesada: a pesquisa como organizadora dos planos de ensino e sua aposta numa vocação docente que não pode sofrer constrangimentos externos para que se desenvolva em plenitude. O recurso supracitado de associar a figura do professor à figura do sacerdote surge como uma das inovações mais radicais da proposta de Quesada. Pode-se, pela afinidade de pressupostos, retomar a fala de Weber de que nas humanidades o problema valorativo se coloca em termos de que

> Se, por exemplo, estivermos discutindo democracia, examinarems suas várias formas, analisaremos os modos pelos quais funcionam, determinaremos que resultados uma forma tem para as condições de vida em comparação com a outra. Então, confrontaremos as formas da democracia com as formas não democráticas de ordem política e procuramos chegar à posição em que o estuda possa encontrar o pondo no qual, em termos de seus ideias últimos, venha a tomar uma posição. Mas o verdadeiro professor evitará impor, de sua cátedra, qualquer posição política ao aluno, seja ela expressa ou sugerida. 'Deixar que os fatos falem por si' é a forma mais parcial de apresentar uma posição política ao aluno (2017, p. 674).

Segundo essa leitura é preciso separar dois aspectos: o conteúdo lógico de algo e o valor que se atribui a ele. Por isso o profeta e o demagogo não devem ocupar cátedras, já que "sempre que um homem de ciência surge com o seu próprio juízo de valor, cessa a plena compreensão dos fatos" (idem, p. 676). Além disso, retomando Mill, quando se parte exclusivamente da experiência chega-se inevitavelmente ao politeísmo. A ciência, enfim, não decide sobre valores, esses são deuses que sempre lutaram e lutam entre si[165]. Essa reivindicação do professor como profissional vocacionado, embora pareça contraditória (pois é, ao mesmo tempo, ligada a uma vocação que, nos termos de Quesada, já está posta, e a um reclamo de profissionalização) é um dos pontos norteadores do combate de Quesada ao que diagnostica na Argentina como uma perniciosa confusão entre os intelectuais e a política. Ressaltamos, por exemplo, as trajetórias de Carlos O. Bunge, José Ingenieros, Paul Grossac e Miguel Cané como representantes

[165] Retomando ainda Max Weber, essa associação ganha tonalidades ainda mais vivas se a categoria de "sacerdote" for considerada a partir de seu privilégio na interpretação simbólica de uma sociedade. Nesse sentido, a figura do sacerdote pode ser definida como "aquellos funcionários profesorales que inlfuyen em los dioses mediante la adoración, el oposicón a los brujos quienes, gracias a médios mágicos, ejercen uma coerción sobre los demônios, los conjuran" (1944, p. 345). O profeta, na tipologia weberiana, por outro lado, é o portador do carisma "o sacerdote é legitimado mediante seu cargo como membro de uma organização socializada de salvação, em contrapartida, o profeta, tal como o mago carismático, atua somente graças a seu dom pessoal" (idem, p. 356) ["el sacerdote queda legitimado mediante su cargo como membro de una organización socializada de salvación, en cambio, el profeta, lo mismo que el mago carismático, actua gracias solo a su don personal" (idem, p. 356)]. Dessa forma, se seguirmos com a tipologia weberiana, a Argentina poderia ser pensada, idealmente, no contexto de Quesada e inclusive depois dele, como um universo repleto de profetas, com intelectuais falando a partir de zonas extrínsecas à universidade. Além disso, vale ressaltar, a profecia é sempre gratuita, não é profissional, não gera espírito de corpo, já que "é específico dos profetas que não recebam sua missão por encargo dos homens, mas que a usurpem" (ibidem, p. 359) ["es especifico de los profetas que no receben su misión por encargo de los hombres sino que la usurpan" (ibidem, p. 359)], estando portanto mais próximos do demagogo do que do professor num sentido profissional.

paradigmáticos de um modelo de *homme de lettre* que provém de campos os mais diversos (médicos, advogados, periodistas, funcionários públicos) e que se encontram, mesmo a partir de posições teóricas refratárias entre si, comungados pelo tipo de relação híbrida que mantem entre o campo da política e o campo das letras.

Procedo, a partir de agora, a algumas considerações sobre o relatório *Los Sistemas de Promoción en la Universidad de Londres*, no qual a tensão entre cultura professoral, campo político e projeto institucional é, considero, ainda mais perceptível. O pedido para o relatório é de Eufemio Uballes, reitor da Universidade de Buenos Aires na ocasião. Uballes solicita o relatório de Quesada em 21 de outubro de 1908, "afim de que eles possam servir de ponto de comparação com procedimentos similares que nós empregamos" (1912, p. X)[166] Assim como nas solicitações anteriores os relatórios não são demandados simplesmente a título de informes, pelo contrário, os pedidos contemplam a avaliação de Quesada sobre sua observação, indicativo do grau de prestígio do autor em relação às discussões internas na universidade.

Quesada parte, mais uma vez, de uma recapitulação histórica, retomando a formação das universidades inglesas. Oxford e Cambridge, relata, as mais prestigiosas, se desenvolvem inspiradas no modelo francês: eram independentes, privadas, o estado não havia contribuído com aportes financeiros e a ingerência em termos estatutários era mínima. No fim do século XIX se inicia um processo de profissionalização no qual "de 1858 a 1900, a Universidade de Londres tornou-se uma enorme fábrica de diplomas, ditando programas de exames, todos escritos e que podiam se avaliar ali mesmo ou em diferentes pontos do império, tanto nas ilhas quanto nas coroas" (1912, p. 12)[167]. Esse sistema organizou então a expansão do modelo de ensino e orientou a fundação dos Colleges por todo o país, numa reação ao conservadorismo e ao viés religioso de Oxford e Cambridge. A Universidade de Londres fundou-se, desse modo, como uma instituição para exames, e não para ensino, o que, na leitura de Quesada, perde de vista todos os possíveis objetivos pedagógicos da avaliação

> convertendo a aprovação em uma espécie de *steple chose* intelectual, porque é manifesto o propósito de acumular dificuldades, parapetando-se no mais estrito tecnicismo e transformando o teste de proficiência em um exercício de acrobatismo mental, no qual a menor hesitação faz com que o trapézio escape e produza uma queda segura na rede: é um espetáculo de circo, para o ensino médio (1912, p.63)[168].

[166] "a fin de que ellos puedan servir de punto de comparación con los procedimentos similares empleados entre nosotros" (1912, p. X).

[167] "desde 1858 a 1900 la Universidad de Londres se convertió en una enorme fábrica de grados, dictando programas de exámenes, todos escritos y que podían rendirse allí mismo ó en diversos puntos del império, tanto en las islas como en las coronas" (1912, p. 12)

[168] "convertendo la promoción en una espécie de *steeple chose* intelectual, pues es manifiesto el proposito de acumular dificuldades, parapetándose en el más estricto tecnicismo y convertendo a la prueba de suficiência en un

Os informantes institucionais de Quesada, contudo, defendem seu modelo baseados num apego à tradição política do país, segundo a qual ninguém trabalha sem esperar recompensa. Dessa forma, se a sociedade inglesa julga a partir desse critério de mérito, de eficiência e de auto-formação, o modelo universitário não faria mais do que responder à uma cultura nacional. Além disso, argumentam, o fato de a avaliação para conferência de títulos não ser feita pelos professores a tornaria mais neutra. Quesada questiona, numa entrevista relatada por ele com um dos decanos da Universidade de Londres, se esse modelo não levaria a uma destruição da espontaneidade do estudante "atrofiando seu pensamento e desenvolvendo apenas sua memória e sua destreza, ao preocupar-se unicamente com as soluções e não com a razão que as informa (...) se corria o perigo de formar uma geração de autômatos e não de pensadores" (1912, p. 105)[169]. À essa questão contundente, a resposta é reveladora: a destreza do autômato revelaria, exatamente, o resultado de uma combinação inteligentíssima de fatores e, sendo assim, melhorar os exames (torna-los mais rígidos) seria suficiente para que a distinção entre bons e incapazes se tornasse paulatinamente mais eficaz.

Quesada relata, ainda, que uma grande parte dos professores com os quais travou contato se posiciona contrariamente ao modelo inglês, ainda que não houvesse quórum para questiona-lo em termos institucionais. O entrevistado, professor Ramsay, defende inclusive que "Não é digno de uma universidade dar diploma acadêmico a tais elementos totalmente extra-universitários, e é absurdo - no conceito pedagógico - fazê-lo em materiais científicos, que exigem formação técnica" (idem, p.173)[170]. A crítica de Quesada é baseada numa reivindicação de "universidade docente", onde o professor, trabalhando num regime de liberdade de cátedra, é estimulado pelos alunos numa relação de incentivo recíproco. Nada mais distante do paradigma londrino, onde a função do professor vocacionado é obstruída pois dissolvida num "reino dos preparadores de exames". Os títulos acadêmicos, nesse tipo de universidade, são adornos, não tem nenhum valor específico porque a sociedade não os reconhece. Trata-se, portanto, nos reclamos de Quesada, de reiterar a necessidade de criar um espaço de validação da fala universitária, de consolidação de sua autonomia e, com isso, de seu prestígio. Essa

ejercicio de acrobatismo mental, en el cual la menor vacilación hace escapar el trapecio movil y produce una caída segura en la red: es un espetáculo de circo, a la alta escuela" (1912, p. 63).

[169] "atrofiando su pensamento y desarrollando sólo su memória y su destreza, al preocuparse unicamente de las soluciones y no de la razón que las informa (...) se corría el peligro de formar uma generación de autómatas y no de pensadores" (1912, p. 105).

[170] "no es digno de una universidad dar grado acadêmico a tales elementos totalmente extra-universitários, y es absurdo – en el concepto pedagógico – hacerlo en matérias cientificas, que exigen un entrenamiento técnico" (idem, p. 173).

situação, como tenho buscado relatar, é análoga, em larga medida, à situação das universidades argentinas e, especialmente, à Universidade de Buenos Aires.

A proposta formal dos idealizadores da *Facultad de Filosofia y Letras*– todos eles vinculados à elite criolla – era viabilizar um espaço de cultivo humanista, que pudesse favorecer o aparecimento de uma leitura original, especificamente argentina, das tensões do processo de modernização (BUCHBINDER, 1997). Até então, os espaços prioritários de sociabilização das elites eram as sociedades privadas e as redes familiares. Ainda que muitos dos jovens auto didatas (os *gentleman* escritores) cursassem as carreiras de direito ou medicina e lá estreitassem laços de convívio, a discussão humanística não se dava no espaço institucional. Essa configuração – pertencimento institucional matizado por uma sociabilidade externa à universidade – pode ser rastreada desde a época de Rosas em que, com a universidade fechada a mando do governo, uma ampla rede de zonas culturais constituiu-se como espaço prioritário de discussões políticas e literárias.

Os primeiros anos de funcionamento da FFyL foram marcados pela dificuldade de estruturar um espaço universitário atraente para os jovens argentinos: a maior parte dos alunos não almejava o título de doutor e não se interessava por uma carreira pesquisa, pois não havia nenhum prestígio específico em ostentar um doutorado em filosofia numa sociedade que funcionava a partir da rede, já referida, de mecenato privado[171]. Após a época de Rosas, quando a universidade esteve às minguas, ressurge, a partir de 1890, a discussão acerca do papel daquela instituição como aglutinadora da produção intelectual do país (BUCHBINDER, 1997)[172]. Começa a explicitar-se nesse contexto a necessidade de produzir seus próprios professores, de estimular um recrutamento entre os pares, já que, até então, os professores catedráticos provinham de fora do âmbito acadêmico, revelando a relação de heteronímia da universidade em relação às esferas privadas, tema dos próximos capítulos.

Tendo esse dado é mente é possível circunscrever a crítica de Quesada ao modelo de avaliação londrino. Em certo ponto, ele o qualifica inclusive como um ensino "infantil" e infantilizador, que não supõe o aluno como construtor de um conhecimento em termos de vida, mas apenas como um técnico. Esse tipo de ensino, argumenta Quesada, que converte a ciência

[171] Em 1940 Ricardo Levene, presidente da Academia Nacional de História e professor de Sociologia na UBA publicou uma compilação de documentos sobre a fundação da Universidade de Buenos Aires. Alguns deles, especialmente os redigidos por Rivadavia nos primeiros anos de funcionamento da instituição, referem-se diretamente à diminuição de verbas destinadas à UBA nos primeiros anos tendo em vista "el pequeno número de alunos que se apresentam às aulas" (LEVENE, 1940, p. 38) ["el corto numero de alunos que se presentan en el día a la enseñanza" (LEVENE, 1940, p. 38)]. Consta, na série documental, que a Faculdade de Medicina contava, em 1824, com apenas 4 inscritos e a Faculdade de Jurisprudência, com 9.

[172] Segundo dados de Rapoport e Seoane (2007), ainda, já em 1910 1910, a UBA tinha 4650 estudantes. Medicina: 2500. Direito: 1100. Ciencias exatas e naturais: 600. Filosofia e letras: 250. Agronomia e veterinária: 200.

em livro-texto, "é o procedimento escolástico da idade média, singularmente perpetuado" (1912, p. 278)[173]. O relatório termina com um apelo para que a Argentina cultive um sentido nacional do cultivar-se, que possa fazer frente, através de uma cultura de ensino humanista e técnica, à "jaula de ferro do utilitarismo" representada, nas leituras sobre a crise, pelos EUA. Trata-se, enfim, de garantir que a modernização se dê de forma segura e sem sobressaltos, garantindo e refinando as distinções que, tanto na leitura positivista como na sua crítica, eram essenciais para que a Argentina pudesse superar a "crise civilizatória". Retomo, nesse ponto, o reclamo weberiano da conferência de 1919, sobre a necessidade de, diante de um inevitável processo de racionalização do mundo, adequar a produção da ciência a ele sem perder de vista o caráter específico desse universo. A proposta, em Quesada e em Weber, passa por separar, justamente, a ciência da política.

Na intenção de circunscrever os relatórios de Quesada numa discussão global sobre a circulação dos modos de produção da ciência, pode-se retomar os aportes de Bem-David (1974) e Espagne (2004) de que os três paradigmas em disputa no mundo intelectual europeu no começo do século são, justamente, o alemão, o francês e o inglês (já ameaçados, contudo, pela preponderância do sistema universitário dos EUA, mencionada por Quesada em seu relatório alemão). A admiração e implantação do exemplo alemão não é, portanto, uma especificidade do sistema de ensino superior argentino. Tanto na França quanto na Inglaterra as reformas no sistema universitários foram balizadas pelo modelo germânico. Atuando como polo gravitacional de estudantes e pesquisadores do mundo inteiro, as universidades alemãs forneceram o molde sob o qual se forjou, inclusive, o amplo sistema de pesquisa norte-americano nas décadas seguintes. Para Bem-David (1974), o estabelecimento das universidades alemãs é o corolário de um processo de consagração do modelo de intelectual alemão, em oposição ao francês diletante. Essa defesa da ciência de base não-utilitária lastreava-se na ideia de que a aprendizagem e o conhecimento são fins em si mesmos: sua importância derivava do fato de dar "uma justificação espiritual para a sociedade e de seus efeitos educacionais de conformação da mente" (BEM-DAVID, 1974, p. 159). Tratava-se, pois, de consagrar uma *Bildung*. A posição dos professores universitários, uma classe média consagrada as letras que não se assimilou à nobreza cortesã, é também indicativa do *ethos* mandarim desse setor, analisado por Ringer (1999).

O equilíbrio entre controle estatal e universidade como corporação criou, no caso alemão, um sistema fortemente hierarquizado, baseado na distinção estatutária entre

[173] "es el procedimento escolástico de la edad media, perpetuado estrañamente" (1912, p. 278).

catedráticos e privatdozents, categoria tipicamente alemã que contemplava os professores que davam cursos livres na universidade mas não mantinham com ela vínculos empregatícios formais, como Simmel. O que garantia o crescimento do sistema alemão, apesar da forte hierarquização, era a competição entre universidades, que proporcionava um mercado eficiente para a absorção de pesquisadores. "Foi essa gradual transformação de pesquisa numa carreira que permitiu que as universidades realizassem o ideal que os professores fossem também pesquisadores criadores" (BEM-DAVID, 1974, p. 172). O momento de elaboração do relatório de Quesada e das conferências de Weber, já apresentados, é, contudo, um ponto de inflexão nesse sistema alemão, no qual as demandas por ampliação da base de recrutamento discente questionavam sua estrutura hermética. O crescimento exponencial de alunos dimensiona essa tensão: em 1876, são em torno de 16.000 matriculados, em 1892 já são cerca de 33 mil, e em 1908, 47.000 (BEM-DAVID, 1974). Diante do vulto dessa demanda começa a operar, segundo a tese clássica de Ringer (1999), uma fissura na classe dos mandarins universitários: um setor dela, onde está Weber, reflete no sentido de uma necessária, ainda que indesejável, abertura do sistema de ingresso. Por outro lado, delineia-se um setor bastante conservador do corpo docente, resistente ao que consideravam uma vulgarização do mundo da cultura ligado ao acesso mais popular ao sistema de ensino. É esse, portanto, o contexto de tensões que embasa as discussões alemãs nas quais Quesada está inserido, e que perpassa sua recomendação pela adoção do modo alemão de organizar a universidade.

Em Buenos Aires a universidade sofria inflexões semelhantes, principalmente a partir da referida pressão dos setores médios, na sua maioria composto por filhos de imigrantes, pela ascensão ao sistema de ensino. É nesse quadro de tensões que o projeto de ciência que se evidencia nos pareceres de Quesada precisa ser dimensionado. Por um lado, a aposta de Quesada foi criticada pelos detratores do positivismo, como Alejandro Korn, Miguel Cané e Coroliano Alberini (todos com cargos altos na hierarquia universitária de então) na medida em que era associada à emergência de uma concepção cientificista do mundo, vinculada ao fato de que Quesada era, inclusive, professor de sociologia no momento da redação e publicação dos relatórios[174]. Nesse sentido a reivindicação da sociologia operada pelos positivistas deixava pouco espaço para que a profissionalização requerida nos relatórios não fosse associada ao domínio do "reino da técnica" e à desaparição do espírito, nos termos de Korn. Por outro lado, a leitura positivista, representada por nomes como Carlos O. Bunge e José Ingenieros era refratária ao suposto de Quesada de que a política e a ciência não deveriam ser pensadas

[174] Sobre as ressalvas formuladas por Korn ao pensamento positivista e, especialmente, à suas versões norte-americanas, pode-se consultar Hugo Biagini (1989).

conjuntamente. Ao contrário, na leitura positivista o caminho para a solução da crise civilizatória passava justamente pela regeneração moral, responsabilidade da sociologia, que deveria preceder e organizar a posterior regeneração política. Herbert Spencer, um dos positivistas mais lidos pelos seus correligionários argentinos, argumenta que "um homem que ignora a existência de um princípio de causalidade na ordem física provavelmente entenderá muito confusamente essa outra causalidade, mais sutil e mais complexa, que determina os atos de uma sociedade de homens constituídos em corpos políticos" (SPENCER, 1908, p.4)[175]. Sendo a sociologia, justamente, a ciência que observa e diagnostica essas leis causais, estaria reservada a ela, por princípio, o diagnóstico mais preciso sobre o mundo, a partir da qual poderia pensar-se uma organização política.

A partir desse quadro considera-se que há, nas discrepantes leituras teóricas, distintos projetos e modo de conceber o intelectual, que estão ligados, de muitas formas, às tensões disciplinares. São essas tensões de recepção que abordaremos, a título de conclusão, para circunscrever a recepção dos relatórios de Quesada. Miguel Cané, por exemplo, decano da Facultad de Filosofia y Letras e catedrático de Filosofia no contexto de recepção dos relatórios de Quesada, representava uma tendência amplamente aceita nos meios docentes, ligada a defesa de um diletantismo francamente inspirado nas reflexões de Rodó, que conclamava a juventude latino-americana à sua "tarefa histórica" através de "a conciliação ideal do paganismo e do cristianismo, uma atitude ética que se enraíze na estética, uma concepção de democracia que exclui o utilitarismo e preserva o melhor da aristocracia de espírito" (RODÓ, 2003, p. 197)[176].

Catedrático de Filosofia em La Plata, Alejandro Korn foi também uma voz ativa nesses debates nos quais se inserem os relatórios de Quesada. Em 1918, defendendo a "liberdade criadora", Korn dá forma às leituras de "crise" que matizaram as discussões argentinas ao perguntar se "valeria a pena empregar longos anos de cálculos teóricos e de ensaios heroicos para construir o avião e destiná-lo ao assassinato com a mesma brutalidade ancestral?" (KORN, 1944, p. 15)[177]. Em sua leitura, a difusão do positivismo na Argentina passava por uma apropriação indevida da ideia de ciência, alocando no campo das humanidades um tipo de racionalidade que é, por definição, estranha a ela, na medida em que refratária à construção de

[175] "l´homme qui ignore l´existence d´un príncipe de causalité dans l´ordre physique, a bien des chances de ne comprendre que fort confusément cette autre causalité, plus subtile et plus complexe, qui determine les actes d´une société d´hommes consitutués en corps politiques" (SPENCER, 1908, p. 4).

[176] "la conciliación ideal del paganismo y del cristianismo, una actitud ética que se enraíce em la estética, uma concepción de la democracia que excluye el utilitarismo y preserva ló mejor de la aristocracia del espiritu" (RODÓ, 2003, p. 197).

[177] "Valía la pena emplear largos años de cálculos teóricos y de ensayos heroicos para construir el aeroplano y destinalo luego al asesinato con la misma brutalidade ancestral?" (KORN, 1944, p. 15).

uma "ética", princípio da liberdade humana. Korn procurava delinear uma zona híbrida que pudesse escapar tanto à redução positivista que confina a filosofia aos paradigmas científicos quanto ao extremo oposto, a reação espiritualista que identifica imediatamente filosofia com metafísica. Sinteticamente "tomar o útil pelo bom é o pecado de toda moral utilitária e o erro próprio dos sistemas que tendem a negar a personalidade autônoma. Insistir somente no conceito ético é desconhecer que a plena expansão da personalidade só é possível em um mundo submetido" (KORN, 1944, p. 41)[178]. Um dado importante das falas de Cané, Groussac e Korn é, como indicamos, sua resistência à sociologia, disciplina ministrada por Quesada. Para esses críticos do cientificismo positivista a sociologia nada mais era que um tentáculo comtiano alçado à pretensão de cosmologia. A associação, operada por eles, entre sociologia e positivismo é decisiva para que se possa dimensionar a resistência argentina em adotar um modo de produção da cultura mais moderno, como o que propunha Quesada, na medida em que a resistência das disciplinas mais canônicas no campo universitário, como a história e a filosofia, se configura também como uma defesa de espaços sociais. As leituras positivistas alocavam-se mormente nos cursos de Direito e de Medicina, disciplinas mais tradicionais em oposição às humanidades clássicas, onde estaria supostamente o espaço do pensamento puro, francamente ameaçado pelas pretensões totalizadoras da "nova ciência".

Nota-se, pois, que a sociologia era reivindicada a partir de uma posição institucionalmente periférica no campo intelectual: era associada aos reclamos, por exemplo, de um Ingenieros, imigrante que reivindica que a "raça" não é uma fatalidade biológica, mas uma unidade mental e social, possibilitando assim, em tese, que indivíduos imigrantes brancos pudessem compor o quadro dirigente da sociedade. A sociologia é vinculada diretamente a esse setor emergente na Argentina que, por mais que comungasse com a elite autóctone na necessidade de controlar a "multidão", estava marcada pela sua condição de *outsider*. Decorrente disso é que foi gerada, com poucas exceções, no bojo das faculdades de Direito e Medicina que, embora prestigiosas em termos de inserção econômica e social dos egressos, era vista com certa desconfiança pelos setores letrados "clássicos", na medida em que, como indicamos anteriormente, se assemelhava mais a uma "fábrica de diplomas" do que a uma universidade *strictu sensu*.

A reestruturação da universidade impacta diretamente sobre a dinâmica de autonomia entre ela e as instancias privadas, o que muda, substancialmente, as prerrogativas de uma ampla

[178] "tomar lo útil por lo bueno es el pecado de toda moral utilitária y el error próprio de los sistemas que tienden a negar la personalidad autónoma. Insistir solamente en el concepto ético es desconocer que la plena expansión de la personalidad sólo es posible en un mundo sometido" (idem, p. 41).

camada da elite portenha que havia construído seu prestígio sob redes familiares e resistido, por muitas décadas, a qualquer tentativa de profissionalização. Como salienta Ringer (1999) a propósito do caso alemão: "a ideia de que a verdadeira cultura transforma toda a personalidade do aluno pôde utilizar-se para desafiar o nascimento e a tradição como critérios de estratificação social. Também pôde servir para racionalizar as prerrogativas de uma nova aristocracia da cultura" (RINGER, 1999, p. 23). Além disso, reivindicar uma universidade sob os moldes alemães que fosse capaz de preservar a "ciência como vocação" era, também, um antídoto contra o crescimento do "mundo utilitário", pauta comum do discurso anti-Estados Unidos que circula amplamente pela América Latina nesse contexto, e que congrega positivistas e espiritualistas através do discurso americanista que perpassava ambas as posições. [179]

Dessa forma, situando os relatórios de Quesada nessa circulação internacional de propostas de organização do mundo intelectual torna-se mais compreensível a perenidade dessas querelas sobre os modos de produção do saber e, paralelamente, o impacto dessas disputas nas discordâncias teóricas e epistemológicas do campo intelectual argentino (MILO, 1984; PINTO, 2009; HEILBRON, 1999). Sustento, por fim, que Quesada inaugura um debate que seria fundamental nas décadas seguintes, principalmente a partir das reiteradas intervenções do Estado nas universidades (em 1930 e, mais fortemente, 1946, durante o governo peronista) e que será retomado, em outros matizes, por Gino Germani, na década de 1950, momento no qual o paradigma de universidade estadunidense já é, contudo, francamente dominante. Algumas das reivindicações expressas no relatório de Quesada, principalmente aquelas que se referem ao regime de liberdade de cátedra e de profissionalização do corpo docente seriam retomadas, nesse contexto, pelo sociólogo ítalo-argentino, também a partir de um enfrentamento de vernizes disciplinares, onde a sociologia, através desses elementos de profissionalização, inscreve então sua reivindicação por um espaço de fala autônomo e auto-consagratório, de cujas escolhas de enquadramento teórico se projetaram, também, discussões sobre a prática intelectual e a dimensão auto-reflexiva do cientista.

O próximo ponto se propõe a pensar, a partir das já mencionadas tensões entre posivistas e espiritualistas que se projetaram da esfera privada para a universidade, de que modo se fortalece, nas primeiras décadas do século XX, a relação de tensão entre o intelectual técnico e

[179] Exemplo dessa atitude em, publicação de 1877, Cané, no texto intitulado "El Positivismo" sintetiza em 6 páginas especialmente irônicas seu rechaço a essa prerrogativa. Segundo ele, não é sem tristeza que a geração que entendia o valor do "belo" passa a contemplar uma juventude para a qual o grande sonho não é mais a glória, mas uma concessão férrea: "Gosta do Hamlet de Shakespeare? Bobagem! Aprenda a arquivar um processo!" (1877, p. 12), ["Te gusta el Hamlet de Shakespeare? Boberías! Aprende a entablar una demanda!" (1877, p. 12)] brada o positivista arquetípico de Cané.

o clássico, que David Viñas chamaria, nos anos 1960, de *gentleman*-escritores. O objetivo é apresentar, com atenção especial à circulação de atitudes intelectuais, a própria inserção da Argentina e de seus narradores num espaço transnacional de circulação de ideias que se fortalece nesse contexto.

1.3. MEDIAÇÕES FRANCESAS E ESPANHOLAS NA CONFORMAÇÃO DO CAMPO INTELECTUAL ARGENTINO.

Beatriz Sarlo, em *Modernidad Periférica*, se vale de Raymond Williams para qualificar certa atitude diante do moderno enquanto manifestação de uma *estrutura de sentimento* específica. Em seus termos

> O tema da idade de ouro é a configuração que emerge das incertezas causadas pelo novo: ele restaura no plano do simbólico uma ordem que é considerada mais justa, embora nunca tenha existido objetivamente, ou seja, é mais uma resposta à mudança do que uma lembrança do passado. É por isso que a idade de ouro não é uma reconstrução realista ou histórica, mas uma diretriz que, no passado, é basicamente acrônica e atópica: de alguma forma uma utopia em que tecidos misturam desejos, projetos e, sem dúvida, também memórias coletivas. (SARLO, 2010, p 32)[180].

Entre idealizações do passado, disputas por identidade e reorganização dos espaços intelectuais, a Argentina das primeiras décadas do século XX oferece, como apresentado nos tópicos anteriores, uma vasta gama de possibilidades para a circulação do discurso crítico, tal como o entende Koselleck (1999). Descrevendo uma dessas vias, a saber, a emergência de um setor nacionalista nas letras argentinas, em fins da década de 1920, Sarlo pontua que, em oposição às vanguardas da década de 1920, "este programa tem como condição básica uma leitura da história, caracterizada primeiro por um esquema heroico (a patriada) e em seguida por uma construção de romance, que implica a possibilidade de mudança e redenção sobre a base de um pronunciado monocausalismo" (2010, p. 212)[181]. Diferententemente, portanto, da geração modernista protagonizada pelo cosmopolitismo de Borges, para quem o passado era um mosaico de memórias familiares, se sobressaem figuras como as de Leopoldo Lugones, Alfredo Palacios e Scalabrini Ortiz, para as quais a crise dos anos 30 tem, sobretudo, dimensões

[180] "el tópico de la edad dorada es la configuración que emerge de las dessazones causadas por lo nuevo: restituye en el plano de lo simbólico un orden que se estima más justo, aunque nunca haja existido objectivamente o sea más bién, una respuesta al cambio antes que una memoria del pasado. Por eso la edad dorada no es una reconstrucción realista ni histórica, sino una pauta que, ubicada en el pasado, es basicamente acrónica y atópica: de algun modo una utopia en cujo tejido se mezclan deseos, proyectos y, sin duda, también recuerdos colectivos" (SARLO, 2010, p. 32).

[181] "este programa tiene como condición básica una lectura de la história, caracterizada primero por un esquema heroico (la patriada) y luego por una construcción de romance, que implica la posibildad de cambio y redención, sobre la base de un pronunciado monocausalismo" (2010, p. 212).

morais[182]. As visões do centenário e suas dimensões projetivas, que prefiguravam uma Argentina repleta de futuro, já não inspiravam mais confiança nos anos 1930. Era preciso, na leitura de Funes (2006), demonstrar a existência ontológica da nação que se pretendia restaurar.

É tendo em vista a emergência de um setor específico de intelectuais nacionalistas que ganha espaço a partir da radicalização do discurso crítico dos anos 1920 que, nesse momento do argumento, proponho uma atenção à circulação de certos estilos de vida intelectuais. Mais uma vez, não é demais dizer, a intenção não é exaustiva.[183] Ao contrário, o objetivo é bastante pontual: capturar a decadência da referência francesa – grande orientadora das expectativas da elite letrada argentina da virada do século, notadamente aquela de atitude positivista – e a emergência de referências alemãs e espanholas que traziam em seu bojo não apenas uma nova concepção sobre o entendimento da *crise* mas, também, uma nova categorização da figura do intelectual, um novo "sentido do jogo". Schorske (1981), introduzindo suas meditações sobre Viena, propõe que o historiador se atente ao entrecruzamento de duas dimensões: diacronicamente, que os textos sejam analisados a partir dos textos que o informaram e, sincronicamente, que sejam postos em diálogo com outras manifestações coetâneas. Essa é a inspiração que orienta a composição dessa apresentação final sobre as primeiras décadas do século XX argentino: em paralelo às disputas teóricas entre positivistas e espiritualistas (observação sincrônica) e às suas reverberações institucionais, esse ponto da análise pretende circunscrever as querelas teóricas aos estilos de vida que as informavam (perspectiva diacrônica). Observar esses entrecruzamentos é assumir, para todos os efeitos, que a história de uma narrativa é também a história do escamoteamento de outras.

Não poucas narrativas sobre a América Latina – desde aquelas de cunho ensaístico até as robustas formulações acadêmicas como as da Teoria da Dependência – se debruçaram sob as tensões que envolveram a formação de sua identidade, as querelas acerca do "centro" do ponto de vista da periferia e as reivindicações de "continuidade patrimonial" com a Europa. Perguntas como *"quem somos?"* ou *"por que não somos diferentes?"* compuseram o imaginário latino-americano ao longo dos últimos 200 anos. No caso argentino, notadamente, a referência francesa foi uma das chaves-mestras para a superação da herança colonial

[182] É importante lembrar que, nas antípodas de Sur, permanecem os escritores dedicados a temas sociais, no geral provenientes de Boedo e agrupados em torno da revista *Claridad*. A impressão que dá é que a literatura de esquerda é muito mais pulverizada, em revista como Brújula, de Rodolgo Puiggrós e Víctor Luis Molinari (1930-1931), Nervio, anarquista, a partir de 1931, Castelnuevo. Contra. Março e agosto de 1933, por Raul Gonzáles Tuñon. Columna, de 1937 a 1942, Tiempo e Expresión, 1946 a 1947, Héctor P. Agosti, marxista. Para análise mais detalhada das tensões entre o grupo da Florida e Boedo, é possível consultar Sarlo e Altamirano (1997) e SILVA (2005).

[183] Para uma análise mais detalhada desse aspecto é possível consultar Beired (2009), Sarlo (1995, 1997, 2010) e Donghi (2000).

espanhola que a geração de 1880 julgava perniciosa para seus projetos modernizadores. Advogar a continuidade patrimonial europeia a partir da aproximação com os modos de vida e as instituições francesas se converteu em uma das consígneas centrais da modernidade argentina, e convivia com desenvoltura com a literatura de tom xenófobo[184] que procurava relegar às periferias simbólicas a herança espanhola.

A França, meridiano de Greenwich literário (CASANOVA, 2002), funcionava como cânone central da intelectualidade portenha do começo do século, tanto pela proeminência que desempenhava no cenário europeu quanto pela possibilidade que oferecia às elites letradas argentinas de avalizar, através de um sólido comércio de prestígio, suas próprias práticas e temas afinal, também no universo intelectual "é preciso ser antigo para ter alguma chance de ser moderno ou de decretar a modernidade" (idem, p. 118). O apego da classe letrada argentina à simbologia da *belle époque* francesa é bastante conhecido. Desde os salões literários da geração de 1837, passando pelo sucesso das filosofias positivistas na virada do século até a arquitetura portenha, são diversos os níveis através dos quais se pode observar essa circulação; na síntese de Braun, o século XIX é permeado por essa tendência: "havia interesse no progresso, mas também em mostrar que pertencia ao mundo privilegiado do além mar. Um certo espírito exibicionista se revelou a partir dos anos cinquenta" (BRAUN in VASQUEZ-RIAL, 1996, p. 34)[185]. A Buenos Aires que se moderniza na virada do século chegou a ser considerada, como é sabido, a Paris americana, a ponto de que Clemenceau tenha podido afirmar, quando em visita, que Buenos Aires era mesmo uma grande cidade europeia. Protagonistas dessa mímese, as famílias mais abastadas e tradicionais, com grandes volumes de capital cultural, se empenharam em atualizar os círculos letrados de Buenos Aires nesse repertório.

O imaginário francês atuava, para além de instância consagradora, como fornecedor de um modelo de conduta letrada (SVAMPA, 1994). Conforme salienta Ringer (1992), se na Alemanha o intelectual esteve "totalmente excluído do mundo aristocrático das pequenas cortes alemãs" (1992, p. 22)[186] na França ele é o próprio *homme civilisé*. Do mesmo modo, em oposição à ideia da *bildung* alemã enquanto uma característica que se adere ao indivíduo a partir do auto-cultivo, o homem civilizado francês tem a erudição como um bem que se adquire e se utiliza, ponto de partida de pertencimentos sociais e comunitários. Essa distinção importa na

[184] Dentre os autores dessa literatura xenófoba pode-se destacar Miguel Cané, José Antonio Wilde, Lucio Lopes e Martín Garcia Merou. Ver Vasquez Rial, 1996.
[185] "Habia en ello interés en el progresso, pero también en mostrar que se pertenecía al privilegiado mundo de alén mares. Um cierto espíritu exhibicionista se mostro desde la década del cincuenta" (BRAUN in VASQUEZ-RIAL, 1996, p. 34).
[186] "totally excluded from the aristocratic world of the small german courts" (RINGER, 1992, p. 22)

medida em que era esse modelo de "homem civilizado", polido e cortez, e não outro tipo de atitude intelectual, aquele que funcionava como mecanismo distintivo das tradicionais elites argentinas vinculadas à renda pecuária: em oposição às grandes massas de imigrantes, mas também à burguesia que lentamente se enriquecia, a referência aos modos franceses não se restringia, assim, a uma questão de etiqueta. Nos termos de Rolland (2004), a França funciona, no fim do XIX latino-americano, como paradigma, e a adoção dos modelos franceses esteve ligada a defesa de uma muito particular ideia de republica

> dessa forma, a referência à França, país cuja presença econômica é secundária no continente, é fundamental, porque ela é cultural antes de ser política, universalista mas longínqua e, por isso, pouco ameaçadora, e porque o militantismo da terceira republica francesa fornece modelos que são julgados como sendo parcialmente transportáveis pelas elites latino-americanas (ROLLAND, 2004, p. 247).

A partir da circulação de nomes de proa do campo letrado argentino, expressa em meditações de viagem, crônicas periodísticas e, eventualmente, em preferências abertamente reivindicadas – como no caso de Delfina Bunge, alfabetizada em francês que, conta-se, teria confessado pensar nesse idioma e em seguida traduzir mentalmente para o espanhol – se conformará esse vigoroso espaço cultural nas primeiras décadas do século XX argentino informado pela referência francesa. Na leitura de Rapoport e Seoane, nesse sentido, entre 1890 e 1914

> o hedonismo em geral das classes altas européias, a permissividade de suas conexões sociais, que iam desde a participação nas festas rufianescas do *maquereaux* até o consumo de drogas, junto com o refinamento artístico e cultural da capital francesa, atraíram a visita ou o estadia de *restacueros* e outros personagens portenhos em busca de adquirir uma pátina de distinção e superioridade (RAPOPORT E SEOANE, 2007, p.377)[187].

As familias ricas e tradicionais de Buenos Aires, como os Alvear, os Anchorena e os Ocampo, protagonizam um trânsito que permanecerá vigoroso até avançadas décadas do século XX. Conforme a clássica crônica de David Viñas, é possível observar essas viagens a partir de seu sentido geracional, olhar que, neste trabalho, ajuda a alocar a direção e a motivação dessas viagens como sismógrafos do *aggiornamento* simbólico que marca as primeiras décadas do século. A primeira geração de viajantes, ainda colonial, composta por nomes como Manuel Belgrano, era contida, moderada e conforme ao ideal de prestígio clássico (VIÑAS, 2005); nela, a Buenos Aires aparecia vacante, atrasada, e pouco se discutia a sacralidade europeia. Em seguida, na segunda geração, a de Alberdi, predomina, para o autor, a viagem utilitária, "o

[187] "el hedonismo en general de clases altas europeas, la permisividad de sus vinculaciones sociales, que iba desde participar en las fiestas rufianescas de los maquereaux hasta el consumo de drogas, junto con el refinamento artístico y cultural de la capital francesa, atrajeron la visita o la estadía de restacueros y otros personajes porteños en búsqueda de adquirir una pátina de distinción y superioridade" (RAPOPORT E SEOANE, 2007, p. 377).

transito dos realizadores da guerra contra a Espanha a seus herdeiros que pretendem por em circulação o que foi acumulado por seus pais" (idem, p. 22)[188] nessa ocasião, quem viaja não é mais o assustado colono, mas o observador americano. Alberdi vai, em suma, *ver como se faz*, num híbrido de projeto, sistematização e vontade cartesiana. Suas crônicas têm, vale lembrar, estilo de *memorandum*. Aos poucos, segue Viñas, a prática das viagens vai se tornando estética, priorizando a fruição, embora Alberdi represente ainda uma certa resistência ainda a esse tipo de viagem. [189]

A geração de Sarmiento, na leitura de Viñas, já pretende conquistar a cidade, mais que dar informes, e se coloca no ponto de vista do *flaneur*. A viagem consumidora será a próxima, na qual predomina a fuição estética representada pela figura de Mansilla e dos *gentleman* dos 80, para os quais a Europa vira escola mundana[190]. O ponto nodal dessas viagens passa a ser, então, o gasto, a ostentação[191]. Em síntese, nas primeiras décadas do século XX, a "Europa exalta e sacraliza as distancias instauradas na América" (2005, p. 41)[192].

> Com a consolidação do grupo social dirigente a partir de 1880, a viagem pela Europa se institucionaliza: nem pioneiros nem precursores ou aventureiros, aqueles que a celebram adotam cada bez mais um ar oficial e o itinerário se torna ritual. Viaja-se para a Europa para se santificar e voltar consagrado; as preocupações empíricas sobre o próprio país vão se diluindo para serem substituídas por um movimento de entonação mística: o Gentleman viajante é liberado de seu país, a Argentina ou Buenos Aires são matéria desprezível, o corpo do pecado ou o mal, e disso é preciso purgar-se através da iluminação que emerge do empírico europeu. A permanência ali, a permanência mais longa no seio do absoluto, facilita a impregnação e a unidade do viajante espiritual argentino com o espírito europeu. Na verdade, a etapa da viagem *bumerangue* é inaugurada: importa menos ir do que voltar. O paraíso está lá, mas a verificação do sagrado é dada aqui (...). Em alguns casos, o retorno da Europa não implica apenas a consagração como argentino de primeira classe, mas também a identificação com o estrangeiro. O cavalheiro que viajou para a Europa vê seu próprio país com um olhar europeu: 'Tudo parecia primitivo e distante como uma coisa do Extremo Oriente - confessa Daniel García

[188] "es el transito de los realizadores de la guerra contra España a sus herederos que pretenden movilizar lo acumulado por sus padres" (idem, p. 22).

[189] "En 1845, Miguel Piñero escribía que los argentinos empezaban a ir a Europa 'para gozar de la presencia de Dios'. En realidade, para acercarse a Dios o para revoltear como pequenos dioses. Después de Caseros y hasta la primera guerra mundial, eso sería cada vez más un lugar común del discurso de la gentry" (apud VIÑAS, 2005, p. 31-32).

[190] De Aaron Anchorena, por su parte, se decía que al terminar las grandes comidas que daba en los hoteles de Europa hacía destrozar la vajilla por un perro. No menos ostentosos aunque más prácticos, los Anchorena, como otras famílias cuando viajaban a Europa llevaban en el barco a los criados, cocineros, niñeras, choferes, así como también gallinas y vacas para tener huevos y leche fresca. Clara Cobo de Anchorena, según la tradición oral, llevaba en su coche numerosas cajas con guantes, pues cada vez que usaba un par lo arrollaba a la calle. Nuevo Heráclito de la moda, no admitía usar dos veces el mismo vestido. Paquín, de Paris, decía que sus mejores clientes eran la reina de Rumania y Clara Cobo de Anchorena (...). Las damas de família Anchorena, así como las de Alvear o Alzaga eran tan conocidas en las grandes tiendas de París por sus fastuosas compras que las vendedoras al ver sus tarjetas exclamaban: 'Ah! Madame appartient aux trois A" (SEBRELI, 1985, p. 30).

[191] Em *A ilusão escolástica*, Bourdieu se refere, no prmeiro capítulo, à "ambiguidade da disposição escolástica". Trata-se de uma configuração na qual o lazer do estudioso compõe sua própria doxa epistémica, numa atitude que requer a ignorância acerca das condições que tornam esse pensamento puro possível".

[192] "Europa exalta y sacraliza las distancias sociales instauradas en America" (2005, p. 41).

> Mansilla em suas memórias -. No entanto, pouco a pouco fui aclimatando-me ao ritmo da vida e costumes, assim como às pessoas; todos eram geralmente abertos, bem-humorados e compreensivos, embora algumas vezes fossem bastante zombeteiros, como se fossem crianças malcriadas'. A viagem sacramentada se sobrepõe à viagem imperial: o argentino santificado na Eruopa internalizou a perspectiva central e olha seu país e seus compatriotas como o funcionário colonial se enfrenta com os nativos (2005, p 43-45.)[193]

O recurso ao texto de Viñas ajuda a perceber de que forma, a partir dessas viagens, os padrões de consumo e, notadamente, de consumo intelectual, são elevados à substitutos das formações técnicas e profissionalizantes passíveis de serem adquiridas na nascente universidade portenha.

Neste momento, faz-se necessária uma pequena incursão nesse universo francês que informava os letrados argentinos, na medida em que ele também esavat, como todos os outros campos nacionais, inscrito em determinadas dinâmicas contingentes do prestígio culto internacional. Como sugere Casanova (2002), a história da "republica mundial das letras" é uma história de tensões, não uma equação simples que poderia ser descrita através da associação causal entre polo dominante político e econômico e polo dominante intelectual. Se consideramos que a legitimidade do capital literário parte de que "todos os jogadores tem em comum a crença na mesma aposta que nem todos fizeram, ou pelo menos não no mesmo grau, mas por cuja posse todos lutarão" (CASANOVA, 2002, p. 32), é preciso que o fascínio que o universo letrado francês exercia sobre as elites argentinas não escamoteie fatores como a antiguidade dos clássicos, o prestígio do idioma de Valéry e, ainda, as propriedades sociais dos intermediadores entre os dois campos nacionais.

Lewis Coser (1968), ao descrever o funcionamento dos salões na sociedade francesa, ainda no século XVIII, ilustra a sociabilidade que pretendo rastrear. Espaços de arbítrio do

---

[193] "Con la solidificación del grupo social que dirige al país luego de 1880, el viaje europeo se institucionaliza: ni pioneros, ni precursores, ni aventureros, quienes lo celebran adoptan cada vez más el aire de oficiantes y el itinerario se convierte en ritual. Se viaja a Europa para santificarse allá y regresar consagrado; las preocupaciones empíricas por el propio país se van diluyendo para ser reemplazadas por un movimiento de entonación mística: el gentlemán viajero se libera de su país, la Argentina o Buenos Aires son la materia desdeñable, el cuerpo pecaminoso o el mal, y de eso hay que purgarse a través de la iluminación que desciende desde el empíreo europeo. La estada allá, la permanencia más prolongada en el seno de lo absoluto, facilitan la im pregnación y la unidad del espiritual viajero argentino con el espíritu europeo. En realidad, se inaugura la etapa del viaje bumerang: no interesa tanto ir porque se va para volver. El cielo reside allá, pero la verificación de la sacralidad se da aquí. (...) En algunos casos cuminan tes el regreso de Europa no sólo implica la consagración en tanto argentino de primera clase, sino también la identificación con el europeo. El gentleman que ha viajado a Europa contempla a su propio país con mirada europea: "Todo me parecía primitivo y distante como cosa del Lejano Oriente — confiesa Daniel García Mansilla en sus memorias —. Sin embargo, poco a poco me fui aclimatando al ritmo de la vida y a las costumbres, así como a las gentes; todos se mostraban en general abiertos, bonachones y comprensivos, aunque a veces bastante burlones, cual si fueran niños traviesos". En esta coyuntura el viaje sacramentado se superpone con el viaje imperial: el argentino santificado en Europa ha internalizado la perspectiva central y mira a su país y a sus comptriotas como el funcionario colonial se enfrenta con los naturales (2005, p. 43-45).

gosto e do reconhecimento intelectual, os salões eram menos formais que a corte oficial, muito embora repletos de instrumentos de hierarquização. Nesses 'espaços de arbítrio do gosto', lembra Casanova (2002), uma série de intelectuais e artistas latino-americanos puderam dizer, abertamente, que se descobriram americanos em Paris. Escrever até mesmo as correspondências pessoais em francês, por exemplo, ajudava esses letrados periféricos a se projetarem no centro, tendo em vista que já no século XVIII a língua francesa impõe seu uso transnacional, muito por conta do processo de laicização das referencias letradas que começaram naquela sociedade (MILO, 1984; SAPIRO e HEILBRON, 2002). Embora a rivalidade inicial pelo predomínio da consagração letrada tenha sido com a Inglaterra, é apenas a referência alemã, já avançadas décadas do século XIX, aquela que destronará o paradigma francês. De qualquer modo, obter a aprovação de Paris foi importante até avançadas décadas do século XX, motivo pelo qual não é acessória a reiterada associação de prestígio que os intelectuais argentinos executam em relação aos cânones parisienses (CASANOVA, 2002).

Heilbron (1995), analisando a composição desse cânone, pontua que, ao contrário de outros países como a Alemanha, no caso francês as Academias privadas foram mais capazes que as universidades de angariar alguma autonomia frente à Igreja e, posteriormente, ao Estado. Esse tipo de configuração, como é patente no caso argentino, favorece uma lógica de recrutamento menos burocrática e, ao mesmo tempo, mais tradicional, fundamentada nas relações familiares e no compartilhamento de um estilo de vida, de uma atitude frente às coisas do pensamento. No caso francês, segue Heilbron, há uma proximidade do universo das Academias com a Corte, situação que ajudou a disseminação de uma série de noções de etiqueta e modos de vida. O acesso ao "mundo", nesse universo, ocorria através do pedágio das maneiras. Nessa disposição, a conversação tinha papel central, era considerada uma forma de arte. No território dos generalistas, o cientista técnico era preterido e desvalorizado. Nos termos de Heilbron, a *expertise* era vista como uma virtude burguesa, e menosprezada como um "trabalho prático", menor, em comparação, do que as conversações inspiradas dos homens de letras: "como a arte da reflexão independente, do discurso desvinculado, o virtuosismo do ensaio francês ainda evoca muitas das peculiaridades da cultura do salão" (HEILBRON, 1995, p. 32)[194].

Essa peculiaridade francesa – o vigor da esfera privada em relação ao ensino formal – é também abordada por C. Charle, em sua análise sobre a formação do universo intelectual

[194] "as the art of unatached reflection, of the unbound discourse, the virtuosity of the French essay still recalls many of the peculiarities of the salon culture" (HEILBRON, 1995, p. 32)

europeu (1992; 1996). Durante a primeira metade do século XIX, segundo o autor, os polos de atração eram Paris, Londres e Bruxelas. Ao contrário das duas ultimas, contudo, Paris oferecia condições de vida aos intelectuais imigrantes, justamente por oferecer postos de trabalho e colocações sociais menos burocratizadas que os outros países, especialmente na imprensa, mas também nos liceus e escolas recém fundadas[195]. O vigor do campo privado, nesse sentido, favorecia a diversificação das possibilidades intelectuais, a ponto de que

> A oposição entre um discurso profissional - do tipo inglês - e um discurso muito mais social e político - do tipo continental - resume bastante bem a clivagem entre uma Europa onde as profissões intelectuais permanecem amplamente pensadas em relação ao Estado ou às universidades - daí um problema de possível regularização voluntária - e uma Europa onde o mercado e a competição individual servem como um mecanismo regulador anônimo, apesar de suas desvantagens sociais (CHARLE, 1996, p. 175)[196]

Enquanto a Alemanha apresentava-se como uma meca científica, que atraia jovens do mundo todo para receberem treinamento em seus famosos seminários, a França oferecia uma possibilidade de formação muito além da estatutária: tratava-se, como Bourdieu sugere n´A Distinção (2010), de um aprendizado de maneiras. O aprendizado do idioma, dos modos e do gosto aparece, desse modo, como afirmação prática da diferença. O gosto que não se discute, aquele que se reivindica fundado pela natureza, torna-se mais prestigioso, num universo tão carente de prestígio para suas instituições educativas como era a Argentina, do que aquele adquirido de modo formal. A frequência aos salões franceses, desse modo, facultava às elites argentinas a prerrogativa da ousadia intelectual, dos investimentos mais arriscados em relação

---

[195] Complementando, Charle afirma que" "A modificação das representações sociais dos intelectuais em diferentes países e a evolução de suas formas de intervenção social e política provêm, em grande parte, de mudanças morfológicas e sociológicas anteriores, mas também de mudanças significativas na cronologia da liberalização da vida pública" (1996, p. 243). ["La modification des représentations sociales des intellectuels dans les différents payz et l´evolution de leurs formes d´intervention sociale et politique découlent en grande partie des changements morphologiques et sociologiques précédents mais aussi des décalages sensibles dans la chronologie de la libéralisation de la vie publique" (1996, p. 243)]. Os combates pela liberdade e pela autonomia passam a ser a tonica do debate no campo, especialmente nos países liberais como a França. "Ele separa aqueles que, em função de uma antiga imagem elitista, se manifestam contra a modernidade e a democracia ou recosam o engajamento em nome da autonomia e aqueles que rompem essas três normas em nome de um prolongamento do combate pela liberdade e que se inquietam diante da força persistente da reação ou das regressões racistas e nacionalistas" (idem, p. 245). ["El separe ceux qui, en fonction d´une image élitiste ancienne, se méfient de la modernité et de la démocratie ou refusent l´engagement au nom de l´autonomie et ceux qui violent dans ces trois terms un prolongement du combat pour la liberte et s´inquiètent de la force persistante de la réaction ou des régressions racistes et nacionalistes" (idem, p. 245)]. No caso francês, essa dicotomia é representada pelo caso Dreyfus. Alemanha se define negativamente: coexistência de "um alto grau de autonomia sem a reivindicação majoritária de poder trabalhar fora da jurisdição específica" (ibidem, p. 245) ["un haut degré d´autonomie sans revendication majoritaire d´um pouvouir hors du chamo de compétence specifique" (ibidem, p. 246)].

[196] "L´opposition entre un discours professionnel – de type anglais – et un discours beaucoup plus social et politique – de type continental – résume assez bien le clivage entre une Europe où les professions intellectuelles restent en grande partie pensées par rapport à l´État ou aux universités – d´où un problème de régularion volontaire éventuel – et une Europe où le marché et la concurrence individuelle servente de mécanisme régulateur anonyme malgré leurs inconvenientes sociaux" (CHARLE, 1996, p. 175).

àquele setor que, incorporando-se recentemente ao ensino formal, dependia exclusivamente de sua formação escolar (BOURDIEU, 2010, 2013).

A competência cultural é definida, na aposta desta tese, por suas condições de aquisição. No caso do recorte dessa investigação, são sintomáticas as viagens de formação do gosto que empreendiam os filhos de famílias abastadas de Buenos Aires, como os Ocampo, os Anchorena, os Casares, os Alvear, dentre outros. O saber e o habitus cultivado, para esse setor, é produto de uma lenta familiarização,

> a virtualidade do academicismo está encerrada, como se vê, em qualquer pedagogia racional, que tende a reunir num corpo doutrinário de normas e fórmulas explícitas e explicitamente ensinadas, mais negativas que positivas, aquilo que uma aprendizagem tradicional transmite na forma de um estilo global diretamente apreendido nas práticas" (BOURDIEU, 2010, p. 130).

Ainda a partir da distinção de Bourdieu entre doutos e mundanos, é importante considerar que, se o capital estatutário de origem, a precocidade, é fruto de séculos de acumulação de tempo de acesso, não parece uma coincidência que as viagens de formação de gosto pela Europa aumentem - e, seguindo Viñas, tornem-se estéticas e místicas - conforme aumentam as pressões da burguesia enriquecida por acesso aos meios educacionais formais. Se, portanto, os filhos da burguesia já pressionam o sistema universitário argentino e, inclusive, o modelam segundo suas necessidades, as fronteiras distintivas são reorganizadas diante da posse desse *savoir faire* adquirido no exterior, notadamente em Paris.

Essas filiações intelectuais e artísticas respondiam, alusivamente, ao clima progressista e modernizante que caracterizou a geração da virada do século e do Centenário, 1910[197]. Se a sociabilidade das consagrações culturais ganhava novas dimensões a partir de uma nova concepção do espaço público, como salienta Sarlo (1995, 2011), há também uma dimensão menos evidente desses dispositivos. As grandes fortunas das famílias criollas, na ausência de uma rede pública de financiamento (MICELI, 2012), viabilizaram o amplo circuito editorial que então começa a despontar numa Buenos Aires com cada vez mais leitores. Isso solidifica as próprias relações sociais envolvidas no universo das letras, na medida em que as relações de mecenato, que se baseiam em acordos informais e de prestígio familiar, também mantém fechadas, aos imigrantes, os principais espaços de sociabilização. Alain Viala (1985), descrevendo a ascensão da cultura do mecenato no campo intelectual francês, sintetiza esse tipo

[197] Na análise de Romero "o progresso era uma velha ideia que o século XVIII havia desenvolvido com cuidado como uma teoria da história e uma filosofia de vida. Naquela versão, o progresso era fundamentalmente uma contínua e tenaz conquista da racionalidade. Mas na segunda metade do século XIX, havia se comprometido coma s sociedades industrializadas e oferecia uma nova versão ou, pelo menos, uma variante bem definida: o progresso era o contínuo desenvolvimento da conquista da natureza para coloca-la a serviço do homem, da produção de bens, da produção de riquezas, da produção de bem estar (2004, p. 343).

de relação nos seguintes termos: "agindo como um mecenas, o rico 'lava' simbolicamente toda a sua fortuna: assim como o dinheiro do pagamento aparece como um símbolo do prazer experimentado, toda a riqueza aparece como um símbolo de seus méritos pessoais" (1985, 55)[198]. Num universo intelectual onde, nos termos de Miguel Cané, o incentivo à cultura era quase nulo, aumentam exponencialmente as prerrogativas das instâncias privadas, como os cafés e, sobretudo, as revistas e espaços culturais de encontro, como o Jockey Club[199].

Essa sociabilidade, favorecida pelos intentos modernizadores da época de Alvear, se gesta ainda na época de Rosas. Quando de seus decretos em prejuízo da universidade, sugere Vicente Quesada, ocorre um esvaziamento da incipiente instituição, "de maneira que a juventude de minha época não tinha meios para instruir-se, nem estímulos para aprender; mas como não quis se resignar à ignorância, lutou e se instruiu como pôde, desenvolvendo-se com mais punjança a iniciativa pessoal e o caráter de cada um" (1942, p. 127)[200]. As tertúlias nos salões da classe alta[201], como eram chamadas essas reuniões, aconteciam principalmente em casas de hóspedes da Academia de Jurisprudencia, para onde confluíam nomes como Manuel Ugarte, Vicente Quesada, Eseubio Ocampo e Juan O. Garcia. Caracterizando-as, segue Quesada, "ali se conversava de literatura, de política, de administração, mas não foi um círculo político, pois todos ali viviam retirados das agitações dos partidos" (1946, p. 164)[202].

---

[198] "en agissant en mècéne, le riche 'lave' symboliquement tout as fortune: de même que l´argent de la gratification apparaît comme un symbole du plaisir éprouvé, de même l´ensemble de as richesse apparaît comme un symbole de ses mérites personnels" (1985, p. 55).

[199] Em "Memórias de un Viejo", por exemplo, numa crônica assinada pela personagem Lucy Dowling, visitante londrina, ainda em 1882, intitulada "Sobre el teatro de Cólon" é possível capturar uma interface dessa atmosfera: "Não pensava então em visitar Buenos Aires, mas permita-me decir que para que sejam, realmente, bons os ares seria preciso que as ruas e cafés fossem mais limpos, e houvesse nelas menos lodo" (1882, p. 48) ["No pensaba entonces em visitar Buenos Aires, pero permitame decirle que para que sean realmente Buenos sus aires sería preciso que las calles fuesen más limpias, y hubiese em ellas menos lodo" (1882, p. 48)]. Sobre a decoração do teatro, "um espírito de economia brega e sórdido" (idem, p. 49) ["um espiritu de economia bresgudo y sórdido" (idem, p. 49)]. Rapoport e Seoane, referindo-se ao depoimento de outro frequentador assíduo desses círculos, Miguel Cané, aponta que "Nesse âmbito, os cavalheiros dos anos 80 haviam encontrado seu lugar para o exercício do diletantismo e do hedonismo. Na opinião de Miguel Cané, a decoração e objetos como os do Jockey Club educam como as idéias e, como arte e preocupação com a beleza prevalecem e se impõem, é fácil alcançar esse pensamento espiritual, essa cortesia de formas e lingüísticas que constituem a essência da alta cultura" (2007, p. 117). ["En este ámbito, los gentleman del 80 habían encontrado su lugar para el ejercicio del diletantismo y el regodeo hedonista. En opinión de Miguel Cané, decoración y objetos como los del Jockey Club 'educan como las ideas y allí como el arte y la preocupación por la beleza reinan y se imponen, es fácil alcanzar esse pensamiento espiritual, esa cortesia de maneras y linguajes que constituyen la esencia de la alta cultura" (2007, p. 117)].

[200] "de manera que la juventud de mi tempo no tenía médios para instruirse, ni estímulos para aprender; pero como no quiso resignarse a la ignorância, luchó y se instruyó como pudo, desarrollandose com mayor punjanza la iniciativa personal, el caracter de cada uno" (1942, p. 127)

[201] Bourdieu em *As regras da arte*, define os salões como um tipo de configuração que se distingue mais pelo que exclui do que pelo que inclui (BOURDIEU,1996)

[202] "allí se conversaba de literatura, de política y de administración, pero no fue um circulo político, porque todos vivian entonces retirados de las agitaciones de los partidos" (1946, p. 164).

Essa atmosfera permanece operante e ganha força, como dito anteriormente, durante a geração da virada do século. Na ultima década do XIX e na primeira década do século XX, em paralelo, pois, às contendas entre positivistas e espiritualistas e, também, aos debates sobre a consolidação da Universidade de Buenos Aires e à Reforma de Córdoba, é possível localizar um esforço exemplar do intendente Torcuato de Alvear: trata-se de europeizar a cidade, habilitando-a para uma nova modalidade de ocupação do espaço público e, principalmente, para a circulação de uma sociabilidade letrada em ascensão[203]. A abertura da Avenida de Mayo – o *boullevard* parisiense que se projeta a partir da praça central – e a reforma da Plaza de Mayo – inclusive com a derrubada da alcova colonial que a dividia – constituem exemplos de uma cidade que pretendia comportar hábitos de vida similares aos parisienses e renderam à Alvear o apelido de "Haussmann portenho".[204] Que nos bairros mais afastados do centro e nos *conventillos* a situação ainda beirasse a miséria completa (RAPOPORT E SEOANE, 2007), não parecia influenciar decisivamente nessa auto-imagem parisina dos *flaneurs* de Buenos Aires. Essa atitude, como se é de esperar, não deixava de provocar um desconforto jocoso em alguns setores específicos do universo letrado, notadamente, mas não só, naqueles ligados às demandas dos imigrantes de primeira geração.

> Ainda que sem deixar de promover a mudança, os escritos de Miguel Cané, Eduardo Wilde (...) alertam sobre essa nova postura - às vezes uma atitude de *parvenu* - adotada quase sem digestão. Ridiculariza-se aqueles que voltam da Europa carregados de obras de arte, nem sempre de bom gosto, e aqueles que se debruçam sobre novas regras de etiqueta que se assemelham a manequins de *tende*. Mas em poucos anos, graças ao seu poder de adaptação, essa elite se afirmou e moveu-se naturalmente nos espaços complexos da nova vida cotidiana (BRAUN in VASQUEZ-RIAL, 1996, p. 49)[205].

---

[203] Na descrição famosa de Romero: "Buenos Aires optou pelas demolições. Federalizada em 1880, Torcuato de Alvear foi designado prefeito pouco depois e pegou na picareta. Foram abaixo a recova vieja que cortava em dois a atual plaza de mayo e também boa parte do antigo cabildo colonial para abrir uma avenida que comunicaria aquela praça, onde havia estado o forte e agora se levantava a casa rosada, com a outra praça onde posteriormente foi erguido o monumental Palacio del Congtreso. A Avenida de mayo foi aberta, efetivamente, em pouco tempo e logo ficou totalmente cercada de edifícios modernos, de estilos variados entre os quais não faltavam ousados exemplos de art nouveau. A partir desse momento transformou-se no coração de Buenos Aires. Poucos anos depois, sob a Avenida de Mayo e a rua Rivadavia começou a circular o primeiro trem subterrâneo da América Latina. Não muito depois seriam projetadas duas grandes diagonais que deviam sair da plaza de mayo e uma extensa avenida de norte a sul, hoje chamada 9 de Julio. Centenas de casas foram derrubadas para a execução desses projetos" (1976, p. 311).

[204] Na síntese de Sanchez também ganha destaque o papel dessa nova sociabilidade que pretendo destacar: "Antes discreta e austera, a elite, ou uma parte dela, vinculada ao novo centro de poder político, se tornou ostentatória, fazendo jus ao estado florescente de suas finanças e exteriorizando sua recente prosperidade na construção de luxuosas mansões e uma intensa vida social" (SANCHEZ in RIAL, 1996, p. 142) ["Antes discreta y austera, la elite, o una parte de ella, la vinculada al nuevo centro del poder político, se volvió ostentosa, haciendo gala del estado floreciente de su hacienda y exteriorizando su reciente prosperidad en la construcción de lujosas mansiones y en una intensa vida social" (SANCHEZ in RIAL, 1996, p. 142)].

[205] "Sin dejar de propiciar el cambio, los escritos de Miguel Cané, Eduardo Wilde (...) advierten acerca de esa nueva postura – a veces una actitud de parvenu – adoptada casi sin digerir. Ridiculizan a los que vuelven de Europa cargados de obras de arte, no siempre de buen gusto, y a aquellos que se encorsetean en nuevas reglas de etiqueta que los asemejan a maniquíes de tende. Pero en pocos años, gracias a su poder de adaptación, esa elite se

Frequentadora dos salões da família Anchorena e ligada aos Alvear, a família Ocampo também compartilhava dessa sociabilidade. Victoria Ocampo testemunha, em sua autobiografia, o estilo de vida típico da elite letrada argentina que venho tentando descrever, notadamente em suas aproximações com a cultura francesa. Vale a pena transcrever algumas passagens exemplares, tanto pela força do texto quanto pela própria posição que Victoria ocuparia nas décadas seguintes. Referindo-se aos preconceitos de classe que percebia em seu cotidiano juventil, lemos que, apesar de aparecerem *entre aspas*, se levava muito a sério as tradições nobiliárias argentinas, "isso era bem marcado, apesar da educação estrangeirizante que recebíamos, talvez porque a considerassem, não sem razão, mais refinada" (OCAMPO, 1980, p. 15)[206]. Ocampo descreve uma juventude sob padrões estritamente rígidos, que envolviam um decoro quase colonial: ela e suas irmãs não podiam receber visitas de amigos homens que não fossem da família e, já na adolescência, dançar mais de três músicas com o mesmo par constituía uma séria infração da etiqueta. Sendo mulher numa sociedade como a Buenos Aires do começo do século, Ocampo não deixa de mencionar o tipo de educação que se ministrava então às moças da aristocracia, o que se tornará, posteriormente, um de seus principais combates enquanto mecenas cultural. Destaco, contudo, uma das passagens de seu relato nas quais as relações entre a família Ocampo e o mundo letrado europeu ganham contornos mais concretos e a partir das quais pode-se observar, em gestação, a ampla rede de contatos internacionais que a ajudou a consolidar a revista Sur, na década de 1930[207].

> Quatro anos depois, devido a uma causalidade imprevisível, passamos muito tempo no mesmo hotel onde os Rostands ficaram. Eles vieram para Paris para a estréia de Chantecler (...) Naqueles anos eu estava perturbada por esse destino que me fez conhecer Edmond Rostand a Maurice, de Pierre Loti, um filho de Anatole France a Brousson (que não era mais um filho ou secretário) etc. Para seguir a tradição dos escritores da época, conheci Philippe Barrès, em Nova York (OCAMPO, 1980, p.65)[208].

---

afirmo y se movió con toda naturalidad en los complejos espacios de la nueva vida cotidiana" (BRAUN in VASQUEZ-RIAL, 1996, p. 49).

[206] "esto era ben marcado, apesar de la educación extranjerizante que recibíamos, tal vez por que la consideraban, no sin razón, más refinada" (OCAMPO, 1980, p. 15).

[207] Ao longo de incontáveis viagens, Victoria Ocampo estabeleceu relações com nomes como Ortega y Gasset (como será detalhado posteriormente), Conde Keysserling e Waldo Frank, rede que será fundamental para sustentar, nos anos seguintes, sua empreitada cultural. Como suegre King, o circulo que se estabelece em torno de Ocampo – dentre eles Borges e Mallea – fortalece-se mais por um "ethos geral do que por alguma declaração de princípios" (KING, 1986, p. 3) ["general ethos rather than in any declared statement of principles" (KING, 1986, p. 3)].

[208] "Cuatro años despues, por una causalidad poco previsible, pasamos una larga temporada en el mismo hotel donde los Rostand se alojaran. Vinieron a Paris para el estreno de Chantecler (...) En esos años me inquieto esse destino que me hacía conocer de Edmond Rostand a Maurice, de Pierre Loti a un hijo también, de Anatole France a Brousson (ése ya no era ni hijo, ni secretario) etc. Para seguir la tradición de los escritores de esa época, de Barrès conocí a Philippe, en Nueva York" (OCAMPO, 1980, p. 65).

Essa sociabilidade começa a entrar em cheque no fim dos anos 20, que Funes qualifica como aqueles da "erosão do sujeito liberal" (SARLO, 1997; FUNES, 2006). O cosmopolita versado nas artes da conversação parisiense que povoava os cafés de Avenida de Mayo será paulatinamente forçado a conviver com uma outra construção arquetípica, a do *homem que está só e espera,* na fórmula de Scalabrini Ortiz, de modo que

> O cenário das margens já não é mais o lugar literário dos Outros, considerados como pura alienação, como uma ameaça à ordem social, à moralidade estabelecida, à pureza do sangue, aos costumes tradicionais; não é apenas sobre os Outros que devem ser incluídos e redimidos. São outros que podem configurar um Nós com o eu literário de poetas e intelectuais, são outros próximos, quando não são o mesmo (SARLO, 2010, p.180)[209].

Essa mudança, conforme venho tentando destacar, ultrapassa as discussões teóricas e as desavenças de ordem formal, e atinge o nível mais profundo das reivindicações simbólicas das atitudes intelectuais enquanto modos de experenciar as mudanças sociais e culturais daquele contexto. A coexistência dessas duas atitudes – a aristocrata universalista e a do portenho que se volta para suas origens pátrias – remonta precisamente à diferenciação das elites que se opera nesse contexto de crise: uma tradicional, que mobilizará a simbologia do cosmopolitismo, e outra mais nova, industrial, que reivindicará a formulação de um novo sentido para a "tradição argentina".

A ideia de *progresso via civilização* é abertamente questionada no final da década de 1920. Como mencionado anteriormente, o crescimento descontrolado da cidade, as pressões sociais que advinham do aluvião imigratório (ROMERO, 2004), a crise econômica e, sobretudo, as tensões políticas por abertura do sistema eleitoral, confluíam para que a ideia de "crise" se projetasse, mais uma vez, no horizonte de expectativas intelectuais (ALTAMIRANO, 2009). A mesma ideia de decadência que orientava os debates de espiritualistas como Paul Groussac, se emancipava dos debates teóricos e ganhava as ruas da cidade, os cafés, as universidades e as contendas políticas. Pode-se afirmar, em conformidade com a bibliografia sobe o tema, que, nesse momento, a panaceia positivista de uma sociedade cientificamente orientada para um progresso inefável estava finalmente no passado. A resposta à crise – quando a discussão se torna pública – não passava mais pelas rebuscadas elucubrações saintsimonianas; tratava-se, ao contrário, de encontrar uma resposta funcional para a crise, de levar a cabo uma

[209] "El escenario de las orillas ya no es el lugar literário de los Otros, considerados como pura ajenidad, como amenaza al orden social, la moral estabelecida, la pureza de la sangre, las costumbres tradicionales; tampoco se trata solamente de los Otros a los que hay que compreender y redimir. Son Otros que pueden configurar un nosotros com el yo literário de poetas e intelectuales, son Otros próximos, cuando no uno mismo" (Sarlo, 2010, p. 180).

revisão. As chaves dessa equação passaram a ser buscadas, por um amplo setor intelectual que amadurece nesse momento, o dos imigrantes de primeira e segunda geração, no passado argentino.

Desde as já bastante conhecidas meditações orteguianas que circulam entre os intelectuais argentinos, passando pelas leituras nacionalistas de alguns setores, até o sentimento anti-imperialista que ganha terreno a partir da divulgação de *Ariel*, de Rodó, a aproximação com a Espanha é um dado fundamental na equação das referências intelectuais argentinas (SVAMPA, 1994). Guillermo del Torre sintetiza, em *Madrid, Meridiano Intelectual*, essa posição. No texto, publicado em 1927, ele advoga que não se deveria falar em América Latina, mas em Iberoamerica, Hispanoamerica ou mesmo América Espanhola, afinal, sustenta, toda a cultura e valores "que não sejam espanhóis serão autóctones, aborígenas, mas de nenhum modo franceses, italianos ou saxões"[210] (La Gaceta literária. Madrid. 15 de abril de 1927, p. 01). O Latinismo seria, pois, uma abertura perigosa às pretensões imperialistas inglesas e francesas, em seus termos: "Basta de tolerar passivamente essa captulação de nosso prestígio, esse desvio constante dos interesses intelectuais hispano-americanos em direção à França" (idem)[211]. Reafirmar a Espanha, nesse caso, seria reivindicar uma aliança onde não há dominação intelectual, mas colaboração.

Efeito prático dessa aproximação, como demonstra Beired (2009), é a criação de uma série de redes entre intelectuais espanhóis e argentinos, englobando a fundação de centros de pesquisa e a concessão de bolsas de estudo pelo governo espanhol, medidas que estimulavam o movimento de *regeneração* espanhola em oposição às potências liberais daquele contexto.

> No final do século XIX, o interesse pela América foi uma das molas mestras do regeneracionismo, movimento de ideias cujos membros se debateram por encontrar a chave para a compreensão da crise da Espanha, identificada como um processo estrutural de decadência que poderia ser revertido mediante o estabelecimento de novos laços com as ex-colônias (BEIRED, 2009, p. 45)
> .

Recuperar a essência argentina ou "a honra barbara", como queria Mejía, através de uma operação intelectual hostil ao universalismo francês e avessa às abstrações: essa poderia ser a síntese da plataforma que orienta os intelectuais nacionalistas revisionistas da década de 1930. Centrados na composição da figura do gaúcho – e da associação, muitas vezes excêntrica, entre o morador dos pampas e o paiador espanhol – esses autores promoveram a busca pelos

---

[210] "que no sean españoles serán autóctonos, aborígenes, pero em modo alguno, franceses, italianos o sajones"
[211] "!Basta de tolerar passivamente esa merma de nuestro prestígio, esa desviación constante de los intereses intelectuales hispano-americanos hasta Francia"

elementos autóctones, comunitários e religiosos, capazes de restabelecer os vínculos que se percebiam dissolvidos na Babel portenha (SVAMPA, 1994). O elogio do campo, sobretudo, dava-se em oposição à cidade, ao território do *flaneur* por exclência. A etiqueta e o pedantismo, arquetípicos do mundo letrado argentino até então, passaram a ser associados à decadente classe aristoctata que, além de ociosa, representava interesses estrangeiros e, portanto, danosos à nação argentina.

Nesse contexto, tanto a figura do sábio espiritualista desinteressado quanto a do cientista positivista são substituídas por uma militância assertiva em prol da pátria, do idioma, da cultura nacional. Somada à essa demanda interior ao campo argentino, é possível adicionar o alerta de Rolland de que "após a guerra, a republica de Weimar mantém uma ativa propaganda anti-francesa na américa latina" (ROLLAND, 2004, p. 278). O recurso a continuidade patrimonial com a Espanha, ainda, engendra um elemento de segunda ordem que seria fundamental para as análises subsequentes: na mesma medida em que os revisionistas invocavam a tradição espanhola, os revisionistas espanhóis reivindicavam, não menos, a tradição alemã.

Exemplarmente, pode-se partir da fala de Simmel que diagnostica, no flaneur de Paris, diversas camadas de ansiedade. O típico *blasé*, segue ele, que já viu tanta coisa que não se choca com mais nada, tem os sentidos progressivamente embotados pela grande cidade. Simmel, um dos grandes formuladores da literatura de catástrofe que organizava o trânsito entre Alemanha e Espanha, foi professor de Ortega, o pensador espanhol que inspirou não poucas gerações de intelectuais argentinos. Ortega, tal como muitos coetâneos, empenhava-se em dar uma resposta ao "imperativo da modernidade", grande tópico dos seminários de Simmel, dos quais era assíduo frequentador. A aposta de Ortega condensa-se num apelo à "regeneração espanhola", solução bastante prototípica para o tema da crise e reveladora de um modo específico de experienciar e organizar a experiência do tempo (HARTOG, 2014; KOSELLECK, 2006).

Ortega frequentou, como detalha Gil Villegas (1998), todo o circuito da universidade alemã que, na virada do século XIX para o XX, foi a grande aglutinadora dos debates acadêmicos europeus, especialmente os filosóficos. Professor de Ortega, Simmel foi um dos formuladores da versão trágica do desencantamento do mundo, pauta que também perpassava, naquele universo, as discussões de professores como Max Weber e, tangencialmente, Martin Heidegger, de quem Ortega foi aluno. Gabriel Cohn analisa a vinculação de Georg Simmel à tradição do conservadorismo historicista alemão, de modo a aloca-lo, inclusive, como um dos continuadores da divisão diltheana entre ciências da natureza e ciências do espírito. Nos termos de Cohn

> Seu ponto de partida é a ideia de vida, como fluxo concreto de eventos dotado de caráter intrinsecamente criador, cujos portadores são sempre indivíduos (mas não subjetividades autônomas, posto que imbricados num transcurso que os ultrapassa), contraposta a qualquer concepção que separe os conteídos normativos e a existência concreta" (COHN, 2003, p. 55).

As três maiores universidades alemãs de então, nas quais se gestava essa concepção específica sobre a crise e a decadência do ocidente, eram Heidelberg, onde estava Lukács, Marburgo, para onde vai Ortega e Friburgo, onde lecionava o autor de Ser e Tempo. São essas as referências, salienta Villegas, que ajudam o filósofo espanhol a desenvolver sua própria versão do "imperativo" simmeliano: "Ante a crise produzida pela objetivação da cultura, Ortega propõe uma revitalização radical para promover um novo tipo de cultura baseada na espontaneidade" (1998, p.174)[212]. Essa "revitalização" vem a se constituir como a categoria central do projeto intelectual de Ortega, a saber, encontrar, na cultura alemã, uma possibilidade de reestruturação para seu país, uma sorte de germanização da tradição espanhola que operaria, em seus termos, por afinidade de destino histórico.

O tema da tragédia aparece, em Simmel, já em 1900, na *Filosofia do Dinheiro*. Nessa obra, a cultura aparece como forma, como uma síntese do conteúdo da vida. É o século XIX, para ele, que marca o início de um processo de contradição entre a vida e a forma, desencadeado pela instrumentalidade do dinheiro. "Essa é a origem da situação problemática do homem moderno: ele se sente cercado por um mundo infinito de elementos culturais que não são desprovidos de importância para ele e que, no entanto, não têm uma importância decisiva" (apud VILLEGAS, 1998, p. 158)[213]. O homem desencantado de Simmel é similar ao boêmio parisiense: tem tudo e não possui nada, está desenraizado e caminha aleatoriamente pela cidade. A valoração desse estilo de vida, contudo, é francamente invertida. A exterioridade aparece, já nesse primeiro Simmel, como atomização. A solução para essa crise do interior, para ele, não radica nos dispositivos da modernidade em si, mas em uma "vontade de humanidade": "A própria reificação da cultura objetivada possibilita ao indivíduo criar uma esfera de interioridade para realizar seu próprio desenvolvimento individual" (idem, p.159)[214]. É a essa tradição de "vontade da humanidade" que se filiaria Ortega, alocando-a, ao longo do desenvolvimento de sua obra, em um quadrante geracional.

---

[212] "ante la crisis producida por la objetivación de la cultura, Ortega propone una revitalización radical para fomentar um nuevo tipo de cultura fundamentada em la espontaneidad" (1998, p. 174).

[213] "Así se origina la problemática situación del hombre moderno: se siente rodeado por un mundo infinito de elementos culturales que no dejan de tener importância para él, y que sin embargo tampoco tienen una decisiva importância" (apud VILLEGAS, 1998, p. 158).

[214] "la reificación misma de la cultura objetivada posibilita al indivíduo la creación de una esfera de interioridad para realizar su próprio desarrollo individual" (idem, p. 159).

A influencia de Ortega na América Latina e na Argentina, especificamente, onde viveu entre 1936 e 1939, é bastante conhecida. Abellan (1967) localiza a influência do pensador espanhol em duas gerações latino-americanas. Inicialmente a de 1915, que inclui nomes como Alfonso Reyes, Coroliano Alberini e Haya de la Torre e que foi responsável normatização da filosofia através da cultura em termos continentais. Essa primeira onda de recepção marca, é importante salientar, a difusão do pensamento perspectivista-circunstancialista, que tanta utilidade terá ao fornecer, aos quadros intelectuais nacionalistas, um referencial anti-positivista que reiterava a autenticidade da cultura latino-americana a partir de uma perspectiva histórica (RUVITUSO, 2015). A busca pelo eu-coletivo geracional inspirado em Ortega alçou a discussão vitalista e identitária a dimensões continentais, como é o caso da *Raza Cósmica* de Vasconcellos, por exemplo. Uma segunda geração de leitores de Ortega, especialmente na Argentina, dá-se a partir de 1930, justamente no momento de amadurecimento das concepções nacionalistas. Raul Orgaz, por exemplo, testemunha do impacto das meditações do filósofo espanhol nesse contexto, notadamente a partir da publicação, em 1927, de *El Tema de Nuestro Tiempo*. Em paralelo, podemos encontrar Carlos Astrada que, também a partir da leitura de Ortega, combinada com leituras do existencialismo alemão, formula as sofisticadas plataformas anti-positivistas e anti-cosmopolitas que informarão as discussões públicas sobre o "ser nacional".

Em *El Tema de Nuestro Tiempo*, de 1923, Ortega desenvolve a ideia de geração enquanto variação da sensibilidade vital, pulsação de potência orgânica. Na medida em que as gerações históricas aparecem enquanto unidades espirituais, torna-se plausível interpretar a solução para "a crise da modernidade" em termos de destino comunitário e, em leituras mais radicais, como as do próprio Leopoldo Lugones, como "missão". Diagnosticando uma Espanha "carente de corações de vanguarda" Ortega fornecia, para as demandas simbólicas do nacionalismo argentino, uma potente justificativa teórica ao colocar em circulação o repertório de matiz diltheana que Gabriel Cohn caracterizou como a "captação, por processos irretudíveis à razão analítica, de totalidades históricas singulares e concretas, de cujo caráter orgânico o próprio estudioso é participante" (COHN, 2003, p. 14). As transformações políticas e econômicas são menos profundas que as das ideias, alegava Ortega, e a especificidade geracional deveria ser radicada nesse segundo nível, na medida em que se tratava, sobretudo, de uma "sensibilidade". Nos termos de Ortega, "o caráter ativo, criador da personalidade é, em

efeito, demasiado evidente para que possa aceitar-se a imagem coletivista da história" (ORTEGA, 1956, p. 6)[215].

As gerações possuem, nesse ponto de vista, sua própria unidade histórica. Há aquelas acomodadas e as combativas, cada uma delas portadora de uma missão. Na medida em que essa unidade se define pelos "princípios do sentir" e não por adesões políticas, posicionar-se no seu tempo, circunstanciar-se, equivalia a enfrentar as demandas históricas que se apresentavam à cada unidade espiritual e, desse modo, a comprometer-se. Dessa posição para aquela de Lugones - para Valdéz (2000) uma composição *sui generis* de militarismo germânico e aristocratismo espanhol -, convocando ao combate em *La hora de la espada*, pode-se transitar com relativa facilidade, como o demonstram as múltiplas reivindicações de Ortega pelos nacionalistas e revisionistas argentinos. O diagnóstico de tragédia e de crise está implícito nessa retórica combativa inspirada no regeneracionismo de Ortega, e a terapia, compartilhada nos dois lados do Atlântico, passava pela volta à espontaneidade: "a razão pura tem que ceder seu império à razão vital" (ORTEGA, 1956, p. 59)[216]. É possível notar em que grau as teses de Ortega puderam se converter numa consígnea nacionalista a partir da funcionalidade da crítica ao tecnicismo que sobrevêm do vitalismo de Ortega. A técnica, a modernidade, a dissolução dos costumes, o dândi embotado simmeliano, a perda dos vínculos pátrios: todo o arcabouço temático do revisionismo nacionalista argentino poderia ser condensado nesse enfrentamento entre a cultura científica e sua reação vitalista. [217]

A leitura de Ortega, ainda, localizava na revolução francesa a "origem do mundo hostil", esse da rebelião das massas que, na leitura dos nacionalistas argentinos, se impunha nas ruas de Buenos Aires. Mais uma vez, as fronteiras distintivas entre elites e imigrantes se interpõem nas possibilidades teóricas dos discursos. A proposta de Ortega de que "as coisas precisam se reencontrar com seu destino" supõe, por definição, a pergunta sobre qual seria esse destino. Dirimidas as expectativas modernizadoras do centenário, bem como toda confiança científica

---

[215] "el caracter activo, criador de la personalidad, es, en efecto, demasiado evidente para que pueda aceptarse la imagen colectivista de la historia" (ORTEGA, 1956, p. 6).

[216] "la razón pura tiene que ceder su império a la razón vital" (ORTEGA, 1956, p. 59).

[217] Em Meditaciones del Quijote, definido pelo autor como Ensaios de amor intelectual, Ortega pretende superar o caráter essencialmente político do XIX, "a vida intelectual foi relegada, como se fosse uma questão pouco séria e não transcendente" (1914, p. 26) ["la vida individual quedó relegada, como si fuera cuestión poco série e intranscendente" (1914, 26)]. A proposta é colocar a Espanha a altura dos tempos já que quem não tem a experiência do profundo aplaude a mediocridade (68). A meditação, esse esforço doloroso e integral, não é para todos. Cultura germânica: realidades profundas. Cultura latina: cultura das superfícies. A latinidade, assim, é um pretexto e uma hipocrisia, queremos nos reivinficar herdeiros do espírito helênico. O mediterrâneo é uma justificativa para a sensualidade, fugacidade, para a não-percepção. Espanhóis produzem sempre do caso, tem uma espécie de "síndrome de Adão". Por que o Espanhol se obstina em viver anacronicamente, ao invez de assumir sua parcela da herança germânica, pergunta-se Ortega. Atribuindo essa condição à uma ontologia do povo espanhol, ele responderá que um povo é um estilo de vida e os espanhóis são, por natureza, "espíritos surrealistas".

em um mundo racional e emancipado, a pergunta pelo destino histórico é formulada, na Argentina dos anos 1930, como um retorno à essência. É de Carlos Astrada a formulação mais conhecida desse retorno: enquanto o gaúcho aparece como figura tipológica, a pampa aparece como meio de desenvolvimento pisco-vital, como estrutura existencial a partir da qual a essência argentina pode manifestar-se autenticamente[218]. Em seus termos,

> Em primeiro lugar, devemos salientar nele [ou existencialismo] um interesse marcante no ser do homem singular e histórico, dado a sua existência peculiar, seu ser e fazer. Esse homem concreto, e não o ego abstrato do racionalismo e dos sistemas idealistas, deve constituir o ponto de partida e também o objetivo de toda investigação filosófica. Em sua origem, este e nenhum outro foi o fim que, confessado ou tacitamente, propôs a filosofia com seu retorno à existência e suas estruturas imanentes. Daí a primazia, para a consideração filosófica, a subjetividade humana e o alcance de seu comportamento finalista mais próximo, com tudo o que é imediação pré-gnoseológica. O pensamento de que, por imperativo de saber a razão, ansioso para a universalidade e necessidade, foi localizado no ponto de vista do objeto e das categorias pelas quais o conhecimento deste se funcionaliza, retorna ao existente assunto e tenta inferir, para a exploração filosófica, áreas de subjetividade que, sob uma tendência sistemática e radical tendência objetivista, tinham sido excluídas ou simplesmente consideradas como o arbítrio puro do irracional e, portanto, irrelevantes e nebulosas para o trabalho conceitualizador" (ASTRADA, 1949, pp. 351-352)[219].

Em comentário a uma publicação sua em *La Nación*, em 13 de maio de 1930, intitulada *El hombre en la defensiva*, Ortega revela que sua relação com a Argentina não se dava apenas no plano lógico dos argumentos de suas teses, nem naquele das viagens oficiais de divulgação. "Não é só que a Argentina me recebeu com bondade repetida. Esta é uma expressão tímida, frívola e oficial. Trata-se de muito mais" (ORTEGA, 1983, p. 70)[220]. Não se poderia se escrever uma biografia sua sem dedicar alguns capítulos à Argentina, segue ele, "desde que há 14 anos,

---

[218] Vale mencionar, nesse momento, que a eleição de Astrada como porta-voz de certa atitude intelectual não é fortuita, afinal, como pontua D´Agostini acerca das implicações teóricas de certos estilos de pensamento, "existe, em outras palavras, um certo tipo de olhar sobre o ser que presume compreender uma coisa capturando-lh qualquer aspecto essencial ou ao menos individuando-lhe os componentes e fornecendo-lhe uma definição descritia; existe, ao invés, um outro tipo de visão do ser, qu espera compreender que certa coisa é aquilo que é, enquanto compreende como se tornou tal" (2003, p. 112).

[219] "Ante todo, hay que señalar en él [o existencialismo] un marcado interés por el ser del hombre singular, histórico, entregado a su peculiar existir, a su ser y hacer. Este hombre concreto, y no el ego abstracto del racionalismo y de los sistemas idealistas, debe constituir el punto de partiday también la meta de toda pesquisición filosófica. En su origen, éste y no otro ha sido el fin que, confesada o tácitamente, se ha propuesto la filosofía con su retorno a la existencia y a sus estructuras inmanentes. De aquí que cobre primacía, para la consideración filosófica, la subjetividad humana, y el ámbito de su más próximo comportamento finalista, con todo lo que de inmediatez pre-gnoseológica hay en ella. El pensamiento que, por imperativo de una razón cognoscente, ansiosa de universalidad y necesidad, se había situado en el punto de vista del objeto, y de las categorías por las cuales el conocimiento de éste se funcionaliza, retorna al sujeto existente y trata de inferir, para la exploración filosófica, zonas de la subjetividad que, en virtud de una sistemática y radical tendencia objetivista, habían sido preteridas o sencillamente consideradas como dominio del puro arbitrio irracional y, por lo tanto, irrelevantes y opacas para la labor conceptualizadora" (ASTRADA, 1949, p. 351-352).

[220] "No se trata solo de que la Argentina me haya recibido com reiterada amabilidad. Esta es uma expresión tíbia, frívola y oficial. Se trata de mucho más" (ORTEGA, 1983, p. 70).

escritor espanhol desconhecido, entrei pela doca de duas pontas do porto bonaerense" (idem, p. 71)[221], se referindo a série de conferências proferidas em 1916. Essa relação íntima com os destinos da ex-colônia espanhola é, para Ortega, uma relação de continuidade espiritual, condição que o autoriza a aconselhar os argentinos a proceder, em seus termos, a uma tentativa de constranger os jovens a seu destino, a "chamar o argentino ao fundo autêntico de si mesmo" (ibidem, p. 73)[222]. Se cada vida é uma tarefa, não poderia ser contraditório o fato de que um espanhol sinta a incumbência de formular esse chamado, na medida em que a essência argentina seria a mesma sua, espanhola. Para Abellan (1967), inclusive, a América Latina chegou a representar, nesse contexto, a única possibilidade histórica do futuro espanhol.

Os maiores veículos de publicação de Ortega são a revista *Sur*, o *Circulo de las Artes* e o jornal *La Nación*, polos consagrados do campo intelectual nas décadas de 1930 e 1940. É importante, considerar, contudo, que a influência de Ortega ultrapassou em muito os círculos aristocratas aos quais inicialmente se filiou. Se pensarmos, a partir de Sapiro e Heilbron (2002), que as dinâmicas de recepção respondem sempre a demandas do contexto de aclimatação dos discursos, a relação entre a formulação circunstancialista de Ortega e os revisionistas argentinos torna-se mais cristalina, inclusive, que aquela inicialmente baseada num compartilhamento de *ethos*, que Ortega estabeleceu, por exemplo, com o círculo de Victoria Ocampo. O trânsito de Ortega na Argentina é, como tento indicar, híbrido. Escutado em conferências na universidade de Buenos Aires, publicado pelo jornal de maior circulação no país e difundido através de leituras nacionalistas, é no âmbito editorial que suas teses ganham maior repercussão e expressam, com mais nitidez, seu apego às referências alemãs.

Sua *Revista de Occidente*, que começa a ser publicada em Madri em 1923, é uma das inspirações para a *Sur*, relação testemunhada na extensa troca de cartas entre Ortega e Victoria Ocampo, bem como nas memórias da diretora da *Sur* sobre o tempo que Ortega passou na Argentina a seu convite. Já no segundo número da Revista, de 1924, encontramos um texto de Ortega sobre Kant e um de Pio Barojo, intitulado *Divagaciones de auto-crítica*, sobre a geração de 1898. Em 1929 a revista publica o primeiro romance de Ocampo *De Francesca a Beatrice* e um famoso texto de Simmel, *Filosofia de la Coquetería*. Em abril de 1932 há uma homenagem ao centenário de Goethe, encabeçada por um texto de Ortega paradigmaticamente intitulado *Pidiendo Goethe desde adentro. Carta a un alemán*. Nesse texto, lemos uma filiação explícita de Ortega, num tom similar àquele devotado, no La Nación, à cultura argentina: "Devo

[221] "desde que hace catorce años, escritor español desconocido, entré por la boca bicorne del puerto bonaerense" (idem, p. 71),
[222] "llamar al argentino al fondo auténtico de si mismo" (ibidem, p. 73).

enormemente à filosofia alemã e espero que ninguém me escamoteie o reconhecimento de ter imprimido a meu trabalho, como uma de suas facetas principais, a tarefa de aumentar a mente espanhola com a torrente do tesouro intelectual alemão" (1983, p. 16)[223]. A *Revista de occidente* publica, dentre outros, Fichte, Kant, Hegel, Scheller, Keysering, Husserl, Simmel, Jung, Dilthey[224], Buckhardt e Heine, além de repercutir a literatura de crise que ganhará tanto destaque entre os correligionários argentinos, notadamente a partir das traduções e comentários críticos à obra de Oswald Spengler (BRINKMANN, 2014).

Para San Martin (1994), o tributo que a filosofia de Ortega presta a tradição alemã, que tão frequentemente aparece nas escolhas editoriais da Revista de Occidente, encontra-se no cerne de sua participação na geração regeneracionista espanhola:

> Porque o problema da Espanha é ter ficado congelada no começo da Idade Moderna, não ter adotado a modernidade, mais ainda, ter trabalhado reativamente contra ela, rejeitando a necessidade de teoria, a necessidade de ciência, da razão, com que a razão supõe a sujeição do indivíduo aos critérios de tudo e educando-se para a imoralidade. Bem, existem os dois males seculares da Espanha, falta de ciência e falta de moralidade" (1994, p.23)[225].

A exposição mais detida de Ortega não objetiva reduzir a ele toda a formulação teórica do nacionalismo argentino. As fontes do movimento são diversas e, eventualmente, contraditórias. Catolicismo, espiritualismo, nacionalismo, historicismo, dentre outras consígneas mobilizadas por autores como Lugones, Palacios, etc. não podem ser menosprezadas.[226] O ponto em comum entre essas consígneas, contudo, é que se encontravam

---

[223] "Debo enormemente a la filosofia alemana y espero que nadie me escatimaria el reconocimiento de haber dado a mi labor, como una de sus facciones principales, la de aumentar la mente española con el torrente del tesoro intelectual germânico" (1983, p. 16).

[224] Vale a pena acompanhar o prefácio a Dilthey elaborado por Ortega quando da publicação da obra. Em busca de uma fundamentação filosófica para as "ciências do espírito", ele estabelece o nexo entre história e consciência. Ortega se vale de Dilthey para balizar sua aposta de que o conhecimento depende da vontade e do sentimento: o conhecimento não se explica por si só, senão como membro da consciência humana total, dai a correlata totalidade da vida psíquica. Banir o conceito de representação, pois, seria colocar o próprio conceito de vida: não buscar a explicação dos fenômenos de consciência por invariantes universais ontológicas, "o pensamento não pode recuar para além da própria vida". O a priori de Kant, ou seja, as condições da consciência, são mortos, pois não tem história. Sobre fatos da consciência, ao contrário, a expectativa é mais alentadora, na medida em que tudo o que existe é apresentado a mim como um fato da minha consciência: "a resistência que os objetos exercem, o lugar que eles ocupam, o choque doloroso, assim como o contato benéfico que temos com eles" (2010, p. 19). Aqui a vivência é colocada como categoria epistemológica, de onde emerge a pergunta: O que há é o efeito que o mundo causa em mim? Ortega chama isso de fenomenolidade, ou princípio de Breslau: Unidade do "eu penso, eu sinto, eu quero" consciência que, com unidade de funções, se desenvolve historicamente, por isso essa tríade deve substituir o cogito cartesiano tanto quanto o eu penso, de Kant, mais uma vez, o princípio da totalidade da vida psíquica. O objetivo central das ciencias do espírito seria, pois, elevar a um nível de consciência histórica o que o homem vivenciou, singular e concretamente.

[225] "Porque el problema de España es haber quedado congelada en el comienzo de la Edad Moderna, no haber adoptado la modernidade, más aún, haber trabajado reactivamente contra ella, rechazando la necesidad de la teoria, la necesidad de la ciência, de la razón, con lo que la razón supone de sometimiento de lo individual a los critérios de todo, y educándose para la inmoralidad. Pues bien, he ahí los dos males seculares de España, falta de ciência y falta de moral" (1994, p. 23).

[226] Para uma análise mais detaljda sobre esse tema é possível consultar a obra de Beired (1996)

sustentados na ideia de *crise*. Se, nas décadas anteriores, a crise se formulava em termos quase metafísicos pelos espiritualistas contemporâneos de Ingenieros, agora, a tradição anti-positivista mobilizada por eles encontrava-se com as demandas simbólicas do movimento nacionalista. A narrativa de crise que sustenta essas teses, ademais, transformava-se no próprio tema das reflexões, ilustrava um mundo onde as fronteiras sociais pareciam ruir, de modo definitivo, diante da afluência das massas à vida política. Nesse sentido, o estilo de vida e a as atitudes intelectuais passam a orbitar em torno de uma figura engajada em seu tempo, circunstancializada, oposta, enfim, à do dândi parisiense que outrora habitava o imaginário intelectual de Buenos Aires.

A própria cidade, nesse sentido, torna-se, na leitura de nacionalistas como Ricardo Rojas e Leopoldo Lugones, o mal metafísico. Em *La restauración nacionalista*, Rojas se propunha a "Realizar nas escolas nacionais, depois de sua experiência desastrosa de cinquenta anos, uma adaptação do programa, do texto e do material didático da história às necessidades argentinas, tal é o problema que este livro propõe" (1971, p. 25)[227]. A história, defendia, não pode ser ciência, pois não tem fatos no sentido forte do termo, "a história carece de tais fatos, desde que só nos alcança do passado uma sombra mental, uma reconstrução que é sempre imaginativa" (idem, p. 35)[228].

> A nacionalidade deve ser a consciência de uma personalidade coletiva. A personalidade invidual baseia-se na identidade ou na consciência de um corpo individual e na memória ou consciência de um eu constante. Ao falhar em qualquer um desses dois elementos, se enfraquece a consciência, alcançando até mesmo os casos de dois eus sucessivos e corpos físicos deformados ou duplos. Assim, a consciência da nacionalidade nos indivíduos deve ser formada pela consciência de seu território e pela solidariedade cívica, que é a identidade coletiva. Um povo no qual esse conhecimento falha, é um povo no qual a consciência patriótica existe enfraquecida ou deformada. Daí a finalidade da história: contribuir para formar essa consciência através dos elementos da tradição que a constituem (ROJAS, 1971, p.47)[229].

Subvertendo o antigo lema de Sarmiento – governar é povoar – esse setor defenderá que governar é, na verdade, argentinizar. Retornam à discussão, a partir dessa polaridade, as

---

[227] "realizar en las escuelas nacionales, después de su desastrosa experiencia de cincuenta años, una adaptación del programa, del texto y del material didático de la história a las necesidades argentinas, tal es el problema que este libro plantea" (1971, p. 25).

[228] "la historia carece de tales hechos, desde que sólo se nos alcanza del pasado uma sombra mental, una reconstrucción que es siempre imaginativa" (idem, p. 35).

[229] "La nacionalidad debe ser la conciencia de una personalidad colectiva. La personalidad invidual tiene por bases la cenestesia o conciencia de un cuerpo individuo, y la memoria o conciencia de un yo constante. Al falar cualquiera de estos dos elementos, debilítase la conciencia, llegándose hasta los casos de dos yo sucessivos y de cuerpos físicos deformes o dobles. Así, la conciencia de nacionalidad en los indivíduos debe formarse: por la conciencia de su territorioi y la solidaridad cívica, que son la cenestesia colectiva. Pueblo en que estos conocimientos fallan, es pueblo en que la conciencia patriótica existe debilitada o deforme. De ahí el fin de la história: contribuir a formar esa conciencia por los ementos de tradición que a ambas las constituyen" (ROJAS, 1971, p. 47).

simbologias que se opunham a tradição liberal argentina: a tradição dos caudilhos, o homem simples, profundo e medidativo. Nesse sentido, é importante considerar que esses primeiros nacionalistas não eram contra a imigração em si, eram contra o materialismo que viam ser difundido a partir da perda dos vínculos tradicionais. Nos termos de Lugones, os habitantes de Buenos Aires fizeram confundir a grandeza nacional com o dinheiro.

Conforme se radicalizam esses discursos nacionalistas, cresce em paralelo a hostilidade em relação aos imigrantes mobilizados sindicalmente. A Semana Trágica de 1919[230] marca o início dessa radicalização, a partir da qual o exército – e não mais as elites letradas tradicionais – passaria a ser visto como a "ultima aristocracia". É esse o contexto da exemplar conclamação de Lugones, em 1924, anunciando *la hora de la espada*. Em 1927, inspirados por Lugones, um grupo de jovens nacionalistas funda *La Nueva Republica*, grupo de debate de ideias que se tornará, em pouco tempo, paramilitar. Se introduzia, através dessa radicalização, um postulado de segunda ordem: a hora da força que se anunciava na proclamação de Lugones era a deixa para substituir o intelectualismo, típico dos setores esclarecidos porteños, por uma reação vital. A razão a serviço da vida, pois, comunga o projeto de Lugones à tradição espiritualista do pensamento alemão e espanhol. Nos termos de Valdés, "o iberismo se identifica parcialmente com um certo misticismo ou espiritualismo que atribui à nação um conteúdo que transcende em muito o contratualismo, e a assimila a uma comunidade com sentimentos e ideais comuns" (2000, p. 232)[231].

Leopoldo Lugones, Manuel Ugarte, Ricardo Rojas, Manuel Galvéz. A lista de intelectuais que se colocou nas fronteiras nem sempre estáveis entre revisionismo teórico e militarismo nacionalista é extensa. Filosoficamente, já descontadas as muitas diferenças entre suas leituras, esse grupo se orientava pelo vitalismo em oposição ao positivismo. Bergson, Schopenhauer, e Nietzsche eram mobilizados, a partir da referência de nomes como Ortega, como antídoto ao limitador e proibitivo positivismo. As consígneas teóricas da liberdade criadora, da vida, do amor, da subjetividade, do desinteresse e do espírito aproximam as

[230] Entre 7 e 14 de janeiro, o movimento operário organizado de Buenos Aires sofreu sistemática repressão, o que resultou num massacre de centenas de pessoas em decorrência de uma greve iniciada nos Talleres Vasena.
[231] "el iberismo se identifica parcialmente con un cierto misticismo o espiritualismo que atribuyea la nación un contenido que trasciende en mucho al contractualismo, y la assimila a una comunidade con sentimentos e ideales comunes" (2000, p. 232).

demandas dos nacionalistas aos temas clássicos dos debates alemães que começavama circular na Argentina a partir da mediação espanhola[232]. Nos termos de Valdés,

> A partir do positivismo mecanicista era coerente pensar que os povos do nosso continente deveriam seguir o mesmo destino que haviam percorrido os mais modernos. Ao reivindicar, por outro lado, o espiritual, o volitivo, a liberdade criadora, se torna muito mais fácil imaginar um destino próprio, que deve constituir-se (VALDÉS, 2000, p. 92)[233].

Fritz Ringer em *O Declínio dos mandarins alemães*, narra a conformação desse discurso de crise alemão a partir da ótica de seus supostos prejudicados, os altos quadros da burocracia acadêmica. Sem a estrutura de mobilidade social liberal, salienta, o que restava enquanto arcabouço de expectativas para os setores intermediários alemães era a educação, conformando "um tipo de classe média não-econômica, centrada, de um lado, nas Universidades e, de outro, no serviço público" (RINGER, 1999, p. 30). No período que vai de 1880 a 1914, segue Ringer, a industrialização convertera-se num processo perturbador, na medida em que os filhos dos empresários passaram a concorrer a vagas universitárias. É nesse contexto que surge a defesa idealista das vigas mestras da cultura, situação na qual "a maioria dos acadêmicos alemães já não estava disposta a considerar qualquer espécie de acordo com a era moderna" (idem, p. 90).

Para além das posições institucionais, o discurso mandarim recorre à amplamente difundida ideia de Bildung. Dispositivo de auto-cultivo, esse princípio fundante da ideologia mandarim possibilitava a inscrição na tradição alemã à ideia de Kultur, em oposição à ideia de Civilisation, associada então às boas maneiras e à cultura de corte, em suma, ao universalismo francês. Mais do que uma aposta teórica, portanto, a crítica ao moderno encontra-se formulada em termos de uma filosofia de vida, de uma atitude. É essa formulação, em específico, que passa a ser divulgada na Argentina a partir da mediação espanhola. É importante ponderar de

---

[232] Para César Graña, esses argumentos ontológicos sobre a América Latina podem ser compreendidos a partir do conceito de "falácia antropológica" segundo a qual "a noção de que uma cultura, para ser uma cultura, deve ser um organismo fechado, de modo que cada uma de suas manifestação possa entender-se como uma faceta significativa da mesma entidade" (in MARSAL, 1970, p. 58) ["la noción de que una cultura, para ser una cultura, debe ser un organismo cerrado, cada una de cuyas manifestaciones pueda entenderse como una faceta significativa de la misma entidad" (in MARSAL, 1970, p. 58)]. Disso emerge, em sua leitura, a figura do intelectual quase poético da américa latina, que atua como deidade "cuando os intelectuais descobrem e adotam essas forças se transformam, natualmente, em promotores de sua iminência e de sua plenitude espiritual. Desse modo, o homem sensível, o mero pensador, é resgatado de seu isolamento e de sua impotência para transforma-se na mão que guia a história ou no servidor ou guardião de algum inexpurgável sistema de valores" (idem, 1970, p. 61) ["cuando los intelectual descubren y adoptan esas fuerzas, se transforman, naturalmente, en promotores de su inminencia y de su plenitud espiritual. De este modo, el hombre sensible, el mero pensador, es rescatado de su aislamento y de su impotência para transformarse en la mano que guia la história o en el servidor o guardián de algún inexpugnable esquema de valores" (idem, 1970, p. 61)].

[233] a partir del positivismo mecanicista era coerente pensar que los pueblos de nuestro continente debían seguir el mismo destino que habían señalado los más modernos. Al reivindicar en cambio lo espiritual, lo volitivo, la libertad creadora, se hace mucho más facil imaginar un destino próprio, que debe constituirse (VALDEZ, 2000, p. 92).

que forma a reivindicação do auto-cultivo e dos vínculos com o "espírito da terra" incidiram negativamente sobre a apreciação do mundo intelectual argentino em relação aos "dândis afrancesados" que outrora dominavam esse espaço simbólico. Além da diferença de atitude em relação à cultura intelectual francesa, esse repertório alemão ainda coincidia com os reclamos do nacionalismo argentino em sua belicosa retórica anti-positivista: nos termos de Ringer, trata-se de "eliminar tanto quanto possível o técnico de todo o procedimento (...) pois a individualidade só pode ser apreendida por meio de uma intuição vital" (1999, p. 269). O positivista funciona, nessa tradição, como uma espécie de vilão mítico, o anátema que sintetiza a civilização e inviabiliza a cultura e o destino histórico. [234]

Para Doris Brinkmann (2014), o interesse pelo discurso de crise que se generaliza na Espanha do começo do século tem relação com sua vitória na guerra franco-prussiana, onde Alemanha e Espanha se afinizaram pelo inimigo em comum, a França. Na República de Weimar, inclusive, houve uma série de campanhas em favor da Espanha, que atraia pela religiosidade, pela "espiritualidade perdida" na Europa. Conservadores como Carl Schmitt louvaram essa Espanha espiritualizada, destacando a existência de uma afinidade entre as duas nações, enquanto a França seguiria sendo o território da cortesia, da superficialidade. Em 1904 é fundada na Espanha a *Junta para Ampliación de Estudios y Investigaciones Cientificas* que visava conferir bolsas de estudos para espanhóis irem estudar na Alemanha. Dentre os favorecidos está Ortega, que vai pra Marburgo. É o período, também, em que se abrem vários colégios alemães na Espanha, financiados pelo governo alemão, bem vistos pela elite letrada de Madri e de Barcelona. A neutralidade da Espanha na Primeira Guerra fez com que a Alemanha valorizasse ainda mais os laços com ela e possibilitou, no entre-guerras, a circulação do discurso de crise que aciona, de modo direto, a figura do intelectual enquanto portador do "espirito do tempo", amplamente divulgada na Argentina. Dentre os nomes que Brikmann destaca como "homens-ponte" entre Alemanha e Espanha encontram-se alguns dos publicadores mais frequentes na Argentina, como Unamuno, Pio Baroja, Ruben Darío, além do próprio Ortega. No mesmo sentido, Vanpaemel (2015) destaca a importância da França e da Inglaterra na divulgação do modelo alemão pelo mundo, reiterando a importância de um olhar

[234] No mesmo sentido que Ringer, para Bem david: O estabelecimento das universidades alemães é o corolário de um processo de consagração do modelo de intelectual alemão, em oposição ao francês diletante. Há aliança entre empiristas e filósofos na composição desse modelo, ao contrário da França. Na Alemanha eles se legitimavam mutuamente por sua base não-utilitária: "a aprendizagem e o conhecimento eram fins em si mesmos. Sua importância derivava do fato de dar uma justificação espiritual para a sociedade e de seus efeitos educacionais de conformação da mente" (BEM DAVID, 1974, p. 159).

atento às mediações da geografia intelectual no transporte dos valores que se atrelavam ao predomínio germânico.

O retorno ao autóctone fomenta também, como já delineado, as leituras antiimperialistas. Se o positivista francês funciona como o anátema arquetípico no universo alemão, na Argentina – e em toda a América Latina, em distintos graus – essa figura passa a ser ocupada pelo norte-americano. A reaproximação com a Espanha passava, para esses nacionalistas, pela construção de uma trincheira de "comunidade espiritual", que pudesse fazer frente ao crescente imperialismo anglo-saxão. Nesse sentido, como lembra San Maritn, passa a vigorar "o axioma básico de que a ciência, a cultura, a razão, não são nada se não estão ancoradas na vida, na subjetividade individual concreta, se não servem à vida pessoal e concreta dos indivíduos" (1994, p. 36)[235].

A distinção fundamental, na leitura dos regeneracionsitas espanhóis e, posteriormente, dos revisionistas argentinos, não se dá entre Espanha e América Latina, mas entre os ibéricos e os anglo-saxões. Os esforços espanhóis em fomentar essa aproximação são também institucionais. Em 1914 funda-se em Buenos Aires a *Institución Cultural Española,* presidida Avelino Gutiérrez, no mesmo ano a universidade de Buenos Aires oferece uma cátedra de Filolofia para o projeto da Instituição e Rafael Altamira, financiado pela universidade de Oviedo, estabelece profícua relação com Ricardo Levene, historiador argentino responsável, dentre outros cargos institucionais, pela Academia Nacional de História. Para Levene a Espanha teria implantado juridicamente na América o gérmen de sua inevitável emancipação, de modo que a independência seria, assim, apenas um desdobramento de uma unidade civilizatória. Em 1948 Levene tentou, inclusive, substituir, na Academia de História Nacional, a expressão "colônia" pela expressão "época da civilização espanhola" e o projeto chegou a ser aprovado, mesmo com os protestos de Emilio Ravignani (BEIRED, 2009). Em 1936, quando do início da guerra civil espanhola, esse contato entre Espanha e as ex-colônicas se aprofunda ainda mais. Grande parte dos refugiados se dirigem para a América, notadamente para o México mas também, em alguma medida, para a Argentina, reforçando os vínculos editoriais e institucionais desse comércio simbólico.

Dessa forma, a leitura nacionalista que pretendia "revisar" a narrativa liberal sobre o país estava amparada não apenas por uma sólida rede institucional como também, como supraindicado, pela circulação de toda uma tradição do pensamento alemão que se opunha às "licenciosidades" da tradição liberal francesa. Alemanha e Espanha compartilhavam, nesse

[235] "el axioma básico de que la ciência, la cultura, la razón no son nada si no están ancladas en la vida, en la subjetividad individual concreta, si no sirven a la vida personal y concreta de los indivíduos" (1994, p. 36).

recorte específico, tanto do diagnóstico de crise como da solução vitalista e essencialista para seus desdobramentos. A ideia de destino histórico, com toda a dimensão trágica que tal asserção circunscreve, irmanava as demandas que se estabelecem a partir da crítica à modernidade e à desagregação dos valores que ela supostamente exigia. Meinecke, por exemplo, falando sobre a figura arquetípica de Rousseau, parece descrever o próprio gaúcho romântico dos revisionistas argentinos "o homem ideal da natureza, não corrompido e de coração virtuosamente sensível, que ele proclama, não era mais que a inversão do homem comum da ilustração" (1982, p. 136)[236] Na fórmula de Vasquez-Rial, a invenção dessa tradição que transformava o gaúcho num bom selvagem passava pela "nostalgia do 'velho e manso feudalismo americano', dos criados fiéis sem outras inquietudes que seu serviço, do respeito e veneração dos subalternos, em contraposição às ideas e às cidades, o cosmopolitismo democrático" (1996, p. 97)[237]. Braun (in VASQUEZ-RIAL, 1996) aponta, que, ao contrário das referências francesas, as espanholas contavam com um substancial lastro na comunidade de imigrantes (os ibéricos eram a segunda população, perdendo apenas para os italianos). Nesse sentido, muito embora o mito nacional tenha sido mobilizado pelas elites letradas, ele encontrava uma comunidade de sentido e uma carga semântica favorável nesses setores que então se incorporavam à cena política e cultural. A reivindicação dos imigrantes ao discurso da tradição, nesse sentido, é menos excêntrica do que parece, na medida em que não são os filhos da aristocracia que têm de forjar um laço nacional mas, ao contrário, aqueles cujas tradições são menos evidentes e, portanto, mais carentes de legitimidade.

O que se observa é, em linhas gerais, a transformação do quadro de referências no qual se moviam os intelectuais argentinos. Se, na virada do século, a hispanofobia dos modernizadores lastreava uma atitude francamente cosmopolita e alinhada com os códigos simbólicos franceses, "mais tarde, ao contrário, se chegará a reduzir nossa autêntica cultura à ascendência espanhola, atribuindo à raíz anglo-francesa, outrora estimada como paradigmática, a própria decomposição da nacionalidade" (BIAGINI, 1989, p. 42)[238]. Essa mudança, portanto, da valoração das polaridades de continuidade patrimonial e simbólica, sustenta a revisão da

[236] "el hombre ideal de la naturaleza, no corrompido y de corazón virtuosamente sensible, que él proclama, no era más que la inversión del hombre normal de la ilustración" (1982, p. 136).
[237] "Nostalgia del 'viejo y manso feudalismo americano', de los criados fieles sin más inquietud que su servicio, del respecto y veneración de los subalternos, en contraposición con las ideas y las ciudades, el 'cosmopolitismo democrático'" (1996, p. 97).
[238] "más tarde, por lo contrario, se llegará a reducir nuestra auténtica cultura al ascendiente español, adjudicándosele a la raigambre aglofrancesa, otrora estimada como paradigmática, la mismísima descomposición de la nacionalidad" (BIAGINI, 1989, p. 42).

versão liberal da história argentina e, desse modo, permite que todo o repertório nacionalista e vitalista da filosofia alemã seja posto a serviço da reaproximação com a tradição espanhola. Nos termos de Biagini, inclusive, essa reorientação permite que se difunda, entre esses setores nacionalistas, a ideia de que "graças à Espanha, eleita por Deus para difundir os valores ortodoxos da cristandade, poderia se superar até a própria crise do ocidente, mediante apelações às estruturas imutáveis da natureza humana" (BIAGINI, 1989, p. 61)[239].

Também Clara Ruvituso, analisando a circulação do movimento existencialista heideggeriano na Argentina, concorda em que "na filosofia, a recepção do pensamento alemão se aprofundou através da mediação espanhola" (RUVITUSO, 2015, p. 14)[240]. O ponto chave da divulgação de Heidegger na Argentina, segundo sua análise do 1 Congreso de Filosofia de Mendoza, em 1949[241], foi a nova sensibilidade aprofundada pelas conferências de Ortega em 1916, na medida em que "a chamada do existencialismo heideggeriano por um retorno à questão radical pelo 'sentido de ser' somado à reivindicação de uma resposta existencial, isto é, da própria experiência e não da lógica formal, só poderia atrair o antipositivismo argentino" (idem, 2015, p.107)[242]. Se as condições de possibilidade da pergunta existencial devem ser pensadas, nessa perspectiva, a partir do enraizamento no mundo, a filosofia social e o ensaio de identidade – modalidades típicas do campo intelectual argentino – ganhavam um lastro teórico nesse repertório alemão: o triunfo do originário. [243]

A década de 1930 generaliza, enfim, na Argentina, o discurso de crise que se insinuava nos debates entre a cultura científica e a cultura humanista desde a virada do século. Extendida dos domínios teóricos para os institucionais e, sobretudo, para os modos de vida e de ação intelectual, essa configuração se manteria até meados da década de 1950, quando uma nova

---

[239] "gracias a España, elegida por Dios para difundir los valores ortodoxos de la cristandad, podría superarse hasta la misma crisis de occidente, mediante apelaciones a las estructuras inmutables de la naturaleza humana" (BIAGINI, 1989, p. 61).

[240] "en la filosofia, la recepción del pensamiento alemán se profundizó a través de la mediación española" (RUVITUSO, 2015, p. 14).

[241] Na ocasião, a ausência de Heidegger – impedido de viajar pelo governo francês – não refrou os ânimos de seus apologetas. Clara Ruvituso (2015) mostra que a maioria das comunicações e debates tangenciam, em maior ou menos grau, as obras do filósofo alemão.

[242] "la proclama del existencialismo heideggeriano por una vuelta a la radical pregunta por el 'sentido del ser' sumado al reclamo de una respuesta existencial, es decir, desde la propia experiencia y no de la logica formal, no podia más que atraer el antipositivismo argentino" (idem, 2015, p. 107).

[243] Sobre a prevalência do ensaio como forma prioritária dessas intervenções é possível consultar, por exemplo, a análise de Silvia Saith em Neiburg e Plotkin, Intelectuales y expertos, onde ela defende a tese de que "o ensaio, como estratégia textual de intervenção pública, é um dos gêneros discursivos mais idôneos para transmitir uma exegese pessoal e subjetiva de uma realidade em crise" (2004, p. 107) ["el ensayo, en tanto estratégia textual de intervención pública, es uno de los gêneros discursivos más idóneos para transmitir una exegeses personal y subjetiva de una realidad en crisis" (2004, p. 107)].

aposta na cultura científica, efetuada por Gino Germani e seu projeto da "sociologia científica", retoma esses combates fundadores da história intelectual argentina. A sociologia aparecerá, então, como uma resposta positiva à crise, elaborando o discurso crítico a partir da perspectiva de sua superação e não de sua tributação ontológica. O nascimento dessa "terceira cultura", como caracteriza Lepenies (1985) a nova disciplina, é o objeto do próximo capítulo, que será apresentado em relação diacrônica ao enfrentamento dos modos de vida que se delinearam a partir dessa topografia intelectual que busquei apresentar. O homem que está só e espera, de Ortiz, a temporalidade do mate, de Borges e o Golias de Martinez Estrada encontrarão em Germani, por fim, o anátema que os unifica, e que havia permitido que, durante décadas, os distintos modos de pensar a crise fornecessem um espaço *sui generis* de discordância na concordância.

Este capítulo procurou trazer para o debate três aspectos importantes da conformação do universo intelectual no qual germinará, na década de 1950, o projeto da sociologia científica. Inicialmente, partindo da discussão entre positivistas e espiritualistas, procurou-se abordar o trânsito de leituras do positivismo francês e do romantismo alemão tal como se deu na virada do século XIX para o século XX. Num segundo momento, a mesma discussão foi observada a partir dos relatórios de Ernesto Quesada, no intuito de circunstanciar os modos através dos quais esses debates teóricos assumiam a feição de um debate institucional. Por fim, procurou-se rastrear a circulação de dois modelos de atitude intelectual que, através de um amplo repertório de autores e revistas, chegaram à Argentina no começo do século XX e ali se aclimataram, tomando forma própria, a partir das demandas sociais e culturais do período. Esses três observatórios ajudam a perceber que as zonas híbridas entre as diversas posições elencadas são constitutivas da história do mundo intelectual argentino e que, nesse sentido, pensar o nascimento do fenômeno "sociologia científica" é uma tarefa que exige o equacionamento da história das tensões entre universidade e esfera privada de produção e divulgação intelectual.

CAPÍTULO 2. A SOCIOLOGIA COMO UM ESPORTE DE COMBATE.

(...) três décadas mais tarde Comte fixaria as regras de escrita que pretendia seguir no futuro. Nenhuma sentença no manuscrito poderia ter mais que duas linhas – o que em sua caligrafia difícil correspondia a cinco linhas impressas. Nenhum parágrafo poderia conter mais do que sete sentenças; todo hiato deveria ser cuidadosamente evitado. A mesma palavra não poderia aparecer duas vezes na mesma sentença nem em sentenças que se seguissem uma a outra, com exceção dos verbos auxiliares monossilábicos.

Wolf Lepenies em As Três Culturas.

La sociologia conduce demasiado poco a la ilusión para que el sociólogo pueda pensarse aunque sea un solo instante en el papel de heroe libertador.

Pierre Bourdieu em Homo Academicus.

2.1. O MARKETING DA SÍNTESE: A SOCIOLOGIA NO CENÁRIO INTELECTUAL DA VIRADA DO SÉCULO

No famoso manifesto *L´Sprit de la Nouvelle Sorbonne*, 1911, Agathon, pseudônimo de Alfred de Tarde (filho de Gabriel Tarde) e Henri Massis, colocava-se contra os reformadores que triunfaram na Sorbonne em 1904. O manifesto pretendia falar em nome de uma juventude supostamente descontente e frustrada que desconfiava, sobretudo, da germanização da universidade francesa engendrada pela reforma do ensino superior que então ocorria. O foco da crítica é o que Agathon qualificava como "misticismo autoritário positivista", a saber, a obsessão pelo método das ciencias físicas que eliminaria, com seu afã organizador, toda a marca individual das pesquisas e, em consequência, toda possibilidade de gênio. A protagonista desse intento "místico" seria a nova disciplina sociológica, que dava seus primeiros passos no cenário acadêmico francês, definida por seus detratores como uma disciplina que "sob o estímulo do senhor Durkheim, se limita a uma coleção de materiais, a uma acumulação de pacientes observações nas quais os selvagens, os Botocudos ou os Iroquis tem o papel mais importante" (AGATHON, 1911, p. 27)[244]. Com o apoio de historiadores como Seignobos, sustenvata Agathon, instaurava-se a predominância de uma cultura livresca, que ignorava o fato consumado de que "nenhum trabalho puramente documental pode substituir o esforço da inteligência, o esforço da interpretação" (AGATHON, 1911, p. 58)[245]. Nessa visão, a especialização do trabalho e a recusa do diletantismo, marcas dessa primeira sociologia francesa, faziam ecoar o legado do projeto positivista e, nesse sentido, a ideia de *crise* ganhava um sentido específico: não mais um impulso modernizador, mas um sintoma da perniciosa generalização da cultura científica que se condensava nas ciências sociais. Nesse sentido, questiona Agathon: "Este projeto não é, afinal, um reconhecimento implícito da realidade do mal que denunciamos? A lacuna que ele afirma preencher é exatamente aquela que denunciamos" (idem, p. 90)[246]. A resistência a essa intelectualização e industrialização do saber, sustenta Agathon, encontrava-se precisamente do outro lado da rua, no Collège de France, e

[244] "La sociologie, sous l´impulsion de M. Durkheim, se borne a une collection de matérieux, à une accumulation d´observations patientes, où les moeus des sauvages, des Botocudos et des Iroquis tienent la plus grande place" (AGATHON, 1911, p. 27).
[245] "aucun labeur purement documentaire ne remplae l´effort de l´inteligence, l´effort d´interpretation" (AGATHON, 1911, p. 58).
[246] "Ce projet, n´est-ce point une reconnaissance implicite de la réalité du mal que nous signalons? La lacune qu´il prétend combler, c´est précisement celle que nous dénonçons" (idem, p. 90).

atendia pelo nome de Henri Bergson, representante da educação clássica e, sobretudo, da cultura que servia à vida.[247]

O manifesto de Agathon é exemplar da ideia que sustenta este tópico: a sociologia nasce, tanto na Europa como na América Latina, como ciência plebeia e aparece associada ao mundo moderno em oposição ao "mundo clássico": torna-se, aos olhos de seus críticos, a própria substância da crise que a geração de Comte e Saint Simon alegava diagnosticar e resolver[248]. Interessa observar, nesse sentido, que o processo de institucionalização da disciplina foi posterior à disputa de sentidos entre as culturas clássica e científica-positivista. Isso importa na medida em que, como a hipótese dessa tese procura ilustrar, os fenômenos intelectuais não se esgotam em sua dimensão teórica ou institucional e estão permeados, outrossim, por uma tácita reivindicação de atitudes intelectuais.

Neste ponto da análise é importante reiterar o alerta de Mucchili (2001) de que, além de se tratar de um recorte desproporcionalmente grande, a intenção de capturar uma "história da disciplina" sociológica escamoteia as múltiplas tensões que a compuseram, dentre elas o fato de que se corre o risco de ser anacrônico na atribuição da alcunha 'disciplinar' para contextos prévios à efetiva institucionalização (que, no caso da sociologia, é inclusive bastante tardia). Tendo em vista esse alerta, é possível, por outro lado, pensar numa história do processo de institucionalização disciplinar, mais atento às fissuras e aproximações heterodoxas, dentre as quais "a estrutura do espaço em questão, a distribuição desigual de recursos, as relações de poder disso resultantes e as estratégias implementadas pelos agentes para subvertê-las ou

[247] Fritz Ringer em *Fields of Knowledge* aponta que, na França, os defensores do ensino clássico, especialmente no *College de France*, alegavam que o treino técnico deve ficar reservado a classe média, defendiam a continuidade do cultivo dos "sentimentos elementares" que ligavam a França a sua herança greco-romana. Bergson: produzir inteligências robustas: os jovens entenderiam os clássicos na medida em que se uniam a eles pela ideia de "juventude da civilização". Cultura na França com o sentido de cultivo e não de bildung. Assim, o processo de enfrentamento de Durkheim, embora tivesse bastante prestígio pessoal, foi bastante conturbado em termos de acomodação institucional, sua trajetória vitoriosa é, pois, acompanhada de um "não lugar". Durkheim aparecia, em suma, como o anti bildung: "a sociedade moderna não pode sobreviver sem a divisão do trabalho, e isso impõe um grau de especialização a seus membros" (RINGER, 1992, p. 285). ["modern society can not survive without the division of labor, and it therefore imposes a degree of specialization upon its members"]. Para Durkheim o sistema de ensino precisa garantir a transmissão do conhecimento acumulado, ou seja, é uma coisa de fora pra dentro, não de dentro pra fora. Leitor de Freud, pensa sobre a inconsciência de determinados atos, além de ser favorável a especialização disciplinar, outro enfrentamento com o paradigma alemão, na medida em que a moralidade da ciência seria ela servir para algo, justamente o oposto do que era hegemônico na Alemanha.

[248] Sobre as tensões relativas à reforma da Nouvelle Sorbonne e o nascimento de instâncias competidoras, como a Nouvelle Revue Française, é possível consultar SAPIRO (1999), onde a autora mapeia cuidadosamente toda a história do campo intelectual francês, notadamente diante das tensões da segunda guerra mundial e da pressão por engajamento intelectual que ela engendrou.

conservá-las" (HEILBRON, J e GINGRAS, Y. 2015, p. 8)[249]. É neste nível da análise, distante da tentativa de elaboração de uma 'síntese', que os primeiros enfrentamentos da sociologia aparecem cotejados, neste momento da análise, com o conceito de crise e com seus usos intelectuais. Como indicado na introdução, a sociologia pode ser entendida como uma das respostas intelectuais à essa noção de "crise" que perpassou os debates do fim do século XIX e que tanto eco ganhou nos debates argentinos a partir da mediação alemã. Muito embora não interesse, nesse caso, estabelecer uma data fundadora inequívoca, é o momento da institucionalização da disciplina – bem como as tensões que ele engendra – o que importa para entendermos os combates disciplinares que circunscreveram sua circulação, foco desta análise.

Os rastreios canônicos da disciplina remontam, eventualmente, à Comte, ou mesmo aos Saintsimonianos. A ideia de progresso sustentada nas ciências naturais demandava, no mundo universitário europeu de fins do século XIX, que a própria ideia de ciências naturais estivesse fundamentada na ideia de progresso. É a partir dessa vinculação, segue Lepenies (1985), que se delineia a *science de la société*. Esse marco comum, todavia, não pode obscurecer o fato de que a sociologia se desenvolveu, enquanto disciplina, de modo distinto conforme os campos nacionais. Como suponho que o processo de institucionalização da disciplina na Argentina envolve, por definição, um elemento de circulação referente aos modelos europeus, prossigo a uma breve recapitulação desses conflitos inaugurais. Evitando, nesse momento, perscrutar essa genealogia e atendo-me ao sentido propriamente intelectual dessas reivindicações de filiação, é possível partir, operacionalmente, da proposta comtiana de que a grave crise política moderna só seria solucionada com uma prévia regeneração moral. No plano das tensões institucionais, disciplinares e de escopo público, o rastreio ganha em inteligibilidade quando se observam as reações e oposições institucionais às primeiras tentativas sociológicas que se diferenciam, em termos metodológicos, das "reflexões sobre o mundo social".

A sociologia adquiriu coerência e reverberação conforme avançou seu processo de institucionalização. Nesse processo, enfrentou desconfianças sistêmicas, não apenas no espaço público mas, também – e em alguns casos com mais ênfase – de parte das disciplinas canônicas do mundo intelectual, já estabelecidas dentro da universidade. Por um lado, a procura por um objeto que não fosse apenas residual mas que fornecesse uma especificidade à investigação sociológica e, por outro, profundas inovações metodológicas: as disputas passavam, sobretudo, por "fazer da sociologia um corpo coerente de pensamento, unificado em torno de certos

[249] "la structure de l'espace en question, la distribution inégale des ressources, les rapports de force qui en découlent ainsi que les stratégies mises en oeuvre par les agents pour les subvertir ou les conserver" (HEILBRON, J e GINGRAS, Y. 2015, p. 8).

problemas fundamentais e dos conceitos fundamentais que estavam implicados nesses problemas. O problema era a formação de uma ordem coerente de preocupação das ações humanas e sua desagregação" (SHILS, 1980, p. 4)[250]. Durante longas décadas do começo do século XX, a sociologia foi marginalizada e não mais que "tolerada" pelas disciplinas humanísticas, motivo pelo qual esse período de institucionalização é, sobretudo, o momento em que os intelectuais identificados com a cultura sociológica se esforçaram majoritariamente em justificar sua própria existência (GOUARNÉ, 2018). O impacto dessas disputas não pode ser menosprezado, afinal, como alertam Heilbron e Gingras,

> No mundo acadêmico, as 'disciplinas' representam uma estrutura institucional essencial, porque esse campo é baseado em uma divisão fortemente institucionalizada do trabalho. 'Disciplinas' são universos relativamente estáveis e delimitados. Elas foram estabelecidas durante o século XIX, adquiriram um nome conhecido e reconhecido e estruturaram uma ordem institucional com departamentos, procedimentos de certificação, periódicos, bem como órgãos nacionais e internacionais. As disciplinas são assim definidas pela existência de um capital coletivo de métodos e conceitos especializados cujo controle constitui o direito tácito ou implícito de entrada no campo. Eles produzem hábitos disciplinares específicos, isto é, sistemas de percepção e esquemas de apreciação incorporados, que constituem estilos mais ou menos distintivos (2015, p. 8)[251].

A sociologia, e principalmente sua alocação universitária intermediária entre humanistas e cientistas, simbolizava, no momento inicial de sua consolidação, a ideia de que a complexidade do mundo exigia instrumentais novos, treinamento específico e, com isso, uma restrição da pluralidade de *interpretações* sobre o mundo social. Ainda segundo Shils, nesse primeiro contexto, "a sociologia costumava ser acusada de abolir a individualidade, de degradar o homem através de um determinismo desumano. Isso gerava acusações de que ela aspirava à construção de um regime maquiavélico de cientistas, dizia-se que era uma incubação de radicais" (SHILS, 1980, p. 10)[252].

---

[250] "make sociology into a coherent body of thought, unified around certain fundamental problems and the fundamental concepts which were entailed in these problems. The problem was the formation of a coherent order of concern of human actions and their disagregation. (idem, p. 4).

[251] "dans l'univers académique, les « disciplines » représentent une structure institutionnelle incontournable parce que ce champ repose sur une division de travail fortement institutionnalisée. Les « disciplines » constituent des univers relativement stables et délimités ; elles se sont mises en place au cours du XIXe siècle, ont acquis un nom connu et reconnu et structurent un ordre institutionnel avec des départements, des procédures de certification, des revues, ainsi que des instances nationales et internationales. Les disciplines se définissent ainsi par l'existence « d'un capital collectif de méthodes et de concepts spécialisés dont la maîtrise constitue le droit d'entrée tacite ou implicite dans le champ. Elles produisent des habitus disciplinaires spécifiques, c'est-à-dire des systèmes de schèmes de perception et d'appréciation incorporés, qui sont constitutifs de styles plus ou moins distinctifs" (2015, p. 8)

[252] "sociology used to be accused of abolishing individuality, of degrading man by an inhumane determinism. It as charges that it aspired to the erection of a Machiavelian regime of scientists, It was said to be an incubation of radicals" (Shils, 1980, p. 10).

Embora possa ser associada, especialmente nesse momento inicial de inserção na universidade, ao adensamento da cultura científica e da confiança no mundo moderno, os problemas centrais que constituem o objeto disciplinar da sociologia são anteriores à própria cultura científica do começo do século XIX. A reflexão sobre o mundo social, em suma, é característica de uma tradição mais remota, que poderia ser associada às reflexões de Hobbes, de Rousseau ou de Maquiavel, ou ainda, de forma difusa, ser atribuída à própria curiosidade do homem que convive. Distinguir-se dessa tradição, desse modo, envolvia a postulação de uma cadeia de especificidades que significava, para além dos dispositivos teóricos, uma disputa pelo grande significante da virada do século, o de crise. Além disso, era importante emancipar-se, ainda que em diferentes graus, da tradição marxista, a cujas ideias a Sociologia esteve associada em diversos momentos, mas cujos desdobramentos não eram necessariamente equivalentes.

Uma ponderação importante para circunscrever esse início da disciplina é efetuada por Johan Heilbron, em seu questionamento da ideia de que o que há antes do século XIX é uma mera pré-história da sociologia. Vale a pena acompanhar seu argumento, na medida em que ajuda a capturar a tentativa de monopolização dos "temas sociais" pela nova disciplina. Para Heilbron (1995), o período que vai de 1600 a 1800 é aquele no qual emerge a própria ideia de sociedade a partir de um *framework* progressivamente específico, "no nível mais geral, o uso das ciências sociais fazia parte da secularização das concepções e representações das sociedades humanas. Essa secularização permaneceu confinada inicialmente a uma redescoberta das obras da antiguidade clássica" (HEILBRON, 1995, p. 04)[253]. Em meados do século XVIII, segue o autor, os Estados passam a ser pensados como sociedades, e não mais como manifestações divinas, contexto no qual são elaboradas as primeiras tentativas de sistematização da questão social, notadamente com Montesquieu, Rousseau e Condorcet. Sinteticamente, "a ideia de que os seres humanos podem ser compreendidos a partir dos arranjos sociais que eles formam é uma ideia moderna" (idem, p. 19)[254].

O caso francês é sintomático por apresentar, exemplarmente, as disputas disciplinares nas quais se envolveu a sociologia. Precisamente pela característica fundamental do campo francês, a saber, uma vigorosa predominância dos intelectuais literatos extra-universitários, o enfrentamento inicial da perspectiva sociológica se deu não apenas dentro dos centros de ensino

[253] "At the most general level the use of the social sciences was part of the secularization of the conceptions and representations of human societies. This secularization remained confined initially to a rediscovery of the Works of classical antiquity" (HEILBRON, 1995, p. 04).
[254] "the idea that human beings can be understood from the social arrangements they form is a modern one" (idem, p. 19).

e pesquisa mas, sobretudo, a partir de uma desconfiança pública dos critérios científicos. É importante levar em conta, ainda, que a França funcionava como paradigma latino-americano de organização do mundo da cultura e, nesse sentido, a hostilidade frente às ciências sociais nascentes foi também uma das diretrizes intelectuais que repercutiram na América Latina. Aliás, é precisamente através dessa hostilidade que a latinidade francófona se distinguiu, simbolicamente, da tradição anglo-saxã. Na França, as tensões entre as disciplinas, as fronteiras oscilantes e, não menos, a resistência das áreas mais consagradas como a História e, sobretudo, a Filosofia - essa que, conforme Espagne, "tem sido frequentemente concebida como uma metadisciplina, avalizadora das condições de possibilidade das ciências singulares, mas correndo constantemente o risco de ser absorvida por elas" (2001, p. 355)[255] – circunscrevem esses primeiros movimentos. Ter em mente essas tensões e amálgamas disciplinares é importante para dimensionar de que modo as nascentes ciências sociais complexificaram as hierarquias universitárias da virada do século. Diante dessa pressão, pode-se compreender o espanto de Agathon e, sobretudo, sua denúncia de que as novas ciências sociais eram um modo de colonizar a universidade francesa com uma espécie de "atitude alemã": as novas ciências sociais, notadamente a sociologia, eram percebidas, para todos os efeitos, como o resultado de uma combinação entre a tradição positivista comteana e referências da filosofia moral e da filosofia econômica alemã. No mesmo sentido, na leitura de Gouldner (1970), Agathon não estava totalmente equivocado ao perceber, na emergência da sociologia durkheiminana na França, uma reivindicação da tradição positivista do começo do século XIX. Em seus termos, unia as duas tradições "a importância de desenvolver sistemas de crenças compartilhados, interesses e desejos comuns e grupos sociais estáveis" (1970, p. 92)[256].

No caso francês, em específico, a superação do naturalismo aplicado às questões sociais (MUCHIELLI, 2001; KARADY, 2018) forneceu o enquadramento para uma disputa entre três pontos de vista sobre a nova disciplina, o de René Worms, o de Tarde e, finalmente, o de Durkheim, a quem alguns setores creditaram não apenas uma certa tendência dogmática dos novos estudos como, também, o ofuscamento das duas apostas concorrentes. Em todo caso, nos termos de Valade "um programa científico coerente, a partir do apoio coletivo do grupo da *l´Année Sociologique*, uma vontade perseverante de reconhecimento oficial assegurou-lhe [a

[255] La philosophie universitaire s´est souvent conçue comme une métadiscipline, évaluant les conditions de possibilite des sciences singulières, mais courant en permanence le risque d´être absorsbée par elles" (2001, p. 355).
[256] "the importance of developping shared belief systems, common interests and wants, and stable social groupins" (1970, p. 92)

Durkheim] a superioridade "(2012, p.538)[257]. [258] Desse modo, para além das adesões formais à essa atitude científica, o fato de que o grupo de Durkheim tenha logrado certa hegemonia foi fundamental na medida em que "no plano teórico, a sociologia pôde conceber e legitimar seu lugar enquanto uma disciplina analítica" (GOULDNER, 1970, p. 93)[259]: pelo método, pois, não pelo objeto, essa sociologia logrou se inscrever na cultura científica. De outro lado, contudo, é importante ter em vista que essa cultura, criticada por Agathon por sua tonalidade utilitarista, respondia à ideia, também criticada por amplo setor da tradição alemã, de fundamentar a moralidade numa objetividade, o que seria um modo, a rigor, de pacificar-se com um mundo que não se ama mas que se aceita. De qualquer modo, a acusação de "germanização" da universidade a partir da sociologia durkheimniana, ainda que questionável do ponto de vista retrospectivo, era um dado importante das críticas que a ela se faziam.

A genealogia da sociologia francesa é, possivelmente, a mais imediatamente associável aos primeiros portadores do legado da cultura científica. Saint Simon e Comte constituem os dois troncos dessa fialiação[260]. Lepenies sintetiza essa vinculação ao considerar que

> Comte odiava os *littérateurs* que se serviam de artifícios retóricos para convencer seus leitores e ouvintes, como Victor Cousin, tão bom orador como insosso filósofo. Mas adiante Emile Durkheim repetiria esse juízo, na ocasião em que tentava-se diferenciar a sociologia de seus precursores literários" (LEPENIES, 1985, p. 16)[261].

A virada do século na França é marcada por uma transformação institucional do sistema de ensino (LEPENIES, 1985, 2006; BEM DAVID, 1974, 1996; BENTHIEN, 2011; MUCCHIELI, 2001). "Tanto a literatura quanto as ciências naturais possuíam um lugar firme no seio da universidade, enquanto a sociologia foi forçada a conseguir seu acesso a ela a partir de fora" (LEPENIES, 1985, p. 39)[262]. Em paralelo à essa já mencionada necessidade de

---

[257] "un programme scientifique cohérent, as prise en charge collective par le groupe de l´Année Sociologique, une perseverante volonté de reconnaissance oficielle lui ont assuré la superiorité" (2012, p. 538)

[258] A bibliografia sobre Durkheim é extensa e, não sendo o objeto prioritário deste trabalho, não será discutida em pormenores. Cito, para consulta, as obras de BENTHIEN, 2011, MUCHIELLI, 2001 e HEILBRON).

[259] "on the theoretical level, sociology came in time to conceive of and legitimate its place as an analytic discipline" (GOULDNER, idem, p. 93)

[260] Karady, em sua análise sobre a relisiência do comtismo nas teses de Durkheim, pontua que "O movimento positivista fracassou completamente, sobretudo em seu esforço de organizar a sua reprodução ou em assegurar apoios de agências sociais preparadas para isso. Seja como for, apesar do colapso do movimento, o positivismo conservou na história da sociologia na França o status de referência capital em razão da obra de seus fundadores – os primeiros a postularem a unidade e a inteligibilidade do reino social" (2018, p. 63). O mesmo não ocorre, para ele, com a tradição de Le Play, que estaria, pelo seu conservadorismo mais político que espitemológico, afastado do que depois se tornou a sociologia francesa a partir de Durkheim.

[261] "Comte odiaba a los *littérateurs* que se servían de artilugios retóricos para convencer a sus lectores y oyentes, como Victor Cousin, tan afortunado orador como insulso filósofo. Más adelante Émile Durkheim iba a repetir ese juicio, cuando todavia se intentava diferenciar la ciência sociológica de sus precursores literários" (LEPENIES, 1994, p. 16).[261]

[262] "Tanto la literatura como las ciencias naturales tenían un firme lugar en el seno de la universidad; en cambio la sociologia tenía que pelear desde fuera su acceso a ella" (LEPENIES, 1994, p. 39).

identificação disciplinar, a República passa a associar-se com a sociologia nascente, de modo que a crítica a uma implicava, quase de imediato, a hostilidade frente a outra (GOUARNÉ, 2018). A intersecção entre sociologia e política, que tão fundamental será a partir do pós-guerra, dá indicativos importantes acerca da dificuldade da disciplina em estabelecer uma consagração endógena no mundo universitário[263]. Disciplina plebeia, refletia a política plebeia. Tal associação foi, durante muito tempo, uma constante na sociedade francesa e em todas aquelas que organizaram o campo universitário sob seus auspícios, como foi o caso da Argentina. Mais do que propor uma leitura inédita das tensões sociais, "a sociologia era precisamente uma aposta em que o progresso dependia menos do indivíduo culto do que da formação de grupos de investigadores aptos para o trabalho" (LEPENIES, 1994, p. 42)[264] no nível da alteração da personalidade do sábio radicava, enfim, o verdadeiro escândalo da Nouvelle Sorbonne[265] de modo que a crítica a sociologia acabara se tornando, pela associação da disciplina à República, uma atitude anti-moderna. Nos termos de Karady,

> tudo leva a atestar que, na última década do século XIX, ocorreu uma reorganização decisiva do campo institucional, em particular das instâncias de legitimação científica, que conduziu progressivamente ao reconhecimento da autonomia de uma nova disciplina sintética sobre fatos sociais (2018, p. 67-68).

Mesmo antes de completado seu processo de instituicionalização – "a dimensão fundamental da condição do sociólogo, antes de 1940, estava circunscrita por um fato primordial: sua não profissionalização ou profissionalização incompleta" (KARADY, 2018, p. 70) -, a vinculação da sociologia à cultura científica já era capaz de despertar variados níveis de animosidade no universo letrado. O adversário mais eloquente de Durkhiem e seu círculo, por exemplo, vem de fora da universidade, notadamente de Charles Péguy. Uma nova querela entre antigos e modernos se reproduzia, pois, nessa discussão, em especial a partir da

---

[263] Para Karady, um dos modos de analisar essa dificuldade é considerar o aspecto morfológico do recrutamento: "Socialmente, representavam o tipo mesmo da nova intelligentsia universitária, proveniente das classes médias ascendentes e às vezes cultivadas, cuja mobilidade tornou-se possível apenas pela escola republicana, da qual eram em grande parte bolsistas – tratando-se geralmente de uma primeira geração de diplomados procedentes de meios desarraigados (muitos alsacianos)" (2018, p. 82).

[264] "era precisamente la sociologia una rama cuyo progresso dependia menos del individuo culto que de la formación de grupos de investigadores aptos para el trabajo" (LEPENIES, 1994, p. 42)

[265] Ainda a partir do detalhamento de Lepenies, "a terceira república era uma república de professpres e mestres e, como a sociologia de Durkheim qualificava os seminários para maestros como uma teologia, ameaçava converter-se numa república de sociólogos" (45). ["La terceira republica era uma republica de profesores y maestros, y como la Sociologia de Durkheim se predicaba en los seminários para maestros como una teologia, amenazaba además como convertirse en república de sociólogos" (1994, p. 45)]. Seguidor de Agathon, Charles Maurras representava outro polo de possibilidade de enfrentamento ao progressista Durkheim. Bergson discípulo que o suscedeu no college de france, mais literato, se recusava a rigidez do método científico. "Em la contenda entre Durkheim e Tarde no sólo se trataba de la discusin de opiniones de dos escuelas sociológicas, sino también de la disputa de dos temperamentos eruditos, en cuyo transcurso Tarde rechazaba a Durkheim como escolástico y Durkheim a Tarde como literato" (1994, p. 51).

contraparte teórica da sociologia científica que se projetava então, sob a formulação da chamada "filosofia da vida". Segundo Schnadelbach (1991), as origens dessa "filosofia da vida" que, no campo francês, informam a Bergson, coincidem com as origens do romantismo alemão. Essa proposta é concomitante, também, a reação vitalista ao mecanicismo e ao processo de especialização universitária. Nos termos de Burrow

> No final do século, passou a ser recorrente, bem como sinal de certa intelectualidade, falar das limitações do método científico e, até mesmo, fomentado por Nietzsche, do obstáculo que o culto do distanciamento científico representava para a vida. A expressão "revolta contra a ciência" tornou-se comum como um distintivo da vanguarda. As artes repudiaram a tentativa de Taine de explicá-las com base na causalidade e buscaram uma escapatória sob a rubrica da imaginação criativa. Até mesmo os teólogos começaram a pavonear-se um pouco, no terreno limpo pela filosofia idealista ou em um enclave de experiência interior pessoal divina que poderia razoavelmente parecer - sem antecipar Freud - imune à manipulação científica. Mesmo a ética da dedicação científica, do valor supremo da imolação exaltada do eu pelo cientista, parecia, pela obra de Nietzsche, petulante e insalubre (2000, p. 92)[266]

Para entender o tipo de objeção à sociologia que partia dessa trincheira, é preciso considerar seu inegociável epistemológico, a saber, a ideia de que a consciência e seus conteúdos não são outra coisa que derivações de uma totalidade anterior, a que só se pode acessar por meio da intuição. Desse ponto de vista, a sociologia não apenas é supérflua como potencialmente danosa, na medida em que fomenta uma racionalidade científica que, no limite, serve apenas para obscurecer um entendimento intuitivo.

A filiação da resistência à sociologia francesa aos debates do romantismo alemão fornece ainda um ponto de vista interessante para o cotejamento de uma segunda ressalva elaborada à inserção da sociologia na universidade, a saber, o fato de que ela representaria uma "germanização". Embora Durkheim não possa ser, em nenhuma medida, interpretado como um defensor inconteste do sistema alemão – C. Charle apresenta, em *La Republique des Intellectuels* (1994), as ressalvas feitas pelo sociólogo a respeito de sua estadia em Marburgo – circulava a ideia de que a sociologia era uma disciplina profundamente alemã, notadamente por seu *estilo*. A sociologia era vista, ainda, não apenas como uma disciplina alemã, mas como a

[266] "A finales del siglo empezaba a ser tópico, además de señal de cierta intelectualidad, hablar de las limitaciones del método científico e, incluso, fomentado por Nietzsche, del obstáculo que el culto del distanciamento científico representaba para la vida. La expresión 'revuelta contra la ciencia' pasó a ser comun como distintivo de la vanguardía. Las artes repudiaron el intento de Taine de explicarlas basándose en la causalidad y buscaron una escapatória bajo la rubrica de la imaginación creativa. Hasta los teólogos empezaron a pavonearse un poco, en terreno desbrozado por la filosofia idealista o en un enclave de experiencia personal interior de los divino que podia parecer razonablemente – sin anteciparse a Freud – inmune a la manipulación científica. Hasta la ética de la dedicación científica, del valor supremo de la exaltada inmolación del yo por parte del científico, pareció, por obra de Nietzsche, petulante y malsana" (BURROW, 2000, p. 92)

importação de uma *atitude alemã* (BEM-DAVID, 1972), dificilmente adaptável ao diletantismo dos cafés, das revistas, dos salões da elite letrada de Paris. Com o acirramento das tensões históricas entre os dois países nos anos anteriores à primeira guerra, tal oposição teórica ganha tonalidades públicas ainda mais evidentes (ESPAGNE, 2001). Em suma, "no fundo, tal como Peguy havia visto com clareza, a luta da velha França contra as tendências de desenvolvimento da moderna sociedade industrial era o que se escondia por trás dos ataques dos literatos à sociologia de Durkheim" (RINGER, 1999, p. 83)[267]. Bem-David (1974) salienta que, ainda no fim do XIX, a pesquisa era algo entendido, no sistema das *écoles* francesas, como atividade individual, desvinculada da organização formal do sistema de ensino. A ciência é acusada – e a sociologia com ela - de encerrar-se em abstrações enquanto um romance realista de Zola, por exemplo, estaria mais próximo da realidade. A animosidade que procuro descrever só se relativiza, ainda segundo Bem-David, a partir de Dreyfus[268], quando um novo critério, um novo inimigo, a saber, a política, amalgama intelectuais outrora em contenda. Conforme Karady, nesse sentido,

> a oposição entre a arte social, concebida no vocabulário da época como técnica, e a ciência social, entendida como função do conhecimento, engloba, assim, a oposição genérica entre dois subsistemas do ensino superior. Precisamente por causa de suas funções sociais distintas, contribuíram para canalizar a reflexão sociológica nascente para diferentes temas, domínios de estudo, concepções de objeto e teorias do social (2018, p. 73).[269]

A oposição entre as duas culturas é também visível no caso inglês, embora, como salientam Lepenies (1996) e Bem-David (1974), na Inglaterra a sociologia tenha encontrado mais reverberação em espaços alheios à universidade. James S. Mill e Beatrice Webb, por exemplo, podem ser considerados pioneiros da relevância dos temas sociais, muito embora suas pesquisas tenham se associado mais às questões filantrópicas e comunitárias do que propriamente universitárias. A instituicionalização da disciplina sociológica na ilha só ocorreria, como na França, após a Segunda Guerra Mundial.

> Além disso, as diferenças intelectuais entre eles eram menos pronunciadas que na Alemanha ou na França. O que desarticulou especialmente a controvérsia na Inglaterra, e que por isso a tornou algo sempre jocoso, foi a circunstância de que os adversários provinham, em geral, do mesmo ambiente, e havia

[267] "en el fondo, tal como lo había visto Péguy con claridade, la lucha de la vieja Francia contra las tendências de desarrollo de la moderna sociedad industrial era la que se escondia tras los ataques de los literatos a la sociologia de Durkheim" (RINGER, 1999, p. 83).
[268] Sobre Dreyfus é possível consultar SIRINELLI, J. F. LEYMARIE (2013) e, mais especificamente sobre seus ecos no movimento de maio de 1968, BRILLANT (2013).
[269] "Esse tipo de ignorância calculada e de difamação, amplamente utilizada durante toda a fase não profissional do desenvolvimento das ciências sociais, só foi possível graças ao caráter cindido das instituições de vínculo que podiam servir de referência legítima e de garantia (evidentemente totalmente simbólica) de cientificidade" (KARADY, 2018, p. 75).

> seguido uma carreira de formação similar. Apenas no debate em torno das duas culturas se mostravam linhas divisórias novas e mais nítidas" (LEPENIES, 1985, p. 155)[270].

As "duas culturas" às quais se refere Lepenies são aquelas que Snow diagnostica em contenda. Em sua recapitulação, elaborada nas conferências de Cambridge, Snow afirma que

> A controvérsia entre as duas culturas é anterior ao século XIX, mas somente quando as conseqüências sociais e culturais da revolução industrial se tornaram mais visíveis, na medida em que os ainda frágeis contornos da civilização tecnocientífica foram sendo delineados no horizonte e ganharam cada vez mais importância a educação pública de grandes setores da população, essa controvérsia tornou-se um tema central nas discussões políticas diárias (SNOW, 1998, p. 164)[271].

Para Snow, a condição fundamental do enfrentamento entre a cultura dos literatos e a dos científicos é uma divergência alocada na própria construção identitária do observador. Os cientistas, para ele, tendem a separar a condição individual, sem dúvida trágica, do andamento objetivo do mundo. Nesse sentido, a acusação de conservadorismo dirigida aos opositores da cultura científica se justifica na medida em que a literatura muda seus padrões mais lentamente do que a ciência que, por sua vez, é uma cultura no sentido antropológico do termo, cujo funcionamento não depende de regras fixas mas, ao contrário, do compartilhamento de atitudes e padrões de comportamento. Na origem da contenda, portanto, o fato de que os cientistas, como todos os grupos sociais, julgam o mundo a partir de sua cultura, em muito pouca medida buscam referências alheias a ela, o que empobrece as possibilidades de entendimento. Por outro lado, os humanistas não tendiam a tomar posição mais amistosa, acusando a todos os especialistas de não acessarem o verdadeiro "mundo da cultura". Embora o esquematismo de Snow não dê conta de todas as vicissitudes do processo, ele ajuda a circunscrever uma fissura, que se refere aos distintos graus de hermetismo dos universos intelectuais nacionais. É possível afirmar, levando em conta esses distintos graus de maleabilidade, que os casos inglês e espanhol – objeto do próximo capítulo -, estão alocados em posição intermediária entre França e Alemanha. Na Inglaterra, a tradição das Royal Societies como centros de pesquisa científica em oposição ao caráter "livresco" de Oxford e Cambridge, contribuiu para que a disputa da

---

[270] "Además, las diferencias intelectuales entre ellos eran menos pronunciadas que en Alemania o Francia. Lo que desarmó especialmente la controvérsia en Inglaterra, y por ello le dejó siempre algo juguetón, fue la circunstancia de que los adversários provenían por lo general del mismo ambiente y habían seguido una carrera formativa similar. Sólo en e debate en torno de las dos culturas se mostraban líneas divisórias nuevas y más nítidas" (LEPENIES, 1985, p. 155)

[271] "La polémica entre las dos culturas es anterior al siglo XIX, pero sólo al hacerse más perceptibles las consecuencias sociales y culturales de la revolución industrial, al perfilarse en el horizonte los aún débiles contornos de la civilización tecnológico-científica y al ganar cada vez más importância la educación publica de grandes capas de la población, esa polémica se volvió tema central en las discusiones políticas diárias" (1998, p. 164)

sociologia, *par excellance*, se desse fora do âmbito institucional, tendo sido mais associada, na imprensa e nos debates públicos, ao amadurecimento de perspectivas socialistas (LEPENIES, 1994).[272] O caso espanhol, por sua vez, guarda uma relação mais estreita com o caso alemão, principalmente porque, conforme exposto no primeiro capítulo, a virada do século XIX para o XX é permeada, no país ibérico, pela aproximação cultural e institucional com a Alemanha.

Ao perscrutar o nascimento da terceira cultura, a sociológica, na Alemanha, Lepenies (1994) parte de um diagnóstico comum à Norbrt Elias (1997) [273] e Fritz Ringer (1999), ao retroagir à reivindicação do romantismo alemão frente a ilustração francesa para explicar a reação vigorosa a cultura científica naquele contexto. "Ainda que a reação à ilustração e a seus exageros poéticos, científicos e políticos tenha sido um fenômeno de toda Europa, em nenhum lugar surtiu um efeito tão profundo quanto na Alemanha" (LEPENIES, 1994, p. 216)[274]. O vitalismo irracional e heroico que tanto informou poetas e filósofos durante o século XIX, chega à virada do século ainda mais vigoroso do que aquele que reverbera no bergosianismo francês. Na Alemanha, a sociologia nasce já inserida num contexto em que a ciência devia medir-se pela "vida". Nesse sentido, sintetiza Lepenies, a ideia de "que o pensar não podia retroceder diante do viver se tornou – apesar de Bergson, que permaneceu isolado na França – uma máxima decididamente alemã, efetivo 'protesto do empírco contra o empirismo" (1994, p. 220)[275].[276] No conflito entre o poeta e o erudito como representantes de duas tradições intelectuais, o caso alemão não deixava dúvidas de que os primeiros possuíam mais prestígio, "em oposição ao ciclo entre o espiritual e o social em que tudo girava na França, na Alemanha atuavam algo

[272] Essa também é a opinião de Ernesto Quesada, expressa no relatório que ele publica acerca dos sistemas de avaliação das universidades de Londres. Consta no relatório Los sistemas de promoción em la Universidad de Londres. RUBA. Tomo XX. Buenos Aires. Imprenta de Coni Hermanos, 1912.

[273] Norbert Elias em Os Alemães, refere-se ao paulatino processo de informalização: como a estrutura da R.F. impacta, por exemplo, o emprego de du ou sie. Pensar como a pessoa se cataloga, enfim, a "estrutura da experiência de estratificação" (1997, p. 52). Nesse sentido, vigora a ideia de "boa sociedade", um tipo específico de formação social que estruturam padrões de comportamento duráveis. Pertença de classe, nesse sentido, é também compartilhamento de formas de conduta, ethos. Na Kultur "estava imbutida uma predisposição não-política" (idem, p. 122). O estado era parte da cultura, bem como a política.. A cultura era uma espécie de bunker, ideia do exílio interno. Burguesia no poder: kultur civilisation deixa de ser referencial, histórico, e passa a ser uma ideia estática, que comporta um "nós" orientado para o passado.

[274] "Aunque la reacción contra la ilustración y sus exageraciones en la poesia, la ciência y la política fue un fenómeno de toda Europa, en ningun lugar surtió efecto tan rotundo y enconado como en Alemania" (LEPENIES, 1985, p. 216).

[275] "Que el pensar no podia retroceder ante el vivir se volvió – a pesar de Bergson, que permaneció aislado en Francia – máxima decididamente alemana, efectiva 'protesta de lo empírico contra lo empirismo" (1985, p. 220)

[276] A vida em contraposição ao intelecto ou, nos termos de Lepenies, "O aumento de importância do irracional foi consequência do incontornável processo de intelectualização, era preciso desenvolver novas formas de saber e de conhecimento; tentava-se entrelaçar o sentimento e saber com o fim de poder agir" (LEPENIES, p. 225).["El aumento en significación de lo irracional fue consecuencia del incontenible processo de intelectualización, era preciso desarrollar nuevas formas del saber y del conocimiento; se intentaba enlazar el sentimiento y el saber con el fin de poder actuar" (LEPENIES, p. 225)].

como forças instintivas, cujo objetivo principal era a refutação de todo o social" (idem, p.240)[277].

A forte presença dessa tradição fez com que a sociologia, no caso alemão, não fosse necessariamente portadora de fé progressista. Diferentemente da França e da Inglaterra, onde as ciências naturais eram as réguas pelas quais a sociologia deveria medir-se, no caso alemão, a disciplina foi confontada com uma outra configuração, a saber, a do predomínio da filosofia na definição das ciências do espírito, francamente divididas, em termos metodológicos, das ciências aplicadas. "A característica mais geral desse processo é a cisão, que se ia estabelecendo em nome de uma crítica ao positivismo, entre as 'ciências da natureza' e as 'ciências do espírito' ou 'da cultura" (COHN, 2003, p. 21). Conforme Gabriel Cohn, o desenvolvimento dessa cisão, notadamente a partir do esforço de Dilthey, pode ser assim narrado

> No seu pensamento redefine-se a ideia típica do pensamento conservador clássico, de que os homens têm seus nichos assegurados num todo orgânico engendrado pelas ações dos seus antepassados e consolidado pelas suas próprias. Ao mesmo tempo, sua reserva com relação ao positivismo exprime sua relutância em aceitar não só a fragmentação de um mundo histórico em que a divisão do trabalho impõe a especialização crescente, mas também o caráter instrumental do pensamento técnico-científico, moldado para ensejar o controle do mundo exterior. Nessas condições, Dilthey constrói, ao longo de quase meio século, um esquema teórico permeado de ponta a ponta por um motivo básico: a unidade para além da diversidade e, sobretudo, uma unidade cuja garantia de existência é a presença do sentido (COHN, 2003, p. 23)

Assim, se na França, por exemplo, a nova disciplina marcava a conciliação com o mundo técnico e com suas modernas exigências, no caso alemão a disciplina nasce e se justifica a partir da alegada necessidade de compreensão do *destino nacional*. Ela se consolidou, lembrando da definição talvez dramática de Aron (2011), como uma revolta contra a civilização[278]. Por conta disso, o que ficou conhecido como sociologia histórica, tradição a que

---

[277] "en oposición al ciclo entre lo espiritual y lo social, sobre el cual todo giraba en Francia, en Alemania actuaban fuerzas por así decirlo instintivas, y se tenía por principal objetivo la refutación de todo lo social" (idem, p. 240).

[278] Na análise de Aron, os dois modos de ser: o orgânico e profundo (Wesenville) e o artificial e refletido tecnicamente (Kurville) marcam o início das dicotomias fundacionais da sociologia alemã: inteligência X vitalidade. O desenvolvimento da sociologia como disciplina autônoma transformou Tonnies em seu fundador, "a oposição emtre sociedade e comunidade constitui um dos temas centrais da ciência, porque também contribui para as ideologias políticas alemãs" (ARON, 1964, p. 16) ["the opposition of society and community constitues one of the central themes of the Science, because it also contributes to German political ideologies" (ARON, 1964, p. 16)]. Listando os tópicos clássicos dessa primeira leva de sociologia alemã: 1. Distinção entre sociologia histórica e sociologia sistemática, 2. Abandono das analogias com as ciências naturais, 3. Método fenomenológico, 4. Rejeição do pragmatismo científico, 5. "on giving the concept of society an increasilyng abstract and relational character" (idem, p. 35). Perpassando diversas tendências, Aron diagnostica a história lastreando tudo, compondo uma sociologia da cultura, abandonando a ideia de evolução pela ideia de uma pluralidade de culturas, natureza humana vai tomando formas culturalmente diferenciadas. É uma sociologia da catástrofe: "é o produto da revolta contra a civilização" (ibidem, p. 51) ["its the product of a revolt against civilisation" (ibidem, p. 51)], fenômenos da ciência seriam esses da tecnologia, conjunturais, enquanto os culturais seriam fenômenos transcendentais. Síntese de Alfred Weber: "O método e esquema conceitual dos filósofos do progresso é válido para a esfera da civilização, enquanto o da escola morfológica é válido para a esfera da cultura" (ibidem, p. 48) ["the method and

se filiará o próprio Max Weber, tem mais força, no universo alemão, do que as versões mais racionalistas ou funcionalistas da disciplina[279]. Ainda assim, é importante destacar, o processo de institucionalização disciplinar não foi desprovido de tensões, na medida em que a opinião geral dos mandarins acadêmicos era de que a nova disciplina era, se não teórica, politicamente suspeita, "tal como povo, raça, nação, utilitarismo e civilização, educação nacional, progresso e emancipação feminina, a sociologia pertence às ideias modernas que Nietzsche deita por terra" (LEPENIES, 1994, p. 253)[280].

Se tomarmos como referências três dos nomes que ficaram mundialmente conhecidos como representantes dessa primeira sociologia alemã, a saber, Tonnies, Simmel e Weber, podemos perceber que, em comparação com a tradição positivista, tratavam-se, no mínimo, de heterodoxos. Informados pela tradição que se condensou em torno da supracitada divisão dilthiana das ciências – Dilthey reconhecia a reverberação de suas teses em Simmel e, no caso de Weber, o apelo à redução ao indivíduo, como unidade integrada, enquanto possibilidade única de encontrar sentido e a reiterada insistência no papel da *compreensão*, reverbera essa associação -, seus temas remontam a essa prevalência do pensamento concreto e vivencial, em detrimento das abstrações de origem anglo-francesa (COHN, 2003)[281]. Também Tragtenberg afirma, em relação à tensão constitutiva entre a abordagem weberiana e a tradição nacional, que

> O problema central que preocupa Weber é o da fundamentação da objetividade das ciências sociais, daí a importância de sua polêmica contra o romantismo alemão subjacente à escola histórica. Da crítica ao historicismo, ele deduz a noção da neutralidade axiológica e a necessidade da explicação causal da fundamentação de suas proposições (TRAGTEMBERG in WEBER, 2017, p. 22).

A luta pela sociologia era, em suma, a luta por uma concepção anti-positivista de ciência. Diante da tradição historicisita e espiritualista alemã, a sociologia, naquele país, ainda que sob suspeição, não apresenta a mesma demanda científica que suas congêneres continentais. Na síntese de Lepenies,

---

conceptual scheme of the philosophers of progres is valid for the sphere of civilization, while that of the morphological school is valid for sphere of culture" (ibidem, p. 48)].

[279] "The anti-positivistic position was lined to the animus against the utilitarian or instrumental rationality that was present in the German academic tradition from the early ninetheent century on; it was a reservation about the common-sense and practical forms of empirism" (RINGER, 1992, p. 199).

[280] "Al igual que pueblo, raza, nación, utilitarismo y civilización, educación nacional, progresso y emancipación feminina, la sociologia pertence a las ideas modernas que Nietzsche pone a la picota" (LEPENIES, 1994, p. 253).

[281] Para uma análise mais detalhada acerca da relação entre as teses de Dilthey, Simmel e Max Weber ´r possível consultar o livro de Gabriel Cohn Crítica e Resignação. Além de uma análise detalhada das filiações dos autores à tradição do historicismo alemão, Cohn destaca de que modo a tese de Dilthey "sem dúvida previne contra a atomização positivista dos fenômenos, mas é em princíio incompatível com a localização de princ´pios e regularidades mais amplos, que permitam estabelecer vínculos objetivos entre épocas, nações ou outras totalidades do gênero. Por essa via, não há como transcender a perspectiva historicista, com sua ênfase intrinsecamente relativista no caráter singular de cada totalidade histórico-social" (COHN, 2003, p. 30).

> Desde meados do século XIX, a história e a sociologia eram disciplinas concorrentes mas, enquanto na França a história social, ao se aproximar da escola dos Annales, começou a dominar de tal maneira que F. Braudel mais tarde a qualificaria, e não a sociologia, como herdeira legítima de Durkheim, na Alemanha os conflitos entre as duas disciplinas tornaram-se mais acentuados (LEPENIES, 1985, p. 268)[282].

O desenvolvimento alemão da disciplina, pois, ao contrário de alocar a sociologia nas ciências naturais, a convertia numa ciência filosófica, concreta, preocupada com valores transcendentais como o Povo e a História. Nesse sentido, também em oposição ao caso francês, a sociologia alemã não enfrenta a hostilidade quatrocentona da filosofia, pelo contrário, nasce em comunhão com ela. Talvez isso ajude a entender, por exemplo, porque Weber, posteriormente canonizado como pai fundador da disciplina, não fazia questão de ser chamado de sociológo, apresentava-se como historiador ou mesmo cientista político. Tampouco Simmel era exatamente um militante da sociologia e, nos termos de Nisbet (2000), inclusive, o que há em comum entre esses dois pensadores e o próprio Durkheim, francês, é o fato de serem todos "extremamente imaginativos".

Para Gouldner (1979), essa situação associa-se com a reverberação das referências românticas no universo alemão. Ao confrontarem-se com a "epistéme" francesa, os intelectuais alemães não encontraram saída mais profícua do que o dogmatismo de alegar a verdade a partir de suas *razões do coração*. Os românticos, diferentemente da escola frnacesa, se propuseram a partir da elaboração de normas cognitivas próprias, da linguagem dos sentimentos. Dotar o mundo ordinário do *pathos* do extraordinário: essa é a operação do romantismo. "O ordinário, o cotidiano, o baixo, o carnal e o desviado deveriam ser resgatados a partir de uma perspectiva que lhes outorgava um novo e reforçado valor, em lugar de rotiniza-los, ignora-los ou coisifica-los" (GOULDNER, 1979, p. 312)[283]. Na mesma direção que Gouldner, Fritz Ringer afirma que a reverberação de traços do romantismo nas primeiras elaborações das ciencias sociais alemãs diziam respeito ao fato de que "eram atitudes, e não teorias, e manifestavam-se num conjunto característico de hábitos mentais e preferências semânticas" (RINGER, 1999, p. 122). Na divisão da universidade alemã, segue Ringer, os cientistas sociais aparecem como "conservadores esclarecidos", mas não deixam de apresentar um traço comum e resiliente: o ideal romântico de clareza racional que aparece, de formas distintas, em Tonnies, em Simmel

[282] Desde mediados del siglo XIX la história y la sociologia eran disciplinas competidoras, pero mientras en Francia la historia social, al derivar hacia la escuela de los Annales, empezó a dominar de tal forma que F. Braudel pudo calificarla más tarde a ella, y no a la sociologia, de legítima heredera de Durkheim, em cambio en Alemania se agudizó a ojos vistos los conflitos entre ambas matérias (LEPENIES, 1985, p. 268).

[283] "Lo ordinário, lo cotidiano, lo bajo, lo carnal y lo desviado debían ser rescatados considerándolos desde una perspectiva que les otorgara un nuevo y reforzado valor, en lugar de rutinizarlos, ignorarlos o coisificarlos" (idem, p. 312).

e, principalmente, em Max Weber. Apesar de que não pudessem ser isolados da atmosfera romântica, contudo, os sociólogos se diferenciavam da tradição poética do romantismo ao negarem, por sua filiação metodológica, o recurso à intuitção vital. Já em Weber é possível afirmar que o positivista deixa de ser o vilão mítico da tradição romântica, muito embora seu *ciência como vocação* não deixe de ser um manifesto – talvez estóico - contra um dos atributos fundamentais desse arquétipo, a saber, as inevitáveis intelectualização do mundo e especialização do saber.

Há, ainda, um outro dado que singulariza o caso alemão. O caráter dos *seminários* pelos quais se organizava o sistema universitário já promovia, por definição, um tipo de divisão do trabalho científico, sendo os laboratórios o grande espaço de socialização, como salienta Bem-David (1972), e não a "praça pública", como na França. A sociologia se institucionaliza na Alemanha em paralelo à crise desse modelo universitário ou, ao menos, no momento mesmo em que os apelos pela expansão dos ingressos transformam virtualmente as relações de poder dentro da instituição. Desse modo, a sociologia foi associada, por setores tradicionais do campo, não à uma resposta a crise, mas à substancia dela. O declínio de uma instituição marcada pelo conhecimento desinteressado e sua substituição por uma mentalidade pragmática era, para Ringer, o substrato da crítica dos "mandarins conservadores" que dominavam a universidade alemã. A composição da universidade alemã, que serviu de modelo para todo o sistema de ensino europeu e norteamericano na virada do século, tem origens mais remotas que a crise dos mandarins a qual se refere Ringer. Habermas (2005), por exemplo, identifica que, na Alemanha, não se desenvolveu uma camada de intelectuais no sentido dos *dreyfusards* franceses. Eram, naquele país, "trabalhadores do espírito", distantes da imagem positivada francesa. Sob qualquer ponto de vista, a interação do intelectual acadêmico com a esfera pública não era bem vista no universo germânico; ao contrário, a politização do espirito era entendida como traição, em todo o espectro de posicionamentos possíveis. O intelectual sempre foi, pois, uma categoria negativa nesse universo. Se é assim, a figura do sociólogo nos moldes franceses que se justifica, precisamente, por encampar a solução dos problemas mundanos, ostenta uma dupla negatividade: a não separação em relação à política (WEBER, 2017) e, o que parecia mais grave, a intenção de dissolver as fronteiras entre pensamento teórico e organização social. Uma outra atitude intelectual, portanto, precisou surgir na sociologia alemã.

O regime de autonomia universitária idealizado por Humboldt implicava num distanciamento entre saber e política. Embora em estreita relação com o Estado, os professores

se interpretavam como funcionários de uma instituição apolítica. Essa singularidade alemã, ainda, lastreava-se na predominância da filosofia como centro epistemológico de toda a universidade, "à filosofia, os reformadores atribuíam uma força capaz de criar unidade sob três aspectos, a saber: em relação à tradição cultural, à socialização e à integração social" (HABERMAS, 2005, p. 83). A unidade das ciencias, segue Habermas, supunha sua subordinação à orientação filosófica, e "esse é o sentido da polêmica contra as 'ciências de uso comum (Brotwissenschaft)" que não encontram sua unidade no conhecimento, mas em negócios externos" (idem, p. 85). Pode-se matizar, levando em consideração a rigidez desse campo institucional, que o nascimento das ciências experimentais, entre elas a sociologia, não foi desprovido de tensões teóricas e identitárias no caso alemão: "essa emancipação das ciencias experimentais selou a desintegração de interpretações metafísicas e unitárias do mundo" (ibidem, p. 87).

A separação entre ciência e política era um dos slogans do sistema alemão que foi exportado, como modelo, para diversas partes do mundo, diferenciando-o do modelo positivista francês no qual, lembremos de Comte, a sociologia era tarefa prévia, mas necessária, à regeneração moral e política da sociedade. O rigor dessa cisão, e sua correlata implicação na relação entre cultura científica e cultura literária, é uma das principais características da sociologia que se inspira nesse modelo e que se expande pelo mundo, como é o caso dos Estados Unidos. Conforme salienta Bem-David (1974), enquanto na Europa a pesquisa fora sempre uma atividade carismática, focada na relação do sábio com seus discípulos – notadamente na Alemanha -, nos Estados Unidos a conformação do mundo universitário já se iniciou a partir de uma concepção técnica. Muitos americanos da primeira geração de sociólogos, até Parsons, estudaram na Alemanha, contudo, salienta Ringer (1999), ao transportarem o modelo germânico para a América, "embora soubessem que os professores alemães atuavam pessoalmente de maneira muito hierárquica, não estavam cientes de sua réplica estrutural" (1999, p. 195), de modo que "a imitação do modelo alemão não envolvia a adoção do sistema alemão de direção da universidade" (idem, p. 213). Desde o começo do século XX as universidades americanas já formavam pesquisadores especializados, que contavam com reconhecimento publico e se encontravam sumamente distantes da ficção europeia de que a pesquisa era uma expressão do espírito criador, e não uma prestação de serviço. Não foi diferente no caso da sociologia, que se insere nesse sistema a partir de uma prerrogativa programática: entender o mundo, observar seus vícios e, sobretudo, elaborar prescrições.

Apesar disso, não é possível afirmar que, em território americano, a sociologia tenha tido origens isentas de conflito - ou mesmo menos plebeias – quando comparada aos casos francês e alemão. Marsal (1977) destaca que a universidade americana foi pioneira em fazer da sociologia uma disciplina curricular, inclusive em relação a Europa. Todavia, se observarmos a composição dos primeiros departamentos de sociologia podemos observar não apenas uma desigual distribuição de prestígio entre as disciplinas como, também, um amplo debate sobre a legitimidade do ofício do sociólogo, indício das demandas por identidade profissional que não estarão bem resolvidas até avançadas décadas do século XX, quando o sociólogo se tornará, sobretudo, um prestador de serviços para o governo americano[284]. Alain Touraine aponta que, a década de 1920, momento da profissionalização e expansão do sistema universitário, o sistema era "aberto, diversificado e um pouco flexível, mas isso não o coloca em contradição com sua função de classe" (1997, p. 113)[285]. É também nesse momento inicial que as investigações de cunho social se emancipam, nos Estados Unidos, da Filosofia, e deixam de ater-se às ontologias sociais (HANEY, 2008), dando início a um processo no qual "a ciência se tornou a marca da disciplina e o empirismo-positivismo-quantificação adquiriu uma proeminência sem precedentes" (2008, p. 20)[286]. Para Hinkle (1980), a organização da disciplina sociológica nos Estados Unidos pode ser cotejada a partir de cinco fatores concomitantes: a industrialização pós-guerra civil, a montagem da estrutura universitária, a emergência mundial das ciências sociais e a relação com correntes europeias. Coroando, pois, o progressismo que unificava essas contingências, a sociologia empírica americana consegue validar-se a partir da aposta de que "esse conhecimento permitiria que o progresso social se tornasse um objetivo consciente e facilitaria a melhoria das condições sociais problemáticas" (HANEY, 2008, p. 23)[287].

Apenas nos anos 1940, como detalharei na sequência do argumento, a sociologia americana foi convocada, conforme se institucionalizava, a participar das políticas de estado, momento em que a profissionalização já é francamente hegemônica e "seu status dependia não dos padrões tradicionais de deferência ao possessivo de privilégios de classe e altos níveis de

[284] A trajetória de Sorokim é interessante. Russo e judeu assume o departamento de sociologia de Harvard, representando, tal como seus congêneres europeus, o caráter relativamente plebeu da disciplina.
[285] "the system is open, diversified, and somewhat flexible, but that is not in contradiction with its class function" (1997, p. 113).
[286] "Science became the hallmark of the discipline and empiricism-positivism-quantification acquired a unprecedent proeminence" (2008, p. 20).
[287] "this knowledge would permit social progress to become a conscious objective and would facilitate amelioration of those social conditions construed to be social problems" (HANEY, 2008, p. 23).

capital social e cultural, mas sim de seu sucesso em demonstrar sua competência como especilistas do conhecimento" (HANEY, 2008, p. 25) [288]. Nessa ocasião, a política – historicamente separada, como supracitado, da ciência – passa a ser interpretada como o território do irracional, das demandas imigratórias e, sobretudo, dos radicalismos sociais. Nesse contexto, "seguindo o exemplo da ciência natural, a ciência social transcenderia as superstições e a carência de lógica da esfera pública" (idem, p. 28)[289].

Há muitos temas da sociologia norteamericana que podem ser considerados tributários da sociologia europeia, o que pode ser observado à luz do intenso fluxo de doutorados feitos na Alemanha que repercutiam nos Estados Unidos, conforme destaca Finkelstein (1984). Dessa forma, não apenas a organização universitária moderna mas, também, as tensões sociais que circulavam na França, na Inglaterra e na Alemanha foram perlaboradas por esses sociólogos. A importância dos vínculos comunitários que ressaltava Tonnies, a questão das cidades presente na obra de Simmel, a solidariedade mecânica de Durkheim e, evidentemente, a sociologia histórica de Max Weber constituíram o repertório inicial dos sociólogos americanos. Contudo, apesar da proximidade temática, essas ideias, quando aclimatadas ao progressismo norte-americano, deixam de reverberar o discurso de crise no qual surgiram, e passam a funcionar a partir de uma referência futura: a sociologia americana estava construindo o saber para o moderno americano, estava construindo, enfim, um mundo em que suas teses estariam em casa. Desse modo, por exemplo, a *anomia* deixa de ser uma caracteristica do mundo social e passa a funcionar enquanto diagnóstico de adesão ao grupo nos famosos estudos de comunidade realizados em Chicago. Analogamente, o freudismo dos anos 1940 será operacionalizado para fomentar pesquisas empíricas sobre a adesão à regimes autoritários, e não mais para sustentar diagnósticos trágicos de quaisquer espécies[290]. Sinteticamente, nos termos de Hinkle,

> estudos quantitativos de alienação e anomia, portanto, concentraram-se nas dimensões psicológicas desses males modernos, tratando-os como expressões

[288] "Their status would depend not upon traditional patterns of deference to the possessive of class privilegie and high levels of social and cultural capital but opon their success in demonstrating their competence as knowledge specilaists" (HANEY, 2008, p. 25).
[289] "by following the example of natural Science, social Science would transcend the superstitions and ilogic of the public sphere" (idem, p. 28).
[290] Na formulação de Cambiasso e Grieco y Bavio, "a superação do dualismo entre comunidade e sociedade consiste na reconstrução inteligente dessas associações locais, mas enriquecidas com os desenvolvimentos mateiriais e culturais que impulsionam a sociedade moderna" (1999, p. 136) ["La superación del dualismo entre comunidad y sociedade consiste en la reconstrucción inteligente de esas asociaciones locales, pero enriquecidos con los desarrollos materiales y culturales que impulsan la sociedad moderna" (1999, p. 136)].

> do caráter de falta de integração individual em sociedades cujas características estruturais eram foco de análises e avaliações superficiais (1980, p. 81)[291].

É a partir da acentuação da colaboração dos sociólogos com o governo, notadamente na década de 1950, que eles se tornam, paradoxalmente, alvo de críticas por parte da opinião pública e de alguns setores do mundo universitário. Isso porque, tendo sido associada às correntes empiristas das disciplinas de orientação científica – inclusive a sociologia – a tradição positivista foi questionada, já a partir da década de 1950, por compactuar com um ponto de vista autoritário sobre o mundo, na medida em que, ao abrir mão da discussão de finalidades públicas de seus estudos, subsidiaria um coletivismo social baseado na ideia de controle preditivo do comportamento humano, notadamente a partir das pesquisas *survey* que então se multiplicavam sob a orientação de Paul Lazarsfeld. Conforme Pollack, nesse sentido,

> A partir desse período, Lazarsfeld dedica bastante tempo à produção de pesquisa empírica e à formação de sociólogos para um mercado de trabalho exterior à universidade. Daí se explica a importância que ele dá à publicação de manuais metodológicos. A sociologia não deveria apenas se emancipar da filosofia, mas também fornecer especialistas em "gestão racional" para o governo e as empresas. A seus olhos, os sociólogos deviam conquistar os novos mercados abertos pelo marketing, pela publicidade e pela gestão (2018, p. 117).

A mudança de posição valorativa, portanto, se condensará na ideia de que ao invés de trabalharem para o alargamento do rol das liberdades humanas, os sociólogos passaram a ser acusados de subordiná-la à manipulação científica, de modo que "a cientificização da sociologia representou a deserção da disciplina de ideais democráticos e sua descida ao reino da manipulação de massa e controle social" (KIRK apud HANEY, 2008, p. 189)[292].

A universidade, nos Estados Unidos, foi a grande formuladora do liberalismo político, e isso se deveu, em parte, ao seu alegado caráter técnico. O que parece contraditório a primeira vista é, precisamente, o reflexo de uma universidade organizada por preceitos clássicos do liberalismo. A divisão interna do trabalho, por exemplo, bem como a função de docência exercida sem nenhum resquício da aura de sacralidade europeia, são exemplos dessa associação entre universidade e política liberal[293]. Nesse sentido, conforme Schwendiger & Schwendiger,

---

[291] "quantitative studies of alienation and anomie therefore concentrated on the psychological dimensions of these modern maladies, treating them as character expressions of indivual´d lack of integration within societies whose structural features received only cusory analysis or assessment" (1980, p. 81).

[292] "the scientificization of sociology represented the discipline´s desertion of democratic ideals and its descent into the realm of mass manipulation and social control" (KIRK apud HANEY, 2008, p. 189)

[293] Essa é também a discussão de Lipset em Political Man, quando, falando sobre os intelectuais americanos se sentirem ofendidos quando se comparam aos europeus: "É certamente verdade que há uma diferença entre o tratamento europeu e americano do intelectual. Essa diferença não é mais ou menos do que a diferença entre uma sociedade de classes bastante rígida e uma sociedade que enfatiza a equidade. Na Europa, deferência aberta é dada

"O desenvolvimento da sociologia americana foi influenciado pelo desenvolvimento do liberalismo corporativo e, talvez, mais profundamente, a notável contribuição intelectual dos sociólogos acadêmicos tenha sido o maior impulso ao desenvolvimento e refinamento do liberalismo corporativo" (SCHWENDIGER & SCHWENDIGER, 1974, p. 3)[294]. Se levarmos em conta essa simbiose, podemos corroborar o diagnótico de Touraine (1996) de que nos Estados Unidos a universidade é parte da sociedade, enquanto na Europa, especialmente na Alemanha, ela é parte do Estado. Assim, "[a] admiração pela universidade americana é em parte uma identificação geral com o progresso econômico e cultural científico dos Estados Unidos" (idem, p. 3)[295]. Na Europa a universidade se nutre do mito da cidadela da pureza, nos Estados Unidos, por outro lado, ela está na proa da cultura científica, o que dá contornos específicos à disputa entre ambas as atitudes, conforme tenho tentado identificar. Nos termos de Habermas, especialmente em relação aos efeitos da predominância americana sobre a antiga organização alemã, "não apenas a grande tradição fracassou mas, segundo suponho, também o estilo de pensamento filosófico comprometido com a erudição individual e representação pessoal" (1971, p 12).

Detenho-me nesse momento da exposição numa tentativa sistemática: muito embora as peculiaridades nacionais desautorizem que se fale de uma história única da sociologia e de sua institucionalização, há três características similares que merecem destaque, antes de que possamos adentrar no processo latino-americano: a. em diversos graus, a sociologia nasce como uma ciência plebeia, b. seu surgimento enquanto disciplina respondeu ao amadurecimento de uma cultura científica que, embora tenha suas origens antes mesmo do século XIX, foi condensada pela tradição saintsimoniana e comtiana e c. a resistência à nova disciplina foi não apenas teórica mas também envolveu conflitos de consagração exógenos, como as inflexões de ordem política.

Na América Latina a Sociologia é uma disciplina precoce (BLANCO, 2006): no ano de 1877 em Caracas, 1898 em Buenos Aires, 1900 em Assunción, 1906 em La Plata e Quito e

---

a todos aqueles com status mais elevado, sejam engenheiros, donos de fábricas ou professores, enquanto que neste país não é dado a nenhum na medida em que está de fora" (1960, p. 327). ["It is certainly true that there is a diflFerence between the European and American treatment of the intellectual. This difference is no more or less than the difference between a fairly rigid class society and a society which emphasizes equahty. In Europe, open deference is given to all those with higher status, whether engineers, factory owners, or professors, while in this country it is not given to any to the degree that it is abroad" (1960, p. 327)].

[294] "The development of american sociology has been influences by the development of corporate liberalism and perhaps more profundly, the outstanding intellectual contribution of academic sociologists has been the further development and refinement of corporate liberalism" (1974, p. 3).

[295] "[the] admiration for the american university is partly a general identification with the scientific economic and cultural progress of the United states" (SCHWENDIGER & SCHWENDIGER, 1974, p. 3).

1907 em Cordoba, já existiam cadeiras universitárias dedicadas ao tema, contemporâneas, portanto, a suas congêneres europeias. Blanco e Jackson (2014) notam, todavia, que essas cátedras nascem vinculadas a outras disciplinas, constituindo mais bem elementos de *pensamento social* oferecidos, mormente, a alunos de Direito[296]. Esse caráter não-profissional, portanto, que caracterizou o começo da análise sociológica, notadamente no cone sul, imprimiu à tradição da disciplina um caráter filosófico, em certa medida ensaístico. O caso argentino, que desenvolverei no tópico seguinte, não foge à regra. Embora a primeira cadeira de sociologia na Universidade de Buenos Aires funcione desde 1905[297] (sob os cuidados do prof. Quesada), ela manteve, por avançadas décadas do século XX, seu caráter diletante e filosófico.

Para entender sua inserção enquanto disciplina universitária, é preciso uma atenção ao tipo de instituição que circunscreverá os conflitos disciplinares. Conforme Berst e Cruz, não se inventou uma universidade americana, o que havia "eram implantações da tradição universitária europeia e de seu patrimônio" (in RUEGG, 2002, p. 249), notadamente daqueles vinculados aos modelos de Paris e Bolonha, que já vinham sendo exportados mundialmente há cinco séculos. Embora não seja possível falar, mesmo em contexto colonial, em um mero "transplante" institucional – na medida em que as apropriações autóctones desautorizariam qualquer argumento dessa natureza – não se pode deixar de fora da equação a circulação dos dois modelos universitários que formaram a tradição institucional de confinamento do saber.

Pode-se considerar, sinteticamente, dois modelos: aquele inspirado na universidade de Salamanca – democrático, com participação estudantil – e aquele conhecido como modelo de Alcalá, mais hermético. Esse modelo é base não apenas para os sistemas que serão implantados na américa hispânica como, também, para a própria organização europeia. A tradição espanhola, sobretudo, filiava-se à tradição centralizadora. Tal alinhamento pode ser observado, por exemplo, quando, em 1538, ocasião da fundação do que viria a se tornar a primeira universidade do continente – no antigo Colégio São Domingos – a intenção manifesta era exclusivamente formar o clero para o trabalho missionário. Nas décadas seguintes, Cidade do México e Lima recebem instituições analogas, "ambas se tornaram centros e protótipos para as

[296] A título de informação, pode-se encontrar, já no primeiro plano de estudos da Faculdade de Filosofia e Letras, a desginção de "ciências sociales" para as disciplinas que compunham o quarto ano obrigatório de formação. O detalhamento do plano, contudo, aponta para esse caráter humanístico e extra-científico. Constam, em conjunto com Ciencia social, crítica literária y estética; literatura de la Europa septentrional (inglesa y alemana), Literatura de la Europa meridional (francesa y italiana), História de la Civilización Americana: instituciones, ciencias, artes, etc e Ciencia de la Educación. (Actas del Consejo Directivo, t.1, 1986, p. 9).

[297] Conforme a compilação historiográfica do próprio Ricardo Levene, o primeiro plano de estudos da Facultad de Filosofia y Letras da UBA, de 1896, já apresentava uma disciplina designada como "ciências sociais", ainda que o primeiro curso, dado por Antonio Dellapiane, seja apenas de 1899 e o estabelecimento da cadeira de sociologia só se dê, efetivamente, em 1904.

futuras universidades, colégios e instituições de ensino superior na América hispânica" (RUEGG, 2002, p. 255). No século XVIII, as instituições se proliferam por Havana, Caracas e San Felipe (em Santiago)[298]. Em 1778, um protótipo da universidde de Buenos Aires é fundada mas não chega a funcionar (isso ocorrerá apenas em 1821). Ponto em comum entre todas elas: sua origem confessional. [299]

Apesar disso, ou justamente por conta desse aparentemente consistente empenho institucional, a Universidade norteamericana é, no fim do período colonial, mais vigorosa do que aquelas da América Espanhola, embora bem mais recente. Para Berst, isso se deveu ao fato de que, no caso das colônias espanholas, as instituições "eram expressões de poder, eclesiástico e régio, criadas formalmente por actos de vontade da parte das autoridades estabelecidas e nunca capazes de se distanciarem dessas autoridades até depois da independência" (in RUEGG, 2002, p. 271). Já avançadas décadas do século XIX, conforme salientam Maier e Watherhead (1979), o mundo hispânico seguiu o padrão da reforma napoleônica, a saber, a divisão entre institutos técnicos (as Écoles), com pouca atenção ao "espírito de corpo" típico do modelo alemão. Resultado dessa condição, a universidade latinoamericana acabou se tornando a instituição que sustentou de forma mais efetiva o medievalismo espanhol na américa. Nos termos de Tunnermann, "de costas para a realidade, a universidade não se atentava para as torrentes de história que passavam debaixo de suas sacadas senhoriais e que rapidamente arremeteriam contra ela" (2008, p. 58) [300]. Concomitantemente, o modelo organizacional napoleônico fazia com que se unissem a vocação conservadora do ensino católico com um funcionamento rígido e burocratizado, "o plano universitário francês de 1808 oferecia uma estrutura nacional altamente centralizada, abrangendo todas as faculdades e escolas profissionais, bem como a faculdade de ciência e letras, sendo, com efeito, a extensão ascendente do liceu" (GONGORA in MAIER, 1979, p 55)[301].

Gino Germani retomaria esse processo fundacional quando, buscando explicar as origens da insuficiência da sociologia no continente, aponta que "a cátedra, a nomeação e a autonomia universitária fizeram parte da herança européia do século XIX, que tendia a funcionar, a partir de mecanismos adaptativos, nesses padrões recorrentes da vida política na

[298] Sobre a dinâmica colonial das instituições de ensino é possível consultar BABINI (1986).
[299] Comparativamente, o caso do Brasil é sintomático: "Coimbra não inspirou aí qualquer esforço semelhante ao que Salamanca inspirou no império espanhol" (RUEGG, 2002, p. 258), nenhuma universidade colonial e antes do XIX sequer sociedades científicas ou literárias.
[300] "De espaldas a la realidad, la Universidad no se percataba de los torrentes de historia que ahora pasaban debajo de sus balcones señoriales y que pronto se arremolinarían contra ella" (2008, p. 58).
[301] "the french university plan of 1808 offered a highly centraized national structure, encompassing all of the faculties and professional school as well as the facultad de ciência y letras, being in effect the upward extension of the lycée" (GONGORA in MAIER, 1979, p. 55).

América Latina" (MAIER, 1979, p. 206)[302]. A herança espanhola e francesa, pois, havia gerado, do ponto de vista de Germani, uma encruzilhada burocrática que minava qualquer intento de renovação. Já avançadas décadas do século XX, por exemplo, Germani apontará para o fato de que o recrutamento familiar nas universidades argentinas seguia sendo um *escândalo*. Além disso, a precarização do trabalho seria uma herança dessa tradição latina, "em alguns países, como na Argentina, suplementa-se o salário do professor envolvido em pesquisa, muito embora geralmente ainda vigore um nível muito baixo para que possa causar um impacto substancial" (GERMANI in MAIER e WEARHERHEAD, 1979, p. 212)[303]. Germani chega a esboçar, ademais, uma tipologia do problema. Para ele, reinava na universidade argentina uma característica tipicamente latino-americana: a dos conflitos pessoais operando numa instituição que deveria ser neutra. Em seus termos, "O latino-americano tende a expressar suas emoções fortemente, com veemência (...) em todos os estratos socioeconômicos da América Latina, fatores que geram frustração, alienação, medo e insegurança aparecem com mais frequencia do que em sociedades mais estáveis" (idem, p. 215)[304]. O criativo, na América Latina, segue Germani, é hostilizado. O diagnóstico daquele que será, na década de 1950, um dos maiores promotores da renovação desse quadro, é, no entanto, otimista:

> Esta é uma fase de transição, tanto na universidade como na sociedade. A velha sociedade e a velha universidade estão desaparecendo. Estamos no meio do conflito entre desintegração e recriação. A insegurança, os medos, as lutas e as tensões são todos sintomas de mudanças drásticas ocorrendo. Como todas as mudanças profundas e conflitantes são conflitivas e dolorosas, as pessoas envolvidas não podem evitar os efeitos devastadores de tal transição em suas vidas individuais (GERMANI in MAIER e WHEAREHEAD, 1979, p. 218)[305].

No caso especificamente argentino, é preciso ter em vista um outro fator de complexidade: para além das cátedras oficiais, a recepção pública da sociologia na Argentina que, tal como na França e na Alemanha, emerge em simbiose com uma visão de mundo específica. A primeira ocorrência da palavra sociologia nas letras argentinas encontra-se,

---

[302] "The cátedra, life appointment, and univeristy authonomy were part of the nineethenth-century europeu heritage which tended it funcion as adaptative mechanisms to these recurrent patterns of political life in latin américa" (in MAYER, 1979, p. 206).

[303] "In some countries, as in Argentina, they supplement the salary of the professor engaged in research, bur generally they are still operating at too reduce level to make a substantial impact" (in MAIER E WEARHERHEAD, 1979, p. 212)

[304] "The latin american tends to express his emotions strongly, indeed vehemently (...) throughout all socioeconomic strata in Latin Americam factors generating frustration, alienation, fear, and insecurity seem more frequente than in more stable societies" (idem, p. 215).

[305] "This is a transitional phase for both the university and society. The old society and the old university are disappearing. We are in the midst of the conflict between desintegration and re-creation. The insecurity, the fears, the struggles, and the tensions are all symptons of drastic chnges taking place, Because all depp and real change is conflictive and painful, the persons involved in it cannot avoid the shattering effects of such transition on their individual lives and destinies" (in MAIER e WHEAREHEAD, 1979, p. 218).

segundo Terán (2008), no já mencionado periódico La Montaña, dirigido por José Ingenieros e Leopoldo Lugones, a partir do manifesto Somos Socialistas. Essa vinculação cristalizou-se de modo a tornar-se um lugar comum nos primeiros anos do século XX. Desse modo, entende-se porque os futuros aportes reivindicados em nome da disciplina não tenham sido facilmente dissociados dessa carga semântica inaugural.

A revista de Ingenieros e Lugones, todavia, bem como sua proposta de uma sociologia vinculada aos preceitos socialistas, sofreu críticas – ou um solene desprezo – de parte importante do campo intelectual. Em paralelo à essa sociologia mundana, a sociologia universitária orientava-se majoritariamente a perspectivas históricas e espiritualistas. Refratários à essa perspectiva socialista, bem como ao sentido que ela imprimia ao termo sociologia, uma ampla gama de intelectuais, notadamente na universidade, converteu o sentido do termo em um guarda-chuva conceitual no qual era possível abrigar quaisquer leituras sobre a realidade social argentina, fossem elas empíricas ou não, progressistas ou não.

Na sequencia do argumento, ao optar por partir das trajetórias de Ernesto Quesada, Ricardo Levene e Alfredo Povina para falar dessa primeira "sociologia de cátedra" que vigorou na universidade argentina da primeira metade do século XX, não pretendo supor que esgotem, em seus exemplos, todas as possibilidades de posicionamento no campo. Ao contrário, a observação de suas estratégias ajudará a cotejar, posteriormente, uma leitura também quantitativa das publicações desses primeiros sociólogos. Além disso, as três trajetórias oferecerão, de maneira tipológica, a referência negativa ao projeto da sociologia científica, cujo maior esforço terá de ser, como veremos, destituir essas três trajetórias de sua reivindicação semântica em relação ao termo "sociologia". Proponho que tal repertório de identificações precisa ser levado em conta se a ideia é conferir historicidade aos posteriores combates da sociologia científica capitaneados por Gino Germani. O próximo ítem se propõe, justamente, a observar de que modo a disputa entre a cultura científica e a cultura literária também operou na Argentina, identificando a historicidade das posições no universo intelectual que informaram a querela de Gino Germani com os "interpretes do mundo social" que o precederam. Por isso, o recurso à três trajetórias – no sentido de C. Charle (1992), compreendidas enquanto estratégias possíveis – de Ernesto Quesada, Ricardo Levene e Alfredo Povina, pretende funcionar enquanto observatório da resiliência dessas tensões, favorecendo a apresentação concomitante da trajetória das próprias reivindicações da ideia de "sociologia", na medida em que estão em jogo,

para além de discordâncias teóricas, duas atitudes intelectuais: a dos amadores e a dos especialistas.

2.2. ERNESTO QUESADA, RICARDO LEVENE E ALFREDO POVINA: A SOCIOLOGIA DE CÁTEDRA E OS *AMATEURS*

O ano de 1917 revela, nos termos de Funes (2006), o surgimento de uma nova possibilidade antropológica: um homem novo emerge da periferia do mundo e traz consigo uma valorização do *novo* em si mesmo. Funes está se referindo não apenas aos eventos soviéticos mas, também, às novas formulações da ideia de "geração" e "juventude" que se generalizam na Argentina, a partir da "nova sensibilidade" incorporada pelos jovens da Reforma Universitária de Córdoba em 1918. No ano anterior ocorria, na periferia argentina, em Tucumán, o *Primero Congreso Americano de Ciencias Sociales*. Tanto a data do evento quanto, mais especificamente, sua estrutura organizacional e a natureza dos participantes, sugerem duas pistas acerca da organização da "disciplina plebeia" na Argentina: primeiramente, é possível afirmar que há referências à sociologia e a uma "cultura sociológica" anteriores ao processo de institucionalização disciplinar, que ocorreria apenas avançada década de 1950 e, ao mesmo tempo, pode-se observar que o que se entendia por sociologia naquele contexto era mais um conjunto polissêmico de atitudes frente ao mundo social do que, propriamente, um compêndio de proposições metodológicas rígido, como seria voga tempos depois. A proposta, neste ponto da análise, é tomar por objeto a disputa por demarcação de fronteiras, mais do que ponderar a exatidão ou a pertinência das fronteiras em si.

O congresso realizado em Tucumán inseriu-se na série de comemorações do primeiro centenário argentino, em 1910, época de crescimento econômico e modernização social e cultural. Integrou uma série de eventos patrocinados pelo governo de Hipólito Yrigoyen que procuravam inscrever a Argentina no mapa da cultura e das ideias metropolitanas, como processo correlato de seu crescimento econômico. Indicativo do prestígio do evento é a lista heterodoxa de nomes que integrava sua comissão oficial de organização: Carlos O. Bunge[306],

[306] Sociólogo e jurista, filiado à corrente positivista em sua versão darwinista, Bunge foi jurista e professor de sociologia na Universidade de Buenos Aires e autor de obras como *Nuestra América* y *Principios de psicología individual y social* (1903).

Antonio Dellepiane[307], Carlos Ibarguren[308], Alfredo Palacios[309], Ernesto Quesada[310], Ricardo Rojas[311], Lisandro de la Torre[312] e Estanislao Zeballos[313]. A sessão de sociologia é presidida por Antonio Dellapiane, primeiro catedrático de sociologia da Universidade de Buenos Aires, e constam como oradores Ernesto Quesada (em nome da FFyL), Ricardo Rojas, Pablo Groussac, Ricardo Levene, José Ingenieros, dentre outros.

A sessão de abertura, proferida pelo então minsitro da Justiça e Instrução Pública Carlos Saavedra Lamas, é indicativa do tom celebrativo e ao mesmo tempo prospectivo da empreitada. Lamas salienta que a proposta do evento era, ao reunir intelectuais de todo continente – os países que não aderiram foram Bolívia, Brasil, Colombia, Republica Dominicana, Haiti, Honduras, Mexico, Nicaragua e El Salvador – resgatar o vinculo das origens ancestrais latino-americanas, posta "a necessidade de fórmulas de conciliação entre o rigoroso espírito igualitário e os postulados impostos pela sociologia naturalista" (LAMAS in TUCUMÁN, 1917, P. 75)[314]. Emancipar-se dos modelos europeus, enfim, respondia a uma tarefa mais ampla e mais transcendente que a constituição de um mero plano de estudos, outrossim, ela se justificava na medida em que os países latino americanos "têm em comum os costumes, a civilização e – o que é mais fundamental – a alma" (idem, p. 91)[315].[316]

---

[307] Primeiro professor de sociologia da UBA, Dellapiane era jurista e historiador, responsável pela formulação da primeira interpretação espiritualista da sociologia argentina. Autor de Idioma del Delito, de 1894.

[308] Historiador e político, move-se inicialmente do campo liberal para o nacionalismo, também conhecido pelas obras *Estampas de Argentinos* (1935) e *Las sociedades literarias y la revolución argentina* (1937).

[309] Advogado, político e professor de sociologia, o socialista Palacios lecionou na Universidad de la Plata e Buenos Aires, tendo sido, inclusive, reitor desta ultima. Dentre suas obras mais conhecidas estão *El nuevo derecho*, *Esteban Echeverría: albacea del pensamiento de Mayo*, *La miseria*, *El dolor argentino, Las Islas Malvinas, Archipiélago Argentino.*

[310] Professor de sociologia na Faculdade de Filosofia y Letras e na Facultad de Derecho, Quesada foi titular, em substituição ao professor Dellepiane, da primeira cátedra de sociologia da UBA. Autor, dentre outras, de obras seminais como *La época de Rosas: su verdadero carácter histórico* (1898).

[311] Escritor nacionalista e grande interlocutor de nomes como Palacios, publicou obras importantes como El Alma Española e Cosmópolis, ambos em 1908.

[312] Advogado e escritor, fundador do periódico La Republica, autor de "Poderes de las convenciones constituyentes", Buenos Aires : [s.n.], 1923, dentre inúmeros discursos e cursos rápidos proferidos no CLES.

[313] Periodista, romancista e historiador, além de deputado em três ocasiões, é autor de *Viaje al país de los araucanos* (1881).

[314] "la necesidad de formulas de conciliación entre el riguroso espiritu igualitário y los postulados científicos impuestos por la sociologia naturalista" (MEMORIA DEL CONGRESO DE TUCUMÁN, 1917, p. 75)

[315] "tienen en común las costumbres, la civilización y – lo que es más – el alma" (idem, p. 91)

[316] A fala de Alfredo Colmo no Congreso Americano de Ciencias Sociales, realizado em Tucumán em 1917 (bem como sua recepção, bastante calorosa) é sintomática nesse sentido. A questão a que ele se propõe é: como discutir planos de ensino de ciências sociais num continente com 70% de analfabetos? Colmo diz que deveríamos começar a partir da escola primária, depois passar para a escola técnica pra só então pensarmos em universidades. As que temos, diz, são muitas e pouco técnicas, disfuncionais. Ele propõe uma universidade técnica "com o mínimo de esforços e o máximo de rendimentos" (1917, p. 154) ["con mínimo de esfuerzos y con máximo de rendimentos" (1917, p. 154)]. Sobre o modelo alemão, também em discussão naquela ocasião, Colmo aponta que embora seu aspecto filosófico seja louvável, ele é orgânico com aquela sociedade, trabalha em compasso ajustado com seu desenvolvimento, não sendo portanto "importável". Sobre essas tentativas de criar uma "universidade clássica" na América, Colmo as compara com um tipo de atitude "que tanto seduz nossa popuçação de psicologia um pouco

Parte significativa da carreira de Gino Germani, que sob muitos pontos de vista pode ser visto como o pioneiro da sociologia científica na Argentina – sem prejuízo de sua atividade docente e editorial - foi associada a um combate aberto em relação à tradição sociológica que o precedeu e que aparece tão bem representada na fala do minsitro Lamas. Disposto a atualizar a disciplina em critérios universais, o apelo a simbologias como a "alma americana", na concepção de Germani, não seria mais que um atestado de imaturidade reflexiva[317]. À essa querela dedicou-se Diego Pereyra (2005), em ampla tarefa de revisão do legado de Germani como "pai fundador" da sociologia argentina. Sua intenção é opôr-se a uma narrativa frequentemente paroquial do processo de institucionalização da disciplina, reabiltando a trajetória de Alfredo Povina e, sobretudo, considerando o papel das redes internacionais na dinâmica institucionalização/fragmentação do campo sociológico argentino. Pereyra destaca que o início das discussões sociológicas é muito anterior à institucionalização promovida por Germani, em 1957, na medida em que clássicos como Weber e Durkheim foram, eventualmente, traduzidos antes para o espanhol do que para o inglês e eram moeda corrente nas bibliografias das cadeiras de sociologia ministradas nos cursos de história e direito, diagnóstico corroborado por Blanco (2006). Pereyra aponta razões extra-teóricas, as quais subscrevo, para que a institucionalização da disciplina fosse conflituosa. Em seus termos, "as irrupções políticas afetam especialmente a história das universidades e das ciências sociais. Essas mudaças institucionais bloquearam, modificaram, aceleraram e recompensaram estratégias profissionais de sociólogos e cientistas sociais" (PEREYRA, 2005, p. 09)[318].

O contexto internacional, notadamente a prevalência da sociologia americana no pós Segunda Guerra, teriam favorecido um tipo de sociologia, aquela de Gino Germani, em

primitiva e dada a alegorias doutorais, algo como o selvagem, segundo uma conhecida observação de Spencer, que pensam antes em seus enfeites e adornos do que em comer ou vestir-se" (idem, p. 161) ["que tanto seduce a nuestra población de psicologia un poco primitiva y dada a los oropiles doctorales, algo así como la de los selvajes, según una conocida observación de Spencer, que piensan antes en sus abalorios y adornos que en comer y vestirse" (idem, p. 161)]. Apontando ainda os motivos pelos quais sustenta que a liberdade de cátedra e o sistema de privatdozent jamais daria certo na Argentina, Colmo pontua que "não temos os hábitos espontâneos de disciplina que são tão naturais nos indivíduos germânicos e que, em geral, não somos capazes de estabelecer, com suficiente precisão metódica, um plano próprio que possamos efetivamente praticar" (ibidem, p. 207) ["no tenemos los hábitos espontâneos de disciplina tan naturales en los indivíduos germânicos y que, en general, no somos capaces de trazarnos, con precición suficientemente metódica, un plan próprio que podamos levar a su práctica total y efectiva" (ibidem, p. 207)].

[317] Esse ponto de vista é uma constante na obra de Germani. Destaco, exemplarmente, La Sociologia Científica, Uma década de discusiones metodológicas e o prólogo a Mills, textos abordados em diferentes momentos ao longo desta tese. Consultar, para acesso a esses textos, a Antología (CLACSO, 2010)

[318] "political disruptions especially affected the history of universities and social sciences. Those institutional changes blocked, modified, accelerated and rewarded professional strategies of local sociologists and social researches" (PEREYRA, 2005, p. 09).

detrimento de outros tipos de sociologia, praticados por antecessores como Alfredo Povina[319]. A análise de Brasil Jr (2011) também aponta nessa direção, ao observar as reverberações da sociologia da modernização que se gestava nos Estados Unidos na constituição da disciplina no cone sul, especialmente nos casos de Argentina e Brasil[320]. O autor localiza no Seminário CLAPCS, RJ, 1959-1960, organizado por Costa Pinto, o contexto de surgimento da associação entre modernização social e "atitude científica", como supunha Florestan e, a seu modo Gino Germani, e dentro da qual a sociologia forneceria prioritariamente técnicas racionais de intervenção.

As revisões do papel de Gino Germani não obscurescem o fato de que foi a partir de seu esforço, em larga medida pessoal, que a sociologia argentina pôde inscrever-se nas tendências contemporâneas de pesquisa. Essas revisões funcionam, todavia, como um importante alerta anti personalista. Tal como Heilbron sugere que o pensamento social dos séculos XVII e XVIII não deve ser reduzido à mera "pré-história" da sociologia, Pereyra sugere que o esforço desses intelectuais anteriores à Germani – os membros do Congresso de Mendoza e, anos depois, Alfredo Povina - possuem uma relevância teórica irretudível, que foi obscurescida, a partir de meados da década de 1950, pela hegemonia da sociologia científica encampada pelo ítalo-argentino.

> De acordo com esta versão, uma etapa, anterior a 1955, é indigna de ser examinada devido à ausência de um campo sociológico específico. Os sociólogos locais foram citados por terem feito trabalhos não criativos, desconsiderando dados empíricos, usado o estilo literário e lido literatura inadequada, especialmente influenciados por tradições anti-positivistas (PEREYRA, 2005, p. 12)[321].

Diego Pereyra se inscreve numa tradição importante, a saber, aquela que procura recuperar a circulação de uma cultura sociológica prévia ao processo de institucionalização. Também Horácio González se alinha a essa perspectiva, ao propor que a longa história do pensamento social argentino pode ser rastreada a partir de uma *atitude sociológica* composta por dois *logos*: "um, da espontânea aderência ao mundo real no qual os indivíduos pensam a si mesmos e suas relações habituais; outro, o dos distintivos do mundo da ilustração baseados na

---

[319] Hans Joas atribui a marcha triunfal da sociologia americana pelo mundo no pós guerra por uma capacidade de unificar "uma pesquisa social empírica quantitativamente orientada e sofisticada com uma estrutural-funcionalista desvinculada de suas origens e de seu contexto histórico e filosófico, reduzida a uma aplicação de médio alcance" (JOAS in GIDDENS, p. 127)

[320] Sobre o caso brasileiro é possível consultar MICELI (2018) e LIEDKE (2005).

[321] "According to this version, one stage, previous to 1955, is unworthy of being examined because of the lack of a specific sociological field. Local sociologists were cited to have made uncreative work, desregarded empirical data, used literary style and read inappropriate literature, especially influenced by anti-positivist traditions" (PEREYRA, 2005 p. 12).

confiança do auto-conhecer-se da sociedade" (2000, p. 15)[322]. Gonzales é um crítico do que diagnostica como uma pretensão cosmológica da sociologia, na medida em que a disciplina, para ele, precisa partir de que os sujeitos não entendem totalmente o que fazem enquanto sociedade e, depois disso, que podem ou querem ser esclarecidos. Essa é, para o autor, a atitude comteana que a disciplina assume desde meados do século XIX, "nessa sociedade, onde a sociologia positiva toma a forma do próprio sentido do governo social, cada um de seus membros está dedicado a servir ao 'grande Ser', união mística da humanidade que substitui a teologia pela sociolatria" (GONZALEZ, 2000, p. 16)[323]. A sociologia, pois, convertida numa espécie de filosofia da história, ansiosa por descobrir as tais leis humanas, teria sido não injustamente associada às concepções utilitárias do mundo que seus críticos lhe atribuíam. A sociologia é, para Gonzalez, o objeto impossível de sua própria promessa de secularização, ao pretender a sociedade como divindade final das consciências. O estatístico vira seu Deus e a sociedade sua força cósmica: exemplo maior dessa tendência seria o *Suicídio*, de Durkheim. O fato de que essa força cósmica tenha natureza moral, conclui, não a faz menos cósmica. Não fortuitamente, portanto, a resistência das disciplinas canônicas frente à nova aposta se fazia sentir,

> Com efeito, para a sociologia que culmina em seu périplo secular como doxa da mídia, filosofia dos não-filósofos e metodologia política para a administração modernizadora do conflito, pode-se abrir o fosso indivisível do qual emergiram as suas protoformas filosóficas ignoradas (GONZALEZ, 2000, p 32)[324].

Esta tese corrobora, dessa literatura de revisão, a asserção de que essa "primeira sociologia" argentina estava comprometida com a análise de um amplo mundo histórico-literário e que esse foi, antes da década de institucionalização, o arcabouço temático fundamental dessas reflexões. De Echeverría, passando por Ingenieros, Ramos Mejía e, finalmente, chegando no começo do século com as intervenções universitárias de Ernesto Quesada, Ricardo Levene e Alfredo Povina, não se pode deixar de notar a resiliência de temas identitários e espiritualistas, que caracterizaram a já citada "zona híbrida" do universo intelectual argentino da virada do século.

---

[322] "uno, de la espontânea adherencia al mundo real en que los indivíduos se piensan a si mismos en sus relaciones habituales; otro, el de los distintivos del mundo de la ilustración basados en la confianza en el autoconocerse de la sociedad" (2000, p. 15).

[323] "en esta sociedad, donde la sociologia positiva toma la forma del sentido mismo del gobierno social, cada uno de sus miembros está dedicado a servir al 'Gran Ser', unión mística con la humanidad que reemplaza la teologia por la sociolatría" (GONZALEZ, 2000, p. 16).

[324] "Con efecto, para la sociologia que culmina su périplo secular como doxa de los medios de comunicación, filosofia de los no filósofos y metodologia política para la administración modernizante del conflicto, se puede abrir el foso indivisable del que surgían sus ignoradas protoformas filosóficas (GONZALEZ, 2000, p. 32).

O ponto em comum entre essas reflexões bibliográficas poderia ser o de que a sociologia de Gino Germani pretende a posse semântica do objeto sociológico, em disputa análoga à que havia empreendido a sociologia durkheimniana no contexto francês. A hipótese que organiza o argumento dessa tese procura alargar, contudo, as fronteiras desse enfrentamento, retirando de questão os julgamentos de caráter acerca da atitude pessoal de Germani. A ideia é que, quando a sociologia científica de Germani se esforça por traçar um limite verificável entre sua prática e o que anteriormente se entendia como sociologia, há uma operação que atua em três dimensões: no plano essencialmente cognitivo dos embates teóricos, Germani se enfrentará com toda a tradição anti-positivista que se generalizara pela Argentina a partir da década de 1920; no plano institucional, a modernização da universidade e o fortalecimento de sua autonomia frente às instâncias privadas e à política engendrará uma remodelação formal imprescindível e inédita, capaz de reconfigurar a tradição da universidade catedrática organizada pelo modelo francês e, por fim, no plano das *atitudes intelectuais*, o projeto da sociologia científica se enfrentará com uma ampla tradição de simbiose entre intelectual e política que então operava na Argentina, e o fará em nome de uma concepção de intelectual como técnico, cuja neutralidade é compromisso inegociável. Ademais, a hipótese é de que essa atitude nova diz respeito à circulação de modos de produção do saber que se referem não apenas às dinâmicas de recepção do conteúdo das ideias mas, no sentido em que defende Elias Palti (2009), às dinâmicas de recepção dos textos em sua materialidade, envolvendo, por consequência, a circulação de determinadas visões de mundo atreladas à tais ou quais detalhamentos teóricos. Assim, conforme tenho tentado indicar, da geração romântica de 1837, passando pela panaceia positivista do fim do XIX ao desencanto com a ciência nas primeiras décadas do XX e a permeação multifacetada da tradição alemã, não são poucas as filiações – tácitas ou presumidas – que a sociologia científica terá que enfrentar nos anos 1950.

Na intenção de circunscrever a relação conflituosa que Germani estabeleceu com seus predecessores, parto de um compêndio seu publicado em 1964 intitulado *La sociologia en la America Latina*, onde estão condensadas algumas de suas advertências acerca do caráter "espiritualista" que via na sociologia anterior à sua. Apesar de que tenha sido publicado num momento em que Germani já era consagrado na universidade, as reflexões são maturações de pontos resilientes no argumento do autor. A partir desta leitura, suponho ser possível retomar as discussões sobre as dificuldades de institucionalização, o caráter plebeu da disciplina e, sobretudo, suas relações com os legados de Alfredo Povina, Ricardo Levene e Ernesto Quesada. Os distintos sentidos atribuídos por eles à noção de "crise", bem como ao papel que a abordagem sociológica poderia ter em sua superação, são os eixos organizadores do argumento.

A retórica de Germani no texto de 1964 é, sobretudo, belicosa. O novo sociólogo profissional, formado enquanto tal, teria de vir para substituir o catedrático amador, "medíocre aficionado, na maior parte das vezes" (1964, p. 1)[325]. A proposta é instaurar, em oposição à essa atitude diletante, um novo nível de competência, que envolvia não apenas a modernização teórica inspirada nas teorias mais em voga nos Estados Unidos como, sobretudo, mecanismos institucionais, tais como "(...) críticas escritas em periódicos especializados, seleção de pessoal para o ensino, pesquisa ou prática de ensino, graus acadêmicos reconhecidos por organizações científicas e, finalmente, a reputação dentro da própria comunidade de os sociólogos "(idem, p.2)[326]. Universalizar, pois, os critérios de elaboração das teses, antes do que as próprias teses.

Nessa obra, Germani sintetiza a história da sociologia latino-americana e argentina, especificamente, a partir da seguinte divisão: um primeiro período positivista, de onde sobrevinham as discussões sobre a formação nacional, um segundo período irracionalista e anti-positivista, focado na disseminação das ideias acerca da autenticidade nacional e, finalmente, aquele que se inaugura a partir da referência norte-americana. É justamente a resistência à adesão a esse novo parâmetro, o norte americano, que Germani credita o caráter provincial da sociologia argentina.

Pode-se observar com algum detalhe a genealogia sugerida por Germani, principalmente pelo caráter reivindicatório de suas escolhas cronológicas. A primeira etapa seria pré-sociológica, localizada temporalmente no pós independência da América, onde todo olhar a respeito do mundo era, para ele, filosofia social. Nessa fase, impera um tema comum, a saber, a definição das identidades nacionais. São textos escritos, frequentemente, por literatos, influenciados mormente por Herder e Hegel. Além da referência alemã em comum, segue Germani, essa literatura apoia-se em quatro pressupostos: pensam a sociedade como dado, lhe atribuem um sentido de continuidade histórica, buscam a identidade nacional e, finalmente, acionam o social para transformar essas comunidades. Seriam, grosso modo, as teodiceias de Echeverría, Alberdi e Sarmiento. A essa primeira fase se sucede o que Germani chamou de "adaptação seletiva" das concepções positivistas, principalmente a partir da universidade. Embora mais simpático a esse estágio, não se tratava ainda, em seus termos, de sociologia profissional, na medida em que faltava "a verificação de hipóteses e teorias de validade geral" (GERMANI, 1962, p. 28)[327]. Estão inscritos nessa etapa nomes como José Ignenieros e Carlos

[325] "medíocre aficionado en la mayor parte" (1964, p. 1)
[326] "(...) la crítica escrita en las revistas especializadas, la selección del personal para los cargos de enseñanza, investigación o práctica profesoral, los títulos académicos reconocidos por las organizaciones científicas y, por fin, la reputación misma dentro de la comunidad de los sociólogos" (idem, p. 2).
[327] "la verificación de hipótesis o teorias de validez general" (GERMANI, 1962, p. 28).

O. Bunge. Em seguida, continua Germani, viria o contexto da reação anti-positivista que marca "a irrupção de um irracionalismo extremo que não só atacava o cientificismo como tendia a desprestigiar toda atitude científica" (1962, p. 29)[328]. Essa reação, contra a qual Germani se posicionará mais frontalmente, adere à perniciosa separação, tipicamente alemã, entre ciências da natureza e ciências do espírito e, como se tal calamidade não fosse suficiente, a sociologia aparece alocada no rol das segundas. Seu intuicionismo tornaria "completamente estéril toda a fatigante busca do dado para comprovar hipóteses" (idem, p. 30)[329] de modo que as análises teriam de ser fundadas, necessariamente, numa ontologia. É importante observar que é nesse estágio que Germani aloca o que ficou conhecido como "sociologia de cátedra" (ou "sociologia de fraque", nos termos de Delich, 1988), os acadêmicos do começo do século – dentre eles Povina, Quesada e Levene – responsáveis pela disseminação de autores que Germani via como alheios à tradição sociológica, tais como Dilthey, Vierkandt, Freyer, Spranger, Husserl, Sartre, Heidegger e Merleau-Ponty. Sua desconfiança teórica, como já apontado, torna-se ainda mais aguda na medida em que extravasa para o campo da política e da vida social. A militância democrata de Germani passava, para ele, pela superação das referências alemãs que ele observava no universo letrado argentino. Além disso, tampouco se pode menosprezar a censura peronista que, logo no ano de 1947, parecia confirmar a suspeita de Germani de que o militarismo, o apego à simbologia das ontologias nacionais e, em ultima instância, o anti-positivismo, poderiam desembocar num regime de censura intelectual.

Destacando a predominância de referências teóricas estranhas à sociologia, Germani elabora, na obra de 1962, uma tabela que reproduzo abaixo, a título de ilustração: a forma de apresentação da genealogia de Germani não é um acaso quando observadas suas reservas no que tange à dimensão retórica das "filosofias sociais".

Obras de sociologia correspondentes ao desenvolvimento anterior a 1930	27%
Obras de sociologia correspondentes ao desenvolvimento posteriores (1930-1955)	28%
Obras filosóficas antes de 1930	26%
Obras filosóficas 1930-1955	19%

Germani procura fazer notar, a partir da tabela, que a prevalência de obras filosóficas está diretamente relacionada com a ausência de obras sociológicas. É a partir dessa constatação que o sociólogo formula algumas hipóteses acerca do atraso da investigação social na

[328] "la irrupción de un irracionalismo extremo que no sólo atacaba al cientificismo sino que tendía a desprestigiar toda actitud científica" (1962, p. 29).
[329] "completamente estéril la fatigosa busqueda del dato para comprovar hipótesis" (idem, p. 30)

Argentina. Tal aposta poderia resumir-se na constatação de que, a partir da divisão entre ciências da natureza e ciencias do espírito, toda tentativa de pesquisa é vista como mera sociografia. A preferência argentina por tratados ontológicos, nesse sentido, refletiria, ademais, um preconceito de origem não-intelectual:

> Se enfrentam aqui dois estereótipos nacionais atribuídos respectivamente aos Estados Unidos e à América Latina: os norteamericanos práticos, técnicos, estritamente especializados, pouco dados a especulação pura, à arte, ao superior; no seu oposto o latino-americano do espírito filosófico, literário, propenso às humanidades, ao pensamento de nível geral, não constrangido por estreitas especializações" (1962, p. 36)[330].

O argumento de Germani, que será pormenorizado no próximo capítulo, centra-se na capacidade da sociologia para fornecer um rol de possibilidades eletivas para a sociedade ou, nos termos de Blanco, para atuar como edificadora de um programa de reconstrução racional. Corrobora esse argumento a análise de Ana Germani (2004) quando destaca que

> Segundo Germani, o triunfo das correntes antipositivitstas no somente constituiu um desastre para as ciências do homem como também suas repercussões negativas foram mais além do âmbito da cultura e incidiram até na vida cotidiana, contribuindo para o nascimento de expressões das ideologias irracionalistas e dos correspondentes intelectuais dos totalitarismos políticos (2004, p. 25)[331].

Nesse sentido, mais do que uma aposta na racionalidade, trata-se da reivindicação de que a função da sociologia na sociedade é, sobretudo, normativa. Para além, portanto, de pensar o "como nos tornamos o que nos tornamos", típica da filosofia social de cariz ontológico, o projeto da sociologia científica procura instaurar uma dimensão projetiva, cuja pergunta sintética poderia ser "como nos tornaremos o que desejamos nos tornar", ou seja, atentando-se para adequação entre meios e fins. Assim, a política se decide nos marcos do esforço da sociologia por capacitar a sociedade eletiva, e não é desejável que ela opere no âmbito exclusivamente técnico das formulações científicas. Em seus termos, "a politização suposta ou efetiva das universidades e dos intelectuais pode afetar na atividade puramente científica e neutra" (1964, p. 64)[332].

---

330 "Se enfrentan aqui los estereótipos nacionales assignados respectivamente a los EUA y a America Latina: los norteamericanos prácticos, técnicos, estrechamente especializados, poco dados a la especulación pura, la arte, a lo superior; todo lo contrario del latino-americano, del espíritu filosófico, literário, propenso a las humanidades, al pensamento del nível general, no constreñido en angostas especializaciones" (1962, p. 36).

331 "Segun Germani, e triunfo de las corrientes antipositivistas no solo constituyó un desastre para las ciencias del hombre sino que sus repercursiones negativas fueron más allá del ámito de la cultura e incidieron hasta en la vida cotidiana, contribuyendo al nacimiento de expresiones de las ideologias irracionalistas y de los correpondientes intelectuales de los totalitarismos políticos" (2004, p. 25)

332 "la politización real o suposta de las universidades y de los intelectuales puede afectar a una actividad puramente científica y neutral" (1964, p. 64).

A relação da sociologia com a política aparece como um dos problemas nodais de sua institucionalização. Desde a vinculação da sociologia de Durkheim com a Republica francesa[333], a incorporação, por parte dos socialistas ingleses, do vocabulário sociológico, e a não menos conflituosa reação dos mandarins alemães às vinculações da sociologia com o "mundo da técnica", muitos poderiam ser os exemplos dessa tensão fundamental. No caso argentino, quando da reivindicação da neutralidade científica elaborada por Germani, não se pode deixar de acionar a discussão que Ernesto Quesada havia entabulado, já na primeira década do século, a partir de seus relatórios de viagem, em torno do mesmo tema. Quesada, conforme já exposto, defendia uma renovação na universidade argentina baseada no modelo germânico de estrutura de ensino superior. Sua crítica, direcionada ao ensino livresco da universidade francesa e inglesa era também a crítica à uma situação na qual a pesquisa universitária não podia existir senão associada às redes de parentela política. Nesse sentido, é interessante observar que, dentre seus muitos predecessores em termos de divulgação da cultura sociológica, Quesada é o único poupado por Germani (e Levene, do ponto de vista de organizador do Instituto de Sociologia), em suas críticas à sociologia anterior à 1940.

Embora possam ter concordado, com a distância de algumas décadas fundamentais, na importância da preservação da esfera científica em relação à política, Quesada e Germani estavam em situações muito distintas quando da formulação de suas teses. Germani, imigrante italiano, procurava consagrar-se a partir da esfera unicamente científica e universitária. Quesada, por outro lado, leva para a universidade uma bagagem de capital simbólico familiar anterior. Se considerarmos que, até a década de 1960, a esfera privada tinha, em Buenos Aires, um peso maior do que a universidade, podemos inferir a discrepância no alcance das teses e, notadamente, a situação mais favorável em que se encontrava Ernesto Quesada.

Ernesto Quesada, conforme já apresentado, era filho de Vicente Quesada, diplomata e grande incentivador da vida cultural portenha (BUCHBINDER, 2012). Ernesto frequentou o ambiente universitário alemão no qual apareceram as primeiras discussões sociológicas robustas daquele país, foi contemporâneo de Max Weber e de Simmel. Na Argentina atuou como professor de sociologia na Universidade de Buenos Aires (Quesada assume a cadeira de sociologia deixada por Dellapiane em 1905) e na Universidade de La Plata, além de ocupar uma série de cargos administrativos. São conhecidas suas discussões inflamadas com nomes de proa do campo universitário, tais como Miguel Cané, que via na defesa científica de Quesada

[333] Sobre a vinculação entre republica, progresso científico e democracia, é possível consultar o texto de Angenot (1989) no qual, analisando tal simbiose, ele interpreta o progresso como o axioma fundamental da propaganda republicana francesa.

um perigoso apelo positivista e uma recusa do princípio básico de sua filosofia: a de que nada no mundo social é passível de generalizações. Na leitura de González (2000), embora também estivesse envolvido na discussão sobre a crise, a leitura de Quesada permitia uma abordagem sofisticada desse tema: a modernidade e a técnica não deveriam ser negadas, mas instrumentalizadas a ponto de poderem criar seus próprios instrumentos de coesão.

Os cursos ministrados por Quesada ilustram a circulação de referências que permeavam sua bagagem intelectual. Constam nos planos de aula que ministra na Faculdade de Filosofia da UBA os seguintes temas: 1905, La história crítica de la sociologia y su metodologia; 1905, Las doctrinas psicológicas hasta la de Spencer; 1906, Las doctrinas sociológicas hasta la interpretación económica de la história; 1907, La evolución sociológica de Comte a Gobineau; 1908, Sociologia aplicada: el experimento sociológico de las missiones; 1909, Sociologia pura: las doctrinas sociológicas germanas, sobretudo Lampretch; 1910, La sociologia de Marx; 1911, Instituciones sociales de las Misiones Jesuíticas; 1912, Las doctrinas sociales aplicadas al estúdios de los fenômenos sociales en Australia; 1913, Las doctrinas sociales aplicadas al estúdio de los fenômenos sociales em Estados Unidos; 1914, El fenômeno social de la família de diferentes tipos sociales antiguos y modernos; 1915, Aplicación sociológica doctrinária al estúdio de los fenômenos argentinos; 1916, Aplicación sociológica doctrinária al estúdios de los fenômenos de las sociedades pre colombianas; 1917, Aplicación sociológica doctrinária al estúdio de los fenômenos de la sociedad colonial hispano-americana; 1918, Fenomenos sociales en las distintas republicas de américa; 1919, Doctrinas sociológicas y su aplicación a la sociologia hispano-americana e 1920, Spengler y la Decadencia de Occidente.

A escolha de seus planos de curso indica uma dimensão polissêmica do projeto de Quesada: ao mesmo tempo em que compartilha de uma das máximas da atitude sociológica que tenho me proposto a rastrear, a saber, a necessidade de um espaço de cultivo de racionalidade, Quesada trabalha nos marcos teóricos da sociologia alemã e francesa, muitas delas de filiação metafísica. Essa característica híbrida de seu projeto pode ser observada, por exemplo, na introdução que ele faz ao livro do espiritualista Miguel Cané, En Viaje, na qual lemos que

> a política é a grande culpada na vida americana: fascina jovens talentos, os seduz e esteriliza para uma produção intelectual serena e elevada: intoxica-os com ação efêmera, despende-os e deixa-os desencantados, impossibilitando o retorno ao culto das letras e escravizados pela paixão da vida pública (1877, p.28)[334].

[334] la política es la gran culpable em la vida americana: fascina a los talentos jovenes, los seduce y los esteriliza para la producción intelectual serena y elevada: los embriaga en al acción efímera, los gasta y los deja desencantados, imposibilitándolos para volver al culto de las letras, y esclavizados por la pasión de la vida pública (1877, p. 28).

Paralelamente, dentro da universidade, recupero a citação de Quesada ao alegar, em 1906, que "o nível do ensino depende da vocação do professor, e tal qualidade é uma condição que não se adquire, mas que se revela espontaneamente, como que colada ao próprio ser" (1906, p. 18)[335]. Mais uma vez sustentando – como o faz em seus relatórios técnicos -, que os anfiteatros universitários têm que ser laboratórios de vida, Quesada também se lamenta que, na Argentina, só se remunere o professor a título de 'ajuda de custo'. Tal situação dificulta a profissionalização, na medida em que apenas diletantes com outra fonte de renda se sentem atraídos pela carreira acadêmica. (Discurso na colação de grau da Faculdade de Direito e Ciencias Sociais, 17.08.1906. Buenos Aires, 1906). [336]

Essa oscilação de Quesada não precisa ser lida, necessariamente, como contradição. Como alerta Terán (2004), Quesada atualiza o diagnóstico de crise da modernidade que perpassa sua geração, muito embora seu diagnóstico seja menos trágico do que o da maioria de seus contemporâneos. Sua proposta, além disso, é mais conciliadora, além de mais otimista: depois do desenvolvimento econômico o processo civilizatório se completaria com o intelectual e cultural. Quesada é, para Terán, a ligação "entre o velho mundo patrício e senhorial por uma parte e, por outra, o deslumbramente gozozo diante dos logros da modernidade" (2004, p. 213)[337]. Sua fé nas ciências sociais derivava, sobretudo, da expectativa de que ela pudesse fornecer um novo espaço de retotalização do mundo, sustentada por uma "exploração filosófica da ciência" (idem, p. 215)[338]. É um crente na ciência, em suma, mas não um positivista, seguia portanto a prescrição da sociologia histórica alemã.

Quesada também se envolve, como seus contemporâneos, na celeuma sobre a questão da identidade nacional. Nessa parte de sua trajetória estão as discussões sobre o idioma nacional e sobre a reconversão do gaúcho ou, mais bem, sua domesticação conceitual, "de uma materialidade a partir da qual não se podia dissimular suas imperfeições, se passou à pureza estética do espírito" (1900, p. 251)[339]. Assim, o apreço de Quesada pelo ensino humanístico na chave arielista e anti imperialista, seu reformismo e suas leituras de Marx, embora soem refratários à perspectiva depois sustentada por Germani, indicam que já opera, em suas

[335] "El nível de la enseñanza depende de la vocción del profesor, y tal cualidad es una condición que no se adquire, sino que se revela espontaneamente y como adherida al ser mismo" (idem, p. 18),

[336] Em 1947, Ricardo Levene publica um balanço das atividades do instituto de Sociogloia da Universidade de Buenos Aires. Nessa ocasião, além de percorrer a hsitória das primeiras disciplinas de ciencias sociais, desde 1898, ele atribui a Quesada, em 1904, após um hiato de 6 anos, a elaboração do primeiro plano de curso

[337] "entre el viejo mundo patrício y señorial por uma parte y, por la outra, el deslumbramento gozoso antes los logros de la modernidad" (2004, p. 213).

[338] "explotación filosófica de la ciência" (idem, p. 215).

[339] "de uma materialidade de la que no podían disimularse sus imperfecciones há pasado a la pureza estética del espiritu" (1900, p. 251).

preocupações, a reivindicação de uma profissionalização do universo intelectual. Importante lembrar que, se Germani enfrentará, ao longo da década de 1960, sérias críticas a respeito de seu projeto científico, Quesada também entabulou um diálogo tenso do mesmo teor com nomes como Miguel Cané e Paul Groussac.

A critica de Groussac, sobretudo, é contundente: as ciências sociais não seriam científicas justamente porque são muito generalizadoras e não alcançam as "ideias e sentimentos" que são os verdadeiros motores da experiencia humana. A sociologia não captaria, assim, a *alma* da sociedade. Em 1905, na inauguração oficial da cátedra de sociologia que então passava a ser ocupada por Quesada, o debate atinge seu auge: Quesada chega a qualificar a sociologia como uma *ciência perfeita*, apta a entender um mundo que deveria ser analisado metodicamente posto que, em oposição ao que ocorre nas ciências naturais, os postulados das ciências socias não são desprovidos de metafísica "pois nenhum deles é evidente por si mesmo nem pode ser materialmente demonstrado" (1900, p. 277)[340].

Os combates de Quesada revelam, pois, o caráter polissêmico da sociologia no início do século e o grau de generalidade teórica que se podia abrigar dentro da defesa de uma "atitude científica" diante do mundo. Por outro lado, deixam entrever a condição de ciência plebeia da nova disciplina, notadamente a partir do empenho sistemático de Quesada em responder às críticas que vinham das disciplinas mais antigas, como a história e a filosofia. Embora Quesada possuísse vínculos familiares suficientes para ser alocado na aristocracia letrada de Buenos Aires, sua trajetória poderia ser descrita como heterodoxa. Inserido num universo intelectual cujos temas comuns eram a crise do espírito, a tragédia da modernidade e a necessidade de reabilitação ontológica da identidade nacional, Quesada inaugura a possibilidade de pensar a crise argentina como sintoma e de resolvê-la racionalmente, caminho que será depois protagonizado por Gino Germani.

Em 1953, Alfredo Povina publicaria, enquanto diretor do Boletín del Instituto de Sociologia da UBA, em parceria com Tercera del Franco, o resultado das comunicações do congresso da ALAS, que havia ocorrido no ano anterior. A ALAS (Asociación latino-americana de Sociología) foi fundada em 1950 em Zurique, no Primeiro Congresso Mundial de Sociologia. Como membros fundadores aparecem, pela Argentina, Alfredo Povina e Tercera del Franco. Houve várias tentativas anteriores à ALAS, a partir do esforço de nomes como Ricardo Levene mas, é somente a partir da inciaitiva firmada em Zurique que pôde ocorrer, em 1951, o Primeiro Congresso da ALAS, em Buenos Aires. Já durante o congresso, contudo, as fissuras teóricas

[340] "pues ninguno de ellos es evidente de por sí ni puede ser materialmente demonstrado" (1900, p. 277).

são evidentes, como é possível observar pela própria contribuição de Germani à ocasião. Aos poucos, como sugere Blanco (2005), começa uma ruptura progressiva com a geração fundadora da ALAS, e outras instituições internacionais tomam seu lugar, como por exemplo a FLACSO, fundada em 1957. Esse deslocamento marca, inclusive, a guinada de Povina em direção à um tema e a um público mais regionais, movimento que Blanco qualifica como "a expressão de um espaço de exclusão" (2005, p. 19)[341]. Quando Germani funda, em 1960, a Asociación Sociológica Argentina, a disputa institucional com a antiga ALAS dirigia por Povina se consolida.

De todo modo, o texto de autoria de Germani que aparece na compilação do evento é uma das ocasiões em que a disputa de território entre as atitudes científica e literária-filosófica foi exposta com mais veemência por parte do sociólogo. Trata-se do comentário *Una década de discusiones metodológicas*[342]. Nesse texto, Germani destaca que o crescimento da abordagem quantitativa é uma tendência mundial da sociologia, embora, nesse aspecto, os empiristas ango-saxões estivessem alguns degraus acima dos latino-americanos:

> enquanto nos primeiros se trata (...) de organizar e guiar a considerável massa de pesquisas concretas dentro de um sistema teórico relativamente coerente e dotado de significância para os principais problemas da sociologia, nos países latinos (exceto França e talvez o Brasil) o [objetivo] imediato seja superar a tendência predominantemente filosófica das ciências sociais, incorporando efetivamente a investigação direta da realidade dentro das tarefas próprias da sociologia (2010, p.325)[343].

Germani recupera, nessa ocasião, as críticas à filosofia social, baseadas na dicotomia entre ciências do espírito e ciências da natureza, divisão essa, ele reitera, "tão cara ao pensamento alemão" (2010, p. 325)[344]. A necessidade de superar tal situação, sustenta, é semelhante à necessidade que a Alemanha enfrentou na década de 1930. Não apenas teoricamente mas, também, no que diz respeito à divisão do trabalho intelectual, tal filiação alemã gerava uma divisão perniciosa entre sociologia (teoria que busca as essências, individualizante, baseada na intuição) e sociografia (recolhimento de dados para a teoria, prática de caráter generalizador, indutiva, ligada a métodos naturalistas). Com essa divisão, conclui, anula-se todo trânsito possível entre teoria e investigação. Sequer se trataria, afinal, de atualizar

---

341 "la expresión de un espacio de exlcusión" (2005, p. 19).

342 O texto foi publicado originalmente no Boletín del Instituto de Sociología. Utilizo aqui, no entanto, a versão revisada da antologia publicada pela CLACSO, de 2010, conforme indicado na bibliografia.

343 "Mientras que en los primeros se trata (...) de organizar y orientar la considerable masa de investigación concreta dentro de un sistema teorético relativamente coerente y dotado de significación para los grandes problemas de la sociologia, en los países latinos (excepto Francia y Brasil acaso) lo imediato es superar la tendencia predominantemente filosófica de las ciências sociales, incorporando efetivamente la investigación directa de la realidad dentro de las tareas propias de la sociologia" (2010, p. 325).

344 "tan cara al pensamento germánico" (GERMANI, 2010, p. 325)

os tipos ideais weberianos pois "ao considerar que o momento da compreensão corresponde aos aspectos 'espirituais' do social, e o da explicação aos 'naturais', volta-se a introduzir um dualismo ontológico que leva cada vez mais ao divórcio entre teoria e investigação" (GERMANI, 2010, p. 326)[345].

A causa desse estado da arte, para Germani, era institucional: a maioria dos "sociólogos" latinoamericanos era filósofo de formação, como por exemplo Renato Treves que, em "Sociologia y Filosofia Social", de 1941, demonstra ser, nos termos de Germani, nada além de um "estudioso". Cita também nessa toada Gilberto Freyre, Alberto Baldrich e Alfredo Povina, nenhum deles preocupado, por uma questão de formação intelectual, em enfrentar – ou ao menos colocar-se – o problema da verificação, o que demonstrava "a dificuldade de acessar uma problemática desse tipo daqueles que se movem dentro da tradição alemã" (GERMANI, 2010, p. 328)[346]. Ayala (1959) é o que chega mais perto, em seu Tratado de Sociología, de enfrentar essa divisão de matriz germânica na medida em que se põe o problema da verificação. Mesmo ele, contudo, no diagnóstico de Germani, esbarraria na tradicionalmente alemã identificação entre sujeito e objeto ao afirmar que a ciência não é capaz de acessar a totalidade "espiritual" do homem, "com isso Ayala coloca as ciências da cultura, que incluem justamente esse tipo de conhecer essencial, dentro do 'saber de salvação' segundo a terminologia scheleriana que ele adota, ou seja, dentro da filosofia" (idem, p. 329)[347].

Tais preferências teóricas geravam, sustenta Germani, uma anomalia na construção do discurso científico sobre o mundo social, na medida em que "aquilo que vivencialmente parece óbvio ou ainda possível se transforma *ipso facto* em uma verdade científica, e por esse caminho se declara de fato inútil toda tarefa de investigação, ainda que não se deixe de afirmar, vez ou outra, sua necessidade" (GERMANI, 2010, p. 331)[348]. Echavarría em *Sociologia, Teoria e Tecnica*, teria sido o primeiro, na visão de Germani, a atualizar, em língua espanhola, a crítica ao dualismo ontológico germânico. Mas, apesar de sua defesa de uma sociologia empírica, haveria ainda um "resíduo dualista" pois tal perspectiva "volta a introduzir considerações acerca

---

[345] "al considerar que el momento de la 'comprensión' corresponde a los aspectos 'espirituales' de lo social, el de la 'explicación' a los 'naturales', vuelven a introducir un dualismo ontológico que conduce cada vez más al divórcio entre teoria e investigación" (GERMANI, 2010, p. 326).

[346] "la dificuldade de llegar a una problemática de este tipo para aquellos que se mueven dentro de la tradición alemana" (GERMANI, 2010, p. 328).

[347] "con esto Ayala coloca a las ciências de la cultura, que incluyen justamente esse tipo de conocer esencial, dentro del 'saber de salvación', según la terminologia scheleriana que el adopta, es decir dentro de la filosofia" (idem, 2010, p. 329).

[348] "lo que vivencialmente parece obvio o aun posible se transforma ipso facto en una verdad científica, y por este camino se declara de hecho inútil toda tarea de investigación aun cuando no se deje de afirmar una y outra vez su necesidad y utilidad" (GERMANI, 2010, p. 331).

da essência do social e a falar repetidas vezes de seu caráter irredutível tanto ao natural como ao espiritual" (2010, p. 331)[349]: as categorias ontológicas que denunciava Germani, no caso argentino, eram aquelas que envolviam o "caráter argentino" ou, mais comumente, "a natureza de Martin Fierro". A predominância do recurso a essas máximas não passou desapercebida de Germani quando, em 1950, na Reunión Argentina de Sociología, Germani nota que a escolha dos temas "revelou de maneira muito clara o giro especulativo e filosófico que caracteriza a sociologia argentina nesse momento, pelo menos em seus centros acadêmicos" (2010, p. 332)[350].

No mesmo Boletín de 1953, ainda aos cuidados de Alfredo Povina, aparece o texto de Germani *Sobre algunas consecuencias prácticas de ciertas posiciones metodológicas en sociologogía*[351], também resultante do Congresso da ALAS. Esse texto reitera as críticas que Germani já vinha elaborando há algum tempo. Apesar disso, a contundência das ponderações é reveladora. Destacando, mais uma vez, a perniciosa tradição intelectual alemã, ele sustenta que "há uma relação direta entre o caráter eminentemente especulativo de certa parte da sociologia alemã e a radical separação entre ciências culturais e ciências naturais que ali chegou a prevalecer" (2010, p. 347)[352]. É importante considerar que Germani é, como será detalhado no próximo capítulo, grande divulgador da psicologia social no campo intelectual argentino. O "caráter especulativo", por exemplo, não está isento dessa vinculação teórica, especialmente quando recorre a variantes tipológicas como a supracitada, que o possibilitam explicar a adesão ao modelo germânico a partir de uma "afinidade eletiva" com o "caráter argentino".

Essa "adesão especulativa" baseava-se, para Germani, em "um tipo de apeensão imediata, um conhecer que surge da identidade entre sujeito cognoscente e objeto conhecido" (2010, p. 348)[353], para o qual nunca há algo construído, o mundo é sempre dado tal como é, "nisso, justamente, se opõem 'compreensão' e 'explicação', sendo essa ultima o método característico do conhecer científico-natural" (idem, p. 348)[354]. Todo intuicionismo via vivência, afinal, prescinde de verificação, tendo o próprio Dilthey alertado, segundo Germani,

---

[349] "vuelve a introducir consideraciones acerca de la esencia de lo social al hablar repetidas veces de su carácter irreductible tanto a lo natural como a lo espiritual" (2010, p. 331):

[350] "reveló de manera muy clara el giro especulativo y filosófico que caracteriza la sociologia argentina en estos momentos, por lo menos en sus centros académicos" (2010, p. 332).

[351] Tal como em relação ao texto *Una década de discusiones*... a versão utilizada aqui é a da antologia da CLACSO, publicada em 2010.

[352] "hay una relación directa entre el carácter eminentemente especulativo de cierta parte de la sociologia alemana y la radical separación entre ciências culturales y ciências naturales que allí llegó a prevalecer" (2010, p. 347).

[353] "un tipo de aprehensión imediata, a um conocer que surge de la identidad de sujeto cognoscente y objeto conocido" (2010, p. 348)

[354] "en esto justamente se oponen 'comprehensión' y 'explicación', siendo esta ultima el método característico del conocer científico-natural" (idem, p. 348).

para o perigo dos exageros do método que concebeu. O método compreensivo confunde perigosamente ciência com consciência, esquece-se que nunca conhecemos algo "tal como se nos dá", mas sempre a partir de operações linguísticas que podem e devem passar pela triagem intersubjetiva. Com Rickert, Germani pontua que o ato de conhecer supõe um sujeito e um objeto, divisão sem qual a sociologia transformar-se e, filosofia, ainda que não se chame dessa forma.

O perigo dessa indistinção disciplinar é que ela leva, segue Germani, à aporia de que para que compreenda algo o pesquisador teria que reviver algo. Seria um procedimento analógico que supõe, evidentemente, uma uniformidade de conduta experimental, uma uniformidade de natureza humana. Nessa linha a sociologia serviria apenas para "obter uma descrição de tais normas como são dadas na consciência comum, e não para verificar sua correspondência com comportamentos e atitudes observáveis" (GERMANI, 2010, p.352)[355]. Em síntese, para que o método compreensivo funcione ele precisa advogar uma natureza humana sempre idêntica a si mesma, sem a qual é impossível fundar a validez da compreensão vivencial. Essa busca, sintetiza Germani, não é invalida de antemão, mas não deve ser confundida com a pesquisa sociológica[356]. A proposta de Germani é, em suma, unificar as tarefas do teórico e do pesquisador, investindo, por outro lado, nas especializações disciplinares.

> Essa exigência mostra claramente o caráter filosófico da tarefa do sociólogo de acordo com essa concepção. A ciência é essencialmente cumulativa, é o resultado da contribuição sucessiva de gerações de pesquisadores e não um incessante abismo de reconstrução de novos sistemas unitários que simplesmente refutam os anteriores (GERMANI, 2010, p.359)[357].

Em *La Sociologia Científica*, obra-manifesto da proposta de Germani, lemos que

> Não há dúvida de que uma parte considerável da pesquisa realizada nos Estados Unidos deve-se, tanto em termos da escolha do objeto quanto da problemática que se segue na formulação da hipótese, ao ideal metodológico que predomina na tradição empirista saxônica. Analogamente, há uma relação direta entre o caráter eminentemente especulativo de uma certa parte da sociedade alemã e a separação radical entre as ciências naturais e espirituais

[355] "obtener una descripción de tales normas tal como se dán en la conciencia comun, y no de verificar su correspondência con los comportamentos y las actitudes observables" (GERMANI, 2010, p. 352).

[356] Um outro ponto: a "compreensão de totalidades", como zeitgeists: "nesse caso, a única coisa que se pode objetar é que se empregue a denominação 'ciência' para designar tais especulações" (GERMANI, 2010, P. 353). ["en este caso lo único que hay que objetar es el empleo de la denominación ciência para designar tales especulaciones" (GERMANI, 2010, p. 353)]. A cultura pode ser analisada em termos funcionais sem prejuízo da criatividade da hipótese, alega, afinal: o processo psicológico pelo qual se chega à hipótese é subjetivo, mas isso só vira ciência pós verificação. Positivismo erra ao "reificar" os tipos ideais, tira sua potencia heurística ao ve-los como coisas.

[357] "Esta exigência muestra claramente el carácter filosófico que posee la tarea del sociólogo segun esa concepción. La ciência es essencialmente acumulativa, es el resultado del aporte sucessivo de generaciones de investigadores y no como una incessante reconstrucción ab imis de nuevos sistemas unitários que simplemente refutan los anteriores" (GERMANI, 2010, p. 359).

> que prevaleceu ali "(Investigaciones y speculación en sociologia, 1962, p.11)[358].

A importância de pensar o método, desse modo, iria muito além, na concepção de Germani, da atividade de pesquisa em si. Ela se relaciona, afinal, com a emancipação da sociologia diante da filosofia social. Para ele, sem a superação dessa questão, continua-se orbitando em torno do dualismo metafísico alemão, que, através das escolhas teóricas de seus opositores, em seus termos "se prolonga de distintos modos através da filosofia idealista alemã até nossos dias" (1962, p. 14)[359]. A América Latina, segue Germani, seria o espaço prioritário de divulgação da separação dualista germânica, condição que fazia perpetuar alguns pressupostos que eram, por natureza, impeditivos à pesquisa sociológica, a saber, a impossibilidade de generalização, a ideia de que a realidade natural se conhece de fora e a humana de dentro, pois a vivemos, o suposto de que a realidade humana é histórica e, por isso, única, a necessidade de que a ação humana seja livre e, portanto, incapturável por leis e, sobretudo, a ideia de que não se pode realizar experimentações de nenhum tipo em ciências 'do espírito'. Assim, sintetiza Germani, a sociologia não poderia passar de um acessório da filosofia,

> Alguns filósofos sustentam que a indagação fenomenológica é prévia à toda tarefa científica positiva. Essa posição, que foi aceita por muitos sociólogos latino-americanos, conduz a uma postergação indefinida do trabalho científico-social propriamente dito e à transformação da sociologia em uma suposta fenomenologia do social (1962, p. 30)[360].

As cadeiras de sociologia da Universidade de Buenos Aires, por onde circulam essas concepções "anti-científicas" a que se refere Germani, não eram exatamente uma novidade no começo da década de 1950. Ernesto Quesada, conforme supracitado, é quem assume formalmente a primeira cadeira na UBA, oferecida na Faculdade de Direito (a primeira versão da cátedra é de 1898, embora tenha funcionado por apenas um ano, sob coordenação de Antonio Dellapiane)[361]. No período que vai de 1918 a 1922, Ricardo Levene, historiador de formação,

---

[358] "No cabe la menor duda de que una parte notable de las investigaciones que se realizan en los Estados Unidos se deben, en lo que se refiere tanto a la elección del objeto como a la problemática que se sigue en la formulación de la hipotesis, al ideal metodológico que predomina en la tradición empirista sajona. Analogamente, hay una relación directa entre el caráter eminentemente especulativo de cierta parte de la sociedad alemana y la radical separación entre ciências naturales y ciencias do espírito que allí llegó a prevalecer" (*Investigaciones y especulación en sociologia*, 1962, p. 11).

[359] "se prolonga de distinta manera a través de la filosofia idealista alemana hasta nuestros dias" (14).

[360] "Algunos filósofos sostienen que la indagación fenomenológica es previa a toda tarea científica positiva. Esta posición, que ha sido aceptada por muchos sociólogos latino-americanos conduce a una postergación indefinida del trabajo científico-social propriamente dicho y a la transformación de a sociologia en una supuesta fenomenologia de lo social" (1962, p. 30).

[361] A título de informação, pode-se encontrar, já no primeiro plano de estudos da Faculdade de Filosofia e Letras, a desginção de "ciências sociales" para as disciplinas que compunham o quarto ano obrigatório de formação. O

trabalha como adjunto de Quesada, e termina por tornar-se titular da cátedra no fim desse período. É durante a permanência de Levene na cátedra que é criado, com o esforço de Emilio Ravignani, o Instituto de Sociologia da UBA, em 1940, no decanato de Coroliano Alberini. Desse modo, "algo dispersa e fragmentária, essa tradição da sociologia universitária argentina experimenta, a paritr dos anos 40, um importante processo de institucionalização" (BLANCO, 2006, p. 52)[362].

O Instituto estava dividido em sete áreas de concentração, a saber, Teoria e História da Sociologia, História das Ideias Argentina, Morfologia e Estatística argentina, Mortfologia e Estatística na América, Sociologia cultural ou ideologia argentina, Sociologia Moral e religiosa argentina, e sessão bibliográfica. A divisão das seções mostra uma predominância clara daquilo que Germani criticaria anos depois: o apego à tradição alemã, ao pensamento "especulativo" e às elegias ontológicas de identidade nacional. Apesar disso, o pioneirismo do Instituto foi capaz de fomentar e sustentar uma ampla rede de debates continentais, contando com membros correspondentes como Gilberto Freyre, do Brasil, Echavarría, do México e German Arciniegas, da Colômbia.

Bollo (1998) destaca que as referências de trabalho dos primeiros anos do Instituto – notadamente a partir da conformação do Boletín del Instituto de Sociología (periódico que procurava dar a conhecer as investigações em curso) – eram sobretudo literárias, alinhadas ao "método genético" encampado pelo historiador Levene e à história das ideias. No instituto gerenciado por Levene, apesar da heterodoxia nominal das linhas, é perceptível a persistência de uma perspectiva *histórica* e, principalmente, cultural na divisão das sessões de trabalho. Tal configuração é ilustrativa de uma tendência também diagnosticada por Blanco (2006), qual seja, a de que até a década de 1940, pelo menos, a referência da sociologia histórica alemã – e, acrescento, dos discursos sobre a crise da ciência que se fundamentavam em reivindicações ontológicas de pertencimento nacional – é dominante na sociologia argentina. Conforme Diego Pereyra (2005), ainda, é preciso ter em vista o alcance das redes que circunscreviam os projetos de Quesada, Levene e Povina em comparação com o de Germani: no primeiro caso trata-se de uma tentativa latino-americana, no segundo, conforme detalharei, de uma aposta no

detalhamento do plano, contudo, aponta para esse caráter humanístico e extra-científico. Constam, em conjunto com Ciencia social, crítica literária y estética; literatura de la Europa septentrional (inglesa y alemana), Literatura de la Europa meridional (francesa y italiana), História de la Civilización Americana: instituciones, ciencias, artes, etc e Ciencia de la Educación. (Actas del Consejo Directivo, t.1, 1986, p. 9).

[362] "algo dispersa y fragmentária, esa tradición de la sociologia universitária argentina experimenta, a partir de los años 40, un importante proceso de institucionalización" (BLANCO, 2006, p. 52).

universalismo da ciência e, portanto, na necessidade de que a sociologia argentina buscasse, mais que ser argentina, ser de fato sociológica.

A entrada de Germani no Instituto e, posteriormente, no Boletín, marcaria uma mudança de atitude: aos poucos, passam a aparecer no Boletín alguns informes de pesquisas empíricas, notadamente as referentes ao censo nacional, que eram desenvolvidas por Germani. O Boletín passará por modificações e interrupções na década de 1950, que serão investigadas no próximo ítem. Interessa, no entanto, o dado de que é precisamente a partir do esforço de Ricardo Levene que Gino Germani começará a inserir-se no mundo universitário da sociologia portenha. Essa relação, porquanto de oposição em termos de preferências teóricas, marca precisamente o momento de transição entre a sociologia enquanto "olhar filosófico sobre o mundo social" e a sociologia enquanto técnica de pesquisa sofisticada, como então defenderá Germani.

Ricardo Levene, personagem prestigioso do circuito letrado de Buenos Aires – tendo dado aulas no Colégio Mariano Moreno e na Escola Superior de Guerra, para além de sua atividade universitária – tem uma biografia notável pelo trânsito constante que manteve com nomes centrais da política portenha e, nos anos 1940, com o próprio Perón, tendo sido um dos intelectuais de carreira que não perdeu todos os postos durante a implementação do regime. Levene, jurista de formação e dedicado à história, era conhecido por seu perfil técnico, por negar-se a posicionamentos políticos e por concentrar-se na militância em prol do rigor documental da atividade de pesquisa. Apesar de sua postura independente, foi presidente da Academia Nacional de História e do Arquivo Nacional, antes de dedicar-se ao Instituto de Sociologia. Conforme salienta Escudero, "o historiador Levene é portador de uma fé e de um diagnóstico altamente positivos da realidade cultural local e americana, a partir da qual toda sua política cultural estaria indubitavelmente fundada no estudo e no amor à pátria" (ESCUDERO, 2010, p. 79)[363]. A crítica documental exaustiva que propunha Levene, buscando inserir a história no rol das disciplinas científicas, pode ser associada, sem muito esforço, à proposta científica que Gino Germani defendia para a sociologia. Luis A. Romero destaca, nesse sentido, que a chamada Nova Escola História, capitaneada por nomes como Ravignani e Levene, foi efetivamente "o primeiro grupo de historiadores que adequou sua produção a uma série de

[363] "Levene historiador es portador de una fé y un diagnóstico altamente positivos de la realidade cultural local y americana, en la que toda su politica de la cultura estaria indudablemente fundada em el estúdio y amor a la pátria" (ESCUDERO, 2010, p. 79).

parâmetros de legitimidade e rigor considerados científicos e acadêmicos" (2004, p. 41)[364]. Do mesmo modo, o fato de que "Ricardo Levene desenvolveu um discurso historiográfico orientado basicamente a negar os conflitos políticos do momento e não polemizar abertamente com outras leituras historiográficas" (ESCUDERO, 2010, p. 32)[365] também o alinha com a proposta de não confuntir ciência com política. Apesar disso, o apoliticismo de Levene estava a serviço de uma causa que o distancia das prerrogativas da sociologia de Germani: o intelectual, para ele, está a serviço da nação, e é em disposição de sua sobrevivência que deve colocar a cientificidade de sua prática.

No plano de curso que Levene submete à Faculdade de Filosofia y Letras, em 1930, é possível observar um amplo predomínio da sociologia francesa. Os tópicos estavam organizados como segue: 1. *Concepción sobre la ciência y la filosofia social en la sociologia contemporânea. Introducción al estudio de la sociologia. Punto de vista del positivismo, de la escuela sociológica de Le Play y del materialismo histórico en la formación de la sociologia*, 2. *Concepciones de esta ciência desde los puntos de vista de las escuelas contemporâneas*, 3. *La concepción de Durkheim. Filosofia y sociologia. La sociologia, ciência autónoma. Definición de la ciência de la sociedade y de la naturaleza de la sociedad humana. Sociologia religiosa, política, jurídica, económica e ideológica*, 4. *Exposición crítica de las obras de Durkheim*, 5. *La escuela sociológica de Durkheim. Exposición y crítica de las obras de Faucconnet e Bouglé*, 6. *Crítica de la concepción sociológica de Durkheim y su escuela*, 7. *La filosofia social en Alemania. Exposición y critica de la obra sociológica de Stammler y Simmel principalmente* e 8. *Parte especial: las ideas sociales y politicas de publicistas hispanos durante los tiempos modernos y su trascedencia en américa de los siglos de la colónia.* Antecedecentes para la história de las ideas sociales en Argentina. Ideas políticas y económicas de la generación de 1810. La joven argentina y el pensamiento de Alberdi.

Dez anos depois, o plano de curso de Levene tinha poucas alterações, com a exceção de uma parte introdutória sobre o positivismo e o materialismo histórico e a adição de Alfredo Vierkandt ao tópico 7. Mantêm-se, contudo, os extensos debates sobre a sociologia francesa, especialmente Durkheim e Bouglé, e um espaço dedicado, no final da disciplina, à sociologia "especial" ou ibero-americana. De qualquer modo, Levene parece estar equidistante da sociologia biologista de um Carlos Octavio Bunge e da sociologia espiritualista de Baldrich,

[364] "El primer grupo de historiadores que adecuó su producción a una série de parâmetros de legitimidad y rigor considerados científicos y académicos" (2004, p. 41).
[365] "Ricardo Levene desarrolló un discurso historiográfico orientado basicamente a negar los conflitos políticos del momento y a no polemizar abiertamente con otras lecturas historiográficas" (ESCUDERO, 2010, p. 32)

seu colega que, também em 1940, oferece, na Catedra de sociologia da Facultad de Ciencias Económicas, uma disciplina amplamente dedicada às contribuições de Hegel. Sob esse ponto de vista, pode-se afirmar que, se no plano teórico e metodológico Levene e Germani se irmanavam em um nível razoavelmente compatível – ainda que não idêntico -, por outro lado, o fato do historiador Ricardo Levene encampar a criação do Instituto de Sociologia aparecia, para Germani, como efeito da anomalia sistêmica do sistema universitário argentino: a predominância de amadores, e não de profissionais, nos cargos de pesquisa. Essa situação era comum, como salientam Blanco (2006) e Pereyra (2005), à todas as cátedras de sociologia do país na medida em que, precisamente, a inexistência de um curso de gradução em Sociologia acabava tornando essa ceara permeável à professores de formação heterodoxa, notadamente historiadores e filósofos.

O caso de Alfredo Povina é ainda mais revelador, quando se trata de pensar o conflito entre as duas concepções sociológicas a partir de uma atitude intelectual amadora ou profissional. Como recorda Pereyra (2005), trata-se do antagonista canônico do projeto de Germani. Povina graduou-se na Universidade de Córdoba, onde também trabalharia por toda sua vida, conciliando, a partir de 1939, com o cargo professor adjunto na UBA. Povina é responsável por formular uma série de manuais canônicos a respeito da história da sociologia argentina.

Em *Examen crítico sobre el caráter de ciência general o ciência especial que debe atribuirse a la sociologia*, de 1930, Povina define a cência como "o conhecimento metódico ou, no sentido comum, organizado e comprovado" (1930, p. 4)[366] sendo a filosofia a síntese de cada uma das ciências, na medida em que "existem tantas ciências como ordens diferentes de fenômenos que podem determina-las" (idem, p. 5)[367]. Povina atribui a Comte a diferenciação entre ciência aplicada e ciência pura e, a partir dela, aponta que "a sociologia deve ser a ciência única geral, a ciência social universal baseada na irredutibilidade de uma propriedade e na investigação de uma lei única de evolução" (1930, p. 20)[368], não se deve desconsiderar, contudo, a dimensão espiritual que diz respeito a história, a história enquanto biografia coletiva do mundo. Na sequência do argumento, Povina traça uma divisão entre escola francesa e a alemã,

[366] "el conocimiento metodizado, o bien, el sentido comun organizado y comprobado" (1930, p. 4)
[367] "existen tantas ciências como órdenes de fenómenos diferentes puedan determinarse" (idem, p. 5).
[368] "la sociologia debe ser la ciência única y general, la ciência social universal basada em la irreductibilidad de una propriedad y en la investigación de una ley única de evolución" (1930, p. 20)

para concluir assumindo que "o caráter formal da sociologia como ciência especial, pode-se dizer que é patrimônio exclusivamente germânico" (idem, p. 53)[369].

Assim como Germani, Povina também se dedicou a elaborar uma genealogia da disciplina sociológica na Argentina. Os marcos cronológicos que elege, no entanto, são substancialmente distintos daqueles de Germani, assim como os julgamentos que profere a respeito das distintas "fases" do percurso.

Na obra de Povina, Esteban Echeverría aparece como o pai fundador da sociologia argentina. Antes dele, sugere o autor, havia apenas interpretações abstracionistas; a partir de sua obra, contudo, "já aparece um pensamento sistemático que o faz o iniciador da corrente realista na sociologia argentina, orientação que culminará com Alberdi e Sarmiento" (1941, p. 45)[370]. Sintetizando a tradição liberal da revolução de Mayo a partir de uma técnica historicista, Echeverría aparece empenhado em constuir uma harmonia entre homem e nação, tendo, nesse aspecto, o mérito do pioneirismo. À tradição que Germani qualifica como pré-científica, Povina confere a alcunha de "realista". Alberdi aparece como o grande divulgador das ideias de Taine, Coulanges e Comte e da perspectiva organicista e evolucionista e Sarmiento, "realista-positivista", teria sido o responsável por disseminar as referências de Tocqueville, Montesquieu e Humboldt.

Uma segunda fase, mais alinhada com a versão de Germani, seria a da sociologia positivista, na qual Povina aloca Francisco Ramos Mejía, José Maria Ramos Mejía, e Ingenieros. Esses autores teriam sido responsáveis pela inserção das referências de Le Bon, Charcot e Darwin, além de reabilitarem a leitura de Comte para a análise dos fenômenos especificamente argentinos. A terceira fase, que Germani havia qualificado como "reação anti-positivista", Povina chama de "sociologia universitária". Esta teria sido seu marco zero em 1898, na Universidade de Buenos Aires, a partir das aulas do professor Dellapiane e de sua visão espiritualista, "a obra de Dellapiane, muito esquecida, marca um momento muito importante no movimento sociológico argentino, que é a reação contra o positivismo e a iniciação de uma sociologia idealista, espiritualista e anti-naturalista" (POVINA, 1941, p.

[369] "el caráter formal de la sociologia como ciência especial puede decirse que es patrimônio exclusivamente germânico" (idem, p. 53).
[370] "aparece ya um pensamiento sistemático que le hace El iniciador de la corriente realista em la sociología argentina, orientación que culminará com Alberdi y Sarmiento" (1941, p. 45).

47)[371]. A genealogia de Povina passa então por Quesada, Levene até desembocar nele próprio, que assumia a cátedra de sociologia.[372] Além disso, Povina dá um amplo destaque às sociologias de outras universidades argentinas, como por exemplo em La Plata, onde ensinaram Juan A García, Ernesto Quesada, Ruiz Moreno e Carlos O Bunge, Córdoba, marcada pelas trajetórias de Isidoro Ruiz Moreno, Enrique Martínez Paz e Raul Orgaz (e do próprio Povina como suplente deste último), a Universidad Nacional del Litoral, que contava com nomes como Gustavo Martínez Zuviría e José Oliva e Tucumán, onde ensinava Ricardo Treves.

Ademais do intento de sistematizar a genealogia da disciplina, os planos de aula de Povina, se confrontados com os de Quesada, os de Levene e os de Germani, revelam um apego mais direto à sociologia francesa, assim como a defesa das bibliografias em espanhol e do reiterado oferecimento de cursos como Sociologia da Arte, História da Sociologia (Aristóteles e Vico) e Filosofia da História. (Povina, *Planes de Curso*, 1951).

Em 1951, quando titular da cadeira de sociologia, Povina submete o seguinte plano de estudos: 1. *História de la Sociologia. Los precursores. Aristóteles. Juan Bautista Vico. El nacimiento de la sociologia. Comte,* 2. *La sociologia contemporânea: Tarde y Durkheim. La sociologia relacionista*, 3. *La sociologia argentina y la sociologia latino-americana. (Del Franco),* 4. *Lógica de la Sociedad. Concepto, objeto y definición. La problemática filosófica de lo social. (Del Franco),* 5. *El deslinde de la sociologia. La historicidad de lo social y su espiritualidad. La filosofia de la história y la filosofia social*, 6. *El problema científico de la sociologia. La ciência de la realidad. El método sociológico, las técnicas de investigación*, 7. *Sociologia general. Concepto de sociedad. Sus elementos materiales, espirituales y culturales*, 8. *El problema de la unidad social. La conciencia coleciva. Las formas de sociabilidad. La multitud,* 9. *El problema de la organización social. La teoria de las estructuras sociales. Los agrupamientos y los comportamentos*, 10. *El problema de la evolución social. Teoría de la movilidad social. Sociologia de la Revolución,* 11. *Sociología especial: población*, 12. *Sociologia de la família: antecedentes argentinos*, 13. *Sociología cultural. Civilización y cultura,* 14. *Sociología del conocimiento: antecedentes, la ciência y la técnica,* 15. *Sociologia*

[371] "la obra de Dellapiane, muy olvidada, marca um momento muy importante em El movimento sociológico argentino, que es la reacción contra el positivismo y la iniciación de uma sociologia idealista, espiritualista y anti-naturalista" (POVINA, 1941, p. 47).

[372] Povina faz um interessante recorrido pela sociologia do interior da argentina, que ele busca legitimar, fala das imensas e dedicadas leituras de Durkheim feitas na universidade de Cordoba e a seguinte diferenciação: a. Levene (sociologia francesa, durkheiminana), b. Baldrich (sociologia cultural alemã), c. Raul Orgaz (sociologia norte-americana via Giddens).

del Arte, 16. *Sociologia del Lenguaje* e 17. *Sociología de la Educación: la personalidad humana*.

No ano seguinte, com o auxílio do adjunto Tercera del Franco, o plano muda muito pouco, com destaque para duas alterações importantes: o tópico 2 passa a ser "La problemática filosófica de lo social y el caráter científico de la sociologia" e o 11 "Sociologia cultural específica: Weber y Tonnies". Além disso, aparece um adendo a respeito das atividades de conclusão que poderia dar um indicativo das tensões que já permeavam a hegemonia do Povina.

A bibliografia do curso de 1951, por exemplo, conta com 22 referências (o programa de Sociologia Sistemática, ditado por Germani 7 anos depois, tinha 103 obras de referência), dentre elas o Tratado de Sociologia, de Francisco Ayala, Introducción a la Sociologia, de Freyer, Ideologia e Utopia, de Mannheim, Society Culture and Personality, de Sorokim e Sociologia e Sociedade Argentina, de Raul Orgaz. Comparativamente ao plano de Germani, há nula inserção da sociologia da tradição americana (com exceção de Sorokin, ele mesmo uma nota destoante na sociologia americana) e, paralelamente, um grande número de obras sobre sociologia da cultura, 9 no total. A título de comparação, no curso de Sociologia Sistemática, ministrado por Germani, considerando as 103 referências, há 63 delas em espanhol, 8 em francês e 32 em inglês, notadamente aquelas publicadas em revistas internacionais que agora circulavam entre os alunos.

Em termos de aposta teórica, apesar de inserir elementos de sociologia prática, o curso de Povina, quando comparado com o que Germani ministraria apenas três anos depois, destaca-se por seu caráter diletante, livresco e, em certa medida, clássico[373]. O plano de curso de Germani, submetido em 1956, estava dividido em duas partes: 1. F*undamentos metodológicos. A. El problema del método en las ciências del hombre*, B. La *sociologia como una ciéncia positiva*, C. *Teoría e Investigación. Delimitación del campo de estúdio. Definiciones prévias. Hipótesis. Formalización*, 2. *Técnicas de la investigación*. A. *Los datos de la investigación social y sus fuentes*, B. *Método de casos y método estadístico*, C. *Observación libre y de partícipe. Técnica e utilización*, D. *Entrevistas,* E. *Cuestionários, Cédulas*, F. *Indices y Escalas*, G. *Método Ecológico*, H. *Método Sociométrico. Técnicas en el estúdio de los grupos pequeños*,

[373] A bibliografia do curso de 1951, por exemplo, conta com 22 referências (o programa de Sociologia Sistemática, ditado por Germani 7 anos depois, tinha 103 obras de referência), dentre elas o Tratado de Sociologia, de Francisco Ayala, Introducción a la Sociologia, de Freyer, Ideologia e Utopia, de Mannheim, Society Culture and personality, de Sorokin e Sociologia e Sociedade Argentina, de Raul Orgaz. Comparativamente ao plano de Germani, há nula inserção da sociologia da tradição americana (com exceção de Sorokin, ele mesmo uma nota destoante na sociologia americana) e, paralelamente, um grande número de obras sobre sociologia da cultura, 9 no total.

I. *Nivel descriptivo. Investigación integral de comunidades. Estudios de Areas*, J. *Nível Explicativo: analisis de los datos* e K. *Nivel Explicativo: el experimento en soci*ologia.

É preciso considerar que os dois planos de estudo estão inseridos em momentos distintos da Universidade e, especialmente, do estatuto disciplinar. Povina ensina sociologia de inspiração francesa e alemã em cátedras autônomas, oferecidas a alunos de diversos cursos. Germani, por sua vez, elabora suas referências no contexto de organização do curso de sociologia, processo que tem início em 1955, quando do fim do regime peronista e começo da "reorganização universitária"[374]. É justamente a vinculação entre os planos de curso, as expectativas institucionais da disciplina e as atitudes intelectuais que lhes são intrínsecos que pretendo destacar nas páginas que seguem. Desse modo, o próximo ítem se dedica a pensar um outro ponto de contenda teórica entre Germani e seus predecessores, a saber, as escolhas de publicação do Boletín do Instituto de Sociologia e dos Cuadernos de Sociología. Considero que tais escolhas de publicação e as operações de enquadramento das mesmas (prefácios, seriação e reivindicações de textos consagrados), não precisam ser observadas como uma incongruência ou, muito menos, como um acaso biográfico do próprio Germani. O editor é, como o livro, mercadoria e significado e, nessa condição, é quem confere existência pública a um texto,

> esse tipo de "criação" implica, na maioria das vezes, uma consagração, uma transferência de capital simbólico (análoga a que se opera em um prefácio), que é tanto mais importante quanto aquele que o realiza é ele mesmo mais consagrado, especialmente através de seu catálogo, do conjunto dos autores, eles mesmos mais ou menos consagrados, que ele publicou no passado (BOURDIEU, 1999, p.3)[375].

Em comum entre as três trajetórias que matizaram o percurso de Germani: a heterogeneidade de formação e a disposição institucional. As biografias de Quesada, Levene e Povina nos apresentam três trajetórias de transição, a partir das quais se pode observar a transformação do modelo do intelectual amador interessado por problemas sociais para um outro, ainda em desenvolvimento, de técnicos profissionais. A análise do Boletín, nesse sentido,

---

[374] Não poderia parecer heterodoxo o programa de curso das cadeiras de sociologia num contexto em que o próprio estatuto da Universidade, de 1932, definia o escopo da instituição nos termos de "O ensino universitário responde a um ideal de educação amplamente humanista; liga a orientação prática e teórica da ciência à perfeição do espírito humano e da sociedade em geral" (Digiesto del decanato de Ravignani, FFyL, 1940, p. 21) ["la enseñanza universitária responde a un ideal de educación ampliamente humanista; vincula la orientación practica y teórica de la ciência al perfeccionamento del espiritu humano y de la sociedad en general" (Digiesto del decanato de Ravignani, FFyL, 1940, p. 21)].

[375] "cette sorte de 'création' implique le plus souvent une consécration, un transfert de capital symbolique (analogue à celui qu´opère un préface) qui est d´ autant plus importante que ce-lui qui l´accomplit est lui-même plus consacré, à travers notamment son catalogue, ensemble des auteurs, eux-mêmes plus ou moins consacrés, qu´il a publiés dans le passé (BOURDIEU, 1999, p. 3).

atuará como sismógrafo dessa mudança na estrutura do campo sociológico argentino, dos modos de aquisição cultural, requisito para que se possa, na sequência do argumento, analisar a incidência teórica dessa empreitada institucional, bem como as alterações naquilo que estou chamando de "cultura científica".

2.3. O BOLETÍN DEL INSTITUTO DE SOCIOLOGÍA COMO SISMÓGRAFO.

O projeto que ficou conhecido como *sociologia científica*, encabeçado por Gino Germani, não se desenvolverá, apesar de sua inserção prévia na universidade (Germani trabalhou, na década de 1940, ao lado de Ricardo Levene) antes de 1955, após o período de intervenção peronista. Sugiro, nesse momento, que uma análise comparada das duas publicações oficiais do Instituto de Sociologia (os *Boletíns del Instituto de Sociologia* e os *Cuadernos de Sociología*) pode ajudar a evitar que o projeto da sociologia científica, que será abordado na próxima parte deste trabalho, seja pensado como uma formulação coerente de antemão. Trata-se de abordá-lo não como o resultado de tensões apenas teóricas mas, notadamente, institucionais e políticas, reveladoras de uma ampla discussão sobre o próprio papel do intelectual na Argentina posterior ao peronismo. Embora não se trate, efetivamente, da mesma publicação, os *Boletíns* e, posteriormente, os *Cuadernos*, foram, respectivamente, a publicação oficial do Instituto nos períodos de 1942 a 1947 e 1957 a 1965.

Proponho que a mudança de referências observada no cotejamento dos dados da publicação dos *Cuadernos*, mostra, se não uma coerência das teses, uma mudança na posição do campo que responde à trajetória institucional de Germani: de marginal na gestão de Levene, exercendo prestígio mormente extra-universitário, à dominante no contexto da organização do curso a partir de 1957. Essa mudança não é apreciável apenas pela incidência das teses mas, sobretudo, pela observação das práticas. Assim, as escolhas editoriais de Germani parecem indicar menos uma adesão irrestrita à sociologia americana, do que o intuito de projetar o ponto de vista sociológico no centro de uma universidade que se reorganiza nos critérios dos principais institutos de pesquisa internacionais. Consagrando seu espaço de atuação – a universidade e, mais especificamente, o curso de sociologia – Germani coloca-se em posição central a partir da qual, então, fará circular suas escolhas teóricas e metodológicas. Essa reorganização, por fim, funciona, a partir da reivindicação editorial à autores consagrados no polo dominante (a sociologia americana), como uma eficiente comunicação de prestígio, fundamental para que a sociologia pudesse projetar-se, em relação à História e a à Filosofia, como um discurso autorizado.

Uma das chaves de leitura possíveis para a compreensão da mudança que Gino Germani imprime ao caráter temático da publicação do Instituto é a necessidade de que se superasse o paradigma da sociologia amadora em nome de um outro, radicalmente oposto, científico. Embora não considere que essa leitura seja errônea em si, sugiro nesse momento uma atenção específica ao sentido dessa reivindicação de originalidade que o sociólogo leva a cabo. Essa ideia ajuda a pensar a respeito do sentido do "mito do inédito axiológico" que parece reivindicar Germani ao afirmar que não se trata de instituir uma outra sociologia – melhor ou mais moderna – mas de instituir a sociologia, posto que o que se fazia antes sob essa rubrica simplesmente não tinha a mesma natureza de suas investigações. Nesse sentido, embora o projeto de Germani seja facilmente entendível como um projeto de futuro, ele não pode ser visto, como nenhum outro o poderia, inclusive, como destituído de pretensões legislativas sobre o passado e sobre as tradições, o conjunto de textos do passado. Se, conforme Koselleck (2006), as disputas semânticas se configuram como espaços de tensão entre a experiência do grupo e os horizontes que se codeterminam com ela, a reivindicação de Germani acerca do ineditismo de seu empreendimento torna-se, ela mesma, um dado cabal para a compeensão da dimensão projetiva de suas atividades intelectuais. Para dar cabo da tarefa de delimitar o sentido do termo 'sociologia', diferenciando-se de seus precedessores, foi preciso realizar a reconstrução mitológica da cultura sociológica – deslocando-a da cultura humanística clássica para a cultura científica -, aspecto que não está desvinculado da postura profética adotada por Germani e que, no caso de seu esforço editoral nos *Boletíns del Instituto de Sociologia* e nos C*uadernos de Sociologia*, reveste-se de uma complexidade que extrapola o âmbito estritamente teórico das investidas.

Tomando a reivindicação de ineditismo axiológico de Germani como objeto, é preciso levar em consideração, inicialmente, a própria periodização que este argumento assume, para que os Boletíns possam funcionar não como prova definitiva ou legitimação biográfica, mas como sismógrafos, como vestígios de um conflito amplo entre visões do passado e do futuro subentendidos em uma ou outra versão da sociologia. Substituição de profecias, nesse sentido, que engendram a substituição dos ritos sacerdotais.

Inicialmente, os Boletíns funcionam como a publicação oficial do Instituto de sociologia dirigido por Ricardo Levene; é o período que vai de 1942 a 1947. A publicação é então interrompida – respondendo a um momento de radicalização das disputas peronistas na universidade – e volta a aparecer cinco anos depois (o número 6 é de 1952 e não respeita o mesmo formato dos antecessores, como veremos). Há então uma mudança na direção: graças, entre outros fatores, à intervenção peronista na universidade, que desloca um amplo contingente

de professores e afasta cerca de 30% do corpo docente, Alfredo Povina assume, com o auxílio de Tercera del Franco, a direção do periódico, que publica apenas dois números. Apenas em 1957, sob direção de Gino Germani, a publicação oficial é retomada com certa periodicidade.

A periodização dessa análise poderia ser feita de dois modos. Poderia-se organizar a partir das gestões do Boletín estritamente, escolha que redundaria em 3 períodos: o de Levene, o de Povina e o de Germani. Opto aqui, porém, por trabalhar com uma divisão mais genérica: os Boletíns publicados na gestão de Levene e Povina serão considerados em conjunto, e em oposição comparativa aos publicados na gestão de Gino Germani. Os critérios para a escolha são três: a. a gestão de Povina é apenas provisória, e não há textos inéditos publicados, apenas a memória do Congresso da ALAS ocorrido em 1951, b. o objetivo desse raciocínio é entender as mudanças introduzidas por Germani no sentido de fomentar a profissionalização da disciplina e, nesse sentido, tanto Levene quanto Povina, a despeito de suas diferenças teóricas, são alocados pelo próprio Germani enquanto amadores, anátemas de seu projeto; respeitando assim a narrativa de ineditismo axiológico de Germani, essa divisão favorece que sua reivindicação seja tomada como objeto da análise, ao propiciar uma leitura comparativa que opera em termos de ruptura, de negação da *tradicionalidade* que emerge dos textos do passado e c. apesar da continuidade funcional das publicações, a gestão de Germani no periódico está inscrita em um contexto institucional e político distinto, a saber, a "reorganização universitária" levada a cabo a partir de 1955, com a queda do regime peronista.

Uma das características fundamentais do começo da publicação, em 1942, é a intenção de congregar e fomentar uma sociologia latino-americana. Esse intento pode ser observado a partir da disposição dos colaboradores e diretores, cuja composição também é reveladora das ambições continentais do empreendimento, bem como da heterogeneidade da formação dos principais colaboradores: Ricardo Levene (historiador) aparece como diretor enquanto a lista de colaboradores é formada por nomes como Francisco Ayala (sociólogo), da Facultad de Ciencias jurídicas de Santa Fé, Baldrich, filósofo e sociólogo da Facultad de Ciencias Económicas de Rosario, J. Genta, filósofo, do Instituto Profesoral de Paraná, Raul Orgaz, especialista em jurisprudência, oriundo da Facultad de Derecho de Córdoba, Alfredo Povina, historiador da socologia, do Instituto de Humanidades de Córdoba, Ricardo Treves, filósofo e professor de Direito em Tucumán e, finalmente, Gilberto Freyre como correspondente brasileiro.

Se os dois primeiros números, publicados respectivamente em 1942 e 1943 seguem linhas parecidas, pode-se ver, já em 1944, que a interferência do poder público altera a composição da direção e, substancialmente, a discricionariedade da escolha dos temas. Já em

1944, Levene aparece enquanto diretor *Ad Honoren*, e logo abaixo aparece o nome do Interventor Nacional Carlos Waldorp e do interventor delegado José A Oria. No ano de 1946, precisamente o ano da intervenção, o *Boletín* não é publicado. Em 1947, o último número ordinário da gestão de Levene faz referência às atividades do ano anterior, e não detalha, em sessão alguma, as dificuldades institucionais que o Instituto já experimenta com a gestão peronista. O sexto número do *Boletín*, já sob a gestão de Povina, só irá aparecer em 1952, reunindo as comunicações do congresso da ALAS.

A proposta do *Boletín*, desde seu início, era estabelecer conexões com a América Latina, especialmente com o Brasil, como o denota o transito de intelectuais brasileiros, notadamente da Esola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (BOLLO, 1998). Chama a atenção, nesse sentido, o empenho pessoal de Levene, a partir de um diálogo com Roger Bastide, então trabalhando em São Paulo, em criar o *Instituto Internacional de Sociología en América*. Datada de 1945, a correspondência entre ambos –publicada no *Boletin* – é um rico exemplo documental dessas tentativas. Embora a proposta inicial fosse criar um Instituto que envolvesse também a cooperação europeia, a circunstância da Segunda Guerra Mundial fez com que os planos se alterassem, e passassem a se orientar para uma prévia colaboração continental. Nos termos de Levene, a proposta era fomentar um estudo sobre a América "conforme o método da moderna sociografia, que é ao mesmo tempo sistemática e pragmática" (LEVENE, 1945, p. 05)[376].

Desse ponto de vista, já se poderia indicar um dos desacordos fundamentais entre o projeto da gestão Levene/Povina e aquele desenvolvido após 1955. No famoso prólogo que Germani escreveu, para a Editora Paidos, em 1962, à "Imaginação Sociológica", do sociólogo americano Write Mills, é possível encontrar algumas pistas acerca de sua posição quanto ao caráter "regional" ou "continental" que a disciplina deveria assumir. O livro de Mills, é importante lembrar, tece dura críticas ao empirismo exacerbado da sociologia norte-americana e, sendo assim, o recurso crítico que Germani faz à essa obra é significativo em sua exemplaridade. O ponto de partida do argumento de Germani nessa ocasião é que "deve se reconhecer que nas últimas décadas vêm se acentuando um processo de universalização da disciplina" (GERMANI, 2010, p. 386)[377]. Germani diagnsotica a emergência de uma sociologia mundial em oposição às sociologias nacionais que seriam nada mais que "características de uma etapa prévia de desenvolvimento" (idem, p. 387)[378]. O argumento é que a crítica que Mills

[376] "conforme al método de la moderna sociografía, que es a la vez sistemática y pragmática" (LEVENE, 1945, p. 05).
[377] "debe reconocerse que en las ultimas décadas se há ido acentuando un proceso de universalización de esta disciplina" (GERMANI, 2010, p. 386).
[378] "características de una etapa previa de desarrollo" (idem, p. 387).

se direciona ao empirismo extremo da sociologia norteamericana. Desse modo, ainda que coerente com o cenário daquele país, não é válida na América Latina, na medida em que o empirismo e o formalismo da sociologia norte-americana não teriam criado raízes no continente. Assim, Germani delineia seu argumento afirmando que a atualização da sociologia latino-americana precisa estar atrelada ao seu caráter universalista, tendo em vista, "em primeiro lugar, a acentuação do caráter científico da disciplina com a adoção de princípios básico do conhecer científico em geral, ainda que com sua própria especificidade metodológica" (GERMANI, 2010, p. 386)[379]. O fato de que a sociologia é uma ciência positiva, para Germani, não é mais alvo de controvérsia, estando superadas, afinal, as querelas com a filosofia,

> analogamente, é muito difícil, para não dizer impossível, encontrar hoje quem defenda o caráter 'culturalista' ou 'espiritualista' da sociologia tão típicos do pensamento alemão de fins do século passado e começo do atual e que tanta difusão e aceitação encontrou no mundo de fala espanhola" (2010, p. 387)[380].

Outro argumento de Germani em prol da sociologia universal é o de que os procedimentos de verificação de dados se tornaram mais poderosos e refinados, o que viabilizava um grau de consenso metodológico e teórico inédito. Não se tratava mais do contexto de Durkheim ou Simmel, lembra Germani, em que o sociólogo tinha que trabalhar com dados já prontos. Se, nos seus primórdios, "a experimentação *strictu sensu* que sempre pareceu vedada ao sociólogo agora é possível, ao menos em certas esferas" (GERMANI, 2010, p. 388)[381], tal situação já não se sustenta diante da possibilidade de construção universal da disciplina. Para lograr tal feito, a experimentação, continua ele, é fundamental que se incentive estandartização de procedimentos, rotinização de tarefas, trabalho coletivo e inversão de recursos. Além disso, segue Germani não há mais espaço para o investigador solitário na biblioteca, figura típica dos "ensaísmos nacionais", agora é a vez dos departamentos: "pode-se dizer que se passou de uma fase artesanal a uma industrial na investigação, e essa transição esteve genuinamente implicada nas inovações metodológicas e teóricas" (GERMANI, 2010, p. 388)[382]. Isso teria se dado a partir de uma diferenciação interna da disciplina e da formação de um corpo de especialistas (com suas vantagens e ônus) que levou a uma proliferação de escolas

[379] "en primer lugar, la acentuación del carácter científico de la disciplina con la adopción de princípios básicos del conocer científico en general, aunque con su propia especificidad metodológica" (GERMANI, 2010, p. 386).
[380] "analogamente es muy difícil, para no decir imposible, encontrar hoy quien defenda el caráter 'culturalista' o 'espiritualista' de la sociologia en términos tan propios del pensamento alemán de fines del siglo pasado y comienzos del actual y que tanta difusión y aceptación encontro en el mundo de habla hispânica" (2010, p. 387).
[381] "La experimentación strictu sensu que siempre pareció vedada al sociólogo es ahora posible, por lo menos en ciertas esferas" (GERMANI, 2010, p. 388),
[382] "puede decirse que se ha pasado de una fase artesanal a una fase industrial de la investigación, y esta transición há sido genuinamente requerida por las inovaciones metodológicas y técnicas" (GERMANI, 2010, p. 388).

específicas de sociologia e a "uma substituição das antigas cátedras isoladas incluídas no currículo das faculdades de Filosofia, Direito ou outras" (idem, p. 389)[383], o que ajuda no surgimento de meios específicos de controle acadêmico e levou também ao surgimento da categoria ocupacional "sociólogo", distinta do cientista puro e do profissional técnico. Trata-se, sucintamente, da mudança na "personalidade" requerida do sociólogo: não basta mais ser erudito, é preciso que a erudição acompanhe uma nova capacidade de organização (pesquisas modernas, por exemplo, demandam dinheiro em quantia fora do alcance da erudição individual)

Mills, portanto, no argumento de Germani, analisa esses aspectos numa sociedade (EUA) em que o processo está muito adiantado e onde os aportes da sociologia europeia foram digeridos e incorporados pela "vigorosa tradição empírica saxã" (GERMANI, 2010, p. 391)[384]. Mais que apresentar o livro de Mills, Germani defende uma tese no prefácio: as deformações da sociologia nos EUA não podem ser creditadas à disciplina, mas àquela sociedade de forma geral e tinham a ver com "certas tendências obsessivas claramente perceptíveis em muitas outras esferas da vida norte-americana" (idem, p. 393)[385]. Na América Latina o perigo seria oposto ao que Mills diagnostica no caso dos Estados Unidos, já que a persistência, entre nós, da proposta histórica e ontológica da tradição alemã teria fomentado uma cultura de rejeição ao "trabalho minucioso" da empiria. Além disso, sustenta:

> As tendências especulativas e o irracionalismo filosófico que floresceu na estrutura universitária tradicional na Alemanha, sem dúvida, constituíram um dos exemplos mais típicos de deformação ideológica, como ficou evidente quando grande parte da sociologia alemã (precisamente as correntes mais espiritualistas a la Freyer) comprometeu-se sem cerimônia com a ideologia autoritária (GERMANI, 2010, p. 394)[386].

O projeto assumidamente internacionalista que defende Germani é uma das facetas mais conhecidas de sua atuação frente ao Instituto, e se tornará ainda mais robusto com o passar dos anos. Essa intenção pode ser observada, também, pelo amplo volume de literatura internacional sobre metodologia sociológica que aparece nas publicações oficiais quando da gestão de Germani. A permanência do tema da defesa da sociologia como ciência universal foi, ainda, destacada por autores como Bollo (1998) e Pereyra (2005) e, sobretudo, por Ana Germani

---

[383] "un reemplazo de las antíguas cátedras aisladas incluídas en el curriculum de las Facultades de Filosofia, Derecho o otras" (idem, p. 389)

[384] "vigorosa tradición empirista sajona" (Germani, 2010, p. 391).

[385] "ciertas tendências ´obsesivas´claramente perceptibles en muchas otras esferas de la vida norteamericana" (idem, p. 393).

[386] "Las tendências especulativas y el irracionalismo filosófico florescido en la estrutura tradicional de universidad en Alemania constituyó sin dudas uno de los ejemplos más típicos de deformación ideológica, tal como se hizo patente cuando gran parte de la sociologia alemana (precisamente las corrientes más espiritualistas, a la Freyer) se puzo desembozadamente al servicio de la ideologia autoritária" (GERMANI, 2010, p. 394).

(2004) que, a partir de documentos do arquivo pessoal do sociólogo, registram que já na década de 1940, momento em que Germani está afastado da universidade e ministra cursos em instituições privadas, como Colégio Livre de Estudios Superiores, a preocupação com a universalidade é uma constante em seu pensamento. No fragmento documental selecionado pela biógrafa estão esclarecidas não somente as ressalvas quanto à uma sociologia nacional mas, sobretudo, quanto ao apego irracionalista que o nacionalismo, sob qualquer uma de suas formas, engendra:

> À razão: formas de intuição não racional imediata de dominação baseadas nas qualidades mágicas dos líderes; ao indivíduo: afirmação da totalidade, da sua preeminência sobre o indivíduo; à liberdade: a afirmação de uma ordem imposta de fora, o mais implacável controle do indivíduo; para o progresso: formas de relativismo e ceticismo ou a exaltação de períodos que dentro da ideologia liberal poderiam ser considerados superados; à universalidade e à humanidade: a nação como valor supremo e a nação como unidade cultural, não lado a lado com outras culturas, mas como unidade de sangue e solo e fatalmente em situação de superioridade ou inferioridade (GERMANI, A. 2004, p. 112)[387].

Para além dessa desavença fundacional, a saber, a vocação do *Boletín* para a consolidação de uma sociologia preocupada com temas nacionais e a aposta universalista de Germani, proponho que perguntas heterogêneas podem ser feitas à publicação do Instituto de Sociologia, indagações que pretendem transbordar a inferência temática a partir das autorias dos artigos. Questões como a proporção de pesquisas empíricas, de tratados de método e de textos historiográficos nas duas fases do *Boletín*, a variação do número das publicações em inglês (indicativa tanto da circulação das obras quanto da conformação do público leitor) e, mais especificamente, a razão entre a quantidade de textos exegetas da sociologia alemã e aqueles divulgadores de concepções, na época, heterodoxas, mormente vinculados aos funcionalistas norteamericanos. Esses critérios de comparação se fundamentam na proposta de que o esforço de Germani não é apenas biográfico ou teórico, mas que responde a uma reorientação mais ampla que incide sobre a própria concepção do papel do sociólogo na sociedade. Desse modo, as publicações do Instituto podem ser entendidas como um sismógrafo dessa revolução.

---

[387] "A la razón: formas de intuición inmediatas no racionales de dominación fundada en calidades mágicas de los líderes; al indivíduo: afirmación de la totalidad, de su preeminência sobre el individuo; a la libertad: la afirmación de un orden impuesto desde afuera, el control más despiado del individuo; al progresso: formas de relativismo y escepticismo o bien la exaltación desonerada de períodos que dentro de la ideologia liberal podían considerarse superados; a la universalidad y la humanidade: la nación como valor supremo y la nación como unidad de cultural no al lado de otras culturas sino como unidad de sangre y suelo y fatalmente en situación de superioridad o inferioridad" (A. GERMANI, 2004, p. 112)

Ao questionar a porcentagem de autores que se declaram sociólogos de ofício, pretendo capturar de que modo o critério de profissionalização é um determinante nas escolhas editoriais. Ainda que o critério auto-declaratório seja dificilmente contestável na análise das narrativas do periódico, é importante, no caso deste recorte, separá-lo dos critérios especificamente temáticos que se quer observar. Considero, para os fins desta análise, sociólogos de ofício aqueles que possuem grau universitário em sociologia (o que é raro pois trata-se de um contexto em que a disciplina estava em vias de institucionalização não só na Argentina mas no mundo todo) ou aqueles que lecionam sociologia. Uma outra abordagem possível seria considerar sociólogos de ofício aqueles que, posteriormente, foram considerados pelo senso comum tais, mas considero que seria menos exato na medida em que muitos deles não tiveram trajetórias relevantes e não poderiam ser facilmente enquadrados nos cânones da sociologia nem de nenhuma outra disciplina.

Outra possibilidade de análise é pensar o número de traduções (SAPIRO e HEILBRON, 2002; MILO, 1984), que poderia indicar o grau de internacionalização das duas etapas da publicação. Conforme Sapiro e Heilbron (2002), analisar os processos de tradução é encarar, também, as fissuras no processo de consolidação de um chamado "mercado internacional dos bens simbólicos", nesse sentido, "tomar por objeto as práticas de tradução literária exige uma ruptura dupla: com a abordagem hermenêutica do texto e suas transmutações e com a análise puramente econômica das trocas transancionais e das transferências culturais" (SAPIRO e HEILBRON, 2002, p. 4)[388]. Atento-me, sobretudo, para o fato de que a existência de traduções está diretamente relacionada com a inserção da sociologia argentina num panorama internacional, na medida em que é através delas que se operam, conforme Boltanski, a maior parte dos comércios de prestígio. Em síntese "para compreender o ato de traduzir é preciso analisa-lo implicado nos jogos de forças entre os países e seus idiomas e, em consequência, situá-los na hierarquia internacional" (idem, p. 5)[389].

No mesmo sentido, para Larraz, a operação tradução/edição pode ser lida como uma intervenção que se dá entre a escrita e a leitura, fazendo com que seus promotores se enquadrem como "árbitros do campo literários, mas árbitros *sui generis* porque também participam – e de maneira ativa – da fixação das normas" (LARRAZ, 2014, p. 3)[390]. O editor dá ao texto, assim,

[388] "prendre pour objet les pratiques de la tradution littéraire exige une double rupture, avec l´approche herméneutique du texte et de sés transmutations, et avec l´analyse puremente économique des échanges transnationaux et des transferts culturels" (SAPIRO e HEILBRON, 2002, p. 4).
[389] "pour comprendre l´acte de traduire, Il faudrait donc l´analyser comme imbrique dans des rapports de force entre des pays et leurs langues, et, par conséquent, le situer dans la hiérarchie internationale" (idem, p. 5).
[390] "árbitros del campo literário, pero unos árbitros sui generis porque también participan – y de manera activa – em la fijación de las normas" (2014, p. 3).

uma "existência contextualizada", viabilizando uma interpretação aprioristica do conteúdo do texto. Patrícia Wilson (2013), por fim, nos lembra que a tradução é reveladora de uma falta, "é precisamente a transição entre um antes desconhecido e um agora conhecido" (WILSON, 2013, p. 91)[391]. Ferramenta de consagração, portanto, a incidência de traduções nos *Boletíns* ajuda a compor um índice de internacionalização da empreitada. Nos termos de Casanova, a tradução é "instrumento de geometria variável cujo uso difere de acordo com a posição do tradutor e do texto traduzido" (2002, p. 169),

> Nesse sentido, a tradução também é uma operação ambígua, meio de acesso à Republica das Letras oferecido pelas instâncias específicas e sua abertura constitutiva para a internacional literária, é igualmente, um mecanismo de anexação sistemática às categorias estéticas centrais, fontes de desvios, de mal entendidos, de contra-sensos ou até de consagrações autoritárias de sentido (CASANOVA, 2002, p. 194).

Considerando uma abordagem para além do intertextual (SAPIRO, 2013; 2015), a proposta é pensar a tradução como uma consagração que modifica a posição do autor mesmo no campo de origem. Nesse sentido, ela pode operar, em termos analíticos, de modo mais eficiente que a análise isolada da circulação, na medida em que funciona, nos termos de Daniel Milo (1984), como um "barômetro cultural". Nos termos de Sapiro, "as obras traduzidas podem ser instrumentalizadas nas lutas internas de campos específicos, como o campo literário ou o das disciplinas científicas, a fim de renovar seu espaço de possibilidades" (SAPIRO, 2008, p. 105)[392]. Essa renovação do espaço dos possíveis a que se refere Sapiro, opera, neste trabalho, como um indicativo das alterações de posição no universo da sociologia argentina. Nesse sentido, as operações de tradução não dizem respeito apenas à uma alteração de preferências teóricas, mas também, alcançam a problemática que se torna central no projeto de Germani, a saber, a tensão fundacional descrita por Heilbron e Guilhot (2009) e que refere-se ao caráter concomitantemente universal e local das ciências sociais uma vez que, ainda que elegendo objetos extra-nacionais, encontram-se institucionalmente, com muita frequência, dependentes das politicas educacionais dos estados.

Finalmente, é possível observar a incidência de autores alemães e americanos, na medida em que isso permite a observação da transformação de um paradigma mais amplo acerca das mudanças de hegemonia no cenário internacional, que se referem sobretudo ao declínio da universidade alemã no pós-Guerra e à ascensão do modelo departamental americano, juntamente com a generalização dos padrões de pesquisa americanos e, com eles,

---

391 "es precisamente la transición entre um antes desconocido y um ahora conocido" (2013, p. 91).

392 "translated words can be instrumentalizated in the internal struggles of specific fields, such as the literary fiel dor scientific disciplines, in order to renew the space of possibilites" (SAPIRO, 2008, p. 105).

das perspectivas teóricas então em alta naquele contexto. Por fim, a predominância de pesquisas empíricas, dos tratados de método e da história das ideias pode ajudar a compor uma lente mais acurada no que diz respeito à dimensão extra-teórica dos projetos.

No primeiro Boletín, em 1942, publicam Emilio Raviganani, *El Instituto de Sociologia de la Facultad de Filosofia y Letras*, Ricardo Levene, *El Instituto de Sociologia de la Facultad de Filosofia y Letras,* Gilberto Freyre, *Factores sociales en la formación de la sociologia brasileña,* Renato Treves, *El problemas de la sociedad en el pensamento italiano contemporâneo*, Alfredo Povina, *La Sociologia en las universidades latino-americanas*, William Rex-Crowford, *Las escuelas de Sociologia en norteamerica*, Rodolfo Mandolfo, *Espíritu Revolucionário y Consciencia Histórica*, Alberto Baldrich, *Libertad y Determinismo en la sociologia de Max Scheler*, Francisco Ayala, *Sociologia Teoria y Tecnica*, Gino Germani, *La clase media en la ciudad de Buenos Aires*. Antonio Podestá *Acerca del estatuto de la opinión publica* e Juan Molinari, *La actualidad del problema sociológico y la idea de progreso social.*

Primeiramente, pode-se observar a composição heterogênea do número. Dos 11 artigos, apenas 6 são escritos por sociólogos (Rex-Crowford, Freyre, Ayala, Levene, Povina e o próprio Germani), 3 são assinados por juristas de formação (Treves, Molinari e Podestá), 2 são filósofos (Rodolfo Mandolfo e Baldrich) e um deles historiador de formação (Ravignani). Além disso, é interessante notar que, já no editorial, Levene sugere que depois de superada a "crise filosófica" da disciplina, a sociologia já aparece consagrada como um "estudo sintético e comparativo do coletivo que se estrutura nas instituições humanas e no fator vertebral da interdependência social" (1942, p. 3)[393]. Aspira-se, diz, a vinculação com centros internacionais. Diferentemente de Quesada, Levene inclui na genealogia dos fundadores os membros da sociologia que trabalharam na faculdade de Direito, como Dellepiane, Carlos O. Bunge e Carlos Saavedra Lamas, ainda que confira papel de destaque a Quesada que, em 1904, assume a cátedra de sociologia em meio a uma polêmica com o então decano Miguel Cané. Conectando-se, assim, aos aportes dos fundadores, Levene qualifica o *Boletín* como uma ferramenta de atualização e modernização, dedicada sobretudo às ideias sociais argentinas e as figuras representativas da "tradição de Mayo".

O texto de Povina é um compêndio histórico e, assim como o de Levene, procura destacar a continuidade entre o projeto do Instituto e a geração anterior. Atualizando a genealogia da sociologia que organizava seus cursos, Povina contribui, nesse primeiro número, com um elogio dos primeiros sociólogos argentinos que foram, em seus termos, homens de

[393] "estúdio sintético y comparativo de lo colectivo que se estrutura en las instituciones humanas y el hecho vertebral de la interdependência social" (3).

ação, os forjadores da nação. Sobre a situação da sociologia em 1940, pondera Povina, "moderam-se os entusiasmos positivistas e se dá o passo a novas correntes europeias e norte-americanas" (1942, p. 27)[394]. Germani, que também participa do número inaugural, representa a tendencia norte-americana de pesquisa quantitativa. Trata-se do único artigo de sociologia aplicada do numero. Além dessa contribuição, na seção *Dados* há algumas informações sobre investigações que estão se realizando no Instituto, dirigidas por Germani e Eduardo Prieto. Tratam-se de dados sobre alunos matriculados na universidade, preferências de carreira no ciclo básico e produção bibliográfica. Além dos artigos, todos os professores compartilham seu plano de curso.

No segundo número, de 1943, constam: Raul Orgaz, *Los problemas de la dinâmica social*, Prieto, *Los problemas generales de la sociologia*, Alfredo Povina, *La educación desde el punto de vista sociológico*, Renato Treves, *El sainsimonismo y los desterrados italianos en la primera mitad del siglo XIX,* Carl Taylor, *La sociologia rural y la investigación sociológico-rural en los EUA*. Mac León e Estenós, *Significado sociológico de la educación en el império de los incas,* C. Trujullo, *Antroposociologia,* Humberto Palza, *La sociologia en la universidad boliviana*, Gino Germani, *Los censos y la investigación social. Algunas reflexiones acerca del proyectado censo general* e Bella Rabinovich, *La moral y la religión en Martin Fierro*.

No caso desse compêndio, a proporção de sociólogos é idêntica à de outras áreas do saber. São, ao todo, 5 sociólogos (mais uma vez Germani, além de Taylor Mac León, Povina e Estenós e Trujillo), 2 juristas (Orgaz e Treves), um jornalista (Prieto), um historiador (Rabinovich) e um dramaturgo (Palza). Em outra perspectiva, do primeiro para o segundo número, persiste um intento de elaborar e aprimorar as genealogias da disciplina na Argentina. O texto de Prieto, por exemplo, faz um rastreamento extensivo que remonta a Platão, Hobbes e Michelet, conduzindo à ideia de que não se trata de inserir a sociologia no cânone da ciência mas, ao contrário, no desenvolvimento da filosofia. O texto de Baldrich, conhecido por seu apego à sociologia hegeliana e ao elogio da tradição alemã, corrobora os termos de Prieto, afirmando que

> A sociologia dos modernos está sujeita à luz do devir; a Sociologia antiga à luz do ser. Isso porque os modernos estabelecem o absolutismo dos fatos e o relativismo dos princípios. Em contraste, os antigos estabeleceram o absolutismo dos princípios e a contingência dos fatos, o que está de acordo com a razão e a liberdade (BALDRICH, Boletín, 1943, p.45)[395].

---

[394] "se moderan los entusiasmos positivistas y se dan cabida a las nuevas corrientes europeas y norte-americanas" (1941, p. 27).

[395] "la sociologia de los modernos está sujeta a la luz del devenir; la sociologia antigua a la luz del ser. Porque los modernos establecen el absolutismo de los hechos y el relativismo de princípios. Em cambio, los antigos, el

Em contraste, a contribuição de Germani ao número é uma exposição da metodologia quantitativa praticada nos Estados Unidos. Já nessa ocasião Germani defende que o sociólogo tem um papel extra-acadêmico a cumprir, a saber, contribuir para a melhoria dos serviços públicos governamentais a partir do incremento da racionalização dos dados. Tal proposta ecoaria, tempos depois, em seu esforço como professor do departamento de Sociologia da UBA. Na ocasião do *Boletín*, todavia, Germani já aponta, na qualidade de assistente do censo nacional que então se realizava no país, para a confluência entre a sociologia e a administração pública. Nesse número, também, passam a constar as atas das reuniões do Instituto.

No terceiro Boletín, de 1944, aparecem, por sua vez, textos de Francisco Romero, *A propósito de Vico*, Villaverde, *Comunidad y Sociedad en Vico*. Alfredo Povina, *Breve história de la sociologia argentina.* Sociólogo, PRIETO, J. El positivismo y la Sociologia en los siglos XVIII y XIX. Francisco Ayala, *Planteamiento del problema de la generación como concepto sociológico*. Silva Zamudio, *Historia Social y Historia de las Ideas en el Rio de la Plata*, Gino Germani, *Métodos cuantitativos en la investigación de la opinión pública y de las actitudes sociales*, R. P. Susana, L*as ideas sociales de José Manuel Estrada*, Placido Horas, *Las Ideas sociales de José Ingenieros*, Angel Castellán, *Las ideas sociales de Juan A. Garcia*, Efrain Calmens, *Las ideas sociales de Juan B. Terán*, Anibal Villaverde, *Las ideas sociales de J. M. Mejía*, Teresa Cappa, *La realidad social argentina en Carlos O. Bunge* e Rabinovich, *Moral y Religión en Martin Fierro.*

Aqui aparecem, conforme a tendência dos anteriores, 4 textos de filósofos (Romero, Zamudio, Placido e Castelán), 4 autores sociólogos (Povina, Villaverde, Ayala e Germani), 3 historiadores (Susana, Calmares e Rabinovich), um jornalista (Prieto) e uma pedagoga (Cappa). A despeito dessa regularidade, nesse número há uma mudança na composição da direção. Conforme detalho no próximo capítulo, o movimento que começa em 1943 e redunda na ascensão do peronismo em 1945 não deixará incólume o sistema universitário. Já nessa edição, contudo, é possível perceber uma alteração importante que depois se acentuará: embora o diretor continue sendo Levene, não constam mais colaboradores latino-americanos. Destaco, ainda, a presença de um outro balanço historiográfico de Povina e um novo texto conceitual de Germani, versando sobre o conceito de "atitudes", a partir do qual reivindica a tradição da psicologia social americana. Germani, muito ativo, compõe também a sessão de investigações

absolutismo de los princípios y la contingencia de los hechos lo que es conforme la razón y la libertad" (BOLETÍN, 1943, p. 45).

do Instituto, no qual detalha ainda mais o processo de elaboração das estatísticas relativas aos alunos da Faculdade de Filosofia.

Ademais, nesse numero há uma discussão que merece atenção: o debate registrado sobre a intenção de fundação do *Instituto Internacional de Sociologia en America* e o *Primer Congreso Americano de Sociologia.* Em carta de Levene a Bastide, datada de 20 de agosto de 1944, há mensões no sentido de retomar o diálogo sobre o Instituto Internacional. Escreve Levene:

> Portanto estou de acordo com o senhor, e sugiro o estabelecimento do Instituto Internacional de Sociologia em America, com a finalidade de impulsionar o estudo dos problemas de uma sociologia como ciência pura e suas aplicações na América, ou seja, o estudo do meio próprio do continente" (LEVENE, Boletín, 1944, p. 248)[396].

Em 22 de agosto de 1944 Levene redige informe dos planos do Instituto a Raul Orgaz, anexando a carta a Bastide. A resposta de Orgaz vem em 28/08/44, aceitando a colaboração e sugerindo temas como: morfologia social da América Latina, o social como expressão cultural, classes sociais e critérios de classificação e condições do trabalho científico na América Latina. Bastide responde em 17 de setembro de 1944 agradecendo pelo Boletin e também enviando algumas publicações da USP e da ELSP. Contudo, sugere esperar o fim da Guerra para a efetivação do Instituto, para poder contar com a colaboração dos colegas europeus. Essa tentativa de estabelecimento de redes internacionais é um dado importante do esforço do *Boletín*. Até a década de 1940, conforme salienta Pereyra (2005), a única associação que se aproximava da perspectiva do pensamento social era a *National Academy of History*, a qual se ligava o próprio Levene. O historiador, protagonista desse esforço de internacionalização, já havia esboçado em 1936, em parceria com Orgaz, a tentativa de uma organização supra-nacional. Além disso, em 1910 Quesada tenta arrecadar fundos para uma publicação internacional. Assim, segue Pereyra, pode-se afirmar que o Boletín foi o primeiro jornal especialmente sociológico, de modo que as correspondências acima descritas podem ser lidas como a maturação de um projeto antigo.

No Boletín publicado em 1945 constam Ricardo Levene, *El Instituto Internacional de Sociologia en America*, Roger Bastide e F. Azevedo, *La enseñanza de la sociologia en San Pablo*, Josermo M. Vacareza, *Instituto Indigenista Boliviano,* Gino Germani, *Anomía y*

---

396 "por lo tanto, estoy muy de acuerdo con usted, y le sugiero el estabelecimento del Instituto Internacional de Sociologia en America, con el fin de impulsar el estúdio de los problemas de una sociologia como ciência pura, y sus aplicaciones en America, es decir, el estúdio del médio próprio del continente" (LEVENE, Boletín, 1944, p. 248).

Desintegración Social, Piccirilli, Sociólogo, *Inferencias sobre las ideas sociales de Rivadavia*, Castellán, *Las ideas sociales y políticas de Monteagudo*, e Rodolfo Trostiné, *Las ideas sociales de Hipólito Vieytes.*

Também em consonância com os números anteriores, é possível observar a heterogeneidade dos autores: 2 historiadores (Piccirilli e Castelán), 4 sociólogos (Levene, Bastide e Azevedo e Germani) e um jurista de formação (Vacareza). Chama a atenção o longo artigo assinado por Bastide e Azevedo sobre a sociologia na USP e na ELSP. Segundo eles a USP, informada pela sociologia de Durkheim fazia coro à missão francesa que havia se instalado na universidade recém fundada enquanto na ELSP predominava a tradição norteamericana. Nesse numero também há um artigo teórico de Germani, analisando Durkheim, notadamente o conceito de anomia, texto que depois daria origem a uma de suas obras seminais, *Anomia y Desintegración Social*. Além dos artigos teóricos, o Boletín segue dando espaço à comunicação epistolar de Levene sobre o *Instituto Internacional de Sociologia*. Trata-se de sua correspondência com Leo Rowie, representante do conselho diretivo da ONU que responde em 15 de outubro de 1945 que "o instituto deve ter um caráter puramente científico, afastado de toda influência governamental" (ROWIE, Boletín, 1945, p. 139)[397], destaca também que a ideia de Levene de uma sede que mudasse de lugar de 3 em 3 anos parece pouco operativa e, por fim, recomenda que se explicite, no projeto, a sustentação financeira do empreendimento. A resposta de Levene está datada de 5 de novembro e manifesta concordância com o teor essencialmente científico do projeto, bem como destaca que o financiamento estava sendo pensado a partir da *Comisión Nacional de Coperación Intelectual* (6000 pesos para a primeira edição). Há, ainda nessa comunicação, uma carta de L.L. Bernard, professor norteamericano, na qual ele diz que enquanto a europa ainda está presa a métodos especulativos e semi-escolásticos, na América "a própria ciência é reconhecida e bem recebida como suporte para os programas públicos e privados para o bem estar social" (idem, p. 145)[398] e pela união das "classes cultas da América".

Em 1946 não há Boletín, é o ano da intervenção peronista na universidade de Buenos Aires. Em 1947 ele reaparece com a seguinte composição: *Delegado Interventor: Enrique François, Secretário: Manuel Somoza, Diretor Ad Honorem: Ricardo Levene e Secretário: Roberto Fraborchi.* Constam, nesse número, as seguintes publicações: L. Bernard, *La enseñanza de la sociología en los Estados Unidos durante los últimos 50 años*. Lucio Mandietta

[397] "el instituto debe tener un caracter puramente científico, alijado de toda influencia gubernamental" (Boletín, 1945, p. 139).
[398] "la ciência misma es reconocida y bien recibida como ayuda em los programas públicos y privados para el bien estar social" (idem, p. 145).

y Nunes, *La enseñanza de la sociología em Mexico*, Luis Bossano, *La enseñanza de la sociología en el Ecuador*, L. Frescura e Jorge Zanudio da Silva, *La enseñanza de la sociología en la Universidad de Asunción del Paraguay*, Roberto Alvorado, *La enseñanza de la sociología en la Universidad Mayor de San Marcos, Lima*, Alfred Mc Lung Lee*, La sociologia y la antropologia en la Universidad de Wayne*. Ricardo Levene, *La Cátedra y el Instituto de Sociologia de la Facultad de Filosofia y Letras* e Rex Hooper, *La Sociologia en America Latina.*

Nesse número, publicado após um intervalo de 5 anos, nota-se que, pela primeira vez, o número de sociólogos de ofício supera as demais vinculações ocupacionais. São 5 artigos escritos por sociólogos (Levene, Mandieta y Nunes, Bossano, Mc Lung Lee e Rex Rooper), um de filósofos (Frescura e Silva) e dois historiadores (Bernard e Alvorado). Além dessa mudança, há um prólogo de Povina bastante otimista com a modernização e crescimento das cátedras, no qual ele agradece as autoridades que "refundaram" o Instituto em 1950 e ao decano que "permitiu" a continuidade do *Boletin*.

Povina assume a cátedra de Levene em 1948 e, nesse numero e no próximo, são publicadas as atas do *Primer Congreso Latinoamericano de Sociologia* (1951) com o tema: *"Los problemas fundamentales de la sociologia latino-americana".* O congresso ocorreu na Faculdade de Direito e Ciencias Sociais, onde funcionava uma cátedra de sociologia, e não na FFyL, à qual estava vinculado o Boletín. Além da presença de ministros do governo, aparecem também Perón e Eva Duarte como componentes da sessão de abertura do evento. As resoluções tomadas no âmbito no congresso permitem antever, como corroborarão a publicação dos textos das cominicações, uma orientação nacional e regional das pesquisas. São elas: a. Instauração de cátedras de Sociologia Latinoamericana, b. Aumentar os estudos sobre imigração, c. Estudo das populações e sindicatos, d. Relação entre meio e arte nacional, e. Catedras de antropologia social, f. Melhorar a bibliografia e a sociologia aplicada, g. Uma comissão que estude a unificação dos termos usados em sociologia na América Latina e na Espanha e h. Indicação do próximo Congresso no Brasil. Conforme já indicado, os *Boletíns* da gestão de Povina consistem na recompilação das contribuições ao evento. [399]

[399] Tomo I: POVINA, A. ALAS y el primer congreso Latinoamericano de sociologia, SAIGNES, Miguel Acosta. El problema de la nomenclatura en ciências sociales, ANDREWS, Oscar Alvarez. Bases para un estúdio de una sociologia latino-americana, ARZE, José Antonio. Proyecto de Estatuto para un posble Instituto Sociográfico de America Latina, EGUREN DE CATELLA. El Conflicto de Alberdi, PINTO FERREIRA. A sociologia brasileira, GERMANI, G. Sobre algunas consecuencias prácticas de ciertas posiciones metodológicas en sociologia, con especial referencia a la orientación de los estúdios sociológicos en la America Latina, GERMANI, G. Una década de discusiones metodológicas en la Sociologia Latinoamericana, LEVENE, R. contribuición a La historia de las ideas sociales em Argentina, MARIO LINS. A sociologia na América Latina, DJACIR MENEZES. A lei sociológica e as sociologias nacionais, PESSOA DE MORAIS. Silvio Romero e a Sociologia Brasileira, POVINA,

Após o intervalo que corresponde à década peronista, que abrigou sucessivas ingerências na universidade e a saída – voluntária ou forçada - de cerca de um terço dos professores da UBA, as atividades do *Instituto de Sociologia* serão retomadas, em 1955, no momento da queda do regime. Esse é o momento em que desponta Gino Germani, juntamente com José Luis Romero, enquanto proponentes de uma reformulação da universidade. O processo de retomada será detalhado no capítulo seguinte, no entanto vale salientar que o empenho em criar um curso de sociologia na Faculdade de Filosofia, esforço seminal de Germani, acompanhará a reformulação da publicação oficial do Instituto. Os *Boletíns* se transformam, na gestão de Germani, em *Cuadernos de Sociología*. Apesar da descontinuidade nominal, as duas publicações podem ser consideradas institucionalmente contíguas. Essa perenidade se evidencia, por exemplo, na publicação de Gino Germani com Ruth Sautu (1965), na qual lê-se, na descrição, que os *Cuadernos* se pretendem a "publicação que continua o *Boletín del Instituto de Sociologia* e inclui preferencialmente trabalhos teóricos de autor argentino ou estrangeiro. Se publicaram 24 cadernos que constituem os tomos X, XI, XII e XIII"[400].

Pela clareza do argumento, detalho abaixo as publicações da gestão de Germani, acompanhadas de um indicativo da filiação institucional dos autores: W. J. Sprott (psicólogo britânico, alocado em Cambridge, transita entre filosofia e sociologia) e T. Parsons (Harvard), *La teoria de la acción social*, numa tradução original de 1954; G. Germani. *Sociologia del consumo*; García Bouza (que depois seria parceiro de Verón, ligado a UBA), *Observaciones sobre contratación colectiva*; C. A. Erro (titular da UBA com Germani), *La sociedad campesina*; R. Lippit (psicologia comportamental em Michigan) e R. K. White (dedicado aos *patterns-behavior* e antigo colaborador de Lippit) *Le liderazgo y la vida de grupo,* uma tradução do original de 1939; L Coch (publica com French o mesmo artigo na Rev. Human Relation) e

A. La Sociologia Nacional y sus antecedentes americanos, POVINA, A. Hay sociologia en America y hay sociologia de America, QUELI, Hipólito Sanchez. Datos para un esbozo de sociologia paraguaya, MIRALLES, Julio Soler. Los conceptos estructurales em la sociologia como ciência de la realidad, VEGA, JULIO. Lo que debe ser la sociologia en Iberoamerica, VILLELDE, J. ANTONIO. Existencia de una sociologia latino-americana, TIGERINE, JULIO. Hacia una sociologia hispano-americana. Tomo 2: ALMUNI, CARLOS ALBERTO. La desagrariación como fenómeno social, DALMA, JUAN. La neurotización de la humanidad como consecuencia de su transformación biossocial. Su reflejo en America Latina, DIEGUES JR, MANUEL. Importancia da sociologia regional para a compreensão dos problemas latino-americanos, GINI, Cerrado. Il problema dell´assimilazione degli immigrati, GRAÇA, ARNOBLE. Sociologia do nordeste brasileiro, HORAS, PLACIDO ALBERTO. La estrutura demográfica argentina, PRIETO, JUSTO. Indices y resultantes sociológicos derivados de los factores telúricos, históricos y demográficos del Paraguay, DE MEDEIROS, L TEIXEIRA. Sociologia Rural Latinoamericana: sua possibilidade, sua necessidade, sua oportunidade e VILA, MARCO AURELIO. La población de la Guayana Venezoelana.

[400] "publicación que continua el Boletín del Instituto de Sociologia e incluye preferencialmente trabajos teóricos de autor argentino o estranjero. Se han publicado 24 cuadernos que constituyen los tomos X, XI, XII e XIII".

R. P. French (dedicado à psicologia na Universidade de Michigan). *Superando la resistência al cambio*, tradução do original de 1948; A. M R. Babini (professor de sociologia da UBA) *Encuestas universitárias;* I. L. Horowitz (que trabalhava em Columbia e Stanford, tendo ministrado aulas na UBA na década de 1950), *Fundamentos empíricos de la sociologia del conocimiento*; F. Merci (psicólogo e educador húngaro, membro da Hungary academy of Science), *Liderazgo de grupo e institucionalización*; K. Lewin (psicólogo alemão, refugiado em Stanford e Iowa), *Teoria del campo y experimentación en la psicologia social*, traduzido do original de 1951, E. Zilsel. (Austro-americano, filósofo da ciência ligado ao circulo de Viena, posteriormente exilado no Mills College, na California). *Raíces sociológicas de la ciência*; Horowitz e C. B. Joynt (esse último da Universidade Lehugh, Canadá), *Tonybee, sociedad y conocimiento*; R. K. Merton (sociólogo da ciência, radicado na Universidade de Columbia), *Teoría sociológica e investigación empírica*; R. Bales (dedicado à psicologia social em Harvard), M. Zelditch (Stanford), P. Slater *Diferenciación de roles en pequenos grupos*; Parsons, R. Kornhauser (Chicago), S. M Lipset (Columbia, Harvard, Toronto) e R. Bendix (Sociologia Comparada). *Estratificación social*; Horowitz, Merton e E. Nagel (filósofo da ciência, radicado em Columbia), *Problemas metodológicos del funcionalismo en las ciencias sociales*; Gino Germani, *Desarrollo y estado actual de la sociologia latino-americana*; Verón (professor de semiologia e sociologia da UBA) *Teoría de la percepción e integración teórica en la psicologia social*; A. Radcliff Brown (antropólogo ligado aos departamentos de sociologia de Chicago e Oxford) e Levi Strauss (antropólogo College de France, *El concepto de estrutura social*; A. H. Barton (Un. Carolina do Norte) et al. *Metodología de la investigación social;* J. Dollard. (psicologia social, Wisconsin), *Metodología de la investigación social 2*; I. Horowtiz, *Prehistoria de la sociologia del conocimiento: Bacon X Dilthey*, F. H. Allport et al (psicólogo, vinculado à Universidade De Siracusa e Berkeley) e, finalmente, Germani e Lipset (Columbia), *Ideologias autoritárias y estratificación social.*

A maioria dos textos dos não-argentinos (há apenas quatro argentinos, Bouza, Verón, Germani e Erro) possui duas características principais: com a exceção do canadense C. B. Joynt, todos os autores passaram, em algum momento, por universidades americanas (o próprio Strauss aparece em coautoria com Radcliff Brown, da univerisade de Chicago e de Oxford), sendo que grande parte daqueles que não são americanos de origem, como Zilsel, exilaram-se nos EUA e inseriram-se nas universidades americanas durante a Segunda Guerra e a perseguição nazista. Outra característica é que, no que se refere aos artigos dos autores estrangeiros, predominam as traduções, e não as contribuições inéditas, como é o caso dos

poucos argentinos que participam dos *Cuadernos*. Há textos clássicos nessa tendência, como o de Parsons, sobre a teoria da ação social.[401]

Comparativamente, em termos de enfoque temático, na gestão de Levene/Povina, das 79 publicações, 19 se referem à sociologia argentina e temas argentinos, como revisões historiográficas ou análises urbanas da capital, 34 referem-se a sociologia latino-americana, notadamente a problemas metodológicos e de institucionalização continental, 6 fazem referência ao pensamento europeu (França, Alemanha e Italia) e apenas 3 delas fazem menção à sociologia norteamericana. 17 artigos, ademais, são agrupados como "sociologia formal". Na gestão de Germani, de 24 artigos, temos 21 dedicados à sociologia teórica, 1 sobre a sociologia argentina, 1 sobre a sociologia nortemericana e uma referência à sociologia europeia, intitulada *Prehistoria de la sociologia del conocimiento: Bacon X Dilthey* (escrito por I. Horowitz). Uma das prioridades de Germani, ainda na gestão de Levene, a constância de trabalhos de orientação empírica, ganha destaque também em sua escolha editorial: antes de Germani, de 79 estudos, 5 eram deliberadamente empíricos (6,32%) sendo que, desses 5, 2 eram de autoria do próprio Gino Germani. Na gestão de Germani, os declaradamente empíricos são 6 de um total de 24.

Nesse ponto do argumento, vale a pena o questionamento acerca da possibilidade de que esses dados ajudem a matizar a aposta de ineditismo axiológico de Germani e, sobretudo, se torna possível sustentar a hipótese que eles indicam qualquer intenção para além de um realinhamento teórico contingente, afinal, as mudanças alinham-se a uma reorientação geral da sociologia em termos mundiais. Após a Segunda Guerra Mundial, registra-se, nos termos de Giddens (1999), a "marcha triunfal da sociologia americana" pelo mundo. Não apenas um modo de fazer sociologia ou um conjunto de pressupostos teóricos, torna-se hegemônico também o tipo de organização universitária americana, bem como uma concepção técnica de acadêmico, o *expert* (NEIBURG e PLOTKIN, 2004). Desse modo, a aproximação de Germani a essa bibliografia não indica necessariamente um passo singular ou heterodoxo mas, sim, um alinhamento com os temas que então circulavam nos modernos círculos sociológicos. Exemplo desse trânsito poderia o caso do Brasil onde, em atividade em muitos pontos análoga à de Germani, Florestan Fernandes (1978, 1979) também buscava alcançar um "novo nível de competência".

Em análise comparativa entre os dois países, Blanco e Jackson (2014) apontam que no contexto do pós guerra, vigora a convicção de que as ciências sociais diferem em grau, não em

[401] O parágrafo em questão faz parte de uma análise que foi publicada na Revista Prismas, com o nome *La edición como sismógrafo. Los Cuadernos del Instituto de Sociología y la circulación de los referentes teóricos de la sociología argentina (1940-1965).* Prismas. Bernal, 2018, v 22.

natureza, das ciências naturais. O financiamento de Ford, Rockfeller, Unesco, corroborando com essa orientação, não se dirigia a qualquer tipo de pesquisa sociológica mas, somente àquelas vinculadas a esse pressuposto. Os autores destacam, ainda, que a década de 1950 foi pródiga na criação de instituições e órgãos de controle coletivo dos padrões da disciplina, o que "propiciou uma unificação de temas e programas na sociologia que veio a conectar-se com uma expectativa ao mesmo tempo política e intelectual: o projeto de modernização da sociedade e de edificação de uma ciência do desenvolvimento e da mudança planificada" (BLANCO e JACKSON, 2014, p. 25). [402]

Assim, se assumimos que a reorientação em direção às pesquisas empíricas não é exclusiva de Germani, mas faz parte de uma tendencia mundial, torna-se ainda mais patente que as escolhas de publicação do *Boletín* e especialmente dos *Cuadernos* transcendem a mera adesão às teorias norte-americanas mas incidem, sobretudo, no âmbito de uma mudança de "atitude", do papel do sociólogo que então se gestava a partir de seu esforço no Instituto de Sociologia. O recorte de enquadramento escolhido, nesse caso, permite visualizar que a maior renovação se dá no plano da atualização institucional: maior numero de sociólogos de ofício, maior número de traduções do inglês e maior fluxo dos nomes dominantes no circuito internacional da disciplina. Essa leitura permite que o projeto levado a cabo por Germani não precise ser visto como uma transposição das referências americanas para a Argentina (como eventualmente alegaram seus críticos) nem, tampouco, como uma iniciativa unicamente modernizadora no sentido institucional da empreitada (visão que não se sustentaria diante da heterogeneidade da atividade de Germani como um todo, não apenas nos *Cuadernos*).

Essa nova figura intelectual que é forjada a partir do esforço de Germani nos *Cuadernos* tem, ao menos, três implicações: a. parte do consenso metodológico universal e, portanto, da necessidade de treinamento técnico e uniformizado, b. supõe uma mudança no tipo de leitura que até então predominava: o papel dos periódicos suplanta o dos livros clássicos, cuja circulação é mais lenta e c. incentiva um tipo de prática sociológica cujo requisito organizacional é o trabalho em equipe, e não a atividade isolada do erudito. De certo modo,

[402] Em "A Condição do Sociólogo", Florestan Fernandes critica a concepção de "teoria" que então vigorava na USP, para ele uma visão abstrata que não se relacionava com a atividade de pesquisa. Salienta, também, a necessidade de diferenciar papéis intelectuais, tarefa a que se colocou pessoalmente, "em vez de estar preocupado com o que me cabia fazer como sociólogo, me preocupava com o que eu deveria fazer, a partir e através da universidade, para formar um grupo de sociólogos" (1978, p. 23). Embora se dedique mormente a temas brasileiros, ressalta Miceli, Florestan assume o ethos do cientista, muito similar àquela que a historiografia identifica na intenção modernizadora de Gino Germani.

trata-se uma figura mais restrita de acadêmico, menos pretensiosa em termos de explicação do mundo e mais dedicada ao ajuste dos meios em relação aos fins.

Em todo caso, ao abrir mão de filiar-se na vasta tradição de interpretes da realidade nacional em nome da universalização formal da sociologia, essa nova categoria de mediador cultural que está em germen abre-se para o moderno a partir de um ponto de vista que transcende as disputas anteriores na medida em que inverte seus termos fundamentais: se antes, de Ingenieros a Cané, tratava-se de compreender a estrutura da crise, agora trata-se, sobretudo, de aumentar o coeficiente de racionalidade para que a crise cumpra sua função frutificadora. É respondedo a seus predecessores a partir da afirmação a ineditismo axiológico que Germani conseguirá responder a uma atitude mais profunda, mais ampla, e mais enraizada, a saber, o predomínio da cultura espiritualista e ensaística, que tanto espaço tem nas publicações do *Boletín* nas gestões de Levene e Povina.

Alocando a sociologia como ciência, Germani a alinha com as mais recentes tendências mundiais de interpretação da crise no pós-guerra. Tal alinhamento poderia ser resumido, em seus próprios termos, a partir do papel da sociologia na conformação de uma sociedade mais esclarecida:

> O problema da racionalidade da ação - antecipado por sociólogos e filósofos - foi dramaticamente introduzido após a Primeira Guerra Mundial, com o surgimento de tendências que negaram as aspirações mais profundamente enraizadas na consciência do homem ocidental. Esta explosão de irracionalidade, cujas expressões abarcaram todos os aspectos da cultura, se manifestam na arena política como uma negação da liberdade. Este é o lugar onde a psicanálise revela-se como um instrumento insubstituível para sondar os processos profundos que levaram a este aparente paradoxo. O problema da falsa consciência, isto é, o desfasamento entre a realidade e a sua interpretação por um grupo, do qual se ocupa a sociologia do conhecimento, pode ser examinado de forma profícua a partir do ponto de vista da psicologia profunda, na medida em que ela revela a raiz psicológica das ideologiass, e a relação entre a deformação da realidade e estrutura de carater ([1964], 1966, p. 188)[403].

Retomando Koselleck, refletindo sobre a narrativa de crise, vale a pena perguntar de que modo o discurso de ruptura, discurso crítico, não é ele mesmo o condensador ou formulador da crise. Germani, afinal, instaura a crise em um determinado paradigma? Seria possível

[403] "El problema de la racionalidad de la acción – antecipado por sociólogos y filósofos – se presentó dramaticamente después de la primera guerra mundial con el surgimento de tendências que negaban las aspiraciones más arraigadas en la conciencia del hombre occidental. Esta explosión de irracionalidad, cuyas expresiones han abarcado todos los aspectos de la cultura, se há manifestado em el campo político como negación de la libertad. Es aqui donde el psicoanálisis se revela como um insustituible instrumento para sondear los procesos profundos que han llevado a esta aparente paradoja. El problema de la falsa consciência, es decir, la falta de adecuación entre la realidade y su interpretación por parte de um grupo, que se ocupa la sociologia del conociemtno, puede ser examinado provechosamente desde el punto de vista de la psicologia profunda, pues esta revela la raíz psicológica de las ideologias, y la relación que existe entre esa deformación de la realidade y la estrutura del caráter" (1966, p. 188)

perguntar, com Paul Ricoeur, que "se a crença em novos tempos repousa em expectativas que se afastam de todas as experiências anteriores, então a tensão entre experiencia e expectativa só pôde ser notada no momento em que seu ponto de ruptura já era visível"? (RICOEUR, 2014, p. 366). O que parece seguro afirmar, até esse momento da análise, é que Germani direciona a reflexão crítica para o futuro, colocando em crise, se não o "paradigma ensaísta", a própria ideia de crise como característica do *caráter* argentino. O sentimento de tragédia, tão resiliente nos discursos argentinos, sugere Germani, é fruto da assincronia, típica do moderno argentino, e não uma tendencia inscrita de modo indelével em qualquer sorte de caráter nacional.

> segundo alguns, essa crise, que é total, já que engloba a própria estrutura do mundo contemporâneo, não é outra coisa senão um aspecto da decadência fatal da cultura moderna. Para outros, longe de apontar seu esgotamento, ela está repleta de um futuro novo e magnífico. Essa é a alternativa que se coloca em nossos dias, e é uma alternativa que implica a escolha irrevogável entre um maior desenvolvimento do espírito moderno ou o abandono de seus valores fundamentais. Portanto, nesses momentos, que são de transição, o problema da liberdade surge novamente angustiante atualidade para as gerações de hoje, e pede sua solução tanto no campo teórico quanto no dos fatos (GERMANI, [1947], 1966, p.178)[404].

Entender o processo crítico passa a ser fundamental, e é sobre a possibilidade de entende-lo que incide, prioritariamente, essa nova tipologia de intelectual técnico que o projeto de Germani supõe: o *expert*, o que trabalha cooperativamente, o que faz trabalhos pequenos – como a compilação de dados – sem aspirar a grandes sínteses geniais. As reações, claro, não são poucas. Tal como Agathon se mostrava ofendido, em *L´Sprit de la Nouvelle Sorbonne* diante da proposta de divisão do trabalho que sobressaía da tese de Durkheim, em ´Autorreportaje´, *La Razón*, 7 de octubre de 1961, Héctor Murena afirma que

> [...] essa palavra ... sociologia... é uma mentira completa. Demografia Esse é o nome para tal atividade. Um problema de números, estatísticos. Fingir que a sociologia pode lançar luz sobre algumas das causas sutis das doenças da sociedade é ... Vamos deixar a sociologia para suas máquinas calculadoras. O que procuro é descobrir o alcance da negatividade contemporânea e as possíveis maneiras de salvar dela os germes de algo novo, desse novo mundo que está no ar ...[405]

---

[404] "Según algunos, esta crisis, que es total, pues abarca la estrutura misma del mundo contemporâneo, no es outra cosa que um aspecto de la decadência fatal de la cultura moderna. Para otros, lejos de señalar su agotamiento, está henchida de un nuevo y magnífico porvenir. Tal es la alternativa que se presenta en nuestros días, y es una alternativa que implica la elección irrevocable entre un ulterior desarrollo del espiritu moderno o el abandono de sus valores fundamentales. Por ello, en estos momentos, que son de transición, el problema de la liberdad surge de nuevo con angustiosa actualidad para las generaciones de hoy, y pide su solución em el terreno teórico y em el de los hechos" (GERMANI, 1966, p.178).

[405] "[…] esa palabra…, sociología, es una completa mentira. Demografía. Ése es el nombre para semejante actividad. Un problema de números, estadístico. Pretender que la sociología pueda esclarecer algunas de las sutiles causas de las enfermedades de la sociedad es…Dejemos a la sociología en sus máquinas de calcular. Lo que yo busco es descubrir los alcances de la negatividad contemporánea y las posibles formas de salvar de ella los gérmenes de algo nuevo, de ese mundo nuevo que está en los aires…"

Sismógrafos, portanto, de uma mudança de referências mais ampla que a mera revisão das teses, as operações de enquadramento que diferenciam as duas etapas da publicação (do *Boletín* aos *Cuadernos*) confluem para a asserção de Mannheim de que nunca se defendem somente teses, mas sempre, em paralelo, um mundo onde as teses estejam em casa. Considero, outrossim, que tais escolhas de publicação e as operações de enquadramento das mesmas (prefácios, seriação e reivindicações de textos consagrados), não precisam ser observadas como uma incongruência ou, muito menos, como um acaso biográfico do próprio Germani. Essa mudança não é apreciável apenas pela incidência das teses mas, sobretudo, pela observação das práticas. Assim, as escolhas editoriais de Germani parecem indicar menos uma adesão irrestrita à sociologia americana, do que o intuito de projetar o ponto de vista sociológico no centro de uma universidade que se reorganiza nos critérios dos principais padrões de pesquisa internacionais. Consagrando seu espaço de atuação – a universidade e, mais especificamente, o curso de sociologia – Germani projeta-se em posição central a partir da qual, então, fará circular suas escolhas teóricas e metodológicas. Essa reorganização, por fim, funciona, a partir da reivindicação editorial a autores consagrados no polo dominante (a sociologia americana), como uma eficiente comunicação de prestígio, fundamental para que a sociologia pudesse projetar-se, em relação à História e a à Filosofia, como um discurso autorizado.

Convém recuperar, nesse momento, o argumento de abertura do capítulo: "a sociologia nasce, tanto na Europa como na América Latina, como ciência plebeia e aparece associada ao mundo moderno em oposição ao "mundo clássico": torna-se, aos olhos de seus críticos, a própria substância da crise que a geração de Comte e Saint Simon alegava resolver". Visões da sociologia, visões da ciência, visões da crise e visões acerca do próprio papel do intelectual na consolidação superação do estágio crítico: as discordâncias conceituais funcionaram dentro dessa rede de codeterminações, mais do que como escolhas coerentes a princípio. Em oposição às versões ontológicas e trágicas da crise, o repertório bibliográfico, o *savoir faire* institucional e as operações de enquadramento que Germani propõe a partir de seu esforço editorial inserem e consolidam uma visão distinta sobre a crise, na qual a crise da sociedade ocidental é uma crise de crescimento e, mais precisamente, "uma crise que resulta do crescimento desproporcional entre as diversas partes que constituem a sociedade" (GERMANI, 2010, p. 161)[406]. O desenvolvimento da sociedade, como o do indivíduo, deve ser harmônico. "Em nossa sociedade essa desproporção se produziu no desenvolvimento das faculdades humanas e precisamente

[406] "de una crisis que resulta del crecimiento desproporcionado de las diversas partes que constituyen la sociedad" (Anomia, na antologia, p. 161).

entre a técnica e a ciência por um lado e a ordem moral e social de outro" (idem, p. 162)[407]. Nessa nova versão, ao contrário do trágico, o intelectual tem função de gestão da crise, de elaborador de um conjunto de ações racionais, e não de um enunciador da crise nos moldes que se colocava um Martines Estrada, por exemplo, anunciando a tragédia leviatânica de Buenos Aires. Retrato das oposições inscritas na *tradição*, e que não respondem às teses de Germani mas, sobretudo, à seu *projeto intelectual*, poderiam ser as já mencionadas ressalvas de Mureña, no prólogo a segunda edição de *El pecado original de América* (Sur, Buenos Aires, 1965) onde se lê que

> Nenhum conhecimento de fatos humanos pode ser obtido por meio de sistemas quantitativos ... [A Sociologia] nos fornece quadros estatísticos de nossos países nos quais são expostos problemas demográficos, econômicos, políticos, etc., segundo os quais tais países são comparáveis e intercambiáveis com muitos outros no mundo. A sociologia nos atrai para o anonimato existencial (p.17)[408].

Poderia-se concluir a reflexão desse capítulo com a menção à Mureña, representante do setor privado das letras argentinas e opostitor declarado da sociologia. Há, contudo, um outro depoimento que, para os fins da hipótese aqui delineada, parece mais contundente. Trata-se de Di Tella, colaborador de Germani, analisando, décadas depois, o sucesso do projeto da sociologia científica. Apesar dos esforços universalistas e internacionalistas, ele recorda, "o nacional, todavia, entrou pela janela, de maneira destrutiva, já que não fora convidado, com todos as honras que merecia, a entrar pela porta" (1980, p. 12)[409]. O próximo capítulo se dedica, num desdobramento dos depoimentos de Mureña e Di Tella, a essa relação tensional e constitutiva: o espaço universitário como local de legitimação do discurso técnico e a esfera privada de circulação da cultura – cafés, editoras, associações – que funcionou, nas décadas de 1940 e 1950, como reservatório da interpretação identitária do país, bem como das narrativas trágicas e anti-científicas que as informavam.

---

[407] "En nuestra sociedad esta desproporción se há producido en el desarrollo de las facultades humanas y precisamente entre la técnica y la ciência por un lado y el orden moral y social por el outro" (anomia y desintegración social, p. 162).

[408] No se puede obtener ningún conocimiento de los hechos humanos mediante sistemas cuantitativos… [La sociología] nos da de nuestros países cuadros de carácter estadísticos en los que se exponen unos problemas demográficos, económicos, políticos, etc., según los cuales tales países son comparables e intercambiables con muchos otros del mundo. La sociología nos arrastra así hacia el anonimato existencial (p. 17).

[409] "Lo nacional, sin embargo, entró por la ventana, de manera destructiva, ya que no se lo invitaba con todos los honores que se merece a entrar por la puerta" (1980, p. 12).

Este capítulo procurou traçar um quadro histórico da formação da sociologia enquanto disciplina. Assumindo que a tarefa não é passível de esgotamento em um trabalho monográfico, optou-se por aborda-la a partir da história de diferentes campos nacionais, o francês, o alemão, o estadunidense e, por fim, o latino-americano. Em um segundo momento, a estratégia foi apresentar de que modo a ideia de "sociologia" circulava pelo mundo intelectual argentino antes de sua consitutição enquanto disciplina, o que foi feito a partir das trajetórias e planos de curso de alguns de seus principais personagens como Ricardo Levene, Alfredo Povina e Gino Germani. Se, já nos planos de curso, a proposta de rompimento de Gino Germani é evidente, isso se torna ainda mais contundente a partir da análise comparativa das publicações oficiais do Instituto (o *Boletín del Instituto de Sociología* e os *Cuadernos de Sociología*), levada a cabo na terceira parte do capítulo. A partir desta análise, propõe-se que as mudanças que levam à formação do curso de sociologia, em 1955, não são apenas rupturas de ordem teórica, nem se referem à adesão irrefletida a uma ou outra corrente hegemônica mas, efetivamente, respondem à uma mudança na concepção do *homem de ciência* que está atrelada ao amadurecimento de determinadas configurações institucionais.

CAPITULO 3. DA CIDADE À CIDADELA: EDITORAS, TRADUTORES E REVISTAS COMO CAMINHO PARA A TRADIÇÃO INTELECTUAL ALEMÃ

"Leríamos certamente de forma menos cega as distribuições segundo a classe da leitura dos jornais se tivéssemos em mente a análise que Proust faz 'desse ato abominável e voluptuoso que se denomina ler o jornal e graças ao qual todas as desgraças e cataclismos do universo durante as ultimas vinte e quatro horas, as batalhas que custaram a vida a cinquenta mil homens, os crimes, as greves, as falências, os incêndios, os envenenamentos, os suicícios, os divórcios, as emoções cruéis do homem de estado e do ator, transmutados num regalo matinal para nosso entretenimento pessoal por não nos dizerem respeito, acompanham excelentemente de uma forma particularmente excitante e tônica a ingestão recomendada de uns goles de café com leite".

Bourdieu em A Distinção

É preciso possuir em si mesmo a tradição para odiá-la apropriadamente.

Adorno em Minima Moralia.

3.1. O CAMPO UNIVERSITÁRIO COMO ESPAÇO DE EXPECTATIVA AUTORITÁRIA: MECENATO PRIVADO E REDES DE SOCIABILIDADE INTELECTUAL.

"Rebeldia, rechaço, desconserto. Isso é o que sentimos. O mundo, este mundo imediato, nosso país, nossa cidade, nos aparece como algo pelo qual somos responsáveis" (Revista Contorno, 1953, p. 2)[410], assim se expressava Ismael Viñas no editorial inaugural da Revista Contorno, empreendimento que, dentre outras prerrogativas, ficou conhecido como a *mea culpa* de uma geração. Nos termos de David, seu irmão e codiretor do periódico, a empreitada dizia respeito, sobretudo, "ao projeto, mais ou menos explícito, de dramatizar polemicamente a cena cultural desse momento" (VIÑAS, 2004, p. 12)[411]. Recém derrubado o peronismo, em 1955, o grupo Contorno aglutinou uma camada muito específica de jovens intelectuais que, deslocados da Universidade durante os anos peronistas mas formados em sua tradição, se colocaram a ampla tarefa de revisão dos anos anteriores, empreitada que aparecia, então, como uma necessidade prévia a qualquer posicionamento público sobre o futuro nacional.

Entre 1953 e 1959, os irmãos David Viñas e Ismael Viñas inscreveram o nome da família no círculo das revistas de Buenos Aires. David, crítico literário e professor da Universidade de Buenos Aires e Ismael, jornalista, personificaram um duplo enfrentamento intelectual: inicialmente com seus próprios maestros, dentre eles a Revista Sur (o que lhes rendeu a alcunha de "parricidas")[412] e, de modo mais amplo, com o peronismo. A revista personificou também um olhar mais moderno sobre o regime de Perón, distante dos ataques irônicos de Sur[413] e mais alinhado às novas referências de esquerda que então circulavam pela Argentina, notadamente ao existencialismo. Interessa observar, sobretudo, que sua crítica moderada ao peronismo os associa e distancia, simultaneamente, de uma ampla tradição de revistas culturais que remonta ao começo do século XX.

Uma das marcas distintivas por excelência, nesse momento, era a posição a ser adotada frente ao regime que caía e às circunstâncias que ele legava. Mais que revisar o peronismo,

---

410 "Rebeldía, rechazo, desconcierto. Eso es lo que sentimos. El mundo, este mundo inmediato, nuestro país, nuestra ciudad, nos aprietan como algo de que somos responsables" (Revista Contorno, 1953, p. 2)

411 "al proyecto, más o menos explícito, de dramatizar polemicamente la franja cultural de esse momento" (VIÑAS, 2004, p. 12).

412 O termo é de Monegal, cunhado em *El Juicio de los parricidas. La nueva generación argentina y sus maestros. Editorial Deucalión,* Buenos Aires, 1956.

413 "O artigo de duas páginas situa o peronismo como um "opróbio" de duas faces: uma de índole criminal, repressora, totalitária, outra, "de caráter escénico, hecha de necesidades y fábulas para consumo de patanes" (BORGES, SUR, 1955, p. 9). Sua análise se encaminha no sentido de questionar a essência mitológica do antigo governo e, para tanto, questiona as simbologias fundamentais do peronismo, como por exemplo o "melodrama" de 17 de outubro de 1945. Conclui avaliando que esses componentes míticos do peronismo "pertenecían al orden de lo patético y de lo burdamente sentimental; felizmente para la lucidez y la seguridad de los argentinos, el régimen actual há comprendido que la función de gobernar no es patética (BORGES, SUR. 1955, p. 10)" (TEDESCO, A. D. F. Dissertação de mestrado, UNESP, 2012).

avaliava-se a posição dos intelectuais diante do regime. Assim, segue Viñas, falando em nome da revista Contono "sentimos que de algum modo somos responsáveis pelo que os representantes do intelecto, pelo que os homens de espírito fizeram. Ainda mais por suas omissões do que por seus atos nos sentimos culpados" (1953, p. 3)[414]. Ismael Viñas e David Viñas levaram a cabo o que Sarlo chamou em *Los dos ojos de Contorno*, de uma tarefa ética, "nesse espaço fissurado, os juízos éticos assumem a forma de juízos políticos: a política, sartreanamente, é pensada como ética" (SARLO, 1983, p. 799)[415]. Trata-se, ainda segundo Sarlo, de um grande ajuste de contas com a própria "linhagem intelectual". Os discursos políticos de oposição ao peronismo, tímidos durante a vigência do regime, retornavam agora sob um verniz ético, "marcado pelo sartrismo, de onde extraíam suas fórmulas, seu estilo, seu ar de família, marcado também por uma tradição política argentina: a herança a que depois se renunciaria, como toda herança, havia influenciado o herdeiro" (SARLO, 1983, p. 803)[416].

A posição de Contorno, bem como a de outras revistas que surgiram então nesse contexto, como a *Imago Mundi* de José L. Romero, são representativas do acirramento da relação tensional que esta tese vem percorrendo: aquela que se refere a coexistência complexa de dois modos de aquisição da atitude intelectual - uma diletante, a dos cafés e redes familiares que fomenta o trânsito pelas revistas e salões literários e outra, em gestação, técnica, rigorosamente universitária – que se amplifica a partir da segunda metade da década de 1950, a partir da queda de Perón. É esse campo de enunciação cultural que tomo por objeto nesse momento, atentando sobretudo para o amadurecimento de uma divisão que dali em diante se radicalizaria: aquela que congregava os intelectuais "livres", do universo das revistas, em oposição aos universitários que haviam permanecido na instituição durante o peronismo e em oposição aos quais se demarcava, para Contorno e para a tradição periodística que a gerara, o funcional "nosotros".

Poderíamos pensar essa tentativa demarcatória, neste momento da análise, nos marcos de uma inspiração analógica, na divisão entre doutos e mundanos que Bourdieu menciona em *A Distinção*: em oposição à universidade sob intervenção, os professores vinculados aos setores mais tradicionais, em grande número, haviam sido expulsos da universidade durante o regime

---

[414] "Sentimos que de algún modo somos responsables por lo que los representantes del intelecto, por lo que los hombres de espírito no han hecho. Aun más, por sus omisiones que por sus actos nos sentidos culpables" (1953, p. 3).

[415] "en este espacio quebrado, los juicios éticos toman la forma de juicios políticos: la política, sartreanamente, es pensada como ética" (SARLO, 1983, p. 799).

[416] "marcado por el sartrismo, de donde extrae sus formulas, su estilo, su aire de família, pero marcado también por una tradición política argentina: la herencia a la que después se renunciaria, como toda herencia había influído sobre el heredero" (SARLO, 1983, p. 803).

peronista e puderam encontrar refúgio numa "causa do espírito" que então se defendia nas instâncias privadas de produção cultural. Esses mundanos, pois, consagrados a partir de seu próprio arbítrio enquanto grupo, contam, a seu favor, ainda, com um amplo repertório simbólico de práticas e de alianças familiares e, sobretudo, com o coeficiente distintivo por excelência: o tempo, a precocidade do capital cultural acumulado nas gerações anteriores. Essa identificação, vigente desde a virada do século XIX, se tornará ainda mais operativa, conforme esta tese pretende argumentar, ao longo da década peronista. Enquanto Perón irrompia no espaço público como o "novo" em oposição às "antigas elites" argentinas, esse setor letrado autônomo e consagrado na época da hegemonia da oligarquia liberal figurou enquanto anátema mítico do discurso peronista. Contudo, importa perceber que se, durante os anos que duraram o regime (1945-1955), esse setor foi capaz de manifestar sua oposição em aliança com uma imensa variedade de setores – comunistas, anarquistas, democratas de toda vertente -, na iminência da queda do regime e nos primeiros anos que se seguiram à queda, as marcas de distinção voltariam a se manifestar de modo premente, organizando as fissuras sociais que complexificaram as alianças no pós 1955.

Não são poucas as histórias institucionais e as reconstituições testemunhais que procuram dar conta dessa tensão entre campo privado de produção cultural e conhecimento acadêmico[417]. Abrindo mão, por isso, de refazer caminhos já consagrados, procuro ater-me à um nível específico desse enfrentamento, a saber, as disputas entre cultura científica e cultura literária que compuseram essa relação tensional entre os dois universos, notadamente a partir dos sentidos atribuídos à experiência da *crise*. A proposta, em suma, é acompanhar a consolidação da própria tensão, tornando-a, em si, objeto. Não se trata, afinal, de dois mundos em oposição, muito menos de duas culturas que não se tocam: ao contrário, é precisamente na intersecção entre ambos os campos que se pode mensurar a vitalidade das tensões e o enquadramento das posições que delas se depreende.

A desconfiança da esfera privada em relação a universidade pode ser notada desde a fundação desta ultima. Muito embora a Universidade de Buenos Aires tenha sido fundada ainda em 1821 (e a Universidade de Córdoba, a título de comparação, seja ainda colonial)[418], seus primeiros anos de funcionamento não alcançam cumprir a *meta civilizatória* proposta pela geração de fundadores. Felix Weimberg, no prólogo ao livro de Echeverría sobre os salões

[417] Para uma análise extensiva e documental da história da Universidade de Buenos Aires é possível consultar, por exemplo, Buchbinder (2012), Sigal (2006), Pereyra (2005) e Donghi (2012).
[418] Sobre a fundação da Universidade de Córdoba e sobre as mudanças causadas ali pelo ideal reformista é possível consultar TUNNERMANN, 2008.

literários[419], aponta que desde 1835, primeira década de funcionamento efetivo da UBA, o governo de Juan Manuel de Rosas já perseguia professores (depois fecharia, oficialmente, a instituição). Nesse contexto de repressão, espaços privados como a livraria de Marcos Sastre, o Gabinete de Leitura que reunia, no centro de Buenos Aires, os jovens interessados em adquirir formação humanista, ganharam proeminência. Em 1837 tem início o Salão Literário para onde confluiría grande parte do que ficou conhecido como *geração de 183*7. Tal configuração é resiliente a ponto de que, já em meados do século, os círculos privados da elite letrada de Buenos Aires centralizassem essas redes (a Facultad de Filosofia y Letras da UBA foi fundada apenas em 1897).

Os fundadores da FFyL, sintomaticamente, provinham desse ambiente de consagrações exógenas, embora fossem, a rigor, acadêmicos de formação. São eles Bernardo Irigoyen[420], Carlos Pellegrini[421], Rafael Obligado[422], Pablo Groussac[423], Lorenzo Anadón[424], Norberto Piñero[425] e Joaquín V. González[426]. Em 1896 foram eleitos, em reunião do Conselho acadêmico, Carlos Pellegrini, como decano, Norberto Piñero, como vice-decano e Rafael Castillo como secretário. No decreto de criação da Faculdade, uma das justificativas é promover o desenvolvimento harmônico do país que, naquela ocasião, crescia economicamente e se modernizava[427]. É interessante observar, nesse sentido, a simbiose entre política e mundo intelectual, característica que é comum não apenas ao panteão de fundadores mas, também, à maior parte do corpo docente daquela época, composta por nomes consagrados nos debates públicos do país. A Faculdade de Filosofia e Letras, pois, não nascia como ameaça ao prestígio dos setores letrados vinculados à elite agroexportadora, ao contrário, projetava-se como uma expansão de seus domínios.

Retomando, nesse momento, a caracterização dos primeiros anos da FFyL anunciada no capítulo 1.2., podemos partir do primeiro plano de estudos da faculdade, que compreendia

---

[419] GUTIÉRREZ, J. M. ECHEVERRÍA, E. *El salón literário*. Estudio preliminar de Weinberg. Librería Hachette. Buenos Aires. SD.
[420] Advogado, político e diplomata, foi duas vezes minsitro das relações exteriores entre 1874 e 1882.
[421] Advogado e político, foi presidente da Argentina entre 1890 e 1892.
[422] Escritor, poeta e acadêmico.
[423] Francês de nascimento, foi um famoso ensaística, bibliotecário e historiador em Buenos Aires.
[424] Advogado, diplomata e político, atuou como Ministro da Fazenda no governo de Sáenz Pena.
[425] Advogado e acadêmico, contribuiu na revisão do código penal argentino em 1890.
[426] Político, historiador, filósofo e jurista, foi governador de seu estado natal, La Rioja, e por longo tempo ministro de Instrução Pública.
[427] No decreto de fundação lê-se no 2 parágrafo que "o desenvolvimento progressivo do país e a sensível melhora dos interesses materiais, faz mais necessária a difusão desses estudos que representam as sínteses dos conhecimentos humanos, afim de que o desenvolvimento do país seja completo e harmônico" (A.G. FFyL, B1, p1). ["el desarrollo progressivo del país y el sensible acrescentamiento de los intereses materiales, hace más necessária la difusión de esos altos estúdios que representan la sínteses de los conocimientos humanos, a fin de que el desenvolvimento del país sea completo y armónico" (A.G. FFyL, B1, p.1)].

quatro anos dedicados à obtenção da licenciatura (os três primeiros) e do doutorado (no ultimo ano). Incluía as seguintes disciplinas: Filosofia, Literatura, História, Geografia e Ciências da Educação (INIBI, 1996). Apesar do esforço organizacional, os primeiros tempos não foram fáceis para o empreendimento. Embora a documentação de fundação advogue o intuito de completar "o conjunto dos vários ramos que fazem parte do ensino superior, incorporando definitivamente em nossa universidade um departamento de estudos destinado a manter a mais alta cultura científica e literária" (BORDOLI in FERNÁNDES, 1996, p.5)[428], a pertinência da ambição foi logo refreada pela escassez de alunos. Como salienta Bordoli

> A precariedade dos recursos com os quais contava e as instalações em que funcionava, a escassez de alunos e, sobretudo, a indiferença quase total – do governo, de outros setores intelectuais e ainda de alguns setores da própria universidade – em relação a suas atividades, suas necessidades e até mesmo sua existência, perturbaram a vida da faculdade desde sua criação até por volta do ano de 1913 (idem, p.08)[429].

Em 1904, por exemplo, Rodolfo Rivarola salientava a hostilidade que o novo centro de estudos sofria por parte de seus pares acadêmicos. Num contexto de predominância da referência positivista de ciência, as disciplinas de humanidades não gozavam de prestígio frente às disciplinas mais técnicas e mais antigas, como as Engenharias e a Medicina, por exemplo. No mesmo sentido, em 1906, o então Reitor da UBA, Eufemio Uballes, ponderava que "a Faculdade de Filosofia e Letras desabrocha em um ambiente que não lhe é propício, explicável pela natureza dos estudos desinteressados que nela se realizam e que não estimulam novas vocações" (Memória de la UBA, ano 1906-1907, ano IV, artigo VII, 1907, n 34-35, p. 333)[430]. O "exagero científico e prático", nos termos de Rivarola, informava o desprezo que as outras áreas da universidade manifestavam pelos cursos de humanidades[431]. Apesar de que a década de 1920 tenha estabilizado, em algum grau, a existência da Faculdade, é possível perceber que, ainda assim, a maior parte dos alunos não almejava o título de doutorado que então se disponibilizava a partir do ultimo ano de curso. O mesmo diagnóstico é atualizado, anos depois,

---

[428] "el grupo de las diversas ramas que forman parte de la enseñanza superior, incorporando definitivamente a nuestra universidad un departamento de estúdios destinado a mantener la más alta cultura científica y literária" (INIBI, p. 5),

[429] "la precariedad de los recursos con que contaba y de las instalaciones en que funcionaba, la escassez de alumnos y, sobre todo, la indiferencia casi total - del Gobierno, de otros sectores intelectuales y aún de algunos de la misma universidad – hacia sus actividades, sus necesidades y hasta su misma existência, perturbaran la vida de la Facultad desde su creación hasta cerca del año 1913" (INIBI, p.08).

[430] "la Facultad de Filosofia y Letras aparece desenvolviéndose en un medio que no le es propicio, lo que es explicable por la índole de los estúdios desinteressados que en ella se hacen y que no estimulan nuevas vocaciones" (Memória de la UBA, ano 1906-1907, ano IV, t. VII, 1907, n 34-35, p. 333).

[431] Um levantamento panorâmico das disciplinas vinculadas às ciências naturais e sua relação com as Humanidades pode ser encontrado, por exemplo, em BABINI, J. História de la Ciéncia en Argentina. Buenos Aires. Ediciones Solar, 1986.

por Ricardo Levene, quando aponta as baixíssimas estatísticas de candidatos aos cursos da Facultad de Filosofia y Letras. Em 1913, o então decano Rivarola iria queixar-se dessa situação de marginalidade nos seguintes termos: "tivemos o triplo vício de sermos filósofos, literatos e nacionais e, para a realidade de nosso pensamento, o governo preferiu sempre pedagogos e técnicos estrangeiros" (apud FERNÁNDES, INIBI, 1996, p. 11)[432]. Efetivamente, o número de matriculados em 1898 é bastante reduzido: apenas 27. Serão 112, contudo, em 1903 e, finalmente, 222 em 1916[433]. Será apenas após a reforma de Córdoba, em 1918, e de seus reflexos na UBA que a FFyL adquirirá certa relevâcia na vida cultural portenha.

Tanto Terán (2008) quanto Buchbinder (1997) coincidem, em suas histórias institucionais da UBA, em ponderar esse inicial desprestígio com o intuito, bastante difundido na virada do século, de assegurar um espaço formal para as disciplinas de humanidades. Se, então, os setores mais tradicionais do mundo intelectual se opunham à tecnicização do saber e, se, por outro lado, os cursos de humanidades nasceram em simbiose com esse grupo, não é difícil entender, por exemplo, a ata do Consejo Directivo da FFyL de dezembro de 1920, reiterando a necessidade de cursos clássicos e corroborando a dimensão espiritualista que marca esse período da reação anti positivista e de questionamento da figura do cientista especializado. No documento lê-se que "insiste-se na leitura de autores clássicos e procura-se que o aluno penetre seu sentido e o valor que tem os idiomas clássicos para o conhecimento da própria língua. Busca-se que os exercícios não sejam mecânicos" (FERNÁNDES, INIBI, 1996, p. 14)[434]. O plano de estudos de 1927 determina também a importância dos estudos humanísticos. Para Terán, esse projeto se relaciona intimamente com as pressões geradas pela imigração no sistema de ensino, que teria forçado as elites autóctones a elaborarem um plano de concessões e, nesse sentido, "esse programa traduziu-se no projeto e criação da FFyL (...) como resposta direta àquela demanda de remoralização republicana, aristocratizante e de um esteticismo clássico" (TERÁN, 2008, p. 67)[435]. Buchbinder, por seu lado, destaca que "a criação da Faculdade de Filosofia e Letras pode então ser percebida como a culminação de uma série de

[432] "tuviemos el triple vício de ser filósofos, literatos y nacionales, y para realidade de nuestro pensamento el gobierno preferió siempre pedagogos, prácticos y extranjeros" (inibi, p. 11)
[433] INIBI, p. A.G. T. 1.
[434] "se hace hincapé em la lectura de autores clássicos y se procura que el estudiante penetre su sentido y aprecie el valor que tienen los idiomas clássicos para el conocimiento de la propia lengua. Se busca que los ejercicios no sean mecânicos" (INIBI, p. 14).
[435] "ese programa resuelta legible em el proyecto y creacción de la FFyL (...) como uma respuesta directa a aquella demanda de remoralización republicana, aristocratizante y de um esteticismo clasico" (TERÁN, 2008, p. 67).

tentativas de criar um âmbito público para a prática das humanidades" (BUCHBINDER, 1997, p.26)[436].

Em consonância com os diagnósticos de Terán (2008) e Buchbinder (1997), é possível observar a distância entre a intensão da fundação e o desenvolvimento factual da faculdade. Fato é que não havia, na Buenos Aires da virada do século, nenhum prestígio específico em ser doutor pela UBA, muito menos em Filosofia. Ao contrário, a maior parte do prestígio se comercializava nos salões literários e no pertenciamentos à clubes como o Club do Progresso e o Jockey Club[437]. Era lá que se discutia política, afinal, enquanto a universidade servia apenas como espaço de formação técnica e profissional. Em relato citado por David Viñas, o *gentleman* Eduardo Wilde sintetiza o tipo de consagração a qual me refiro:

> Entre nós - escreve Eduardo Wilde, apelando desde o início para a fórmula conversacional e de grupo -,a Faculdade de Medicina mantem a triste ilusão de que os títulos que ela confere e as honras que dá ao talento e estudo têm algum valor. Erro deplorável. Mais que todos os títulos científicos e honras facultativas, vale o comentário das mulheres e a difusão da fama pela língua dos conhecidos. A Faculdade nos faz doutores e nada mais; mas as relações, os amigos da casa, as sociedades de caridade e as senhoras de bom gosto, nos tornam especialistas em criaturas, muito capazes de pneumonia, muito conhecedores de pernas quebradas e famosas por abrir ouvidos para as meninas das casas decentes. Para ganhar o título de especialista em crianças, não há nada mais para curar do que a menina de uma dama da moda, e para ganhar a reputação de um cirurgião, basta cortar os milhos de um homem rico e conhecido. Enquanto você não fizer isso (...) você nunca vai ser um médico como tantos (WILDE apud VIÑAS, 2005, p 178-179.)[438].

Se, durante as primeiras décadas do século XX, a universidade permanece, desse modo, como espaço embrionário de circulação intelectual, a década de 1930, inaugurada pelo golpe encabeçado pelo general Féliz Uriburu[439], acaba por soterrar quaisquer avanços em termos de

---

436 "la creación de la Facultad de Filosofia y Letras puede percibirse entonces como la culminación de una serie de intentos por conformar un ánbito publico para la practica de las humanidades" (BUCHBINDER, 1997, p. 26).

437 "En este ámbito, los gentleman del 80 habían encontrado su lugar para el ejercicio del diletantismo y el regodeo hedonista. En opinión de Miguel Cané, decoración y objetos como los del Jockey Club 'educan como las ideas y allí como el arte y la preocupación por la beleza reinan y se imponen, es fácil alcanzar esse pensamiento espiritual, esa cortesia de maneras y linguajes que constituyen la esencia de la alta cultura" (RAPOPORT y SEOANE, 2007, p. 117).

438 "Entre nosotros — escribe Eduardo Wilde apelando desde el comienzo a la fórmula conversacional y de grup o — , "la Facultad de Medicina se hace la triste ilusión de que los títulos que concede y los honores que dispensa al talento y al estudio tienen algún valor. Error deplorable. Más que todos los títulos científicos y los honores facultativos, valen las hablillas mujeriles y la propagación de la fama por la lengua de los conocidos. La Facultad nos hace médicos y nada más; pero las relaciones, las amigas de la casa, las sociedades de beneficencia y las señoras bien vistas, nos hacen especialistas en criaturas, muy hábiles para pulmonía, muy entendidos en roturas de piernas y famosos para abrir orejas a las niñitas de las casas decentes... Para ganar el título de especialista en niños, no hay más que curarla tos que tuvo la chica de una señora a la moda, y para ganar la fama de cirujano, basta cortarle los callos a un hom bre rico y conocido. Mientras usted no haga esto, bien puede verificar maravillas en las criaturas de los corralones y practicar las operaciones m ás difíciles in *anima vili*: jamás pasará usted de ser un médico como tantos" (apud VIÑAS, 2005, p. 178-179).

439 Para um breve histórico do golpe de 1930 é possível consultar, por exemplo, Beired (1996).

autonomia institucional[440]. A intervenção nas universidades que então se inicia sob mandato do ditador – levada a cabo por Benito Nazar Anchorena - é paralela ao crescimento do setor letrado, dos cafés e do mercado editorial de modo geral e, paradoxalmente, é também o "momento em que o político irrompe como um poder capaz de fragmentar a autonomia do campo" (TERÁN, 2004, p.45)[441]. Silvia Sigal (1996) corrobora as análises de Terán e Buchbinder ao apontar que quando assume A. Justo, em 1932, a universidade argentina tinha perdido todo o pouco prestígio que havia obtido após os ecos da reforma de Córdoba. [442]

Conforme já apontado, a Reforma de Córdoba foi um movimento que começou com os estudantes de Córdoba e logo se generalizou por toda América Latina. O corpo gestor daquela universidade, fundada ainda no período colonial, reagira de maneira violenta à algumas demandas dos estudantes, principalmente aquelas que procuram atacar a organização das cátedras. O governo de Hipólito Yrigoyen, então, interveio contra a truculência da administração viabilizando a formação de um movimento amplo e poderoso, que inspirará mudanças na estrutura universitária de todo o país nos meses seguintes.

O famoso manifesto "De la juventud argentina de Córdoba a los hombres libres de sud américa"[443] redigido pelos estudantes de Córdoba pode funcionar como exemplo do que Funes chamou de "hermenêutica da crise": "Da Juventude Argentina de Córdoba aos homens livres da América. (...). As dores que ficam são as liberdades que faltam. Acreditamos que não erramos, as ressonâncias do coração nos advertem: estamos pisando sobre uma revolução,

---

[440] O *Reglamento de la Facultad de Filosofia y Letras* de 1907, por exemplo, dispunha, em seu primeiro capítulo, das atribuições dos distintos órgãos colegiados. A autonomia que então se colocava no documento, em consonância com os debates da Ley Avellaneda, reservava amplos poderes ao decano e ao Conselho Universitário. Essa estrutura será colocada em cheque, nos anos 30, com a intervenção de Anchorena. Ver RUBA, Año V. t. 10. P. XXXVII a XLV em INIBI).

[441]"momento em que la político irrumpió como una potencia capaz de fragmentar la autonomia del campo" (TERÁN, 2004, p. 45).

[442] Tulio Halperón Donghi, em livro comemorativo sobre a fundação da UBA, propõe que já em 1821, quando da fundação oficial da instituição, a oposição dos pares intelectuais da Universidade de Córdoba se fazia sentir, revelando que as propostas eram, em termos de autonomia univeristária, antagônicas. Ele destaca, ainda, que nos primeiros anos de funcionamento da universidade o maior problema é o da escassez estudantil, relata, nesse sentido, que as cátedras de maior procura são as profissionalizantes, não as teóricas. Por conta disso, em consonância com a tese de Buchbinder, Donghi afirma que as grandes reflexões estavam fora da universidade. Mesmo os nomes de proa desse cenário institucional inicial, como Juan María Gutiérrez, fazem parte do circuito dos cafés e dos salões e tal. Ou seja, não se tratam de esferas compeititivas. Em 1873, ocorre primeiro curso superior em "Humanidades", "ao contrário do que acontece em outras cidades da hispanoamerica, em Buenos Aires a universidade permanece a margem das grandes renovações ideolóficas, que só gravitam nela quando já triunfaram totalmente na vida cultural da nação" (2012, p. 75) ["el revéz de lo que ocorre em otras ciudades de hispanoamerica, en Buenos Aires la universidad permanece al margen de las grandes renovaciones ideológicas, que sólo gravitan em ella cuando han triunfado ya por completo em la vida cultural de la nación" (2012, p. 75)].

[443] FEDERACIÓN UNIVERSITÁRIA DE BUENOS AIRES. La reforma universitária. Tomo II. Documientos relativos al movimento estudantil en Córdoba y Buenos Aires. 1918. Comp. Gabriel Del Mazo. Talleres Ferrari, 1927.

estamos vivendo uma hora americana"[444]. Quase impossível não acionar a profecia de Spengler, tão amplamente divulgada entre os estudantes argentinos: "que sucumbam as formas caducas". O tom do documento é contundente, como se vê pela explicação dada, no manifesto, para o atrado do pensamento nas instituições argentinas:

> As universidades chegaram a ser assim fiel reflexo destas sociedades decadentes que se empenham em oferecer este triste espetáculo de uma imobilidade senil. Por isso é que a ciência frente a essas casas mudas e fechadas, passa silenciosa ou entra mutilada e grotesca no serviço burocrático. Quando em momento fugaz abre suas portas aos altos espíritos é para arrepender-se logo e fazer-lhes impossível a vida em seu recinto[445].

Converte-se, pois, o novo e o jovem em valores positivos em si mesmos:

> A juventude já não pede. Exige que se reconheça o direito de exteriorizar esse pensamento próprio nos corpos universitários por meio de seus representantes. Está cansada de suportar os tiranos. Se foi capaz de realizar uma revolução nas consciências, não pode desconhecer-se a capacidade de intervir no governo de sua própria casa. A juventude universitária de Córdoba, por meio de sua federação, saúda os companheiros da América toda e os incita a colaborar na obra de liberdade que se inicia. [446]

A partir de Córdoba as pautas do movimento alcançaram a Universidade de Buenos Aires, mais aberta à essas tensões e mais moderna no que dizia respeito à gestão. Tão logo é derrubado o governo de Yrigoyen, contudo, o legado da reforma é ressignificado de modo

---

[444] "O americanismo" era outra característica do Movimento que convém destacar, assim como a sua denúncia do imperialismo. Já no Manifesto de junho de 1918, os jovens de Córdoba afirmam estar vivendo uma "hora americana". Chegara a hora de parar de respirar ares estrangeiros e tentar criar uma cultura própria, que não fosse simplesmente um reflexo ou um transplante do europeu ou do norteamericano. Os jovens, sob o impacto da Guerra Mundial, aspiraram a acabar com o vício de "querer governar a vida americana com uma mente moldada pelo europeu" (Escamilla, 1966: 17). Esta atitude do reformismo merece ser sublinhada, porque, mesmo se não se conseguiu todos os resultados esperados, a sua vocação de originalidade latino-americano apontou um curso que os processos de reforma universitária atuais não devem perder de vista. Em seu americanismo, os jovens expressaram o desejo de superar todas as formas de dependência. Daí Gabriel del Mazo tenho que dizer que a reforma "é um dos nomes de nossa independência [da] velha Independência, sempre contida ou adulterada, mas sempre pungente para reviver e purificar-se" (Tünnermann, 2008, p. 50) ["El "americanismo" fue otra característica del Movimiento que conviene destacar, así como su denuncia del imperialismo. Ya en el Manifiesto de Junio de 1918, los jóvenes cordobeses aseguran estar viviendo una "hora americana". Había llegado el momento de dejar de respirar aires extranjeros y de intentar la creación de una cultura propia, que no fuera simple reflejo o transplante de la europea o estadounidense. La juventud, bajo el impacto de la Guerra Mundial, aspiraba a terminar con el vicio de "querer regir la vida americana con mente formada a la europea" (Escamilla, 1966:17). Esta actitud del reformismo merece ser subrayada, pues aun cuando no dio todos los frutos esperados, su vocación de originalidad latinoamericana señaló un rumbo que los actuales procesos de renovación universitaria no deben perder de vista. En su americanismo, la juventud expresaba el anhelo de superar todas las formas de dependencia. De ahí que Gabriel del Mazo llegara a decir que la reforma "es uno de los nombres de nuestra independencia [de la] vieja Independencia, siempre contenida o adulterada, pero siempre pugnante por revivir y purificarse" (TUNNERMANN, 2008, p. 50)].

[445] FEDERACIÓN UNIVERSITÁRIA DE BUENOS AIRES. La reforma universitária. Tomo II. Documientos relativos al movimento estudantil en Córdoba y Buenos Aires. 1918. Comp. Gabriel Del Mazo. Talleres Ferrari, 1927.

[446] O documento é assinado por Enrique F. Barros, Horacio Valdés, Ismael C. Bordabehere, Presidentes Gumersindo Sayago, Alfredo Castellanos, Luis M. Méndez, Jorge L. Bazante, Ceferino Garzón Maceda, Julio Molina, Carlos Suárez Pinto, Emilio R. Biagosch, Angel J. Nigro, Natalio J. Saibene, Antonio Medina Allende y Ernesto Garzón.

negativo. Nos termos de Rapoport e Seoane, "para o elenco de golpe de 1930, tanto a Reforma Universitária quanto o movimento estudantil fizeram parte do que foi interpretado como uma expressão do triunfo da demagogia na Universidade. Portanto, como os demais aspectos relacionados à experiência yrigoyenista, deveriam ser eliminados" (2007, p.582)[447]. A destruição de centros acadêmicos e a perseguição de professores e alunos, como Alfredo Palacios e Mario Sáenz, começa a ser sistemática. A embrionária FUBA (Federación Universitária de Buenos Aires), organização que terá papel fundamental nos anos posteriores, é posta na clandestinidade. Tais medidas geram um clima de expectativa autoritária na universidade, que nem mesmo as periódicas manifestações de intenção normalizadora durante os anos 30 conseguiriam dirimir. Trata-se, para além das disputas da ordem do dia, de uma batalha simbólica pelo legado da reforma de Córdoba. Assim se expressa a FUBA, em manifesto que circulou extra-oficialmente:

> Nesta ânsia de suplantar o conteúdo espiritual e científico da Reforma pelo império dos métodos conservadores e anacrônicos, por práticas viciadas em sua essência, pela acomodação de minorias selecionadas que se consideram depositárias de todo patrimônio e de toda a argentinade existente, cometem abusos deploráveis como o fechamento de centros estudantis, o seqüestro de jornais universitários, a Tribuna Universitária por exemplo, e a prisão de seus editores, mantidos rigorosamente incomunicáveis (apud Horacio Salas, Homero Manzi e su tempo, Vergara, Buenos Aires, 2001, p. 97-98)[448].

Em 1931, o interventor Anchorena reforma o estatuto da UBA, restringindo a representação estudantil tanto em número absoluto como em potencial deliberativo. Ao mesmo tempo, uma das conquistas da Reforma de Córdoba, a saber, a designação de professores por concurso, ameaçava ser escamoteada: os opositores eram abertamente eliminados nos pleitos, que agora incluíam uma análise dos antecedentes de conduta dos postulantes. Insinuava-se, como justificativa para as medidas repressivas, a desconfiança de uma suposta investida comunista que incidiu sobre nomes tão insuspeitos como Ricardo Levene.

> O governo constituído de fato entregou a educação aos fundamentalistas e intelectuais católicos do nacionalismo de direita. O objetivo era modelar a juventude de acordo com os ideais católicos, rosistas, medievais e hispânicos. Por um lado, tentou-se unir a educação universitária na metafísica e no tomismo. Por outro lado, a educação religiosa foi introduzida por decreto nas escolas públicas, separando-as do secularismo introduzido em 1884. Desta

[447] "para el elenco golpista de 1930, tanto la Reforma Universitaria como el movimento estudantil formaban parte de lo que se interpretaba como expresión del triunfo de la demagogia en la Universidad. Por lo tanto, al igual que los demás aspectos vinculados a la experiencia yrigoyenista, debían ser eliminados" (2007, p. 582).

[448] "en este afán de suplantar el contenido espiritual y científico de la Reforma por el império de métodos conservadores y anacrónicos, por prácticas viciadas en su esencia por el acomodo de minorias selectas que se consideran depositarias de todo patrimônio y de toda argentinidad existentes, cometen abusos deplorables como el cierre de centros estudantiles, el secuestro de periódicos univeris´tarios, Tribuna Universitária por ejemplo, y la prisión de sus redactores, rigorosamente incomunicables (apud Horacio Salas, *Homero Manzi y su tiempo*. Vergara. Buenos Aires, 2001, p. 97-98)

> forma, a igreja e os católicos nacionalistas completaram seu avanço no sistema educacional (RAPOPORT e SEOANE, 2007, p. 587)[449].

O movimento estudantil, assim como um representativo setor do professorado, havia apoiado, em princípio, a queda de Yrigoyen. As decisões tomadas por Uriburu, contudo, na pessoa do interventor Anchorena, logo instalaram um cenário crítico nas relações entre universidade e Estado. O influxo de 1930, a partir do golpe de Uriburu, traz consigo a ideia de restabelecer a ordem nas universidades, lembra Sigal, ainda que para isso acabasse "transformando-os em centros de proselitismo interessados, movidos por paixões violentas" (ibidem, p. 57)[450]. Quando, em 1932, assume Justo, a universidade havia perdido não só sua vitalidade como o pouco prestígio que vinha acumulando desde a reforma, em contraste com o crescimento vigoroso do público letrado. Em 1932, após as primeiras tentativas de normalização institucional, ensaia-se um Congresso estudantil em Buenos Aires, que sintomaticamente dedica-se a ponderar o legado da reforma de Córdoba, dessa vez assumindo-o como indissociável de uma reforma social. Essas tensões podem ser percebidas, por exemplo, em *Los Universitários Argentinos y el problema político*, documento de 1931 que circulou como folheto anônimo, assinado por nomes como Gabriel del Mazo, Nés Raffo e Guilhermo Watson. Trata-se de tentativa de ligar as pautas da reforma à política mais ampla. Pela primeira vez depois de Córdoba, portanto, a universidade manifesta, com espírito de corpo, sua vocação social, em oposição às medidas de intervenção da década de 1930. Em 1932, pontua Buchbinder (2012), quando do fim da intervenção de Uriburu, a normalização que poderia advir do crescimento material da instituição é frequentemente ameaçada por uma *expectativa autoritária*, como é possível notar, inclusive, pela crescente politização discente.

Diante da intervenção evidencia-se ainda uma distinção na composição dos espaços intelectuais. Desde as inflamadas defesas de Ernesto Quesada e dos reiterados esforços de Ingenieros por organizar os estudos universitários em humanidades a partir de um ponto de vista científico, a universidade projetou-se como espaço mais aberto no que diz respeito ao recrutamento de seus membros, ao menos quando a comparação é feita com as revistas e clubes de leitura, mais herméticos. Assim, quando a década de 1930 e o governo de Uriburu debilitam a universidade, a elite letrada portenha – que eventualmente frequentava os cursos – conseguiu

---

[449] "el gobierno de facto conformado entonces entregó la educación a integristas católicos y a intelectuales del nacionalismo de derecha. El objetivo era modelar a la juventud conforme a los ideales católicos, rosistas, medievales e hispanistas. Por un lado, se intento enaminar la educación universitária dentro de la metafísica y el tomismo. Por el outro, se introdujo por decreto la enseñanza religiosa em las escuelas públicas, apartándolas del laicismo implantado en 1884. D esta manera, la iglesia y los nacionalistas católicos culminaban su avance en el sistema educacional (RAPOPORT e SEOANE, 2007, p. 587).

[450] "en les transformant en centres d´un prosélytisme intéressé agite par des passions violentes" (ibidem, p. 57).

criar uma alternativa para si própria, delegando à universidade o status menos prestigioso de colégio profissional. Além disso, uma operação fractal pode ser observada: ainda que frequentassem a universidade, especialmente os cursos mais prestigiosos como Direito e Medicina, esses letrados estavam em posição favorável em relação aos egressos das camadas sociais mais baixas. Assim, corroborando o diagnóstico de Eduardo Wilde de que o verdadeiro prestígio, mesmo para os acadêmicos, se encontrava fora da academia, é possível rastrear um movimento paralelo: conforme se debilitam as relações profissionais na universidade, aumenta, ou se restabelece, o papel das redes familiares de prestígio cultural. [451]

Tratando do caso da população estudantil francesa, Bourdieu e Passeron (2013) nos apresentam a possibilidade de pensar o público universitário de forma fragmentada, inspiração a qual recorremos neste momento da análise. Em oposição à aposta de Mannheim de que os vínculos acadêmicos se sobrepõem aos sociais em alguma medida, os autores destacam precisamente a permanência dessas distinções sociais anteriores. O café, por exemplo, como espaço estudantil, não pode ser associado a qualquer tipo de estudante, mas àquele diletante, em oposição aos alunos de classe média baixa cujos vínculos intelectuais não ultrapassam as portas de saída da universidade.

> Estudar não é criar, é criar-se; não é criar cultura, menos ainda criar uma nova cultura, é criar-se, no melhor dos casos, como criador de cultura ou, na maioria dos casos, como usuário ou transmissor profisional de uma cultura criada por outros, isso é, como professor ou especialista. Mais genericamente, estudar não é produzir, senão produzir-se como alguém capaz de produzir (BOURDIEU e PASSERON, 2013, p. 84)[452].

No caso argentino, a divisão para-estatutária que se verificava dentro das universidades respondia, como sugere Viñas (2005), à uma estrutura de pertencimentos anteriores. Esses pertencimentos eram, notadamente a partir dos anos 1880, da ordem dos modos de vida urbanos, como salientado anteriormente. Na Buenos Aires da *belle époque* – 1880-1920 - o

---

[451] Segundo Bourdieu e Passeron, esse setor tende a ler obras menos acadêmicas, ter interesses mais diversos, viajam, ser mais cosmopolitas, etc. "Os alunos mais favorecidos não possuem apenas hábitos, treinamentos e atitudes que os sirvam diretamente em suas tarefas acadêmicas, eles também herdam conhecimentos e saberes, gostos e bom gosto, cuja rentabilidade acadêmica, embora indireta, não é por isso é menos evidente" (2013, p. 32). ["Los estudiantes más favorecidos no deben sólo a su medio de origen hábitos, entrenamientos y actitudes que les sirven directamente em sus tareas académicas, heredan también saberes y um saber hacer, gustos y um buen gusto, cuya rentabilidad académica, aun siendo indirecta, no por eso resulta menos evidente" (2013, p. 32)]. A tal familiaridade com a cultura, o passado cultural, se impõe na desenvoltura irônica e na certeza estatutária dos irmãos Viñas, por exemplo; seriam exemplo dessa comunhão entre *savoir faire* e *savoir vivre*. A maneira de adquirir é constitutiva do que se adquire, nessa perspectiva. Ser estudante não é suficiente para unificação: o vinculo de identificação mesmo na universidade, é favorecido por relações extra-universitárias.

[452] "estudiar no es crear sino crearse, no es crear una cultura, menos aun crear uma nueva cultura, es crearse em el mejor de los casos como creador de cultura o, en la mayoria de los casos, como usuário o transmissor experto de uma cultura creada por otros, es decir, como docente o como especialista. Más generalmente, estudiar no es producir, sino producirse como alguién capaz de producir" (BOURDIEU e PASSERON, 2013, p. 84).

espaço para as tertúlias intelectuais é, sobretudo, a própria cidade. Os cafés, as livrarias e as agrupações de vanguarda como a *Proa* e a *Martin Fierro* forneciam um espaço de circulação vigoroso para aqueles que se dedicavam, e podiam se dedicar, ao mundo das letras. Aos poucos, a modificação da fisionomia da cidade, a emergência de novos setores e a consolidação de outros – como diria Sarlo (in VASQUEZ RIAL, 2006), a perda de sacralidade do espaço público – contribuem para alterar essa configuração.

Thomas Bender sugere uma intersecção fundacional entre urbanismo e história intelectual. Os modos de viver, afirma, mudam conforme as consagrações intelectuais se deslocam; os cafés, por exemplo, são um modo de viver a cidade distinto daquele que pressupõe a universidade. Em seu argumento, quanto mais acadêmica uma cultura se torna, mais alejada ela tende a estar da vida intelectual urbana, isso porque a universidade supõe uma comunidade de discurso específica, mais hermética que aquela que circula na cidade. Se, no século XIX, o que fornece esse repertório é a cidade, a complexificação do universo intelectual produz uma espécie de desmembramento: as especialidades acadêmicas, nesse sentido, responderiam a essa diversificação dos discursos culturais. Assim, a profissionalização que gera as *comunidades epistêmicas* (BENDER, 1985, p. 10), funcionaria como um dique de contenção das relações informais de parentesco e favorecimento pessoal. Importa perceber, nesse sentido, que o ganho de prestígio da academia é, inevitavelmente, vivido, sentido e narrado como crise pelo grupo que é despojado de suas prerrogativas, no caso, os homens de letras das cidades, dos clubes fechados e dos cafés (TOURAINE, 1997; RINGER, 1999). Essa situação, contudo, mantêm-se instável no caso argentino na medida em que, conforme tenho sugerido, as reiteradas intervenções na universidade permitem que a cidade, com seus circuitos mundanos de consagração – em oposição à cidadela univeristária – siga atuando enquanto salvaguarda do mundo da cultura frente às ameaças da política.

Para Silvia Sigal (1996) e Neiburg (1997) nesse sentido, a força das instâncias privadas argentinas reflete um processo duplo: a delibilidade do Estado e o vigor do mecenato privado. No mesmo sentido escreve Miceli (2014) ao destacar o fato de que a autonomia intelectual na argentina esteve sempre vinculada às fortunas pessoais. Em *Ensayos Argentinos*, Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano sintetizam esse panorama. Para eles, a profissionalização do escritor que ocorre a partir de 1910 é correlata a uma prosperidade das "ideologias de artista". Apesar disso, efetivamente, "a busca da legitimação ideológica de suas funções dentro da divisão do trabalho, desenvolve-se, contudo, fortemente condicionada pelo controle oligárquico do aparato cultural"

(ALTAMIRANO e SARLO, 1997, p. 111)[453]. Dessa forma, as intervenções e a debilidade institucional das universidades "contribuíram para consolidar a capacidade de auto-organização dos intelectuais" (SIGAL, 1996, p. 102)[454]: um retorno à cidade ou, ao menos, aos modos de consagração tradicionais que ela engendrava desde o começo do século. O campo literário é, segundo a autora, o espaço privilegiado da reflexão sobre os imigrantes, especialmente no contexto de universidade fragilizada. Em seus termos, inclusive, "a experiência argentina nos permite avançar no pressuposto de que a redução da autonomia dos campos é sinal de reforço do papel dos intelectuais" (idem, p.44)[455]. A cidadela universitária, nesse contexto, se enfraquece, e renegá-la passa a ser um modo de salvaguardar o prestígio construído na cidade e para a cidade.

A respeito desse aspecto crítico da vida intelectual nas cidades, José L. Romero, protagonista da reconstrução universitária após a queda do peronismo, destaca que frente a uma sociedade com costumes muito rígidos, como era a portenha, os imigrantes desestabilizam de modo candente os códigos de pertencimento social: "essa massa não possuía um sistema coerente de atitudes nem um conjunto harmonioso de normas" (2004, p. 398), não possuía, em suma, um estilo de vida identificável. Também Gorelik, em *A Buenos Aires de Ezequiel Martines Estrada*, retoma essa discussão ao propor que "Ruas e praças, edifícios e monumentos, estão convertidos em indícios materiais de uma dimensão simbólica da vida moderna, que a cidade, simultaneamente, produz e encarna" (2009, p. 35). É um território de supersignificado, esse da cidade, a partir do qual se produzem igualmente suas narrativas críticas e elogiosas. Para Gorelik, inclusive, é o ensaio, desde Simmel, a forma que melhor expressa o pensamento figural sobre as cidades. Subscrevendo esse diagnóstico, pode-se encontrar ainda outras nuances acerca da tensão entre produção privada de cultura e universidade estatal: para além da oposição institucional (que diz respeito aos lugares de produção cultural), há, ainda, uma tensão formal, na medida em que o espaço acadêmico, e a comunidade epistemica por ele conformada, operam com um tipo de narrativa mais rígida, mais científica e, sobretudo, mais formalizada. A análise acadêmico-científica, como sugeriu Adorno, não possuiria a vocação anti-sistêmica do ensaio[456], formato que até então detinha, na Argentina, o monopólio de crítica sobre a cidade

[453] "a la busqueda todavia de la legitimación ideológica de sus funciones dentro de la división del trabajo, se desarrolla fuertemente condicionada por el control oligárquico del aparato cultural" (ALTAMIRANO e SARLO, 1997, p. 111).
[454] "ont contribué à consolider la capacité d´auto-organisation des intellectuels" (SIGAL, 1996, p. 102).
[455] "L´experience argentine permet d´avancer l´hypothèse selon laquelle la diminution de l´autonomie des champs est le signe d´un renforcement du role des intellectuels" (idem, p. 44).
[456] Adorno em *O Ensaio como Forma*, aponta que o ensaio não é, como queria Lukacs, uma forma de arte, pois não se define na estética. Foco de sua crítica, "na alergia contra as formas, consideradas como atributos meramente acidentais, o espírito científico-academico aproxima-se do obtuso espírito dogmático" (ADORNO, 1995, p. 19).

e a modernidade e que, conforme Satith,"enquanto estratégia textual de intervenção publica, é um dos gêneros discursivos mais idôneos para transmitir uma exegese pessoal e subjetiva de uma realidade em crise" (in NEIBURG e PLOTKIN, 2004, p. 107)[457] A dessacralização do homem de letras enquanto figura romântica andava de par, nesse sentido, com a emergência do intelectual profissional, que falava a partir da cátedra. Subjaz ainda à essa querela o fato de que o tipo de "intelectual" que opera nos cafés não é o mesmo que aquele que ocupa, prioritariamente, os bancos do ensino formal: passa-se, em suma, da produção amadora de cultura para uma produção técnica de conhecimento. Desse modo, ceder terreno à universidade era ceder, ao mesmo tempo, um objeto e um lugar de enunciação. É o ocaso do *causeur* de David Viñas (2005), personagem antiquado que desaparece frente ao especialista. São essas as tensões que informam, nas primeiras décadas do século XX, o trânsito e as desigualdades de prestígio entre essas duas esferas. É assim que as humanidades acadêmicas passam a disputar espaço, em condição de desvantagem, com os *gentleman* escritores, e fica estabelecida uma relação de competição simbólica entre os dois universos.

A intervenção da universidade, tanto em 1930 quanto anos depois, com o peronismo, responde a uma narrativa bastante conhecida dos debates intelectuais argentinos: a da crise. Se, na esfera privada, conforme a sequencia do argumento, a crise se estabelecia a partir da alegada perda do universo de referência espiritual e da inviabilização do sujeito individual, para o setor universitário que emerge com as intervenções ela se colocava, precisamente, em seu oposto funcional: na necessidade de fomentar uma universidade a serviço da essência nacional, emancipando-se da perspectiva positivista que havia orientado os debates argentinos durante as décadas anteriores e que, por sua suposta cegueira às especificidades nacionais, havia deixado como herança um vazio crítico. Mais uma vez, o cenário é de consonância de diagnósticos no bojo de uma multiplicidade de alternativas terapêuticas.

Não se pode pressupor, nessa leitura, que todo conhecimento queira ou deva ser ciência. Há objetividade, por exemplo, em Proust, embora ela não seja redutível à ciência: o ensaísmo questiona o próprio sentido ou necessidade do método, o ensaio "não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva" (idem, p. 25), levanta, ao contrário, a bandeira do efêmero. A ciência insiste em definir conceitos, o ensaio é refratário a isso, na medida em que "incorpora o impulso anti-sistêmico em seu próprio modo de proceder" (ibidem, p. 28), a ciência insiste nessa obsessão, do conceito como tábua rasa, para justificar suas pretensões de autoridade, o ensaio, por seu turno, é uma tessitura: "o próprio método do ensaio expressa sua intensão utópica" (ibidem, p. 31), é o manifesto anti-cartesiano par excellance, anula qualquer pretensão de completude. O ensaio se propõe fragmento justamente porque a realidade é fragmentada, "escreve ensaisticamente quem compõe experimentando, quem vira e revira seu objeto" (ibidem, p. 35), nesse sentido, é aparentado com a retórica: luta pela felicidade, ao contrário da ciência. Hoje em dia encontra-se prensado entre o cientificismo e o anti-intelectualismo, uma pena, pois "apenas a infração à ortodoxia do pensamento torna visível, na coisa, aquilo que a finalidade objetiva da ortodoxia procurava secretamente manter invisível" (ibidem, p. 45).

[457] "Entanto estragecia textual de intervención publica, es uno de los géneros discursivos más idóneos para transmitir uma exégesis personal y subjetiva de una realidad en crisis" (2004, p. 107)

Se a universidade passa a ser associada, pelo circuito dos cafés e das editoras privadas, a perniciosa vitória da técnica, o exílio interior que tanto lastreou as posições mais clássicas do campo intelectual oferecia-se enquanto plataforma de resistência à essa "desvirtuação". Na década de 1940 a universidade se torna, para grande parte desse setor privado de produção intelectual, sintoma da crise, não uma possibilidade de pensa-la sistematicamente. Conforme Viñas (2005), inclusive, basta acompanhar o trânsito desses letrados da elite argentina da virada do século para notar, em oposição às viagens de formação que faziam os jovens da geração de Sarmiento, uma mudança sintomática de itinerário: aos poucos a Europa se torna a própria metáfora da torre de marfim. Para a geração de 1900, nos termos de Viñas, o passado é a única perspectiva identificável com o *sempre*. Manuel Galvez, Eduardo Mallea, Juan B Terán e logo Victoria Ocampo, são os nomes desse ocaso da *belle époque* porteña que, desiludida, acabará por retornar ao pampa e às demandas identitárias, invertendo o sinal de seus antecessores que ainda confiavam na panaceia progressista. A mudança de itinerário é, nesse sentido, reveladora: de Paris, antes da volta, fazem agora uma parada em Madri, numa reveladora revalorização simbólica "Paris, identificada com erotismo, vício, histeria, e tudo o que história e cultura se desagrega, [o que] aparece com nitidez no Pierrô de Guiraldes" (VIÑAS, 2005, p. 56)[458].

Também Sarlo em *Modernidad Periférica*, captura um movimento análogo, no qual as antigas aspirações progressistas de nomes como Ingenieros passam a ser permeadas por um diagnóstico trágico. "A um momento vivido como crítico, a explicação ou a figuração histórica parecia brindar um principio de ordem intelectual e hierarquia causal" (SARLO, 2010, p. 207)[459]. O passadismo, o apelo à empatia letrada com o mundo popular – sob sua inegociável tutela simbólica - e restauração dos valores nacionais ajudam a compor essa guinada do mundo das letras, agora preocupado em resistir ao processo de modernização que sobrevinha com a sociedade de massas. A republica dos intelectuais, sintetiza Sarlo, idealizava então um mundo no qual a tarefa intelectual resumia-se em "trabalhar unicamente na esfera do espírito para mostrar uma verdade que, sepultada sob as aparências, somente um punhado de argentinos invisíveis conhece" (SARLO, 2010, p. 235)[460]. As visões do centenário, em suma, e suas dimensões projetivas, já não convencem nos anos 1930, e se tornarão ainda menos verossímeis conforme avança a década peronista.

[458] "Paris, identificado con erotismo, vicio, histeria, y todo lo que histórica y culturalmente se va desagregando, aparece con nitidez en Pierrot de Guiraldes" (VIÑAS, 2005, p. 56).
[459] "A un momento vivido como crítico, la explicación o la figuración histórica parecia brindar un principio de orden intelectual y una jerarquia causal" (SARLO, 2010, p. 207).
[460] "trabajar solo em la esfera del espiritu para mostrar una verdade que, sepultada bajo las aparências, solo un puñado de argentinos invisibles conocen" (SARLO, 2010, p. 235).

É com o peronismo, a partir 1943, nesse sentido, e com a intervenção na universidade que se segue, que a discussão sobre a relação entre política e universidade, conhecimento livre e conhecimento para a nação e, sobretudo, a discussão sobre o papel do intelectual na conformação da cultura nacional se torna ainda mais acirrada. Se, antes desse episódio, os setores mais tradicionais das letras argentinas já nutriam uma certa desconfiança em relação ao ensino profissionalizante e técnico que percebiam nas universidades, a emergência do peronismo parecerá, para esses setores, apenas reforçar a vocação anti-democrática da cultura científica. Tudo se passa como se o peronismo confirmasse o diagnóstico trágico que se vinha gestando desde a geração de Miguel Cané, passando pelo discurso apocalítptico de Lugones e, por fim, pelo "exílio interno" da geração de Sur. É conhecido o episódio, inclusive, em que Borges é "promovido" de seu cargo na Bilbioteca Nacional à inspetor de feiras públicas, anedota que simboliza, apesar de seus tons pessoais, uma ampla animosidade que se tornaria paulatinamente mais aguda.

Se, por um lado, o peronismo era interpretado pelo público letrado dos cafés como o reino da morte do espírito, da massa e da ditadura do número, ou seja, da técnica; o discurso romântico do peronismo, alinhado às concepções metafísicas e espiritualistas então em voga no universo alemão, também o indispunha com os setores mais técnicos da universidade.[461] Tudo se passa como se a antiga desconfiança do setor letrado em relação à universidade se recrudescesse mesmo no momento em que essa instituição passa a almejar o acesso à um objeto de cultura que antes ficava restrito a esse grupo hermético dos dândis-escritores, emancipando-se da tutela das expectativas dos fundadores. Se, conforme Tunnermann, "as universidades latino-americanas, como fiel reflexo das estruturas sociais que a independência não conseguiu modificar, seguiam sendo os 'vice-reinados' do espírito, e conservavam, em essência, seu

[461] Um exemplar dessa filiação pode ser encontrada no curioso Manifesto da F.A.N.O.E. (Frente de afirmación del nuevo orden espiritual), datado de setembro de 1932, Buenos Aires. O documento, redigido por Saul Taborda, apareceu na Revista Jurídica y de Ciencias Sociales, ano IL, n 1, 1982, p. 106. Constatando a dissolução social e sua correlata crise espiritual, o grupo alertava para que "Nem essa sociedade nem essa cultura podem sobreviver ao formidável desequilíbrio do velho mundo contemporâneo" (279) ["ni esa sociedad ni esa cultura podrán sobrevivir al formidable desequilíbrio del viejo mundo contemporâneo" (297)]. O público em geral, lamentam-se, dá pouca atenção ao conteúdo espiritual implícito nas transformações sociais, "Ao extremo de querer perpetuar formas espirituais típicas da ideologia burguesa do século XIX: biologia darwiniana, sociologia naturalista, metafísica materialista, ética utilitarista e pedagogia, literatura e arte realistas, etc. São, apesar de seu esquerdismo econômico-social, radicalmente reacionário no espírito" (298) ["hasta el extremo de querer perpetuar formas espirituales típicas de la ideologia burguesa del siglo XIX: biologia darwiniana, sociologia naturalista, metafísica materialista, ética y pedagogia utilitárias, literatura y arte realistas, etc. Son, no obstante su izquierdismo económico-social, radicalmente reaccionarios en el espiritu" (298)]. Os signatários do documento são professores e escritores conhecidos no unvierso intelectual argentino, dado que permite mensurar a natureza e o alcance dos discursos espiritualistas então em voga. Constam, entre eles, Luis Juan Guerrero, Juan Mantovani, Francisco Romero, Luis Falcini, José Luis Romero, Antonio Ardissone, Luis Baudizzone, Horacio Cóppola, Carlos Ruiz, Jordán Bruno Genta (Buenos Aires), Saul Taborda e Carlos Astrada (Córdoba), Luis Aznar, Aníbal Sánchez Reulet, Juan Villareal, Carlos Bianchi (La Plata) e Hugo Calzetti, José Babini e Marta Samatán de Santa Fé.

caráter de academias senhoriais" (2008, p. 39)[462], após a reforma de Córdoba essa configuração seria, pela primeira vez, francamente questionada. Enquanto os cursos universitários se restringiam às habilitações técnicas em Medicina, Direito ou Engenharias, as relações com o mundo letrado eram, além de mais estáveis, mais claras, com muitos nomes transitando de um campo para o outro sem que isso comprometesse, em absoluto, seu prestígio específico em cada um dos campos. Aos poucos, e sobretudo após a Reforma de Córdoba e o crescimento da Faculdade de Filosofia, essa relação vai se tornando menos fluida e, sobretudo, mais belicosa. Esse recrudescimento pode ser acompanhado, por exemplo, a partir da mudança nos critérios de acesso ao sistema de ensino – uma das primeiras medidas do governo peronista, por exemplo, foi permitir o acesso de egressos do ensino técnico às universidades[463] – e de nomeação docente, âmbito no qual, desde 1918, colocava-se a necessidade de concursos e provas orais e de titulação, dificultando o acesso às cátedras via notório saber[464].

Durante o peronismo (1946-1955), a Universidade de Buenos Aires cresceu em infraestrutura material e em alcance de matrículas. Acompanhou, nesse sentido, todo o ensino básico e, especialmente, o ensino técnico, que também recebeu vultosos aportes materiais. A década de 1950, contudo, conforme veremos, aprofundará o que ficou conhecido como peronização, inclusive a nível universitário, do sistema de ensino. Com o golpe de estado dado por Farrell e pelo qual depois se consolidará com o general Perón, tem início um processo diagnosticado por Donghi (2012) no qual a universidade deixa de ser um problema cultural para tornar-se um problema político. A intervenção imediata das universidades por parte do governo peronista inicia uma relação de enfrentamento que perdurará, com oscilações setoriais, por toda a década (1943-1955). Já em 1943, Tomas Casares é designado interventor da UBA. Após algumas negociações, em 1945, Horacio Rivarola assume o reitorado com uma proposta conciliadora, muito embora permeada por tensões sobre a autonomia da universidade em relação ao governo.

Vale a pena acompanhar a discussão entre Rivarola e os interventores peronistas, pela riqueza de detalhes então documentada pelo reitor. Publicado como "Labor Universitária", a

---

[462] "Las universidades latino-americanas, como fiel reflejo de las estructuras sociales que la independência no logro modificar, seguían siendo los virreinados del espiritu y conservaban, en esencia, su caráter de academias señoriales" (TUNNERMANN, 2008, p. 39).

[463] Com o peronismo, abre-se a possibilidade de egressos do ensino técnico, ainda que com um exame de algumas coisas humanísticas que se fariam separadamente com aulas. Actas del consejo directivo de março de 1952 dispõe que para ingressar na faculdade com o titulo de perito mercantil, os exames extras são: história antiga, literatura, psicologia e filosofia lógica e moral. VER INIBI p. 59.

[464] Artigo 2 sobre designação de professores, actas del consejo directivo t. III dezembro de 1918, p. 67-68: o aspirane deverá apresentar seus antecedentes: títulos profissionais, referencia de antecedentes de ensino e obras publicadas" ["el aspirante deberá presentar sus antecedentes: títulos profesionales, nómina de antecedentes en enseñanza y obras publicadas"].

título de inventário de sua trajetória (Inst. De História argentina Emilio Ravignani, 1947), o documento reúne uma série de episódios desse contexto que, tomados em seu conjunto, ajudam a perscrutar as tensões institucionais que venho rastreando. Rivarola, antigo decano da Faculdade de Direito, assume o reitorado em abril de 1945 – portanto após a primeira intervenção - e fica até 1946, ano da intervenção permanente. Rivarola foi eleito por assembleia de pares, tendo por opositor Bernardo Houssay. Já na inauguração dos cursos universitários de 1945, Rivarola dedica-se a falar em nome da unidade de todas as universidades argentinas, reiterando a unidade de todas as faculdades e alertando para que elas não funcionem apenas como "casas de estudos justapostas" (RIVAROLA, 1947, p. 47¨)[465]. Em defesa de outro ponto clássico das estruturas universitárias, a autonomia, Rivarola pontua, nessa ocaisão, que defende-la não significa advogar um Estado dentro de um Estado, mas, ao contrário, "essa autonomia significa o direito ao seu próprio governo dentro da lei e do estatuto; o direito de ditar planos; o direito de ser ela e não outra autoridade que nomeia e separa os professores; que seja ela e não outra autoridade que julga o uso da liberdade acadêmica" (idem, p.48)[466]. Rivarola segue afirmando, ao longo do discurso, a função profissional da universidade, sem deixar de pontuar que a superpopulação universitária vem a ser um impecílio para que se formem, afinal, os vocacionados. Ele percebe que a universidade se encontra em processo progressivo de democratização e que tal situação gera um novo quadro no qual "todo assunto, todo estudo, de qualquer natureza, pode alcançar o grau de estudo universitário" (RIVAROLA, 1947, p. 55)[467]. Se é assim, segue o conciliador Rivarola, a função política da universidade é aquela que se desenvolve no sentido de interesse pela coisa pública, em comunhão com o melhoramento nacional e o fortalecimento da consciência da unidade latino-americana. Em seus termos, "Se a universidade limitasse sua ação à tarefa educacional ou científica, sofreria de insuficiência em relação a seus objetivos: a democracia é a essência de nossas instituições; deve ser a essência da educação em todos os graus, ilustrar seu conteúdo e inspirar seus propósitos" (idem, p.60)[468]. O fim de sua fala alinha-se, como veremos na sequencia do argumento, com a concepção de universidade que então se implantava pelo peronismo. A finalidade da universidade seria, nessa linha

[465] "casas de estúdios yuxtapuestas" (RIVAROLA, 1947, p. 47).

[466] "esa autonomia significa el derecho a su próprio gobierno dentro de la ley y del estatuto; el direcho a dictar planes; el derecho a ser ella y no otra autoridade quien nombre y separe los professores; de ser ella y no otra autoridade quien juzgue sobre el uso que se haga de la libertad de cátedra" (idem, p. 48).

[467] "todo assunto, todo estúdio, de cualquier naturaliza, puede alcanzar el grado de estúdio universitário" (RIVAROLA, 1947, p. 55).

[468] "Si la universidad limitara su acción a la tarea docente o científica, adolecería de insuficiência com relación a sus fines: la democracia es la esencia de nuestras instituciones; debe ser esencia de la educación em todos los grados, ilustrar sus contenidos e inspirar sus finalidades" (idem, p. 60).

> fortalecer o espírito cívico do povo, fortalecer sua fé e amor ao país, a Constituição Nacional e as instituições democráticas que são suas conseqüências; inculcar o sentimento de dignidade moral, educar e instruir sobre o uso da liberdade e o valor do indivíduo nas coletividades republicanas, para afirmar a consciência da unidade americana (RIVAROLA, 1947, p.67)[469].

Essa universidade patriótica defendida por Rivarola em 1945 parece ser, se observamos a sequencia do documento – a Conferência de Reitores, em 1945, em Buenos Aires – o limite das concessões que aqueles acadêmicos estavam dispostos a fazer em nome da normalização do funcionamento institucional. Na ocasião da conferência, o tom das alegações em oposição ao peronismo é menos conciliatório: "é indispensável que elas [as universidades] não sejam ilhas de normalidade na Republica e que exista legalidade tanto dentro quanto fora da universidade" (RIVAROLA, 1947, p. 144)[470]. O consenso da reunião, conforme registro de Rivarola, é de que as universidades não podem permanecer silenciosas frente ao "problema institucional da republica", diagnóstico que é firmado, como manifestação oficial, pelos reitores das universidades de Cuyo, Córdoba, Buenos Aires, La Plata, Tucumán e Litoral. Assim, frente à situação de exceção em que ainda vigorava o regime de Perón, a Conferência "recomenda às Universidade que se suspenda toda sanção de reformas estatutárias até que o país volte à normalidade constitucional" (idem, p. 147)[471]. Além disso, pontua que as universidades devem elaborar comissões para avaliar a conduta de professores não-democráticos. Como plataforma de formalização dessas demandas, fica registrada a pretensão de organizar uma conferência de decanos e directores de Institutos para discutir a função científica da universidade (criação de fundos, gestão de publicações, intercâmbios culturais e a questão dos docentes *fulltime*, seu regime, condições, salários, aplicabilidade, criação de institutos de pesquisa e melhoramento dos que já existem, etc).

Se, por um lado, as concessões que Rivarola oferece no plano das finalidades da universidade se alinham à demanda peronista de nacionalização institucional, o mesmo não se pode dizer da gestão administrativa, da autonomia financeira e designativa, ponto no qual tanto Rivarola quanto os demais reitores não parecem dispostos a retroceder frente a ofensiva peronista. Em 26 de setembro, contudo, o reitor foi detido e também os decanos da faculdade de Ciências Exatas Físicas e Naturais, Agronomia, Veterinária e Ciências Econômicas da UBA.

---

[469] fortalecer el espiritu cívico del Pueblo, robustecer su fé y amor a la pátria, la Constitución Nacional y las instituciones democráticas que son su consecuencia; a inculcar el sentimiento de dignidad moral, a educar e instruir sobre el uso de la libertad y del valor del individuo em las colectividades republicanas, a afirmar la consciência de la unidad americana (Rivarola, 1947, p. 67).

[470] "es indispensable que ellas no sean islas de normalidad em la Republica y que exista legalidade tanto afuera como adentro de las universidades" (RIVAROLA, 1947, p. 144).

[471] "recomienda a las Universidades, se suspenda toda sanción de reformas estatutárias, hasta que el país vuelva a la normalidad constitucional" (idem, p. 147).

O conselho universitário, nessa ocasião, alegou que essas prisões eram nada além de uma sanção política às falas na Conferencia de Reitores e Decanos e presta solidariedade aos detidos, além de deliberar que tais medidas repressivas eram incompatíveis com o andamento das atividades de ensino e pesquisa. A reação do governo é imediata: "no dia 30, em sessão extraordinária, o reitor afirmou haver recebido nota do Ministro fazendo saber que diante no não reestabelecimento do trabalho dos docentes até o dia 4 de outubro, a universidade seria fechada" (RIVAROLA, 1947, p. 195)[472]. Diante da resistência dos reitores, o fechamento é decretado com assinatura do presidente General Farrell e seus ministros de educação pública e interior Antonio J. Benítez e J. Hortensio Quijano, mediante o que "os alunos ocuparam as casas como uma atitude simbólica de defesa da autonomia; foram despejados à força e levados, homens e mulheres, para as prisões. Assim também ocorreu com as autoridades e os professores "(idem, p.196)[473].

A suspensão das atividades docentes, segue Rivarola, obedecia a necessidade de não operar em situação de excesão diante da intervenção.

> Os fatos supracitados produziram em professores e alunos natural inquietude e angústia, criando assim um ambiente espiritual incompatível com o ensino e o estudo. Essa e não outra foi a razão que levou o Conselho a providenciar, como medida preventiva, a suspensão das atividades de ensino (RIVAROLA, 1947, p.199)[474].

Como requisito para que a universidade voltasse a funcionar, Rivarola firma o documento do conselho no qual lê-se que "a liberdade mais ou menos imediata de alguns dos afetados, sem interrogatórios e sem uma explicação que justificasse o procedimento legal dessas detenções, não poderia, evidentemente, mitigar essa situação" (RIVAROLA, 1947, p.199)[475]. Sobre a acusação do presidente de que as universidades teriam se tornado centros de agitação política, Rivarola retruca que basta que se olhe as estatísticas de frequência a seminários, laboratórios, cursos, conferencias e publicações "daí se deduz que não houve deformação da vida universitária, já que ninguém poderia considerar como tal o fato de se acreditar que é dever da universidade estimular o conhecimento e respeitar a Constituição Nacional" (RIVAROLA,

---

[472] "el dia 30 em sesión extraordinária el Rector informó haber recebido nota del Ministro haciendo saber que de no restablecerse la labor docente antes del día 4 de octubre se clausuraría la Universidad" (RIVAROLA, 1947, p. 195).

[473] "Los alunos ocuparon las casas em actitud simbólica de defensa de la autonomia; fueron desalojados por la fuerza y conducidos, varones y mujeres, a cárceles. También lo fueron autoridades y professores" (idem, p. 196).

[474] "los hechos mencionados produjeron em professores y alunos la natural y explicable intranquilidad y angustia, créandose así un ambiente espiritual incompatible con la enseñanza y el estúdio. Ése y no outro fue el motivo que indujo al Consejo a disponer, como medida preventiva, la suspensión de las actividades docentes (RIVAROLA, 1947, p. 199).

[475] "la libertad más o menos imediata de algunos de los afectados, sin interrogatórios y sin uma explicación que justificara la procedência legal de esas detenciones, no pudo, desde luego, atenuar aquella situación" (idem, p. 199).

1947, p. p.201)[476]. Defende, pois, a trajetória docente e cívica dos membros do conselho universitário. Em 4 de outubro, diante da não retirada da ameaça de fechamento e do fato de que outras arbitrariedades, como detenções, aconteceram em outras universidades, o conselho resolve manter sua paralisação, reivindicando, inclusive, o artigo 2 do regimento universitário de "ratificar o princípio de que, dentro do regime da organização jurídica das universidades, cabe apenas a eles resolver assuntos relacionados ao início, suspensão, retomada ou término das atividades de ensino" (idem, p. 203)[477].

Na seção extraordinária do Conselho em 16 de outubro de 1945[478], destaca-se a solidariedade de professores, estudantes e funcionários de todas as universidades do país frente a situação da Universidade de Buenos Aires. Diante da ofensiva peronista, inclusive na imprensa, Rivarola pondera que conselheiros e professores, dentre eles Ricardo Levene, estavam sofrendo sanções desproporcionais. É sintomático o depoimento de Ravignani, catedrático de História, no qual se lê que a invasão física da universidade destruiu, no Instituto de História, documentos, móveis e maquinas de fotocópia. À Continuação dessa sessão, no dia 20 de outubro, os professores resolvem voltar as atividades docentes. A situação, contudo, estava longe de resolver-se:

> Após as eleições de 24 de fevereiro iniciou-se, contra as universidades, de parte dos partidos triunfantes, uma campanha em jornais, discursos, manifestações, exigindo a intervenção das casas de estudo, sem fundações consistentes ou o apoio de funcionários ou professores cuja opinião conferiria desinteresse partidário e que poderia merecer respeito (RIVAROLA, 1947, p.239)[479].

Em 12 de abril de 1946 o conjunto de decanos da UBA lança uma nota apoiando o reitor Rivarola. Reconhecem que é preciso melhorar a universidade mas

> afirmar que [ela] tem visões aristocráticas e é ineficaz para a vida coletiva é distorcer ou ignorar a evidência e esquecer o que os progressistas argentinos devem aos seus homens na ciência, saúde pública, direito, letras e técnica, como prova o prestígio conquistado por ela no país e no exterior (RIVAROLA, 1947, p.242)[480].

---

[476] "de allí se deriva que no há existido deformación de la vida universitária, ya que nadie podría considerar como tal el hecho de que se haya creído que es deber de la universidad estimular el conocimiento y respecto de la Constitución Nacional" (RIVAROLA, 1947, p. 201).

[477] "ratificar el principio de que dentro del régimen de la organización legal de las Universidades, corresponde sólo a ellas resolver lo relativo a la iniciación, suspensión, reanudación o término de las actividades docentes" (idem, p. 203).

[478] Archivos de la Universidad de Buenos Aires, año 1945, pag. 1084

[479] "Luego de las elecciones del 24 de febrero, comenzó contra las Universidades, por parte de los partidos triunfantes, uma campaña em diários, discursos, manifestaciones, reclamando la intervención de las casas de estúdio, sin fundamentos consistentes ni el apoyo de funcionários o professores cuya opinión apareciera com desinterés partidário y que por ello pudiera merecer respecto" (RIVAROLA, 1947, p. 239).

[480] "afirmar que abriga miras aristocráticas y resulta ineficaz para la vida colectiva es deformar o ignorar la evidencia y olvidar lo que el progresso argentino debe a sus hombres em la ciência, la salud publica, el derecho, las letras y la técnica, como lo prueba el prestigio conquistado por ella em el país y em el extranjero" (RIVAROLA, 1947, p. 242).

O ato final da resistência institucional de Rivarola é paradigmático. Apelando aos vínculos extra-oficiais que nutria com o então ministro de instrução pública, ele redige uma carta particular, datada de 26 de abril, onde se lê que "mais uma vez, e pela última, sugiro ao meu antigo colega de turma, que por tantos anos teve na mão o mastro da justiça - e por essa mesma razão - uma nova meditação, certamente não, posso jurar, pelo meu particular interesse" (RIVAROLA, 1947, p.243)[481]. No dia 30 de abril é declarada a intervenção e é nomeado o interventor Oscar Ivanessevich, apesar dos insistentes protestos de Rivarola que era, àquela altura, um dos poucos que ainda resistia desde a cátedra ao avanço dos peronistas. Na ocasião da intervenção, em 1946, vários professores são presos, estudantes perseguidos e começam as aposentarias e exílios: 433 professores caçados, 820 renuncias, constituindo um terço do total (BUCHBINDER, 1997; DONGHI, 2012, SIGAL, 1996)[482].

Em 1946 já é notável, portanto, o esvaziamento do corpo docente, que se acentua em 1947, com a lei 13.031, a partir da qual fica estabelecido formalmente o fim da autonomia universitária e da participação estudantil. Essa lei criava o Consejo Nacional Universitário, constituído pelos reitores e presidido pelo ministro da justiça e instrução publica. Além dessa centralização administrativa, a disposição exigia um certificado de "boa conduta" de alunos e professores e proibia atividades políticas e buscava, em termos que depois se tornariam canônicos, "argentinizar" a universidade. Nos termos de Buchbinder (1997), o período que vai de 1946 a 1949 marca o soterramento de todos os vestígios da antiga reforma de Córdoba, muito embora, em não poucas ocasiões, os professores peronistas tenham reivindicado, e ressignifcado, esse legado.

Francisco Delich (1988), em balanço sobre a questão da universidade argentina, apresenta os seguintes dados acerca da expansão da universidade durante a década peronista: se, no período de 1910 a 1920 – segundo período de maior crescimento – o número de matriculados passa de 4130 alunos para 12.116, a década peronista registra um salto de 38.006 matriculados em 1940 para 80.292 em 1950 (*Matrículas en la universidad argentina: Departamento de Estadística. Centro de información, documentación y tecnologia educativa*). Apesar do crescimento material, a intervenção na autonomia universitária acaba por refrear as iniciativas mais modernas que se desenvolviam dentro dela. No caso das humanidades,

[481] "uma vez más, y ultima, sugiero a mi viejo compañero de aula, que tuvo tantos años em la mano la vara de la justicia – y por eso mismo – uma nueva meditación, no por ciero, puedo jurarlo, por mi interés particular" (RIVAROLA, 1947, p. 243).

[482] Conforme o estudo de Valeria Manzano (2017), a relação com os secundaristas era diferente, principalmente a partir da criação da UES (Unión de Estudiantes Secundaristas), que propiciou um amplo apoio mútuo entre o governo peronistas e cerca de 60% desses estudantes que filiaram à União.

notadamente, um círculo de professores católicos e vinculados oficialmente ao governo peronista é alocado nas antigas cátedras (NEIBURG, 1997).

A animosidade com Perón por parte dos intelectuais talvez seja um dos pontos mais clássicos do debate sobre o peronismo, condensado, no imaginário coletivo, pelo slogan *Alpargatas si, libros no*. Fernando Díaz Ulloque, por exemplo, em *Un pobre Hombre* (Democracya y Reforma, ano 1, n 3, 1945), um dos antiperonistas mais atuantes, ironiza as intensões intelectuais do novo regime, conclamando seus pares a uma espécie de condescendência bonachona para com Perón: a confusão é o estado permanente de sua alma, diz, motivo pelo qual

> de qualquer forma, espero que o leitor não interprete isso como uma sátira. Em essência, não é outra coisa senão um simples apelo à comiseração daquele pobre homem que sofre a tragédia de concentrar no seio de sua estrutura moral todas as fraquezas e misérias da natureza humana (1945, p. 133)[483].

Na sequência, qualifica da seguinte forma os atributos intelectuais do governante:

> O coronel (Perón) é um pobre homem, um daqueles muitos pobres que vivem no dramático confinamento de sua pequena alma, ignorando as vistas panorâmicas. É profundamente materialista, mas de um materialismo deformado, solidificado e concentrado em suas próprias paixões; suas idéias não estão impregnadas desse materialismo porque ele não tem ideal; ele apenas elucida ambições amorfas e toda a sua energia só se materializa em atividades descontroladas e em palavras vazias de concepções próprias (1945, p.132)[484].

Apesar da resistência, documentada por Fiorucci (2002), de amplos setores intelectuais, não se pode afirmar que o governo peronista não tenha levado a cabo uma política cultural exaustiva que continha, inclusive, sua própria teodiceia. Para essa concepção que se espraia pelos novos estatutos, a universidade humanista é aquela que busca uma verdade que ajude a viver uma vida moral. A radical pergunta sobre o sentido do ser pode ser condensada na fala do heideggeriano cordobês Carlos Astrada: "temos que retornar ao mito original, agarrarmo-nos à essência de nossa estirpe" (apud RUVITUSO, 2015, p. 138)[485].

Astrada é um personagem representativo do unvierso intelectual peronista. Sua trajetória ajuda a ter em mente que não há um vazio simbólico ou cultural a partir da saída de cena dos

---

[483] "En fin, espero que el lector no interprete esto como una sática. En esencia, no es outra cosa que un simple llamado a la conmiseración por aquel pobre hombre que sufre la tragédia de concentrar, en el seno de su estrutura moral, todas las debilidades y misérias de lar aza humana" (1945, p. 133).

[484] "El coronel (Perón) es un pobre hombre, uno de esos tantos pobres hombres que viven em el dramático encierro de su alma pequena, ignorando en absoluto las visiones panorâmicas. Es profundamente materialista, pero de um materialismo deforme, solificado y reconcentrado en sus propias pasiones; sus ideas no están impresgnadas de esse materialismo porque él no tiene ideal; él sólo elucubra ambiciones amorfas y toda su energia sólo se concreta en actitiudes incontroladas y en palavras vacías de concepciones propias" (1945, p. 132).

[485] "tenemos que retornar al mito originário, afincarnos en la esencia de nuestra estirpe" (apud RUVITUSO, 2015, p. 138).

professores não peronistas (FIORUCCI, 2001, 2002). Sua filiação teórica, inclusive, o aproxima de uma tradição bastante ampla de pensadores que apoiaram Perón, notadamente a partir da formulação de uma síntese entre a filosofia existencialista alemã e as demandas nacionalistas da nova proposta de universidade

> onde a nação é erigida na forma de mito, é pensada como uma nova unidade política que trama a vontade coletiva transcendente em um signo muito peculiar. Nessa perspectiva, Astrada concebe a nação como o impulso vital fundamental que possibilitará enfrentar o vácuo ontológico em que o futuro é abismal "(IPAR in GONZALEZ, 2000, p.286)[486].

A nação como historicidade, como mito que se move em direção ao passado, é o mote central dessa perspectiva. Astrada é conhecido por formular, inclusive, no plano teórico, o que se consolidou depois como a "via peronista", a "terceira posição":

> Não há filosofia sem nacionalidade, porque esta é uma exigência do pensamento para que este enredo anterior seja simultaneamente superado e transcendido como um substrato histórico original, e assim constitua o universal sem negar sua própria particularidade. É um universo de filosofia e nações, que é moldado pela inter-relação das filosofias nacionais. Cumpre assim a filosofia de uma missão que não lida com a busca de origem pela falta de garantias, mas de reconhecimento. Através da filosofia um homem é reconhecido em sua comunidade e uma nação no espectro das nações (em GONZALEZ, 2000, p.308-309)[487].

Os pressupostos de Astrada – a liberdade radicada no dever-ser, o ser nacional como pergunta inicial e a realização da humanidade como meta final - estão radicalmente de acordo com os famosos termos nos quais perón encerrou o congresso de filosofia de Mendoza, em 1949. Assim define Téran a anuência de Astrada em relação às teses apresentadas por Perón: "Em resumo, a logística do positivismo lógico, e todas as suas proliferações, produtos e subprodutos, são a expressão superestrutual de um mundo periclitante" (TERÁN, 2004, p. 73)[488]: trata-se, mais uma vez, de apossar-se do diagnóstico do "mundo em crise". Na ocasião de Mendoza – fundamental pelo pioneirismo em reunir, após a segunda guerra, filósofos e escritores de países litigiosos – Perón oferece uma conferência na qual tenta estabelecer as bases de sua doutrina filosófica e sociológica. Tratava-se, em seus termos, de oferecer "uma ideia

---

[486] allí donde la nación se erije bajo la forma del mito, es pensada como una novedosa unidad política que trama la voluntad colectiva trascendente de un signo muy peculiar. Desde esta perspectiva, Astrada concibe la nación como el impulso vital fundamental que permitirá hacer frente al vacío ontológico en que se abisma el futuro" (IPAR in GONZALEZ, 2000, p. 286).

[487] "No hay filosofia sin nacionalidad, pues esta es requisito del pensamiento para que esa trama previa a la vez sea superada y trascienda como substrato histórico original, y así constituir lo universal sin negar la própria particularidad. Se trata de un universo tanto de la filosofia como de las naciones, que se conforma en la interrelación de las filosofias nacionales. Cumple así la filosofia una misión que no trata de la búsqueda del origen mediante la falta de garantias, sino de un reconocimiento, mediante la filosofia un hombre se reconoce en su comunidade y una nación en el concierto de las naciones" (in GONZALEZ, 2000, p. 308-309).

[488] "En síntese, la logística del positivismo lógico, y todas sus proliferaciones, produtos y subproductos, son la expresión superestrutctual de un mundo que periclita" (TERÁN, 2004 p. 73

sintética de base filosófica, sobre o que representa sociologicamente nossa terceira posição" (PERÓN in Memória del Congreso de Mendoza, 1949, p.1)[489].

Acompanho o argumento de Perón com o intuito de matizar de que forma e em que grau as reverberações filosóficas de suas teses estão em harmonia com sua proposta institucional de uma universidade "a serviço da nação", e que esteve na base, por assim dizer, das políticas de intervenção que marcaram sua gestão. Conforme pontua Romero, ao caráter essencial da pátria correspondem, numa leitura desse cariz, três compromissos distintos: "de respeito ao passado, de ação comum no presente e de responsabilidade de melhora material e espiritual no futuro (...)" (2004, p. 131)[490]. Perón salienta que condensará, em sua fala, opiniões partilhadas pela maioria do povo e, àquela altura – auge de sua popularidade – amplamente incorporadas à Constituição Nacional. Perón não separa a política do conhecimento, desde que se trate, evidentemente, de política aceitável, a peronista. Em seus termos, "não pode haver, a este respeito, qualquer divórcio entre pensamento e ação, enquanto a sociedade e o homem são confrontados com a mais profunda crise de valores já registrada" (PERÓN, 1949, p.3)[491]. Reunir a ação do pensamento com a vida dos povos, prossegue, seria seu modo de mitigar o ônus do virtuosismo técnico que reduziu as expectativas íntimas dos homens. "A grande necessidade do pensamento filosófico consiste, portanto, em esclarecer esse caminho, em ajustar, diante da expectativa do homem, o progresso material com o espiritual" (PERÓN, 1949, p.5)[492]. A filosofia que chega a partir de Comte, discursa, está totalmente afastada do ideal grego, o que denota sua profunda superficialidade, "o homem deve ser dignificado e colocado no caminho para obter seu bem-estar, ele deve antes de tudo ser qualificado e reconhecido em suas essências" (idem, p.8)[493].

A ciência, segue Perón, não dá conta de orientar e conter os homens em momentos de crise: "é necessário que os valores morais criem um clima de virtude humana capaz de compensar em todos os momentos, juntamente com o que foi ganho, o que é devido. Nesse

[489] "una idea sintética, de base filosófica, sobre lo que representa sociologicamente nuestra terceira posición" (PERÓN, 1949, p. 1).
[490] "de respecto hacia el pasado, de acción comun en el presente y de responsabilidade de mejoramiento material y espiritual hacia el futuro (...)" (2004, p. 131).
[491] "no puede existir a este respecto divorcio alguno entre el pensamiento y la acción, mientra la sociedade y el hombre se enfrentan con la crisis de valores más profunda acaso de cuantas su evolución ha registrado" (PERÓN, 1949, p. 3).
[492] "El gran menester del pensamiento filosófico puede consistir, por conseguiente, en desbrozar ese camino, en acompasar ante la expectación del hombre el progreso material con el espiritual" (PERÓN, 1949, p. 5).
[493] "el hombre ha de ser dignificado y puesto en camino de obtener su bienesta, debe ser ante todo calificado y reconocido en sus esencias" (idem, p. 8).

aspecto, a qualidade reafirma seu sentido de efetividade" (PERÓN, 1949, p.9)[494]. Sua filosofia pretende construir, efetivamente, um muro contra a desordem, fomentando um estado de concórdia e colaboração no qual finalmente se veria que a máxima do "homem lobo do homem" é apenas uma intromissão da razão que leva ao pessimismo. A educação moral, pois, para vencer o rancor e estimular o sentimento de comunidade, condensava-se sobretudo numa reivindicação ética "para a vida pública isso significa a ordem, a ação e o uso feliz da liberdade" (idem, p. 11)[495]. A transformação do *yo* en *Nosotros* não opera, pois, como extermínio da individualidade, como enxergavam seus críticos mais ferozes, literatos clássicos vinculados aos circuitos privados de produção da cultura, mas, ao contrário, como reafirmação dessas em sua função mais genuína, que é coletiva. Sem moral, finaliza, o espírito sucumbe diante do agigantamento técnico.

Também nessa ocasião é importante salientar o potencial polissêmico da narrativa da crise. Freeden (2017), em comentário sobre o alerta de Koselleck acerca do uso inflacionado do conceito, nota que "a permanência da consciência da crise em nosso cotidiano, em nossas vidas imediatas, faz com que estejamos imersos em sentimentos e insinuações de crise ao invés de perceber a história como uma sequência de crises" (2017, p. 15)[496]. A possibilidade do uso ordinário do termo e, sobretudo, de sua ideologização, permite que o discurso de Perón em Mendoza, tal como o de Ingenieros na virada do século e, ainda, de um ponto de vista teoricamente distante, o dos espiritualistas como Mallea, comunguem na reiteração desse espaço de entendimento. Há muitos modos de perfomar a crise (FREEDEN, 2017), e ela certamente possui sentidos distintos para um liberal (bloqueio do potencial humano), para um conservador (perda de controle) ou para um socialista (momento de ruptura). O caso do evento de Mendoza ilustra a enorme possibilidade comunicativa dessa narrativa. Os presentes no evento, dentre eles Carlos Castañeda (Universidade do Texas), Arturo Conte (Liceo Scientifico de Acquila), Raymond Bayer (Sorbonne), Benedeto Crocce (Napolis), Hans Georg Gadamer (Goethe Institut), Ernesto Grassi (Universidade de Munique), Karl Jaspers (Un. Basel), Gabriel Marcel e Bertrand Russell (Universidade de Cambridge), acolheram com entusiasmo as palavras do presidente. É interessante observar que, entre as propostas de comunicação, domina a perspectiva existencialista e, mais precisamente, a referência à Martin Heidegger, filósofo alemão que, embora convidado, foi obrigado a negar a visita, impedido pela tutela francesa.

---

494 "es preciso que los valores morales creen un clima de virtude humana apto para compensar en todo momento, junto a lo conquistado, lo debido. En esse aspecto, la cirtud reafirma su sentido de eficácia" (PERÓN, 1949, p. 9).
495 "para la vida pública eso significa el orden, la acción y el uso feliz de la libertad" (idem, p. 11).
496 "the permanence of awareness of crisis in our every day, inmediate lives and to be inmersed in feelings and intimations of crisis rather than a perceive history as a sequence of crisis" (2017, p. 15).

Heidegger havia sido, além de mentor de uma geração de filósofos alemães, espanhóis e, em alguma medida, franceses, reitor da Universidade de Friburgo durante o período nazista.

Não apenas fortuitamente, a referência à Martin Heidegger dominou o tom dos debates do evento. Conforme Ruvituso, "os professores filosóficos que conduziram as disputas filosóficas em torno de Heidegger, no contexto do primeiro peronismo, iniciaram suas trajetórias acadêmicas no início do século e no clima renovador do antipositivismo" (2015, p.48)[497]. A aproximação com o existencialismo de corte alemão – especialmente com Carlos Astrada – não é de todo estranha, desse modo, à proposta peronista. Vale a menção, no mesmo sentido, à comunicação apresentada por Alfredo Povina, o antagonista canônico de Germani, na ocasião do Congresso. Intitulada "La idea de Comunidad", versava sobre uma das formas clássicas da sociologia alemã:

> A forma mais natural e orgânica de expressão de qualquer relação inter-humana é a Comunidade, entendida como o agrupamento coletivo que tem entre seus elementos constituintes um laço obrigatório de natureza espontânea e natural. Nenhuma forma de agregação anterior à Comunidade é concebida, e nela reside, em suma, a sociedade Homens, é bem conhecido, não vivem ou não podem viver em isolamento, mas em grupos, sejam naturais, espontaneamente formados, ou artificial, teleológica, procurada pelos mesmos homens para a melhor satisfação de seus interesses, daí surgem as duas formas supremos de agrupamento e organização das sociedades humanas: 1. Comunidades e 2. Associações. Esta divisão é agora admitida, em geral, implícita ou explicitamente, por toda a sociologia contemporânea, a partir de Tönnies, que a estabeleceu em sua conhecida obra: Gemeinschaft und Gessellschaft, publicada em 1887[498] (Actas del Congreso... 1949).

De um ponto de vista menos acadêmico, vinculado à ampla tradição extra-universitária que esta tese vêm rastreando, Eduardo Mallea, outro protagonista dessa visão trágica, também contribui para a conformação desse repertório com seu aclamado *História de una pasión argentina*, onde lê-se que "em nossa origem natural está potencialmente contida nossa evolução, se perdermos a memória, isto é, a ciência de nossa origem interior - o que podemos

---

[497] "los profesores de filosofia que protagonizaran las disputas filosóficas en torno a Heidegger, en el contexto del primer peronismo, habían comenzado sus trayectorias académicas a princípios de siglo y en el clima renovador del antipositivismo" (2015, p. 48).

[498] "La forma de expresión más natural y orgánica de toda relación interhumana es la Comunidad, entendida como el agrupamiento colectivo que tiene entre sus elementos componentes un vínculo de unión de carácter espontáneo y natural. No se concibe ninguna forma de agregación anterior a la Comunidad, y en ella reposa, en definitiva, la sociedad.Los hombres, es bien sabido, no viven ni pueden vivir aislados, sino en grupos, ya sea naturales, formados espontáneamente, ya sea artificiales, teleológicos, buscados de intento por los mismos hombres para la mejor satisfacción de sus intereses.De ahí surgen las dos formas supremas de agrupamiento y organización de las sociedades humanas: 1. Las comunidades y 2. Las asociaciones. Esta división está hoy admitida, en general, implícita o explícitamente, por toda la sociología contemporánea, a partir de Tönnies, quien la estableció en su obra tan conocida: Gemeinschaft und Gessellschaft, aparecida en 1887" (Actas del Congreso... 1949).

ser além de um otimismo errante?" (MALLEA, 1961, p.19)[499], nascer, afinal, é seguir nascendo. Tudo se passa como se a Argentina tivesse se afastado do sentido de sua marcha interior: nos imigrantes da nova geração, ao contrário dos primeiros do tempo de Sarmiento, vê-se a face dessa decadência. É em Buenos Aires, lendo Nietzsche, Kierkegaard e Holderin que Mallea sente a necessidade de buscar a Argentina profunda, invisível, em oposição àquela representada pela monotonia gélida da capital[500]. A argentina invisível, interior que, em ultima instância, refere-se a um "estado especial, ao estado de um homem argentino eticamente muito definido, que se assemelha a si mesmo, até que se identifique de maneira surpreendente com eles, com o clima próprio, a forma, a natureza da terra argentina" (1961, p.89)[501].

> Eu conheci alguns homens em quem a concepção de grandeza tinha um alcance puramente individual, mas aqueles homens não eram realmente grandes. Eram grandes egoístas, grandes cínicos, ilimitados igualitaristas, ilustres neuróticos que, apesar de si mesmos, tocaram a alma coletiva com o eco do monstruoso desrespeito de seus corações. Os outros, os realmente grandes, os humanamente grandes, não ambicionaram satisfazer seu apetite por elevação, mas em ver levantados até o ponto de uma concepção pura e geral da espécie a realidade contemporânea, sempre inferior a seus sonhos; esses homens não pensaram, viveram, sentiram por si mesmos, mas pela raça humana no sentido de aspirar a tornar a vida menos dolorosa; Eles têm vivido em uma humanidade que é menos dolorosa, mais livre e similar em termos terrestres ao que ela pode conceber na ordem do pensamento. Os outros, que pensam apenas em termos de ordens mais ou menos metafísicas, desentendendo-se com o destino temporal dos homens e felicidade no vale da vida, sempre me pareceram os piores cristãos, os piores talentos, os piores homens, seja o que for o nível de sua lógica e o alcance teórico de seu intelecto (MALLEA, 1961, p.105)[502].

---

[499] "En nuestro origen natural está potencialmente contenido nuestro devenir, si perdemos el recuerdo, o sea la ciéncia, de nuestro origen interior – qué podremos ser más que un optimismo errabundo?" (MALLEA, 1961, p. 19)

[500] Gloria Cucullu, in Marsal (1970), detalha esse estereótipo do escritor latino-americano. Dentre os valores espirituais que preza essa figura tipológica estariam a preocupação idealista, a beeza, o ócio, o ancestral, o romantismo. Dentre os valores materiais que consideram cois de filisteu estariam insensibilidade em relação ao passado, oportunismo, comercio, corrosão das relações pessoais e trabalho técnico. Duas das figuras clássicas da encarnação desse arquétipo seriam Ricardo Rojas e Mallea, a quem Marsal chama de platônico.

[501] "estado especial, al estado de un hombre argentino eticamente muy definido, que se parece, hasta identificarse en modo assombroso con ellos, al clima próprio, la forma, la naturaleza de la tierra argentina" (1961, p. 89).

[502] "Yo he sabido de algunos horabres en quienes la concepcion de la grandeza tenia un alcance puramente individual, pero esos hombres no eran en verdad grandes. Eran egoístas geniales, grandes cinicos, ilimitados eg61atras, neur6ticos ilustres que a pesar suyo llegaron alguna vez a conmover el ammo colectivo con el eco de la prescindencia monstruosa de sus corazones. Los otros, los realmente grandes, los humanamente grandes no han ambicionado para colmar su apetito de elevacion sino poder ver levantada hasta la medida de una concepcion pura y general de la especie la realidad contempordnea, siempre inferior a sus suenos; estos hombres no han pensado, vivido, sentido para si, sino para el genero humano en el sentido de aspirar a que fuera menos doloroso el vivir; han soiiado en una humanidad menos doliente, mas libre y mis parecida en lo terrestre a lo que ella misma puede concebir en el orden del pensamiento. Los otros, los que piensan solo en términos de ordenes mas o menos metafisicos, desentendiendose del destino temporal de los hombres y de su felicidad en el valle de la vida, me han parecido siempre los peores cristianos, los peores talentos, los peores hombres, fuere cual fuere. el nivel de su 1ógica y el alcance tedrico de su intelecto" (MALLEA, 1961, p. 105).

Muito embora não se trate de uma aproximação contextual, a ideia de "enraizamento comunitário" operava, tal como em Mallea (opositor do peronismo), como em Astrada, nas premissas da simbologia peronista, e o elo era precisamente a referência à tradição alemã. No mesmo tom, em 1933, em *Auto-afirmação da universidade alemã*, o professor Heidegger elaborava uma conclamação à professores e alunos ao projeto da universidade hitlerista. A autodeterminação, afirmava então, ajuda a *sermos o que devemos ser*. Na essência da universidade alemã, segue, está um povo que sabe a si mesmo no seu Estado. "Toda a ciência é filosofia, quer ela o saiba e queira, quer não". O pensamento técnico-matemático afastou a ciência de sua origem, de sua essência, mas ela resiste, pois é maior. É preciso, pois, retomar a grandeza desse início, "se nos conectarmos com a ordem longínqua do início, a ciência terá de se tornar um acontecimento fundamental de nossa existência espiritual-popular". Esse poder de conservação é diferente de "superestrutura cultural", ele é profundo, ligado a forças "de terra e de sangue", afinal, "só um mundo espiritual garante a um povo a grandeza". Dar essa lei a si é liberdade, não a falsa liberdade acadêmica. Assim, argumenta o professor Heidegger, os estudantes alemães deveriam vincular-se, respectivamente, a: comunidade do povo, honra e destino da nação, encargo espiritual do povo alemão. "Mas nós queremos que o nosso povo cumpra o seu encargo histórico. Nós queremo-nos a nós mesmos. Pois a nova e a mais nova força do povo, que passa por cima de nós, já decidiu isso. Toda grandeza está na tormenta". Em detrimento da polêmica em torno do engajamento de Heidegger no regime nazista – alimentada pelo fato de que ele não se desculpou oficialmente, como outros o fizeram, pela sua participação na universidade nazista e pela recente divulgação de seus *black notes* – a aposta desta tese é de ater-se às leituras que se operaram no campo de recepção, a Argentina dos anos 1940 e que diz respeito, sobretudo, às demandas dos intelectuais peronistas: a permeabilidade ao tipo de filiação teórica que facultava esse setor do pensamento germânico. Interresa, pois, no caso desta discussão, pensar de que modo a referência ao filósofo alemão circulava na argentina e pôde funcionar para as demandas internas de legitimação simbólica. Nos termos de Ruvituso,

> o que atraia em sua filosofia era a afirmação de que as condições de possibilidade da pergunta existencial só poderiam ser investigadas a partir da própria experiência no mundo, a partir da própria cultura ou do próprio horizonte, e nunca por meio da abstração lógica formal "(2015, p.107)[503].

Acionando Louis Pinto (2009), o pensamento de Heidegger tinha, nesse contexto, alto grau de "transportabilidade". Vale lembrar, nesse sentido, que o discurso nacionalista de Perón

[503] "lo que atraía de su filosofia era la afirmación de que las condiciones de posibilidad de la pregunta existencial, solamente podrían ser investigadas desde la propia experiencia en el mundo, desde la propia cultura o el próprio horizonte, y nunca por medio de la abstración logico formal" (2015, p. 107).

também recupera, varetroativamente, as formulações do nacionalismo da década de 1930, amplamente inspiradas, conforme capítulo 1.3., na circulação de referências espanholas e alemãs como Ortega y Gasset.

A sensação de crise, a angustia, a *insetificação* que vem do homem esvaziado de espírito: todo esse repertório que, conforme tenho indicado, perpassa um setor importante do pensamento alemão que então circula na Argentina, são componentes do discurso que proferiu em Mendoza. Conforme aponta Neiburg, recuperando o argumento de Mario Amadeo, tudo se passa como se o peronismo tivesse enfim revelado a crise, colocando frente a frente as "duas Argentinas" (NEIBURG, 1997). Para reabilitar a Argentina profunda, a náusea é afastada do universo peronista, torna-se prerrogativa do dândi ensimesmado, em seu afetado *spleen* que, nos termos de Benjamin, precisamente "é o sentimento que corresponde a catástrofe em permanência".

Em análise clássica sobre os 'fundamentos discursivos do fenômeno peronista', Sigal e Verón (2003) notam que Perón construiu, tanto em 1943 como em 1973, o discurso de 'alguém que chega': em 73 chega do exterior, em 43 chega do quartel, ambos espaços "extra-políticos", o que o possibilitou estabelecer uma dupla relação entre, de um lado, uma marcada exterioridade em relação ao povo e, por outro, por uma relação de conotações messiânicas, na medida em que "aquele que chega de um exterior absoluto, que pede a seu povo confiança e fé porque suas obras falarão por ele, e que concebe sua chegada como o estrito cumprimento de uma missão superior, o bem da pátria, não é, em efeito, nada mais nada menos que um redentor" (2003, p. 37)[504]. Por elementos dessa natureza, inclusive, a política é alocada no terreno da negatividade, como aquilo que permitiu a decadência argentina e que impedia a verdadeira e autêntica relação que se estabelecia, a partir do próprio Perón, entre povo, pátria e Estado. Seu compromisso, nesse sentido, não se vincularia a nenhum projeto político, mas a um projeto patriótico, transcendental.

> Já Martin Fierro havia dito todas as coisas que se passam a um nativo abandonado por todas as mãos, menos pelas de Deus, apesar do que se costuma dizer. Todavia, essa afirmação segue sendo repetida desde então sem que ninguém encontre um modo de como encarar o problema e dar a esse argentino autêntico uma existência melhor (PERÓN 28.06.44 apud Sigal e Verón, 2003, p. 61)[505].

[504] "Aquel que llega de un exterior absoluto, que pide a su pueblo confianza y fe, porque sus obras hablarán por él, y que concibe sul legada como ele stricto cumplimiento de una misión superior, el Bien de la Patria, no es, en efecto, nada más ni nada menos que un Redentor" (2003, p. 37).

[505] Ya Martín Fierro había dicho todas las cosas que le pasan al nativo abandonado de todas las manos, menos de la de Dios, a pesar de lo que se acostumbra decir. Sin embargo, esa afirmación se sigue repetiendo desde enconces hasta nuestros dias, sin que nadie acertara como debe encararse el problema de dar a esse argentino auténtico una mejor existência (in 28.06.44 apud p. 61).

O apoliciticismo de seu discurso, contudo, não significa uma ausência de compromisso propriamente dita: ao contrário, ao negativar o "político" em oposição à "unidade nacional", Perón remete-se à uma longa tradição de desvalorização do mundo da política, frequentemente associado à superficialidade e à exterioridade, em prol da valorização de uma ordem mais "básica" ou mais autêntica, ligada à própria condição existencial de 'ser' argentino[506]. A concepção que Perón apresenta de modo eloquente em Mendoza - e que Sigal e Verón diagnosticam em seus discursos públicos - é coerente com o corpo de ideias que orienta a implantação da universidade peronista, tanto em termos institucionais, curriculares como no que diz respeito às implicações do projeto de unificar peronismo, pátria e povo em uma mesma unidade de sentido. A associação do destino e da identidade argentina à instituição militar foi, conforme Romero (2004), um dos grandes motes da cultura escolar argentina. Conforme lembra Somoza (2006), Perón foi professor de História na Escola Superior de Guerra desde 1931 e seus manuais de estudo eram repletos de referências alemãs. Uma vez no governo, a prioridade recaiu no ensino básico, de modo a alinhar o currículo à uma ideia de formação que espelhasse a "terceira via" desenvolvida nos planos político e social. Em 1949, por exemplo, estabece o curso de formação política obrigatória para todos os níveis universitários. Em 1952 a intervenção peronista se torna ainda mais estrutural: trata-se do momento em que os pressupostos de sua "doutrina nacional" se organizam juridicamente. Formar o "homem argentino", afinal, requeria a segurança de uma doutrina de formação integral que envolvia não apenas as disciplinas clássicas mas, sobretudo, as disciplinas específicas (cultura, folclore, religião, etc). Somoza localiza, nos livros textos do quinto ano do ensino fundamental, por exemplo, a disciplina "sentido misional de la conquista de America" ou ainda, no mesmo ano, "Coragem, Fé, Hidalguia. Virtudes Cardeais do Cavaleiro Espanhol" ou no 6 ano "Os valores espirituais da Velha Europa retornarão no Novo Mundo" (SOMOZA, 2006, p.157-158)[507]. Perón subvertia, desse modo, não apenas a narrativa liberal da história argentina mas,

[506] Conforme notam Sigal e Verón "Perón consagrará, durante seus governos, a designação mais geral para abranger todos os não-peronistas: o anti-pátria. E a operação assim realizada terá pleno sucesso: durante anos, o país permanecerá dividido entre peronistas e anti-peronistas. Perón consegue assim privar seus inimigos de toda substância: estes serão definidos de maneira puramente negativa. E do ponto de vista do peronismo, ser contra Perón é, simplesmente, ser contra a própria Pátria. Esse é um aspecto central do que chamamos de esvaziamento do campo político" (2003, p.69). ["Perón consagrará, durante sus gobiernos, la designación más general para englobar a todos los no peronistas: la anti-Patria. Y la operación así realizada tendrá pleno éxito: durante años, el país permanecerá dividido entre peronistas y anti-peronistas. Perón consigue así despojar a sus enemigos de toda substancia: éstos se definirán de un modo puramente negativo. Y desde el punto de vista del peronismo, estar contra Perón es, simplemente, estar contra la Patria misma. Éste es un aspecto central de lo que hemos llamado el vaciamiento del campo político" (2003, p. 69)].

[507] "El coraje, la Fe, la Hidalguia. Virtudes cardenales del Caballero español" ou no 6 ano: "Los valores espirituales de la Vieja Europa retornaran em el Nuevo Mundo" (SOMOZA, 2006, p. 157-158).

efetivamente, imprimia ao revisionismo nacionalista dos anos 30 a marca de sua teodiceia particular. Nos termos de Romero, "de acordo com a visão romântica que informa essa versão, o povo era a expressão intocada da nação. Cresceu assim uma versão mais popular e plebeia do revisionismo delineada ainda nos anos trinta" (2004, p. 43)[508]. Conforme se lê no curso *Formación y cultura argentina*, de 1953, a percepção era de que nas universidades o espírito forâneo "está agachado por seus corredores e pelas ruas, e aproveita o máximo que pode para interromper esse acordo nacional com uma dissonância estrangeira; mas ele morre ali, envergonhado de seu próprio crime, já que o crime mais grave para um cidadão é trair seu país" (SOMOZA, 2006, p.19)[509]. Assim, o projeto peronista advogava por uma moral que pressuponha a realização do bem, e não do mal: é fundamental que o homem desapareça como entidade para reaparecer, no coletivo, como ente.

Com marcada coerência, portanto, as demandas pela busca do "ser argentino" se projetavam, institucionalmente, num projeto de universidade nacionalista. No decreto de intervenção de 1945, inclusive, (n. 3150. 10.02.1945) explicita-se que considerando que há uma "crise" na universidade e que tal situação exacerba a necessidade urgentemente de uma reforma, não seria mais possível, para o setor tradicionalmente alocado no ensino superior – as elites liberais, nos termos de Perón – camuflar a desvirtuação institucional que tomou conta dos quadros do ensino superior. Parecia fundamental, pois, a manutenção de um ambiente alheio a todo tipo de paixões e proselitismo, pois a autonomia universitária não está acima de sua obrigação de obedecer às leis que "os proíbem de abandonar seu trabalho científico, técnico e social, de se engajar em atividades políticas, com as lutas naturais que dissociam e apaixonam e a distância irrelevante de sua missão e sua razão de ser" (DECRETO DE INTERVENCIÓN, 1945, p. 248)[510]. As universidades em momentos de salto civilizatório como os que vivia o país sob seu governo, sugere Perón, devem servir ao interesse nacional. Por tudo isso, decreta-se a intervenção das universidades de Buenos Aires, Córdoba, La Plata, Litoral, Tucumán e Cuyo, mesmo diante da já mencionada resistência dos reitores e decanos, notadamente de Rivarola.

O projeto educativo de Perón não se restringia ao ensino superior, é importante lembrar. Em 1949, por exemplo, em documento oficial do currículo de ensino básico, Oscar

---

[508] "De acuedo con la tradición romântica que informa esta versión, el pueblo era la expresión prístina de la nación. Creció asó una versión más popular y plebeya del revisionismo, delineada ya en los años treinta" (2004, p. 43).

[509] "anda agazapado por sus corredores y por las calles, y aprovecha cuanto puede para interrumpir este acorde nacional con una dissonância foránea; pero muere allí, avergonzado de su próprio delito, pues el delito más grave para un ciudadano es traicionar a su pátria" (SOMOZA, 2006, p. 19).

[510] "les vedan abandonar la obra cientifica, técnica y social que les compete, para entregarse a actividades politicas, com las naturales luchas que disocian y apasionan y el irrepleable alejamiento de su misión y de su razón de ser" (248).

Ivannisevich, secretário da publicação e que depois terá papel importante como interventor no ensino superior, diz: "Vamos ensinar primeiro que as crianças aprendem a viver! Depois eles aprendem a conhecer! Deixe-os saber menos e pense mais! Deixe-os pensar menos e sentir mais!"[511] Fomentando a continuidade do sistema de ensino, o governo de Perón chega a instituir, em 1951, a Universidade Peronista, como alternativa à instituição que, em sua leitura, havia sido tradicionalmente vedada ao povo. O empreendimento, contudo, dura só 4 anos, o suficiente para elaborar, em seus planos, uma definição do que viria a ser uma sociologia peronista: "simples, prática, popular, profundamente cristã e profundamente humana" (SOMOZA, 2006, p. 296)[512]. [513]

Em 6 de agosto de 1946, na cerimônia de delegação do cargo de interventor nacional para Oscar Ivanissevich, a fala de Bustos, vice-interventor, é reveladora: ele sustenta que, até 1918, os quadros docentes se produziam e reproduziam por privilégios, em alguns casos obedecendo a lógicas totalmente anti-científicas. Retomando, pois, a memória do movimento de Córdoba, opera uma reformulação de seus termos centrais, alegando que o sistema de cátedras livres havia provocado nada além de anarquia e politização: "É assim que às vezes se começa a protestar pela nomeação de um professor e forma-se uma bola de neve que termina com uma greve nos antípodas e deixa como legado difamação e cinquenta discursos inflamados de ideologias extremas" (1946, p.10)[514]. Os docentes também não estariam cumprindo seu papel, o que o levava a ponderar "que o instrumento – a Lei – que permite essas anormalidades, necessita de alguma correção" (idem, p. 11)[515]. A recomendação profilática, portanto, passaria por restabelecer os "princípios autênticos" da reforma de Córdoba já que, em consonância com o projeto de integração peronista "primero está la pátria, y luego lo demás" Nesse sentido, a recomendação fundamental de despolitização construirá o slogan que condensa a relação do governo com o sistema universitário: é preciso terminar com a 'politiqueria' na unviersidade

[511] "Enseñemos primero que los niños aprendan a vivir! Despues que aprendan a saber! Que sepan menos y piensen más! Que piensen menos y sintan más!".
[512] "(...) simple, práctica, popular, profundamente Cristiana y profundamente humana" (296
[513] Em discurso na ocasião do encerramento do Primeiro Congreso de Filosofía de Mendoza, o próprio Perón sintetiza: "virtuoso para Sócrates era el obrero que entende, en su trabajo, por oposición al demagogo o a la masa inconsciente. Virtuoso era el sabedor de que el trabajo jamás desonra, frente al ocioso y al politiqueiro" (PERÓN, 1949, p. 26).
[514] "Es asi como ocorre a veces que se comienza protestando por la designación de un professor y luego se forma una bola de nieve que termina con una huelga em las antípodas y que deja como saldo un reguero de difamación y cincuenta discursos incendiários de ideologias extremas" (1946, p. 10).
[515] "que el instrumento – Ley – que permite estas anormalidades necesita alguna corrección" (idem, p. 11).

(ibidem, p. 22), a partir da Ley 13.150, que revogava a autonomia universitária consolidada pela Ley Avellaneda, ainda no fim do século XIX. [516]

Em 1947, com a aplicação da Lei 13.031, intitulada "Nuevo Régimen Universitário", a subsumição da universidade ao poder do estado é posta nos seguintes termos: "O problema da autonomia, como aparece levantado pelo reformismo, constitui para os deputados oficiais um falso problema: as universidades gozam de autonomia técnica, didática e científica, sendo esse o verdadeiro sentido do conceito de autonomia" (1947, p. 46)[517]. É, pois, em nome de uma concepção de autonomia universitária que não fere os princípios da universidade popular que Ivanissevich afirma, ainda na ocasião da posse de Bustos, que passa a vigorar "o espírito cristão e o propósito do engrandecimento da pátria" (1947, p. 4)[518]. A proposta de intervenção tinha, reitero, uma base filosófica, ao contrário do que quiseram fazer crer os detratores do regime, que consideravam a intervenção como a imposição de um vazio, um interlúdio ou, em suas formulações mais arriscadas, uma hipnose. As funções da universidade, por exemplo, estão amplamente inspiradas na filosofia de Ortega que circulava na Argentina já havia algumas décadas. As funções da instituição são quase reproduções textuais das prescrições do circunstancialista espanhol: a. transmissão da cultura, b. formação de professores, c. pesquisa, d. finalidade social. A universidade deve, pois, acompanhar a "altura dos tempos".[519]

Se esse período de intervenção contribui para escamotear a autonomia e o prestígio da instituição universitária de modo geral, em alguns setores o impacto é ainda maior como, notadamente, no campo das Letras e da Filosofia, na medida em que um amplo setor privado, que descrevo em seguida, capitaneia essa função. Nesse sentido, conforme salienta Diego Pereyra, o efeito das intervenções é a substituição do corpo docente, o que constituiu um dificultador, principalmente nas disciplinas das humanidades como a sociologia "A evolução institucional da sociologia também está ligada ao surgimento e à crise do peronismo, pois sua

---

[516] A fala de Ivanissevich apresenta, de forma sintética, as propostas da intervenção peronista para a universidade: fim do ensino verbalista, organização do acesso e progresso nas cátedras, exigir tempo e dedicação exclusiva do professor, atualizar o corpo docente tirando os dinossauros, os estudantes devem se dedicar a sua tarefa específica que é estudar, aparelhar melhor os institutos de pesquisa, intensificar o desenvolvimento da alta cultura, "la universidad debe dar comienzo a uma tarea que justifique su rol social" e, a longo prazo, construção de uma cidade universitária.

[517] "el problema de la autonomia, tal como aparece planteado por el reformismo, constituye para los diputados oficialistas un falso problema: las universidades gozan de autonomia técnica, docente y cientifica, siendo ese el verdadero significado del concepto de autonomia" (1947, p. 46).

[518] "el espiritu cristiano y el proposito de propender al engrandecimiento de la pátria" (1947, p. 4).

[519] Entre as propostas encontra-se o fim do ensino verbalista, "la enseñanza debe ser directa" (1910, p. 19), Organização do acesso e progressão nas cátedras, Exigência de dedicação exclusiva do professor, Atualização do corpo docente, tirar os "dinossauros", O estudante deve dedicar-se a sua tarefa específica: estudar. Para isso se fazia necessárioaparelhar melhor os institutos de pesquisa, intensificar o desenvolvimento da alta cultura, justificar socialmente o seu papel e, a longo prazo, investir na construção da cidade universitária.

constituição disciplinar está muito relacionada à tentativa de entender o peronismo do ponto de vista científico" (2005, p. 22)[520].

A resistência estudantil na universidade, conforme Califa (2014), se dava prioritariamente nos centros acadêmicos. O que importa destacar neste momento, contudo, é que se não é possível ignorar a resistência interna dos professores e alunos que permaneceram na universidade na época peronista, a maior parte dos intelectuais encontra, na esfera privada, um terreno relativamente seguro, e certamente mais autônomo, para a continuidade de suas atividades. Tanto as revistas como instituições como o CLES (Colégio Libre de Estudios Superiores) e a SADE (Sociedad Argentina de Escritores) protagonizam esses esforços, que serão abordados no próximo capítulo. Na síntese de Fiorucci, "A intelectualidade vernacular reagiu em sua maioria com uma mistura de estupor ao que lhes parecia a reivindicação da barbárie e como um prestígio do estabelecimento do fascismo no país" (2002, p. 01)[521]. Ser um intelectual peronista, nesse contexto, equivalia a confrontar-se com a rede de prestígio que operava na esfera privada.[522]

Dedico-me agora, portanto, a acompanhar esses dois movimentos concomitantes: a autonomização da esfera privada e, ao mesmo tempo, a divulgação do repertório de crise que a informa, notadamente aquele de matriz alemã. Isso será feito a partir de dois observatórios prncipais: inicialmente a partir da atividade extra-universitária de Gino Germani no CLES (Colégio Libre de Estudios Superiores) e na Editora Paidós e, num segundo momento, a partir da Revista Sur, dirigida por Victoria Ocampo. São, assim como tem sido as escolhas de recorte desta tese, escolhas heurísticas: a partir de sua posição dominante no cenário intelectual argentino, a proposta é delinear o quadro das outras trajetórias possíveis. Antes mesmo de que a sociologia pudesse advogar as prerrogativas funcionais e democráticas da ciência plebeia, afinal, é preciso manter em vista que a própria universidade, de onde ela pretende legitimar-se, era, em relação à esfera privada, a instituição plebeia por excelência, notadamente a partir da intervenção peronista. A avaliação publicada na Revista Contorno que inaugura esse capítulo será o arremate dessa tensão, cuja história agora apresento.

---

[520] "the institucional evolution of sociology is also connected with the emergence and crisis of Peronism as its disciplinary constitution is very much related to the booming attempt to understand Peronism from a scientific point of view" (2005, p. 22).

[521] "La intelectualidade vernácula reaccionó en su mayoria con una mescla de estupor a lo que se les aparecia como la reivindicación de la barbárie y como prestígio de la instauración del fascismo en el país".

[522] Retomando os termos de Bourdieu e Passeron, é numa condição tal em que se forjam dois mitos, igualmente ritualizados, o do animal de exames versus o diletante "A ilusão da aprendizagem enquanto fim em si mesmo cumpre com a aspiração à condição de intelectual, aprendiz eterno, mas apenas de maneira mágica, pois deve negar, para isso, os fins aos quais serve realmente a aprendizagem, a saber, o acesso a uma profissão, ainda que seja intelectual" (2013, p. 87).

3.2. A UNIVERSIDADE NAS SOMBRAS: O ESPELHO DOS ALEMÃES NA ESFERA PRIVADA

Em 1645, quando da fundação da *Royal Society*, em Londres, a designação informal da instituição era "colégio invisível" (COSER, 1968). Dos 96 membros fundadores da sociedade, a maior parte era leiga: aficionados, cavaleiros, barões e comerciantes. Apenas um terço dos fundadores, conta Coser, era composto pelo que hoje poderíamos chamar de "homens de ciência". Ancorados no uso prático que as ciências poderiam ter para a expansão comercial inglesa, o fato de que esses amadores se reunissem mensalmente para fazer e observar experimentos ajuda a delimitar o momento preciso em que, no caso inglês, a ciência se aproxima dos negócios. Dois séculos mais tarde, em Paris, era fundada a *Société de Gens de Lettres*, mais precisamente em 1838. Diferentemente do caso da *Royal Society*, a *Société* foi idealizada por um conjunto de "homens de letras", como Honoré de Balzac, Victor Hugo e Alexandre Dumas. Nesse caso, não se tratava de aproximar a ciência dos negócios; ao contrário, a ideia era que a sociedade funcionasse como plataforma de segurança jurídica e autoral para os escritores franceses. Apesar dessas diferenças fundacionais, tanto a *Société de Gens de Lettres* como a *Royal Society* possuíam uma característica comum: funcionavam no âmbito privado, e serviam para negociar com as autoridades – o Estado e eventualmente a Igreja – os espaços de autonomia cultural e científica de seus respectivos contextos. É a inspiração da Société parisiense que informa, segundo a ata de fundação, o nascimento do CLES (*Colégio Libre de Estudios Superiores*), instituição que funcionará, na Argentina dos anos peronistas, como rede de apoio mútuo e divulgação intelectual para os escritores e professores que haviam sido deslocados da universidade.

A trajetória do CLES (Colégio Libre de Estudios Superiores) pode ser analisada em relação à da SADE (Sociedad Argentina de Escritores, 1928), estudada por Flavia Fiorucci (2001). Em conjunto, elas ajudam a compreender o efeito da política peronista na cultura argentina das décadas de 1940 e 1950. Embora Jorge Luis Borges, quando na direção da SADE, em 1950, tenha qualificado-a como um dos poucos bastiões contra a ditadura, a atitude da Sociedade em relação à política era ambígua, tendo a instituição recusado-se, mais de uma vez, a interceder por seus membros presos durante o peronismo. Para Fiorucci (2001), o anti peronismo intelectual que informava a SADE é uma categoria que precede o próprio peronismo, aparente aporia que pode ser entendida a partir da hipótese de Neiburg (1997) quando afirma que o peronismo foi, dentre outras coisas, uma *forma* de discurso. A polarização, segundo Fiorucci, tem um marco importante na ocasião dos conflitos civis na Espanha, em 1936, e torna-

se incontornável diante da Segunda Guerra Mundial. Para a União Democrática[523], que abrigava diversos intelectuais vinculados à SADE, ao CLES e à revista Sur, Perón representava o fascismo, era a ameaça realizada. Frente a isso, a "guerra do espírito" só poderia ser travada a partir de instâncias culturais não oficiais. Nesse sentido, a criação de prêmios específicos, por exemplo, cumpria um papel de legitimação desses espaços. Capitaneam esse esforço, durante o peronismo, os diretores Ezequiel Martines Estrada (1946), Leonidas Barletta (até 1948), Carlos Alberto Erro (até 1950) e Jorge Luis Borges (até 1953). Vale notar que são personagens que transitam pelas três instâncias mais importantes de credenciamento cultural extra-universitário: a SADE, o CLES e a Revista Sur.

Se, portanto, no caso das universidades, a intervenção era ostensivamente acionada para evitar a politização das aulas e garantir que as instituições funcionassem em consonância com o projeto de governo, no caso das instâncias privadas a relação de heteronomia se mostrava menos rígida.[524] A maleabilidade relativa de instituições privadas como o CLES garantia, pois, uma margem de autonomia para os intelectuais críticos do peronismo. Conforme Sigal (1996), nesse sentido, a burocratização e a profissionalização da instituição universitária acabaram constrangendo os intelectuais à buscar outros tipos de organização, contribuindo, paradoxalmente, para seu fortalecimento enquanto grupo identificável. Inspirada também na *Société de Gens de Lettres* e, sobretudo, no *College de France*, a ideia norteadora do *Colégio Libre de Estudios Superiores*, CLES, era organizar uma tribuna livre, que abrigasse intelectuais das mais diversas posições no espectro político, unidos pela sobrevivência da posição de fala autônoma dinamizada pela circulação das revistas e das redes de conferências; nas páginas da ata de fundação, trata-se de fomentar "um saudável equilíbrio de tendências opostas" (CLES, 1925, p.1)[525]. Tomar o CLES como ponto de observação privilegiado da concentração intelectual em esferas privadas significa conferir a ele o papel que os próprios signatários da ata de fundação reivindicaram: uma instituição "nas sombras", "nem universidade tradicional, nem palanque de vulgarização"[526]. A iniciativa de criar uma

[523] A *Unión Democrática* foi uma aliança eleitoral levada a cabo em 1945 entre a Unión Cívica Radical, o Partido Socialista, o Partido Comunista e o Partido Demócrata Progresista, na intenção de fazer frente à chapa de Perón-Quijano que acabou se sagrando vencedora nas eleições de 1946.

[524] Lewis Coser nos lembra em Homens de Ideias que a Royal Society londrina era conhecida, inicialmente, como colégio invisível, muito embora, na fundação, a mensão mais direta em termos de inspiração institucional seja o College de France. Ver COSER, L. *Hombres de ideas. El punto de vista de um sociólogo*. Trad. Ivonne de la Peña. Ciudad de Mexico. Fondo de Cultura Económica, 1968.

[525] "un saudable equilibrio de tendéncias opuestas" (CLES, 1952, p.1).

[526] Conforme explicitado na ata de fundação: "A cultura superior na Argentinia tem por órgão a universidade oficial. Nessa, por razões distintas, predominou o espírito profissional. Embora seja certo que a partir de um grupo de pesquisador se criou uma corrente de busca desinteressada. O grupo de pessoas que firma essa carta pensou na conveniência de constuir um organismo isento de caráter profissional, destinado a contribuir ao desenvolvimento

instituição cultural paralela à universidade delineia-se, segundo seus fundadores[527], da seguinte maneira "Consistirá em um conjunto de cátedras livres, de assunto incluídos ou não nos planos de estudos universitários, onde serão desenvolvidos pontos especiais que não são aprofundados nos cursos gerais ou que escapam ao domínio das Faculdades" (CLES, 1952, p. 3)[528].

Criado em 1930 – momento que coincide com a primeira intervenção de Uriburu na universidade, é importante notar – o CLES se tranformará no grande dinamizador da cultura acadêmica argentina a partir dos anos 1940. Em 1945, por ocasião da exoneração de professores do ensino secundário, a instituição manifestou solidariedade em declaração firmada pelos seus diretores, bem como manifesta apoio aos primeiros professores que abandonaram suas cátedras na UBA.

> De um lado, o colégio procurava criar um espaço dedicado à cultura superior, a salvo da reação 'anti-reformista' que dominava a 'universidade oficial'. De outro, pretendia oferecer a camadas mais amplas da sociedade uma oportunidade de acesso a essa cultura superior. O primeiro objetivo tendia a preservar das lutas que se travavam no mundo da política um espaço de produção cultural; o segundo pretendia utilizar a cultura para fazer política (NEIBURG, 1997, p. 127).

Dentre os nomes que se vincularam ao CLES e participaram da sua rede estão alguns dos que, anos depois, quando da queda do regime peronista, voltariam às universidades e dariam início à sua remodelação. A composição híbrida dos cursos livres que ocorriam no âmbito do *Colégio* é rastreável a partir da heterodoxia dos docentes. Amado Alonso ministrou 9 cursos no período de 1931 a 1946, Vicente Fatone, 31 cursos entre 1934 e 1951, Jorge Luis Borges, 20 cursos, Luis J. Guerrero, 8 aulas, Ricardo Ortiz, entre 1938 e 1952, ministrou 20 cursos, Francisco Romero, entre 1931 e 1952, ministrou 48 cursos enquanto José Luis Romero (que depois seria reitor da UBA no contexto de sua remodelação), 33 cursos no período entre 1938 e 1951. Muito embora chame atenção a quantidade de professores universitários presentes nos quadros fixos da instituição, o critério para seleção dos colaboradores era

---

dos estudios superiores" (CLES, 1952, p. 3). ["La cultura superior en Argentina tiene por órgano a la universidad oficial. Em esta, por razones de diferentes índoles, há predominado el espiritu profesional. Si bien es cierto que merced a la labor de un núcleo de investigación se há creado una corriente de búsqueda desinteresada, El grupo de personas que firma esta carta há pensado en la conveniência de constituir un organismo exento de caráter profesional destinado a contribuir al desarrollo de los estudios superiores" (CLES, 1952, p. 3)].

[527] Ata de fundação, 20 de maio de 1930: Roberto Giusti, Carlos Ibarguren, Alejandro Korn, Narciso Laclau, Aníbal Ponce, Luis Reissing.

[528] "constará de un conjunto de Cátedras libres, de matérias incluídas o no en los planes de estúdio universitário, donde se desarrollarán puntos especiales que no son profundizados en los cursos generales o que escapan al domínio de las Facultades" (CLES, 1952, p. 3).

largamente informal, baseado em *notório saber*. Essa heterodoxia de recrutamento, somada às reduzidas possibilidades de trabalho dentro das universidades, promoveu um quadro *sui generis*, posteriormente analisado por Sigal: as trincheiras do anti-peronismo eram tão amplas que, no momento em que o oponente se desmaterializou, as divisões tornaram-se inevitáveis. Exemplo dessa heterodoxia o fato de que, ao mesmo tempo em que Borges ministrava cursos sobre Bernard Shaw, James Joyce e Franz Kafka, Gino Germani, apartado da universidade onde havia trabalhado com Levene no *Boletín* e no Censo de 1942, ministra um dos cursos mais concorridos do CLES, a saber, *Bosquejo de una psicologia social para una época de crisis*, em 1946. Os cursos eram, depois, publicados na revista *Cursos y Conferéncias*, vinculada ao Colégio.

A autonomia do CLES, contudo, embora fosse incomparavelmente maior que aquela encontrada na universidade, não estava estabelecida de modo absoluto, notadamente a partir do recrudescimento da política cultural peronista. Em 1951, após intimação oficial para que fechasse as portas, na cerimônia de encerramento da filial de Rosario[529], o discurso da instituição é revelador das difíceis relações mantidas com o governo peronista: "nunca a sombra do medo e da anarquia cobriu tanto o semblante dos colaboradores do *Colegio Libre*" (idem, p. 41)[530]. A partir de 1952, o CLES foi obrigado a descentralizar suas atividades, principalmente aquelas anteriormente sediadas em Buenos Aires. Alguns poucos anos depois, em 1955, grande parte da intelectualidade que retornou à universidade era egressa do *Colégio*, o que importa na medida em que, mesmo quando do retorno da normalidade institucional, os vínculos que se formaram no âmbito do CLES seguiriam operando fora dele. Nos termos de Neiburg, trata-se do papel estratégico da instituição que evidencia as "possibilidades de articulação decorrentes das características sociais de seus integrantes" (NEIBURG, 1997, p. 147).

Em paralelo a essa salvaguarda privada representada pela SADE e, em maior medida, pelo CLES, um amplo crescimento editorial marca os anos peronistas. Protagonista de um desses esforços, Gino Germani dirigiu, a partir de 1947, a coleção Psicologia Social e Sociologia (editora Paidós), de onde promoveu uma substancial atualização das referencias que circulavam entre o público letrado argentino, especialmente aquele interessado nos novos encaminhamentos da antropologia francesa e da sociologia norte-americana. O esforço editorial capitaneado por Germani tem uma função de divulgação, não só dos autores, mas de

[529] Para uma análise mais detalhada sobre esse processo e, especialmente, sobre a filial de Rosário, é possível consultar a obra de Neiburg (1997).
[530] "nunca la sombra del miedo y la anarquia cubrió el semblante de los colaboradores del Colegio Libre" (idem, p. 41).

um projeto de fôlego que ele pretendia implantar, e que passava pela modernização das referências e pela inserção da Argentina numa rede mundial de sociólogos.[531] Seu projeto editorial será analisado, neste momento, no intuito de mapear os caminhos pelos quais se divulgam novas visões sobre a Argentina a partir da restrição imposta às universidades.

Em 1946, ano de agudização da intervenção peronista na Universidade, Gino Germani passa a dedicar-se à *Biblioteca de Psicologia Social y Sociología* da Paidós, onde redigiu os prólogos de *La política exterior del Vaticano*, de Cianfarra (1944), *La política exterior de EEUU,* de Lippman (1944), *La Libertad en el Estado Moderno*, Laski (1946) e *El Miedo a la Libertad*, de Fromm, em 1947. A rede de intelectuais vinculados a Paidós pode elucidar o espaço de circulação que tal iniciativa abrangia: nomes como Gilda Romero Brest, na seção de Educação, Ramon Alcade e Eduardo Prieto, na seção de cultura clássica, Tulio H. Donghi, na seção de História, David Viñas na Crítica Literária, Jorge Romero Brest, nas Artes e o próprio Germani, em parceria com Jaime Berstein, nas Ciências Sociais.[532]

A coleção que Germani organiza para a Paidós já foi tratada nos trabalhos de Blanco (2006) e García (2015) [533]. Interessa observar neste momento, contando com o aporte dessa bibliografia, as escolhas editoriais que Germani operacionaliza, tanto no que se refere à escolha dos textos – à primeira vista bastante heterogênea – quanto, mais especificamente, no que diz respeito à associação que o sociólogo opera entre a obra escolhida e a sua própria obra. A título de exemplo, um dos prefácios mais famosos da coleção Sociologia e Psicologia Social, Germani redigiu para a obra do frankfurtiano Erich Fromm, O medo à Liberdade, em 1947.[534]

O tema do totalitarismo é recorrente no pensamento de Germani. Sua interpretação

[531] Dentre os títulos traduzidos pela Coleção encontram-se Educación y Cultura, de Margareth Mead, La Sociedad Abierta y sus inimigos, de Karl Popper, Estudios de Psicologia Primitiva, de Malinowski, Ensayos de Teoría Sociologia, de Parsons e Sentidos y Usos del término Estriutura, de R. Bastide.

[532] Trabalho de Germani na coleção: 1945: Estudo Introdutório a La Política Exterior de los EUA de Lippman, 1945: Estudo introdutório a La Libertad en el Estado Moderno de Laski, 1947: Prefácio a El Miedo a la Libertad, de Fromm, 1949: Prefacio a Estudios de Psicologia Primitiva, de Malinowski, 1949: Prefácio à O Perigo de ser Gentleman, de Laski, 1950. Introdução à Psicoanalisis y Sociologia, de Holischer, 1951. Prefácio a El Caráter Feminino, de Viola Klein, 1953. Prefácio a Espiritu, Sociedad y Persona, de George H. Mead, 1956. Prefácio a Razón y Naturaleza, de N. Cohen, 1961. Prefácio à Imaginação Sociológica, de Write Mills.

[533] Garcia atenta, inclusive, para o fato de que Germani, quando está prestes a sair da Paidós, faz uma lista de publicações interessantes e inclui, nela, Habermas e O Positivismo na Sociologia Alemã, debate entre Adorno, Popper e Habermas. Há também traduções de autores próximos de Frankfurt, como Laski, com prólogo do próprio Germani. O livro de Fromm, inclusive, é leitura indicada em seus cursos na UBA, como salienta Jorge Graciarena. Em 1955, seu livro-chave, Estrutura Social da Argentina, conta com uma citação de Adorno, Authoritarian Personality, que referencia que aparece em sua obra reiteradamente, inclusive em 1956 no clássico Politica e Sociedade numa Época de Transição. O seu estudo sobre o fascismo na Argentina usa, inclusive, a famosa ESCALA F, a do fascismo em potencial, cunhada por Adorno e seus companheiros no contexto de elaboração do *The Authoritarian Personality*.

[534] Essa análise foi desenvolvida em capítulo publicado na obra Escrituras en Tránsito. Ed. Cuarto Próprio, Universidad Católica de Chile, 2018.

para a adesão das classes pobres argentinas ao peronismo é largamente inspirada na tópica de Fromm de que "(...) a compreensão das raízes para a fuga totalitária da liberdade é uma premissa para qualquer ação que vise a vitória sobre as forças totalitárias" (FROMM, 1947, p. 10). A tese de Fromm parte de um otimismo aparente: o homem parecia, desde o século XVIII, capaz de governar a si mesmo, num processo contínuo de autonomização. Contudo, na atual crise da democracia, o alemão coloca-se a pergunta sobre a existência de uma "atração pela submissão", que pudesse explicar a adesão de indivíduos razoavelmente esclarecidos ao projeto totalitário. Freud, interlocutor inicial do frankfurtiano, é claramente a matriz dessas reflexões, pois quando coloca o homem em confronto direto com a sociedade abre uma janela de superação da relação dicotômica entre o indivíduo e a sociedade, uma das propostas inaugurais do Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt. A leitura heterodoxa que Fromm faz de Freud é bastante conhecida: apropria-se dos instrumentos de análise comportamental enquanto renega o que enxerga como os "determinismos biológicos" da aposta psicanalítica. Para Fromm os caracteres comportamentais não provêm de uma natureza humana imutável, o indivíduo é, no limite, uma criação do esforço humano, afinal, ele nasce com o cenário dado e esse é o imperativo para a construção da sua personalidade. É a sociedade, portanto, o *locus* do "dar-se conta de si". Na dicotomia entre individualidade e segurança, oriunda do progressivo processo de separação do homem da natureza, "o ato de desobediência como ato de liberdade marca o nascimento da razão" (FROMM, 1947, p. 37).

O estudo de Germani tornou-se indissociável da obra de Fromm tal como foi divulgada naquele contexto. Ao transformar o livro em manifesto de sua própria proposta teórica, Germani deixa entrever procedimentos de consagração bastante evidentes. Por exemplo, ao analisar a forma através da qual a psicanálise aparece na obra de Fromm, Germani recorre à ideia de que se trata de um método perfeitamente empírico, baseado na observação meticulosa dos pensamentos, sonhos e fantasias não-censuradas de um indivíduo. Conferir um potencial de cientificidade à psicanálise era relevante para projetar e validar sua própria aposta teórica: inscrever, nos marcos de uma "sociologia científica" um componente de análise do comportamento humano, capaz de habilitar a sociologia a propor uma gama de comportamentos eletivos adequada aos contextos de fuga da liberdade que diagnostica na Argentina peronista.

Pensar como a mudança social repercute na mente dos homens – ganho, segundo Germani, do livro de Fromm - ajuda a corroborar a tese das assincronias que lastreia a aposta teórica do sociólogo argentino. Fromm estaria, dessa forma, capitaneando a síntese perfeita,

capaz de evitar o subjetivismo que ignora o social e, ao mesmo tempo, o sociologismo que não vê o homem como um sujeito de sua vida e sua história. Trata-se, em suma, de pensar "através de quais mecanismos psicológicos os fatos estruturais contribuem para a formação da consciência de cada um dos grupos específicos em que se diferencia a sociedade" (GERMANI in FROMM, 1947, p. 16)[535]. É uma maneira de captar uma racionalidade operante, que pudesse atuar numa sociedade em crise e garantir a relação de fiança mútua entre a sociologia e a democracia, tópico orientador do projeto institucional de Germani.

Na idade média, observamos na obra de Fromm, embora o indivíduo não fosse livre na acepção moderna, ele também nunca estava inseguro, pois um todo estruturado bastante visível tornava as ações "transparentes em sua inter-relação causativa" (FROMM, 1974, p. 43). O italiano do renascimento pode ser considerado assim o primeiro "indivíduo" deixado só no mundo. A partir de então, segue Fromm, junto ao desenvolvimento do capitalismo, desenvolve-se um constante processo de atomização no qual, aumentando a carência do ego, o indivíduo tende a buscar uma identificação, seja na família ou, eventualmente, no partido nazista. Por essa reconstrução histórica, Fromm argumenta que a psicanálise é "um método perfeitamente empírico, baseado na observação meticulosa dos pensamentos, sonhos e fantasias não-censuradas de um indivíduo" (idem, p. 114), indicado, portanto, para entender a relação entre indivíduo e aposta autoritária. É na esfera psíquica, pois, que o autoritarismo age na leitura de Fromm, fundindo o ego com algo ou alguém numa relação de sado-masoquismo onde a auto depreciação é confundida com humildade. São esses sentimentos, paradoxalmente, que ajudam o indivíduo a evadir-se de seu intolerável sentimento de solidão e de impotência, desfazendo-se do fardo da liberdade. A massa afinal, já em Freud, representa a segurança normativa do grupo. Nessa simbiose, a liberdade aparece inviabilizada pela aporia de que não parece possível rebelar-se contra si mesmo. Essa supressão do raciocínio crítico (ibidem, p. 156) faz com que tomemos por nossos elementos externos, e passemos a tentar harmonizar nosso ego com essa nova realidade entronizada. O diagnóstico de Fromm, contudo, já engendra um elemento de superação utópica: a sociedade planejada, democraticamente, seria capaz de conter essa disposição sado-masoquista. Esse elemento planificador é precisamente o vértice onde se inscreve a operação de enquadramento de Germani: a reivindicação de uma saída racional para a crise, através da mediação frankfurtiana da tradição weberiana (BLANCO, 2006, 2009).

O mesmo Fromm, em *A Sobrevivência da humanidade*, atualiza a discussão sobre a crise a partir da convicção generalizada de que o ocidente enfrenta um processo perigoso.

[535] "a través de cuales mecanismos psicológicos los hechos estruturales contribuyen a la formación de la conciencia de cada uno de los grupos específicos em que se diferencia la sociedad" (GERMANI in FROMM, 1947, p.16).

Apesar disso, alega, já no começo do argumento, que "a tradição humanista tem, ainda, um futuro" (FROMM, 1964, 11). Para Fromm, a convicção de que se vive de modo natural é inscrita afetivamente em nossa estrutura de caráter como um padrão durável de pensamento. Tal cristalização soma-se a uma moderna "incapacidade de reação planificada, racional, voluntária ao desafio" (idem, p. 17), essa é a habilidade que Fromm pretende recuperar a partir da volta da experiência autêntica que, em seus termos, seria o antídoto ao pensamento paranoico dos anos 1950 e 1960. O pensamento sadio, argumenta Fromm, considera as probabilidades, faz projeções. Desse modo, pensar sobre o mundo passa a equivaler antecipar-se a ele, interpreta-lo de modo racional. Tal indicação poderia contribuir para resolver o que é, fundamentalmente, um problema de assincronia histórica "Tecnica e intelectualmente estamos vivendo numa era atômica, mas emocionalmente ainda estamos na idade da pedra" (FROMM, 1964, p. 36). A assincronia, como se sabe, é um dos eixos organizadores do pensamento de Germani, de modo que a capacidade planificadora que emerge da obra de alguns frankfurtianos – notadamente os que ele elege para publicação na Paidós – corrobora o núcleo central da problemática a qual o sociólogo se dedicaria por toda a vida.

A análise de Fromm, especialmente aquela dos anos 1920 e 1930, é uma tentativa de acoplar o freudismo ao marxismo, eliminando do primeiro, a custo de sustentar o segundo, a prioridade à teoria das pulsões (ROUANET, 1998). Interessado em conhecer o irracional, a pergunta de Fromm acerca de como se explica que tantas pessoas aceitem, tão resignadamente, sua opressão, é respondida por intermédio da consideração das condições históricas que engendrariam um ou outro caráter social. Seu diagnóstico indica, nesse sentido, que o caráter predominante de sua época é sadomasoquista, precisamente a base pulsional da personalidade autoritária.

O prefácio de Germani à essa obra se inscreve na reivindicação dessa tentativa de que a psicanálise pudesse ser o aporte científico capaz de lastrear sua própria reflexão sobre a assincronia que, assim como a tese de Fromm, parte da pergunta acerca da adesão das massas a um regime específico, no seu caso, o peronismo.

Uma primeira ressalva, tal como nos lembra Vezzetti (1996), é de que, no caso argentino, falar em recepção da psicanálise não é o mesmo que falar em recepção do freudismo. Nesse sentido, a operação de enquadramento de Germani não apenas vincula sua posição no campo às teses de Fromm mas, de modo direto, às já bastante vigorosas plataformas de circulação do discurso psicanalítico na Argentina daquele contexto. Nos termos de Vezzetti, "na cultura argentina há uma história original do freudismo que é autônoma em relação à institucionalização da psicanálise, na medida em que houve iniciativas de leitura e divulgação

que construíram um espaço diversificado de recepção e apropriação de afirmações atribuídas a Freud" (1996, p.7)[536]. Assim, nesse território discursivo multifacetado, é preciso reconhecer que a circulação do nome de Freud, funcionalizado politica e culturalmente, se antecipa à própria prática psicanalítica – a criação da APA (Asociación de Psicanalise Argentina) ocorreria apenas em 1942. Os discursos de modernidade, através dos quais a psicanálise se insinuava como uma possibilidade de entendimento das mudanças da cultura urbana, se associavam com a apropriação da psicanálise por parte da tradição da higiene mental que remonta à medicina positivista do começo do século, compondo, por assim dizer, uma bricolagem de usos possíveis desse repertório[537].

A interface clínica da circulação psicanalítica, influenciada pela leitura francesa, procurava destituir Freud do que chamavam de "pansexualismo", habilitando a psicanálise como instrumento rigorosamente médico e experimental. É interessante notar, nesse sentido, que os frankfurtianos escolhidos por Germani, como Fromm e Adorno, distantes da tradição francesa, operam a partir de uma interface não-clínica da obra do fundador, atentando-se, prioritariamente, àqueles textos onde Freud transpõe as reflexões do âmbito individual para a análise de grupos sociais. Como nota um de seus maiores divulgadores, Herbert Marcuse, essa transposição não fere o âmago da teoria, na medida em que a importação do repertório psicanalítico em sua atualização frankfurtiana de Marx se situa na esteira da alegação do próprio Freud de que a psicanálise é sempre, em primeira instância, coletiva (MARCUSE, 1972, p. 17).

Blanco (1999, 2006) já apontou que a vinculação de Germani com os estudos franfkfurtianos não é, de nenhum modo, uma incoerência fortuita. Em sua análise sobre a afinidade temática e, sobretudo, político-ideológica entre os frankfurtianos e a obra de Gino Germani, Blanco destaca elementos importantes que assumo nessa análise, entre eles a afinidade metodológica entre os procedimentos da Personalidade Autoritária e o partidarismo de Germani pelos métodos naturalistas aplicados à vida social e, notadamente, as leituras da racionalidade que, através de Karl Mannheim e Max Weber, conectam as duas perspectivas em questão. Em seus termos, "Germani retornava, assim, a Weber, através de Fromm: o peronismo

---

[536] "En la cultura argentina hay una história original del freudismo que és autónoma respecto de la institucionalización del psicoanalisis, en la medida en que hubo iniciativas de lectura y de difusión que construyeron un espacio diversificado de recepción y apropriación de enunciados atribuydos a Freud" (VEZZETTI, 1996, p. 7).

[537] A explicação sociológica, segundo Plotkin, se baseava em que a ansiedade da modernização rápida deixaria certas sociedades predispostas a esse repertório, na medida em que ele "preenche a lacuna criada pela divisão entre identidades públicas e privadas que ocorreu com mudanças como a industrialização e a perda do sentimento tradicional da comunidade" (BEM PLOTKIN, 2001, p. 5) ["fills the gap created by the Split between public and private identities that ocurred with such changes as industrialization and the loss of traditional community feeling" (BEM PLOTKIN, 2001, p. 5)]. Geertz a alocava mesmo como substituta da religião, na medida em que confere inteligibilidade ao sofrimento.

punha em cena um conflito entre tradição e modernidade" (BLANCO, 1999, p. 109)[538]. Assumindo, pois, essa concordância metodológica e ideológica identificada por Blanco, proponho que, emancipada da discussão médica, da circulação via folhetins e, ao mesmo tempo, dos rigores da APA, a psicanálise frankfurtiana que Germani atualiza a inscreve como um elemento teórico, rigorosamente acadêmico, dedicado ao problema matricial do debate da sociologia argentina: a sociedade de massas e a adesão ao peronismo. O esforço editorial de Germani, tal como o teórico, somado ao fato de que a Sociologia e a Psicologia fizeram parte do mesmo esforço institucionalizador (1955-1957) e, além disso, ao fato de que comungavam numa visão de mundo e numa atitude, incentiva a leitura polissêmica desses fenômenos. A aposta era, em suma, a de que entender os mecanismos psicanalíticos era um modo, sociológico, de planejar um futuro emancipado e democrático, a despeito, ou justamente por causa, das condições assincrônicas da modernização.

No clássico *Sociologia da Modernização*, Germani atualizará essa vinculação ao pensar as etapas do processo de modernização na América Latina. Nesse livro, ele parte de alguns requisitos heurísticos para elaborar sua cuidadosa definição de modernização. São eles: a. mais ação eletiva, menos prescritiva, b. especialização institucional, e c. institucionalização da mudança. A secularização do conhecimento científico em direção à eficiência aparece, nesse esquema, como condição necessária mas não suficiente. Além disso, destaca Germani, é preciso identificar três processos fundamentais: desenvolvimento econômico, modernização social e modernização política, sendo que "os diversos subprocessos podem ocorrer com ritmos ou taxas de mudança muito diferentes e em diferentes sequencias" (1974, p. 18). É precisamente nessas taxas e ritmos diferenciais que se encontra o problema da assincronia. A psicologia social analisa, sob esse ponto de vista, as incongruências temporais que vem da persistência de comportamentos e esquemas de crença que não se coadunam com a experiência econômica ou mesmo política da modernização. A questão da assincronia, observada a partir da psicologia social, leva Germani a outro de seus problemas nucleares, a questão da integração social. Em seus termos

> Ao encontrar-se integrado, um grupo funcionará de maneira normal dentro da sociedade; sua participação será precisamente aquela prevista e esperada pela estrutura normativa, pelas expectativas internalizadas e pelas circunstâncias ambientais; seus papeis, expectativas, atitudes, sua presença e lugar em diferentes esferas do comportamento serão legítimos e os demais grupos que compõem a sociedade o perceberão como tal (GERMANI, 1974, p. 69)

[538] "Germani volvia así a Weber a través de Fromm: el peronismo ponía en escena un conflicto entre tradición y modernidad" (BLANCO, 1999, p. 109).

Germani mostra-se alerta, como toda a tradição durkheiminiana a qual se filia, às tensões as quais os processos de integração assincrônica estão sujeitos. A súbita participação ativa de segmentos que antes se caracterizavam por sua passividade, por exemplo, bem como a revolução crescente das aspirações, geraria uma nova atitude de participação generalizada. Responder a isso é um desafio a qual nem todas as sociedades estão habilitadas na mesma medida: a penetração de pautas e atitudes novas, correspondentes à sociedade nacional, em estratos da população outrora isolados, a ruptura das comunidades locais, o desaparecimento das economias fechadas, a transformação do trabalho rumo ao salário, os meios de transporte e de comunicação de massas, educação, todos esses fatores se condensariam em um cenário crítico, na medida em que "o peculiar do processo atual é que abarca a totalidade da população e invade todo o território nacional; e, além disso, adquire uma velocidade inusitada" (GERMANI, 1974, p. 85). Além disso, as assincronias também podem se manifestar no interior dos membros individuais, no nível psicológico.

> O exemplo típico é o fenômeno da aspiração, no momento praticamente universal, por parte dos grupos dirigentes, de desenvolvimento e de modernização, que não se acompanha pelo reconhecimento e aceitação de muitas de suas consequências, quando estas afetam situações de privilegio dos mesmos grupos (idem, p. 90).

A tensão latino-americana, nesse esquema de Germani, reside na inexistência de canais legítimos de integração política e, além disso, na rapidez dos processos, condição na qual a integração de certos setores acaba sendo feita antes que certas etapas do desenvolvimento econômico estivessem fortemente solidificadas.

Nesse ponto, podemos observar de que modo as análises de Fromm e, logo, as de Adorno, corroboram com o núcleo das preocupações de Germani: "submetidos a tal processo, os intelectuais proveram de líderes um e outro extremo radical do espectro político, porém, fundamentalmente, o totalitário direitista" (GERMANI, 1974, p. 110). Estabelecendo assim um nexo entre insegurança coletiva e aceitação de soluções totalitárias, Germani se aproximará do núcleo gerador das problemáticas do Instituto de Pesquisas Sociais: "a direção da mobilidade pode relacionar-se com uma orientação ideológica específica: a mobilidade ascendente, bloqueada parcialmente, cria uma propensão ao progressismo, enquanto o reacionarismo seria uma expressão da mobilidade descendente" (GERMANI, 1974, p. 111).

Explicar a adesão do homem médio aos regimes totalitários se torna, na década de 1950, pois, um dos motes de grande parte da intelectualidade ocidental, de Frankfurt a Hannah Arendt passando por uma vasta gama de intelectuais latino-americanos, entre os quais Gino Germani. A experiência do Holocausto e o fato de que ela foi, não poucas vezes, associada à perniciosa

ligação entre líder e massa, ajudou a sedimentar, no contexto europeu, a ideia de que quaisquer que fossem essas relações de intermediação entre um grupo de pessoas e um líder, seriam perniciosas. Na América, por outro lado, essa associação foi menos imediata, e a pergunta sobre a emancipação ganha paulatina proeminência em relação ao diagnóstico trágico. É sob essa atmosfera que aparece, em 1950, a obra Personalidade Autoritária.

O prólogo dessa obra, também publicada na coleção da Paidós, é de Eduardo Colombo, colaborador de Germani, e intitulado, sugestivamente, *Mundo en Crisis*. A tarefa do livro, segundo Colombo, parte de que "perceber uma situação como crise significa que há uma não-estruturação do campo cognitivo, na qual se acenturam os sentimentos de perda e a ambiguidade dos dados de que dispomos" (COLOMBO in ADORNO, 1965, p.3)[539]. Esse mundo em crise, sustenta Colombo, alimenta a pergunta inicial da investigação de Adorno: encontrar a natureza do fascismo em potencial que se oculta nos valores democráticos, tomando o autoritarismo enquanto "hipótese geral da desorganização da ação social" (1965, p. 4)[540] ou seja, a tendência de colocar-se em situação de submissão frente a uma insegurança do "Eu". Trata-se de pensar a "predisposição defensiva para conformar-se acriticamente às normas e mandatos do poder investido pelo sujeito da autoridade" (idem, p.5)[541]. O alivio da *ansiedade* humana teria, nessa perspectiva, duas saídas, duas catalisações possíveis: a submissão ou a luta de todos contra todos. Descartada a segunda opção, a submissão cumpriria uma função estabilizadora no sistema de personalidades, via estruturas de conduta alinhadas com o autoritarismo.

O autoritarismo, contudo, não resolve as questões, só as controla:

> digamos então que a compreensão psicossocial do problema é fundamental, e essa compreensão surgiria das ciências sociais; mas não é suficiente e, portanto, será necessário integrar fora do meio acadêmico em sistemas ideológicos abertos que orientem a mudança social para novos fins, numa integração comunitária ampla e melhor (1965, p.14)[542].

No prólogo de Horkheimer à obra, na mesma edição de Colombo, a intenção pedagógica da pesquisa é abertamente colocada: "para erradicar preconceitos, as pessoas precisavam ser reeducadas e era necessária uma reeducação cientificamente planejada, com conhecimento da

---

[539] "percibir una situación como crisis significa que existe una inestructuración del campo cognitivo, que se acentúan los sentimentos de pérdida y la ambiguidad de los datos de que disponemos" (COLOMBO in ADORNO, 1965, p. 3).

[540] "hipótesis general de la desorganización en la acción social" (1965, p. 4).

[541] "predisposición defensiva a conformarse acriticamente a las normas y mandatos del poder investido por el sujeto de autoridad" (idem, p. 5).

[542] "digamos entonces que la compreensión psicossocial del problema es fundamental, y esta compreensión surgiria de las ciências sociales; pero no es bastante y, por lo tanto, necessitará integrarse fuera del ambiente académico en sistemas ideológicos abiertos que orienten el cambio social hacia nuevos fines de una ampla y mejor integración comunitária" (1965, p. 14).

causa" (1965, p.17)[543]. Para que essa educação funcione, alega, é preciso capturar um tipo antropológico: o tipo autoritário, bem adaptado à sociedade industrial, ostentando crenças irracionalistas, ilustrado e supersticioso, "orgulhoso de seu individualismo e constantemente temeroso de ser diferente dos demais" (idem, p. 19)[544].[545]

A tese do livro é expressa logo na introdução: "As convicções políticas, econômicas e sociais de um indivíduo freqüentemente formam um padrão amplo e coerente, que é unido por uma 'mentalidade' ou 'espírito' como um todo; esse padrão é a expressão de tendências profundas de personalidade" (ADORNO, 1965, p. 27)[546]. A intenção da pesquisa de campo é descobrir quem é o sujeito potencialmente fascista, que não se diz fascista mas cujos traços de comportamento podem fornecer indicativos de tal tendência: os insuscetíveis à propaganda fascista, aventam, tem muito em comum. O ponto de partida é que o anti-semitismo tem a ver com os anti-semitas, não com os judeus e, sendo assim, a suscetibilidade ao anti-semitismo está vinculada a necessidades psicológicas dos indivíduos, cujas marcas podem ser capturadas nas entrelinhas de suas opiniões manifestas, nas disposições profundas, nas posições inconfessáveis. Trata-se, sobretudo, de medir um grau de potência: ser disposto ao fascismo não é o mesmo que agir como fascista afinal "os indivíduos diferem grandemente em sua disposição em entrar em ação" (1965, p. 30)[547]. Essa ressalva é importante porque comportamento não aparece, na obra, como equivalente de personalidade (personalidade seria aquilo que se encontra atrás da conduta, lastreando-a). O método que propõem os autores é, pois, capturar as tendências inibidas (léxico freudiano) para averiguar quais atitudes estavam relacionadas com quais tipos de opinião através de questionários de dois tipos: aqueles compostos pelos "itens delatores" e aqueles que se propunham a um aprofundamento dos testes a partir de entrevistas.

Inicialmente são apresentadas entrevistas na tentativa de delinear um padrão. Para tanto, os autores criam uma escala de anti-semitismo (AS) por pontuação de respostas que, segundo eles, permite capturar as falas pseudo-democráticas, mais difíceis de medir do que as anti-

[543] "Para desarraigar los prejuicios había que reeducar a la gente, y se requiere una reeducación planeada cientificamente, con conocimiento de causa" (1965, p. 17).
[544] "Orgulloso de su individualismo y constantemente temeroso de ser diferente de los demás" (idem, p. 19)
[545] Seria interessante, numa outra chave de análise, comparar essa perspectiva com aquela desenvolvida por William Reich. Também a partir de chave psicanalítica, a aposta de Reich no caráter estrutural da potência fascista inscrita no homem médio dialoga com a obra de Adorno, embora não compartilhe da solução pedagógica que *A Personalidade* oferece.
[546] "las convicciones políticas, económicas y sociales de un indivíduo conforman a menudo una pauta amplia y coerente, cual se estuvieran unidas por una 'mentalidad' o 'espiritu' comum; esta pauta es la expresión de profundas tendências de la personalidad" (ADORNO, 1965, p. 27).
[547] "los indivíduos diferen grandemente en su disposición de entrar en acción" (1965, p. 30).

democráticas. Tal padrão é construído a partir da aposta de que o anti-semitismo depende de uma atitude mental constante: "uma tendência do indivíduo à entronização étnica, a uma inflexibilidade que o leva a aceitar apenas os seus pares no cultural e a sempre rejeitar os diferentes" (ADORNO, 1965, p.127)[548]. Adorno afirma, então, que a hostilidade pode ser entendida como uma manifestação da ansiedade: o objeto judeu é somente o mote, a racionalização, o extravasamento, de modo que "a estereotipia não pode ser dissolvida através da experiência; é necessário reconstruir a capacidade de ter experiência para evitar o desenvolvimento de idéias que possam ser consideradas malignas no sentido mais literal e clínico da palavra" (idem, p. 580)[549].

Após a análise das tabelas, consta uma tipologia dos anti-semitas em potencial, cuja principal característica seria a baixa profundidade analítica. É interessante o paralelo, nesse sentido, com a obra de Fromm, onde o potencial autoritário se traduz no caráter sado-masoquista das relações entre massa e líder. As tendências sadomasoquistas, afinal, encontram sempre uma gratificação afetiva: o judeu como substituto do pai. Finalmente, a título de conclusão, Adorno salienta que esse estudo investiga a pre-disposição à violência, não esclarece porque ela se efetiva e tem sua contribuição terapêutica condensada na ideia de que é impossível que argumentos racionais germinem sob uma personalidade irracional, sendo necessário, portanto, um corpus pedagógico de inibição da potência ao fascismo.

Se pensarmos no comércio de prestígio operacionalizado nos prefácios, podemos entender a atuação de Germani não apenas em termos de esforço teórico, mas também em relação a um projeto de validação disciplinar, que procurava inscrever a sociologia científica como uma voz autorizada nos debates sobre o peronismo. É importante considerar, como alerta Neiburg, que colocar-se no debate sobre o peronismo era, naquele momento, equivalente a colocar-se no debate sobre a própria Argentina, "o peronismo surgia como questão duplamente legitimada: podia tanto ser discutido por politicos em espaços e em termos acadêmicos quanto por acadêmicos em termos e espaços politicos" (1997, p. 39). Dessa forma, o recorte que Germani elege para apresentar os frankfurtianos guarda uma relação muito mais estreita com a reivindicação do potencial de um "esclarecimento emancipado e emancipador" do que com a defesa do indivíduo atomizado e capaz de resistir

[548] "una tendencia del individuo a la intronización étnica, a una inflexibilidad que lo lleva a aceptar sólo a sus iguales en lo cultural y a rechazar siempre a los diferentes" (ADORNO, 1965, p. 117).
[549] "la estereotipia no puede inmendarse mediante la experiencia; es preciso reconstruir la capacidad de tener experiencia si es que si quiere evitar el desarrollo de ideas que cabe considerar malignas en el sentido más literal, clínico, de la palabra" (idem, p. 580).

> à sociedade, não a transformar-se com ela. Há, portanto, no empreendimento de Germani, uma conexão entre seu projeto de sociologia – epistemologica e institucionalmente validados pela ideia de que a sociologia poderia fornecer um novo repertório emancipatório em situações de crise e ameaça totalitária – e os apelos de uma parte da literatura de Frankfurt que também aciona a pesquisa empírica para projetar-se enquanto alternativa analítica e libertadora. (TEDESCO, 2018).

A hipótese que sustento, dentro desse panorama, é que a mediação frankfurtiana é um observatório privilegiado para compreender de que modo o uso das categorias psicanalíticas para a observação dos fenômenos políticos ajudou a forjar um campo de debates sobre as massas mais progressista, que depois se espraia pelas discussões acerca do conceito de populismo. Nesse ponto, é importante considerar que, internacionalmente, os Estados Unidos se erigiam enquanto eixo nevrálgico da vida intelectual do pós guerra. Com a diáspora dos intelectuais alemães diante do nazismo, somada às ainda cambaleantes condições de reestruturação da universidade europeia de modo geral, é no ambiente das instituições americanas que se desenvolvem grande parte das análises sociológicas, históricas e filosóficas desse momento. Assim como, na década de 1920, as análises de Simmel, Tonnies e Weber haviam sido ressignificadas pelo debate americano, movimento análogo ocorre, nesse momento, com as obras dos frankfurtianos, que passam a operar, notadamente, a serviço da elaboração estadunidense do discurso crítico, que não é a mesma da tradição europeia.

Na Introdução de *Vienna Fin du Siècle*, Schorske (1981) qualifica o sentimento de catástrofe americano dos anos 1940 e 1950 de modo distinto daquele que marcou a crise de confiança europeia. Em seus termos, "agora um clima de pessimismo - às vezes de impotência, às vezes de defensiva rígida, às vezes de rendição – abate-se numa *intelligentsia* que, centrista ou radical, liberal ou marxista, havia se unido por várias décadas no otimismo social" (1981, p. XXIII)[550]. A crise, para além de suas inflexões políticas, levara a uma revisão das posições filosóficas de modo geral: tanto liberais quanto conservadores são forçados a adaptar suas visões de mundo à diminuição da expectativa em relação ao futuro. Assim, segue Schorske, os intelectuais americanos emulam suas tendências a partir de referências amplas como Kierkegaard, por exemplo, que ajuda a compor o campo dos liberais e Buckhardt, resignado, que ocupa o espaço deixado por Mill. Costura esse sentimento, contudo, uma mudança mais ampla, que diz respeito ao que o autor chamará de o nascimento do "homem psicológico":

---

[550] "now a mood of pessimism – sometimes of impotence, sometimes of rigid defensiveness, sometimes of surrender – settled over an intelligentsia that, whether centrist or radical, liberal or Marxism, had fod several decades been united in social optimism" (1981, p. XXIII).

"porque aqui [EUA]a busca e a compreensão dos males que assolam a humanidade tendem a ser traduzidas do domínio público e sociológico para o privado e psicológico" (1981, p. XXIV)[551]. O lado mais sombrio e pessimista toma o lugar do progressista Freud, que por sua vez ocupa o lugar das utopias marxistas. Marcuse, por exemplo, deslocará sua utopia de Marx para Freud, "e eles o fizeram sob a pressão de novas viradas incompatíveis no mundo da política" (idem, p. XXIV)[552]. A psicanálise, em suma, é alocada no centro das preocupações intelectuais, e torna-se um vocabulário comum entre filósofos, sociólogos e historiadores. Essa reconfiguração é alimentada, ainda, pela vinda de um grande contingente de intelectuais europeus para os Estados Unidos no contexto da Segunda Guerra, ajudando a pôr em circulação a sensibilidade do "homem psicológico".

A ida de um grande número de intelectuais alemães para o exterior no contexto do regime nazista foi exaustivamente narrada, a partir dos mais diversos pontos de vista, inclusive por seus protagonistas[553]. Me atenho, a título de descrição prévia, à obra de Martin Jay, *Permanent Exiles* (1986), que rastreia a ida do Instituto de Pesquisas Sociais para os Estados Unidos a partir das trajetórias de seus membros mais significativos. Jay toca num ponto importante, a saber, que a aclimatação dos autores em território estadunidense não foi destituída de tensões. Em sua leitura, inclusive, é o interesse por Marcuse, já na década de 1960, que ajuda a reabilitar o interesse pelos frankfurtianos de modo geral, interesse que não refletia, de modo algum, os primeiros anos de inserção no mundo universitário norte-americano. A ida de Horkheimer, Adorno e Marcuse para universidades americanas se deu no marco de um amplo programa de apoio aos exilados alemães, tanto financeiro quanto jurídico. Em 1934, após um ano em Genebra, o Instituto é abrigado na Universidade de Columbia, em Nova York. Apesar disso, como alerta Jay, a resistência dos autores em escrever em inglês, por exemplo, bem como alguns ataques furiosos de Adorno – que chegou a dizer abertamente que considerava alguns de seus pares das universidades americanas como "tolos positivistas" – dificultavam a assimilação plena do Instituto. Não serão analisados, neste momento, todas as contribuições dos frankfurtianos ao debate sobre a relação entre "líder" e "massas" mas, operacionalmente, aquelas que permitem visualizar a mudança conceitual que pretendo perscrutar: a inserção de

[551] "for here the search for and understanding of the ills that plague mankind tended to be translated from the public and sociological domain to the privative and psychological one" (1981, p. XXIV)
[552] "and they did so under the pressure of new, uncongenial turns in the world of politics" (idem, p. XXIV).
[553] A correspondência de Adorno e Walter Benjamin, por exemplo, relata as tensões que envolveram a ida aos Estados Unidos. Benjamin não teve a mesma sorte que Adorno, Horkheimer, Marcuse ou Lowenthal, mas o relato de sua tentativa de fuga através da Espanha é um comovente exemplo desse movimento de fuga dos intelectuais judeus da Alemanha nazista.

um componente emancipatório no reconhecimento dos mecanismos psíquicos que embasam a adesão ao fascismo.

O fato de que Theodor Adorno tenha assumido a estratégia mais belicosa em relação a seus colegas americanos pode ser analisado, suponho, à luz de suas próprias formulações teóricas. Crítico ferrenho da perspectiva utilitária, Adorno insistia na bandeira da imaginação teórica como tarefa do intelectual diante de uma sociedade que se massificava. Ele representa, para o argumento desse artigo, a transição entre uma tradição elitista da teoria das massas que – ainda que nos termos de alguém associado a certa versão do marxismo – não perde sua conotação conservadora, e uma tradição emancipatória que mobiliza esse mesmo repertório, que será detalhada na sequência. Quando Adorno chega aos Estados Unidos, em 1938, para trabalhar no Princeton Radio Research Project, o estranhamento do *ethos* é frequentemente anedótico (MERCHIOR, 1969)[554]. O projeto de fazer convergir a teoria alemã com o empirismo norte-americano, nos termos de Jay, "é rapidamente abandonado sem qualquer constrangimento e sentimentos amargos de ambos os lados" (1986, p. 120)[555].

A imagem clássica de Adorno "o sensível mandarim europeu [que] fica chocado e perplexo com o comercialismo, a vulgaridade e o atraso teórico de sua casa temporária" (JAY, 1986, p. 121)[556]. Além disso, se concatena com as acusações de que ele seria o representante

[554] O contato entre Adorno e Lazarsfeld, diretor do projeto, de onde deriva a colaboração na Personalidade Autoritária, é descrito por Michel Pollack (2018) a partir dos contatos prévios do austríaco com o Instituto. Em seus termos: "Os relatos de Lazarsfeld (LAZARSFELD, 1969, p.322 ss) e de Adorno (ADORNO, 1969, p. 338 ss) sobre o fracasso dessa tentativa indicam, nas entrelinhas, que ele se deve antes ao tipo de contrato do projeto e a conflitos metodológicos do que à psicologia. Lazarsfeld reconheceu privadamente, por diversas vezes, que Adorno tinha razão quanto ao fundo da interpretação dos fenômenos, mas o criticou por sua falta de diplomacia na relação com os clientes e pela recusa em submeter sua teoria a um teste empírico. De fato, Lazarsfeld esperava que Adorno traduzisse suas interpretações teóricas em perguntas passíveis de serem remetidas a uma amostra de ouvintes da rádio (LAZARSFELD, 1969, p.325). Definição inadmissível para Adorno, que se recusava a reduzir sua concepção teórica a uma simples especulação, produzindo quiçá "[...] hipóteses, mas não conhecimento." (ADORNO, 1969, p. 339–343). Toda sua obra era considerada, pelos membros da equipe, não uma tentativa de interpretação da realidade, mas uma especulação que, para se tornar científica, deveria ser submetida a uma verificação empírica e estatística. "Where is the evidence?" Essa era a questão endereçada permanentemente a Adorno, à qual ele se recusava a responder. Na verdade, a oposição se estabelece entre duas concepções epistemológicas: na primeira, os diferentes métodos obtêm legitimidade com base na capacidade de produzir novas interpretações teóricas; a segunda reduz os métodos a técnicas de pesquisa destinadas a produzir informações. Além disso, Adorno criticava o Bureau por não se interessar pela interpretação dos fenômenos, mas apenas pela produção de dados empíricos. E atribuía essa abordagem científica à instituição social na qual se definia. O financiamento por uma fundação e a necessidade de chegar a resultados tangíveis e úteis aos departamentos de planejamento das estações de rádio impediam questionar o sistema comercial das rádios privadas dos Estados Unidos. Pela primeira vez, Adorno se confrontava à "pesquisa administrativa", já denunciada no estudo que Horkheimer havia consagrado à "teoria tradicional e à teoria crítica", e que se tornou uma espécie de programa da Escola de Frankfurt (HORKHEIMER, 1937, p. 245 sq)" (POLLACK, 2018, p. 110-111).

[555] "is quickly abandoned with no small amount of embarrassment and bitter feelings on both sides" (1986, p. 120).

[556] "the sensitive European mandarin is shocked and bevildered by the commercialism, vulgarity and theoretical backwardness of his temporary home" (JAY, 1986, p. 121).

par excellance do dândi europeu: esnobe, arrogante e incompreensível, que alega ser de esquerda enquanto adota um estilo de vida liberal-burguês. Conforme Pollack, nesse sentido,

> Esse conflito entre duas estratégias profissionais e intelectuais prefigura o cisma que a sociologia iria sofrer depois da Segunda Guerra entre uma orientação empirista que, para não gerar suspeição por parte do poder, especializava-se na coleta de dados e na sofisticação estatística, e outra, voltada à crítica social, que pouco se preocupava em confrontá-la à realidade. Mas a oposição entre Adorno e Lazarsfeld indica também uma transformação do papel do intelectual, transformação sentida e analisada tão bem por Adorno que, situando-se na tradição do intelectual europeu, de homem cultivado e erudito (der gebildete Mensch, como ele afirma num artigo em inglês), descobre que esse tipo de intelectual está perdendo lugar para "técnicos especialistas" [experts techniciens] como Lazarsfeld (ADORNO, 1969, p. 350)" (POLLACK, 2018, p. 112).

Essa diferença de estratégias, contudo, não escamoteia a coincidência de temas que perpassou trajetórias tão distintas nesse contexto. É importante mencionar que, após 1945, no repúdio internacional aos campos de concentração nazistas e ao amplo movimento de reabilitação testemunhal de suas vítimas, a grande pergunta orientadora que mobiliza o campo intelectual é: porque afinal a humanidade, depois de tudo, recaiu numa nova espécie de barbárie? Se observamos, por exemplo, a Dialética do Iluminismo, obra que Adorno escreve em parceria com Horkheimer, recebemos o diagnóstico de que a ciência, ao libertar os homens do medo, deixou a terra sob um infortúnio triunfal, sendo necessário recuperar o potencial emancipatório do iluminismo. No contexto de racionalidade instrumental, onde os fins são racionais e os meios não, dizem os autores, a ciência se alastra a ponto de transformar em *operation* tudo o que toca, gerando um quadro paradoxal onde o iluminismo suspeita de tudo o que não é útil, calculável e tornando-se ele mesmo, nesse sentido, totalitário. O número torna-se o cânone, propõem, recuperando a analogia de Simmel.

Martin Jay em *A imaginação dialética* (2008), faz um aporte interessante para introduzir a obra do que é conhecidamente o mais "emancipatório" dos frankfurtianos, e também o mais americano, Herbert Marcuse. Tomando a proposta da Teoria Crítica enquanto uma tentativa de integração da filosofia com a análise social através da reativação do componente hegeliano do marxismo, Jay aponta que as teses desses autores têm, como pano de fundo, uma descrença na tarefa emancipatória do proletariado. Vemos, em Marcuse, que o proletariado deixa de ser o sujeito único, ou necessário, dessa tarefa, mudança que o permite funcionar como porta-voz de movimentos negros, feministas, estudantis, enfim, um amplo espectro de identificações estranhas ao marxismo mais ortodoxo, que opera com sujeitos apriorísticos.

O problema do sujeito também aparece em *Estudios sobre Sociologia y Psicologia Social*, publicado em 1966 – ano em que deixa a Argentina – no qual Germani define sua

intenção em capturar as pautas "isoladas, por assim dizer, dos indivíduos que, no entanto, são portadores dessas normas e valores e da realidade humana das instituições" (GERMANI, 1966, p.21)[557]. A proposta é que deve somar-se uma perspectiva empírica e observacional à psicologia social que estuda, por sua vez "esses aspectos variáveis do comportamento aberto e encoberto (ou psíquico) de indivíduos e grupos em sua relação com os aspectos típicos da sociologia como tal" (idem, p.21)[558]. Embora sejam, pois, disciplinas distintas, a sociologia e a psicanálise, é necessário passar continuamente de uma ciência à outra caso se queira elaborar um panorama satisfatório.

Na sequência do argumento, Germani procura definir o conceito de *psicologia social*. Para tanto, ele parte de que o comportamento humano não se desenvolve ao azar, ao contrário, "parece revelar a existência de certas uniformidades" (1966, p. 18)[559] de tipo estatístico, "em outras palavras, certas associações específicas são observadas com mais frequência" (idem, p.18)[560]. Se é assim, embora não se possa acessar a experiência psíquica de outra pessoa, é possível compreende-la por analogia. A realidade social tem, portanto, aspectos manifestos, como edifícios e comportamentos observáveis, e não-manifestos, tais como motivações psíquicas. Seriam as regularidades do comportamento humano que tornariam possível a vida em relação, em coletivo, daí a importância de ter condição de prever, em algum grau, como o outro se comportará. Embora sejam categorias aproximativas - pois nunca há reações idênticas -, Germani destaca um padrão esperado, um leque de possíveis comportamentais que deve ser buscado com investigação empírica. Essa aposta, como já indicado, é a que Adorno desenvolve com pormenores em seu estudo sobre a Personalidade Autoritária.

A Sociologia, em complementação à psicologia social, estudaria as pautas sociais de forma desencarnada, tal como qualquer outra ciência que procede por abstração. Justamente por essa especificidade, a psicologia social seria seu complemento imediato, ao encarregar-se de pensar porque os indivíduos diferem, em comportamento, em situações parecidas e porque essas divergências de conduta aparecem também entre grupos de indivíduos, encontrando a "configuração" comum dos grupos, modos de agir que os diferenciam de outros. A psicologia social tem em seu sistema, pois, uma tarefa de primeira ordem: entender os mecanismos de adaptação ao meio e do meio operados na instância psíquica. Ao abordar, as relações da

---

[557] "aisladas, por decirlo así, de los indivíduos que, sin embargo, son los portadores de aquellas normas y valores y la realidad humana de las instituciones" (GERMANI, 1966, p. 21).

[558] "aquellos aspectos variables de la conducta manifiesta y encubierta (o psíquica) de indivíduos y grupos en su relación con los aspectos típicos de los que se ocupa la sociologia como tal" (idem, p. 21).

[559] "parece revelar la existência de ciertas uniformidades" (1966, p. 18)

[560] "es decir, en determinadas situaciones se observan con mayor frecuencia ciertas asociaciones específicas" (idem, p. 18).

psicologia com a biologia, Germani subscreve os positivistas comtianos, ao afirmar que a análise social não pretende extirpar todo conteúdo biológico da regulação de conduta, "o que se afirma é que entre o biológico e o empiricamente observável, isto é, a atividade humana, existe a sociedade; e que toda condição biológica age apenas através dela" (1966, p.33)[561].

Germani aponta como influencias da psicologia social algumas correntes que remontam ao começo do século XIX e com as quais se põe em diálogo frequente. Dentre seus méritos, "eles partem das abordagens opostas do idealismo hegeliano e do positivismo de Comte ou Spencer; ou da influência decisiva do historicismo e do movimento romântico de um lado e do evolucionismo e dos estudos antropológicos que se inspiraram no outro "(GERMANI, 1966, p.40)[562]. Para Durkheim, inspiração inicial, a sociedade é algo distinto dos indivíduos que a integram, "por sua especificidade, o social é irredutível ao individual, ao meramente psicológico" (idem, p. 41)[563], enquanto para Tarde, seu anátema, o indivíduo é o único real. Mais próximo de seu embate aparece, contudo, a tradição americana, principalmente aquela influenciada pelo debate dos durkheimnianos,

> é na América do Norte que esta disciplina tem sido cultivada extensiva e intensamente não apenas no nível teórico, mas também - acima de tudo - no campo da pesquisa, com a criação de toda uma gama de técnicas que permanecem como a contribuição mais original da tradição empirista saxã (ibidem, p.45)[564].

A Psicologia social, nos EUA, esteve sempre bastante ligada a tradição empirista inglesa e positivista francesa, tendo contribuído, inclusive, com a corrente interacionista representada por Herbert Mead. Além disso, nota que nos argumentos de Dewey e nas discussões de William James também aparecem influxos de natureza psicanalítica, notadamente a partir da ideia de "conversation of atitudes".

É a partir desse percurso de filiações tácitas e declaradas que Germani concentra-se em destacar a vocação das ciencias sociais para a interdisciplinaridade e para a abertura a temas psicanalíticos. Em seus termos:

> a) as exigências da metodologia científica direcionam para a especialização e fragmentação dos estúdios; b) por outro lado, a divisão de tarefas foi baseada em fatos institucionais e históricos que são em si arbitrários e totalmente não relacionados a princípios racionais ou teóricos (...); c) o que interessa à mente do homem não são, no entanto, os objetos fragmentados, mas as instituições e os eventos assumidos em sua

---

561 "lo que se afirma es que entre lo biológico y lo empiricamente observable, es decir, la actividad humana, está la sociedade; y que toda condición biológica no actúa sino a traves de ella" (1966, p. 33).

562 "ellos arrancan desde los opuestos enfoques del idealismo hegeliano y del positivismo de Comte o Spencer; o desde la decisiva influencia del historicismo y del movimento romântico por un lado y del evolucionismo y los estúdios antropológicos que en el se inspiraban, por el otro" (1966, p. 40).

563 "por su especificidad, lo social es irreductible a lo individual, a lo meramente psicológico" (idem, p. 41).

564 "es en norteamerica donde esta disciplina se ha cultivado extensa e intensamente no solo sobre el plano teórico sino también – sobre todo – en el de la investigación, con la creación de toda una gama de técnicas que quedan como el aporte más original de la tradición empirista sajona" (ibidem, p. 45).

> totalidade como são dados à consciência inata; d) daí, a necessidade de reconstruir esses objetos para estudá-los do ponto de vista de sua totalidade; e) para isso é necessário reconhecer que a ciência do homem é uma e que a divisão de tarefas entre especialistas representa apenas um instrumento heurístico para atingir esse conhecimento total; f) o método sugerido para alcançar essa unificação é integrar as diferentes disciplinas humanas em torno dos objetos de estudo, promovendo o trabalho em equipe e a síntese da pesquisa (GERMANI, 1966, p.64)[565].

No fim do livro, acionando mais uma vez a dicotomia Durkheim *versus* Tarde, Germani aponta para uma das discussões que será base de sua organização metodológica, como também é possível observar nas conferências que ele publica no Boletín del Instituto de Sociologia em 1943. Sua proposta é, em suma, dissolver a dicotomia entre psicologismo e sociologismo, propondo uma efetiva agenda colaborativa. Aciona então Gurvitch, de quem toma a proposta de uma reciprocidade de perspectivas: a realidade social é pluridimensional e pode ser abordada a partir de diversos níveis, sendo que os superiores são transcendentes aos indivíduos. Deve-se, pois, rechaçar a dicotomia entre indivíduo e sociedade já que,

> há entre eles uma reciprocidade de perspectivas em que o que é comumente chamado de consciência individual é a direção que a corrente da vida psíquica assume em direção ao eu, o que é chamado de consciência coletiva, a direção que a mesma leva para nós (GERMANI, 1966, p.98)[566].

Retomando Mead, outra referência importante na síntese pretendida por Germani, "o indivíduo, como pessoa auto-consciente, só é possível sobre a base de seu pertencimento social. Essa, ainda que em grau rudimentar, é o suposto histórico do surgimento da auto-consciência" (idem, p. 102) [567]. É possível assim verificar, antropologicamente, o nascimento da possibilidade de se ver como algo distinto do mundo, emancipando-se da dicotomia pela possibilidade de pensar o indivíduo dentro do grupo, que só se mantém indivíduo por causa do grupo. O eu pessoal está, em suma, recortado na substância das relações sociais.

Esse amálgama que pretende Germani, enfim, procura inscrever a psicanálise no rol das mais modernas disciplinas científicas. O sociólogo chega a afirmar que "o estado atual da

---

[565] "a) las exigências de la metodologia cientifica impulsan hacia la especialización y la fragmentación de los estúdios; b) por otra parte dal división de tareas se há poducido en base a hechos institucionales e históricos de por sí arbitrários y totalmente ajenos a princípios racionales o teóricos (...); c) lo que interesa a la ciência del hombre no son, sin embargo, los objetos así fragmentados, sino instituciones y acontecimentos assumidos em su totalidade tal como se dán a la conciencia ingênua; d) de aqui, pues, la necessidade de reconstruir estos objetos para estudiarlos desde el punto de vista de su totalidad; e) para ello es menester reconocer que la ciência del hombre es una y que la división de tareas entre especialistas sólo representa un instrumento heurístico para alcanzar ese conocimiento total; f) el método que se sugiere para lograr esta unificación es el de integrar las diferentes disciplinas humanas alrededor de los objetos de estúdio, promoviendo el trabajo de equipo y las síntesis de las investigaciones" (GERMANI, 1966, p. 64).

[566] "hay entre ellas uma reciprocidad de perspectivas por la cual lo que comúnmente se designa conciencia individual es la dirección que la corriente de la vida psíquica assume hacia el yo, yo lo que se llama conciencia colectiva, la dirección que esa misma corriente toma hacia el nosotros" (GERMANI, 1966, p. 98)

[567] El individuo, como persona autoconsciente, sólo es posible sobre la base de su pertenencia a la sociedade. Esta, aunque em grado rudimentario, es el supuesto histórico del surgimento de la autoconsciência" (idem, p. 102).

consciência humana não poderia ser entendido sem levar em conta as contribuições psicanalíticas" (GERMANI, 1966, p.123)[568]. Essa influiu tanto nos problemas, como nos conteúdos e métodos, muito além de elementos evidentes, citáveis, mudou o próprio "clima de opinião": "permeou os fundamentos, os supostos implícitos das diferentes ciências humanas" (idem, p. 114)[569], contribuindo para criar um estilo de pensamento, penetrando positivamente inclusive nas formulações de seus adversários. O próprio desenvolvimento da psicanálise tem relação, e sofreu influência, do desenvolvimento das ciências sociais. O Freud biologista, explica Germani, responde a pauta darwinista do seu tempo e, nesse sentido, atualiza-lo positivamente seria, justamente, emancipar-se desse determinismo. Operada essa seleção, Germani destaca que os pontos de contato entre a psicanálise freudiana e sua aposta sociológica são quase fundacionais, como a ideia de analisar o comportamento "normal" ou "patológico"; diferenciações de conduta entre indivíduos e entre grupos, exemplarmente as investigações sobre suicídio ou variáveis ambientais da esquizofrenia e a noção de personalidade social também muito importante nesse diálogo:

> Mas a colaboração frutífera resultante pode ser frustrada se esquecermos que o interpessoal expressa e media especialmente as forças do mundo sociocultural, a influência do tipo de cultura e particularmente a estrutura social e o grau de integração. Nenhum refinamento metodológico ou formalização matemática pode substituir, no campo da sociologia, muito menos o da psiquiatria, esta simples verdade (GERMANI, 1966, p. 132)[570].

A análise da teoria das massas europeia em sua mediação frankfurtiana, notadamente a partir da ida de grande parte dos membros do Instituto de Pesquisas Sociais para os Estados Unidos durante a década de 1940, aparece, como tenho destacado, de forma basilar na atividade editorial de Germani. Se aceitamos o vínculo, poderemos perceber a ultima das operações de enquadramento às quais são submetidas essas leituras frankfurtianas, a saber, sua funcionalidade enquanto possibilidade de inserir um elemento emancipatório nas teorias da modernização. Se, no caso europeu, a maior parte dessas análises passa por uma ponderação catastrófica, organizada a partir do famoso debate sobre a crise e a decadência que informou o campo intelectual europeu na primeira metade do século – notadamente via Alemanha –, na

---

[568] "El estado actual de las ciências humanas no podría ser compreendido sin tener en cuenta los aportes psicoanaliticos" (GERMANI, 1966, p. 113).

[569] "ha permeado los fundamentos, los supuestos implícitos de las diferentes ciências humanas" (idem, p. 114)

[570] "Mas la fecunda colaboración resultante puede verse frustrada si se olvida que lo interpersonal sobre todo expresa y mediatiza las fuerzas del mundo sociocultural, la influencia del tipo de cultura y particularmente de la estrutura social y del grado de integración. Ningún refinamento metodológico ni formalización matemática pueden reemplazar, ni en el terreno de la sociologia ni mucho menos en el de la psiquiatria, esta sencilla verdad" (GERMANI, 132).

América a reflexão sobre as massas ganha conotações e implicações práticas distintas. Essa mudança, proponho, é mais do que uma mera transferência continental dos debates e, ao mesmo tempo, não se esgota na fórmula da "aclimatação" de um repertório forâneo: ela é viabilizada pelo uso que os frankfurtianos propõem das categorias psicanalíticas na análise dos fenômenos da "sociedade industrial", a partir do qual emerge uma vasta literatura sobre a relação entre massas e líder positivada: a psicologia social.

Vale a pena notar, nesse momento da análise, que Germani, ao publicar Adorno, Fromm, etc, na coleção da Paidós, não os aloca, em nenhum momento, no espectro do marxismo, muito menos os trata como uma escola potencialmente definível em seus próprios termos. Os autores da coleção estão agrupados em torno da ideia de "pensamento moderno", que poderia oferecer soluções para os problemas universais da integração das massas e da democracia. Por esse motivo, não é estranho que Germani amalgame, em sua operação de enquadramento, os autores frankfurtianos com nomes como Margareth Mead e Brenislaw Malinowski. A partir de agora, delineio brevemente os prefácios redigidos por Germani a essas outras obras, no intuito de capturar a similaridade de operação de enquadramento que faz com que os alemães da escolha de Germani, os frankfurtianos mais distantes, por assim dizer, dos "metafísicos" da escola, pudessem ser operacionalizados, na ocasião de sua recepção, como enfrentamento à antiga tradição alemã de crítica do positivismo.

Em *El surgimento del si mismo (self) y los fundamentos de la psicologia social* (1966), prefácio à obra de George Mead da coleção da Paidós, Germani procura demonstrar como está finalmente superada a infrutífera dicotomia, que tanto contribuiu para a disseminação do pensamento alemão, entre indivíduo e sociedade. Para Germani, Mead logra efetivamente uma teoria unitária da ação social, contribuindo assim para a maturidade disciplinar da qual a unificação teórica é sintoma. Mead estaria caminhando na esteira de Parsons, cuja tentativa de unididade disciplinar mobilizava, tal como Mead, uma ampla tradição, de Wilfredo Pareto a Max Weber. Essa conquista é importante na medida em que, para Germani, era a antiga e perniciosa dicotomia entre sujeito e mundo que sustentava a compartimentalização estanque entre psicologismo e o sociologismo, então finalmente superada pela psicologia social quando esta observa que "há entre eles uma reciprocidade de perspectivas em que o que é comumente chamado de consciência individual é a direção que a corrente da vida psíquica assume em direção ao eu, o que é chamado de consciência coletiva, a direção que a mesma leva para o nós"

(1966, p. 98)[571]. A tradição a qual recorre Mead, ainda, é aquela que começa em Chicago, aciona os interacionistas simbólicos e, por fim, adensa-se no ponto central das teses de Mead: o ponto de vista genético na formação da personalidade, que poderia ser condensado na ideia de que "O indivíduo, como pessoa auto-consciente, só é possível sobre a base de seu pertencimento à sociedade. Essa, ainda que em grau rudimentar, é o suposto histórico do surgimento da auto-consciência" (idem, p. 102)[572]. É possível verificar, antropologicamente, o nascimento da possibilidade de se ver como algo distinto do mundo, desse modo, sair da dicotomia individuo *versus* sociedade tornava-se possível na justa medida em que se poderia conceber o pensamento do indivíduo dentro do grupo, estando o pessoal recortado da própria substância das relações sociais.

Assim como a reivindicação da assincronia através de Fromm e das dinâmicas de integração psicológicas através de Adorno, Germani recupera, a partir de Mead, a defesa da unidade das ciências, tema que perpassa não apenas sua aposta teórica mas, como veremos no próximo capítulo, sua proposta institucional para a sociologia. Assim, a operação de enquadramento é análoga, embora se tratem – no caso da Escola de Chicago e da Escola de Frankfurt – de um conjunto de teses bastante distinto.

Em *El Funcinoalismo y la revisión del psicoanálisis*, introduzindo a obra de Malinowski, Germani faz, a partir do elogio da obra do antropólogo, mais uma defesa da cultura como unidade integrada, cujas partes são interdependentes e existem em função de fins

> ao invés do 'elemento' isolado, artificialmente separado pela análise, insiste-se na necessidade de levar em conta a estrutura total, cada aspecto tendo que ser estudado em sua interdependência com os demais e em função da cultura ainda considerada como uma Gestalt, uma configuração (1966, p. 106)[573].

Malinowski contribui ainda, segundo Germani, com a revisão de certos conceitos psicanalíticos: introduz na psicanálise, justamente, uma dimensão sociológica, "o caráter biologista das premissas básicas do pensamento de seu criador impediu que ele alcançasse uma perspectiva adequada para levar plenamente em conta o significado da dimensão histórico-social inerente ao comportamento humano" (idem, p. 110)[574]. No geral essa deficiência fazia

---

[571] "hay entre ellas uma reciprocidad de perspectivas por la cual lo que comúnmente se designa conciencia individual es la dirección que la corriente de la vida psíquica assume hacia el yo, yo lo que se llama conciencia colectiva, la dirección que esa misma corriente toma hacia el nosotros" (1966, p. 98).

[572] "El individuo, como persona autoconsciente, sólo es posible sobre la base de su pertenencia a la sociedade. Esta, aunque em grado rudimentario, es el supuesto histórico del surgimento de la autoconsciência" (1966, p. 102).

[573] "En lugar del 'elemento' aislado, artificialmente separado por el analisis, se insiste en la necesidad de tener en cuenta la estructura total, debiéndose estudiar cada aspecto en su interdependência con los demás y en función de la cultura todavia considerada como una Gestalt, una configuración" (1966, p. 106).

[574] "El carácter biologista de las premisas básicas del pensamento de su creador le impidió alcanzar una perspectiva adecuada para tener en cuenta en toda su extensión el sentido de la dimensión histórico-social inherente a la conducta humana" (1966, p. 110).

com que simplesmente se transpusesse a análise do indivíduo para o coletivo em termos de "instintos" e pulsões. Malinowski, contudo, consegue modificar os termos que contradizem os resultados empíricos da sociologia e da antropologia. Não nega, por exemplo, o édipo freudiano, mas o localiza dentro de um corpo de possíveis construções familiares.

> Em qualquer caso, num momento em que não há como negar a existência de mecanismos inconscientes gerais - por exemplo, repressão, ambivalência e outros -, um princípio sociocultural que substitui o indivíduo ahistórico e abstrato da concepção ortodoxa freudiana é introduzido na psicanálise pelo indivíduo concreto a cuja formação concorrem não só a biologia mas também a sociedade e a história; isto é, ele mesmo e sua própria obra do homem (GERMANI, 1966, p. 112)[575].

O que se depreende da interface editorial de Germani é, para os interesses desta pesquisa, sua intenção pedagógica e modernizadora. Nesse sentido, muito embora a tradição do pensamento alemão que circulava na Argentina funcionasse como o anátema mítico de sua aposta sociológica, Germani pôde operar uma cisão classificatória fundamental: os frankfurtianos de sua eleição estão apresentados como precursores e argumentos de autoridade de suas próprias teses, e não aparecem vinculados a nenhuma vertente da "tradição alemã a la Freyer", que será duramente criticada por ele durante sua docência na UBA na década de 1950. Além disso, a migração dos autores vinculados à Escola de Frankfurt foi um fator fundamental para a revalorização positivada das análises sobre a relação entre massas e líder ou, ao menos, para que a relação imediata entre baixa instrução e adesão a regimes totalitários fosse posta em questão – o que se coaduna, diga-se de passagem, com a aposta teórica sobre o peronismo que Germani divulgaria a partir de 1955. A distância entre a concepção de Adorno e a de Marcuse, notadamente, baliza essa transformação. Dentro do projeto de conciliar a psicanálise com o marxismo, as leituras frankfurtianas ilustram uma mudança de atitude frente ao delicado tema da adesão das massas à regimes autoritários, justamente a partir da inserção de um elemento de superação utópica, ausente nas leituras sobre a teoria das massas que circulam na Europa na transição do XIX para o XX, marcadas, essas ultimas, por um "sentimento de catástrofe". [576]

---

[575] De todo modo, al passo que no se niega la existência de mecanismos inconscientes generales – por ejemplo, la represión, la ambivalência y otros – introdúcese en el psicoanálisis un principio sociocultural que sustituye al individuo ahistorico y abstracto de la concepción ortodoxa freudiana, por el individuo concreto a cuya formación concurren no sólo la biologia sino también la sociedade y la historia; es decir: el mismo, y su propia obra de hombre (1966, p. 112).

[576] É importante considerar que, desde as primeiras décadas do século XX, alguns debates centrais do campo intelectual alemão foram "aclimatados" por intelectuais americanos. Simmel, por exemplo, é operacionalizado pela Escola de Chicago para pensar a relação entre os vínculos individuais e as cidades e o próprio Max Weber é, algumas décadas depois, introduzido a partir da leitura canônica de Write Mills. Nesses casos, inclusive, pode-se perceber que o tom catastrófico desse repertório é posto em segundo plano, e as obras funcionam mais como "diagnósticos" do que como narrativas trágicas. Essa aclimatação, portanto, insere um elemento de futuro, de planejamento, ausente no contexto original de divulgação dessas análises, a Alemanha da virada do século. O caso da ida dos membros da Escola de Frankfurt para os Estados Unidos, contudo, guarda duas peculiaridades

A narrativa da crise era consensual, como tenho tentado apresentar, em todo o universo intelectual da década peronista. Dentro da universidade, ela baseia a investida peronista que pretende nacionalizar e popularizar a instituição, aproximando o saber científico e humanista da "essência argentina", que se encontrava, naquele estagio crítico, supostamente obscurescida. No caso de espaços como o CLES, a SADE e as editoras como a Paidós, a crise oferecia a possibilidade de atualização sistemática dos insumos cognitivos argentinos, e amalgamava-se com uma crise mais ampla e mais universal: a modernização e as relações tensionais dos processos de desenvolvimento social e econômico. Nesse universo, as leituras sociológicas e psicanalíticas de Germani comungavam numa visão de mundo e numa atitude: a saber, a de que entender os mecanismos psicanalíticos era um modo, sociológico, de planejar um futuro emancipado e democrático. Essa tarefa foi levada a cabo, principalmente, através do esforço editorial acima descrito.

Há, contudo, uma outra dimensão da circulação do discurso de crise durante a época peronista e, para que sua potencia de contraste ganhe destaque, ele será abordado a partir de um recorte específico: as traduções e a divulgação que a Editora Sur, representante da "velha argentina letrada" e dos "genteleman escritores", como os chamava David Viñas (2005), faz do corpus teórico frankfurtiano. Suas escolhas de publicação e o tipo de narrativa editorial que engendram, ajudam a perceber de que modo a Argentina da época peronista era um universo intelectual sensível ao discurso crítico que pôde apropriar-se de distintas versões do diagnóstico trágico, algumas delas, inclusive, a partir dos mesmos autores, como Adorno.

3.3. OS ALEMÃES E A PRAÇA PÚBLICA: FILOSOFIA ALEMÃ TRADUZIDA AO ESPANHOL E A *SUR*.

Se, por um lado, as editoras, notadamente a *Paidós* e a *Cursos y Conferencias* (CLES), protagonizam a cena acadêmica no espaço deixado pela universidade sob intervenção, há um outro estrato do mundo intelectual que permaneceu à margem da universidade. As revistas culturais, estudadas como plataforma de formação de redes intelectuais, constituem um dado significativo do universo intelectual argentino, tanto pelo impacto absoluto no cenário de divulgação da cultura como, propriamente, pelos dados que fornecem para o mapeamento da circulação do discurso de crise na Argentina. No caso da coleção da *Paidós* os autores postos

importantes, que justificam sua eleição enquanto observatório privilegiado: por um lado, não se trata de uma interpretação elaborada no campo de recepção, são os próprios autores que passam a escrever em diálogo com a cena intelectual norte-americana, por outro lado, para os fins que interessam a esse artigo, operam a utilização do repertório psicanalítico de modo sistemático, e não difuso, como é o caso da "primeira geração" de alemães que influencia o universo intelectual dos Estados Unidos (Tonnies, Simmel e Weber).

em circulação aparecem como fornecedores de alternativas de superação do estágio crítico. No caso das revistas culturais, notadamente das que me proponho a analisar, o repertório da crise não apenas está em relação de continuidade com a prevalência da cultura clássica extra-científica como, sintomaticamente, funciona como reafirmação da necessidade de separação entre as esferas cultural e política. O repertório do pensamento alemão que, na atividade editorial de Gino Germani, tem conotação emancipatória, segue informando as análises da cultura clássica argentina, embora, neste caso, a partir das palavras de ordem do sentido trágico da vida e da inviabilização do indivíduo na sociedade de massas.

Em 1942 publica-se em Buenos Aires o *Índice de la filosofia alemana traducida al español*[577]. Juan Probst apresenta o texto que, patrocinado pela Sociedad Kantiana de Buenos Aires, cita Francisco Romero, que havia feito a apresentação na edição de 1935. Retomo o aporte de Romero, apesar de sua extensão, pelo indicativo que fornece acerca do impacto do pensamento alemão da virada do século, mas também pela referência a uma circulação não somente universitária:

> No início do século atual, após o positivismo, há um renascimento filosófico em que intervêm os países com maior produtividade científica e que têm impacto sobre os demais. Este reavivamento começa, como se sabe, com o retorno a Kant, com a projeção de interesse para a filosofia kantiana como doutrina e como possibilidades. Marburgo torna-se a Meca do movimento neokantiano. Dom José Ortega y Gasset e Don Manuel García Morente introduzem na Espanha as novas correntes de pensamento. Não é mais uma filosofia de importância secundária, escolhida pela inclinação pessoal de um estudioso, como é o caso do Krausismo. O neokantismo de Marburgo foi a direção capitalista do pensamento da época, a expressão mais fiel de sua consciência filosófica. Poderia ser relegado a um segundo mandato e até ser descartado antes de novas formas de filosofar, mas sem obcecar sua eficiência e fecundidade, seu papel essencial de fermentação e ponto de partida.
>
> A partir dessa etapa inicial, a curiosidade em relação à filosofia alemã acorda e se estende na Espanha e na América de língua espanhola. As traduções responsáveis são discutidas e as obras também são lidas no idioma original. Depois do neokantismo em suas várias encarnações e correntes simultâneas, a fenomenologia transcendental de Husserl desperta um interesse marcante. As grandes figuras do pensamento germânico tornam-se próximas e imediatas. Sua filosofia nos chega como uma coisa atual e viva, quase como uma

[577] O índice é composto por 15 seções, são elas: *Introducción a la Filosofia* (9 obras), *História de la filosofia* (36 obras), *Pensadores clásicos* (141 obras), *Biografias e interpretaciones* (92 obras), *Lógica, Gnoseologia e Epistemologia* (38 obras), *Filosofía de la Religión* (41 obras), *Metafísica* (24 obras), *Ética y Axiología* (23 obras), *Filosofia de la Naturaleza* (83 obras), *Sociologia. Filosofia del derecho del Estado y de la Economia* (155 obras), *Filosofia de la Cultura y de la História y Antropologia* (108 obras), *Filosofía del Lenguaje* (20 obras), *Estética, Filosofia de la Literatura* (44 obras), *Psicologia* (113 obras) e *Pedagogía* (145 obras), totalizando a resenha e as indicações de leitura de espantosas 1072 obras disponíveis em língua espanhola.

> constituição, e não como um eco distante do passado (*Indice de la Filosofia Alemana*... 1942, p. 5) [578].

O interesse pelos alemães a que se refere Romero ultrapassa em larga medida o interesse dos especialistas. Paladinos da discussão sobre a crise, sobre a sociedade de massas, sobre a imigração etc, esses autores alemães que Romero aciona reverberam também através de uma ampla rede de revistas. Bastante conhecida é a relação da Sur com a Revista de Occidente, dirigida por Ortega em Madri. Abordo nesse ponto, contudo, uma dimensão específica dessa dinâmica de circulação, a saber, as traduções do repertório alemão nos circuitos literários e culturais argentinos.[579]

Ao longo da década de 1930, esse circuito de sociabilidade privado legitimava-se de forma amplamente não-estatal. Enquanto a universidade sofria, reiteradamente, intervenções de larga monta, essas iniciativas privadas legitimavam-se enquanto instâncias culturais independentes. A existencia de empreendimentos editoriais como *Nosotros*, *Claridad*, dentre outras, ajudam a visualizer a hipertrofia desse espaço ou, nos termos de Sarlo, o "clima de ampliação da oferta cultural" (2011, p. 50) que então vigorava. O recorte deste capítulo, contudo, privilegia uma publicação em especial, a Revista *Sur*. A escolha desse objeto tem, para a economia do argumento geral da tese, duas justificativas: inicialmente a importância posicional da revista, que funcionou como árbitro do bom gosto nas letras argentinas ao longo de mais de 40 anos[580]; além disso, o fato de que ela representa simbolicamente o oposto clássico do projeto da sociologia científica, aspecto que ajuda a perceber e reafirmar o argumento de que o discurso de crise foi capaz de se contituir numa plataforma polivalente de significado a ponto de abranger, ao mesmo tempo, posições tão teóricamente distantes no cenário intelectual.

---

[578] "A principio del siglo actual, tras el positivismo, se produce un renacimiento filosófico en el cual intervienen activamente los países de mayor productividad cientifica y que repercute en los demás. Se inicia este renacimiento, como es sabido, con la vuelta a Kant, con la proyección del interés hacia la filosofia kantiana en cuanto doctrina y en cuanto posibilidades. Marburgo se convierte en la Meca del movimento neokantiano. Don José Ortega y Gasset y don Manuel García Morente introducen en España las nuevas corrientes del pensamiento. Ya no es una filosofia de secundária importância, elegida por la personal inclinación de un estudioso, como es el caso del Krausismo. El neokantismo de Marburgo era la dirección capital del pensamiento de la época, la más fiel expressión de su consciência filosófica. Podía relegarse a segundo término y aun desecharse ante nuevos modos de filosofar, pero sin que ello obste a su eficiência y fecundidad, a su esencial papel de fermento y de punto de arranque. A partir de esta etapa inicial, la curiosidad hacia la filosofia alemana se despierta y se extiende en España y en la America de habla española. Menudean las traducciones responsables y se comienza a leer también las obras en el idioma original. Tras el neokantismo en sus variadas encarnaciones, y las corrientes simultâneas, la fenomenologia transcendental de Husserl suscita un señalado interés. Las grandes figuras del pensamiento germânico se nos hacen próximas, inmediatas. Su filosofia nos llega como cosa actual y viva, casi em trance de constitución, y no como eco distante del pasado" (Indice de la filosofia alemana, 1942).

[579] A análise que segue foi publicada, de modo detalhado, na Revista de História Intelectual Intelligere (USP, 2018).

[580] "Sobressai como experimento único, sem paralelo na história intelectual brasileira" (MICELI, 2018, p. 10).

Fundada por Victoria Ocampo em 1931, a revista cultural incluía, em seu núcleo de colaboradores permanentes nomes como José de Ortega y Gasset, Waldo Frank, Drieu de la Rochelle, Jorge Luis Borges, Leo Ferrero, Eduardo Mallea e Henrique A. Murena. Muito embora não seja possível definir uma fronteira clara ou estável entre os escritores vinculados à Sur e a Universidade daquele período, o trânsito que havia entre ambas as instâncias era restrito e, quando se dava, norteava-se pelo acumulo de prestígio alheio à universidade. Essa relação era desigual inclusive em termos de notoriedade no campo, na medida em que o próprio pertencimento a uma universidade sob intervenção tendia a desqualificar as falas escolásticas, enquanto as instâncias privadas reivindicavam uma espécie de "capital moral" por não se submeterem às investidas do Estado.

Apesar da alegada neutralidade, não se pode deixar de notar a quase completa omissão da revista em relação às tensões políticas desses anos[581]. Conforme King (1986), os membros permanentes desse círculo se moviam num "estilo de convivência ideológica", ainda que discordassem eventualmente entre si.[582] A partir dessa estratégia, segundo Miceli, a Sur funcionou, nos primeiros anos, baseada no prestígio que intercambiava com seus membros estrangeiros e que preenchiam as páginas de Sur com "retratos essencialistas que pretendiam quiçá validar a superioridade argentina na voz de intelectuais estrangeiros consagrados" (MICELI, 2018, p. 41). Paulatinamente a revista se torna o "carro chefe so stablishment literário" argentino, consagrando a atividade intelectual e literária "como prática reservada à minoria da inteligência e, ao mesmo tempo, propiciou a mediação exclusiva de um círculo de sociabilidade da alta burguesia" (MICELI, 2018, p. 42)

A análise de Miceli, que procura se atentar aos aspectos morfológicos dos parceiros da revista em detrimento da narrativa mítica que se constuiu eventualmente em torno do

---

[581] No volume XIV, de 1945, há, por exemplo, uma comovente declaração no editorial da Revista, que pode ajudar a pensar essa dinâmica entre neutralidade e engajamento que caracterizou a Sur. Nesse editorial lemos: "Sabíamos, sim, as deficiências dos regimes democráticos - deficiências inerentes ao humano. Eles achavam que podiam ser corrigidos e que, de qualquer maneira, eram preferíveis ao sistema de ultrajes bárbaros e à desordem ordeira do totalitarismo. O que nós não sabíamos era até que ponto a farsa, a indignidade, a traição e a vileza organizada poderiam chegar em ditaduras esquerdas ou direitas. Agora sabemos".(OCAMPO em SUR, 1945, p.4) ["conocíamos, si, las deficiências de los régimens democráticos – deficiências inherentes al humano. Pensábams que podían corregirse y que eran, de cualquier modo, preferibles al sistema de bárbaros atropelos y al ordenado desorden de los totalitarismos. Lo que ignorábamos era hasta qué punto de farsa, de indignidad, de traición y de vileza organizadas podían llegar las dictaduras de izquierda o de derecha. Ahora lo sabemos" (OCAMPO em SUR, 1945, p. 4)].

[582] Nos termos de Bourdieu, "a participação em uma cultura comum, seja verbal ou de experiência artística, é sem dúvida um dos fundamentos mais seguros da cumplicidade profundamente enraizada dos membros das classes dominantes, apesar de diferenças no status ocupacional e condição econômica "(1967: 377). ["La participation à une culture commune, qu'il s'agisse de schemes verbaux ou d'admirations et d'expériences artistiques, est sans doute u n des fondements les plus sûrs de la complicité profonde qui unit les membres des classes dominantes, en dépit des différences de situation professionnelle et de condition économique" (1967, p. 377)].

empreendimento, ajuda a dimensionar o alcance da empreitada, que se projetava, mesmo em momentos de questionamento da ideia de neutralidade, como o "florão orgânico da minoria cultivada da oligarquia, em meio à crise política e doutrinária em que soçobrou o projeto de redenção nacional pelo alto" (MICELI, 2018, p. 48). Nos famosos salões de San Isidro, propriedade da família Ocampo que funcionava como antessala da consagração cultural daqueles tempos, transitavam, segundo compilação de Miceli, nomes como Mallea, Erro, Caillois, Maria Rosa Oliber, Lanuza, Ureña, Arciniegas, Rougemont, Bunes e, eventualmente, dividiam a mesa com a sociabilidade francesa de Ocampo: Jean Hugo, bisneto de Vitor Hugo, pintor. Jean Godebski, amigo intimo de Ravel, Baba de Faucigny-Lucinge, filha do banqueiro e barão de Erlanger, dentre outros.

Para uma revista literária, o alcance do empreendimento bancado pela fortuna da família Ocampo é suntuoso. Entre 1931 e 1966 se editaram 305 números da revista, com uma periodicidade que variava entre mensal e quadrimestral (GRAMUGLIO, 2007; SILVA, 2005). Uma série de "edições comemorativas" de luxo foi publicada ao longo das décadas de 1970 e 1980, e o ultimo número isolado é de 1992. É importante registrar que o momento de maior prestígio da revista dá-se durante a época peronista e que, apesar de opositora ao regime, as análises que saem em suas páginas sobre o regime deposto em 1955 tenham sido, a rigor, consideradas radicais demais, principalmente pelas novas revistas de esquerda que surgiam no contexto de abertura política, como a Contorno. É, portanto, num contexto de crise de seu prestígio como árbitro cultural que a editora Sur publicará, nos anos 1960, a Coleção *Estudios Alemanes.*

Trata-se de uma coleção dirigida por Victoria Ocampo, Hans Bayer, Ernesto G. Valdés, Rafael G. Gigardot, Geo T. Mary e Henrique A. Murena. A composição da equipe indica algumas pistas sobre a proposta que norteará o empreendimento. Ocampo e Murena, membros da direção da revista, estão associados a Garzón Valdés e Rafael Gutiérrez Girardot, ambos vinculados a universidade de Bonn, na Alemanha que, embora não fossem membros ativos da Revista Sur, mantinham com seus fundadores uma relação baseada no *ethos* familiar destacado por Miceli (2012). Geo T. Mary e Hans Bayer, por seu turno, aparecem apenas nominalmente na direção da coleção, como representantes das editoras alemãs que apoiaram o projeto.

Há, dentre os livros publicados pela E*studios Alemanes,* uma série que pode ser imediatamente identificada enquanto representante da E*scola de Frankfurt,* são eles: *Teoria y Praxis*, de Harbermas, 1966; *Filosofia de la nueva musica* de Adorno, em 1966; *Ensayos escojidos*, de Benjamin, em 1967; *Cultura y Sociedad* de Marcuse, em 1967; *Crítica de la*

razón instrumental de Horkheimer, em 1969; *Dialetica del iluminismo,* de Adorno e Horkheimer em 1970 e *Sobre el concepto de hombre y outros ensayos*, também de Horkheimer, em 1970. Observamos que com a exceção cronológica de Habermas, trata-se do que Martin Jay qualifica como o núcleo identificável do Instituto de Pesquisas Sociais. A curiosidade que inaugurou esta reflexão, a saber, porque uma revista liberal estaria publicando autores de filiação marxista pôde ser aventada a partir do fato de que essas publicações estão dissolvidas – inclusive temporalmente – em uma série de outras que distam substancialmente da perspectiva da teoria crítica. A título de exemplo citamos *Fundamento y abismo de poder*, de Dolf Sternberger, cientista político*, Hombre y Mundo em la Filosofia Comunista*, do jesuíta neotomista e ex-professor do Instituto Oriental Papal de Roma, Gustav Wetter, *Perfección y Fracaso de la Tecnica,* do poeta e crítico literário Friedrich Junger, *Humanismo Occidental*, de Hug Friedrich, filólogo e teólogo e *Pensamento Metódico*, do matemático e lógico Paul Lorenzem, todos publicados nos últimos 5 anos da década de 1960.

Observando a listagem e a datação das obras publicadas no escopo da coleção, é possível analisar algumas das operações de enquadramento levadas a cabo pela coleção, que podem ser esboçadas através da análise das escolhas dos títulos e da (não) ordenação temáticas dos autores. Ainda que os frankfurtianos pudessem, sem contrassenso aparente, aparecer numa publicação sobre "pensamento alemão", o fato de que eles não aparecem enquanto escola, não se sucedem, e tampouco são apresentados enquanto membros de uma determinada vertente teórica, acaba por diluir as diferenças políticas nas escolhas de publicação ou, ao menos, torna-las menos identificáveis para um leitor não familiarizado de antemão com o projeto do Instituto de Pesquisas Sociais. Nesse sentido, tal como no caso dos frankfurtianos editados por Gino Germani na Paidós, a vinculação inaugural dos autores ao marxismo é preterida em nome de uma significação autóctone das obras.

À diferença do caso da Paidós, todavia, não aparece, na coleção, nenhuma reivindicação clara de filiação, nada que indique que aqueles autores pudessem funcionar como avalizadores da perspectiva dos tradutores. Não há prefácios, como veremos, tampouco preocupações evidentes de elaborar uma seriação das obras. Além disso, a intenção do projeto, conforme seus idealizadores, é ser apolítico. Independentemente da possibilidade de que um projeto dessa natureza possa ou não ser pensado como apolítico, nos interessa o que essa retórica de neutralidade informa sobre as operações de enquadramento e sobre os espaços políticos que ela reivindica.

Luiz Ignacio García (2014) já destacou a singularidade da empreitada: num sentido

estrito, a revista que representava simbolica e materialmente a oligarquia liberal foi quem traduziu, de modo inédito, não apenas alguns textos isolados dos marxistas de Frankfurt mas, precisamente, o "núcleo duro" de seu pensamento. Partilho, ademais, da ponderação de García (2014) quando destaca que a coleção levada a cabo por Sur pode ser observada a partir de uma filiação tradicional:

> A vertente que poderíamos chamar de 'idéias' na revista sempre se estabeleceu na tradição do pensamento alemão, mais do que no francês, e muito mais do que no anglo-saxão. Pensemos na forte marca neospengleriana nos ensaios de Mallea, Martínez Estrada ou Carlos Alberto Erro, mas principalmente na formação estritamente alemã dos filósofos mais profissionais da revista, como Francisco Romero, ou também, embora menos próxima do grupo, Carlos Astrada ou Miguel Ángel Virasoro. Tampouco os episódios isolados podem ser mais isolados, mas não menos relevantes, como a destacada presença na revista do talvez maior músico e musicólogo argentino do século XX, Juan Carlos Paz, seu militante defensor da vanguarda de Arnold Schönberg, e seu trabalho incansável a difusão da 'nova música' em nosso país (2014, p.XX)[583].

Ao longo de toda sua existência enquanto revista, o grupo Sur reivindicou uma sorte de tutela do gosto na Argentina. Assim, os apelos de trazer o "bom e o belo" para os leitores argentinos não é exatamente novo nas páginas da revista. Um dos tópicos iniciais de fundação do periódico, já em 1931, é precisamente julgar os publicáveis pela qualidade de seu trabalho, e pelo que tivessem a conrtibuir para a sofisticação dos hábitos leitores da elite portenha. Não pode nos passar desapercebido, se pretendemos destacar a singularidade desse empreendimento, que Sur já havia publicado, nas páginas da revista, alguns outros autores de fundo marxista, como Gramsci, e já havia levado a cabo uma ampla discussão sobre Sartre, inclusive com a publicação, em 1947, de *El Existencialismo es un Humanismo*, na íntegra. Contudo, como notam Terán (2004) e Silva (2004), essas publicações heterodoxas ao longo do peronismo estiveram inseridas em uma reflexão existencialista da própria ideia de compromisso, relacionada com a possibilidade de resistência individual diante do que consideravam como a ameaça totalitária à vida contemplativa e a seu *ethos* aristocrático. Assim, muito embora vinculado a uma tradição crítica, o debate sartreano não contradizia a postura da revista durante o regime peronista, e o próprio conceito de intelectual que emerge

---

583 "La vertiente que podríamos llamar "de ideas" en la revista siempre se asentó en la tradición del pensamiento alemán, más que en el francés, y mucho más que en el anglosajón. Piénsese en la fuerte impronta neospengleriana en el ensayismo de Mallea, Martínez Estrada o Carlos Alberto Erro, pero fundamentalmente en la formación estrictamente alemana de los filósofos más profesionales de la revista, como Francisco Romero, o también, aunque menos cercanos al grupo, Carlos Astrada o Miguel Ángel Virasoro. No pueden olvidarse tampoco episodios más aislados pero no menos relevantes, como la destacada presencia en la revista del acaso más grande músico y musicólogo argentino en el siglo XX, Juan Carlos Paz, su militante defensa del vanguardismo de Arnold Schönberg, y su infatigable labor por la difusión de la "nueva música" en nuestro país" (2014, p. XX).

do filósofo francês – ao menos antes da década de 1960 - não é estranho aos debates da revista e a seu projeto de posicionamento no mundo intelectual.

Segundo Gaston Valdez, amigo pessoal de Murena e responsável por propor o projeto à editorial *Sur*, a ideia era publicar literatura alemã de qualidade, sem filtro ideológico. Editavam-se, com apoio financeiro do governo alemão, entre 2000 e 3000 exemplares de cada livro, sendo que 1000 eram imediatamente comprados pelo Ministério das Relações Exteriores alemão para divulgação da cultura germânica (GARCIA, 2014). Essa compra garantia o financiamento da empreitada, que não onerava, portanto, o grupo Sur. Ao longo do projeto, a coleção foi vendida para a editorial *Sudamericana*, na qual foram publicados os últimos números, já na década de 1990. Victoria Ocampo, diretora da revista e sua grande mecenas, nunca se interessou pessoalmente pela coleção, conforme o atestam os diretores do projeto, apenas emprestou seu prestígio à empreitada, deixando o trabalho de escolha dos textos à comissão supracitada de editores. Em entrevista de Valdez a Luiz Garcia (2014) a proposta de neutralidade das escolhas de edição é descrita nos seguintes termos:

> a seleção de trabalhos, por exemplo, de Benjamin, Adorno ou Marcuse, não foi feita porque eles faziam parte de um grupo ou escola, mas por causa da qualidade individual desses autores. Em outras palavras, não pretendíamos traduzir a Escola Francoforte porque poderia ter consequências políticas, seus autores nos pareceram excelentes (apud GARCIA, 2014, p.138)[584].

Para além, todavia, dessas alegações de neutralidade, alguns mecanismos observáveis pelas escolhas da edição podem nos ajudar a perscrutar o sentido dessa operação de enquadramento. Salta aos olhos, de início, o fato de que numa coleção que pretende apresentar ao leitor de fala espanhola os principais nomes do pensamento alemão, não exista, a rigor, um trabalho de prefaciamento dos livros, tampouco de notas de tradução que indiquem algum tipo de comentário sobre os textos. Se pensamos, com Boltanski (1975), nas operações de importação como transferências de valor, do autor exportado para o autor exportador e vice versa, a ausência de prefácios – *locus* por excelência, para esse autor, desse comércio de valores – seria preciso investigar o efeito dessa escolha como fiadora da pretensão de apoliticismo da coleção. Se por um lado a ausência de prefácios pode indicar a ideia de que o texto traduzido está consagrado de antemão, por outro lado, o fato de a Editora Sur emprestar seu nome e sua história no campo à coleção ajuda a desestimular possíveis leituras engajadas

---

[584] "la selección de obras de, por ejemplo, Benjamin, Adorno o Marcuse no se hizo porque formaran parte de algun grupo o escuela sino, por la calidad individual de estos autores. Dicho de outra manera: no nos propusimos traducir la Escuela de Francoforte porque ella puediera tener consecuencias politicas, sus autores nos pareceran excelentes" (GARCIA, 2014, p. 138).

eventualmente factíveis das obras dos frankfurtianos. Observamos, para tanto, uma das poucas ocasiões em que há, na orelha do livro, uma breve indicação de leitura. Trata-se justamente do livro de Habermas, publicado em 1966, em consideração redigida por Carlos Silva

> Este livro, com o qual a Coleção de Estudos Alemães continua, que o Editorial Sur começou a dar a conhecer as melhores expoentes do pensamento alemão atual, deve ser lido em princípio como estudos históricos preliminares para a investigação sistemática da relação entre teoria e prosa no campo das ciências sociais (...) O leitor que quisesse queira completamente este livro deve superar dentro de si todos os confortos dos hábitos mentais[585].

Dificilmente depreende-se, desse comentário sobre o livro de Habermas, algo além da indicação de que se trata de uma leitura sofisticada, acessível àqueles que se dispusessem a ter "hábitos mentais" cultivados e ecléticos. Observamos que o efeito de neutralidade que se projeta na ausência de comentários críticos sobre os textos revela, sobretudo, as escolhas de campo operadas pela coleção: o público dos *Estudios Alemanes* não é substancialmente distinto da audiência já consolidada da revista, conjunto de leitores que está, nos anos 1960, senão em declínio, ao menos incomodamente instável. Como pontua Garcia, o contraditório da situação é que, apesar dessas triagens de sentido, "foi através das páginas da muito sarmentina Sur que pela primeira vez se disse na Argentina que não existe documento de cultura que não seja ao mesmo tempo documento de barbárie" (2014, p. 144)[586].

Se o pensamento alemão foi associado, na maioria das vezes, à reação anti-positivista, o caso das escolhas de publicação levadas a termo pela Sur ajuda a matizar o fato de que não há um pensamento alemão e, muito menos, um recorte de leitura único de seus autores. Trata-se, sobretudo, de fazer funcionar, no campo intelectual argentino, os coeficientes de prestígio e de tradição que a referência a esses autores implica. Assim, acionar os frankfurtianos a partir do que têm a dizer sobre o temor da sociedade de massas é, além de operar um recorte muito específico – os desvinculando do repertório emancipatório que, de modo geral, se segue do pessimismo dos autores -, angariar argumentos de autoridade capaz de avalizar a própria "meta civilizatória" da revista: diante de um mundo ultra-racionalizado, dominado pelo positivismo e pelas soluções autoritárias, preservar um espaço de racionalidade e cultivo do gosto.

---

585 "este libro, con el que se continúa la Colección Estudios Alemanes, que la Editorial Sur há iniciado para dar a conocer a los mejores expoentes del pensar alemán actual, debe ser leído em principio como estúdios históricos preliminares para la investigación sistemática de la relación entre la teoria y la prosa en el campo de las ciências sociales (...) El lector que quera llegar a comprender enteramente este libro deberá vencer dentro de si todas las comodidades de los hábitos mentales".

586 "fue a traves de las paginas de la muy sarmentina Sur que por primera vez se dijo en Argentina que no existe documento de cultura que no sea a la vez un document de barbarie (2014, p. 144).

Na década de 1960, a comunidade acadêmica alemã não funcionava mais como a referência central nas ciências humanas acadêmicas. O modelo de universidade americana, somado às baixas causadas pelos exílios intelectuais durante o período nazista, já haviam alocado a antiga e tradicional universidade alemã em posição coadjuvante nas hierarquias de consagração internacional. Traduzir os alemães num momento de declínio de seu prestígio internacional, contudo, tem sua razão de ser, trata-se de traduzir a tradição e, com ela, um mundo que encontra-se em pleno ocaso, de modo a reabilitar uma figura central para o repertório simbólico de Sur e dos *gentleman* escritores: a figura, tipicamente alemã, do sábio. Como salienta King, as escolhas da revista sempre primaram por uma unidade ligada a um ethos geral, mais que a "qualquer declaração de princípios" (KING, 1986, p. 3)[587]. Reabilitar o sábio é reabilitar, muito antes que um conjunto explícito de teses, um modo de adquirir e professar cultura.

Se, por um lado, é difícil desvincular um nome como Adorno, por exemplo, da tradição marxista, não parece despropositado associar sua figura à esse tipo de atitude intelectual que informa a história da revista Sur e seu posicionamento no campo. Igualmente, a figura de Benjamin, morto e perseguido pelos governos autoritários da Europa da década de 1930, também evoca a causa do intelctual comprometido com os valores do espírito que perece na sociedade massificada. Assim, as escolhas editorais da Sur – o Adorno mais ensimesmado, o Horkhiemer mais metafísico e, por fim, um quase enigmático Walter Benjamin – deixam antever uma possibilidade de concordância simbólica que ultrapassa as fronteiras teóricas: trata-se de reivindicar um modo de ser intelectual, muito distante daquele, é importante frisar, que advogava Gino Germani traduzindo os mesmos autores na década anterior.

Esse prototipo de intelectual que repercute em Sur é precisamente aquele será criticado por Viñas na Revista Contorno, paradoxalmente a revista que mais lidou com a tensão da herança da Sur. Após a queda do peronismo, a revista de Victoria Ocampo perde paulatinamente sua proeminência no universo cultural de Buenos Aires, cedendo espaço a uma crítica mais realista e moderada do peronismo, justamente aquela exemplificada nas páginas da Contorno. A *atitude intelectual* dos membros de Sur, da qual Borges é prototípico, como veremos, constituirá não apenas o anátema teórico do projeto de Germani como, sobretudo, uma barreira de contenção à proposta que vinha do campo da sociologia: desconfiados da potência da racionalidade e da pertinência do engajamento intelectual em questões exógenas ao mundo das letras, a Sur representa aqui um amplo setor que retoma, diante do peronismo,

[587] "any declared statement of principles" (KING, 1986, p. 3)

a crítica à cultura científica que a geração espiritualista de 1910 havia elaborado. Pode-se manter em vista, por exemplo, a similaridade temática da já mencionada pergunta de Alejandro Korn "valeria a pena empregar longos anos de cálculos teóricos e de ensaios heróicos para consturir o avião e, em seguida, destina-lo ao assassinato com a mesma brutalidade ancestral? (KORN, 1944, p. 15)[588] e da pergunta que norteia a Dialética do Esclarecimento, também publicada pela Sur em *Estudios Alemanes* "O que nos propuséramos era, de fato, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie" (ADORNO E HORKHEIMER, 1975, p. 11)

Um dos autores mais próximos de Sur, desde sua fundação, o controverso Drieu de la Rochelle, ajuda a apresentar a atitude intelectual que tento aqui prescrutar. Segundo Ygnan-Saint (1984), Drieu foi um dos poucos de sua geração que não cedeu às pressões do engajamento, o que favoreceu que sua obra fosse reabilitada num momento de descrédito da salvaguarda moral das posições engajadas durante a segunda Guerra. Em seus termos,

> A reflexão de quase todos os escritores tentados pelo fascismo passa por um ponto comum: a percepção mais ou menos aguda dos perigos que ameaçam a civilização ocidental, o problema do declínio, real ou suposto, do Ocidente. Em Drieu, essa ideia de decadência é uma presença quase permanente, uma verdadeira obsessão (YGNAN-SAINT, 1984, p. 18)[589].

Quando observamos os escritos de Drieu sobre a Guerra, por exemplo, encontramos uma sorte de capitalizaçãzo da bravura, a perspectiva da morte que dá sentido e unidade à vida, numa tentativa de leitura psicológica da crise. A própria Guerra, diz Drieu, está em decadência, se tornou subalterna e promíscua

> que ridiculariza todos os valores que, para dar armas aos soldados, exacerba a ideologia dos industriais, decompõe o ideal do guerreiro pelo culto da máquina que se vinga do homem, na guerra, da escravidão do homem em paz (La Rochelle in YGNAN-SAINT, 1984, 99)[590].

Para Drieu, a tolerância dos europeus com essa guerra absurda seria o sintoma de sua decadência, não de sua virtude, sendo preciso, pois, re-acionar o combate eterno, aquele da consciência. De posturas como essa emerge sua imagem de escritor à maneira romântica, uma

---

[588] "Valía la pena emplear largos años de cálculos teóricos y de ensayos heroicos para construir el aeroplano y destinalo luego al asesinato con la misma brutalidade ancestral?" (KORN, 1944, p. 15).

[589] "la réflexion de presque tous les écrivains tentés par le fascisme passe par un point commun: la conscience plus ou moins aiguë des danges qui menacent la civilisation occidentale, le probleme du déclin, réel ou sopposé, de l`Occident. Chez Drieu, cette idée de décadence est une présence quasi permanente, une véritable obsession" (1984, p. 18).

[590] "qui tourne en dérision toutes les valeurs, qui pour donner des armes aux soldats exacerbe l´egoisme des industriels, pourrissant l´idéal du guerrier par le culte de la machine qui se venge ainsi de l´homme, dans la guerre, de son asservissement par l´homme dans la paix" (La ROCHELLE in YGNAN-SAINT, 1984, p. 99).

imagem sublime e um pouco crente que se assemelha ao profeta.

> A obra é principalmente para ele uma busca da verdade e da justiça, uma ética antes mesmo de uma estética, uma reflexão sobre os fatos da experiência, para tentar explicar para si e para os outros, a condição humana , com a secreta esperança de influenciar o seu curso (YGNAN-SAINT, 1984, 101)[591].

Drieu está empenhado em anunciar a morte do mundo velho, o que não implica nenhuma tentativa de reconstrução.

Não fortuitamente, apesar do manifestado apoliticismo, uma das maiores tiragens da *Estudios Alemanes* é a obra de Ernst Junger, *Perfección y Fracaso de la Tecnica*, publicada pela coleção na significativa data de 1968. Nessa obra, lemos a defesa de que a utopia da técnica é firmada no futuro, "a utopia exige um esquema que permita um desenvolvimento racional e a técnica é o esquema mais apto dessa índole que existe hoje" (JUNGER, 1968, p. 7)[592]. Distante da figura profética, o utopista apenas projeta o futuro a partir de possibilidades do presente, num procedimento absolutamente racional. Além disso, seu utopismo funcionaria apenas para satisfazer nossa inteligência com um pouco de probabilidade, utilizando a ciência no argumento para ocultar o fabuloso de sua fábula. O bálsamo da utopia científica, diz Junger, não é para sua época, "o positivismo é sempre uma ocupação para épocas tranquilas" (idem, p. 9)[593]. Junger se coloca contrário à um ponto sensível dos debates de seu tempo: a democratização fundamental dos benefícios da civilização moderna. Diagnostica, nessa narrativa, um erro pernicioso, a saber, aquele que defendia o uso da técnica para uma finalidade que não fosse a de incremento da própria técnica. Elege, nesse sentido, uma falácia: a de que a técnica leva ao ócio que leva, por sua vez, à contemplação. A contemplação não é para todos, frisava Junger, não é possível afirmar que o operário com tempo livre usaria espiritualmente o ócio: ao contrário, o ócio seria o caminho de sua decadência. Que a técnica produz a riqueza ninguém duvida, segue o autor, mas a riqueza como ter, não como ser, sendo essa última modalidade uma prerrogativa indelével de alguns indivíduos seletos. Em seus termos, "não há sintoma mais seguro e infalível da pobreza do que a progressiva racionalização da organização, a administração generalizada e a economia do homem encarregado de uma burocracia de especialistas especificamente instruídos para esse fim" (JUNGER, 1968, p.17)[594].

---

[591] "l´oeuvre est pour lui avant tout une recherche de la vérité et de la justice, une éthique avant même une esthétique, une réflexion sur des faits d´expérience, pour tenter d´expliquer pour soi et pour les autres, la condition humaine, avec le secret espoir d´influer sur son cours" (La ROCHELLE in YGNAN-SAINT, 1984, p. 101).

[592] "La utopia exige un esquema que permita un desarrollo racional, y la técnica es el esquema más apto de esa índole que hoy podría hallarse" (JUNGER, 1968, p. 7).

[593] "el positivismo es siempre una ocupación para época tranquilas" (idem, p. 9).

[594] "no existe ningun sintoma más seguro e infalibre de la pobreza que la progresiva racionalización de la organización, la penetrante administración y economificación del hombre a cargo de una burocracia de especialistas instruídos especificamente para ese fin" (JUNGER, 1968, p. 17).

Não foram poucas as ocasiões em que a Sur, mesmo durante seus anos mais combativos, os anos 1950, optou por críticas tangenciais ao regime peronista, em detrimento da confrontação aberta. O vocabulário de Junger, especialmente a crítica da técnica, nesse sentido, organizava as críticas ao mundo peronista, manifestando a desconfiança constitutiva que Sur nutria em relação ao mundo da eficiência que parecia evidente nos discursos de Perón e se aproximando da literatura de catástrofe, de matriz alemã. Dessa desconfiança se depreendia, por consequência, a hostilidade em relação ao tipo de intelectual que pactua com esse mundo técnico. Sucintamente, se o reino das ideias não deveria ser dominado pela técnica, o intelectual não poderia ser, ele próprio, um técnico. Nessa operação, um autor tão distante das opções teóricas de Junger como é o caso de Adorno, pode funcionar, sem maiores problemas, na economia do argumento. Acompanhe-se, por exemplo, suas *minima moralia*, na qual ele narra uma situação em que os poderes objetivos dominam os indivíduos, departamentalizando seu espíritco, "como se a classe de que os intelectuais independentens desertaram deles se vingasse, impondo coercitivamente as suas exigências onde o desertor busca refugio" (ADORNO, 1992, p. 11). Nesse mundo hostil, o que nada quer é suspeito, perde-se na socialização que o domina, "as relações turvas infiltram-se onde quer que ainda exista a aparência da liberdade" (idem, p. 13) de modo a promover o espírito igualitário que, no mundo da técnica, é o que une pela bestialidade em comum. A ciência, além de ter se tornado maior que a filosofia, agora tentava abocalha-la. Adorno advoga, então, por um pensamento que não tenha que demonstrar seu passo a passo. A delicadeza, sintetiza, tem a ver com desinteresse, sendo preciso manter a defesa de uma possibilidade especificamente teórica, que não se justifique apenas por sua utilidade.

A tradição alemã que repercute nos termos de Adorno, Horkheimer e Benjamin não é outra senão aquela que informava, a seu tempo, Jaspers em "a situação espiritual de nossa época". [595] Isso não significa que se trate de uma concordância teórica nem de um desenvolvimento lógico das teses, mas apenas que os une uma filiação de problemas compartilhados e de temas latentes, a *técnica* e a *crise* sendo dois dos mais resilientes. A conversão íntima e a preservação de si numa sociedade massificada, outrossim, um diagnóstico bastante frequente nessa literatura de catástrofe, foi capaz de unificar numa congruência de diagnósticos a antiga tradição do romantismo alemão com um aposta como a de Benjamin para quem, afinal, a crise aparece como pauperização da experiência e como "perda". No mesmo sentido, ao alocar a tradição frankfurtiana no espectro 'continental', D´Agostini destaca a resiliencia dessa literatura de catástrofe: "à positividade do objetivismo

[595] Para uma análise mais específica sobre a relação das teses de Horkheimer com a tradição alemã (Schopenhauer e Heidegger) é possível consultar a obra de Ciro Marcondes Filho (2011).

científico opõem [os frankfurtianos] a negatividade de uma teoria crítica" (2003, p. 61). Para além da confluência temática, conforme salienta Gouldner,

> Em uma de suas dimensões básicas, a Teoria Crítica conecta-se, sem dúvida, com uma hermenêutica que tenta formular interpretações para aprofundar a compreensão dos mundos sociais, em vez de elaborar leis que expliquem os fenômenos. E não há dúvida de que as raízes hermenêuticas dos tempos modernos remontam ao romantismo (GOULDNER, 1979, p.317)[596].

A figura do sábio alemão, nos termos de Gouldner,

> (...) que [ele] deve encontrar, solitário, seu caminho sem regras bem delineadas; que ele deve confiar em seus próprios recursos internos e muito pessoais de empatia ou intuição. (...) Trata-se, portanto, da imagem profética e reiterada do sábio alemão, cujo trabalho de estudo é concebido como uma forma de sofrimento e implica "a superação atormentada do eu (1979, p. 322)[597].

Vandenberghe (1998), dedicando-se à figura de Horkheimer, outro publicado por Sur, diagnostica um elemento de tragédia e de pessimismo crescente em sua trajetória intelectual. Na Dialética do Esclarecimento – escrito em parceria com Adorno e publicado na Estudios Alemanes em 1970, já estaria estabelecida, para ele, a opção por "explicar a decadência da civilização ocidental em geral e a deriva totalitária em particular". A parte disso, toda a trajetória de Horkheimer aparece, para Venderberghe, como desilusão. Suas formulações pertencem à ordem do regresso antropológico, sustenta o analista, e não do progresso. "Horkheimer e Adorno não hesitarão em interpretar todo o processo de civilização da humanidade em termos do desdobramento fatal de uma lógica diabólica de reificação que encontra sua origem no ato original da dominação da natureza e seu cumprimento na sociedade plenamente administrada" (VANDENBERGH, 1998, p. 17)[598]. Os indivíduos sofrem o mundo, desse ponto de vista, e a marcha da história não os redime. A proposta de planificar a sociedade, que aparece como solução para grande parte dos frankfurtianos nos anos posteriores à guerra, não participa dessa primeira e original dimensão trágica, e também não aparece, como era de se esperar, em Sur.

---

[596] En una de sus dimensiones básicas, la Teoria Crítica entronca, sin duda, con una hermenêutica que trata de formular interpretaciones para ahondar la comprensión de mundos sociales, en lugar de elaborar leyes que expliquen los fenómenos. Y no cabe duda de que las raíces hermenêuticas en la época moderna se remontan al romanticismo" (GOULDNER, 1979, p. 317)

[597] " (...) que debe hallar, solitário, su camino sin reglas bien delineadas; que debe confiar en sus propios recursos internos y muy personales de empatía o intuición. (...) Esta es pues la imagen proteica y reiterada del sábio alemán, cuya labor de estudio es concebida como una forma de sufrimento e implica 'la atormentada superación del yo" (1979, p. 322).

[598] "Horkheimer et Adorno n´hésiteront pas à interpréter tout le processos de civilisation de l´humanité en termes de déploiment fatal d´une logique diabolique de la réification qui trouve son origine dans l´acte originel de la domination de la nature et son accomplissement dans la société totalement administrée" (VANDERBERGHE, 1998, p. 17).

Em *O eclipse da razão*, Horkheimer é ainda mais claro quanto a desconfiança em relação ao potencial emancipatório da ciência e da técnica. Referindo-se a confiança positivista, ele se perguntará "Claro que eles não estão cegos para os usos destrutivos aos quais se destina a ciência; mas proclamam que tais usos são perversões. É verdadeiramente assim?" (HORKHEIMER, 2002, p. 63). A resposta do frankfurtiano é negativa, e o argumento central dessa impossibilidade é a equiparação, sem meios termos, entre positivismo e tecnocracia filosófica. O absolutismo científico, para Horkheimer, também precisa recorrer a princípios evidentes em si mesmos, tal como o 'obscurantismo' que ele ataca. "A ciência deve esperar pelo pensamento filosófico, como já foi formulado seja por filósofos seja por cientistas, para prestar contas da natureza da verdade, em vez de simplesmente erguer a metodologia científica como a definição suprema da verdade" (idem, p. 78). O positivismo – e a sociologia empírica com ele - glorificaria o mundo como ele é, sintetiza o autor, adotando o princípio da cultura comercial como verdade, e toda doutrina que se substancializa num princípio isolado que exclui a negação é conformista. Na análise de Matos, inclusive, a crítica do positivismo pode ser entendida como um fator central da crítica frankfurtiana às análises sobre o totalitarismo que se esgotavam em aspectos políticos, opondo a elas uma versão metafísica dessa problemática:

> Os frankfurtianos desenvolveram uma explicação sobre o fenômeno do totalitarismo que é de ordem metafísica: é na constituição do conceito de Razão, é no exercício de uma determinada figura, ou modo da racionalidade, que esses filósofos alojam a origem do irracional. Em nome de uma racionalização crescente, os processos sociais são dominados pela ótica da racionalidade científica, característica da filosofia positivista. Nessa perspectiva, a realidade social, dinâmica, complexa, cambiante, é submetida a um método que se pretende universalizador e unitário, o método científico. O positivismo, prisioneiro de seus próprios métodos, impõe um procedimento não social às ciências sociais (MATOS, 1993, p. 7).

Na *Dialética do Esclarecimento*, Horkheimer e Adorno voltam a apontar que o problemático na contemporaneidade não é apenas a atividade, mas o sentido da ciência, na medida em que se a liberdade é inseparável do pensamento esclarecedor, o germen da regressão estaria em toda parte. Desse modo, "abandonando a seus inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento cegamente pragmatizado perde seu caráter superador e, por isso, também sua relação com a verdade" (ADORNO e HORKHEIMER, 1975, p. 13). Na sequência, abordando o tema das massas, tão reiteradamente presente nas páginas de Sur desde sua fundação, em 1931, lemos o diagnóstico de que

> A disposição enigmática das massas educadas tecnologicamente a deixar dominar-se pelo fascínio de um despotismo qualquer, sua afinidade autodestrutiva com a paranoia racista, todo esse absurdo incompreendido manifesta a fraqueza do poder de compreensão do pensamento teórico atual (idem, p. 13).

Nesse mundo, onde o individuo se vê anulado frente aos poderes econômicos, confunde-se o controle da natureza com o controle dos homens a partir do controle da natureza, de modo que, "numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumentam com a quantidade de bens a ela destinados" (ibidem, p. 14). Não se trata de reconstruir o passado, afirmam Adorno e Horkheimer, mas de reabilitar a confiança passada, em oposição ao passado presente que se prolonga como destruição do passado. "O que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento" (ibidem, p. 21), sentenciam os autores, reabilitando o tema-chave do pensamento alemão que já circulava na Argentina há algumas décadas, principalmente a partir das leituras de Weber, Simmel e, mais diretamente, Ortega y Gasset que já alertava, em 1922, para a situação trágica de um mundo que crê na razão de forma mítica.

Quando Pollock, o economista do instituto, afirmou que o capitalismo leva mais facilmente ao fascismo do que ao comunismo, engendrou um elemento de tragédia que dificilmente seria questionado pelos frankfurtianos antes de Marcuse: a ideia de que o Estado fascista emancipa economicamente o homem de uma concepção naturalista do mundo porque, antes mesmo do comunismo, suprime o livre mercado. A planificação, assim, não é necessariamente emancipatória. Os escritos do pós-Guerra, conclui Vandenberghe (1998), são marcados pela terminologia da tragédia: só resta ao indivíduo, nesse esquema, o automatismo e a abstração, trata-se da atrofia da razão dialética. A crítica não é mais para a mudança, mas para preservar as migalhas. Embora não se possa escamotear, numa leitura honesta da obra dos frankfurtianos, sua dimensão crítica em relação à sociedade liberal, procuro destacar que, no âmbito do diagnóstico, que é aquele em que se formulam as atitudes intelectuais diante do mundo, sua compatibilidade com a literatura de catástrofe imprime sua marca. Se se aceita tal camada da aposta de Adorno e Horkheimer, pode-se afirmar que a operação de enquadramento de *Sur* não é menos ou mais oportunista que qualquer outra, alocada em qualquer ponto do espectro político: trata-se, com efeito, da reivindicação de uma atitude a partir de uma demanda intrínseca à posição de Sur no universo simbólico de seu tempo.

Conforme Miceli (2018), após a agudização das tensões da segunda guerra mundial, o desmanche da atitude altaneira de *Sur* "transparece na ginástica retórica a fim de preservar a insígnea de revista puramente literária" (2018, p. 56). Nesse contexto, nem mesmo a aproximação de Sur com o humanismo integral de Jacuqes Maritain, por exemplo, foi capaz de assegurar sua postura de distanciamento. Tudo se passa como se a *Sur*, nos termos de Miceli, apostasse na transmutação de lutas sociais em dilemas civilizatórios, de modo que mesmo seus

autores mais afeitos a temas sociais não pudessem sair da prevalência do sentido ontológico desses temas, já que "se inscreviam na dicção de fôlego impressionista, intuicionista, inspirada em paradigmas europeus afeitos a deslindar a substância do ente nacional" (MICELI, 2018, p. 68)[599].

A discussão de fundo vem a ser, reitero, a da figura do intelectual que emerge em tempos críticos. Muito publicado pela Sur em toda sua trajetória, a proposta de Julien Benda pode ajudar a elucidar as escolhas editorais da revista e, principalmente, sua relação com a literatura de crise de matriz alemã. Na análise de Bobbio, Julien Benda incorpora a figura do polemista, tem mais ódio aos matadores do que amor aos mortos. Um fervoroso inimigo das paixões num contexto hostil no qual "o cientificismo exasperado e pretensioso dos positivistas havia gerado, como contragolpe, a restauração das filosofias irracionalistas" (1997, p. 41). O intuicionismo de Bergson é seu grande inimigo, Benda é a favor de uma inteligência ordenadora. "O existencialismo, contra o qual Benda retoma trinta anos depois a polêmica filosófica, é uma nova encarnação daquela doença" (BOBBIO, 1997, p. 42) e também o marxismo, ao assumir como princípio a contradição. Benda observa o decadentismo como romantismo, odeia o ódio à inteligência. "Este culto da emoção como ódio a inteligência os levou a se entregarem desenfreadamente às paixões, e, entre as paixões, a nossa época conheceu como nenhuma outra época, e pode faze-lo, um tipo prevalente: a paixão política" (idem, p. 45): essa é sua traição, o sacrifício de sua universalidade fundacional. O valor do clérigo é desinteressado porque não é prático: "além do mais, são racionais, já que a adesão a eles implica o exercício da razão e não do entusiasmo, da coragem, da fé, do amor humano, que repousam apenas sobre o sentimento" (ibidem, p. 51).

No prefácio da edição de 1946 do clássico *Le Trahision des Clercs*, lemos que "homens cuja função é defender valores eternos e desinteressados, como justiça e razão, e a quem chamo

[599] Para Miceli, sobre a literatura, a figura central é o cânone Borges, onde estão bioy casares, josé bianco e silvina ocampo. "se mesclam, em doses variáveis, um credo estético da aura da obra de arte, uma ética universalista temporã e um fogacho de afetação, envoltório sobre o qual costumam silenciar os intérpretes do autor" (76), arredio às críticas dos "especialistas", juiz sentencioso. A crítica sempre foi imensamente generosa com borges, lembra Miceli "A brigada de comparsas combatia 'o exercício ilegal da crítica', a saber, as incursões de acento sociológico, desacatos à ortodoxia dos magistrados do belo" (2018, p. 77) de modo que "o pacto da fruição implicava o leitor cúmplice de padrões de gosto" (idem, p. 79), contexto da crise de cultura. Miceli averigua isso inclusiva na composição de borges, nos seus romances policiais, como Don Isidro Parodi. Essa cumplicidade de habitus se expressa, para o autor, nas próprias narrativas.. "Enquanto os artilheiros da brigada destroçam as investidas materialistas do sociologismo, o sumo sacerdote ensaia o esboço da ontologia que lastreia os artifícios literários" (ibidem, p. 85). A metafísica de borges, negacionista do tempo histórico, fincado no eterno retorno, negando os condicionantes de toda espécie, pensando em natureza humana chega finalmente a Casares, o discípulo obediente, obedecendo aos mesmos códigos de identificação.

de clérigos, traíram essa função em favor de interesses práticos" (BENDA, 2003, p. 5)[600]. São muitos modos aqueles pelos quais o intelectual pode trair sua função, afinal. Aliar-se a uma causa justa, como a democracia, por exemplo, nesse sentido, é ainda responder a valores exógenos àqueles do espírito. No mesmo sentido, a eficiência do Estado, segue Benda, é sempre uma função prática "rigorosamente oposta a um valor clerical" (ibidem, p. 34)[601], tal como o materialismo histórico é também uma traição, pois recusa qualquer tipo de mudança que se dê através da razão. Quem transforma, sintetiza, é o espírito. Dessa forma, qualquer materialismo é uma posição mística.

O livro de Benda procura traçar, já de início, as diversas formas que pode assumir a traição dos clérigos. Tanto no amor quanto no engajamento político, essas formas comprometem o âmago do sentido intelectual, na medida em que se a vida não é neutra, alega, a verdade certamente é. O clérigo por excelência, para Benda, é como Sócrates que sequer tenta se defender de uma acusação pois a julga infundada, postura da qual deduz os que são, para ele, os três valores centrais dos intelectuais: estática, desinteresse e racionalidade. Com Spinoza, segue Benda, a perfeição de cada ser deve ser considerada apenas em relação à sua própria natureza e, portanto, no caso do intelectual, posto que o espírito busca satisfação nele mesmo, não há outra posição senão a renuncia aos assuntos mundanos.

Na síntese de Bobbio, o intelectual aparece em Benda como responsável por lembrar que não existem apenas regulamentos militares e que advogar a avaloratividade das práticas do pensamento significa incidir no mesmo erro que o anti-intelectualismo mais aberto, na medida em que "a defesa da ciência desinteressada caminha junto com uma concepção fundamentalmente irracionalista do universo ético" (BOBBIO, 1997, p. 128). Há quem considere a morte do intelectual necessária (Sartre) ou horrível (Adorno). Nessa ultima opção está a literatura de crise, que lamenta sua morte frente a um mundo transformado pela massificação da cultura. O mesmo diagnóstico sobre as massas aparece no já mencionado *Rebelião das Massas*, que na edição de verão da *Sur* em 1931, mereceu, por parte de Francisco Romero, uma resenha elogiosa, destacando a profundidade filosófica da meditação do espanhol, especialmente útil para leitores argentinos que se situam, conforme o título da resenha *"Al margen de la rebelión de las masas"*.

N´*A Rebelião das Massas*, publicado pela primeira vez em 1929, Ortega trabalha na suposição de uma tríplice verdade: indivíduo, cultura e pátria. A política, de fora dessa equação,

---

[600] "les hommes dont la fonction est de défendre les valeurs éternelles et désintéressées, comme la justice et la raison, et que j´apelle les clercs ont trahi cette fonction au profit d´intérêts pratiques" (BENDA, 2003, p. 5)

[601] "rigoureusement le contrarie d´une valeur clerical" (ibidem, p. 34).

é associada à vulgaridade das massas. Já não há protagonistas na primazia da política, afirma Ortega, só há coro: "a divisão da sociedade em massas ou minorias excelentes não é, portanto, uma divisão em classes sociais, mas em classes de homens" (1971, p. 53). No triunfo da hiperdemocracia, segue Ortega, a massa reivindica o direito à vulgaridade. Corroborando com algumas das teses de Gustave Le Bon, Ortega é enfático ao narrar os efeitos que essa reivindicação de não-razão tem nas "criaturas seletas": elas se embotam numa servidão da multidão, na medida em que a massa não é uma classe social, mas um modo de ser, refratária a prestigiosa *noblesse obligé* que fundamenta, em sua leitura, o *ethos* do individualismo aristocrático. Em *O tema de nosso tempo*, Ortega retoma esse diagnóstico, salientando que nossa época essencialmente beligerante evidencia nossa premente carência de "corações de vanguarda". Em seus termos, "o caráter ativo, criador da personalidade é, com efeito, demasiado evidente para que se possa aceitar a imagem coletivista da história" (ORTEGA, 1971, p. 6)[602]. Na obra, citando Simmel textualmente, Ortega afirma que, se a cultura se objetivou, só nos resta a lealdade a nós mesmos e, sendo assim, "a razão pura tem que ceder seu império à razão vital" (1956, p. 59)[603]. Uma pequena visita a esse diálogo de Ortega pode ajudar a elucidar, sugiro, a continuidade de atitudes intelectuais que perpassa o argumento deste trabalho.

Gustave le Bon, que aparece tantas vezes na obra de Ortega, é recuperado também por outra leitura fundamental na circunscrição dessa "teoria das massas" que se organiza na virada do século: a de Sigmund Freud. Em *Psicologia das massas e análise do Eu*, de 1921, Freud inicia com uma consideração acerca do estatuto da análise psicanalítica: toda psicologia individual seria também social. As relações com o outro aparecem como oposto dos processos narcísicos, "nos quais a satisfação dos instintos escapa à influência de outras pessoas ou a elas renuncia" (2011, p. 10). "A psicologia das massas trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim" (idem, p. 12), segue Freud, alocando o instinto social nos primórdios da identificação familiar.

A alma coletiva, segundo Le Bon, grande interlocutor de Freud no texto, é naturalmente sugestionável. Estar numa massa provocaria efeito afetivo no individuo - em qualquer indivíduo, tenha a profissão e o status que tiver. Para Le Bon, ainda, o inconsciente é herdado da raça. "Na massa, acredita Le Bon, as aquisições próprias dos indivíduos se desvanecem, e

---

602 "el caracter activo, criador de la personalidad, es, en efecto, demasiado evidente para que pueda aceptarse la imagen colectivista de la historia" (1971, p. 6).

603 "la razón pura tiene que ceder su império a la razón vital" (1956, p. 59).

com isso desaparece sua particularidade. O inconsciente próprio da raça ressalta, o heterogêneo submerge no homogêneo" (FREUD, p. 2011, p. 15). Nessa submersão, o indivíduo na massa adquiriria então um sentimento de poder que lhe permitiria ceder aos instintos, graças ao desaparecimento do sentimento de responsabilidade. O contágio (de ordem hipnótica) aparece como efeito da *sugestionabilidade*, como esvanecimento da personalidade consciente. Freud alega, de antemão, que o contágio a que se refere Le Bon é pessoal, enquanto a sugestão é coletiva. À semelhança do pensador francês, Freud caracteriza a massa como um território onde ideias opostas convivem sem implicação, tal como "na vida anímica dos indivíduos, das crianças e dos neuróticos, como há muito demonstrou a psicanálise" (idem, p. 2011, p. 21). A massa, em suma, requer ilusões (sustentadas pelo desejo não realizado), somadas à histeria e à fantasia. Nesse sentido, são essas necessidades da massa que a tornam receptiva ao líder (ou seja, não se trata de carisma no sentido em que imprime Weber ao termo).

Ainda em *Psicologia das Massas e análise do Eu*, na seção em que propõe outras abordagens da vida anímica coletiva, Freud relativiza a apreciação negativa de Le Bon. O indivíduo sozinho seria uma potência intelectual tal como a massa, que está no reino das criações do espírito, como a língua e o folclore. Le Bon fala em "massas efêmeras, que se juntam rapidamente com indivíduos heterogêneos, por interesse passageiro" (2011, p. 25) enquanto Freud nota, para além da efemeridade, o mecanismo de intensificação do afeto através da tendência sugestiva dos agrupamentos. Para o psicanalista, a teoria das massas baseia-se na ideia de "sugestão" sem esgotá-la. Eis, nesse ponto, o aporte de seu método psicanalítico: o conceito de *libido*, definido como a energia daquilo que é relacionado com o amor de forma ampla, na psicanálise chamados de instintos sexuais, operacionalizado por Freud para explicar o poder erótico que une a massa. Sendo assim, o indivíduo abandona sua personalidade, no coletivo, menos por sugestão do que por amor.

Nesse ponto, Freud introduz uma distinção importante entre massas com líder e massas sem líder, concatenada com a distinção entre massas artificias e não artificiais. Igreja e exército aparecem, nesse sentido, como exemplos de massas artificiais onde a coação externa aparece como única possibilidade de impedir dissolução e a mudança. Nessa categoria, o líder opera como ilusão, vista as roupas de cristo ou de general. Para Freud, a relação se complexifica quando se computa uma dupla identificação: cada indivíduo se acha libidinalmente ligado ao líder, por um lado, e aos indivíduos na massa, por outro. O pânico da desintegração, se é assim, pressupõe o afrouxamento da estrutura libidinal da massa. Desde o início das elaborações psicanalíticas infantis, sustenta Freud, a identificação é ambivalente, configurando-se como expressão de ternura e/ou desejo de eliminação. A identificação individual, se concebida na

chave de uma equação entre fascínio, enamoramento e servidão, estaria na base de seu diagnóstico. O enamoramento leva à hipnose sendo, em suma, uma formação de massa a dois. "Uma massa primária desse tipo é uma quantidade de indivíduos que puseram um único objeto no lugar de seu ideal do Eu e, em consequência, identificam-se uns com os outros em seu Eu" (FREUD, 2011, p. 60). Insere, então, a discussão fundamental de seu aporte, o instinto gregário, que interpreta esse processo de identificação à luz de sua proposta clínica.

O instinto gregário aparece na massa também enquanto regressão da atividade anímica, trata-se do medo de estar só. Essa analogia que Freud estabelece entre a formação libidinal do sujeito e dos grupos é autorizada por ele próprio quando afirma que a psicologia das massas é, portanto, primeira, e dela deriva a do indivíduo.

> O pai primevo é o ideal da massa, que domina o Eu no lugar do ideal do Eu. A hipnose tem direito a ser descrita como uma massa a dois: para a sugestão resta a definição de ser um convencimento que não se baseia na percepção e no trabalho do pensamento, mas na ligação erótica (2011, p. 72).

Já em *O Futuro de uma Ilusão,* o tom de Freud é ainda mais afinado com a atmosfera de catástrofe que costura o *nomos* do debate *fin du siècle*. Afirma, nessa ocasião, que não se pode prescindir da dominação de uma minoria sobre a massa (afirmação que é a base, como supracitado, da Teoria das Elites de Mosca e Pareto). A justificativa de Freud não é menos contundente: "pois as massas são indolentes e insensatas, não gostam de renunciar aos impulsos, não podem ser persuadidas com argumentos da inevitabilidade dessa renuncia e seus indivíduos se fortalecem mutuamente na tolerância dos desregramentos que praticam" (FREUD, 2012, p. 40). Impõe-se, então, a necessária influência dos 'líderes exemplares', pois "os homens não são espontaneamente inclinados ao trabalho e que argumentos nada podem contra suas paixões" (idem, p. 41). Em defesa da primazia do intelecto, enfim, Freud se alinha com a preocupação da sobrevivência de um "estoque de racionalidade" frente à as massas.

Sinteticamente, pretendo destacar que circula, na Europa da virada do século, especialmente na Alemanha, uma enormidade de discussões inspiradas pelo temor da desaparição do indivíduo e, com ele, da primazia do intelecto, do monopólio intelectual, a partir dos processos de pluralização das instancias consagratórias da modernidade. Esse sentimento de tragédia opera no caso europeu no sentido regressivo: a crise não contém em gérmen, necessariamente, sua superação. Com exceção talvez do estoicismo de Spengler, são diagnósticos mais que terapias, e é essa concordância que possibilita uma leitura em conjunto de um panorama tão dissimile de autores. Não se trata, evidentemente, de esgotar o mapeamento desses anos tão profícuos, mas, ao contrário, de localizar o *nomos* que unifica as premissas do

debate. Essa tradição da literatura de tragédia chega a *Sur*, pois, também através da mediação frankfurtiana e da tradição psicanalítica.

> O fato de que tenham sido a Sur e, anteriormente, a coleção ligada a Gino Germani os primeiros a traduzirem os frankfurtianos em âmbito argentino – descontando a antiga e setorializada leitura de Luis García em seu curso de estética – contribuiu para um efeito *sui generis* em sua circulação. Beatriz Sarlo que narrou a "moda benjamin" nos círculos acadêmicos da década de 1980 pontua em *Siete ensayos sobre Walter Benjamin* publicado em 2007, que a circulação de *Estudios Alemanes* foi, em termos de público de esquerda, muito restrita, e que a maior parte das leituras de sua geração que tocavam em alguma medida os autores do Instituto de Pesquisas Sociais dera-se a partir de uma edição da Taurus, de Madri, já avançada década de 1970. Se a audiência de Sur não foi, claramente, a esquerda universitária de que fala Sarlo e sim o público já canônico da revista, por outro lado as traduções feitas pela Editora Paidós tampouco se dirigiram ou circularam, com raras exceções, entre esse público. Lido como um pensamento no mínimo suspeito pela esquerda radicalizada argentina, os autores do Instituto sofreram o efeito de "midas invertido" que consistiu em serem traduzidos e associados a projetos em declínio no comércio de valores simbólicos daquele contexto de radicalização política. Apenas dessa forma, consideramos, se pode explicar que mesmo Marcuse, lido incessantemente pelos protagonistas de Maio de 1968 e engajado em uma série de movimentos que constituíram essa "radicalização" a nível internacional, não tenha circulado entre os estudantes universitários argentinos senão via edição Taurus: ao agregar o declínio de seu prestígio aos textos escolhidos, a operação de enquadramento que emerge nas escolhas de publicação restringe a própria eficácia da circulação dos textos, por mais aptos que fossem, numa leitura hermenêutica, a funcionar como referência teórica naquele momento.

A década peronista foi, sinteticamente, um contexto de agudização das tensões no universo intelectual argentino. Com a universidade sob intervenção e direcionada, conforme explicitado no começo do capítulo, à construção de uma perspectiva nacional e popular, os setores privados ganharam proeminência como redutos de autonomia intelectual. Seus vínculos, contudo, principalmente aqueles relacionados ao acumulo de capital simbólico anterior nas elites letradas, seguiram operando, inclusive de modo mais determinante. Frente à ocupação da cidadela universitária pela proposta peronista, nesse sentido, a circulação extra-universitária constituiu-se como a arena prioritária de circulação cultural. É esse o cenário imediato, pois, que organizará a disposição do mundo intelectual quando da queda do regime, em 1955, e a

partir do qual emergirá, agora como projeto institucional, a sociologia científica. O enfrentamento de Germani, posta essa configuração, terá que se dar, então, em três frentes, para as quais essa tese advoga, respectivamente, três olhares: inicialmente, terá de combater no plano cognitivo a proliferação de referências alemãs – tanto as nacional-populistas que reivindica o peronismo quanto as da fuga para o exílio interior que informava o campo consagrado das revistas culturais; no plano institucional, terá de reabilitar uma instituição desacreditada pela época peronista, a universidade, sem a qual seu projeto de uma sociologia cientificamente elaborada não poderia funcionar e, finalmente, enfrentar-se-á com uma longa tradição que unifica as referências ao modelo germânico de vida intelectual, a saber, aquela que privilegia o sábio, o dândi e a figura profética do homem de letras em detrimento do intelectual comprometido com sua prática científica, profissionalmente treinado e cientificamente orientado. A cultura científica, enfim, que pôde se amalgamar com a cultura humanista no contexto de oposição ao peronismo, reivindicará uma autonomia inédita em relação ao mundo clássico, exacerbando, mais uma vez, o caráter plebeu que a planificação e a racionalização do mundo incorporam num contexto de prevalência da referência das *kulturwissenschaft*, ou, em outros termos "a dificuldade de chegar a uma problemática desse tipo para aquele que se movem dentro da tradição alemã" (GERMANI, 2010, p. 328)[604].

O que há em comum entre a Sur e o peronismo é a crítica da ética burguesa, muito embora essa concordância se viabilize apenas de um ponto de vista formal, na medida em que se situam em posições opostas no mundo social: a *Sur* teme a descaracterização do reino das ideias pelo efeito de dissolução do industrialismo burguês, o peronismo acusa o materialismo cego de insuficiência patriótica. Por outro lado, o que comunga a posição de *Sur* com a posição de Germani é, como já destacado por grande volume de analistas, a oposição ao peronismo, que é funcional até o momento da queda do regime. Como fator de complexificação, o discurso da sociologia científica ia ao encontro do peronista ao fiar-se na estratégia de planificação do mundo, muito embora os conteúdos dessa planificação fossem frontalmente antagônicos: Germani criticaria incansavelmente, de dentro e de fora da universidade, o tipo de integração fomentada pelo regime peronista. O que se tem, desse modo, é um espectro de três discursos antagônicos que, paradoxalmente, perderão força de modo sincrônico quando emerge, a partir da esquerda argentina, o que se insinuava como uma espécie de síntese ótima, uma nova força no confronto entre profecias distintas sobre o tema da crise: um nacionalismo de esquerda,

[604] "la dificuldade de llegar a una problemática de este tipo para aquellos que se mueven dentro de la tradición alemana" (GERMANI, 2010, p. 328).

eticamente comprometido e cultivado a partir da leitura engajada francesa aclimata pela radicalização dos *sixties* argentinos.

Este capítulo procurou apresentar os modos pelos quais o repertório alemão se difundiu pela argentina a partir dos anos 1930. Retomando, nesse sentido, a discussão do primeiro capítulo, a proposta foi circunstânciar a atividade de Gino Germani antes do estabelecimento do curso de Sociologia, em 1957, equacionando, por um lado, a prevalência da iniciativa privada de produção cultural em relação a universidade e, a partir dela, a penetração de um repertório anti-cientificista que será de fundamental importância para entender os enfrentamentos da sociologia científica na década de 1950. Inicialmente, portanto, a sociabilidade das revistas e das redes

privadas foi apresentada em comparação com o processo de autoritarismo na universidade. Em um segundo momento, apresentou-se dois espaços prioritários de convívio intelectual, o CLES e as editoras, que funcionaram enquanto sociabilidade possível nas ocasiões de intervenção na universidade. Por fim, o caso das traduções dos autores frankfurtianos por Germani e pela Sur pretenderam funcionar como observatório da significação da tradição alemã para as disputas de prestígio especificamente argentinas.

CAPÍTULO 4. *SAVOIR POUR PREVOIR*: A SOCIOLOGIA CIENTÍFICA NA PERIFERIA DO TEMPO

Ni science ni phantasme, le discours dominant est une politique, c'est-à-dire un discours puissant, non pas vrai, mais capable de se rendre vrai -ce qui est une façon comme une autre de se vérifier- en faisant advenir ce qu'il annonce, en partie par le fait même de l'annoncer.. L'efficacité du plan n'est pas celle du droit, bien que sa vraie nature se rappelle dans le fait que des oppositions d'apparence formelle, comme le clos et l'ouvert, le local et le cosmopolite, recouvrent en réalité des politiques, c'est-à-dire des mesures législatives et administratives (surtout fiscales), comme la suppression des barrières douanières et des protections assurant la survie des catégories qu'il s'agit de liquider. A la façon de la règle selon Weber, le plan n'agit que si l'intérêt à lui obéir l'emporte sur l'intérêt à lui désobéir. Il doit son efficacité au fait qu'il est le discours dans et par lequel la nouvelle classe dominante s'annonce à elle-même son intérêt, cet intérêt bien compris qui est la seule loi d'une pratique politique rationnelle.
Bourdieu e Boltanski

(...) mesmo nos escombros da Alemanha e do Japão, um cientista ainda é um de nós, defensor do mesmo código de trabalho científico.
Michael Polanyi

4.1. A REINVENÇÃO DA UNIVERSIDADE APÓS O PERONISMO: UM LUGAR PARA A SOCIOLOGIA

Poucos anos após a queda do peronismo (1955), a constatação de que certas estruturas simbólicas não poderiam ser anuladas por decreto já circulava entre a comunidade universitária argentina. Se, num primeiro momento, o otimismo dera o tom da remodelação da universidade após a queda do regime, essa confiança logo se dissiparia e a própria concordância sobre a necessidade de reformulação institucional se veria ameaçada pela heterogeneidade da trincheira anti-peronista. De um lado, os renovadores, que defendiam uma modernização radical da universidade e, de outro, os restauradores, dispostos a interpretar o período peronista como um hiato (NEIBURG, 1997; SIGAL, 1996): o dissenso no consenso se mostrava paulatinamente impraticável. No intuito de acompanhar o amadurecimento dessa tensão, proponho que a história da remodelação da universidade na segunda metade da década de 1950 – também exaustivamente documentada e debatida pela bibliografia específica sobre o tema – seja equacionada com o surgimento de uma nova formulação do discurso crítico, a saber, aquele encampado por Gino Germani e seus correligionários e que, relacionalmente, advogava-se representante da cultura científica.

Em 1960, em discurso na *Asociación de Prensa Extranjera*[605], Risieri Frondizi, protagonista dos esforços pela reconstruição da UBA em 1955, equacionava a situação ponderando que o sucesso da empreitada deveria ser medido a partir do estágio anterior, e não em absoluto. Em seus termos, "deixando de lado aspectos políticos, é preciso recordar que não herdamos uma universidade mas um conjunto de escolas profissionais, algumas com cerrado espírito provinciano, encoberto retoricamente por grandes princípios" (UBA, 1960, p 193)[606]. O diagnóstico sumamente negativo a respeito da década peronista era, nos primeiros anos após 1955, praticamente consensual dentro da instituição. No famoso manifesto da FUBA, de 1955, "Nosotros Somos la Universidad", o tom é ainda mais combativo

> Enquanto desordem e inépcia eram a marca do ensino e administração peronista da Universidade, nossos centros estudantis ofereciam uma imagem clara da trajetória, ordem e capacidade de tal forma que era impossível conceber que o ensino pudesse alcançar um mínimo aceitável sem a

[605] Reproduzido no boletín da UBA, n 18, 1960, 3-11.

[606] "dejando de lado aspectos políticos, hay que recordar que no heredamos una universidad sino un conjunto de escuelas profesionales, algunas con un cerrado espíritu provinciano, encubierto retoricamente por grandes principios" (UBA, 1960, p. 193).

> colaboração que demos aos alunos com nossas tarefas editoriais e nossas aulas (1955, p. 152)[607].

Volta à tona, nos anos que seguem a 1955, a discussão sobre uma concepção moderna de universidade, que integrasse o corpo discente nos processos decisórios e, a partir da prerrogativa da autonomia institucional, pudesse se adaptar às demandas da sociedade, sanando seu caráter "livresco". O que significou a intervenção na universidade durante o peronismo para o debate sobre a relação entre ciência e política, entre campo intelectual e esfera pública? Para responder a esse questionamento – que é, ao mesmo tempo, o questionamento norteador das sucessivas intervenções de época a respeito do tema – é preciso considerar que a liberdade de cátedra, advogada em muitas ocasiões desde a reforma de Córdoba, não é o mesmo que a liberdade científica, pressuposto das intervenções modernizadoras após o peronismo. Que o apelo à laicidade e à neutralidade de pesquisa tenha sido capaz de unificar a crítica ao peronismo parece mais simples do que a ideia de que as distintas visões sobre o tema pudessem efetivamente se sintetizar na ocasião da renovação da universidade, em 1955. Desperonizar a universidade significou, não poucas vezes, adotar medidas de intervenção cujo conteúdo se diferenciava apenas "eticamente" daquele dos anos peronistas[608]. Formulam-se, então, novas hierarquias, e o sentido da universidade democrática passa a ser objeto de disputa entre as distintas concepções do papel da instituição nos projetos de país que então surgiam. Essa tensão se tornará paulatinamente aguda nos anos 1960, a ponto de tornar-se incontornável em 1966, dando início a uma outra etapa, não menos funesta, da história da universidade argentina. Esse capítulo se dedica, no entanto, ao interlúdio otimista que pôde se estabelecer entre o ano de 1955 e o de 1966, momento que pode ser caracterizado como uma "crise da crise", no qual a idealização de uma universidade plural e moderna parecia encontrar espaço mesmo nas análises de cariz mais técnico. É essa a moldura, conforme salientado, do projeto do que ficou conhecido como sociologia científica, e é a partir da criação do curso de Sociologia na UBA que pretende-se observar, nesse momento da análise, a reformulação da cultura científica que pouco espaço havia tido nas discussões intelectuais da década anterior.

É importante considerar, antes de mais nada, que o projeto da Sociologia Científica, embora alçado à públicos mais amplos pela própria rede intelectual de Gino Germani, não foi a única sociologia possível na Argentina daqueles tempos, haja visto que em universidades

---

[607] "Mientras el desorden y la ineptitud eran el signo característico de la enseñanza y de la administración peronista de la Universidad, nuestros centros de estudiantes ofrecían un panorama de clara trayectoria, de orden y de capacidad hasta tal punto que era imposible concebir que la enseñanza pudiera alcanzar un mínimo aceptable sin la colaboración que prestábamos al alumnado con nuestras tareas editoriales y nuestras clases" (1955, p. 152).

[608] Mario Amadeo, na obra *Ayer, Hoy, Mañana*, aborda as necessidades que se impunham diante da base peronista após a queda do governo. Amadeo era contrário à desperonização violenta, e destacava que "na cabeça dos peronistas de direita, desperonizar equivale a desratizar" (NEIBURG, 1999, p. 27).

periféricas daquele contexto – como Tucumán e Litoral e até mesmo Córdoba, sob direção de Alfredo Povina – seguiram operando projetos paralelos, informados por referências da sociologia histórica e de orientação diletante. Essas justas ponderações, contudo, não podem obscurecer o papel de destaque que o sociólogo ítalo-argentino desempenhou na reorganização da Universidade de Buenos Aires em 1955 nem, por outro lado, a hegemonia que essa instituição adquiriu no campo universitário nesse contexto. [609]

Nesse clima de ideias, Francisco Romero, palestrando, em 1955, na *Asociación Médica de Buenos Aires*, dizia que a ciência é afilhada do espirito do ocidente, na medida em que ela surge da convivência dos homens em termos racionais, sendo, portanto, mais que observação, uma observação com lentes racionais. O espírito científico estaria acima dos interesses mundanos, ética compartilhada, para ele, com a filosofia e com a história, "as questões científicas desembocam em graves problemas filosóficos" (ROMERO, 1955, p. 12)[610]. O estado, nesse sentido, não poderia ser um regulador teórico ou um fiscal dos critérios de pesquisa "os quais só podem ser licitamente estabelecidos por quem exerce a profissção científica" (idem, p. 14)[611]. Observando retrospectivamente o tom da fala do veterano Francisco Romero, não é difícil perceber que estavam em jogo, para além de distintas visões sobre a universidade, múltiplas concepções sobre a racionalidade, a autonomia científica e a própria função do intelectual, sendo a de Gino Germani uma dentre elas.

O golpe militar que ficou conhecido como "Revolução Libertadora"[612], que colocou o Gal. Eduardo Lonardi (logo destituído por Aramburu) na presidência em nome de uma pauta

---

[609] Diego Pereyra analisa em *Dilemmas, challenges and uncertain boundaries of Argentinian sociology*, 2005, as questões institucionais que envolveram as redes de Povina e Germani. Para ele, o processo argentino está em tensão com duas instâncias interncionais: IIS (International Institut of Sociology) e ISA (International Sociological Association), conflito mutuo, congressos separados, etc. ISA mais poderoso e com crescimento mais forte. Nas disputas por prestígio Germani e Povina "eles traduziram sua competição nativa para esferas internacionais" [They translated their native competition into the international spheres" (2005, p. 151)]. Germani se concentra na ISA, a mais bem-sucedida, Povina na IIS. Na leitura de Pereyra, Germani fez de tudo para eliminar a poligamia institucional e agiu para que seus contemporâneos não ingressassem na ISA. A IIS, incluía membros famosos como Weber, Veblen, Tonnies e Mannheim. Excessão de Durkheim, a ISA, por outro lado, cresce em paralelo ao fomento de grandes órgaãos internacionai: "seguindo a política da UNESCO em ciências sociais, alguns sociólogos se reuniram para criar uma rede internacional capaz de cooperar com as Nações Unidas, contribuindo para a expansão da democracia e o estabelecimento de relações internacionais amigáveis" (idem, p. 155). ["following UNESCO policy in social sciences, some sociologists gathered to create an international network able to cooperate with the United Nations, contributing to both the expansion of democracy and the establisment of friendly international relations" (idem, p. 155)]. O recrutamento era distinto também, a IIS tinha uma leitura mais subjetiva e autônoma da seleção, a ISA mais "moderna" o que promovia certa rivalidade entre as duas instituições. A década de 1950 assiste uma filiação em massa à ISA na América Latina, 11 países. Os dados sobre a IIS são mais inacessíveis, mas há apontamentos de que entre os filiados estão Povina, Tercera del Franco e Baldrich.

[610] "las cuestiones cientificas desembocan em graves problemas filosóficos" (ROMERO, 1955, p. 12).

[611] "los cualos solo pueden ser licitamente estabelecidos por quienes ejercen la profesión cientifica" (idem, p. 14).

[612] Tema tão debatido quanto o próprio peronismo, os eventos políticos de 1966 estão, desde então, em disputa semântica. As narrativas que o entendem como golpe de Estado contrastam com as que preferem aderir ao termo "revolução libertadora", cunhado pelos protagonistas. Nesta tese, considerando que este não é o tema central do

amplamente liberal e de um consenso intelectual bastante proeminente, teve como uma de suas principais intenções e primeiras medidas efetivas a reorganização da instituição universitária. José Luis Romero, então designado interventor para normalização, foi amplamente acolhido pelas bases estudantis e docentes, e iniciou uma revisão da herança narrativa da reforma de Córdoba, a partir da qual seria composto o repertório de alterações, tanto formais quanto prospectivas, cuja implantação ocorreria entre os anos de 1955 e 1958.

Silvia Sigal (1996), analisando o processo de modernização da UBA, alerta para o fato de que, no momento de reestruturação universitária, não eram poucas as críticas que provinham da esfera privada, destacando que as mudanças pelas quais passava a instituição não eram consensuais. Outro dado fundamental é que esse modelo de universidade foi questionado também endogenamente, principalmente a partir do começo da década de 1960. O fato de que as críticas à nova universidade e às novas perspectivas teóricas que a compunham, como a sociologia de Germani, vinham desses dois setores, ajuda a fortalecer o argumento deste estudo de que a sociologia científica é um fenômeno cultural que pode ser analisado, para além de suas dimensões sincrônicas, também em relação a outras manifestações culturais de seu tempo. Aspectos delicados como os amplos aportes que a UBA recebeu de agências como o CONICET, a UNESCO e a Fundação Ford são representativos dessa via de mão dupla que foi a reestruturação dos cursos universitários. A ideia de responsabilidade intelectual, advogada anteriormente pelos órgãos extra-acadêmicos como o CLES, por exemplo, ganhará contornos especialmente dramáticos quando reformulada sob o influxo da Revolução Cubana e dos novos dispositivos de engajamento intelectual que ela oferece. Tal situação responde, ademais, ao fato de que o processo de desperonização ocorria também fora da cidadela universitária, e incidia sobre organizações sindicais e rearranjos partidários (SIGAL, 1996, BEIRED, 1996)[613].

A declaração de intervenção assinada por Dell Oro Maini, em 1955, pode dar pistas sobre a tensão que informa esse capítulo[614]. Trata-se do decreto que intervém em todas as

dabte, opto por chama-lo pelo nome que o concederam as obras com as quais dialogo prioritariamente, a saber, as da sociologia crítica ao peronismo, no intuito de facilitar a referência textual.

[613] As interpretações sobre o peronismo tornam-se, nesse contexto, passaportes de legitimidade intelectual, aspecto destacado, sobretudo, por Federico Neiburg, para quem os projetos de natureza intelectual do imediato pós peronismo vinham, a rigor, impregnados de projeto político, "por muito tempo, interpretar o peronismo foi um tema tão central nas lutas intelectuais argentinas que, para ser ouvido, qualquer indivíduo interessado emf alar sobre a realidade social e cultural do país tinha de participar do debate sobre as origens e a natureza do peronismo" (1997, p. 15). Enquanto os mais distintos esforços de interpretação das décadas anteriores encontravam-se na busca de uma síntese explicativa que conectasse o passado ao futuro, o peronismo permanecia numa arena intermediária entre a manifestação de um enigma, de uma barbárie ancestral, e um fato totalmente inédito (NEIBURG, 1997)

[614] DESPACHO GENERAL, MIN. EDUCACIÓN. LA REVOLUCIÓN LIBERTADORA Y LA UNIVERSIDAD, 1955

universidades argentinas, não apenas na Universidade de Buenos Aires[615]. Exemplarmente, cito a justificativa de intervenção cordobesa: "considerando que o regime deposto avassalou a autonomia da Universidade Nacional de Cordoba (...), que as autoridades universitárias designadas pelo regime deposto substituíram a qualificação científica de professores e alunos por valorações políticas fundadas no grau de submissão daqueles à ditadura"[616] , são os termos do interventor Gaspar Caiero. No caso da UBA, o tom não é diferente "visto a situação de decomposição e de virtual acefalia na qual se encontra a Universidade de Buenos Aires e as casas de estudo que a integram"[617].[618]

Mais revelador que a justificativa formal, no entanto, é o discurso do ministro Dell Oro Maini na ocasião da posse de José Luis Romero como interventor da UBA, em 1 de outubro de 1955. Tratava-se, para ele, de retirar a universidade do absolutismo em que havia sido colocada pelo peronismo a partir da reiteração da necessidade de substituir os critérios políticos pelos científicos, pondo fim à "louca aventura" do governo anterior. Ademais, sustentava Maini, "jamais se apresentou ocasião mais propícia para enfrentar a tarefa de fundar as bases de uma total restauração da estrutura, das funções e dos métodos da universidade" (MAINI, 1955, p. 13)[619]. Não se trata, enfim, de fazer regredir a universidade ao que era antes do peronismo – lembremos que as intervenções eram constantes mesmo antes de 1945 – mas, sobretudo, de reinventar o espírito da instituição, de repensar suas finalidades, de atualiza-la nos critérios mais modernos a partir dos quais "o Estado não tem o monopólio da verdade, da ciência e da educação" (idem, p. 14)[620]. O plano que Maini delineia na ocasião da posse de Romero compreende cinco etapas, consonantes com essa intenção modernizadora, a saber, 1. Proclamar o princípio da autonomia, 2. Designar os interventores, 3. Declarar comissionado a todo o pessoal docente, sem exceção, 4. Convocar concurso por títulos e antecedentes, 5. Constituido o corpo docente, entregar a eles a autonomia da gestão universitária. Frente ao eloquente

[615] Decreto 68/28/09/55. Declaração de intervenção assinado por Dell´Oro em 1955.
[616] "Considerando que el régimen depuesto avassalló la autonomia de la universidad Nacional de Cordoba (...) que las autoridades universitárias designadas por el régimen depuesto habían substituído la calificación científica de professores y alunos por valoraciones políticas fundadas em el grado de sometimiento de aquellos a la ditadura"
[617] "Visto la situación de descomposición y de virtual acefalía em que se encuentra la Universidad de Buenos Aires y las casas de estúdio que la integram".
[618] Desgina, além de José Luis Romero para a UBA, os seguintes nomes: UNL: José MAría Manuel Fernandez. ULP: Benjamin Villegas Basavilvaso. UNT: Juan Adolfo Vásquez.
[619] "Jamás se há presentado ocasión más propicia para afrontar la tarea de echar las bases de uma total restauración de la estrutura, de las funciones y de los métodos de la universidad" (MAINI, p. 13).
[620] "el estado no tiene monopólio de la verdade, de la ciéncia y de la educación" (14).

discurso de Maini, Romero, já empossado, é bastante breve, mas não menos combativo: trata-se, sobretudo, de dar fim às "triviais deformações nacionalistas" (1955, p. 19)[621].[622]

O mesmo Dell Oro Maini, em 4 de novembro de 1955, pouco tempo depois, portanto, da intervenção que empossou Romero, fala à Radio Nacional sobre o tema da reorganização universitária, o que não deixa de funcionar como um indicativo do interesse público sobre o tema. Nessa ocasião, o caráter transitório da intervenção é o centro do argumento de Maini, que faz notar que a proposta é oferecer condições para que a instituição mesma se reorganize, levando a cabo processos imprescindíveis como "reparar a honra dos professores que foram obrigados a deixar suas cátedras por terem defendido a autonomia universitária" (1955, p. 14)[623]. Depois de reincorporados, segue Maini, a ideia é revisar os quadros e submeter todos a concurso. A cátedra aparece então como uma função, não mais como um atributo vitalício do acadêmico. Além disso, deveria ser ocupada a partir de critérios rigorosamente técnicos, o que, naquela ocasião, equivalia a afirmar que "não podem professar cátedras argentinas aqueles que tenham dado sua adesão a doutrinas totalitárias, de direita ou de esquerda, adversas à dignidade do homem livre e da vigência das instituições republicanas" (idem, p. 44)[624]. Quem agiu em conformidade com a ditadura estaria, portanto, fora dos novos critérios de neutralidade científica; não se tornariam imediatamente impedidos de candidatar-se, mas, nos termos do ministro, "carecerão justificamente de méritos computáveis em seu favor" (ibidem, p. 44)[625].

Importa perceber que essa alegação específica do discurso de Maini – que pretende computar méritos 'morais' às qualificações acadêmicas - é bastante condizente com o tipo de justificativa moral que a SADE, o CLES, a Revista *Sur*, entre outros, elaboraram para sustentar seu apolicitismo diante do regime peronista. É a partir de iniciativas como essa, sugiro, que as redes formadas e consolidadas fora da universidade trazem para dentro dela seus códigos de

[621] "triviales deformaciones nacionalistas" (1955, p. 19).
[622] Neiburg, em *Os intelectuais e a invenção do peronismo*, faz uma análise muito interesse dos banimentos de concurso que se deram nesse contexto. Ele cita o caso, por exemplo, de uma jovem que havia publicado um livro patrocinado pelo ministério da educação na época peronista e que, mesmo citando eloquentemente Jean Paul Sartre, acabou rechaçada no pleito. Por outro lado, no caso de postulantes de origem social mais alta, Neiburg nota a frequência de itens curriculares como "viagens", o que demonstra a resiliência da expectativa de valorização de uma formação extra-universitária (NEIBURG, 1997).
[623] "reparar el honor de los professores que fueron obligados a separarse de sus cátedras por haber defendido la autonomia universitária" (1955, p. 41).
[624] "no pueden professar cátedras argentinas quienes han tenido o tengan dada su adhesión a las doctrinas totalitárias, de derecha o de izquierda, adversas a la dignidad del hombre libre y la vigência de las instituciones republicanas" (idem, p. 44).
[625] "carecerán justificamente de méritos computables en su favor" (ibidem, p. 44).

superioridade moral e neutralidade científica, ainda que isso soe, num olhar retrospectivo, como contraditório ao próprio princípio da profissionalização científica que então se divulgava. [626]

O papel de Germani nesse processo é bastante conhecido (BOLLO, 1998; BLANCO, 2006; PEREYRA, 2005; GONZALEZ, 2000). Quando de sua reincorporação ao Instituto de Sociologia, em 1955, Germani protagonizou um intenso esforço de organização e validação do primeiro curso de Sociologia da UBA e do país. As justificativas de Germani passavam sobretudo pela necessidade de capacitar estudantes e profissionais para a interpretação de uma realidade complexa como a Argentina, e faze-lo a partir de critérios científicos e universalmente reconhecidos, superando, desse modo, a tradição amadora dos ensaios de interpretação nacional. Os novos cursos que passam a funcionar em 1957 são os de Sociologia, o de Pedagogia e o de Orientação Vocacional. Apesar de que plenamente consonantes com o projeto mais amplo de remodelação da universidade, a aceitação das novas carreiras não foi automática nem consensual. Surge então, neste momento da análise, a necessidade de um olhar para uma aliança aparentemente *sui generis*, que permitiu a consolidação do curso e sua posterior proeminência dentro da Faculdade de Filosofia e Letras, a saber, o contato entre Gino Germani e José Luis Romero. Parto, nesse aspecto, do estudo de Alejandro Blanco:

> Na Argentina, no entanto, foi sob o forte patrocínio de José Luis Romero, na qualidade de reitor interventor da Universidade de Buenos Aires, que a sociologia, que naqule momento desfrutava de um nível muito baixo na hierarquia local das humanidades, alcançou o grau de uma disciplina universitária. Nesta última, também, Romero foi responsável por um dos cursos sem dúvida mais célebres e lembrados pelos primeiros graduados em sociologia, o de História Social, e junto com Gino Germani participou na direção de um dos projetos de pesquisa mais ambiciosos da nova sociologia raça, sobre o impacto da imigração em massa no Rio de la Plata, cujos alguns resultados se veriam refletidos em dois volumes emblemáticos desta nova sociedade intelectual, *Argentina, sociedade de massa* (comp. Gino Germani, Jorge Graciarena e Tulio Halperin Donghi) e The Fragments of Power (compilado por Tulio Halperin Donghi e Torcuato Di Tella) (BLANCO, 2013, p. 273)[627].

[626] Na ocasião da promulgação do decreto lei 6.403, em dezembro do mesmo ano, os três pontos basilares da intervenção reformista são reiterados: o caráter transitório da intervenção, a refirmação da neutralidade das cátedras e a construção da autonomia institucional, "Que una condición indispensable para assegurar em los hechos la plena autonomia consiste em liberar a la universidad de la dependência financeira y burocrática que pueda trabar su desarrollo y, particularmente, el digno ejercício de la libertad moral e intelectual, condición que es posible establecer sin desmedro alguno de la justa comprobación de las inversiones" (MAINI, p. 62). No artigo 16, em retomada da tradição da Ley Avellaneda, estabelece-se que o reitor seria eleito pelos professores titulares, ou seja, pelos pares, medida que fortalece, conforme tenho indicado, o empenho profissionalizante da empreitada.

[627] "en la Argentina, en cambio, fue bajo el decidido patrocinio de José Luis Romero en su carácter de rector interventor de la Universidad de Buenos Aires que la sociología, que por entonces disfrutaba de una muy baja cotización en la jerarquía local de las humanidades, alcanzó el rango de una disciplina universitaria. En esta última, asimismo, Romero tuvo a su cargo uno de los cursos sin dudas más celebrados y recordados por los primeros graduados en sociología, el de Historia Social, y junto a Gino Germani, participó en la dirección de uno de los proyectos de investigación más ambiciosos de la nueva carrera de sociología, el relativo al impacto de la inmigración masiva en el Río de la Plata, algunos de cuyos resultados se verían reflejados en dos volúmenes emblemáticos de esa nueva sociedad intelectual, *Argentina*, *sociedad de masas* (comp. Gino Germani, Jorge

A relação entre ambos, conforme anteriormente sugerido, remonta aos vínculos anteriores ao fim do peronismo. Apesar de se situarem em posições muito distintas em termos de história do campo intelectual – Germani era imigrante e, além disso, dedicado à uma temática e a uma disciplina relativamente periféricas, enquanto Romero era, ademais de um exímio literato e humanista, ligado por redes familiares e sociais à mais fina nata da intelectualidade portenha do começo do século – as duas trajetórias nos informam acerca da resiliência de certos dispositivos de socialização extra-acadêmicos. Além disso, mais uma vez a partir de Blanco,

> Marginalizados, logo após a graduação, dos campos oficiais, e especialmente da universidade, eles construíram suas carreiras intelectuais através de uma série de estratégias análogas que incluíam atividades de ensino em instituições não oficiais e vários projetos de publicação, o que revela, de resto, e em contraste com a experiência mexicana e brasileira, a importância dos circuitos privados na promoção de inovações intelectuais. Ao mesmo tempo, ambos buscaram superar essa marginalidade institucional por meio de uma estratégia de legitimação internacional de suas iniciativas intelectuais em um contexto de crescente expansão e internacionalização dos mundos acadêmicos. (idem, p. 276)[628]

As afinidades teóricas entre os dois personagens, ademais das institucionais, podem ser rastreadas a partir dos trabalhos de Blanco (2005, 2006, 2009, 2014), Donghi (2012), Buchbinder (2012) e Bollo (1998). Me atendo ao cerne do objetivo deste trabalho, que se restringe, como supracitado, à observação do projeto intelectual dessa sociologia científica enquanto observatório privilegiado da crítica ao discurso trágico, me proponho a acompanhar, mantendo em vista o aporte de Blanco (2006), de que modo o processo de reorganização da UBA, o processo de estruturação do curso de Sociologia e a habilitação simbólica dessa disciplina a debater os temas peronistas são, antes de tudo, processos correlatos e, a não ser de modo heurístico, indiscerníveis.

Romero, na ocasião em que assume o reitorado da UBA[629], aponta que, antes do retorno à autonomia, "é dever da intervenção modificar sua fisionomia para protege-la de maléficas influencias que viciariam seu governo furuto" (ROMERO in RUBA, 1956, p. 372)[630]. Ademais,

---

Graciarena y Tulio Halperin Donghi) y *Los fragmentos del poder* (comp. Tulio Halperin Donghi y Torcuato Di Tella) (BLANCO, 2013).

628 "marginados, a poco de graduarse, de los ámbitos oficiales, y muy especialmente de la universidad, construyeron sus carreras intelectuales a través de una serie de estrategias análogas que incluyeron actividades de enseñanza en instituciones no oficiales y diversos proyectos editoriales, lo que revela, por lo demás, y en contraste con la experiencia mexicana y brasileña, la importancia de los circuitos privados en la promoción de las innovaciones intelectuales. A su vez, ambos procuraron sortear esa marginalidad institucional a través de una estrategia de legitimación internacional de sus iniciativas intelectuales en un contexto de creciente expansión e internacionalización de los mundos académicos" (idem, p. 276).

629 ROMERO, J. L. La Universidad. Cap III. Asunción del Rectorado UBA 1955, RUBA 1956.

630 "es deber de la intervención modificar su fisionomia para sustraerla a maléficas influencias que viciarían su gobierno futuro" (RUBa, p. 372).

em defesa da validação da própria instituição, Romero afirmava que "estamos convencidos de que a Universidade deve ser a mais alta expressão da vida intelectual argentina, e nenhum argumento ou circunstância deve prevalecer contra o princípio de que as cadeiras devem ser servidas pelos homens mais honestos e capazes" (idem, p. 373)[631]. Não foi essa a única ocasião em que Romero se pronunciou sobre o tema. Em *Defensa de la universidad*, publicado em *La Nación* em 12/02/1956, volta à tona o tema da autonomia universitária. Nesse caso, contudo, a problemática é acionada na ocasião do debate sobre as universidades privadas que haviam sido autorizadas pelo decreto de intervenção promulgado pelo ministro Dell Oro Maini. Considero que, para os fins deste estudo, esse momento seja paradigmático no intuito de marcar o início dos desajustes entre o projeto de reforma da universidade e sua efetiva implantação, assincronias de projeto que se tornarão incontornáveis nos anos seguintes. Em oposição a Maini, Romero dá o parecer de que o contexto da reconstrução da universidade talvez não seja o momento para colocar o debate sobre a autorização das universidades privadas e confessionais. Em seus termos, "a universidade que com dor vimos declinar e que nos comprometemos a defender e restaurar é a universidade do Estado, a velha universidade a cuja história vinculam-se os nomes de Trejo, de Rivadavia, de Gonzalez, de Avellaneda e de tantos outros" (ibidem, p. 376)[632].

Apesar dessas concordâncias de larga escala, portanto, e da substancial confluência de intensões modernizadoras, já é possível observar, nesse momento, o nascimento de algumas tensões. O motivo da desavença de Romero com Maini, o Artigo 28, dizia que "A iniciativa privada pode criar universidades livres que poderão emitir diplomas e qualificações, desde que estejam sujeitas às condições estabelecidas por um regulamento que será emitido oportunamente" (DECRETO-LEY N 6.403 23/12/55, p. 65)[633]. Central na definição de autonomia universitária e de suas relações com o governo de Frondizi, a autorização às instituições privadas foi tema de longos debates parlamentares e fervorosas manifestações públicas, principalmente entre os centros acadêmicos e agrupações estudantis secundaristas. Apresento, na sequência, o que talvez tenha sido a ocasião mais sintética dessas tensões, que se

[631] "estamos persuadidos de que la Universidad debe ser la más alta expresión de la vida intelectual argentina, y ningun argumento ni circunstancia debe prevalecer contra el principio de que las cátedras deben ser servidas por los hombres más honestos y capacitados" (idem, p. 373).

[632] "la universidad que vimos declinar con dolor y que nos comprometimos tacitamente a defender y restaurar, es la Universidad del Estado, la vieja universidad a cuya historia están unidos los nombres de Trejo, de Rivadavia, de González, de Avellaneda y de tantos otros" (ibidem, p. 376)

[633] "La iniciativa privada puede crear universidades libres que estarán capacitadas para expedir diplomas y títulos habilitantes siempre que se sometan a las condiciones expuestas por uma reglamentación que se dictará oportunamente" (Decreto Ley, 1955, p. 65).

deu na ocasião da *Junta Consultiva Nacional* em 29 de fevereiro de 1956[634]. Trata-se de uma exposição do minsitro da educação Dell Oro Maini, seguida de debate. Estiveram presentes alguns conselheiros, dentre eles Nicolas Respetto, Miguel Angel Zovalo Ortiz, Alicia Moreau de Justo, Luis Mario Bullrich e o mais eloquente crítico de Maini, Rodolfo Americo Ghioldi. A ordem do dia, tal como consta no documento, se intitulava *Consideración de la política del gobierno provisional en materia universitária.*

A primeira das falas é de Maini, e o argumento não é muito diferente do que já constava em outros discursos seus. Tratava-se, para ele, de reparar as consequências nefastas deixadas pelo regime ditatorial.

> Não se pode, como em tempos normais, considerar um problema após o outro ou simplesmente recorrer a retificações de erros ou ao aperfeiçoamento de instituições. É um problema de conjunto, que abarca todas as partes ao mesmo tempo, e que, além disso, apresenta, com caráter de urgência, um aspecto muito pessoal de uma ordem moral, como é a condição de exercício da docencia afetada pela forma pela qual um grande número de professores teve que se ver avassalado pela ação da ditadura (1956, p. 101) [635].

Os interventores, em seus termos, foram rigorosamente escolhidos para pavimentar o caminho da autonomia da autarquia. Assim, segue Maini,

> A universidade nos colocou um problema de homens, um problema de meios e, praticamente, neste momento, o que a universidade foca é a reestruturação de sua própria natureza, de sua estrutura, da recuperação de seu propósito autêntico que não é, precisamente, o de acumular exames após exames para emitir títulos profissionais, mas o de criar verdadeiros centros de pesquisa científica da cultura universal, que formam o critério dos jovens jovens que organizam sua concepção e integram a vida na qual têm que se desenvolver e que não lhes dê simplesmente uma habilitação para o exercício de certas profissões (1956, p. 106)[636].

Após longa introdução, Maini aborda o problema central da reunião, o famigerado artigo 28. Ele sustenta que se trata de uma 'demanda histórica', que se baseia num preceito coerente com a reorganização da universidade, na medida em que retirar o controle universitário da exclusividade do Estado significava corroborar a ideia – fundadora para o movimento de 1955

---

[634] *El problema universitário ante la junta consultiva nacional. Reunión extraordinária de la junta consultiva*, 29 de febrero de 1956. Versión Taquigráfica. Archivo de la FFyL.

[635] "no se puede, como en tempos normales, considerar un problema tras otro o simplemente acudir a las rectificaciones de errores o al perfeccionamiento de las instituciones. Es un problema de conjunto, que abarca todas las partes al mismo tiempo, y que, además, presenta, com caracteres de urgência, un aspecto muy personal de orden moral, como es la condición de ejercício de la docéncia afectada por la forma como un gran numero de docentes hubo de verse avassallado por la acción de la ditadura" (1956, p. 101).

[636] "la universidad nos ha planteado un problema de hombres, un problema de medios y, praticamente, en este momento lo que la universidad enfoca es la reestructuración de su propia naturaleza, de su estrutura, de la recuperación de su finalidad auténtica, que no es, precisamente, la de acumular exámenes trás exámenes para expedir títulos profissionales, sino la de crear centros verdadeiros de investigación científica de cultura universal, que formen el critério de las nuevas juventudes que organicen su concepción e integral de la vida en la cual han de desenvolverse y que nos les de simplemente una habilidade para el ejercicio de determinadas profesiones" (1956, p. 106).

- de que a inteligência é filha da liberdade. Em países não livres, sustentava ele, o Estado toma a iniciativa cultural para si "e temos uma experiência muito concreta do que significa o problema das relações do estado com a universidade" (1956, p. 107)[637]. A associação entre liberdade e iniciativa privada é, pois, o cerne de seu argumento: cultivar a liberdade universitária implicava sustentar que todas as universidades sejam livres, inclusive as confessionais, para "romper com toda atadura com o poder político" (idem, p. 108)[638]. A confessionalidade, ademais, é para Maini um falso problema, na medida em que o controle de diplomas segue passando pelo Estado, de modo que o polêmico artigo 28 não estaria concedendo privilégios, mas apenas regulamentando o exercício do pensamento livre.

A resposta de Ghioldi é eloquente, e parte da acusação de que a comissão em questão havia sido consultada somente após a efetivação do decreto. Sobre o artigo 28, mais especificamente, Ghioldi salienta que tal proposta não estava implícita nas primeiras declarações de princípio dos vencedores de 1955, não tendo passado por nenhum tipo de escrutíneo: "se implantou um galho de outra árvore no projeto institucional postulado pela revolução" (1956, p. 112)[639]. O fato da comissão contar com nomes como o de Bernardo Houssay não dirimia, para Ghioldi, essa arbitrariedade:

> No decorrer da evolução, as atividades individuais crescem ao longo dos séculos e, como necessidade de proteção e promoção da mesma atividade individual, aparece o Estado, cujas funções foram criadas no século passado. É um problema da arte, da democracia e da liberdade, combinar sempre como o Estado deve operar para que a atividade individual mantenha frescas as fontes da criação (1956, p. 114)[640].

Além disso, segue ele, o artigo 28 provocou um caos na opinião pública, tal como não se via desde os anos peronistas, situação fomentada, inclusive, pelo modo escuso através do qual o artigo havia sido sub-repticiamente inserido numa pauta já então amplamente aceita, a da autonomia universitária. Em todo caso, finaliza, esse assunto deveria ser tratado posteriormente, por um governo eleito, e não num contexto de intervenção, opinião partilhada, como supracitado, por José Luis Romero.

Ordóñez, por outro lado, toma a palavra, na reunião, para afirmar que a revolução não deve institucionalizar-se. Em apoio ao artigo 28, argumenta a dicotomia criada em torno do

---

637 "y tenemos una experiencia muy concreta de lo que significa el problema de las relaciones del estado con la universidad" (1956, p. 107).

638 "romper toda actadura con el poder político" (idem, p. 108).

639 "se insertó un gajo de outro árbol en la planta institucional plantada por la revolución" (ibidem, p. 112).

640 "en el curso de la evolución, las actividades individuales crecen en los siglos, y como una necesidad de protección y de fomento de la misma actividad individual, aparece el Estado, cuyas funciones han creado en el ultimo siglo. Es problema de arte, y de democracia y de libertad, conjugar siempre como debe operar el Estado para que la actividad individual mantenga frescas las fuentes de la creación" (1956, p. 114).

slogan *laica o libre* não se sustenta, posto que se trata, simplesmente, de uma confirmação da ideia de liberdade de cátedra. A educação é, para ele, autorealização pessoal, é preciso respeitar, pois, as idiossincrasias pessoais.

> O homem que se educa – e educar quer dizer trazer de dentro para fora – vai dinamizando os interesses que o criador pôs em sua alma, todas as possibilidades de que é capaz. Com elas realizará o ideal a que aspira de acordo com seu próprio conceito da vida, e responderá assim às exigências de sua consciência: se o faz bem, está salvo (1956, p. 122)[641].

Alicia Moreau de Justo, finalmente, intervém e elabora algumas das perguntas basilares dessa celeuma, e que não deixarão de ecoar, de distintos modos, nos anos seguintes: Se todas serão livres, porque criar universidades livres? Que sentido faz advogar autonomia de ensino se os exames são estatais?

É interessante observar que os debates sobre a universidade privada não apenas incidiam sobre os termos jurídicos do problema em questão, mas alcançaram amplo debate público, e se relacionavam com a própria concepção de universidade e, portanto, aos debates ainda mais funcionais da reforma de Córdoba. Tendo sido muitas vezes ressignifcado ao longo dos anos ao sabor das oscilações políticas, o movimento agora aparecia como afiançador da simbiose entre universidade e democracia: tratava-se de um modo, nesse sentido, de destituir o componente trágico que informava o manifesto dos reformadores originais, substituindo-o por um projeto progressivo de modernização institucional. Em 1956, mesmo ano do debate sobre o artigo 28, na ocasião do 38 aniversário da Reforma de Córdoba, o discurso de celebração da FUBA é taxativo: o primeiro ataque aos seus princípios, 1930, marcara o começo da aura maligna do fascismo. Alinhar-se ao espírito de Córdoba exigia, pois, pensar o futuro, não uma mera restauração "então é preciso modelar o cidadão, o homem maduro, de opiniões claras sobre as coisas que importam a todos e não são patrimônio de nenhum especialista" (ROMERO, 1956, p. 381)[642]. É possível profissionalizar, sustentava a FUBA, sem deixar de formar. "A universidade não deve ser, pois, exclusivamente profissional, não deve ser o profissionalismo o que a identifica e caracteriza, mas quando tiver de ser profissional, é necessário que o seja de forma eficaz" (ROMERO [compilación...], 1956, p. 384)[643].

---

641 "el hombre que se educa – y edcar quiere decir sacar de dentro para afuera – va haciendo dar a los dinâmicos intereses que el creador puso en el alma, todas las possibilidades de que es capaz. Com ellas realizará al ideal a que aspira de acuerdo a su próprio concepto de la vida, y responderá así a las exigências de su conciencia: si lo hace bien, está salvado" (1956, p. 122).

642 "entonces hay que modelar el ciudadano, el hombre maduro, de opiniones claras a cerca de las cosas que le importan a todo el mundo y que no son património de ningun especialista" (1956, p. 381).

643 "La universidad no debe ser, pues, exclusivamente profesional, no debe ser el profesionalismo lo que la identifique y caracterice; pero em la medida em que debe ser profesional, es necesario que lo sea eficazmente" (1956, p. 384).

Em discurso intitulado *La Reforma universitária y el futuro de la universidad argentina*, em 1956, José Luis Romero insistirá ainda mais uma vez na tradição reformista de Córdoba como fiduciária da nova univeridade. Em seus termos, qualquer retorno à situação anterior à Perón é suicida, tratava-se de criar uma nova instituição, justamente a partir do espírito reformista em suas formulações mais célebres, como as de Alejandro Korn. Assim, segue Romero, "eu não posso conceber a reforma como um conjunto de princípios rígidos e imutáveis, mas como um impulso do espírito, e por isso vejo na essência da universidade um drama idêntico ao que constitui a essência da própria cultura" (1956, p. 22)[644]. Tal argumento baseia-se na necessidade de manter-se em permanente movimento e reforma "porque a letra mata e o espírito vivifica; e cada vez que a universidade tropeça e consente em deter sua própria renovação se torna academia, depositório de saber estéril, deixa de ser lugar de criação perene" (1956, p. 23)[645]. Superar, pois, a junção de escolas profissionais, a partir de uma educação humanística:

> É necessário criar a comunidade universitária, a escola adaptada ao aluno, dentro da qual a comunidade se desenvolve no ambiente acolhedor de que precisa e criar professores dedicados que tenham tempo e habilidades suficientes para lidar com o problema pessoal de cada aluno. Somente a partir dessa situação pode-se falar da universidade como lar para a formação do homem (1956, p. 25)[646].

O debate em questão, conforme se depreende tanto da discussão sobre o artigo 28 quanto das alegações da FUBA[647] e dos aportes de Romero, transcende as questões organizacionais: trata-se de perscrutar a função da universidade no contexto de reabertura política. Nesse sentido, é possível observar que a figura de Gino Germani não pode ser reduzida a um mero quadro

---

644 "Yo no puedo concebir la reforma como un conjunto de princípios rígidos e inmutables, sino como un impulso del espíritu, y por eso veo en la esencia de la universidad un drama idêntico al que constituye la esencia de la cultura misma" (1956, p. 22).

645 "porque la letra mata y el espiritu vivifica; y cada vez que la universidad tropieza y consiente en detener su propia renovación se torna academia, urna para el saber estéril, y deja de ser hogar para la perenne creación" (idem, p. 23).

646 "hay que crear la comunidad universitária, la escuela a la medida del estudiante, dentro de la cual esa comunidade se desenvuelva en el ambiente cálido que necesita, y crear el profesorado con dedicación exclusiva que cuente con tiempo y aptitudes suficientes como para afrontar el problema personal de cada educando. Sólo a partir de esta situación podrá hablarse de la universidad como de un hogar para la formación del hombre" (ibidem, p. 25).

647 Califa (2014) nos lembra que em 1955, com Aramburu via golpe também, começa uma gestão mais liberal, e é o contexto da permissão das universidades privadas confessionais. O prestígio de romero persistia, mas várias ocupações, inclusive secundaristas, exigiam a saída de Dell Oro Maini. Renunciam ambos, assume Ceballos, mais conservador que Romero, se identificava com a universidade profissionalista. Aos poucos os próprios professores começam a se mostrar mais resistentes ao lema estudantil de que "la universidad somos nosotros". Tensões em todas as faculdades recomeçam, "se os estudantes tivessem podido firmar um estatuto que visualizavam imposto no executivo, no poderiam impor os tripartios em torno dos quais os professores e o governo nacional mantinham uma sólida unidade (2014, p. 123). ["si los estudiantes habían podido firmar un estatuto que visualizaban impuesto desde el Ejecutivo, no habían podido imponer los tripartitos em torno a los cuales los profesores y el gobierno nacional mantenían uma sólida unidad" (2014, p. 123)].

funcional dessa reorganização, mas, conforme tento argumentar, deve ser observada enquanto uma das apostas de reformulação global da ideia de universidade. O projeto do interventor Romero, ademais das múltiplas reconfigurações formais, incidia também numa modernização das disciplinas e dos planos de curso. É na esteira dessa renovação que são fundados, entre 1955 e 1957, os cursos de *Sociología* e *Pedagogía*, bem como o *Departamento de Orientación Vocacional*. Sustento que não se trata de uma coincidência o fato de que o departamento de sociologia surja enquanto modelo desse novo tipo de instituição que se pretendia implantar, na medida em que a reflexão sobre uma universidade profissional e técnica, apta para projetar a argentina num cenário de universalidade científica, constitui o suporte institucional do projeto da sociologia científica. Além disso, as disciplinas mais canônicas, como História e Filosofia, estavam mais blindadas que a sociologia para funcionar enquanto plataforma de mudança, inclusive pelas vinculações docentes que são recuperadas quando da reincorporação dos antigos professores.

Além dessa facilidade organizacional, a proposta de um curso que habilitasse seus frequentadores a formular interpretações científicas sobre o peronismo a partir de procedimentos empíricos contava com o entusiasmo de um amplo espectro do setor estudantil, uma geração que entrava na universidade logo após a década peronista e que se via imbuída desse espírito de novidade política. Conforme salienta Ponza (2010), esse impulso renovador capitaneado pela sociologia mobilizou, já em 1958, um impulso estatal de larga monta: a EUDEBA, por exemplo, torna-se uma das maiores editoras do país - entre 1959 e 1962 foram 3000000 de exemplares publicados e em 1964 já eram 10000000 - além disso, várias bolsas de instituções como Ford e Rockfeller – no marcos daquilo que Pollack classificou como um "plano Marshall intelectual" (2018)[648] - contribuíam para criar essa legitimidade científica do novo curso que surgia ao consolidar a proposta de internacionalização da UBA.

As criticas ao projeto, no entanto, mesmo nesse início, não são poucas. Acusa-se Germani de imperialista e refratário à crítica dialética. Milcíades Peña assim definia o projeto do novo curso: "educa os futuros sociólogos no estilo burocrático e parcelário que caracteriza o empirismo abstrato" (PEÑA, 1973, p. 37)[649]. Distante de ser consensual, pois, a proposta de Germani põe em questão modelos de universidade que eram, também, modelos de prática

[648] "A partir do final dos anos 1940, enquanto a Fundação Rockefeller financiava apenas projetos de pesquisa, a Fundação Ford não se limitava aos modos tradicionais de assistência (financiamento de projetos de pesquisa, doação às universidades, bolsas individuais etc.) e também contribuía para a institucionalização da pesquisa empírica financiando a fundação de grandes organismos de pesquisa" (POLLACK, 2018, p. 123).

[649] "educa a los futuros sociólogos em el estilo burocrático y parcelario que caracteriza el empirismo abstracto" (PEÑA, 1973, p. 37).

intelectual. Na aula inaugural de Roberto Giusti, em 1962, por exemplo, há uma retomada do discurso de Miguel Cané, um dos grandes críticos da tecnicização da universidade desde os tempos de Ernesto Quesada. Percebe-se, nesse sentido, que a dificuldade que Germani via naqueles que se vinculavam à tradição alemã em atualizar seus critérios científicos não seria simplesmente dirimida por decreto, ainda que eles viessem acompanhados de vultosos investimentos financeiros, nacionais e internacionais. A resistência que Germani identificava no plano teórico, no contexto anterior ao peronismo, que se referia a permanência da divisão entre ciências do espírito e ciências da natureza, típica do pensamento alemão, somado aos afãs ontologistas dos ensaístas das décadas anteriores, reformulava-se agora a partir da crítica a seu projeto institucional: a figura do sábio perde espaço nesse novo curso, e a incidência de treinamento técnico desaloja os órfãos desse mundo em crise. Essa questão já foi tratada no capítulo 2.2., quando da exposição dos artigos que Germani escreveu para o Boletín del Instituto de Sociología e para a ALAS, em 1951. [650]

O que o projeto de Germani desenvolve, em ampla concordância com a remodelação mais ampla da universidade, poderia ser condensado no estabelecimento de uma identidade profissional. Esse ponto é substancialmente definidor na medida em que confronta não apenas outras versões sobre a universidade mas, sobretudo, uma longa tradição de cultura humanista que associava, conforme venho rastreando ao longo dos capítulos, a tecnicização do saber com a tecnicização da vida e, com isso, reafirmava que o reino das ideias era prerrogativa do intelectual clássico, cujo protótipo era o sábio alemão ou, eventualmente, o diletante francês, o *homme de lettre* que ensina exemplarmente, distante do rigor plebeu da repetição dos laboratórios, das enquetes de pesquisa, da tabulação de dados. Basta observar, por exemplo, o *Guia de Provisiones de Cátedras*[651], de 1962, mais especificamente o artigo 2 – "Na ocasião de formulação de propostas de contratação, as Faculdades devem considerar: a. Curriculum Vitae do candidato; b. Plano de tarefas a desenvolver, motivo de contratação ou convite, c. Regime de dedicação em serão feitos os pagamentos d. Duração do contrato"[652] .[653] – para convencer-

[650] Em apoio a Germani, anos depois, Rimoldi[650] alertaria para a predominância, a partir da UBA, de um tipo de universidade profissionalizante que diminui a pesquisa. Defende que "o enciclopedismo e a improvisação não tem espaço na universidade moderna" (1951, p. 24) ["el enciclopedismo y la improvisación no tienen cabida en una universidad moderna" (1951, p. 24)].

[651] PROVISIONES DE CÁTEDRAS. Guía de informaciones de 1962. Resolución del Consejo Superior de la UBA. Destaque para a ampla divulgação do edital. Artigo 2, Resolução 2533/61

[652] "En oportunidad de formularse propuestas de contratación, las Facultades deberán acompañar: a. Curriculum Vitae del Candidato propuesto; b. Plan de tareas a desarrollar, motivo de la contratación o invitación, c. Régimen de dedicación en el que se ha de desempeñar y retribución que percibirá e d. Duración del contracto"

[653] Art. 6. "No podrá presentarse o requerirse documentación o declaración alguna que signifique directa o indirectamente una base para juicios o discriminaciones de otra naturaleza" (1962, p. 241). Reglamento interno de

se de que o tipo de universidade que então surgia era necessária para o tipo de pesquisador que nela poderia trabalhar. Inversamente, nos modelos de universidade humanista anteriores, refratários inclusive eticamente à divisão do trabalho, o tipo de empreitada teórica de Germani – a sociologia empírica – estava não apenas deslocado como eventualmente inviabilizado.

Após a apresentação dessas tensões, podemos estabelecer que, no retorno da cidade à cidadela, embora o projeto científico de Germani estivesse, em linhas gerais, alinhado às demandas mais modernas dos padrões internacionais de pesquisa, não foi tarefa simples dirimir os vínculos anteriores que compunham o universo relacional das posições intelectuais argentinas[654]. Blanco e Jackson, em *A sociologia no espelho*, destacam esse caráter combativo do projeto de Germani. Seu esforço editorial, apresentado no capítulo anterior, já aparecia, para os autores, como algo mais que uma empreitada transitória, na medida em que

> propiciou uma unificação de temas e programas na sociologia que veio a conectar-se com uma expectativa ao mesmo tempo política e intelectual: o projeto de modernização da sociedade e de edificação de uma ciência do desenvolvimento e da mudança planificada (BLANCO e JACKSON, 2014, p. 25).

Os autores destacam, todavia, que na reconstrução da universidade, não havia uma disputa teórica entre Germani e os ensaístas da tradição de Sur, como Romero, pelo contrário, há uma aliança de projeto universitário, "o debate publico sobre o peronismo e o fato do sociólogo te-lo constitutido exitosamente como tema acadêmico, compretendo diretamente a sociologia com uma questão política de alcance nacional, é indicação da imbricação dos campos político e acadêmico" (idem, p. 108). Se, por um lado, não se pode localizar uma disputa teórica entre Germani e os outros setores do antiperonismo, como sugerem os autores, proponho que o esforço institucional de Germani em nome de uma universidade moderna e científica constitui, para todos os efeitos, uma discordância ainda mais elementar, a saber, aquela que se refere ao tipo de atitude intelectual que se depreende de um ou de outro modo de adquirir e professar cultura.

Para que essa mudança de atitude possa ser, nesse momento, analisada, alguns rearranjos organizacionais podem ser observados. Uma das primeiras medidas de Germani na direção do

---

comissiones asesoras: Art. 1. Item B. De los Antecedentes. "1. Se tendrán en cuenta solamente aquellos antecedentes de jerarquias universitárias".

[654] Alejandro Blanco descreve essa sociologia que, apesar do predomínio de Germani, operava fora da UBA na década de 1950. Em 1951 há o Congreso Internacional de Sociologia em Buenos Aires (organizado por Povina, que contou com a submissão, inclusive, de dois artigos de Germani), em 1957 a criação da FLACSO e, notadamente, em 1959, um rompimento sintomático: Povina funda, a partir de Córdob, a Sociedad Argentina de Sociologia ao que Germani responde, em 1960, com a criação da Asociación Sociológica Argentina. Esses movimentos indicam a disposição das alianças que autorizam a alocar em Buenos Aires o pólo irradiador do projeto da Sociologia Científica. BLANCO, Alejandro. *La Asociación Latinoamericana de Sociologia: uma história de sus primeros congresos.* Sociologias. Porto Alegre, ano 7, n 14, jul-dez 2005, p. 22-49.

Instituto é reabilitar a publicação periódica dos resultados de pesquisa. Os *Boletíns del Instituto de Sociologia* – outrora dirigidos por Ricardo Levene e Alfredo Povina – ganham um novo formato: passam a ser publicados mensalmente e trazem, no seu novo formato, uma ampla gama de traduções de autores estadunidenses e de resultados de pesquisa empírica, conforme detalhado no capítulo 2. É nessa publicação que se consolida, conforme exposto, o vultoso esforço editorial de atualização de fontes sociológicas que Germani havia começado na direção da coleção Sociologia y Psicologia Social, analisada no capítulo 3. [655]

Em *Le champ scientifique* (1976) Bourdieu aciona dois pontos que podem ajudar, nesse momento da análise, a relacionar a proposta teórica de Germani com seu contraponto institucional. Inicialmente, o fato de que o discurso científico – e o que se pretende científico – não pode prescindir do julgamento dos próprios pares, aos quais é reservada, ao mesmo tempo, a possibilidade de crítica e de validação prévia do formulador das críticas. No caso do empenho de Germani, tudo se passa como se fosse necessário validar, ou criar, os próprios pares, os interlocutores que não são aqueles dos cafés, mas sim os versados na mesma competência técnica e na mesma adesão tácita aos pressupostos do discurso científico. Bourdieu também aciona a tipificação de estratégias possíveis dentro de uma disputa científica. No argumento do sociólogo francês, as estratégias de subversão tendem a ser levadas a cabo pelos marginais do campo, enquanto as estratégias de conservação são mormente prerrogativa dos dominantes desse mesmo campo. O caso argentino, se tomamos o quadro de Bourdieu como inspiração, insere um elemento paradoxal: dominante no campo que tentava consolidar, Germani adota uma postura disruptiva, subversiva, a ponto de fazer tábua rasa de muitos de seus antecessores. Inaugura, nesse sentido, uma nova profecia. Tal postura se relaciona necessariamente com a necessidade supracitada de fomentar a existência de seus pares pois, enquanto eles não existem, os interlocutores possíveis de Germani seguem sendo os intelectuais amadores, o que, dada a incompatibilidade de adesão aos pressupostos, torna a comunicação entre eles, condição da discussão, inviável.

Em *Condiciones Objetivas y Condiciones Subjetivas de la investigación y los investigadores en sociologia* (GERMANI in BLANCO, 2006) podemos encontrar uma das formulações mais explícitas de Germani acerca da necessidade da conformação dessa rede de

[655] A titulo de exemplo, enquanto os cursos de Povina na UBA tinham uma média de 20 livros na bibliografia, o curso de Germani em 1959 ostenta 103 livros sendo que, desses, 32 são em inglês e 8 em francês e, no caso de Povina, havia apenas um em inglês para todos os outros em espanhol. Além disso, chama atenção, na bibliografia de Germani, a presença de revistas internacionais, especialmente do Journal of Sociology. Interessante, também, que os autores não aparecem na bibliografia enquanto "clássicos" mas como aporte para elucidação de uma sociologia de problemas, aposta distinta do foco em História da Sociologia que orientava os cursos de Povina.

pares. O estado atrasado da sociologia argentina, afirmava Germani, não era culpa apenas da falta de recursos, muito embora, em seus termos, "seria simplesmente utópico supor que a investigação sociológica possa funcionar, hoje, sem estar baseada numa organização tecnicamente eficiente" (2006, p. 146)[656]. O treinamento dos ingressantes, por exemplo, ajudaria a assegurar um mínimo homogêneo de formação sistemática. Além disso, se fazia necessário fomentar os mecanismos de comunicação e controle no campo da atividade científica. "Tais mecanismos se manifestam através do juízo que se emite sobre o comportamento do cientista e sobre o resultado de tal comportamento, a obra científica" (2006, p. 149)[657]. A existência de uma comunidade científica, de uma tradição que se ajuste à sociologia mundial em expansão, eram para ele dispositivos modernizadores imprescindíveis. Além disso, no mesmo artigo, Germani destaca as "condições psicológicas" requeridas pela investigação e, ao fazê-lo, oferece uma descrição detalhada do *habitus* esperado por essa nova atitude[658]:

> Elas podem ser resumidas em um tipo de caráter que promove ou encoraja a regularidade e a sistematicidade no trabalho, rigor, a capacidade de previsão, planejamento e ação imediata para proceder racionalmente adiando gratificações imediatas em nome do cumprimento de projetos de longo prazo.

[656] "sería simplemente utópico suponer que la investigación sociológica pueda hoy llevarse a cabo sin contar con una organización tecnicamente eficiente" (146).

[657] "Tales mecanismos se manifiestan a través del juicio que se emite sobre el comportamento del científico y sobre el resultado de tal comportamento, la obra científica" (149).

[658] "Um universo dominado por agentes dotados de padrões escolares de pensamento, percepção e ação, idênticos e retornados, pela internalização, ao estado de esquemas práticos é um universo de evidências. A política dominante é "senso comum", é evidente. O habitus escola dos novos líderes, forma transformado de um habitus de classe que implica a adesão tácita ao axiomático conservador, é transformada em conservadorismo iluminado modus operandi do sistema em das disposições que reconhecem até mesmo na dicção e hexis do corpo, cuja manifestação mais visível é um modo de expressão claro, preciso e (superficialmente) rigoroso (bem feito para desvalorizar os vôos de eloqüência à esquerda ou o obscuro peso da análise). O produto de uma instituição escolar, que é um dos mais poderosos efeitos das grandes écoles, aproxima os agentes o mais homogêneo possível, sob o maior número possível de relatórios, para submetê-los a uma ação pedagógica homogênea e homogeneizadora. este habitus encontra continuamente confirmação e reforço nas instituições e produtos produzidos pelo habitus homólogo. A permanente coincidência de estruturas mentais e estruturas objetivas - e, em particular, de produtos estruturados de acordo com as mesmas estruturas - não contribui muito para confirmar a certeza de que Pareto é uma das principais condições para a perpetuação das "elites" (BOURDIEU E BOLTANSKI, 1976, p. 65). ["Un univers dominé par des agents dotés de schemes scolaires de pensée, de perception et d'action, identiques et revenus, par l'intériorisation, à l'état de schemes pratiques est un univers d'évidence. La politique dominante est de "bon sens", elle va de soi. L'habitus scolaire des nouveaux dirigeants, forme transformée d'un habitus de classe qui implique l'adhésion tacite à l'axiomatique conservatrice, est le conservatisme éclairé transformé en modus operandi, em système de dispositions qui se reconnaissent jusque dans la diction et l'hexis corporelle et dont la manifestation la plus visible est un mode d'expression clair, précis et (superficiellement) rigoureux (bien fait pour dévaluer les envolées de l'éloquence de gauche ou les lourdeurs obscures de l'analyse). Produit d'une institution scolaire qui, -c'est là un des effets les plus puissants des grandes écoles-, rassemble des agentes aussi homogènes que possible sous le plus grand nombre possible de rapports pour les soumettre à une action pédagogique homogène et homogénéisante, cet habitus trouve continûment une confirmation et um renforcement dans les institutions et les produits engendrés par des habitus homologues. La coïncidence permanente des structures mentales et des structures objectives -et en particulier des produits structurés selon les mêmes structures- ne contribue pas peu à confirmer la certitudo sui qui, on peut en croire Pareto, est une des conditions principales de la perpétuation des "élites" (BOURDIEU E BOLTANSKI, 1976, p. 65)].

> A capacidade de perseverar mesmo nas dificuldades e adiamentos, a de cumprir tarefas no prazo, a de manter um nível estável e constante de interesse na tarefa são traços de caráter importantes na pesquisa. O sentido de responsabilidade, a tendência para cumprir com precisão compromissos rigorosos (incluindo pontualidade nos prazos, o cumprimento dos acordos, etc) são de suma importância aqui. O caráter organizado que recentemente transformou as investigações apenas intensificou a exigência de tais traços de caráter. Certos elementos obsessivos e um notável perfeccionismo são, sem dúvida, aspectos necessários na investigação (GERMANI in BLANCO, 2006, p. 152)[659].

Este momento do argumento se orienta por uma analogia entre essa descrição operada por Germani e uma outra, bastante conhecida, a saber, a de 'burocracia', em termos weberianos:

> A razão decisiva para o progresso da organização burocrática foi sempre a superioridade puramente técnica sobre qualquer outra forma de organização. O mecanismo burocrático plenamente desenvolvido compara-se às outras organizações exatamente da mesma forma pela qual a máquina se compara aos modos não-mecânicos de produção (WEBER, 1971, p. 249).

Alguns dos elementos centrais do funcionamento burocrático, segue Weber, são a precisão, a velocidade, a clareza, a discrição, a unidade e a subordinação. A burocratização, afinal, oportuniza a especializaçãao das funções e "o cumprimento objetivo das tarefas significa, primordialmente, um cumprimento de tarefas segundo regras calculáveis e 'sem relação com pessoas'" (WEBER, 1971, p. 250). Além disso, atentando-se para os enfrentamentos em relação aos quais a burocracia procura se impor, lemos que

> Quanto mais complicada e especializada se torna a cultura moderna, tanto mais seu aparato de apoio externo exige o perito despersonalizado e rigorosamente objetivo, em lugar do mestre das velhas estruturas sociais, que era movido pela simpatia e preferência pessoais, pela graça e gratidão. A burocracia oferece as atitudes exigidas pelo aparato externo da cultura moderna, na combinação mais favoravel (idem, p. 251)[660].

---

[659] "pueden resumirse en un tipo de carácter que favorezca o estimule la regularidad y sistematicidad en el trabajo, el rigor, la capacidad de previsión, de planear y de proceder racionalmente posponiendo gratificaciones inmediatas para el cumplimento de proyectos de larga duración. La capacidad de perseverar aun frente a dificuldades y postergaciones, la de llevar a término una tarea empreendida, la de mantener un nível estable y constante de interés por la tarea son otros rasgos caracterológicos importantes en el investigador. El sentido de responsabilidad, la tendencia a cumplir de manera precisa y rigurosa los compromisos asumidos (incluso la puntualidad en los plazos, el cumplimiento de acuerdos, etc) tienen aqui una importância capital. El caráter organizado que han tomado recentemente las investigaciones no há hecho sino intensificar el requerimento de tales rasgos caractereológicos. Ciertos elementos obsessivos y un notable perfeccionismo son, sin duda, aspectos necesarios en la investigación" (GERMANI in BLANCO, 2006, p. 152).

[660] A burocracia, enfim, promove um modo de vida racionalista, principalmente na Universidade e, mais ainda, através dos sistemas de avaliação e especialização, de modo que "o desenvolvimento moderno da plena burocratização coloca em primeiro plano, irresistivelmente, o sistema de exames racionais, especializados" (WEBER, 1971, p. 278), gerado pela necessidade de técnicos. O especialista se erige contra, basicamente, o homem culto, não no sentido valorativo da aquisição de cultura, mas como uma educação baseada numa posição considerada culta que "formou a base da consideração social em vários sistemas, como as estruturas de dominio feudal, teocrática e patrimonial: na administração inglesa dos notáveis, na velha burocracia patrimonial chinesa, bem como sob o dominio dos demagogos na chamada democracia helenica" (WEBER, 1971, p. 280), ou seja, naquele que não foi preparado para ser um perito. Tal educação visava a um tipo cavalheiresco ou a um tipo ascético, ou, a um tipo literário, como na China; um tipo de ginasta-humanista, como na Hélade; ou visava à forma

A substituição dos modos de validação da cultura, das atitudes desejáveis para a tarefa do pensamento e, não menos, a reorientação teórica que preside esses movimentos institucionais, são aspectos indeléveis da trajetória do projeto da sociologia científica. Se, teoricamente, como sustentado anteriormente, não se pode filiar automaticamente Germani e seu grupo ao monopólio norteamericano da sociologia, quando observamos seu esforço institucional, tal vinculação torna-se menos ambigua. Isso porque, mundialmente, o predomínio não só da sociologia americana como do próprio modelo universitário daquele país, se generaliza no contexto do pós-Guerra; nos termos de Vanpaemel, nesse sentido, os Estados Unidos passam a funcionar como um 'centro' e "no centro, os valores do espaço epistemológico são articulados e corporificados" (2015, p. 213)[661]. Conforme Haney (2008), a sociologia, ao contrário de outras áreas da cultura letrada americana, esteve desde cedo confinada ao mundo acadêmico, de modo que "no caso da sociologia americana, especialmente a partir de 1945, os estudiosos se basearam em concepções particulares da ciência e do trabalho científico para prover essa legitimação profissional" (HANEY, 2008, p. 2)[662]. Nos anos 1950, contexto da expansão da sociologia americana pelo mundo, consolidava-se um tipo de estatuto disciplinar na qual a ciência fornecia a identidade profissional e a partir da qual os sociólogos pretendiam se inserir no debate público, reconvertendo-se, aos olhos dos leigos, em cientistas da própria política – benefício obtido através das técnicas de pesquisa 'neutras' que procuravam aplicar.[663].

Retomando Haney "em meados da década de 1950, o cientista de 'colarinho branco' tornou-se o detentor final das mais recentes ferramentas e técnicas para a investigação objetiva e a iluminação dos fenômenos, bem como o fornecedor do progresso humano linear" (2008, p.4)[664] além disso, segue o autor, teria havido uma explosão quantitativa de sociólogos no pós guerra em comparação com a era da depressão, o que se condensa num amplo movimento de inovação das metodologias, da construção de novos institutos, etc. Nos termos de Verschueren,

> Se o consenso modernizador e planificador do pós-guerra mascara, por sua ambiguidade, as divergências entre os diversos grupos que o reivindicam, permite a afirmação dos cientistas como grupo social em si e por si, consciente

convencional do gentleman, como no caso do cavaleiro anglo-saxão (...) baseava-se na posse de um 'mais' cultural (...) e não no reconhecimento 'mais' especializado (idem, p. 281).

[661] In the center, the values of the epistemological space are articulated and embodied (2015, p. 213).

[662] "in the case of american sociology, especially since 1945, scholars have relied upon particular conceptions of Science and scientific work to provide that profissional legitimation" (HANEY, 2008, p. 2).

[663] Horowitz em *From socialism to sociology*, pontua que o começo da sociologia americana é simbiótico com o protestantismo, "o paradigma em vigor nesse mundo uniforme da sociologia era o liberalismo" ["the ruling paradigma in this world of sociological uniformity was liberalism" (1993, p. 74)], a ênfase cientificista e positivista inicial eram justificadas pelo controle da especificidade americana, a ordem, na mão dos cientistas sociais

[664] "By the mid-1950´s, the laboratory scientist in the White lab coat had become the ultimate possessor of the latest tools and techniques for the objective investigation and illumination of phenomena, as well as the purveyor of linear human progress" (2008, p. 4),

> de sua força, mobilizados pela defesa de seus interesses. Mas essa afirmação se faz a partir do modelo das ciências experimentais, especialmente das ciências físicas (2018, p. 156).

A historiografia do período converge em que as inovações metodológicas e epistemológicas estiveram no cerne da identidade profissional e da proeminência desse campo de estudos,

> no final da Segunda Guerra Mundial, quando uma classe média em expansão acelerou a burocratização do status social e do prestígio profissional, os sociólogos reconheceram que suas fortunas estavam vinculadas ao seu sucesso em afirmar para eles o status social do cientista (HANEY, 2008, 9)[665].

Conforme Bourdieu e Boltanski essa aliança entre ciência e gestão estatal pode ser ser explicada quando se considera que

> Essas teorias políticas práticas, instrumentos de conservação racional das estruturas que são, elas próprias, o produto das estruturas a serem preservadas, devem sua sistemática prática e ajustamento prático ao fato de que os próprios esquemas de que são o produto são eles próprios o produto histórico das estruturas sociais que eles tendem a reproduzir e que se situam dentro dos limites do universo finito de soluções políticas aceitáveis e praticáveis para a classe dominante em um estado (1976, p. 55)[666].

A aproximação com a imagem do cientista era, portanto, nos anos 1950, estratégica, diferente do contexto do século XIX no qual a estratégia de identidade profissional se relacionava com uma postura de salvaguarda da autoridade moral e política. Trata-se, portanto, da mudança de um *ethos* e de uma ética do cientista, que interfere tanto na auto-imagem (aquela que orienta as mudanças institucionais, no caso da UBA), quanto na imagem que esses novos personagens evocavam no espaço público, a partir dos discursos de neutralidade e cientificidade dos quais fazem uso para consolidar sua posição.

A imersão dos debates intelectuais da década de 1950 na polarização da guerra fria, além disso, ajudou a avalizar, no espaço público, a imagem do cientista americano enquanto resguardo da liberdade científica, tão cara à aposta de Germani. Essa condição ficará mais bem evidente quando da ocasião do *Congress of Cultural Freedom*, projeto que tem início no começo da década de 1950, que será tratado na sequencia do argumento. A ideia de que a liberdade deve ser planejada e, se for o caso, defendida institucionalmente, é a norteadora dessa

---

[665] "By the end of World War II, as an expanding middle class accelerated the bureaucratization of social status and professional prestigie, sociologists recognized that their fortunes were tied to their success in asserting for themselver the social status of the scientist" (HANEY, 2008, p. 9)

[666] "ces théories politiques à l'état pratique, instruments de conservation rationnelle des structures qui sont eux-mêmes le produit des structures à conserver, doivent leur systématicité pratique et leur ajustement pratique au réel au fait que les schemes dont elles sont le produit sont eux-mêmes le produit historique des structures sociales qu'ils tendent à reproduire et se situent dans les limites de l'univers fini des solutions politiques acceptables et praticables pour la classe dominante dans un état" (1976, p. 55).

nova prevalência da concepção do cientista americano pelo mundo. Não é difícil imaginar, nesse sentido, que o sociólogo, - figura que, naquele país, trabalha em simbiose com o governo -, emerja em substituição à figura "obsoleta" do intelectual clássico, tal como então se compreendia.

Conforme Polanyi (2003), grande debatedor contemporâneo dessas mudanças a nível mundial, o fim da segunda guerra marca uma inflexão[667]: os eventos militares teriam engendrado uma desconfiança no papel emancipatório da técnica – principalmente a partir das câmaras de gás e da bomba atômica – e se fazia necessário salvar a associação entre ciência e democracia que havia sido soterrada pelo funesto exemplo alemão[668]. Nos termos de Polanyi,

> onde as universidades se deixaram engambelar, ou, aterrorizadas, comprometeram seus padrões, sentimenos que as próprias raízes de nossa civilização foram danificadas. Lá, as esperanças em nosso futuro são desanimadoras (...) (mesmo nos) escombros da Alemanha e do Japão, um cientista ainda é um de nós, defensor do mesmo código de trabalho científico (POLANYI, 2003, p. 30).

Detemo-nos no argumento de Polanyi de que a posse do mesmo código de trabalho científico tenha sido reivindicada, na economia do argumento, como estando em condições de superar discordâncias profundas como aquelas que envolviam o conflito militar em si. Em 1949, o mesmo Polanyi reiterava que a ciencia é sempre algo em que acreditamos e, por isso, é preciso que a sociedade a valorize: a validade de uma declaração científica não depende excluisivamente do conteúdo da evidencia e a crença, sustentava, precisa ser reabilitada da lama em que foi lançada pelos positivistas. Assim, finaliza, defender a liberdade da ciência é defender um ponto de vista sobre o mundo, aquele que reabilitaria "a capacidade de acreditar com olhos abertos" (POLANYI, 2003, p. 66). O caminho que o pensador sugere é bastante familiar aos termos nos quais o projeto da sociologia científica argentina se definiria: fomentar a auto-regulação da ciência, longe da tirania dos Estados ou das demandas sociais, priorizando a iniciativa dos pares. Subordinar a ciência ao bem estar, afirmava Polanyi, é um atentado intelectual e moral, "a função das autoridades públicas não é planejar pesquisa mas apenas

---

[667] Segundo Osvaldo Iazzetta, a atuação de Polanyi é também um observatório privilegiado da composição moral do Estado Previdência. A partir da relativização da suficiência do mercado, nos termos do autor, Polanyi poderia ser compreendido a partir da "tentativa de fundamentar a necessidade de uma instância de coordenação, proponho uma conexão entre indivíduo, mercado e Estado" (in LIMONIC e MARTINHO, 2010, p. 15).

[668] Também sobre a detratação da universidade e do pensamento alemão levado a cabo no pós guerra é possível consultar o comentário do próprio J. Dewey, que em German Philosophy and Politics, especialmente a introdução, elaborada em 1942, procura traçar uma relação de concordância entre a filosofia alemã e a adesão ao nazismo desde o kantismo. Embora a relação causal seja, hoje, muito contestada, o livro funciona como um exemplo da atitude de animosidade que o "mundo democrático" tomou em relação à tradição alemã no contexto da Segunda Guerra. No mesmo sentido, já com as ressalvas à imputação causal, Norbert Elias delineou em "Os Alemães" uma aposta no entendimento da adesão ao nazismo a partir do habitus alemão, disposição que teria viabilizado o "surto descivilizatório" representado pelo Terceiro Reich.

proporcionar oportunidades para sua conduta" (idem, p. 150). O controle deveria ser, em suma, comunitário. É com esse tipo de discussão sobre a ciência que dialoga Germani, e é esse tipo de referência, absolutamente inédito, que poderá sustentar seu enfrentamento em relação à antiga tradição alemã: não apenas as teorias alemãs, mas o mundo em que as teorias alemãs estavam em casa.

Diego Pereyra, sob outro ponto de vista, também se atenta para o papel determinante dos EUA na conformação do projeto de Germani, que ultrapassou largamente a influência teórica, destacando o papel da Aliança para o Progresso no desenvolvimento de um apoio sistemático às sociologias latino-americanas. Nos termos de Pereyra[669],

> Sua contribuição no desenvolvimento da sociologia tem sido muito significativa. Depois de 1920, eles tentaram exportar um modelo organizacional no qual as ciências sociais no exterior seguiriam o padrão baseado em pesquisas científicas com enfoque empírico, deixando para trás um estágio disciplinar caracterizado por um estilo especulativo ou literário. Eles realizaram uma tarefa fundamental exportando duas idéias básicas: A. a crescente importância da pesquisa social empírica; e B. a necessidade de formar cientistas sociais especializados em certas habilidades (STIFEL, 1982 apus PEREYRA, 2005, p. 173)[670].

Nos conta Pereyra que os fundos angariados por Germani junto a instituições como a Ford e a Rockfeller foram usados em bibliotecas e, notadamente, na aquisição de uma máquina de calcular da IBM, além de pagar o salário de 19 professores visitantes e mandar 12 estudantes

[669] Na rica análise de Pereyra encontra-se o seguinte detalhamento: A década de 1950 marca o aumento do interesse dos EUA pela América Latina, embora houvessem vinculações desde a década de 1930. Cooperação pode ser dividida em 3 fases: até 1930s: aproximação inconstante. Dos 40 aos 50: aproximação com a guerra e interesse estatístico dos EUA. Pós 1950: colaboração ativa no sentido de conter o impacto da revolução cubana, projeto Camelot etc. até 1950 os diagnósticos eram na linha de que se praticava por aqui uma sociologia europeia, distante das pesquisas empíricas. Frondizi, o presidente, era um dos maiores entusiastas da aliança para o progresso. O Instituto de sociologia da UBA era a oportunidade perfeita para a colaboração sistemática com a Rockfeller. Conta a anedota de que Romero foi pedir primeiro, com toda sua polidez de dândi, e foi Germani quem conseguiu. Ford foi visitar Povina, mas o relatório concluiu que além de não ter autonomia suficiente, o departamento de socióloga "was strongly influenced by the intellectual tradition in legal studies" (2005, p. 185). Em 1960 a Ford deu 210.000 dólares para o departamento de sociologia, "O apoio à Germani por parte das organizações dos EUA implicava que eles aceitassem um programa local de modernização institucional" (2005, p. 186) ["The support to Germani from the US organisations implied that they accepted a local program of institutional modernisation" (idem, p. 186)]. Distribution of funds received by the UBA from external sponsors by discipline (1960) [in dollars]:

	FORD	Rockfeller	Others US	CONICET	Other Ar.	Total	%
Sociologia	210.000			904	12057	222961	41,7%
Medicina		44000	89000			133000	24,9%
Engenharia				12376	60285	72661	13,6%
Outros		47000		16362	42681	106043	19,8%
Total	210.000	91000	89000	29642	115023	534665	100%

Fonte: Memória UBA 1960, p. 61-64 apud PEREYRA.

[670] "Their contribution on the development of sociology has been very significant. After 1920, they tried to export an organisational model in which social sciences abroad would follow the pattern based on scientific research with an empirical focus, leaving behind a disciplinary stage characterised by a speculative or literary style. They carried out a key task exporting two basic ideas: a. the increasing importance of empirical social research; and b. the need of training specialised social scientists in certain research skills" (STIFEL, 1982, apud PEREYRA, 2005, p. 173).

para o doutorado no exterior. Tal aproximação, sugere o autor, contribuiu para a imagem controversa de Germani, fomentando a desconfiança por parte dos estudantes, que passaram a questionar a origem do dinheiro e a organização do departamento. No ultimo capítulo esta questão será abordada de modo mais sistemático, por hora é interessante reter que essa aproximação institucional de Germani é mais direta e, sobretudo, repercute mais, do que a mera referência a Parsons ou a Merton que ele eventualmente lançava mão em suas elaborações teoréticas.

Noé, em Utopia e Desencanto, corrobora a ideia de que essa suposta postura "neopositivista" de Germani, tal como sua aproximação com as instituições de fomento americanas, caminha em paralelo com o enfrentamento das anteriores "correntes do intuicionismo e do idealismo que haviam tido o domínio acadêmico das ciências sociais" (NOÉ, 2005, p. 75)[671]. Na síntese de Noé

> Um dos efeitos do antipositivismo foi a conjunção entre o irracionalismo dos setores nacionalistas de direita, que na Argentina tiveram um peso considerável para obstaculizar e muitas vezes vetar o aggiornamento da sociologia, algo que não aconteceu no México ou no Brasil (idem, p. 106)[672].

Na mesma linha, Brasil Junior (2011), em tese que procura rastrear a aclimatação operada por Germani e Florestan Fernandes da sociologia do desenvolvimento americana, pontua que Germani, a diferença do colega brasileiro, protagoniza um tipo de aproximação com os Estados Unidos baseado na ideia de que a Argentina deveria se adequar aos paradigmas universais então personificados pelos grandes sociólogos da modernização americana. O autor nos lembra que Germani ganha a alcunha de empirista a partir do famoso prólogo a Mills, já abordado anteriormente, que era justamente o responsável pelo gatilho da revisão crítica que destronou a sociologia da modernização nos Estados Unidos.

Embora Germani já indicasse esse caminho nos *Boletíns* e na *Paidós*, em 1955 o projeto encontrava condições ótimas para que seus pressupostos se transformassem institucionalmente num *standart*. Similar, nesse sentido, à aposta de Parons de que a universidade moderna é a culminação de um amplo processo de modernização, que passava pela superação da antiga referência alemã, "a contribuição distintiva do desenvolvimento americano em comparação com as universidades alemãs foi a pós-graduação em artes e ciências e, dentro dessas escolas e faculdades de graduação, o estabelecimento de departamentos em vez de cátedras" (PARSONS,

---

671 "corrientes del intuicionismo y del idealismo que habían logrado en el domínio académicos de las ciência sociales" (NOÉ, 2005, p. 75).

672 "uno de los efectos del antipositivismo fue ela conjunción entre el irracionalismo y los sectores nacionalistas de derecha, que en la Argentina tuvieron un peso considerable para obstaculizar y. muchas veces vetar, el aggiornamento de la sociologia, algo que no ocurrió en Mexico y Brasil" (idem, p. 106).

1973, p. 5)[673]. A despersonalização, entendida como requisito de profissionalização, nos remete à já mencionada crítica de Germani aos escandalosos sistemas de recrutamento argentinos, estabelecidos por relações e por critério totalmente extra científicos. Assim, quando observamos o modelo descrito e elogiado por Parsons no qual "o candidato para uma carreira acadêmica não era estava mais sob o patrocínio de um *sênior* no campo, mas graduava-se em um programa sistemático administrado por um departamento dentro da supervisão e regras de uma faculdade" (idem, p. 111)[674], podemos entender que a aproximação não era meramente organizacional, mas incidia numa dimensão ética.

No argumento de Parsons, a substituição da ação prescritiva pela eletiva numa sociedade diferenciada gera a demanda por inteligência, por componentes cognitivos que devem, no entanto, ser integrados nos valores culturais comunitários, "Essa autoridade moral das instituições opera por meio da internalização na personalidade dos indivíduos" (1973, p. 167)[675]. A substituição das solidariedades pelo incremento racional do mundo seria efeito da pluralização das bases de difenciação, posto que o aumento da liberdade estaria diretamente relacionado com a responsabilidade por fazer escolhas, e, assim, com a necessidade de valores comuns para integrar a variedade de escolhas possíveis. Nos termos de Gilman (2003), tudo se passa como se a função do cientista americano se lastreasse como continuação lógica do iluminismo. O discurso técnico, enfim, exige um entorno de sacralidade da razão encarnada nos cientistas "cuja ética de responsabilidade os coloca além do questionamento da razoabilidade do público" (GILMAN, 2003, p. 8)[676].

Cambiasso (1999) ajuda a destacar a vinculação que pretendo estabelecer quando, ao relatar a trajetória da Escola de Chicago em direção ao Funcionalismo americano, pontua que "também a Argentina, quando quis modernizar-se, incorporou com vigor essa tradição cujo esplendor autóctone costuma atribuir-se ao período em que Gino Germani esteve à frente do Instituto de sociologia a Universidade de Buenos Aires" (CAMBIASSO, GRIECO Y BRAVIO,

---

673 "The distinctive contribution of the American development compared with, say, German universities was graduate school of arts and sciences and within such schools and undergraduate colleges, the establishment of departments rather than chairs" (PARSONS, 1973, p. 5).

674 "the candidate for an academic career was no longer mainly under the patronage of a sênior man in the field but the graduate of a systematic program administred by a department within the supervision and rules of a grduate faculty" (idem, p. 111)

675 "This moral authority of institutions operates through internalization in the personality of individuals" (1973, p. 167).

676 "whose ethic of responsability put them beyond the questioning of the reasonable strata of the public" /(GILMAN, 2003, p. 8).

1999, p. 9)[677]. Outra ponte importante desse processo, o trânsito de professores fomentado por Germani, dá alguns indícios da dimensão do projeto. No caso de Horowitz, por exemplo, a vinculação entre teoria, projeto institucional e atitude intelectual é bastante evidente.

Em um conjunto de aulas ditadas na UBA, dedicadas a Gino Germani, Horowitz apontou que

> a mentalidade científica, embora sitiada por escritores românticos e subjetivistas, enfrenta o desafio com efetividade suficiente para advertir que os seres humanos não devem e nem poder ser trataos como autômatos pelo que fato de que descobrem as leis da civilização (HOROWITZ, 1959, p.10)[678].

Críticos da ciência social como Jaspers, são apresentados de forma ultra crítica por Horowitz: "formalizam, mediante o aparato da filosofia existencial, os fragmentos remanescentes da metasífica de Dostoievski" (idem, p. 11)[679]. As ciencias sociais, argumentava, já não tem a ver com a luta titânica entre sistemas filosóficos, mas sim com a análise do impacto de todas as formas de conhecimento na direção da sociedade. Conhecimento como dado e objeto, nunca como conquista especulativa, essa era a condição para que a sociologia pudesse cumprir seu papel de portadora da síntese, tomando o lugar da metafísica ao dar o salto entre forma e conteúdo. A história, para Horowitz, é a progressiva libertação da investigação empírica em relação à racionalização produtiva. Os metafísicos, critica, insistem anacronicamente no arbítro da filosofia sob o mundo, ignorando que "o desenvolvimento de uma ciência conduz inexoravelmente à inserção no concreto" (HOROWITZ, 1959, p. 21)[680]. Os métodos filosóficos, ainda, podem ser explicados pela ciência, mas o oposto não se sustenta. A função do conhecimento, afinal, é guiar a ação.

Uma universidade autônoma, moderna e apta para ajudar a Argentina a compreender-se. Uma sociologia autônoma, moderna e habilitada a formular um diagnóstico técnico sobre os dilemas argentinos, em especial o peronismo. Não são projetos simbióticos, no sentido de que não são irredutíveis, mas funcionam, na aposta desta tese, numa relação de fiança mútua. Se a função do conhecimento era guiar a ação, é preciso que se diga que não se tratava de qualquer tipo de conhecimento, mas daquele produzido de modo profissional, dentro de uma

---

[677] "También la Argentina, cuando quizo modernizarse, incorporo com vigor esa tradición cuyo esplendor autóctono suelen limitar a la duración de Gino Germani al frente del Instituto de Sociologia de la Univerisdad de Buenos Aires" (CAMBIASSO, GRIECO Y BAVIO, 1999, p. 9).

[678] "La mentalidade científica, por más acossada que este por literatos románticos y subjetivistas, enfrenta el desafio con suficiente eficácia como par advertir que los seres humanos ni deben ni en verdad pueden ser tratados como autómatos por el hecho de que descubran las leyes de la civilización" (HOROWITZ, 1959, p. 10).

[679] "formalizan mediante la maquinaria de la filosofia existencial, los fragmentos remanescentes de la metafísica de Dostoievski" (idem, p. 11).

[680] "el desarrollo de una ciência conduce inexorablemente a la imersión en lo concreto" (HOROWITZ, 1959, p. 21).

instituição científica. Desse modo a universidade se validava diante de um campo privado historicamente hostil a ela.

No já mencionado prólogo que Germani faz ao livro de Mills, publicado pela Paidós*, A imaginação sociológica*, a opção por uma sociologia emancipada da divisão entre ciências da natureza e ciências do espírito é reiterada. Wright Mills é uma das figuras mais polêmicas da sociologia norte-americana. Grande divulgador da obra de Max Weber, empenhou-se ativamente em denunciar o cumulativismo de tendência empírica que via em seus pares. Durante os anos 1950, em paralelo, portanto, à gestação do projeto da sociologia científica de Germani, Mills confronta a sociologia de seu país que, há duas décadas, se expandia mundialmente. Para ele, a cultura intelectual teria sucumbido à burocratização, desencorajando a criatividade e contribuindo para produzir cleros protegidos em feudos. A linguagem belicosa de Mills se agravava, perante seus críticos, diante do fato de que ele se utilizava de referências heterodoxas: citava sociólogos em diálogo com historiadores e jornalistas, ferindo assim o âmago da profissionalizaão que caracterizada a sociologia americana desde os anos 50. Mills dividia os sociólogos americanos em três grupos: os "cientistas" que internalizaram a identidade científica, os que se vêem como físicos que, caricatulmente, querem descobrir o análogo da bomba atômica em ciencias sociais que resolveria os problemas do mundo. Isso teria tornado as discussões da sociologia plenamente irrelevantes para a sociedade. "Além disso, suas conclusões exigiam validação na esfera mais ampla do discurso público e, portanto, permaneciam satisfeitas com a validação profissional estreita, e constituíam uma abdicação do propósito público da sociologia" (HANEY, 2008, p. 141)[681].

A superação da situação de inanição que Germani observava na sociologia argentina, e que a deixava tão distante do modelo ameriano, passava por fomentar, além de um ethos científico, a possibilidade de lentes científicas na observação dos fenômenos, validadas por padrões universais e amplamente divulgados. Na intenção de observar a dimensão projetiva de seu esforço, a próxima parte deste estudo busca entender as pontuações de Germani sobre a ideia de ciência e de crise a partir do diálogo que essas reflexões estabeleceram com a comunidade internacional de sociólogos que se afirmava naquele contexto. Vale lembrar, como muito insistiu, a seu modo, Thomas Kuhn (in DE DEUS, 1979), que observar as tensões e fissuras no caráter purista do cientista não equivale a questionar a objetividade da ciência em

[681] "Moreover, its conclusions required validation in the wider sphere of public discourse, and therefore remaining satisfied with narrow professional presstige, constituted an abdication of sociology´s public purpose" (HANEY, 2008, p. 141).

si: quando a confiança no progresso e na ciência é transposta para a figura do cientista, e apenas nesse momento, se torna necessário observar que, a despeito de suas alegações em contrário,

> os cientistas são treinados para funcionar como solucionadores de puzzles dentro de regras estabelecidas, mas são também ensinados a considerar-se eles próprios como exploradores e inventores que não conhecem outras regras além das ditadas pela natureza" (KUHN in DE DEUS, 1979, p. 78).

Trata-se de observar, na sequência do argumento, alguns aspectos da construção dessa narrativa purista, notadamente no que se refere aos debates sobre a ideia de crise e aos modos de solucioná-la.

4.2. A ASSINCRONIA COMO EXPLICAÇÃO DA CRISE

Não poucas tentativas de definir a peculiaridade disciplinar da sociologia confluem em qualifica-la como uma "ciência da crise". Tal definição de princípio é norteadora da aposta teórica de Gino Germani e, ao mesmo tempo, pode ser entendido como o fio condutor que permite que a relação de fiança mútua entre ciência, sociologia, planificação e sociedade democrática possa ser rastreado ao longo da obra do sociólogo, muito embora, como advertem analistas como Alejandro Blanco e Ana Germani, a valoração da eficácia dessa fiança mútua tenha ocilado em seus escritos, especialmente nos textos mais recentes, da década de 1970. Em *Sociologia y Planificación*, publicado no *Boletín del Instituto de Sociologia* em 1946, podemos encontrar a afirmação basilar de que

> O desenvolvimento do pensamento científico, o nascimento e a constituição de novas disciplinas não obedecem apenas a dialética intrínseca do processo cognitivo, mas respondem fundamentalmente às necessidades objetivas que a vida, com insistência renovada, apresenta aos homens, demandando respostas peremptórias (GERMANI in BLANCO, 2006, p. 107)[682].

A ciência seria, nesse sentido, uma resposta humana a uma situação problemática, motivo pelo qual, alega Germani, é preciso considerar fatores extrateóricos, especialmente de origem social, operando nas definições de pesquisa, principalmente no caso das Ciências Sociais. Referindo-se aos primórdios da disciplina, que é localizada por ele em Auguste Comte, Germani aponta para a correlação entre as necessidades propriamente cognitivas do conhecimento, dadas pelas novas postulações de Galileu e Bacon e aquelas advindas do

[682] "el desarrollo del pensamiento científico, el nacimiento y la constitución de nuevas disciplinas no obedecen tan sólo a la dialéctica intrínseca del processo cognoscivo, sino que responden fundamentalmente a las necesidades objectivas que la vida, con renovada insistência, presenta a los hombres, exigiéndoles perentorias respuestas" (GERMANI in BLANCO, 2006, p. 107).

desenvovlimento de outros aspectos da vida social, tais como a demanda de dominar o mundo através do aparato das ciências naturais, típicas do processo de laicização do mundo que se agudizava no começo do século XIX. Afirmar a relação entre a sociologia e o desenvolvimento geral do mundo em direção a uma extensão progressiva do domínio da racionalidade equivale a relacionar, para Germani, a sociologia e a planificação,

> Isto supõe, dado o conhecimento dos fins, a disposição dos meios e os procedimentos mais adequados para alcançá-los e, portanto, o cálculo prévio e a previsão dos efeitos e repercussões, em áreas sempre crescentes, das ações possíveis e planejadas no processo de perseguição dos fins (GERMANI in BLANCO, 2006, p. 109)[683].

A planificação, em suma, aparece nesse caso como uma modalidade de racionalidade instrumental, ou seja, referente aos meios. A racionalidade final, sob a qual repousa, afinal, o destino da humanidade, ainda permaneceria fora do alcance dessa sociologia, muito embora a ideia fosse, progressivamente, tornar as ciências sociais aptas para essa tarefa de segunda ordem (BLANCO, 2006). Vale ressaltar, nesse sentido, que mesmo fora do escopo dos fins, a tarefa racionalizadora da nova disciplina era grandiosa, na medida em que a planificação não procura responder apenas pela correspondência entre meios e fins mas, sobretudo, pela prevalência de uma busca *deliberada* por essa correlação. Tal como numa empresa capitalista, nesse sentido, é preciso que a empreitada se emancipe das modalidades tradicionais para que se torne, paulatinamente, eletiva, racional. Nos termos de Germani

> A partir dessa necessidade de escolha que se apresenta com urgência angustiada em todos os setores da vida social, surge o impulso para um conhecimento profundo das forças coletivas: forças que se deve dominadar para sobreviver. Eis a razão de ser da sociologia, e aquela que fixa, ao mesmo tempo, seu escopo e sua tarefa (GERMANI in BLANCO, 2006, p. 112)[684].

O tema da crise (e da tarefa por ela imposta, a planificação) é, ao mesmo tempo, uma prerrogativa teórica e uma defesa disciplinar. Para que a planificação e, sobretudo, a previsão, possam funcionar, é preciso que as ciências sociais sigam a lógica da ciência pura, ou seja, comunguem com elas da condição de que as construções teóricas precedem as aplicações práticas. Para que a Sociologia pudesse ocupar esse lugar era preciso que se emancipasse de

---

683 "Esta supone, dado el conocimiento de los fines, la disposición de los medios y los procedimentos más adecuados para alcanzarlos y, por lo tanto, el cálculo prévio y la previsión de los efectos y repercusiones, en áreas siempre crecientes, de las acciones posibles y previstas em el processo de consecución de los fines" (109).

684 "de esta necesidad de elección que se presenta con angustiosa urgência en todos los sectores de la vida social surge el impulso hacia el conocimiento cabal de las fuerzas colectivas: fuerzas que es menester dominar para sobrevivir. He aqui la razón de ser de la sociologia, y la que fija, a la vez, sus alcances y su tarea" (GERMANI in BLANCO, 2006, p. 112).

uma tradição específica, de matriz alemã, que procurava alocá-la no rol das "ciências da cultura", ao lado da Filosofia e da História.

> Não discutimos agora se essas disciplinas são necessárias ou não, apenas queremos reafirmar a necessidade de separar a sociologia, a ciência positiva da sociedade, da filosofia que, por diferentes razões (epistemologia, ontologia, etc.) pode lidar com o mesmo objeto que lida com a sociologia, embora com intenções muito diferentes" (GERMANI in BLANCO, 2006, p. 115)[685] .[686]

Não se trata, contudo, para Germani, de voltar ao positivismo comteano, mas sim da necessidade de rejeitar o idealismo e o historicismo alemães, a tradição de Dilthey, Winderbrand e Rickert e, em parte, Weber. Por fim, Germani lembra que a identidade de fundamento com as ciências naturais não equivaleria a uma transposição metodológica, "simplesmente define a sociologia como uma ciência indutiva e empírica" (idem, p. 115)[687].

No texto *A integração das massas na vida política e o totalitarismo*, publicado em 1956 e depois inserido em *Política e Sociedade numa época de transição*, encontramos o que talvez seja uma das formulações mais canônicas do modo pelo qual Germani entendia a ideia de "crise". É dela que partimos para tentar inserir a discussão de Germani em um debate mundial sobre o mesmo tema que então se generaliza a partir da mediação da sociologia americana:

> Há uma crise de nosso tempo. Uma crise total que se estende a todos os aspectos da vida, na ordem pessoal e na coletiva. Muito pouco caberia acrescentar a esta afirmação rotunda, um lugar-comum que já ninguém discute. A dicrepância começa quando se trata de atribuir-lhe um significado. Sem entrar em polêmicas, digamos antes de tudo que, do ponto de vista aqui sustentado, a palavra crise não deve ser tomada, necessariamente, em sentido pessimista. Em síntese, significa que nos toca viver num período de mudanças rápidas, radicias, numa vertiginosa transformação não só das circunstâncias que nos rodeiam, mas também de nós mesmos, de nossas formas de pensar e de sentir. Significa, sobretudo, que, devido a essas mudanças, achamo-nos próximos de gravíssimas alternativas e temos clara a consciência de que de nossa escolha dependerá algo mais que nosso futuro imediato (GERMANI in BLANCO, 2006, p. 270)

Conforme alerta Blanco (2006), autoritarismo e irracionalismo são temas candentes no debate de Germani desde os primeiros textos de divulgação teórica, como *Anomia y desintegración social*, de 1945, e apareceram, desde então, vinculados à temática da crise. Já

---

685 "No discutimos ahora si estas disciplinas son o no necessárias, sólo queremos reafirmar la necesidad de separar la sociologia, ciência positiva de la sociedade, de la filosofia que, por distintos motivos (epistemologia, ontologia, etc) puede ocuparse del mismo objeto de que trata la sociologia, si bien con muy diferente intención" (GERMANI in BLANCO, 2006, p. 115)

686 "de qué manera, además, podría formular revisiones – elemento esencial de la planificatión – una ciência que afirma la unicidad, la individualidad y el caráter irrepetible de los fenómenos sociales? Negada la posibilidad d descobrir uniformidades, tan sólo cabría admitir alguna espécie de intuición adivinatoria, extraña a toda posibilidad de fundamentación racional" (GERMANI in BLANCO, 2006, p. 117).

687 "simplemente define la sociologia como una ciência inductiva y empírica" (idem, p. 115).

nesse ensaio de 1945 aparecem duas dimensões da ideia de "crise", uma estrutural, referente ao processo de autonomização do indivíduo e à sua paradoxal inserção num *standart* e outra, temporal, tributária da própria dinâmica do crescimento assincrônico da sociedade. A referência aos conceitos de Durkheim e, especialmente, aos elementos não contratuais dos contratos sociais, na ausência dos quais se abre caminho para o estágio anômico, ajudam Germani a construir um mapeamento da ideia de integração que, posteriormente, estará na base de sua aposta da Sociologia enquanto agente de planificação. Isso na medida em que, tal como no caso do sociólogo francês, a liberdade teria de ser filha de alguma regulação, não da anarquia da sociedade de mercado (IAZZETTA in LIMONIC e MARTINHO, 2010). De seu diálogo com Durkheim, nesse sentido, emerge a ideia de que

> a vida dos homens desdobra-se assim dentro de um sistema de esquemas sociais que constituem os pontos de referência necessários para sua orientação. Quando esse sistema é enfraquecido, os homens perdem a chance de se orientar, tornam-se desmoralizados e caem mais freqüentemente em várias formas de comportamento divergente (com respeito ao comportamento prescrito pelo próprio sistema): tal é o estado de anomia (GERMANI in BLANCO, 2006, p. 57)[688].

De Durkheim, desse modo, Germani aproveita o diagnóstico de situação conflituosa da mudança, a partir da qual a deterioração de certos quadros tradicionais geraria uma situação em que os grupos primários perdem sua capacidade integradora. Em outros termos, não seria o 'espírito moderno' o responsável pelas debilidades da integração, mas, ao contrário, a subsistência de estruturas superadas: é preciso, se é assim, aprimorar o moderno, não lamentar a impossibilidade do retorno a formas passadas. Essa necessidade, especialmente em seu aspecto econômico, é fundamental para que não se generalize o sentimento de insegurança que advém de questões como o desemprego e que podem abrir o flanco da consolidação democrática às adesões autoritárias, aos crimes e, em ultimo grau, ao suicídio. A mudança de situação objetiva – sempre assincrônica, vale lembrar, em relação às mudanças dos níveis psicossociais - provocaria a angustia, o "medo total". Somada a isso, a crescente individuação e o atraso na formação da personalidade autônoma, alimentavam o paradoxo moderno de que a sociedade é cada vez mais individualista e, ao mesmo tempo, tende com mais força à uniformidade. O indivíduo, em suma, foi posto em disponibilidade, e suas necessidades se tornam então radicalmente distintas daquelas dos indivíduos de épocas passadas,

---

[688] "La vida de los hombres se desenvuelve así dentro de un sistema de esquemas sociales que constituyen los puntos de referencia necesarios para su orientación. Cuando ese sistema se debilita, los hombres pierden la posibilidad de orientarse, se desmoralizan y caen con mayor frecuencia en diversas formas de conducta divergentes (con respecto a la conducta prescripta por el sistema mismo): tal es el estado de anomia" (GERMANI in BLANCO, 2006, p. 57).

> a situação do indivíduo em outras épocas era muito diferente, seu pertencimento a grupos primários e secundários estava fixado (teoricamente) de uma vez por todas, e cada grupo apontava claramente, sem interferir nos outros grupos, as pautas de conduta em sua esfera específica (GERMANI in BLANCO, 2006, p. 71)[689].

O tema da crise, pois, já nesse início da contribuição de Germani para o tema, se relaciona com o tema da liberdade. Essa é aposta, também, de dois dos mais famosos prólogos escritos por Germani, o que faz da obra de Laski e o que escreve para Erich Fromm. No primeiro, *Las condiciones objetivas de la libertad* (prólogo a Harold Laski, *La libertad en el estado moderno*), a liberdade, como plena realização da personalidade humana, aparece como uma categoria histórica que ressurge de modo candente em situação de crise.

> Salvar a liberdade, como Laski quer, significa salvar o espírito moderno, rejeitando toda regressão - como proclamado por aqueles que acreditam no fracasso irremediável de nossa civilização - ou a tentativa utópica de manter um status quo que a história já condenou, e defender em mudança para um novo mundo apoiado por fundamentos racionais e capaz de permitir a plena realização da personalidade humana (GERMANI in BLANCO, 2006, p. 74)[690].

Laski opta, em seu livro, pela liberdade positiva do socialismo em detrimento da forma negativa que ela adquire no liberalismo. A superação do laissez-faire é apresentada como uma tarefa da planificação e, com isso, uma tarefa disciplinar. Por outro lado, no caso do já mencionado prólogo a Fromm *Las condiciones subjetivas de la libertad*, um outro aspecto da superação da crise via planificação é abordado, a saber, a aplicação fecunda da psicanálise a fenômenos históricos. Evitando o biologismo e o psicologismo, pontua Germani, Fromm estuda através de quais mecanismos psicológicos os fatos estruturais contribuem para a formação de cada um dos grupos da sociedade, ou seja, o sentido que assume a adaptação frente às mudanças sociais.

> "A análise de Fromm confirma - no nível psicológico - o que outros estudiosos disseram repetidas vezes: o fascismo, essa expressão política do medo da liberdade, não é um fenômeno acidental de um momento ou de um país específico, mas sim que é a manifestação de uma crise profunda que abrange os próprios fundamentos da nossa civilização" (GERMANI in BLANCO, 2006, p. 83)[691].

---

689 "la situación del individuo en otras épocas era muy diferente; su pertenencia a grupos primários y secundários estaba fijada (teoricamente) de una vez por todas, y cada grupo señalaba claramente, y sin interferir con los otros grupos, las pautas de conducta en su esfera específica" (2006, p. 71).

690 "Salvar la libertad, como quiere Laski, significa salvar el espiritu moderno, rechazando toda regresión – como pregonan los que creen en el fracasso irremediable de nuestra civilización – o el utópico intento de mantener un statu quo que la historia ya ha condenado, y abogar en cambio por un mundo nuevo apoyado en fundamentos racionales y capaz de permitir la realización plena de la personalidad humana" (2006, p. 74).

691 "El analisis de Fromm confirma – sobre el plano psicológico – lo que otros estudiosos han afirmado una y otra vez: el fascismo, esta expresión político del miedo a la libertad, no es un fenómeno acidental de un momnto o de

A ameaça fascista se combate, pois, com a capacidade de auto-determinação das pessoas, com a ampliação da racionalidade e não com sua negação, "a visão pessimista e a disposição de abandonar toda ação sobre o terreno social, para refugiar-se em soluções puramente individuais, atitude essa típica das classes em decadência" (idem, p. 84)[692].

De todo modo, conforme sintetiza Blanco,

> Assim, se todo o seu compromisso com a racionalização havia sido animado pela firme convicção de que apenas um mundo governado pela razão e pela ciência seria capaz de libertar a civilização ocidental do irracionalismo que a abalara até perder o curso esperado, logo começaria a perceber que a existência de um mundo racionalizado e de uma civilização governada pela ciência tinha que ser paga a um custo que tornava a própria empresa absurda: a de um divórcio entre razão e existência (2006, p. 45)[693].

Sinteticamente, a ideia de que a sociologia emerge como possibilidade de resolução de uma crise é norteadora de todo o trabalho de Germani. Ele tentou, no que tange ao tema da crise, trazer essa discussão para o caso argentino e, notadamente, para o que talvez seja o tema mais *crítico* da Argentina do século XX, o peronismo, a partir do diagnóstico assincrônico sobre a modernização do país. A famosa tese da assincronia de Gino Germani marca, ao mesmo tempo, uma novidade teórica e atitudinal ao colocar o peronismo como fenômeno apto à análise cientifica, e não mais como manifestação histórica de uma sorte de "espírito argentino". Em *Política y Sociedad en una Época de Transición*, livro clássico que ele publica 1973 mas que conta com textos gestados desde o momento de crise do peronismo, e que agora enfocamos, Germani aborda esse problema partindo da unidade do mundo sócio-cultural e do "caráter analítico de todas as distinções que originam não só os enfoques das disciplinas sociais mas ainda a crescente diferenciação interna da sociologia" (GERMANI, 1973, p. 21). Ele supõe, nessa obra, três dimensões heurísticas, a saber, a cultura (conjunto de normas, valores, objetos materiais, etc), a sociedade (elemento humano socializado portador de cultura) e o nível motivacional ou da personalidade (em que o conteúdo da cultura adquire uma realidade psicológica). Qualquer fato social deve ser encarado, desse ponto de vista, pelas três dimensões,

---

un país determinado, sino que es la manifestación de una crisis profunda que abarca los cimentos mismo de nustra civilización" (GERMANI in BLANCO, 2006, p. 83).

692 "La visión pesimista y la disposición a abandonar toda acción sobre el terreno social, para refugiarse en soluciones puramente individuales; actitud ésta peculiar de las clases en decadência" (idem, p. 84).

693 "Así, si toda su apuesta por la racionalización había estado animada por la firme convicción de que sólo un mundo regido por la razón y la ciência sería capaz de liberar a la civilización occidental del irracionalismo que la había sacudido hasta extraviarla de su rumbo esperado, pronto comenzaría a percibir que la existência de un mundo racionalizado y de una civilización regida por la ciência tenía que pagarse a un costo que tornaba absurda la empresa misma: el de un divorcio entre la razón y la existência" (BLANCO, 2006, p. 45)

embora possa variar a ênfase metodológica tendo em vista a artificialidade da separação em "fatores".

A divisão supracitada serve para que Germani adentre no tema fundamental de sua exposição, a saber, o aspecto primordial de qualquer mudança, a assincronia: as partes de um sistema social mudam em ritmo desigual, deixando eventualmente de haver correspondência. Essa noção de mudança supõe a de estrutura (conjunto, ou totalidade, de partes vinculadas), ainda que o grau de dependência entre as partes seja variável. O conceito de Estrutura Social é uma categoria analítica tributária, reivindica Germani, de Levi-Strauss. Segundo Germani, se trata de um modelo, não uma realidade empírica, ou seja, mais bem um padrão em funcionamento que não se confunde com um objeto real mas que não deixa de ser, por isso, empiricamente verificável. A estrutura não é, assim, uma estabilidade ontológica, já que qualquer dimensão da estrutura pode assumir prioridade causal nos rearranjos. A partir dessa ideia, Germani se põe a pensar seus três níveis analíticos a partir dos quais irá propor uma reflexão sobre o peronismo e, notadamente, sobre a atitude das massas argentinas e sua adesão ao regime. Para ele, para entender esse fenômeno – substancialmente distinto pelo perfil da base de adesão dos fascismos europeus – se fazia necessário pensar a organização social, nível da dimensão não manifesta do mundo socio-cultural (as normas, os padrões de conduta, etc), a morfologia social, ou seja, a superfície material do mundo sociocultural e, finalmente, a psicologia social, instância onde se alocariam os conteúdos psíquicos internalizados pelo sistema de normas.

Levando em conta essas três dimensões analíticas, Germani considera ainda as subestruturas que constituem os grupos sociais, entendidos enquanto um conjunto de pessoas que "são portadoras de características culturais comuns suficientes para estabelecer uma base de comunicação" (1973, p. 37), tem sentimentos relativos ao grupo, determinado grau de identificação, interesse, e ainda uma atitude de participação. Considerando, finalmente, essas subdivisões, o problema da assincronia incide fractalmente no interior dos grupos sociais: "do mesmo modo que o processo de transição de um tipo tradicional da estrutura social se encontra bem mais avançado em certos países do que em outros, dentro de cada país pode observar-se um retardamento análogo" (GERMANI, 1973, p. 43). O fato de que as partes sejam interdependentes faz com que a modificação em uma delas possa produzir mudança em outras. No entanto, o impacto dessa relação assincrônica não é estabelecido de antemão, de modo que a pesquisa deve "verifica-la e estabelecer o caráter, a duração e a intensidade da inter-relação existente" (idem, p. 45). Acionando o conceito de função latente, de Robert Merton, Germani

alerta para que os tipos de ajuste ou desajuste recíproco a um valor ou a um sistema global de valores deve orientar as condições de integração.

Após essa exposição de método, Germani aborda as condições da integração psicológica. Acionando uma tradição que vai de Durkheim a Parsons, Germani propõe que essa dimensão leve em conta a existência de integração normativa na sociedade, a coincidência do sistema de normas e crenças internalizadas e aceitas na mesma medida pelos indivíduos, o grau de congruência entre as expectativas recíprocas dos indivíduos e, finalmente, a congruência entre normas e valores, medida pela equação entre expectativas individuais e circunstâncias de aplicação. Desse modo, o indivíduo empírico, socializado, não biológico, passa a funcionar como uma versão particularizada da cultura, de um conjunto de *status*. Nesse nível da análise, a presença da psicanálise mediada pelos estudos frankfurtianos de Fromm e Adorno é reveladora: esses aportes ajudam a trazer para o centro da análise as antigas (e muito alemãs), discussões sobre ação prescritiva e ação normativa, já aclimatadas, nesse caso, pela sociologia americana.

A ação prescritiva, aquela em que o sujeito tem menos controle, ocorreria, desse ponto de vista, na existência de um marco normativo rígido, em cuja margem de variabilidade para o ator é reduzida: "os meios, condições e fins estão internalizados pelo ator; este deseja aquilo que tem que fazer de acordo com as pautas normalmente estabelecidas" (GERMANI, 1973, p. 65). Por outro lado, no caso da ação eletiva, estaríamos diante de uma situação em que se impõe uma escolha, na qual não há um curso fixo para a ação e a única prescrição que vigora é, justamente, a da eleição. Nas duas situações, portanto, opera um marco normativo, a diferença reside em que a decisão, na ação prescritiva, é coletiva, enquanto na eletiva tende a ser individual. "Na ação prescritiva o indivíduo atua enquanto portador das normas, valores e interesses grupais, e não próprios ou individuais" (idem, p. 67). O tipo de ação é importante porque marca precisamente a possibilidade teórica de construir uma sociedade relativamente harmônica nos marcos de uma constante transição, principalmente numa época em que, diz Germani, à diferença das anteriores, a transição se singulariza por ser muito rápida e, além disso, plenamente universal: "a característica da transição, a coexistência de formas sociais que pertencem a diferentes épocas, dão um caráter particularmente conflitivo do processo que é inevitavelmente vivido como crise" (1973, p. 78). Essa coexistência assincrônica penetra nas consciências individuais, na qual também opera essa coexistência de valores: a abundância da literatura sobre a crise seria uma faceta dessa inquietude e dos múltiplos níveis em que ela se desenvolve.

A proposta, diante desse quadro, é que toda sociedade exige algum grau de integração normativa, ainda que em "nível mínimo necessário para assegurar a existência dos critérios de escolha e dos critérios de mudança" (GERMANI, 1973, p. 90). O exemplo da ciência funciona aqui para demonstrar uma situação em que se aceita a mudança a partir de um corpo de critérios: só há crise quando há discussão sobre a validez ou universalidade desse marco normativo. A ciência, pois, "deve desenvolver-se seguindo os três princípios da eletividade (neste caso racionalidade instrumental, a mudança e a crescente especialização)" (idem, p. 91). Para que isso funcione, alerta Germani, é preciso que a estrutura de personalidade esteja alinhada, "devem ser interiorizadas as atitudes correspondentes ao novo marco normativo da sociedade secularizada e devem surgir novos tipos de personalidade adequados à exigência desse tipo de estrutura" (ibidem, p. 92).

Nesse ponto da análise, estamos em condições de encontrar, no argumento de Germani, a conexão entre seu sistema teorético e, em alguma medida, os problemas empíricos que o peronismo suscita e que o livro debate. Lemos, na sequencia do texto, que "o grau de secularização e racionalização de um grupo social não é dado tanto pelo conteúdo das atitudes, mas pela forma com que se chega a essas atitudes" (GERMANI, 1973, p. 125): exemplarmente, o apelo ao folclórico funcionando como conjunto de pré-disposições autoritárias, já que o preconceito é uma ação prescritiva. Com isso se poderia compreender as atitudes supostamente "ambíguas" do proletariado conservador que as leituras marxistas tanto tempo levaram para conceber ou para admitir. Ainda nesse sentido, a manipulação seria a capacidade de empregar politicamente essa tendência já que as massas "continuam movendo-se em grande parte dentro do marco normativo correspondente a esse tipo de sociedade" (idem, p. 127).

Atento à incidência de determinadas atitudes políticas em determinados grupos sociais, Germani aborda o tema da ideologia num plano estrutural (tal como são) e num plano psicossocial (encarnado em seus portadores empíricos). Essas duas dimensões são conectadas pelo recurso à psicologia social, que possibilita o cotejamento das "atitudes autoritárias" com o estágio do processo de democratização e integração no qual emergem, de modo que

> as classes populares de um país – de certos subgrupos ou mesmo dentro de um mesmo país – estarão tanto mais expostas a apoiar movimentos de orientação autoritária (da esquerda e da direita) quanto mais tardia tenha sido sua integração política, e quanto mais traumática tenha resultado a transição da sociedade pré-industrial à industrial e o processo de democratização fundamental (GERMANI, 1973, p. 158).

A problemática de Germani não é, pois, somente a assincronia, mas também os efeitos críticos que esse fator promove em contextos de adesão a regimes autoritários. Uma referência constante na obra de Germani, Karl Mannheim, em sua obra *El hombre y la sociedad en la*

época de crisis (2000), ajuda a fortalecer o ponto de que as discussões sobre assincronia, crise e totalitarismo que o sociólogo argentino entabula são, para além de uma versão inédita sobre o contexto argentino, como já foi muito destacado, um recurso a discussões internacionais plurais e polissêmicas.

Na obra de Mannheim, lemos que a transformação social é sempre uma recombinação de elementos. Por essa natureza poliforme, na raíz do conflito/crise estão "tensões que surgem da atuação conjunta e irredutível do prinícpio do *laissez faire* e do novo princípio de regulação" (2000, p. 7)[694]. A crise dos anos 1930 teria abalado, nessa leitura, dois pilares: a crença no caráter nacional e no progresso da razão na história, o que repercute de modo dramático na percepção dos homens sobre o mundo em que vivem, posto que "a fé no progresso sempre foi a garantia de todos os esforços para reconstruir o homem ou a sociedade na direção de algo melhor" (2000, p. 18).[695] O absurdo do nazismo, para Mannheim, não seria propriamente emergência do irracional, mas a falta de capacidade de resistir a ele com meios racionais, ou seja, o espanto do autor se dirige menos ao apoio popular ao movimento do que aos grupos diretores e à sua baixíssima capacidade de enfrentamento e adequação. A tensão entre elementos coetâneos, quando não sanada pelos dispositivos racionais de uma sociedade, estaria no cerne mesmo dos confrontos do período autoritário. Essa tese de Mannheim ecoaria, anos depois, na tese da assincronia de Germani: poderíamos dizer que ambos comungam no apontamento da assincronia da vida mental em relação ao desenvolvimento técnico. Nos termos de Mannheim, "o processo de dominação técnica da natureza se encontra muitas milhas mais adiantado em relação ao progresso das forças morais e do saber humano acerca do ordenamento e da direção da sociedade" (MANNHEIM, 2000, p. 22)[696]. É preciso sincronizar, pois, o domínio e o auto-domínio do homem com o desenvolvimento técnico para sanar essa desproporção que, além de incidir na organização externa do mundo, ainda se manifesta internamente, entre os grupos, na forma de uma "desproporcionalidade social da distribuição das faculdades racionais e morais na sociedade humana" (idem, p. 23)[697].

Germani, apontando para os efeitos essenciais da crise no texto *A integração das massas na vida política e o autoritarismo*, afirma que eles se dão em diversos níveis: economicamente,

---

[694] "tensiones que surgen del actuar conjunto e irreductible del principio del laissez-faire y del nuevo princípio de regulación" (2000, p. 7).
[695] "la fé en el progresso fue desde siempre el feador de todo esfuerzo por reedificar el hombre o la sociedad en dirección hacia algo mejor" (2000, p. 18).
[696] "el processo de dominación técnica de la naturaleza se encuentra muchas millas adelantado respecto del proceso de las fuerzas morales y del saber humano acerca del ordenamento y dirección de la sociedad" (2000, p. 22).
[697] "desproporcionalidad social de la distribución de las facultades racionales y morales en la sociedad humana" (2000, p. 23).

a discrepância entre a capacidade tecnológica e a distribuição dos benefícios gerados por ela, internacionalmente, o mesmo progresso técnico é contrastado com a permanente ameaça de conflito entre blocos opostos e, na ordem moral, que se refere à crise das expectativas, ocorre que "um grande número de pessoas deixou de acreditar nas normas tradicionais e, ao mesmo tempo, não se acha preparado para escolher, consciente e racionalmente, o que antes aceitava e cumpria sem refletir nem discutir, como verdade tradicional ou revelada" (1973, p. 270). As normas antes tão seguras aparecem de modo francamente inaplicável, tudo se passa como se o próprio sistema axiológico se tornasse, no espaço de uma ou duas gerações, anacrônico e, portanto, inútil. Em suma, as normas já não servem e, ao mesmo tempo, as pessoas não foram educadas para escolher sem elas. Apesar disso, para Germani, a crise é uma crise de crescimento pela qual se vai calibrando a personalidade humana, em "um processo que significa elevar o poder de sua razão frente à aceitação irreflexiva dos ditados da tradição e do passado" (1973, p. 271). Essa liberdade, que antes era apenas das elites, se espraia agora em direção ao homem comum, motivo pelo qual seria preciso investir no fomento da criação de condições objetivas e subjetivas adequadas. A inspiração desta tese, é importante ter em vista, é a ideia de *democratização fundamental* de Mannheim.

A estrutura da divisão do trabalho organiza, para Mannheim, a distribuição das faculdades da razão. Até agora, segue, essa desproporcionalidade foi funcional à classe dominante; paradoxalmente, a integração das massas ou "o processo de democratização fundamental" torna isso mais problemático: "o fato de virem de massas espiritualmente retardadas é desastroso precisamente para aquelas elites que antes estavam interessadas em manter o baixo nível espiritual das massas" (MANNHEIM, 2000, p. 25)[698]. Nesse ponto, a irracionalidade sai do privado em direção ao público: não é um fenômeno novo em si, mas é nova sua manifestação. A democratização torna impossível deixar as massas em sua originária carência de ilustração, "a sociedade moderna, por causa da grande independência de suas partes, pode suportar menos do que arranjos sociais anteriores que o impulso caprichoso irracional" (2000, p. 31)[699].

Assumir que o espírito humano não tem direção progressiva inexorável exige, num esforço analítico, uma tipologia da razão, tarefa que finaliza o livro de Mannheim. Para dar cabo dessa sistematização, ele opera a divisão entre racionalidade substancial e racionalidade

[698] "El hecho de que procedan de masas espiritualmente retrasadas resulta funesto precisamente para aquellas elites que antes estaban interessadas en mantener el bajo nível espiritual de las masas" (2000, p. 25).
[699] "La sociedad moderna a causa de gran independência de sus partes, puede soportar menos que ordenaciones sociales anteriores ese empuje irracional caprichoso" (2000, p. 31).

funcional, aquela que atua no sentido da calculização e que não pensa seus fins. As sociedades tradicionais seriam prioritariamente organizadas pela racionalidade funcional: "se na definição de racionalidade funcional o peso é carregado na organização para um fim, tudo o que destrói e transforma aquela organização funcional é funcionalmente irracional" (2000, p. 38)[700]. A industrialização, segue Mannheim, teria levado ao aumento progressivo da racionalidade funcional e da calculabilidade, introduzindo o fenômeno da auto-racionalização: "um controle sistemático dos impulsos que o indivíduo tem que colocar de antemão quando quer executar ou ser inserido em uma estrutura objetiva de atividade funcional-racional" (idem, p. 39)[701]. A taylorização e a diminuição da reflexividade que aliena do domínio dos fins e pouco exige da racionalidade substancial, levaria a uma situação na qual "o efeito paralizador do juízo produz a racionalização funcional" (ibidem, p. 43)[702], eximindo o indivídio médio da própria necessidade de pensamento. Dessa conjuntura podem ser deduzidas, nessa análise, as demandas por um líder paternal, já que o não-entendimento causa, sobretudo, medo, notadamente no contexto das grandes cidades. O irracionalismo, no entanto, não aparece em Mannheim como uma característica necessária às massas (como aparecia em leituras conservadoras como as de Le Bon), e poderia ser dirimido desde que os grupos tenham posse de suas finalidades alinhadas com seus desejos. Além disso, o irracionalismo nem sempre é pernicioso, há um coeficiente dele no esporte, na festa, etc. o perigo é a "democratização negativa", por isso é a sociologia, mais que a psicologia, que pode pensar o fenômeno.

Se cotejamos o argumento de Mannheim, podemos observar que, na leitura que considera a assincronia, a ditadura não é o oposto do liberalismo e, portanto, não é seu remédio. E sobretudo, a ditadura não é planificação, tal como já defendiam Durkheim e Polanyi em suas respectivas áreas de influência. Desse modo, pensar uma intervenção planificadora não seria uma atitude anti-democrática, mas apenas um pensar consciente de finalidades dirigidas a um objeto limitado, "um pensar até o fim os efeitos longínquos desses acontecimentos concretos" (2000, p. 112)[703]. Por outro lado, o conflito entre as instâncias planificadas e o entorno não planificado é o que é efetivamente vivido como crise. Por isso, fazia-se necessária uma planificação com um grau de elasticidade tal que não precisasse ser imposta por decreto. Ao contrário, bastaria que cada mônada renunciasse a sua teleologia individual: "O planejamento

[700] "si en la definición de la racionalidad funcional se carga el peso sobre esa organización para un fin, es funcionalmente irracional todo lo que destroza y transtorna esa ordenación funcional" (2000, p. 38).
[701] "un control sistemático de los impulsos que el individuo tiene que ponerse de antemano cuando quiere realizar o ser insertado en una estrutura objetiva de actividad funcional-racional" (idem, p. 39).
[702] "El efecto paralizador del juicio produce la racionalización funcional" (ibidem, p. 43)
[703] "un pensar hasta el fin de los efectos lejanos de esos acontecimentos concretos" (2000, p. 112)

é a ação da transformação de uma sociedade historicamente formada que chegou até nós, nem uma unidade reguladora de homens com crescente perfeição" (2000, p. 165)[704].

O intento sistemático de Germani é, em suma, enfrentar a crise de um ponto de vista científico. Para que a ciência cumprisse sua promessa, era necessário sair da atitude contemplativa e passar a indagar o 'conjunto de problemas logicamente interrelacionados' do processo de transição (ANTÓN, 2007). Nesse sentido, na recuperação que Germani faz de autores como Mannheim e Fromm é preciso que se mantenha em vista o o caráter provisório de todo sistema classificatório; Germani, diferentemente de Parsons, não quer estabelecer uma grande teoria, "seu interesse estava concentrado na capacidade preditiva da ciência, não em desenvolvimentos teóricos em si" (ANTÓN, 2007, p. 14)[705]. O que Mannheim, Fromm, Parsons, Adorno e tantas outras e heterodoxas influências parecem oferecer para Germani é precisamente um meio termo analítico entre o intuicionismo e o positivismo ingênuo.

Germani argumenta, no texto supracitado, que o que a planificação tem a oferecer é justamente um antídoto contra o perigo irracionalista que vem da inserção das massas na vida política. É necessário, mas não suficiente, socializar os benefícios econômicos e técnicos da modernidade. Como complemento, seria preciso aliar a isso justiça distributiva na ordem cultural e a educação política, já que "a prática democrática e o exercício da liberdade devem ser integrados na própria esfera de sua existência pessoal" (GERMANI, 1973, p. 273). Trata-se, para ele, de partir do desenvolvimeto comunitário, em microescala, justamente o tipo de filiação que se perde num contexto urbano tão desenvolvido que torna a cidade tão abstrata quanto o próprio Estado. Nesse ponto Germani dialoga, para além de Mannheim, com os inúmeros estudos sobre a criminalidade urbana de Chicago, com os quais compartilha, para além das premissas teóricas, o diagnóstico de que é preciso desenvolver vínculos de experiência comunitária e associativa. Se isso pudesse ser posto em marcha, sustenta Germani, espaços como os sindicatos e as associações, viabilizariam às pessoas uma experiência de organização do trabalho menos autocrática, a partir da qual se poderia estimular a cooperação e, através dela, a responsabilidade, antídoto contra os totalitarismos políticos.

Na clássica comparação que elabora entre os fascismos europeus e o caso argentino, Germani diferencia a base social de adesão dos fenômenos, destacando o fato de que, diferentemente do irracionalismo que se abateu sobre as classes médias italiana e alemã, no

[704] "planificación es el lacto de la transformación de una sociedade historicamente formada y venida a nosotros ni una unidad reguladora por los hombres con perfección creciente" (2000, p. 165).
[705] "su interés estaba centrado en la capacidad predictiva de la ciência, no en desarrollos teóricos en si" (ANTÓN, 2007, p. 14).

caso argentino "a parte efetiva dessa demagogia não foram as vantagens materiais, porém, dar ao povo a ideia (fictícia ou real) de que havia conseguido certos direitos e que os estava exercendo" (1973, p. 280). Faz todo sentido perder uma liberdade abstrata que não se exerce, pontua Germani, em troca de uma concreta. "Para essas massas essa pseudoliberdade da ditadura foi a única experiencia direta de uma afirmação dos próprios desejos" (idem, p. 280)

> A tragédia política argentina estava no fato de que a integração política das massas populares se iniciou sob o signo do totalitarismo, que conseguiu proporcionar, à sua maneira, certa experiência de participação política e social dos aspectos imediatos e pessoais da vida do trabalhador, anulando, ao mesmo tempo, a organização política e os direitos básicos que constituem os pilares insubstituíveis de toda democracia genuína. A imensa tarefa a realizar consiste em alcançar essa mesma experiência, mas vinculando-a, de maneira indissolúvel, à teoria e à prática da democracia e da liberdade (1973, p. 290)

Estimulo da comunidade, imaginação planificadora, a ciência como fiadora da liberdade. É a partir de associações como essa, sugiro, que o projeto da sociologia científica desafia, extra-teoricamente, o caráter ontológico das análises ensaísticas sobre a crise argentina. Afinal, quem é apto a planejar, senão o técnico? É, pois, ainda no *nomos* da crise que Germani se comunica com a pauta central dos debates teóricos que advoga enfrentar. Embora não seja um diagnóstico trágico – já que a crise é, sobretudo, uma crise de crescimento – o problema orientador da pergunta é uma constante. A pergunta que remonta à tradição frankfurtiana emerge, nesse sentido, estruturante: porque, diante das possibilidades da razão desencantada, a humanidade recai, de modo pungente, em sucessivas formas de barbárie. A alternativa da sociologia científica seria, pois, oferecer uma referência de planificação, capaz de fazer operar uma racionalidade emancipadora porque técnica, plenamente associada à defesa democrática na medida em que, ao compreender as causas psicológicas da adesão ao totalitarismo, a sociologia poderia dedicar-se à sua tarefa originária, qual seja, elaborar um repertorio de ações eletivas capaz de conter a irracionalidade dessa adesão.

Já apresentamos anteriormente a leitura que Germani faz da personalidade autoritária, bem como chamamos atenção, com Blanco (1999), para a compatibilidade dos projetos. Vale lembrar, contudo, que, conforme Brasil Junior (2013), retomando o texto que Germani, em 1944, no *Boletín del Instituto de Sociologia, Anomía y Desintegración Social*, os efeitos desintegradores não aparecem como essenciais, mas como uma "demora", consequência da não-universalização do espírito moderno. Crise e assincronia, assim, operam como uma coexistência de tempos históricos distintos – aqui, talvez, seja oportuno lembrar que Hartog também pontua, sob outro ponto de vista, que essa coexistência, e notadamente sua superação, são fatores de crise na experiencia do tempo. A sociedade moderna para Germani, conforme tenta-se aqui indicar, é aquela secularizada, que exige escolhas, onde cada esfera adquire

autonomia valorativa. O problema na Argentina, para Brasil Junior (2013), seria o tradicionalismo ideológico das elites que pensam poder restringir as pautas eletivas à esfera econômica (família, política, etc, permanecem sob tendencia conservadora), contrariando o diagnóstico de Mannheim acerca da democratização fundamental. O risco totalitário é, no caso de processos tardios de mudança social, endêmico, ao suscitar efeitos tensos como a coexistência de um Estado racional com formas não-racionais de autoridade. Assim, diferentemente de Parsons, lembra o autor, o diagnóstico de Germani é tensional. Germani tenta elaborar, nesse contexto, um sistema de etapas a nível continental, "uma ampla gama de variações estruturais e culturais" (BRASIL Jr, 2013, p. 243). O progresso como possibilidade e não como necessidade é o produto final da aclimatação que Germani opera das teorias parsonianas (idem), e o faculta a elaboração de um espaço de fomento da racionalidade, a saber, a ciência, que pudesse elaborar um plano emancipatório. Germani poderá propor, pois, através dessa aclimatação, um universal estrutural, a partir do qual aparece a "compulsão por soluções autoritárias como consequência de suas contradições extrínsecas no plano da integração social" (idem, p. 276).

Em *América Latina, Sociedad de Masas* (1965), compêndio que reuniu muitos dos sociólogos colaboradores de Germani, e mais especificamente em sua colaboração *Hacia una democracia de masas*, o problema continental também ressurge a partir da transição de uma sociedade tradicional para um modelo industrial. A posição intermediária da Argentina no quadro geral dos países é explicada, na cadeia estrutural, a partir da rapidez do crescimento daquela sociedade. Nos termos de Germani, "ao mesmo tempo em que se modificava a estrutura de classes e se urbanizava o país, ocorriam outras mudanças de ordem psicossocial: a estrutura social se secularizava" (GERMANI, 1965, p. 209)[706] ou seja, os modos de vida modernos também alteraram o comportamento da população. Além disso, o fato da população ser majoritariamente estrangeira, tema também frequente nas explicações de Germani, como logo veremos, ajuda a compor o quadro crítico que a sociologia procuraria descortinar.

Todo o esforço de Germani que, apesar de não se esgotar nos escritos aqui abordados encontra neles uma representação paradigmática, está permeado, como no caso da aclimatação dos temas frankfurtianos, de Mannheim e de Parsons, por um amplo movimento de reorganização internacional do saber. Poderíamos formular, nesse sentido, em termos radicais, a ideia de que a passagem em direção a Germani é a passagem em direção aos Estados Unidos. Todavia, é importante matizar tal asserção, na medida em que a hipótese é de que essa inserção

[706] "Al mismo tiempo que se modificaba la estrutura de clases y se urbanizaba el país, ocurrían otros cambios de orden psicossocial: la estrutura social se secularizaba" (1965, p. 209)

internacional não ocorre por filiação estrita às teses do funcionalismo, o que a essa altura da exposição já deve estar claro, mas, sobretudo, a partir da comunhão de uma atitude otimista diante da sociologia, da ciência e da própria crise.

É a associação entre ciência e progresso, definidora do regime de historicidade capitaneado por Germani, a aposta meta-teórica que o conecta com a tradição norteamericana, e não uma filiação ortodoxa às fileiras parsonianas ou funcionalistas. A teoria política do funcionalismo de Chicago que subsiste na leitura de Parsons enfoca, precisamente, a coesão política. Com o reajuste permanente das teorias pelas demandas da realidade, essa tradição subscreve um esforço constante em direção à comprovação empírica, "a concepção funcionalista das ciências sociais sempre tendeu a evitar as questões normativas" (CAMBIASSO, 1999, p. 187)[707]. Segundo seus muitos e ecléticos detratores, tratava-se de um sonho pluralista baseado na falácia de um Estado neutro. Em todo caso, falaciosa ou não, a associação era central nos debates intelectuais da sociologia americana do Pós Segunda Guerra com a qual Germani estabelece dialógo. Em termos políticos, "suas estratégias demonstravam uma racionalidade global com o suposto ciclo encantatório do irracionalismo ao que, supõe, as massas parecem tão afeitas" (CAMBIASSO, 1999, p. 198)[708]: a ordem como condição do progresso, que seria parte componente da fé ingênua em que uma sociedade é tanto mais democrática quanto melhores mecanismos desenvolve para resolver as tensões que surgem.

Essa tradição, que Germani aciona tão frequentemente, se refere mormente a trabalhos do que ficou conhecido como Escola de Chicago, muito embora, como salientem analistas como Joas (in GIDDENS, 1999) e Villas Bôas, 2006) não se tratasse de uma escola no sentido estrito do termo mas, mais bem, de um esforço temático compartilhado. Em todo caso, aparecem como elo entre esses estudos e os de Germani, por exemplo, os trabalhos de Znaniecki, em seu diálogo psicanalítico, os de Malinowski, cânone de Chicago que Germani aciona como solução da dicotomia entre homem e natureza, o próprio Merton, assumido herdeiro dos estudos do famoso departamento, quando assinala que a disfunção entre cultura e sociedade está na base da anomia e, finalmente, Mead, com prefácio de Germani, tal como Malinowski, que afirmava que a tradição de Chicago representava, ao mesmo tempo, uma filosofia de intervenção social e uma filosofia democrática. A parte das referências explícitas, é preciso lembrar que essa tradição americana dá subsídios para a análise negativa da desorganização enquanto estágio anômico,

[707] "la concepción funcionalista de las ciências sociales tendió siempre a evitar las cuestiones normativas" (CAMBIASSO, 1999, p. 187).

[708] "sus estratégias demonstraban una racionalidad global que rompía com el supuesto ciclo encantatório del irracionalismo al que, suponen, las masas parecen tan afectas" (CAMBIASSO, 1999, p. 198).

principalmente a partir dos estudos sobre cidades que proliferaram em Chicago, perspectiva na qual a cura para as mazelas é uma sociedade integrada, desenvolvida e, em ultimo caso, sincrônica. O enfrentamento entre sociedade e comunidade, típico da tradição alemã que remonta a Tonnies, é o cânone enfrentado pela tradição norteamericana: não seriam estágios distintos em sua natureza, mas em grau, motivo pelo qual, mais que um retorno saudosista, se trata de fomentar os elementos integradores da sociedade moderna.

Em *Sociologia da modernização. Estudos teóricos, metodológicos e aplicados a América Latina*, 1969, essa face do problema entre comunidade e sociedade é transposta para os temas latino-americanos. O compêndio aborda uma série de aspectos da leitura de Germani acerca dos processos de modernização, destaco aqui aqueles que podem ajudar a observar a vinculação teórica e atitudinal com o repertório americano.

Referindo-se ao impacto da mobilidade social para a análise do fenômeno autoritário, Germani desenvolve a tese de que o terceiro mundo traria para análise uma soma entre modernização tardia e depdendência implicada em sua situação periférica. Em cada país, sustenta, varia a sequencia e a velocidade dos processos, e a peculiaridade da situação na qual se dava a modernização continental condensava-se no fato que a urbanização havia sido mais acelerada que a industrialização, tal como a persistência de padrões arcaicos conviveu com aspirações de consumo mdoernas. Essa assincronia, principalmente no caso argentino, se tornara latente em 1930, data que marca a etapa da industrialização e desenvolvimento *para dentro*, pelo aumento no ritmo e alcance da mobilização social e pela transição para a participação total e crise de participação das classes baixas (partidos populistas, sindicalização, justiça social, queda de poder da classe média, intervenção militar, papel ideológico do exército, golpes militares, ditaduras nacional-populares, nacionalismo de esquerda etc).

Narrando o caso argentino, Germani pontua o crescimento assombroso da classe média, atentando ao fato de que ela havia recrutado seus membros nos estratos inferiores. Nessa configuração, passaram a prevalecer atitudes típicas de "sociedades abertas", ainda que a estrutura social não estivesse ainda alinhada a esse tipo de comportamento. Germani aponta para a existência de dois processos de recrutamento, ou duas ondas imigratórias: inicalmente, incorporou-se esse contingente com relativo sucesso, o segundo movimento, contudo, nos anos 1930, mais rápido e mais violento, não teve a mesma competência para satisfazer as demandas de integração dos migrantes internos que chegavam nas grandes cidades, especialmente Buenos Aires.

> Ainda que com menos oportunidades, os recém-chegados não se sentiram frustrados em suas esperanças e depois de dez anos de contenção econômica e diminuição do nível de vida, a maior parte do proletariado urbano ainda

> acreditava no sucesso obtido com o trabalho duro e a iniciativa pessoal (1974, p. 133).

Nesse momento de maior necessidade de flexibilidade, a oligarquia demonstrou maior rigidez, e nem o Partido Socialista logrou canalizar a demanda desses setores. Diante disso, se poderia perguntar se a adesão das classes trabalhadoras ao peronismo pode ser explicada parcialmente pelo carisma. A resposta constitui o cerne dos aportes de Germani à robusta discussão sobre o peronismo que então mobilizava a sociedade argentina:

> embora isso seja verdade no que diz respeito aos setores mais tradicionais da classe baixa, para a maioria dos trabalhadores não deixou de ser apenas a eleição mais realista no sentido de obter uma reforma mais moderada, de acordo com o sistema social existente que, basicamente, aceitavam (1974, p. 134).

No capítulo intitulado *Assimilação de migrantes no meio urbano*, Germani afirma que nos países desenvolvidos a equação entre atração e possibilidades efetivas para os migrantes costuma equilibrar-se. Nos países em desenvolvimento, contudo, frequentemente a migração ocorre antes das próprias possibildades de inserção. As condições objetivas da integração, contudo, não operam no vazio, "no nível normativo os papeis, as expectativas e as pautas de comportamento instituicionalizadas proporcionam o marco dentro do qual as pessoas percebem e avaliam tais condições objetivas" (1974, p. 144). Os valores que operam num nível psicossocial, portanto, - as atitudes e expectativas dos indivíduos concretos – constituem um fator de complexificação, na medida em que apenas "em uma sociedade perfeitamente integrada, sem desvios da pauta ideal, o marco normativo estaria exatamente refletivo nas atitudes e expectativas internalizadas dos indivíduos" (idem, p. 145). Além disso, é preciso que a estabilidade se mantenha via correspondência efetiva entre as condições objetivas e as expectativas. Atualmente, sugere Germani, o mais comum é a falta de correspondência entre todos esses níveis. Mais uma vez, o sociólogo aponta para o caráter híbrido desses processos e destaca o fato de que eles podem acontecer em setores distintos, por exemplo, numa situação em que, em termos de expectativa técnica o individuo se sente aculturado, na família não, "as características individuais operam dentro do marco geral estabelecido pelas categorias, tal como são definidas pelas características socio culturais" (GERMANI, 1974, p. 156).

Finalmente, em *Notas sobre o problema da explosão demográfica e o desenvolvimento econômico,* também publicado em 1969*,* Germani localiza as etapas tipicamente latino-americanas do processo de "transição demográfica". Inicialmente, no que chama de *etapa tradicional*, encontramos altas taxas de natalidade e mortalidade. Na sequência, na *etapa de transição* a taxa de mortalidade cai e a de natalidade permanece estável. Nesse quadro, a particularidade da transição demográfica na América Latina poderia ser desmembrada em

quatro fatores, a saber, a. a taxa de natalidade era inicialmente maior que a europeia, b. a queda da mortalidade começou mais rapidamente, c. não houve a válvula de segurança populacional da imigração como no caso da europa e d. a modernização econômica foi tardia.

> Desse modo, enquanto, por um lado, a expansão econômica tornou possível certas mudanças que contribuíram para iniciar a fase de transição demográfica, por outro, não foi suficiente para introduzir aquelas mudanças estruturais necessárias para absorver o aumento demográfico resultante (1974, p. 210).

A relação entre assincronia, adesões psicossociais e a adesão ao totalitarismo ou "a fuga da liberdade" é uma constante nas formulações de Germani. Em outra ocasião, no já citado prólogo a *Las condiciones objetivas de la libertad*, de Harold Laski, Germani aponta que liberdade, tal como humanidade, não é um conceito absoluto, mas histórico.

> Segundo alguns, essa crise, que é total, já que engloba a própria estrutura do mundo contemporâneo, não é outra coisa senão um aspecto da decadência fatal da cultura moderna. Para outros, longe de apontar seu esgotamento, está cheio de um futuro novo e magnífico. Essa é a alternativa que aparece em nossos dias, e é uma alternativa que implica a escolha irrevogável entre um maior desenvolvimento do espírito moderno ou o abandono de seus valores fundamentais. Por isso, nesses momentos, que são transitórios, o problema da liberdade surge novamente com o presente angustiado para as gerações de hoje, e pede sua solução no campo teórico e no dos fatos (GERMANI, 1966, p.178)[709].

Salvar a liberdade é, na perspectiva que conecta a sociologia americana, os aportes de Mannheim e as teses de Germani, salvar o moderno. Rechaçando toda regressão, como querem os apocalípticos e, sobretudo, advogando uma mudança para um mundo novo apoiado em princípios racionais capazes de permitir a realização da personalidade humana, essas teses se encontram e compactuam numa concordância, muito mais fundamental que estritos alinhamentos teóricos. Também Fromm, lembremos, entendia que o fascismo, expressão política do medo a liberdade, não é acidental, mas manifestação de uma crise profunda, sendo preciso fomentar a capacidade de autogoverno nas pessoas, sua aptidão para assumir decisões racionais e o fortalecimento da personalidade dos indivíduos. A expressão dessa crise desgovernada, tanto para Fromm como para Germani, poderia ser resumida em um tipo de atitude: o existencialismo. Essa interpretação niilista e aristocrática "que não somente nega toda possibilidade de transformação da vida social – fatalmente inautência – mas que consagra, como afirmação suprema, o naufrágio da existência humana" (GERMANI, Prólogo a Fromm, 1966,

[709] "Según algunos, esta crisis, que es total, pues abarca la estrutura misma del mundo contemporâneo, no es outra cosa que um aspecto de la decadência fatal de la cultura moderna. Para otros, lejos de señalar su agotamiento, está henchida de un nuevo y magnífico porvenir. Tal es la alternativa que se presenta en nuestros días, y es una alternativa que implica la elección irrevocable entre un ulterior desarrollo del espiritu moderno o el abandono de sus valores fundamentales. Por ello, en estos momentos, que son de transición, el problema de la liberdad surge de nuevo con angustiosa actualidad para las generaciones de hoy, y pide su solución em el terreno teórico y em el de los hechos" (p.178).

p. 191)[710], ignora o fato de que a crise atual não é a expressão de um destino, é uma crise de crescimento, resultado da liberação de suas potencialidades, um mundo que se torna de repente cheio de possiblidades (Fromm).

Neste momento da análise, consideramos estar em condições de sugerir que opera, como pano de fundo dessa sociologia estadunidense que avança pelo mundo no pós guerra, e que tão ampla acolhida encontra nas mais diversas formulações, entre elas a de Germani, a relação de fiança mútua entre a confiança na ciência e a confiança na possibilidade de que o cientista atue como decantador das tendências autoritárias irracionais. Para isso, ademais, é preciso supor uma confiança de segunda ordem na própria potência racional do homem. Essa é, lembremos, a confiança inaugural do próprio nascimento da disciplina, ainda no século XIX; diferem, todavia, suas implicações: se antes o mundo plenamente emancipado era obra de racionalizações que beiravam a atitude romântica, como a de Comte, agota se trata, antes de mais nada, de estabelecer uma identidade profissional.

Uma digressão interessante para compreender a consolidação dessa identidade pode ser levada a cabo a partir do famoso manifesto do círculo de Viena, de 1929. Em *A concepção científica do mundo*, redigido por cientistas como Rudolf Carnap e Otto Neurath, lemos uma das maiores demonstrações da confiança na potência científica e racional do mundo. Trata-se de um documento que justifica sua *Lebensfragen* a partir do diagnóstico de crescimento de uma perniciosa tendência metafísica. Sendo a metafísica, nessa concepção, francamente hostil à possibilidade de elucidação dos conceitos, o Manifesto propõe a recusa da possibilidade de um conhecimento sensível *a priori*, reconhecendo nada além "do que os enunciados da experimentação de objetos (...) e enunciados analíticos de lógica e matemática" (apud SOULEZ, 1985, p.118)[711]. Assim como caso das declarações sobre a neutralidade científica e a confiança na racionalidade que pautarão os debates da década de 1950, não se tratava de uma escola hermética mas, a rigor, de um círculo "composto de pessoas que compartilham a mesma atitude científica básica" (apud SOULEZ, 1985, p. 108)[712]: aquela que se colocava não apenas alheia à metafísica, mas contra ela. Tratava-se de um amplo projeto que, nos termos de seus próprios signatários, são bem mais que teses, dizem respeito à uma atitude frente à vida, "De modo que os esforços feitos para reorganizar as relações econômicas e sociais, unificar a

[710] "que no solamente niega toda la posibilidad de transformar la vida social – fatalmente inautêntica -, sino que consagra, como afirmación suprema, el naufrágio de la existência humana" (1966, p. 191)

[711] "que des énoncés d´expérience sur des objets (...) et des énoncés analytiques de la logique et des mathématiques" (apud SOULEZ, 1985, p.118).

[712] "il est composé de personnes que réunit une même attitude scientifique fondamentalle" (apud SOULEZ, 1985, p. 108).

humanidade, renovar a escola e a educação, estão intimamente ligados à concepção científica do mundo" (idem, 1985, p. 114)[713]. Essa atitude de recepção às análises críticas da metafísica é análoga, quero sugerir, aquela que, nos anos posteriores à segunda guerra, alimenta a tradição americana a partir da associação fundamental entre progresso, ciência e democracia.

Conforme Hinkle, no mesmo sentido, "O progresso significou então (e continua a significar agora) que a experiência humana pode ser adequadamente concebida como uma unidade abrangente através do tempo e evidencia um sentido (linear) direcional" (1980, p. 30)[714]. O sentido progressivo desse projeto científico, em oposição ao sentido regressivo-ontológico das formulações anteriores sobre o mundo social, e que deveriam ser superadas, parece irmanar, no plano dos projetos universais, a demanda de Germani e aquela americana descrita por Hinkle nos seguintes termos: "os americanos foram encorajados pelas comparações do presente com o passado e assumiram que o futuro traria melhorias contínuas" (idem, p. 30)[715]. O progresso se tornou, por essa narrativa, um componente intrínseco da auto-imagem nacional americana. Já estamos em condições, neste momento, de identificar de que modo essa auto-imagem é refratária à histórica negativa do latino-americanismo humanista em relação aos EUA. Voltará à tona, pois, na crítica ao modelo universitário de Germani, a imagem do calibã, do norteamericano embotado frente ao espiritual latino-americano, que informou as primerias discussões sobre a cultura científica nos debates entre positivistas e espiritualistas no começo do século. Acionar essa disputa é, pois, reabilitar o sentido das querelas entre cultura científica e cultura humanística que organizaram os primeiros debates deste trabalho.

Ponderando essas questões, Touraine (1997) procura delinear de que modo a ciência como modelo cultural tornou-se corolário do projeto americano. "Quando um Estado nacional desempenha um papel importante, reforça o papel da universidade como criadora de um modelo cultural, mas isso também resulta em uma dominação mais forte da universidade pela classe dominante" (1997, p. 15)[716]. Enquanto as universidades europeias se nutriam do mito da cidadela da pureza, em meados dos XX a universidade americana já estava plenamente integrada à sociedade. Na ausência de separação entre a universidade e os colégios técnicos, a afirmação da atitude intelectual do cientista havia sido, sob esse ponto de vista, automática,

---

[713] "ainsi les éfforts deployés pour réorganiser les relations économiques et sociales, unifier l´humanité, rénover l´école et l´éducation, sont intimement liés a la conception scientifique du monde" (idem, 1985, p. 114).
[714] "Progress meant then (and continues to mean now) that human experience can be properly envisaged as a compreensive unity through time and does evidence an ascentainable (linear) directionally" (1980, p. 30).
[715] "Americans were encoraged by comparisons of the present with the past, and they assumed that the future would bring continued improvement" (idem, p. 30).
[716] "When a national state plays an importante role, it reinforces the university´s role as creator of a cultural model, but this also results in stronger domination of the university by the rulingclass" (1997, p. 15).

muito distante do caso argentino onde, conforme tenho apresentado, as instâncias de consagração intelectual se organizaram mormente extra-universidade.

Conforme Nagel (1979), grande divulgador da tríade progresso-ciência-democracia, o controle sobre o mundo, ou a necessidade de tal controle, é uma constante na história, antes mesmo de que se agrupasse sob o nome de ciência. O termo, aliás, é usado ainda frequentemente para designar qualquer raciocínio sistemático, mesmo que se trate de um *common sense*, como "astrologia científica". Ela não é, simplesmente, senso comum classificado, não é só uma reunião organizada das conclusões que se tira a partir da vida prática. Nagel aponta que as humanidades e Ciências Sociais raramente usam de procedimentos de comprovação empírica, e, quando o fazem, tomam-nos por um procedimento acessório, menos nevrálgico que o alegado caráter subjetivo do objeto. Dizer que os acontecimentos não podem ser previstos com absoluta precisão, sustenta ele, não significa rejeitar toda forma de implicação do inevitável. "É quase forçoso notar que nossas relações pessoais com outros homens, nossos arranjos políticos e instituições sociais, nossos horários de transporte e nossa administração da justiça, não poderiam ser o que são, a menos que inferências razoavelmente seguras fossem possíveis sobre o passado humano e futuro" (1979, p. 598)[717]. O determinismo, enfim, não pode ser aceito sem reservas nem pode ser refutado, mas funciona como um princípio regulativo, de modo que bandoná-lo totalmente é abrir mão de qualquer possibilidade científica.[718]

É nesse marco, também, em que a sociologia americana se encontra de modo mais harmônico, em relação à suas versões europeias, com os reclamos de unidade das ciências empíricas, dentre as quais ela pretendia se alocar. Conforme Haney, a estratégia das ciencias sociais americanas para pleitear esse lugar teórico focava-se na consagração de uma metodologia específica em relação às outras 'ciências humanas' que estariam apartadas da almejada "unidade das ciências", projeto que é descrito por Hoston como "o mais antigo sonho das ciências da natureza" (HOSTON, 2008, p. 248)[719].

---

[717] "It is almost turistic to note that our personal relations with other men, our political arrangements and social institutions, our transportation schedules and our administration of justice, could not be what they are unless fairly safe inferences were possible about the human past and future" (1979, p. 598).

[718] "However acute our awareness may be of the rich variety of human experience, and however great our concern over the dangers of using the fruits of Science to abstruct the development of human individuality, it is not likely that our best interests would be served by stopping objective inquiry into the various conditions determining the existence of human traits and actions, and thus shutting the doors to the progressive liberation from illusion that comer from the knowledge achieved by such inquiry" (NAGEL, 1979, p. 606).

[719] Na primeira guerra, a sociologia havia sido exlcuida da National Academy of Sciences e é Parsons, a partir de 1946, quem retomará esse combate, advogando pelo estatuto científico da disciplina frente aos cientistas naturais. Além de Parsons, outra voz atuante nessa aproximação, Paul Lazarsfeld, é analisado por Pollack (2018): "No universo das ciências, de seu ponto de vista, a física e a matemática ocupam o ponto mais alto da hierarquia, a filosofia ocupa um lugar muito baixo, enquanto a sociologia e as outras ciências humanas são apenas disciplinas "em vias de desenvolvimento" (POLLACK, 2018, p. 118).

Há dois pontos, sinteticamente, que orquestram a comunidade de identificação profissional que pretendo destacar. Inicialmente, a associação entre ciência e democracia que, como veremos, é colocada nos termos nada isentos de uma associação entre ciência e liberalismo e, por outro lado, a pretensão da sociologia de participar dessa unidade das ciências empíricas, da qual estão excluídas, desde o manifesto do círculo de Viena, as ciências do espírito e as análises de ontologia histórica. Nesse sentido, comungam numa atitude fundamental. Sobre a questão do liberalismo ser equiparado a democracia, é preciso fazer constar, operam todas as tensões da Guerra Fria, discussão que extrapola os limites dessa pesquisa. Vale uma menção aqui, todavia, à organização do *Congress of Cultural Freedom*, descrita por Peter Coleman (2006) como a ocasião em que se formulou de modo mais preciso a ciência liberal: *free, independent, formal*. Nessa ocasião, cerca de 100 intelectuais e cientistas se reuniram, primeiro em Berlim e depois em Hamburgo, para discutir temas como a liberdade científica, a crítica à URSS e ao marxismo.

Organizado por particulares mas apoiado pela CIA e pelos militares americanos, "do ponto de vista sociológico, o Congresso reforçou um importante eixo intelectual do pós-guerra entre os EUA e a Europa, e especialmente entre Nova York, Berlim e Paris, que já existia, mas que agora ganhava um âmbito muito maior" (COLEMAN, 2006, p. 3)[720]. Em 1951 o Congresso se torna uma instituição permanente[721], com a proposta de defender a liberdade intelectual como pressuposto da construção de uma sociedade progressivamente democrática. "O CCF representou uma tentativa notável de normalizar a visão de que os EUA e a Europa Ocidental pertencem à mesma estrutura intelectual-cultural e essa herança exigia uma defesa sustentável" (2006, p. 6) [722]. [723]

[720] "From a sociological angle, the Congress reinforced an importante post-war intellectual axis between the USA and Europe, and specially between New York, Merlim and Paris, which had already existed but which was now to be given a much higher profile" (COLEMAN, 2006, p. 3).

[721] Participaram do evento nomes como Polanyi, Raymon Aron, James Franck, Otto Frisch, Dobhansky, Arendt, Arthur Campton e, dentre os membros mais ativos, o sociólogo americano E. Shils.

[722] "The CCF represented a notable attempt to normalize the view that the USA and Western Europe belongeg to the same intellectual-cultural hertiage, and that this heritage required a sustained defence" (2006, p. 6)

[723] Peter Coleman sugere, ainda, que o CCF aparece para preencher o lugar intelectual anteriormente da UNESCO. Essa democracia americana primava pelo contato extra-estatal com os outros países. Anos antes do congresso isso vem se gestando e, nesse momento de culminação, a ideia passa a ser garantir a democracia, mesmo com acintosas políticas de intervenção. A "verdade" era a palavra central da diplomacia americana. "O congresso, portanto, representou uma intervenção na vida intelectual européia pela CIA para apoiar e organizar a opinião intelectual em torno do conceito de unidade atlântica" (COLEMAN, 2006, p. 82). ["The congress, therefore, represented as intervention into European intellectual life by the CIA to support and organise intellectual opinion around the concept of Atlantic unity" (COLEMAN, 2006, p. 82)]. A "defesa da civilizaçãoD torna-se a pauta compartilhada, e então o interesse dos EUA se alinha com o da inteligência europeia. Conferencia inaugural é feita em Berlim e conta com 118 convidados, 40% dos EUA e Alemanha. Alguns dos presentes eram Golo Mann, irmão de Thomas, Richard Lowenthal, Franz Neumann, de Frankfurt e Giuseppe Borgese.

Já Charles Snow, conforme esta tese vem se remetendo, pensava que essa animosidade entre cultura científica e cultura humanista poderia ser creditada a uma diferença em termos de estilo, antes do que em termos teóricos, assim como sua incomunicabilidade de *ethos*, visão corroborada também por D´Agostini (2003). Se foram vistos como ciência plebeia, os sociólogos, por sua parte, também levavam a animosidade para níveis extra-teóricos, "Os sociólogos têm pensado nos humanistas como antiquários modestos ou estetas, em contraste com seus próprios eus não sentimentais, científicos, avaliativamente neutros" (SHILS, 1998, p. 24)[724].[725] As duas análises, a de Shills e a de Snow, comungam, sobretudo, no fato de caracterizar as disputas do discurso científico – e sociológico – nos marcos de uma tensão disciplinar. Essa primeira sociologia americana se associa à ciência, não à História, na busca por prestígio disciplinar. Isso se funda numa utopia específica, já apontada por Habermas (2005), de confiança na sociedade capitalista e industrial. A fé no progresso, supõe, antes de qualquer desenvolvimento teórico, a crença na possibilidade da racionalidade alheia. Essa aposta conecta, mais uma vez, as teses de Germani com as discussões mundiais sobre a crise.

Polanyi, por exemplo, que constava nos planos de curso de Germani em Sociologia Sistemática, aparece como um dos formuladores e defensores dessa ideia. Filiado ao *Congress of the Cultural Freedom*, o argumento de Polanyi merecerá agora alguma atenção, na medida em que ajuda a entender o que seria o eixo de uma das críticas mais veementes ao projeto de Germani, a saber, a neutralidade científica. [726] Em *A mensagem social da ciência pura* (2003), discurso de Polanyi em 1945 na reunião da associação britânica para o avanço da ciência, ele

---

[724] "sociologists have thought of the humanists as antiquarians modests or aesthetes, in constrast with their own unsensimental, scientific, evaluativelly neutral selves" (1998, p. 24).

[725] Trata-se, nesse sentido, de uma tensão disciplinar. Lewis David aponta que o primeiro nome do departamento de sociologia é Albion Small, suporte amplo de Rockfeller. A primeira geração não é a responsável pela criação da sociologia científica. O aporte é posterior, principalmente com Park. Interessante notar que ambos são filósofos de formação. Na composição inicial da nova disciplina o aporte filosófico é vigoroso e pode ser resumido em ""A coragem de proceder, de encontrar as perguntas certas e de descobrir as melhores operações para determinar se as respostas que encontraram tinham uma probabilidade razoável de ser verdade, havia, é claro, a necessidade de decidir o que significa por 'verdade'. (1980, p. XII)" ["the courage to proceed, to find the right questions, and to discover the best operations for determinig whether the answers they found had a reasonable probability of being true there was, of course, the necessity of deciding what do means to by 'true" (1980, p. XII)]. Nos estados unidos, pois, a sociologia nasce vinculada à filosofia, não em oposição a ela. É uma composição disciplinar muito específica certamente viabilizada pelo tipo de filosofia que se fazia então. Nome inicial: Robert Park: estudos sobre a cidade de Chicago, estudos ecológicos. Artificialidade da ideia de Escola de Chicago: "na década de 1920 não havia em Chicago nenhuma doutrina cujo nome fosse um ismo" (1980, p. XIV) ["in the 1920´s there was at Chicago no doctrine with a name ending in ism" (1980, p. XIV)].

[726] Outro argumento favorável à esse pressuposto seria o do muito criticado por Jauretche, Bernardo Houssay, premio nobel. Em *La investigación científica*, lemos que "quanto ao emprego da ciência para o mal, a morte ou a destruição, não cabe responsabilidade aos homens de ciência, mas aos governos e organismos sociais" (1973, p. 22) ["en cuanto al empleo de la ciência para e mal, la muerte o la destruición, no les cabe responsabilidad a los hombres de ciência, sino a los gobiernos y organismos sociales" (1973, p. 22)]. No texto de 1955, Houssay defende a necessidade de ciência pura que na argentina é, em seus termos, tão ameaçada pelos cataclismas políticos.

defende que o movimento que ataca a ciência pura se organiza em duas frentes: a materialista, dirigida contra a reivindicação de auto governo da ciência que a vê como mera ideologia e, por outro lado, o ataque moralista, que insiste "em que os cientistas deveriam voltar seus olhos para a miséria que grassa o mundo e pensar sobre o lenitivo que poderiam a ela proporcionar" (2003, p. 26-27). As duas juntas, sugere Polanyi, conformariam "o cinzel do ceticismo acionado pelo martelo da paixão social" (idem, p. 27)[727]. Frente às ondas de humanismo e paixão que destruíram a Europa, Polanyi constata que "a selvageria está sempre à espreita entre nós; mas ela só pode se manifestar em grande escala quando paixões morais insurgentes destroçam primeiro os controles da civilização" (ibidem, p. 27).

> O serviço mais vital que devemos ao mundo da atualidade é a restauração de nossos ideais científicos, que caíram em descrédito sob a influência do movimento filosófico moderno (...) isso porque nós cientistas estamos penhorados com valores mais preciosos e com serviço mais urgente do que o bem-estar material (POLANYI, 2003, p. 29).

A ciência, para Polanyi, é algo em que acreditamos, apesar dos protestos positivistas que gostariam que ela fosse algo como um dado bruto no mundo. Mesmo nos estágios mais elementares de cognição, argumenta, já estamos comprometidos com um ato de interpretação. Desse modo, as crenças precisam ser reabilitadas como parte das nossas convicções científicas.

> A crença principal – diria mesmo, fundamental – que embasa uma sociedade livre é a de que o homem é receptivo à razão e suscetível aos reclamos de sua consciência. Entendemos aqui por razão coisas como a prática ordinária da objetividade no estabelecimento de fatos e dos juízo de valor nos casos individuais. Os cidadãos de uma sociedade livre acreditam que, por intermédio de tais métodos, são capazes de resolver conjuntamente – para a satisfação suficiente de todos – qualquer dissensão atual que possa existir entre eles ou que venha a surgir no futuro (2003, p. 63)

Analogamente, em *Fundações da liberdade acadêmica*, Polanyi afirma que "A liberdade acadêmica consiste no direito de escolher o problema a investigar, em conduzir a pesquisa sem qualquer controle externo e em ensinar o assunto em pauta à luz de opiniões próprias" (2003, p. 69), sobretudo, a liberdade é o regime mais eficiente de organização da ciência. Trata-se de validar seu próprio princípio de circulação: cada cientista se ajusta a partir dos resultados alcançados pelos outros. É preciso, pois, colocar-se contra a interferência nociva do Estado, ao mesmo tempo em que é necessário reconhecer que ele é o único instrumento com capacidade para financiar a magnitude da ciência atual. Assumindo esse aspecto contraditório

[727] Vale a menção, nesse momento, a um texro de Germani *the professor and the catedra*, onde ele se diz atacado por dois extremismos polares: "O direitista acusa de ser comunista e uma terrível ameaça à ordem social, enquanto os esquerdistas, com a mesma hostilidade, o condenam como um agente do imperialismo ianque" (GERMANI in MAIER and WEARHERHEAD, 1979, p. 216) ["The rightist acuse him of being a communist and a terrible threat to the social order, while the leftists, with the same hostility, condemn fim as an agente of yankee imperialism" (GERMANI in MAIER and WEARHERHEAD, 1979, p. 216)].

como constitutivo, "é evidente que a liberdade acadêmica não é jamais um fenômeno isolado. Ela só pode existir numa sociedade livre, porque os princípios em que ela se baseia são as mesmas fundações sobre as quais repousam as liberdades essenciais na sociedade" (2003, p. 85).

> Em outras palavras, quando uma negativa radical das obrigações absolutas não consegue destruir as paixões morais do homem, essas ficam desabrigadas. O anseio pela justiça e pela fraternidade não mais poderá ter livre curso, mas procurará incorporação em alguma teoria da salvação mediante violência. Daí o surgimento de formas pessimistas, duras e supostamente científicas de fanatismo tão características de nossa era moderna (2003, p. 89)

Se lembrarmos da prescrição de Germani acerca do *ethos* desejável pelo cientista – a regularidade, a sistematicidade, a capacidade de previsão, etc -, estamos em condições de observar de que modo as tensões às quais se refere Polanyi ecoaram também no esforço de Germani na Universidade de Buenos Aires. Tentando validar a própria sociologia universitária e, depois, científica, enquanto discurso autorizado sobre o mundo, Germani não poupou esforços para habilitar uma organização endógena dos procedimentos do curso, questão que inicia o debate deste capítulo. A tradução de livros, o envolvimento dos alunos em projetos de pesquisa e o estímulo às compilações de fichas – ajudadas pela famosa IBM 101 que, anos depois, seria motivo de controvérsia - Germani levava a cabo um projeto que Horowitz classificou de uma combinação exótica entre sociologia empírica e social democracia europeia (A GERMANI, 2004). [728] Na mesma medida, o estímulo a uma comunidade de cientistas, tão defasada na Argentina, aparecia, para Germani, como prioridade. Dentre esses estímulos, os Congressos científicos que

> [Eles] servem para estabelecer e manter os mecanismos de controle e avaliação da pesquisa científica na região e geralmente melhoram os padrões da mesma disciplina. A escassez de escolas profissionais significa que há poucos profissionais, os amadores podem entrar facilmente nas disciplinas, grande parte do trabalho é orientado localmente, uma característica reforçada por uma concepção antiquada de pesquisa social. Os cientistas na América Latina estão em uma situação única devido à falta ou insuficiência de meios de comunicação mútuos, eles permanecem sob os auspícios de padrões científicos reconhecidos e um mecanismo de avaliação e controle, tanto em treinamento quanto em atividade científica (GERMANI apud A. GERMANI, 2004, p. 188)[729].

---

[728] Murmis e Dario Cantón vão para Berkeley, Eliseo Verón e Imaz, o primeiro para o *College de France* o segundo para o *Centro de Estudos Sociológicos de Paris* (CES). Graciarena e Ruth Sautu vão para a *London school of economics*. O esforço de Germani, ademais, redundou em 210.000 dólares em subsídio no ano de 1960 subsídio. Estabeleceu também a vinda de estranjeitos: Kalman Silvert, de Tulane. Horowitz, do Bard College, Peter Heintz, da flacso, Georges Friedman, da EHESS, Medina Echavarria, da CEPAL, Costa Pinto, do Brasil, entre outros. Essa circulação contribuiu para filiar o instituto a organizações internacionais de cooperação.

[729] "sirven para establecer y mantener los mecanismos de control y evaluación de la investigación científica em la región y mejorar en general los estándares de la misma disciplina. La escassez de escuelas profisionales significa que hay poco personal profesional, los amateurs pueden facilmente entrar en las disciplinas, gran parte del trabajo está orientado localmente, um rasgo que se refuerza por uma concepción anticuada de la investigación social. Los

Ghilini (2017) destaca que o esforço de Germani precisou ainda contabilizar o fato de que não haviam sociólogos de formação na Argentina. A origem dos estudantes mais próximos a Germani, por exemplo, era plural: da economia vieram Jorge Graciarena e e Ruth Sautu, das letras Ana Maria Babini e Marta Bechis, da Filosofia Eliseo Verón e Murmis, e da engenharia Torcuato di Tella. (Di Tella). O esforço de Germani pode ser visto, por exemplo, no pedagógico *La sociologia científica*, onde ele aponta que as dificuldades na formação de quadros se apoiavam, sobretudo, na tendência especulativa da sociologia no continente. Em seus termos, "se trata de uma atitude suficientemente difundida a ponto de que se possa assumi-la como típica" (1962, p. 41)[730]. O remédio, então, passaria pela divisão do trabalho e pelas pesquisas em equipe. Esse sistema englobaria uma divisão do trabalho sociológico, notadamente entre a sociologia teórica, aquela que investiga os fatos para formular proposições de validade geral, a sociologia descritiva, particular, nacional, que trata pontualmente de um caso e, ainda, a sociologia aplicada, destinada a resolver problemas sociais e que "se oferece primeiramente como uma técnica e, como tal, todo juízo de valor lhe é estranho, ainda quando seus resultados possam ser – e sejam – utilizados desde uma perspectiva valorativa" (idem, p. 65-66)[731]. Dois aspectos importantes desse projeto são o fato de que a divisão que Germani propõe é apenas pragmática, não teórica, e envolve uma unidade maior, a saber, a consideração da sociologia como uma ciência, acima de tudo, lógico-experimental. Além disso, o fato de que a sociologia aplicada parece desonerar-se dos fins, discussão que pode ser observada a luz da descrição do habitus profissional desejado por ele.

Um outro dado importante dessa nova configuração – dificuldade de formação de um corpo profissional - é mencionado por Neiburg,

> Os currículos dos professores selecionados nos concursos para as disciplinas sociológicas mostram candidatos mais jovens, entre os quais havia uma grande porcentagem de mulheres, e indicam também uma preocupação em comprovar antecedentes estritamente ligados à área específica do concurso, havendo menos diversidade de atividades e interesses. Essas características eram coerentes com a atitude da banca examinadora, que agora podia rejeitar um candidato por falta de especialização, considerando como um valor negativo, como dispersão, o que os concursos anteriores para as disciplinas mais tradicionais avaliavam positivamente como sinal de erudição (1997, p. 201).

---

científicos de américa latina están em uma situación única por la falta o insuficiéncia de medios de comunicación mutua, permanecen uma ausência de estándaes científicos reconocidos y uma carência de mecanismo de evaluación y control, tanto em el adiestramiento como em la actividad cientifica" (GERMANI apud A. GERMANI, 2004, p. 188).

730 "se trata de una actitud suficientemente difundida como para justificar que se la assuma como típica" (1962, p. 41).

731 "se oferece primeiramente como una técnica, y como tal, todo juicio de valor le es extraño, aun cuando sus resultados se pueden – y son – utilizados desde una perspectiva valorativa" (idem, p. 65-66).

Alguns anos depois de sua partida da Argentina, que ocorreu em 1965, em *Autoritarismo, Fascimo y populismo*, Germani retomaria o tema da necessidade de fomentar um espaço de racionalidade frente aos totalitarismos de quaisquer vertentes. Toda sociedade tem, a seu modo, afirma então, a janela aberta para soluções totalitárias, a disposição para abri-la é aquilo que se pode medir através de dispositivos conceituais. Mais uma vez, Germani recorreria aos temas da mobilização, da transição de grandes massas populacionais do setor arcaico para o moderno, da extensão dos direitos de cidadania e da natureza conflitiva do processo que implica um rompimento, uma mudança[732]. A tensão, pois, inscrita na própria necessidade de participação dos grupos novos, poderia ser melhor pensada quando se assume o fascismo não como a única expressão possível do autoritarismo da classe média, mas como uma especialmente recorrente na primeira metade do século XX.

Essa ultima análise de Germani, com o benefício da retrospecção, ajuda a compor o quadro final que este momento do argumento gostaria de reforçar. Seu projeto institucional, desenvolvido em parceria com Romero, e suas análises teóricas sobre a adesão das massas ao totalitarismo, engendram um tipo de produtor científico que está lastreado, conforme tentei apontar, numa ética científica da neutralidade, oposta aos antigos ensaios de interpretação nacional. Os mundos que ambas as posturas reivindicam são conflitantes, ainda que suas teses, eventualmente, compartilhem dos diagnósticos trágicos. A crise, para Germani, já é a crise moderna, do pós-Guerra, e não aquela metafísica, quase essencial, que informava as análises da sociologia anterior à sua. Suponho que é precisamente essa associação entre ciência – e sociologia científica -, democracia e progresso que entra em crise em meados da década de 1960, fornecendo um substrato extra-teórico, mas em tensão constitutiva, para o entendimento dos confrontos entre distintos projetos intelectuais. É esse ataque que pretendo rastrear, no próximo item, a partir do questionamento da figura do intelectual técnico que, cioso da neutralidade de suas apostas, acabou, na década de 1960, responsabilizado pelo que Marcuse chamou de "unidimensionalidade" do homem moderno.

4.3. A CIÊNCIA CONTRA AS ALPARGATAS: DEMOCRACIA, ENGAJAMENTO CIENTÍFICO E UNIVERSIDADE NACIONAL.

O muito divulgado discurso do esgotamento das "energias utópicas" (HABERMAS, 2005; JACOBY, 2001) foi uma das muitas formulações que assumiu a narrativa sobre a crise

[732] Um acerto de contas importante, contudo, com as teses inspiradas em Fromm e no calculo da personalidade autoritária, marca esse momento de exílio de Germani nos Estados Unidos e está detalhado na obra de Ana Germani (2004).

no pós-guerra. A confiança na melhora do mundo, já em franca decadência nos anos 60, informa esse diagnóstico. Entra em crise, sobretudo, a associação entre progresso, ciência e democracia, muito embora essas ideias chave seguissem operando, separadamente ou de modo assincrônico, e tomando roupagens heterodoxas conjunturais, residuais. Nos termos de Nisbet (2000), um dos protagonistas do diagnóstico crítico tal como incidiu no campo sociológico, sintoma dessa resiliência residual é o fato de que "nas ciencias sociais, o grande número de fundações e agências governamentais decidacas a conceitos como 'subdesenvolvidos', 'modernização' e 'desenvolvido' é um tributo à permanência da ideia de progresso no Ocidente" (1985, p. 311). Apesar desses espaços de permanência, contudo, novos sujeitos, novos projetos de mundo e de atividade intelectual passariam a exigir do fim dos anos 1950, conforme esse capítulo pretende abordar, novas formas de equacionar as energias utópicas.

Análises muito distantes da de Nisbet (2000) ou da teoria da dependência, por exemplo, tais como a de Hopenhayn (1994), reiteram a comunhão de diagnósticos sobre a crise que, mais uma vez, se fragmenta no que diz respeito às terapias. Nessa análise, o que está posto em cheque, mundialmente mas especialmente na América Latina, a partir dos anos 1960, é a relação entre planificação, revolução e crise de racionalidade. A planificação e a revolução foram, para Hopenhayn, durante muito tempo, "aquelas noções maximalistas nas quais podia encarnar de modo mais eloquente a intervenção deliberada da razão (técnica e teleológica) na história" (1994, p. 217)[733]. A planificação através do Estado, o grande agente organizador, teria, nessa visão, protagonizado o papel culminante do saber social em organicidade com a mudança social. A revolução, por outro lado, simbolizava o amálgama do cientista social num plano ainda mais ousado de subversão da ordem, "racionalidade teleológica que, ao contrário da planificação, não pretendeu construir minuciosamente o futuro a partir do presente, mas interpretar minucionsamente o presente a partir do futuro" (1994, p. 219)[734]. Ambas as imagens, para o autor, orientaram as ciencias sociais com imagens carregadas de razão moderna: utopismo e iluminismo.

A planificação, contudo, sob esse ponto de vista, esteve sempre atravessada de racionalidade instrumental, tal como o discurso revolucionário, embora nesse caso ela apareça de modo menos evidente. Em todo caso, lembra Hopenhayn, a ideia de progresso é essencial para a planificação, posto que ela é construída a partir de um prévio entendimento de leis.

---

[733] "aquellas nociones maximalistas en que podia encarnar de manera más elocuente la intervención deliberada de la razón (técnica y teleológica) en la história" (1994, p. 217).

[734] "racionalidad teleológica que, al revés de la planificación, no pretendió construir minuciosamente el futuro a partir del presente, sino más bien interpretar minuciosamente el presente a partir del futuro" (1994, p. 219).

> A planificação tem sido, tanto em sua concepção teórica quanto em sua realidade histórica, um ponto de encontro entre ciência e Estado. Supõe a racionalidade histórica e supõe, ao mesmo tempo, a capacidade de manejar tal racionalidade a partir de um plano projetado e dirigido por um grupo no qual a especialização e o poder são condensados (1994, p. 226)[735].

A planificação da utopia, nesse ponto de vista, se mescla à utopia da planificação. Se aceitamos a tese de Hopenhayn, as décadas de 1960 e 1970 podem ser interpretadas como o contexto de modificação desse conjunto de ideias orientadoras, especialmente na América Latina. O rompimento dessa confiança ganhou uma de suas expressões mais bem acabadas na própria teoria da dependência, que confrontou muitos dos pressupostos que sustentavam a associação entre o aumento da racionalidade e uma sociedade progressivamente democrática. A ênfase na natureza política dos processos sociais, advogada por Cardoso e Faletto na remodelação da teoria da dependecia que antes havia despontado através da CEPAL, implicava observar a dependência não como questão temporal, mas processual. Tal como indica Hopenhayn (1994), os autores partem da constatação de que a modernização, e sua teoria, parece não ter acertado seu diagnóstico sobre a América Latina. No pós-Segunda guerra todos previram que "o industrialismo suscederia à expansão das exportações, complementando assim um ciclo de crescimento e inaugurando uma fase de desenvolvimento auto-sustentado" (CARDOSO e FALETO, 1978, p. 10), esperança que não duraria mais de 15 anos, logo dirimida pelas sucessivas tensões políticas e sociais que atingiram o continente. Na crítica que Cardoso e Faletto tecem àquelas análises que se pautam na oposição entre sociedade moderna e sociedade industrial, tais como a de Germani, fica patente que os autores enxergavam nelas apenas uma formulação da clássica dicotomia de Tonnies entre comunidade e sociedade, típica da sociologia alemã. Além disso, a crítica insinuava que a abrangência de termos como "tradicional" e "moderno" praticamente os invalidava, além do fato de que esse ponto de vista desconsiderava a ausência de correspondência etre sociedade moderna e subdesenvolvimento e, por outro lado, sociedade tradicional e subdesenvolvimento. Finalmente, criticam, estaria implícita nessa tese uma compreensão do tempo histórico baseada no modelo europeu/norte-americano. A proposta que opõem a essa análise que vêem como ultrapassada é, enfim, uma teoria que possa "buscar uma perspectiva que permita vincular concretamente os componentes econômicos e os sociais do desenvolvimento na análise da atuação dos grupos sociais e não só

[735] "La planificación ha sido, tanto en su concepción teórica como en su realidad histórica, un punto de encuentro entre ciência y Estado. Supone racionalidad histórica y supone, al mismo tiempo, capacidad de maniobrar dicha racionalidad desde un plan diseñado e impulsado por un grupo en que se condensan expertise y poder" (1994, p. 226).

justapo-los" (CARDOSO e FALETTO, 1978, p. 21), pondo em foco as estruturas de domínio, principalmente a maior delas, a dependência, que se reproduziria internamente.

A crítica de Cardoso e Faletto teve, como se sabe, uma repercussão substancial na América Latina. Destaco, todavia, que o processo de crítica a modernização é, a rigor, mundial. Considero, entrementes, que o declínio do projeto da sociologia científica é um observatório privilegiado dessas mudanças no cenário teórico da disciplina, especialmente no que diz respeito aos países afastados dos centros decisórios internacionais para os quais, efetivamente, a utopia da planificação havia sido ainda mais decisiva.

Os anos 1950, momento de crescimento do projeto de Germani, respondem, na Argentina, ao momento de crescimento do prestígio da universidade como espaço de enunciação de diagnóstico e prescrição sob o mundo social. Ao campo privado de produção cultural, que tanta proeminência havia tido nas décadas anteriores, se mescla então essa nova plataforma institucional. É preciso, lembrar, todavia, que certas adesões tácitas são resistentes, ainda que por sua invisibilidade, às mudanças levadas a cabo por decreto. Como disse Le Rochefoucauld, citado por Bourdieu n´A Distinção (2010), nossos gostos nos traem com mais facilidade do que nossas opiniões. Essas ultimas, afinal, podem ser educadas, inclusive treinadas em departamentos, de modo que as adesões presumidas e os hábitos anteriores constituem uma esfera mais bem inacessível a esse tipo de formalização. A relação tensional entre universidade e esfera privada, como se detalhará, ganha contornos ainda mais agudos nesse momento, revestindo-se da famosa crítica à "tecnicização da vida" que o novo modelo institucional parecia encarnar. A década de 1960 na Argentina é, para todos os efeitos, um momento de culminação da tensão que venho tentando rastrear e que remete às finisseculares discussões de Ingenieros, Cané, Quesada, Levene e, claro, Germani. A crítica, agora, não permite mais a zona híbrida que facultava um grau de concordância na discordância entre positivistas e espiritualistas no começo do século, por exemplo. Trata-se, nesse momento, de um enfrentamento mais amplo: critica-se a ciência, e a sociologia científica com ela, por menosprezar a história, o marxismo e as tensões sociais; critica-se a universidade, e a sociologia científica com ela, por ter se tornado um espaço cínico e pretensamente neutralista que desdenha das questões nacionais e critica-se, enfim, a atitude científica, e a sociologia científica com ela, por incentivar um modelo técnico e irrefletido de cientista que perdeu a capacidade de pensar de modo responsável como um intelectual. A crítica é, por fim, democrática: tanto da direita quanto da esquerda, trata-se de objetar a prevalência da abstração em nome da concretude.

No caso do projeto da sociologia científica, esse esforço crítico é, ademais, fractal. Tal como Durkheim havia se enfrentado, no caso da implantação da *Nouvelle Sorbonne*, com detratores de dentro e de fora da universidade, podemos encontrar, na Argentina dos anos 1960, esses dois tipos de confrontamento. Internamente, a confluência inicial dos estudantes com o projeto de Gino Germani é substituída pela desconfiança em relação à postura 'cientificista' de sua prática. Por outro lado, externamente, a sociologia passa a ser associada a um tipo insidioso de discurso imperialista e academicista. As duas críticas se encontram, apesar dos distintos lugares sociais de elaboração, em um embate de segunda ordem: critica-se a ideia de substituir o sábio, engajado em causas transcendentes – da torre de marfim ao partido revolucionário – pelo funcionário técnico da ciência.

Essa situação foi narrada de modo exemplar por um protagonista do projeto da sociologia científica. Escrevendo anos depois, Torcuato di Tella sintetiza, melancólico, o desenlace do processo. "Institucionalizada nos programas universitários somente depois da revolução de 1955, a de 1966 lhe poda as asas e a de 1976 praticamente só precisa recolher o seu cadáver" (1980, p. 299)[736]. Após 1966, segue Di Tella, os estudantes, munidos de grandes necessidades utópicas, ficaram vulneráveis, disponíveis, às versões mais crédulas e violentas do marxismo e, em paralelo, nas aulas de sociologia, pouquíssimo se lia do autor alemão.

> Com isso, só se fez com que os alunos sofressem de uma espécie de esquizofrenia intelectual. Por um lado, eles estudavam o que os professores lhes passavam; e eles certamente estavam interessados nisso; mas, por outro lado, em seu foro íntimo, eles aderiam às suas versões da utopia, como uma espécie de religião secreta, alimentada por leituras desordenadas e sem escritas, tiradas das bancas da Rua Corrientes (DI TELLA, 1980, p. 309)[737].

No *mea culpa* de Di Tella, lemos ainda que a sociologia científica rechaçou também qualquer necessidade de identificação histórico-nacional em nome do universalismo da metodologia científica. Essa atitude, em seus termos, provocou uma reação vigorosa: "o nacional, todavia, entrou pela janela, de maneira destrutiva, já que não se o convidava com todas as honras que se merece a entrar pela porta" (idem, p. 311)[738].

Um dos argumentos de autoridade que incidiram criticamente no projeto de Germani foi o de Eliseo Verón, filósofo, sociólogo e semiólogo formado pela UBA em 1961. A trajetória

---

[736] "Institucionalizada en los programas universitários solo despues de la revolución de 1955, la de 1966 le coma las asas, y la de 1976 ya praticamente sólo necesita recoger su cadáver" (1980, p. 299).

[737] "Con esto sólo se consiguió que los estudiantes sufrieran una espécie de esquizofrenia intelectual. Por un lado estudiaban la que los profesores les daban; y sin duda estaban interesados en eso; pero por outro, en su foro íntimo, adherían a sus versiones de la utopia, como una espécie de religión secreta, alimentado por lecturas desordenadas y poco criticadas, tomadas de las banca de la calle Corrientes" (1980, p. 309).

[738] "lo nacional, sin embargo, entró por la ventana, de manera destructiva, ya que no se lo invitaba con todos los honores que se merece a entrar por la puerta" (idem, p. 311)

de Verón – do departamento de Germani ao estágio com Levi Strauss – é paradigmática da mudança que quero destacar. Egresso do próprio núcleo da sociologia científica, será uma das vozes mais proeminentes na revisão crítica do projeto de Germani. Em *Imperialismo, lucha de clases y conocimiento*, publicado em 1974, por exemplo, ele sintetiza algumas das críticas que permearam esse debate ao longo dos vinte anos anteriores. O autor abre seu argumento propondo que se o estatuto de ciência é conferido no momento da comprovação de uma hipótese, e não no da sua elaboração, de modo que a suposta neutralidade científica só poderia estar alocada na discussão de finalidades. A ideia de eficiência, por esse motivo, seria uma pergunta de outro escopo. O liberalismo, por exemplo, argumenta ele, pode ser eficiente, mas nada indicava, naquele momento, que fosse desejável. A Sociologia, na esteira de uma abstenção da discussão sobre finalidades, segue Verón, nasce atrelada ao positivismo enquanto resposta ideológica das classes dominantes ao marxismo, motivo pelo qual não tem condições de discutir a finalidade do sistema capitalista que a engendrou. Verón elenca, então, uma parte célebre do argumento de Germani, o de que a sociologia no Pós-Guerra se orientava pelos critérios de universalidade de conceitos, problemas e terminologia; universalização da pesquisa e suas técnicas; diferenciação interna e especialização; formação de quadros de nível superior; e crescente grau de aplicações práticas. Essa composição, argumenta Verón, indica que ela esteve, durante esse período, dedicada à ideia de controlar racionalmente a mudança. O problema aparece quando não se equaciona, na defesa desse desenvolvimento racional, nenhuma outra tensão, como o imperialismo e a crise do paradigma liberal. O liberalismo formalista, alega ele, é correlato do cientificismo e é o que garante, nessa relação fiduciária, o alto valor de mercado da sociologia científica: ela se vende enquanto um instrumento para resolver os problemas sociais com o mesmo entusiasmo com o qual abstem-se de pensá-los. Pode-se ter em vista, comparativamente, um dos elementos de continuidade entre essa crítica e aquela, do começo do século XX, elaborada pelos críticos da confiança científica das décadas anteriores (Cané, Groussac, Korn) segundo a qual, "inapta para realiza-lo, a ciência passa a ser acusada de trabalhar contra o próprio progresso" (RASMUSSEN, 1996, p. 96)[739].

A polêmica contra o alegado cientificismo do projeto de Germani, nos termos de Verón, pode ser condensada no fato de que ele "não contém nenhum rastro das condições sob as quais foi produzido" (VERÓN, 1974, p. 50)[740]. Para esse cientificismo, ainda, a diferença entre ciência e ideologia seria absoluta, ou seja, só haveria, entre os dois termos, uma relação de exterioridade, "o que nenhum cientificismo pode reconhecer é o caráter estrutural que a

[739] "Inapte à le réaliser, la Science était accusée de jouer même contre le progrès" (RASMUSSEN, 1996, p. 96).
[740] "no contiene ningún rastro de las condiciones en que ha sido producido" (1974, p. 50).

ideologia tem em toda prática social" (idem, p. 51)[741]. A grande oposição do cientificismo, pois, se daria entre fatos e valores (típica do setor liberal-burgues quando se organiza institucionalmente), "a profissionalização (...) legitima o poder adquirido ao mesmo tempo em que justifica a marginalização de todo compromisso político" (ibidem, p. 54)[742]. Diante dessas críticas, segue Verón, a defesa dos cientificistas é ainda mais reveladora: ao afirmarem que seus adversários, ao criticarem o cientificismo, criticam a própria ciência, deixam antever o lado autoritário de sua proposta, na medida em que esse raciocínio restringe todo tipo de compromisso do sociólogo à sua dedicação à sociologia aplicada. Por esse caminho, o cientificismo acadêmico se converte em cientificismo tecnocrata, e seria o modo encontrado, inclusive, de garantir a sobrevivência financeira da disciplina, dada a necessidade de grandes inversões para a pesquisa. Assim, arremata o semiólogo, dizer que não se está a serviço de nenhuma sociologia é dizer exatamente o mesmo que pode estar a serviço de todas. Até a ideia de eficiência, tão cara ao cientificismo, é uma escolha politicamente normativa.

Nesse momento da análise, contudo, é preciso adicionar que, para Verón, o anti-cientificismo tende a ser tão arbitrário quanto o que pretende criticar. Tanto na esquerda quanto na direita, afirma, não se soube diferenciar cientificismo de ciência, o que acabou redundando numa "negação da identidade social-profissional desde a qual se realiza a crítica" (1974, p. 20)[743]. O *leit motiv* dessa crítica negacionista era, para Verón, o anti-imperialismo, para o qual todo sistema universitário está corrompido e, sendo assim, "compartilha com o cientificismo o mito da autonomia dos dados em relação à teoria" (VERÓN, 1974, p. 72)[744]. Verón se refere, como veremos, à emergência da crítica nacionalista que opera uma dissolução da ciência na política, principalmente a partir de nomes como Roberto Carri e sua controversa auto-disciplina nacionalista do pensamento[745]. A proposta de Verón é, enfim, manter a distinção entre as duas esferas – a política e a científica – e garantir um espaço para que se pense de que forma o social

[741] "lo que ningún cientificismo puede reconocer es el caráter estructural que la ideologia tiene en toda práctica social" (idem, p. 51).
[742] "la profesionalización (...) legitima el poder adquirido a la vez que justifica la marginación de todo compromisso político" (ibidem, p. 54).
[743] "negación de la identidad social-profesional desde la cual se realiza la crítica" (1974, p. 20).
[744] "comparten com el cientificismo el mito de la autonomia de los datos con respecto a la teoria" (1967, p. 72).
[745] Referindo-se a esse aspecto da obra de Carri, Laxargueborde pontua que "dependência é aqui a" pátria mãe "do seu olhar. A compreensão de seu peso na vida política latino-americana incorporará a tarefa fundamental de uma sociologia longe dos preceitos norte-americanos e enraizada na própria prática, na herança atuante, na luta, na cognitividade paralela da história nacional e na práxis política libertadora como pilares na formação das consciências nacionais para a rebelião" (2007, p. 04) ["la dependencia es aquí la "madre patria" de su mirada. La comprensión de su peso en la vida política latinoamericana encarnará la tarea fundamental de una sociología alejada de los preceptos norteamericanos y arraigada a la practica misma, al patrimonio actuante, a la lucha, en la paralela cognitividad de la historia nacional y la praxis política liberadora como pilares en la formación de conciencias nacionales para la rebelión" (2007, p.04)].

incide no discurso. As discussões sobre verificação, afinal, guardam relação com o discurso em si e não com suas condições de produção, que são sempre ideológicas. Suprimir a diferença entre as duas esferas é, alerta, confundir ciência com cientificismo, e não se pode renunciar ao primeiro dos termos se se quer combater o segundo.

A ponderação final de Verón, contudo, não foi capaz de refrear a desconfiança que a disciplina passou a sofrer nos mais distintos âmbitos já a partir de 1962. Essas ressalvas conectavam-se, na maior parte das vezes, ao caráter anti-emancipatório que elas pareciam assumir ao aproximarem-se, metodológica e politicamente, dos Estados Unidos. Nos termos de Pollack, essa aproximação se vincula com a estratégia americana de controle de suas áreas de influência durante a guerra fria:

> A institucionalização das ciências sociais desempenha um papel de primeira ordem nessa estratégia: elas, sozinhas, podem substituir as tradições "ideológicas" dos europeus e suas abordagens globalizantes pelas abordagens empiristas racionais e, com isso, reforçar a propensão ao pragmatismo e à exploração das possibilidades de compromisso entre forças sociais opostas – o que, a longo prazo, contribuía para aproximar o "ideal" americano dos sistemas políticos europeus, julgados autoritários e muito hierarquizados (POLLACK, 2018, p. 122).

Um episódio em específico, acontecido no Chile, em 1964, ajuda a visualizar essas tensões. Trata-se do escândalo que ficou conhecido como "Projeto Camelot". Nessa ocasião, o professor Johan Galtung denunciou, aos jornais chilenos, que havia iniciativas, por parte do governo dos Estados Unidos, de cooptar sociólogos latino-americanos para fornecer dados para o Departamento de Defesa americano. A repercussão foi tão grande que motivou, inclusive, uma querela diplomática que forçou o embaixador americano em Santiago do Chile a anunciar formalmente o cancelamento do projeto (SELSER, 1967; HOROWITZ, 1993), apesar de que a conexão de universidades como a de Michigan e o MIT com o governo americano, por exemplo, fosse um dado desde muito conhecido. A rigor, o Projeto Camelot realmente poderia ser inscrito no rol das iniciativas do governo americano para aprimorar sua zona de influência continental. Conforme consta no próprio documento de assinatura do empreendimento

> O projeto Camelot é um estudo cujo objetivo é determinar a possibilidade de elaborar um modelo geral de sistemas sociais que permita prever aspectos politicamente significativos da mudança social nos países em desenvolvimento e influenciá-los (apud SELSER, 1967, p. 62)[746].

[746] "El projeto Camelot es un estúdio de tiene por objetivo determinar la posibilidad de elaborar un modelo general de sistemas sociales que permita predecir aspectos politicamente significativos del cambio social en los países en vías de desarrollo, e influir sobre ellos" (SELSER, 1967, p. 62).

A ideia era que, num período de 3 a 4 anos, a iniciativa contasse com inversões de 1.500.000 dólares ao ano, que sairíam dos cofres do Departamento de Defesa e ajudariam os EUA a elaborar planos mais sofisticados de intervenção continental.

Imediatamente após a denúncia, uma carta dos professores chilenos foi veiculada pela imprensa, na qual denunciam a falta de ética de não se mencionar, nas pesquisas, a fonte de financiamento: "não é possível falar, nesse caso, de ingenuidade e boa fé mas de deliberada vontade de enganar" (apud SELSER, 1967, p. 77)[747], os objetivos são claramente políticos e isso "danou gravemente a reputação da sociologia científica em nosso país" (idem, p. 77)[748], a opinião pública está, com razão, desconfiada e "todos os esforços de uma década são assim invalidados pela irresponsabilidade de alguns. As consequências de tudo isso caíram, claro, não sob os culpados, mas sobre os sociólogos chilenos de modo geral" (ibidem, p. 78)[749]. Poucos meses depois, vários sociólogos da UBA assinam e divulgam documento análogo. Constam nomes como Dario Canton (CSC), Jorge Graciarena (UBA) Francisco Korn (UBA) Silvia Sigal (UBA) e Eliseo Verón (UBA). No documento é possível encontrar o alerta de que esse tipo de projeto ameaçava deitar por terra um longo e tortuoso esforço de institucionalização, bem como os princípios da moral profissional e a autonomia de

> uma tradição científica séria, rigorosa e profissionalmente responsável, que inclui uma ampla e rica colaboração em nível internacional, e abre sérias dúvidas sobre a objetividade e o valor científico de tal cooperação. Para uma consciência profissional clara, o projeto Camelot não admite hesitação: os propósitos políticos são declarados explicitamente e sem ambigüidade (SELSER, 1967, p. 84)[750].

A repercussão do escândalo chileno foi mundial. Em compilação de Horowitz (um dos professores extrangeiros convidados por Germani para dar aulas na UBA), uma série de analistas, a maior parte sociólogos, se pronunciou sobre o acontecimento. O episódio de Camelot, bem como a repercussão que causou na comunidade internacional, trouxe a tona, mais uma vez, o debate acerca das relações entre ciência e política. Se lembramos, por exemplo, dos discursos de Polanyi no *Congress of Cultural Freedom*, apenas uma década antes do caso Camelot, podemos dimensionar a envergadura da desconfiança que o episódio engendrou no

---

[747] "no es posible hablar en ese caso de ingenuidade y buena fé sino de deliberada voluntad de enganar" (SELSER, 1967, p. 77).

[748] "ha danado gravemente la reputación de la sociologia científica em nuestro país" (1967, p. 77)

[749] "todos los esfuerzos de uma década caen así derrotados por la irresponsabilidad de algunos. Las consecuencia de todo esto no caerán, por supuesto, sobre los culpables, sino sobre los sociólogos chilenos en general" (1967, p. 78).

[750] "Una tradición científica seria, rigurosa y profesionalmente responsable, que incluya una ampla y rica colaboración a nível internacional, y abre serias dudas acerca de la objetividad y el valor cientifico de dicha cooperación. Para uma consciência professional clara, el proyecto Camelot no admite vacilaciones: los propósitos políticos están enunciados de forma explícita y sin ambiguidades" (idem, p 84).

então auto-fiduciário consórcio entre sociologia científica, democracia e progresso. Os objetivos do documento corroboravam a crítica de seus detratores. Eram eles: delinear estratégias para evitar conflitos internos; identificar ações potencialmente perigosas à segurança nacional e estabelecer planos de ação de acordo com as duas informações anteriores.

Na análise de Horowitz, os participantes do projeto teriam levado em conta alguns aspectos definidores da prática sociológica tal como se desenvolvia nos EUA, a saber, o empenho em criar um campo de atuação fora das implicações paroquiais - e o investimento de larga monta parecia uma ótima oportunidade -; o fato de o projeto não ser ligado a uma universidade oficialmente dava mais liberdade de ação; o pensamento de que o exército era um dano e, então, deveria ser educado apropriadamente; a crença na persuasão; o medo de uma nova revolução: o apego à sociedade planificada e o fato não menos importante de que a identidade científica que haviam forjado levava à ideia de que nenhum deles se via enquanto espião dos Estados Unidos, mas sim como técnicos empenhados na construção de um mundo melhor. Em seus termos, "esperava-se que os cientistas sociais fossem reformadores sociais, tal como se esperava que os militares fossem conservadores" (1967, p. 9)[751].

A crítica dos chilenos ao projeto, é importante destacar, não chega a incidir sobre a metodologia ou qualquer aspecto técnico das análises. É uma crítica, sobretudo, ético-política, que envolvia o difícil equilíbrio entre autonomia científica, de um lado, e segurança nacional, de outro. Isso tudo, vale lembrar, num momento crucial da Guerra Fria, em que os Estados Unidos polarizavam ainda mais suas relações com a URSS e, sobretudo, com Cuba. O episódio parece colocar em cheque o fato de que o método é, em si, neutro, de modo a somar, à desconfiança em relação a política externa americana, à desconfiança em relação ao suposto papel emancipatório da ciência e do cientista.

No documento de apresentação dedicado a pesquisadores interessados em participar do projeto (dezembro de 1964), lemos que "O Exército dos EUA tem uma missão importante nos aspectos positivos e construtivos da construção da nação, bem como uma responsabilidade para ajudar os governos amigos a lidar com problemas de insurgência ativa" (apud HOROWITZ, 1967, p. 48)[752]. A ideia era recolher dados e, em 1965, apresenta-los num seminário que procuraria, basicamente, mensurar o potencial de guerra interna na América Latina e estimar os efeitos de uma reação, base para a elaboração de uma operação de contra-insurgência:

---

[751] "The social scientists were expected to be social reformes, while the military was expected to be conservative" (1967, p. 9).

[752] "The US Army has an importante mission in the positive and constructive aspects of nation building as well as a responsabillity to assist friendly governments in dealing with active insurgency problems" (1967, p. 48).

> O Exército deve, portanto, desenvolver doutrinas baseadas no conhecimento sólido das áreas problemáticas (...) O problema da insurgência é parte integrante do problema maior da emergência dos países em desenvolvimento e sua transição para a modernização (idem, p. 51)[753].

A ideia de que as ciencias sociais poderiam ajudar os governos a criar dispositivos de proteção da ordem e do progresso não poderia ser mais refratária, naqueles primeiros anos sessentas, às novas concepções acerca da função do conhecimento nas tarefas utópicas e emancipatórias. Os influxos da Revolução Cubana (1959), por exemplo, ajudavam a sedimentar a desconfiança em relação à aliança entre sociólogos e governo.

Marshall Sahlins, na compilação de Horowitz, pontuava que, apesar de alguns exageros críticos, a participação de sociólogos em projeto como o *Camelot* era frequente, o que gerava desconfiança em relação a eles, dentro e fora dos Estados Unidos. Embora muitos dos participantes, certamente, possam ter pensado em colaborar com uma tarefa democrática ao lançarem-se numa quixotesca tarefa de espalhar a luz da ciência no exército americano, não se pode escamotear o fato de que, ao compactuar com o projeto, os sociólogos avalizaram a perspectiva, ideológica, segundo a qual as revoluções são, *a priori*, ruins, e devem ser combatidas. No mesmo sentido se encaminha a opinião de Kalman Silvert, ao afirmar que "os sociólogos americanos estavam numa crise ética" (1967, p. 80)[754]. O foco de sua crítica é o efeito destrutivo que tal episódio projetava em outras pesquisas sérias que estavam sendo feitas na América Latina por estudiosos norteamericanos. É importante lembrar que o escândalo ganha proporções publicas ao mesmo tempo em que a opinião internacional passa a vincular a invasão da Republica Dominicana como uma quebra desleal de um dos poucos termos bilaterais da Aliança para o Progresso. Então o projeto passa a ser associado, pela opinião pública, com intervencionismo e imperialismo. O projeto Camelot converte-se, a partir daí, em *Plano* Camelot, tentativa de espionagem, a ponto de que até jornais de direita como *El Mercurio* repercutissem a denuncia em tom crítico. Além disso, sustenta Silvert, a repercussão negativa na imprensa chilena contribuiu para que aqueles que ainda conseguiam separar, em qualquer país latino-americano, o governo americano de outros setores da sociedade americanam se convencessem de que estavam errados, "eles entendem que os acadêmicos americanos se recusam a aceitar as responsabilidades de uma sociedade plural e democrática" (1967, p. 97)[755].

---

[753] . "The Army must, therefore, develop doctrines based on sound knowledge of the problem areas (...) The problem of insurgency is an integral part of the larger problem of the emergence of the developing countries and their transition toward modernization" (idem, p 51).

[754] American social sciences is in a crisis of ethics" (1967, p. 80)

[755] "they understand American scholars as refusing to accept the responsabilites of a plural, democratic society" (1967, p. 97).

A dimensão ética do envolvimento do sociólogo é a questão que se põe na ordem do dia. Nisso conflui, ainda, Robert Boguslaw que, na ocasião, identificou a difícil opção ética entre o uso de recursos estatais por parte da disciplina e a submissão de suas finalidades a esse agente financiador.

> O prestígio das ciências físicas neste país provavelmente encorajou a tendência em direção à engenhoca da ciência social e aos truques metodológicos; a tradição de perecer ou publicar nas universidades provavelmente reforçou a preocupação com o que é publicável nos periódicos corretos; As pressões institucionais desencorajadoras de um exame minucioso do processo social e político fundamental inquestionavelmente deram uma contribuição importante para o glamour do trivial (1967, p. 115)[756].

Para Herbert Blumer, o mais grave desse impasse ético era a percepção de que, na ocasião, muitos sociólogos interpretaram como injustificado o tamanho do escândalo, "a resposta dos cientistas sociais a Camelot tem sido, em geral, surpreendentemente indiferente" (1967, p. 153)[757]. Tal atitude, um pouco cínica e um pouco *naïve*, não ajudava a proteger a integridade da sociologia enquanto disciplina científica. A liberdade científica, pontua Blumer, só deve ser limitada por aquilo que o cientista não consegue investigar, a liberdade de crítica deve ser total já que, sem essa ampla liberdade, o sociólogo se torna um técnico. Esse parecia ser o preço, afinal, de ceder a discussão de finalidades para o Departamento de Defesa dos Estados Unidos: a hipótese da pesquisa poderia ter sido, não fosse a cessão da discussão de finalidades, como fomentar as agitações. A escolha pre-configura o recorte da análise, portanto, e isso é anti-científico na medida em que molda a pesquisa por um *framework* estranho a ela. Camelot mostra, ainda, como os anseios das populações-objeto da análise podem não ter nenhuma relação com o estudo e, diferentemente da física e da biologia, no caso das ciências sociais é fundamental que as pessoas, que são os dados, cooperem.

Há, contudo, opiniões discordantes, que reiteram o paradigma da década anterior, aquele encampado, por exemplo, por Polanyi e pelos outros participantes do Congress of *Cultural Freedom*. É o caso de Dante Fascell, que define em termos mais brandos o episódio: "espera-se produzir informações básicas que forneçam algumas diretrizes com relação a ações que possam ser tomadas por ou com os governos nacionais para promover mudanças construtivas

---

[756] "the prestigie of physical sciences in this country has probably encouraged the trend toward social Science gadgetry and methodological gimmickry; the perish or publish tradition in universities has probably enforced an ecxessive concern with what is publishable in the correct journals; institutional pressures discouraging close examination of fundamental social and political process have unquestionably made an importante contribution to the glamorization of trivial" (1967, p. 115).

[757] "the response of social scientists to Camelot has been, in the main, surprisingly nonchalant" (1967, p. 153).

dentro de uma estrutura de ordem e estabilidade relativas" (1967, p. 185)[758]. Reitera, nesse sentido, que a colaboração entre aparato militar e ciência do comportamento segue sendo válida, na medida em que não se poderia esquecer o modo pelo qual os comunistas costumam "aproveitar-se" da instabilidade dos países em modernização, aspecto que justifica, a seu ver, o programa de espionagem

> Para fazer o seu trabalho em ajudar as nações que se defendem contra a subversão comunista, os militares dos EUA - e as pessoas que estão sendo adicionadas - devem entender as motivações do inimigo, seus pontos fracos e seus pontos fortes. A pesquisa em ciências comportamentais ajuda a fornecer essas informações básicas. Constitui uma das ferramentas vitais no arsenal das sociedades livres (1967, p. 188)[759].

Finalmente, vale acompanhar a crítica de Nisbet, um dos formuladores mais célebres, junto com Mills e possivelmente, Sorokim, da crítica à tradição sociológica americana. A escolha de seus termos é reveladora: *Camelot* seria o pior projeto já feito, o pior executado, o pior pensado. Os frutos vieram, apesar disso, precisamente de sua dissolução, a crise ética.

> Até hoje, há cientistas sociais latino-americanos chilenos e outros que acreditam na responsabilidade das organizações profissionais acadêmicas americanas de apresentarem desculpas de alguma forma, até mesmo para registrar a censura pela conduta dos americanos. Mas quem conhece a relutância das profissões americanas, médicas, legais ou acadêmicas, em expressar censura de sua própria espécie sabe que o chileno vai esperar muito tempo (1967, p. 318)[760].

Para Nisbet, aderir à falácia de que um cientista não pode recusar uma missão ou pronunciar-se eticamente é ignorar o andamento da comunidade científica atual, onde o cientista é inclusive chamado a opinar. Há, ainda, para ele, um problema de ordem teórica: cobra-se um comportamento das ciências sociais que só pode ser exigido das ciências naturais, a saber, a obsessão tecnocrata de descobrir leis do comportamento humano. A crítica de Nisbet é consonante com aquela que formulavam outros nomes do campo sociológico americano, como Mills e Sorokin. Este último, inclusive, desde 1941, alertava para o estágio crítico que a adesão irrefletida ao cientificismo poderia levar. Em *The crisis of our age*, o russo radicado em Harvard desde 1923 anunciava em tom apoteótico que "a noite do período transitório começa

---

[758] "it´s expected to produce basic information which would furnish some guidelines with respect to actions that might be taken by or with the indigenour governments to foster constructive change within a framework of relative order and stability" (1967, p. 185).

[759] "to do their job in assisting the nations defending themselves aganst Communist subversion, U.S. military personnel – and the people who are being added – must understand the motivations of the enemy, its weak points and its strenghts. Behavorial sciences research help to provide this basic information. It constitutes one of the vital tools in the arsenal of the free societies" (1967, p. 188).

[760] "to this day, there are chilean and other latin american social scientists who believe it the responsability of American academic professional organizations to render apology in some form, even to register censure for the conduct of the Americans. But anyone who knows the reluctance os American professions, medical, legal, or academic, to voice censure of their own kind knows that the chilean will wait a long time" (1967, p 318).

a surgir diante de nós, com seus pesadelos, sombras assustadoras e os horrores do coração partido" (SOROKIM, 1941, p. 13)[761]. Sorokim colocava-se contra o otimismo pacificador do pós guerra, destacando o caráter arbitrário da crença no *bigger and better* que permeava a sociedade americana dos anos 1940. Para ele, era preciso aceitar a crise como um paradigma mais realista, na medida em que ela, além de extraordinária, afetava diversas dimensões para além da economia, posto que as dimensões estão todas articuladas. Todavia, contrário a Spengler, Sorokim não estava interessado em afirmar a inevitabilidade da crise, mas sim em escalona-la: para ele o que se desintegra é um padrão, uma forma cultural que, como todas, tem um limite de possibilidades criativas. Trata-se de reabilitar novas forças criativas. Diagnóstico parecido, vale lembrar, com o enfrentamento de Mills, reduzindo Parsons a meia dúzia de sentenças e clamando pela volta da imaginação sociológica.

Neste momento da análise, já estamos em condições de perceber que a crítica à sociologia científica de Gino Germani não se desenvolve num vazio de tensões sociais e implicações extra-nacionais: ela repercute, a seu modo, um *aggiornamento* na republica mundial do pensamento sociológico. Se os Estados Unidos haviam se projetado como grande paradigma após a queda do modelo alemão, no começo dos anos 1940, nesse momento passam a ser questionados por um novo modo de pensar o conhecimento, um modo prioritariamente ético, que se forja a partir da ideia de compromisso: a responsabilização intelectual que explodirá em maio de 1968, pois, começa a ser gestada já na crítica da ideia de que a ciência neutra poderia ajudar a sedimentar um mundo melhor. Ela não leva em conta, dirão seus detratores, a impossibilidade da neutralidade em um mundo dividido. É essa impossibilidade que levará Sartre, por exemplo, a ter sua *mea culpa* de intelectual burguês tão amplamente celebrada, dentro e fora da França. Conforme Brillant, analisando a culminação dessa tendência no maio de 1968 francês a partir da cena editorial,

> Este grande retorno do homem diante da civilização tecnocrática é acompanhado pela celebração do lirismo e do romantismo revolucionário que, (...), marcaram seu selo na primavera de 1968. Este retorno do movimento, a poesia, a celebração e a poesia diante das "tecnocracias", das "estruturas" e das "tecnoestruturas" soam como a vitória do humanismo sobre o estruturalismo arrogante dos anos anteriores (2003, p. 464)[762].

[761] "the night of the transitory period begins to loom before us, with its nightmares, frightening shadows and the heartrending horrors" (1941, p. 13).

[762] "ce grand retour de l´Homme face à la civilisation technocratique s´accompagne de la célébration du lyrisme et du romantisme révolutionnaire qui, aux yeux de certains collaborateurs de la revue, ont marque de leur sceau ce printemps 1968. Ce retour en force du mouvement, de l avie, de la fête et de la poésie face a la 'technocracie', aux 'structures' et aux 'technostructures' sonne ainsi comme la victoire de l´humanisme sur le structuralisme arrogant des années précédents" (2003, p. 464)

A crírica da técnica alçada em maio de 1968 está ligada à crítica de uma disposição supostamente tecnocrata da sociologia. Embora não fosse a única das apostas possíveis no campo da sociologia, a orientação empírica havia viabilizado a estabilidade disciplinar. Nos termos de Shils (1980), tal tendência reverberava politicamente na medida em que "essencial para isso tudo é a crença de que combinações judiciosas de intenções de organização e conhecimento científico, incluindo o conhecimento adquirido pelo estudo sociológico, são a parte certa para a redenção terrena" (1980, p. 14)[763]. A preocupação dessa orientação teórica com o passado seria, pois, imediata: interessa conhecer o que aconteceu, não porque aconteceu. Nesse sentido, a sociologia de orientação científica se emancipa do monopólio narrativo da história e da filosofia, e torna-se apta a criar e provar sua própria causalidade. É essa contemporização do passado histórico, pois, em nome de uma orientação programática com vistas a um futuro ordenado, que constitui o objeto prioritário da crítica teórica daqueles que, na década de 1960, reivindicam as explicações ontológicas e de cariz nacionalista. [764]

É importante ter em vista que embora sociologia científica argentina aparecesse, nas críticas de estudantes e da opinião pública, vinculada a tradição americana que então se questionava, também as referências ao estruturalismo francês a vinculavam com uma tendência mundial de diálogo das ciências sociais, notadamente da antropologia, com alguns aspectos das ciências naturais, motivo pelo qual, embora não seja o objeto central desta investigação, pode-se reafirmar o escopo mundial dessa mudança. Desse modo, embora a aproximação da sociologia científica de Germani com o paradigma americano não fosse uma especificidade naquele contexto e, menos ainda, uma transposição teórica da tradição funcionalista, concepção largamente injusta com a riqueza das teses do ítalo-argentino, a confluência entre ambos os projetos no plano da organização institucional faz com que não se possa deixar de considerar que tudo se passava como se a própria matriz do projeto de Germani desmoronasse. Se não funcionava nem nos Estados Unidos, afinal, porque haveria de funcionar na filial periférica? Desse modo, entender a decadência da confiança científica nos Estados Unidos é apostar, mais uma vez, no impacto da circulação do repertório crítico nos campos nacionais[765].

---

[763] "essential to this all is the belief that judicious combinations of organization belevolent intentions, and scientific knowledge, including the knowledge gained by sociological study, is the right part to earthly redemption" (1980, p. 14).

[764] A sociologia cientifica e o nacionalismo não são antônimos ou refratários em si mesmos. Um governo orientado para pautas internacionalistas e universais, baseado no consenso, como nos EUA, pode fazer com que os sociólogos sejam mesmo, além de incorporados, as chaves mestras desse discurso. Mas, num regime autoritário naiconalista, a universalidade que embasa a proposta da sociologia científica perde espaço. Assim, se tratam de formas específicas de governo e, consequentemente, da dinâmica já pontuada por Elias entre cientificização da política e politização da ciência.

[765] A análise de Morin, conforme bibiografia, indica caminhos para a análise dos efeitos da crítica à ciência no contexto das ciências sociais europeias, especialmente na França, ao longo dos anos 1960. Ou, ainda, M. S.

Esse processo de descrédito e desconfiança remete ainda, para Haney, à algumas tensões anteriores. Em 1948, a eleição inesperada de Harry Truman a despeito das previsões dos sociólogos havia sido, pontua o autor, traumática. “Essa crise de relações públicas ameaçou lançar nova e potencialmente mais difundida dúvida sobre a integridade científica da sociologia” (2008, p. 172)[766]. Já nesse contexto, lembra o autor, o apego empirista da tradição americana era associado a uma província de técnicos ambiciosos e contraditórios, na medida em que defendiam a democracia enquanto prestavam serviço para a dominação das massas,

> A apropriação da ciência social para fins comerciais ofereceu a ilusão de um progresso aparentemente ilimitado na busca por técnicas mais eficazes de relações públicas, propaganda e administração; e seu verniz científico, fortalecido com conceitos como "física social" e o estudo matemático da atividade humana, ameaçava erodir qualquer perspectiva crítica sobre sua real aplicabilidade (2008, p. 175)[767].

O mesmo Horowitz, amigo e colega de Germani que organizara a coletânea sobre *Camelot*, faria diagnóstico análogo em *The decomposition of sociology*. Para ele, a disciplina “tornou-se tão enredada na política da defesa e da ideologia da justiça própria que simplesmente não tem consciência, e muito menos é capaz de responder, as novas condições nos ambientes científicos e sociais em que se encontra” (1993, p. 5)[768]. A sociedade não melhorou conforme se aprimoraram seus dispositivos de controle racional e a sociologia, grande divulgadora dessa confiança, foi responsabilizada, de modo tal que tanto a ideia de cultura democrática quanto a de universalidade científica tornaram-se suspeitas. De fato, argumenta Horowitz, a acusação não tinha poucos elementos a seu dispôr, pois a disciplina efetivamente se tornara um reduto de técnicos em políticas públicas, demografia e criminologia. As inflexões internas da disciplina, contudo, não bastariam para explicar seu descrédito. Assim, tal como em Haney, a alegação é de que a politização do universo simbólico foi o fator determinante, principalmente a partir dos anos 1960, quando os recortes identitários promoveram o que o autor chamou de balcanização da disciplina: “Houve uma subversão da sociologia como análise em favor da ideologia; mas

---

Benyahi in 1971, quoted in Fanny Colonna, “Une fonction coloniale de l’ethnographie dans l’Algérie de l’entre deux-guerres: La programmation des élites moyennes,” *Libyca* 20 (1972): 259–67. George Steinmetz, sobre o mesmo recorte, analisa as aproximações entre as ciências sociais francesas e o colonialismo em https://www.journals.uchicago.edu/doi/full/10.1086/692991

[766] “This public relation crisis threatened to cast new and potentially more widespread doubt upon sociology´s scientific integrity” (1993, p. 172)

[767] “the appropriation of social Science for business purposes offered the illusion of seemingly limitless progress in the quest for more effective public relations, advertising, and management techniques; and its scientific veneer, fortified with such concepts as ‘social physics’ and the mathematical study of human activity, threatened to erode any critical perspective on its real applicability” (1993, p. 175).

[768] “has become so enmeshed in the politics of advocacy and the ideology of self-righteousness that it is simply unaware of, much less able to respond to, new conditions in the scientific as well as social environments in which it finds itself” (1993, p. 5).

pior, uma subversão da identificação da sociologia com a democracia em favor de uma identificação da moda com modelos destrutivos e irracionais de mudança" (1993, p. 21)[769].

Horowitz cita, por exemplo, Michael Hill – "ideologia primeiro, axiologia em seguida, epistemologia por ultimo" -, como exemplo de uma postura intelectual na qual a marcha da análise histórica e da celebração do marxismo iriam em direção ao irracional

> com o colapso dos modelos objetivos fornecidos pela União Soviética, China, Europa Oriental e Cuba, os subjetivistas e marxistas estavam ligados em uma desconfortável aliança em conselhos editoriais de revistas, em grupos de interesse e em cinismo compartilhado sobre um presente. mundo que eles detestavam e um mundo futuro que azedou " (HOROWITZ, 1993, p. 48)[770].

A dicotomia entre cultura científica e cultura clássica, na síntese do autor, acabou se consolidando de um modo perigoso, como se fosse necessário cultivar a exatidão científica para a economia e, na mesma medida, a inexatidão para assuntos de política. Esse caminho ao irracionalismo aberto pelas demandas de análise ontológica teria ganho tonalidade ainda mais dramática no terceiro mundo:

> Em sua rica variedade, as ciências sociais oferecem uma linguagem comum de discurso, lógica e método. Eles fornecem um farol de luz racional em um mundo ainda amplamente coberto por escuridão ideológica. Mas a conversão de uma série especializada de disciplinas em uma cultura compartilhada, uma terceira cultura, é uma tarefa difícil e difícil. Alcançar um resultado positivo exigirá uma luta de dois gumes: contra os bárbaros políticos no portão e contra os selvagens profissionais que já entraram. O preço do sucesso não será barato, mas o custo do fracasso - para a sociedade em geral, não menos do que para as ciências sociais como tal - torna o esforço uma necessidade absoluta (HOROWITZ, 1993, p. 252)[771].

As narrativas de Haney, Horowitz, Cambiasso, Morin entre outros, contribuem para elucidar o crescimento de uma ansiedade geral em relação à ciência que, formulada no Pós-Guerra, ganha impulso com a Guerra Fria. Nesse contexto vem à tona, por exemplo, a colaboração da psicologia social nas tecnologias militares emprehadas pelos EUA na Segunda Guerra. Nessa esteira, o comportamentalismo de Skinner e sua utopia de controlar o

---

[769] "There was a subversion of sociology as analysis in favor of ideology; but worse, a subversion of sociology´s identification with democracy in favor of a fashionable identification with destructive, irrational models of change" (1993, p. 21).

[770] "with a colapse of the objective models provided by the soviet union, china, eastern Europe, and Cuba, subjectivists and marxists were linked in an unconfortable alliance on editorial boards of journals, in interest-group cáucuses, and in shared cynicism about a presente world they detested and a future world turned sour" (HOROWITZ, 1993, p. 48).

[771] "In their rich variety, the social sciences offer a common language of discourse, logic, and method. They provide a beacon of rational light in a world still largely blanketed by ideological darkness. But the conversion of a specialized series of disciplines into a shared culture, a third culture, is a tough, trying task. To achieve a positive outcome will require a double edged struggle: against the political barbarians at the gate and against the professional savages who have already gotten inside. The price of success will no be cheap, but the cost of failure – to society at large no less than to the social sciences as such – makes the effort an absolute necessity" (HOROWITZ, 1993, p. 252).

comportamento humano viram matéria de denuncia, acusa-se o biologismo de pactuar com uma distopia que sacrifica a nobreza humana de modo geral, como se o "cientista" advogasse estar trabalhando para o aumento do coeficiente de felicidade sem que o suposto beneficiado tenha sido consultado sobre o que entende por tal sentimento. A disciplina começa a ser associada, assim, a um totalitarismo ilustrado, mediante o qual são reabilitadas as discussões que retomam o medo romântico do XIX de que a ciência pudesse destruir a criatividade e, assim, a inteligência.

Se por um lado, pois, as novas referências emancipatórias do campo da esquerda desconfiavam da sociologia por associa-la aos interesses tirânicos do liberalismo, os conservadores, por outro lado, enxergavam na disciplina a abolição do indivíduo, ponto de vista condensado na crítica de Friedrich von Hayek. Acusações de que a sociologia era coletivista, insturmentalista e materialista, a crítica vinda da direita política era ainda mais contundente que as ressalvas da *new left*:

> os últimos simplesmente se opuseram à apropriação indevida da perícia na ciência social, enquanto os conservadores atacaram a própria validade das reivindicações de tal expertise e os fundamentos filosóficos da ciência social, afirmando que suas tentativas de encontrar regularidades sociológicas no comportamento e nas relações humanas ameaçavam derrubar as leis naturais das quais a sociedade civil depende para o equilíbrio entre liberdade e ordem (idem, p. 187)[772]

Sinteticamente, a versatilidade das críticas, tal como o demonstram os intérpretes do processo americano, ajuda a matizar a ideia orientadora deste trabalho, a saber, a de que não se defendem, nem se atacam, exclusivamente teses mas sempre, em paralelo, um mundo onde tais teses estejam em casa. No caso argentino, essa crítica holística, lastreada por uma ampla campanha de anti imperialismo intelectual, será a pedra de toque da perda de prestígio acadêmico da sociologia científica. Não é demais lembrar, neste momento, das frequentes viagens de Germani aos EUA e do inegável aporte financeito que provinha de fundações como a Ford e a Rockfeller. Diante do acirramento da animosidade frente ao imperialismo americano que então circulava por todo o continente, não é difícil imaginar que os ataques à sociologia seriam, além de sumários, polissêmicos.

Figura paradigmática da crítica à universidade nos moldes da reforma de 1955, Juan Arregui, em *La formación da la conciencia Nacional*, sintetiza essa atmosfera. Coincidindo em muitos pontos com o seu "Imperialismo y Cultura", publicado em 1957, no qual Arregui acusa

[772] "The latter simply objected to the misappropriation of social Science expertise, whereas conservatives attacked the very validity of the claims to such expertise and the philosophical foundations of social Science, asserting that its attempts to find sociological regularities in human behavoir and relations threatened to overthrow the natural laws upon which civil society dependend for a balance of both freedom and order" (idem, p. 187)

a ‘literatura de elite’ de ser servil à “Argentina Feudal” (1957, p. 134), o autor leva a cabo uma revisão comprometida da universidade nos anos seguintes ao peronismo que, para ele, era a representação institucional da predominância dessa cultura elitista. Nos termos de Neiburg, a retórica violenta de Arregui obedece ao seguinte procedimento: “cada autor é situado de acordo com a lógica de um sistema classificatório que coloca, de um lado, o estrangeiro, o oligárquico e o retrógrado, e, de outro, o nacional, o popular e o progressista” (1997, p. 57). Em sua narrativa, a composição de classe do estudantado argentino o levara a seu comprometimento com a coalizão anti-revolucionária que derrubou Perón, coalizão que se aproveitou, eventualmente, de sua posição prestiogosa frente a alunos que, em diversas ocasiões, “mostraram seu estusiasmo pelas frases largas” (1973, p. 463). Os professores exaltavam os valores do espírito enquanto o povo morria de fome, e os estudantes teriam acreditado, por um tempo, nessa farsa colonizadora. 1957 inaugura, para Arregui, um período anárquico, “a queda de Perón converteu a volta da oligarquia ao poder – fato desejado pela igreha – na expulsão dos professores católicos e em sua substituição pela esquerda liberal” (idem, p. 465)[773]. A universidade pós 1955, pois, orientava o ensino para a classe dominante, aspecto que, aos poucos, fora se revelando ao movimento estudantil que, finalmente, caíra em si, percebendo que havia sido enganado. Nesse momento os estudantes voltam a se aproximar da classe operária que haviam renegado, se afastando dos “amigos de Von Mises”, da “inteligência separada do Povo, do isolamento que desemboca na ‘inteligência sem bandeira” (ibidem, p. 472)[774]. Uma expressa rede de mentiras, sustenta Arregui, ocultara o fato de que as demandas do Movimento da Reforma Universitária de 1918 foram lografdas na época de Perón, sem que para isso tenha havido, do seu ponto de vista, cerceamento de opinião. Tratou-se, diz, de uma universidade verdadeiramente democrática, destruída pelo projeto de Romero e Germani. No texto *Alrededor de la cuestión universitária*, - que conta com a epígrafe de Perón “não são gente má, leram muito rápido e acreditam ingenuamente que as revoluções vêm prontas nos livros como os ternos das confecções” (ARREGUI, 1973, p. 512)[775] -, Arregui se propõe a analisar documentação do movimento estudantil, principalmente da FUBA, a partir da qual ele percebe essa mudança de atitude dos alunos. Em 1970, em carta dirigida ao próprio Arregui, lê-se: “estamos rompendo com a alienação colonial que cimentava o divórcio com os trabalhadores e

[773] “la caída de Perón convertió la vuelta de la oligarquia al poder – hecho deseado por la iglesia – en la expulsión de los profesores católicos y su substituición por la izquierda liberal” (1973, p. 465).
[774] “la inteligência aislada del Pueblo, de esse aislamento sale na ‘inteligentzia sin bandera” (idem, p. 472).
[775] “(...) no son mala gente, han leído demasiado rápido y creen ingenuamente que las revoluciones vienen hechas en los libros como los trajes de confección” (ibidem, p. 512)

o movimento popular" (idem, p. 512)[776]. 1955 aparece, então, como só mais uma ocorrência do velho truque de atrasar o relógio da história.

> Nesta época a ciência se veste de um purismo universal que tenta distraí-la da realidade concreta de um povo subjugado, de uma nação avassalada. É o império da racionalidade burguesa como necessidade das classes dominantes de basear sua existência e justificar por uma teoria científica a política neocolonial. O cientificismo na universidade correspondia ao desenvolvimentismo frigerista do país (ARREGUI, 1973, p. 513)[777].

Consta também, dentre os documentos compilados por Arregui, a ata da "Mesa Nacional Provisória del Peronismo Universitário", firmada em Rosário. Nessa ocasião, o período que vai de 1955 a 1966 é alcunhado "segunda década infame", numa referência à década de 1930. Os trabalhadores, nessa perspectiva, "por não terem acesso à universidade, não estão vinculados à cultura das classes dominantes; por isso, sendo menos informados que os estudantes, eles têm uma maior consciência política" (1973, p. 518)[778]. A crítica é dirigida, sobretudo, às "abstrações sociológicas e a-históricas". Vale a pena observar, no mesmo tom, a declação dos docentes do "Bloque Peronista de Filosofia y Letras", entre os signatários: Roberto Carri, Pedro Krotsch, Eduardo F. Jorge, Fernando Alvarez, Ernesto Villanueva e Horacio Gonzalez. No documento os signatários se posicionam contra: "os moldes de departamentalização sugeridos por técnicos importados, como reflexo da estrutura da universidade norteamericana" (idem, p. 522)[779]. A pretensão de transformar a universidade em órgão de assessoramento de empresas deveria, pois, ser combatida, inclusive porque – em referência ao projeto Camelot - os órgãos de penetração cultural do imperialismo praticarim espionagem sociológica. Corroborando a crítica de Verón de um ponto de vista teoricamente distinto do semiólogo, tratava-se de combater "o cientificismo universitário que levou um dos reitores a proclamar que a universidade não deveria sair da esfera de suas funções específicas, que eram exclusivamente de ensino e pesquisa" (ARREGUI, 1973, p. 523)[780].

---

[776] "estamos rompendo con la alienación colonial en la que se cimentaba el divorcio con los trabajadores y el movimento popular" (ARREGUI, 1973, p. 512).

[777] "En esta época la ciência se viste de un purismo universal que pretende distraerla de la realidad concreta de un pueblo sometido, de una nación avassalada. Es el império de la racionalidad burguesa como necesidad de las clases dominantes para fundamentar su existência y justificar por una teoria científica la política neocolonial. El cientificismo en la universidad se correspondia con el desarrollismo frigerista del país" (idem, p. 513).

[778] "al no tener acceso a la universidad, no están atados a la cultura de las clases dirigentes, de ahí que estando menos informados que los estudiantes, ostentan una conciencia política mayor" (1973, p. 518).

[779] "los moldes de departamentalización sugerido por técnicos importados, como reflejo de la estrutura de la universidad norteamericana" (idem, p. 522),

[780] "El cientificismo universitário que llevó a uno de los rectores proclamar que la universidad no debía salir de la esfera de sus funciones específicas, que eran exclusivamente las de enseñar e investigar" (ibidem, p. 523).

No mesmo tom, lemos na *Declaración de los docentes peronistas de la carrera de sociologia*, firmado pelo mesmo grupo, em 1969, o rechaço pela sociologia "modernizante" a serviço do imperialismo, opondo a ela um outro tipo de compromisso intelectual:

> Sociólogos que colocam em primeiro plano sua conexão prática e real com o movimento nacional, que considera o aprofundamento dos estudos sobre a realidade argentina e a sistematização da experiência coletiva das massas populares: ponto de partida de uma verdadeira atitude científica; não disfarçado de ciência, como costuma ser o conhecimento sociológico de qualquer escola (ARREGUI, 1973, p. 525)[781].

Em 1966, Germani deixa a universidade de Buenos Aires. Após uma série de negociações, dirige-se a Harvard, onde trabalhará até 1975 quando retorna, finalmente, à Itália, local em que trabalhará até sua morte, em 1979[782]. A agudização dos conflitos com os estudantes, o clima persecutório e a pressão governamental são alguns dos elementos presentes em outro acontecimento paradigmático de 1966, a invasão da Universidade de Buenos Aires pela polícia, no episódio de violência que ficou conhecido como *la noche de los bastones largos*[783]. A etapa que começa, então, que teve repercussões funestas no esforço de autonomia dos anos anteriores, pode ser observada já a partir do discusso de posse do reitor que assume a UBA em 1968, Ricardo Devoto, em *Sobre una nueva* un*iversidad.* Nessa ocasião, Devoto assume, em seus termos, com fé em Deus e amor à Pátria, quatro tarefas universitárias, a saber, formação de sábios, investigação, docência superior, criação e preservação da cultura de seu tempo. Por não ter levado isso em conta, diz, a universidade argentina havia se convertido num amontoado de escolas profissionais. Propõe, então, voltar ao conhecimento desinteressado para participar efetivamente da vida nacional. Se lembrarmos da ocasião das intervenções anteriores – 1930, 1946, 1955 – podemos estabelecer uma continuidade formal: as oscilações econômicas e políticas, no caso de 1966 o golpe dado pelo general Onganía, seguiam ameaçando a autonomia universitária e subjugando seu funcionamento administrativo às novas vicissitudes da esfera governamental[784].

No mesmo tom, na inauguração do ano letivo de 1969, na Faculdade de Direito e Ciências Sociais, Devoto é taxativo: a universidade deve assumir a responsabilidade pelo

---

[781] "Sociólogos que ponen en primer plano su vinculación practica y real con el movimento nacional, que consideran la profundización de los estúdios sobre la realidad argentina y sistematización de la experiencia colectiva de las masas populares: el punto de partida de una actitud verdadeiramente científica; no disfrazado de ciência, como habitualmente es el conocimiento sociológico de cualquier escuela" (1973, p. 525).

[782] Os anos finais de Germani, bem como detalhes sobre sua saída da Argentina, estão ricamente documentados na biografia escrita por Ana Germani.

[783] Episódio em que a polícia federal invadiu brutalmente cinco casas de estudos da UBA, buscando desalojar uma ocupação de professores e alunos que se colocavam contrários ao regime militar e à intervenção na instituição.

[784] O estatuto da UBA, firmado por Onganía, em seu artigo 9, proibia qualquer forma de agitação política no recinto da universidade.

homem concreto, argentino, evitando métodos universalistas e "muito menos ainda pode ser tolerado em qualquer universidade argentina uma pregação e uma ação de dissolução da alma ou do corpo da pátria" (DEVOTO, 1968, p. 91)[785]. A autonomia deveria ser assim matizada, e não através de reclamos cooporativos. A sociologia, nesse momento, cede terreno – teórico e institucional – para as leituras do mundo social mais afins à antiga tradição ontológica dos ensaios de interpretação, afinidade que revela, também neste caso, que o projeto da sociologia científica pode ser pensado, sem julgamentos de valor ou mérito acadêmico, como interlúdio, como fissura de uma unidade:

> O departamento de filosofia ocupa, em nossa concepção da universidade moderna, um lugar muito particular: sua função consiste não apenas em fornecer treinamento especializado para aqueles que escolhem essa disciplina, fornecendo conhecimentos básicos para todos os outros alunos e os mais altos correspondentes aos estudos de pós-graduação (como é o caso dos outros departamentos de ciência pura) mas, e especialmente, para fornecer a abordagem filosófica em todos os cursos ministrados na universidade, para o qual deve 'permear' o conteúdo de todos os cursos que são compartilhados DEVOTO, 1969, p. 123)[786].

Neste ponto da análise é preciso considerar que se, por um lado, o peronismo se mostrava ainda uma força atuante naquela conjuntura, suas versões mais a direita puderam encontrar, na crítica ao que chamavam de cientificismo tecnocrata, um campo de concordância com a nova esquerda. Apesar de que discordassem frontalmente quanto ao tipo de projeto político que concebiam, seu anti-imperialismo e seu vitalismo possibilitavam essa heterodoxa aproximação através do inimigo em comum: o cientista pretensamente neutro como uma versão da oligarquia imperialista *a la Sur*. Esses novos grupos, informados pela revisão do marxismo operada, principalmente, por Gramsci e Sartre, também ajudam, a seu modo, a compor a crítica que acabou por fazer naufragar o projeto de Germani.

Para Gouldner (1979), a concomitância um tanto excêntrica entre essas críticas advindas de distintos polos no campo político, pode ser entendida a partir do problema da profissionalização do cientista

> O desenvolvimento da profissionalização entre os sociólogos merece ser combatido porque mina sua capacidade de objetividade, em todos os sentidos importantes do termo. De fato, o aumento da profissionalização supõe a substituição de uma preocupação pelo gênero sério da moralidade, sobre o qual

[785] "!Mucho menos aún puede tolerarse en ninguna universidad argentina una prédica y una acción dissolvente del alma o del cuerpo de la pátria" (DEVOTO, 1968, p. 91).

[786] "El departamento de filosofia ocupa, en nuestra concepción de la moderna universidad, un lugar muy particular: su función consiste no sólo em dar formación especializada para los alunos que elijan esa disciplina, proporcionar los conocimientos básicos para todos los demás estudiantes y los más elevados correspondientes al postgrado (tal como sucede con los otros departamentos de ciências puras) sino y especialmente suministrar el enfoque filosófico em todas las carreras que se cursan em la universidad, debiendo para ello 'impregnar' el contenido de todos los cursos que em ella se compartan" (1969, p. 123).

> - exclusivamente - a objetividade repousa em um código de ética rotineiro e trivial (GOULDNER, 1979, p. 66)[787].

Se a crítica de Verón – desde a universidade – e a crítica de Arregui – desde o campo do peronismo nacionalista -, ajudam a soçobrar a legitimidade pública do projeto da sociologia científica, a atitude cientificista é também criticada, portanto, pela nova esquerda, através da releitura do marxismo supracitada que circula, como pontua Rubinich (2017), inclusive a partir do retorno dos estudantes que foram estudar no exteior graças ao amplo programa de bolsas implantado por Germani (é o caso, além do próprio Verón, de Miguel Murmis). Há, e isso é representativo da dimensão atitudinal da mudança, uma crítica que vem de fora das instâncias singularmente acadêmicas. A opinião pública repercute o crescimento de uma tendência nacionalista fomentada, sustento, tanto pelo regime autoritário de 1966 como, paradoxalmente, por uma nova concepção de prática intelectual pós-revolução cubana para a qual não basta uma obra engajada, é preciso que haja um homem engajado. A sociologia, cujo objeto prioritário, a saber, o mundo social, é necessariamente imersa nas discussões de seu tempo, torna-se o principal objeto dessas críticas ao "intelectualismo" que repercutem na esfera pública.

Anti-intelectualismo, crítica da ciência, nacionalismo: o retorno dessas premissas tão conhecidas do campo cultural argentino através da revisão da tradição marxista foi analisado cuidadosamente por Oscar Terán, argumento que acompanho, neste momento, no intuito de compreender a emergência dessa nova potência crítica. Terán aponta que as figuras dominantes dos *sixties* argentinos são, inicialmente, o intelectual comprometido e, em seguida, o orgânico (dos pares à classe), em referência, precisamente, às duas revisões do marxismo incorporadas nas figuras de Sartre e Gramsci. 1966, para o autor, põe um ponto limite mais que funcional nas relações simbólicas daquele contexto, "a política se tornava a região doadora de sentido às diversas práticas, inclusive, claro, a teórica" (TERÁN, 1991, p. 15)[788]. O existencialismo sartreano, notadamente, encampa essa crítica ao ensimesmamento acadêmico, escolástico e apartado da realidade concreta, tido como estéril e, sobretudo, acovardado frente à demanda dos novos tempos.

Na revista *Cuestiones de Filosofia*, por exemplo, Terán encontra declarações de princípio contundentes tais como a de Masotta:

---

[787] "El desarrollo de la profesionalización entre los sociólogos merece ser combatida porque socava la capacidad del sociólogo para la objectividad, en todos los sentidos importantes del término. En efecto, el aumento de la profesionalización supone la sustitución de una preocupación por el género sério de moral sobre el cual – exclusivamente – reposa la objectividad por un rutinario y trivial código ético" (GOULDNER, 1979, p. 66).

[788] "la política se tornaba la región dadora de sentido de las diversas prácticas, incluída por certo la teórica" (TERÁN, 1991, p. 15).

> Se não somos religiosos, não somos empiristas lógicos, e o que propomos é uma filosofia sempre enraizada na situação humana concreta do homem que filosofa (...) e é precisamente por isso que acusamos o intelectual direitista de má fé, inclusos, claro, Jaspers e os escritores de Sur. Porque eles falam de um homem e uma liberdade absoluta, incondicionada, em uma palavra, ahistórica (apud TERÁN, 1991, p 19)[789].

Para Terán, o anti-imperialismo de Arregui e o humanismo historicista de matriz existencialista comungam numa atitude sui generis a partir da qual

> Se projetaria uma ideologia que, em sua rejeição ao espiritualismo liberal, construiu uma concepção corpórea (com uma oposição análoga ao que Sartre em um artigo difundido chamou de "a salmoura do espírito") e ao mesmo tempo fortemente historicizada, bem como emoldurada - assim como na própria produção de Sartre - em uma visão da política que a torna digna quando, através dela, são geradas situações existenciais que confrontam os indivíduos com os limites de comportamentos altamente moralizados (TERÁN, 1991, p. 21)[790].

A náusea perante o mundo burguês e sua correlata solução, a ética do compromisso, circunscrevem a ampla divulgação da obra de Sartre na Argentina a partir de revistas como a *Contorno* e, em menor medida, a *Pasado y Presente*. Um protótipo dessa simbiose teórica entre peronismo e marxismo que permeava tanto a universidade quanto a esfera privada e, agora, as agremiações políticas, é Roberto Carri, sociólogo que assume o protagonismo do Instituto outrora comandado por Germani[791]. Conforme Recalde

> Para além da declaração de Montoneros do ano de 1973, e desde sua própria origem, havia atores políticos internos ao peronismo que aderiram ao marxismo. É bom ter em mente que, além do nível de influência das opiniões de Pasado y Presente, seriam as Cátedras nacionais, a Izquierda Nacional e anteriormente John William Cooke, os principais articuladores do marxismo e do peronismo (2014, p. 63)[792].

---

[789] "Si no somos religiosos, tampoco somos empiristas lógicos, y lo que proponemos es una filosofia siempre enraizada en la situación humana concreta del hombre que filosofa (...) y es precisamente esta la razón por la que acusamos de mala fé al intelectual de derecha, compreendidos, claro está, Jaspers y los redactores de Sur. Porque ellos hablan de un hombre y una libertad absolutos, incondicionados, en una palabra, ahistoricos" (apud TERÁN, 1991, p. 19).

[790] "Se diseñará una ideologia que en su rechazo del espiritualismo liberal construyó una concepción corporalista (con una oposición analóga hacia lo que Sartre en un difundido artículo había llamado 'la maloliente salmuera del espíritu) y al mismo tiempo fuertemente historicizada, así como encuadrada – al igual que en la propia producción sartreana – en una visión de la política que la torna atendible cuando a través de ellase generan situaciones existenciales que confrontan a los indivíduos con los limites de conductas fuertemente moralizadas" (idem, p. 21)

[791] Sobre esse híbrido, Beatriz Sarlo afirma que "Cruzando-se, mesclando-se e contaminando-se com as versões marxistas, dependentistas e nacionalistas, e na confluência com o peronismo radical, um relato de origem cristã – o milenarismo – produziu uma massa de textos que, num extremo, integrava a teologia da libertação e, em outro, a teoria da luta armada, já que a nova sociedade seria precedida por uma etapa de destruição reparadora" (2007, p. 63).

[792] "Más allá de la declaración de Montoneros del año 1973, y desde su origen mismo, existieron actores políticos internos al Peronismo que adhirieron al marxismo. Es bueno tener en cuenta, que más allá del nivel de influencia de las opiniones de Pasado y Presente, serían las Cátedras Nacionales, la Izquierda nacional y anteriormente John William Cooke, los principales articuladores del marxismo y el Peronismo" (2014, p. 63).

As *Cátedras Nacionales* foram uma experiencia ocorrida entre 1968 e 1972, na esteira da intervenção de Ongania, em 1966, e se referiam a disciplinas "especiais", temáticas, de orientação nacional e popular, mormente dentro do curso de Sociologia. Levadas a cabo pela confluência entre católicos e peronistas (GHILINI e GIL GARCIA, 2008), a proposta era colocar a sociologia a serviço do país, concentrando-se em discussões como liberação social, dependência e terceiro-mundismo. Reivindicando o potencial teórico do saber popular, procuravam opor-se ao imperialismo do universalismo da sociologia de Germani. Conforme Rubinich (idem), trata-se de um momento em que os ensaístas do nacionalismo cultural retornam às bibliografias das ciências sociais, notadamente Jauretche e Arregui, além de Marcuse, Marx e do próprio Perón. Essa mudança marca um contexto de mudança: de nação de classe média, como pontuava Germani, a Argentina passava a ser entendida a partir do conceito de "terceiro mundo":

> O léxico do paradigma terceiro-mundista, dominado por termos como dependência, violência sistêmica e opressão social, se propagou rapidamente entre agrupações católicas, peronistas e marxistas que confluíram no território comum da nova esquerda (MANZANO, 2017, p. 264)[793].

Mais uma vez volta à tona o tema da Argentina oculta, tributário das antigas ponderações do ensaismo, notadamente de Mallea. Questionava-se, nesse sentido, o imperialismo e o eurocentrismo epistemológico do discurso universalista, e opunha-se a ele o ponto de vista de uma sociologia comprometida e orientada para os problemas nacionais. Esse setor, conforme alerta Manzano, ao posicionar-se contra a dependência econômica e cultural, não avaliava positivamente a autonomia universitária implícita no projeto da sociologia científica, "dado que as universidades não deveriam ser ilhas, senão engrenagens da política que as continha, o governo tinha o dever de exercer a condição, começando pela desginação de suas autoridades" (2017, p. 281)[794].

Nesse sentido, uma outra publicação periódica, *Antropologia del Tercer Mundo*, dirigida por Guillermo Gutiérrez a partir de 1968, e ligada às Catedras Nacionais, traz, já no editorial de seu primeiro número, uma definição premente dessa opção nacional e anti-imperialista, definindo os países que compunham o terceiro mundo como:

> Todos os países empenhados em alguma fase de sua liberação nacional e social, em alguma etapa do processo de independência e descolonização, política e econômica. Isso é, em situação objetiva de enfrentamento com as duas potências que repartem o mundo, e ao mesmo tempo enfrentando a fome

[793] "El léxico del paradigma tercermundista, dominado por términos como dependência, violência sistêmica y opresión social, se propagó rapidamente entre agrupaciones católicas, peronistas y marxistas que confluyeron en el território comun de la nueva izquierda" (MANZANO, 2017, p. 264).

[794] "dado de que las universidades no debían ser 'islas', sino engrenajes de la política que las contenía, el gobierno debía ejercer la conducción, empezando por la designación de sus autoridades" (2017, p. 281).

> e a miséria dentro de suas próprias fronteiras, e as diversas formas de opressão e violência que caracterizam a ambos os imperialismos" (1968, n1, p. 1)[795].

No mesmo número de *Antropologia del Tercer Mundo*, um texto-manifesto de Alberto Carri, um dos grandes nomes das *Catedras Nacionales*, intitulado *El Formalismo en las ciencias sociales* pode ajudar a dimensionar o impacto dessa nova disposição das esquerdas argentinas[796]. Nessa ocasião, Carri coloca-se contra a pretensão de objetividade e exterioridade a respeito dos fatos que caracteriza, a seu ver, a sociologia imperialista. Para ele, a sociologia positivista possui sempre a finalidade, ainda que inconsciente, de ocultar a politicidade das relações sociais. Apoiando-se em Marcuse, o texto de Carri refere-se a um "fetichismo dos fatos imutáveis" que estaria por trás das apostas cientificistas e, principalmente, daquelas orientadas ao desenvolvimentismo. Em seus termos, "os conceitos da ciência formal são o correlato acadêmico de uma concepção e uma prática política reformista e, assim, conservadora" (1968, p. 3-4) [797] e, sendo assim, sentencia, aqueles que almejam substituir a criatividade e a solidariedade populares pela racionalidade formal não são outra coisa do que "gestores do conhecimento na sociedade imperialista" (idem, p. 5). Para González, Carri sintetiza o tema das esquerdas naquele contexto[798]. Sua proposta,

> continha reflexões agudas sobre a relação entre os técnicos na racionalização do conflito social, funcionários do governo e líderes sindicais, mostrando uma capacidade lúcida de observação sobre o fenômeno da crescente formalização do conhecimento em torno dos novos técnicos sociais, surgido em grande parte das carreiras das ciências sociais. Lá descansava a crítica de Carri ao papel modernizador dessas carreiras (TERÁN, 1991, p. 79)[799].

---

[795] Todos los países empeñados en alguna fase de su liberación nacional y social, en alguna etapa del proceso de independencia y descolonización, política y 27 económica. Esto es, en situación objetiva de enfrentamiento con las dos potencias que tratan de repartirse el mundo, y a la vez enfrentando el hambre y la miseria dentro de sus propias fronteras, y las diversas formas de opresión y violencia que caracterizan a ambos Imperialismos (A 3er M, N° 1, s/n)

[796] Sobre a história da Revista é possível consular RECALDE, A. *Ciencias Sociales, universidad y politica en las décadas de 1960-1970: la Revista Antropologia 3er mundo*. Tesis de doctoado. UNLP, 2014.

[797] "los conceptos de la ciência formal son el correlato académico de una concepción y uma práctica política reformista y a la vez conservadora" (1968, p. 3-4)

[798] "Si por un lado el llamado a la politización autorreflexiva del sujeto, en consonância con la crisis civilizatória de la razón, dejaba a la sociologia desprovista de sus petrechos científicos, por outro lado el garantismo científico que queria preservarse a través de objetivos políticos que devían convivir con financiamentos externos – que por forzamiento argumental debían ser considerado neutrales – dejaba a la sociologia desprovista de autonomia subjetiva respecto de sus próprias condiciones de producción" (ibidem, p. 95).

[799] "Contenía agudas reflexiones sobre la relación entre los técnicos en racionalización del conflicto social, funcionários gubiernativos y dirigentes sindicales, mostrando una lucida capacidad de observación sobre el fenómeno de la creciente formalización del conocimiento alrededor de los nuevos técnicos sociales, surgidos en gran medida de las carreras de ciencias sociales. Allí descansaba la crítica de Carri al papel modernizador que cumplían esas carreras" (TERÁN, 1991, p. 79).

Os sociólogos que, como Carri, ocuparam as cadeiras de sociologia após a saída de Germani, procuravam fincar o sentido de sua prática em um quadro conceitual anarco-populista, em atitude oposta àquela da filosofia do progresso que informava a sociologia científica.

> No outro extremo, tivemos que considerar os militantes de esquerda, educados no mundo conceitual do marxismo, que passaram a ser testados no campo da sociologia. Era a atitude oposta à anterior, e poderia ser representada pelo itinerário pessoal que Juan Carlos Portantiero cumpre (TERÁN, 1991,, p.86)[800].

A trajetória de José Carlos Portantiero é também um observatório privilegiado dessa nova tendência de exterioridade em relação à universidade. Portantiero começou cedo sua militância dentro do PC argentino, aproximando-se de Agosti, tradutor de Gramsci [801]. Ao contrário de Carri, que pretendia levar a sociologia para a revolução, Portantiero propunha o caminho oposto: trazer a revolução para o discurso sociológico. Natalia Bustelo (2013), em *La Reforma universitária como Kulturkampft*, destaca a importância dessa primeira recepção gramsciana na Argentina na revisão do papel do intelectual e da unviersidade. Na leitura do filósofo italiano, como se sabe, embora nem todos ocupem a função de intelectual, todos são, em potência, intelectuais, de modo que o núcleo significativo da reforma de 1955 não poderia ser analisado em termos estritamente técnicos, mas também, e sobretudo, de finalidade, aspecto que o próprio Portantiero criticaria no projeto levado a cabo a partir de 1955.

No famoso livro que escreve em parceria com o sociólogo Miguel Murmis – este também formado nos laboratórios de Germani – *Estudos sobre as origens do peronismo*, a relação entre a predominância do marxismo heterodoxo e a crítica ao projeto científico torna-se ainda mais evidente. Os dois autores se formaram na UBA pós peronista, na leva da excelência discente possibilitada pelo empenho da gestão Germani/Romero. Em 1966, quando do golpe militar, Murmis era aluno de Filosofia e Portantiero de Sociologia. Nos anos seguintes, Murmis vai fazer doutorado em Berkeley. Na volta, junto de nomes como Silvia Sigal, impulsiona o CICSO (centro de investigaciones en ciências sociales) onde trabalha com Juan Carlos Portantiero. Dessa parceria emerge o livro em questão. Trata-se de um esforço

---

800 "En el otro extremo, había que considerar a los militantes de la izquierda, educados en el mundo conceptual del marxismo, que llegaban para probarse en el campo de la sociologia. Era la actitud inversa a la anterior, y podría estar representada por el itinerário personal que cumple Juan Carlos Portantiero" (idem, p. 86).

801 Em *La Cola del Diablo* (2005), sobre a difusão de Gramsci na Argentina através da Revista *Pasado y Presente*, de Córdoba, da qual participou Aricó. A primeira dificuldade em mapear Gramsci é sua grande difusão na América Latina, e a incorporação de seu vocabulário por amplos setores do mundo intelectual. Além disso, a primeira tradução para o espanhol também foi na América Latina. A primeira tentativa de apropriação sistemática está diretamente ligada ao partido comunista argentino, sobretudo à figura de Agosti. Seu rechaço a qualquer tipo de interpretação determinista do marxismo e o pleno valor que ele atribuía á função do sujeito e à iniciativa revolucionária tornou possível a aproximação com o castrismo" (2005, p. 38) ["Su rechazo de cualquier tipo de interpretación determinista del marxismo y el pleno valor que asignaba a la función del sujeto y de la iniciativa revolucionaria hizo posible que se aproximara al castrismo" (2005, p. 38)].

revisionista de áreas nebulosas da historiografia argentina, começando pela década infame (1930´s). Reelaboram, inclusive, o ponto chave da análise de Germani, a saber, a adesão dos operários ao peronismo e o tema dos regimes autoritários, a partir da aplicação de categorias gramscianas como aliança de classes e hegemonia.

Já no prólogo, Germani é definido como "uma figura consular que sobrevoa muitas das páginas desse livro" (1972, p. 45)[802]. Paradigmaticamente, também, o livro lança uma convocação híbrida: "tanto os textos da sociologia universitária, nacional e estrangeira, como outros mais ligados à preocupação dos escritores políticos, muitas vezes chamados - com nuance pejorativa – de ensaístas" (idem, p. 47)[803]. Romper com o isolamento da sociologia científica, pois, a partir da confluência entre a formação marxista extrínseca de ambos a formação na Faculdade de Sociologia, é o objetivo de primeira ordem do empreendimento. Inicialmente, o livro se propõe a retomar a década de 1930 como espaço de tensão, reabilitando esse período enquanto gestador dos enfrentamentos posteriores. A chave interpretativa é a localização de uma aliança entre setores de classes, notadamente entre setor agro-exportador e um setor da burguesia industrial. A oposição à indústria, salientam, viria de um setor subalterno dos pecuaristas. "O apoio à indústria não pode ser ingenuamente identificado com a adoção simultânea de orientações e políticas sociais que também são 'progressistas', negando privilégios tradicionais e partidários, portanto, maior igualitarismo e extensão da participação política" (MURMIS E PORTANTIERO, 1972, p. 58)[804]. A proposta é, em suma, a de eliminar a correspondência direta entre economia e valores, precisamente a aposta da psicologia social. Com isso, ganham espaço, necessariamente, categorias híbridas e polifuncionais como a de *hegemonia*.

Na segunda parte do livro, já mais frontalmente oposta à tese de Germani da disponibilidade dos operários como fator explicativo para a explicação de sua adesão ao peronismo, os autores salientam que a divisão de Germani entre trabalhadores velhos e novos é insuficiente, na medida em que "descarta ou considera irrelevante o papel que os velhos trabalhadores e suas organizações podem chegar a ter na estruturação de um movimento populista" (idem, p. 128)[805]. De novo, trata-se de voltar à década de 1930 para compreender a

---

[802] "una figura consular que sobrevuela muchas de las paginas de este libro" (1972, p. 45).

[803] "tanto a los textos de la sociologia universitária, nacional y extranjera, como otros más ligados a la preocupación de escritores políticos, muchas veces llamados – con algun matiz peyorativos – ensaystas" (idem, p. 47)

[804] "El apoyo a la indústria no puede identificarse ingenuamente con la adopción simultânea de orientaciones sociales y políticas también 'progresistas', negadoras de privilégios tradicionales y partidárias, por lo tanto, de un mayor igualitarismo y de una extensión de la participación política" (1972, p. 58).

[805] "descarta o considera irrelevante el papel que los viejos obreiros y sus organizaciones pueden llegar a tener en la estructuración de un movimento populista" (1972, p. 128).

aliança de classes que explicaria o peronismo: havia sido mais relevante, pois, a relação dos sindicatos com o bloco industrial-oligarquico do que sua divisão interna entre velhos e novos. A chave para a aliança de classes é, de novo, o conceito gramsciano de hegemonia, entendido enquanto potencialidade legitimada. Os autores, então, insistem na especificidade histórica do processo argentino, rechaçando qualquer universalismo de validade sistêmica.

Se o conceito de hegemonia de Gramsci, pois, ajudou os marxistas dessa geração a se enfrentarem com Germani de um ponto de vista teórico, outra "figura consular" desses tempos, Jean Paul Sartre, forneceu elementos para que a postura intelectual do sociólogo pudesse ser colocada em questão no campo ético. Acompanhe-se, por exemplo, o argumento de o *O Existenciaismo é um Humanismo,* que circulava na Argentina desde 1946, a partir da já mencionada edição da revista Sur[806]. O didático aporte de Sartre parte da definição de que existência precede a essência e, por isso, é preciso partir da subjetividade, o que "significa que o homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida" (SARTRE, 2014, p. 19), ele é, enfim, aquilo que se torna. É mais, aquilo que projeta vir a ser, aquilo que tem responsabilidade de projetar. Desse modo, se confere ao homem a responsabilidade pelo que ele é. Sendo responsável por si, é responsável por todos os homens: ao escolher por si, escolhe por todos. O que escolhemos só pode ser bom, afinal, e assim deve ser bom para todos. Se essa responsabilidade engendra a agustia, é preciso assumir, ainda, que não se pode fiar em nenhum tipo de determinismo. Tudo está permitido, e o homem, enfim, condenado à essa permissão, "não encontraremos a nossa disposição valores ou ordens que legitimem nosso comportamento" (SARTRE, 2014, p. 24). O existencialismo, ainda, não é quietismo, salienta o filósofo francês, pois "só existe realidade na ação", o engajamento é total. É uma doutrina que atribui dignidade ao homem, afirma Sartre, pois ele não aparece como objeto. A universalidade humana não é dada, mas permanentemente construída, e se a constrói compreendendo o projeto dos homens: eis o caráter absoluto do engajamento livre. Tais aportes são aqueles que, como mencionado anteriormente, organizam a crítica da Revista Contorno na qual, já no primeiro número, de novembro de 1953, lemos que o espírito é uma responsabilidade. O famoso editorial de Viñas, responsável por julgar a ação dos intelectuais diante do peronismo, principalmente

[806] Em "O que é literatura", o argumento de Sartre se desdobra: "Não se escreve para escravos. A arte da prosa é solidária com o único regime onde a prosa conserva seu sentido: a democracia. Quando uma é ameaçada, a outra também é. E não basta defende-las com a pena. Chega um dia em que a pena é obrigada a deter-se, e então é preciso que o escritor pegue em armas. Assim, qualquer que seja o caminho em que você tenh seguido para chegar a ela, quaisquer que sejam as opiniões que tenha professado, a literatura o lança na batalha; escrever é uma certa maneira de desejar a liberdade, tendo começado, de bom grado ou a força você estará engajado" (2004, p. 53). Aqui já há o ensaio da odisseia sobre unir o intelectual ao proletariado, superando o Eu burguês, o hábito inaugural. "Para ser exato, trata-se de praticar o anti-academicismo" (idem, p. 205). A tarefa crítica torna-se total, ela engaja o homem por inteiro. Não se pode separar o que um homem suporta daquilo que tolera ou deseja.

sua omissão, reivindica um chamado ao compromisso. É preciso ter cautela, alega Viñas, mas ela não basta, tampouco a reivindicação unicamente intelectual da vida. "Contando com a necessidade de ânsia, a paixão de agir, de agir com a vida. Pois nos precede ter sido mostrado que a mera fidelidade ao espírito é uma traição do espírito. E isso, sem jogos de palavras, termina na traição do espírito" (VIÑAS em CONTORNO, 1953, p. 4)[807].

O terceiro número da revista Contorno, de setembro de 1954, conta com um artigo de Rodolfo Kubch intitulado, na mesma toada, *Inteligencia y Barbarie*: "O intelectual argentino é negativo porque sua posição inteligente emerge como controle da vida, como defesa contra o medo original de viver" (KUBCH em CONTORNO, 1953, p. 4)[808]. O intelectual mede para dominar (não é universal como o espírito), sepulta a vida, por isso nunca é realista. Sente-se, no entanto, bastante em paz com sua consciência. "Mas nós somos arbitrários e suicidas na América, porque ela é tudo aquilo que mais se opõe à inteligência" (idem, p. 5)[809]. Na Argentina, segue o autor, não há cultura para que o intelectual possa conectar, por isso o intelectual aqui permanece no plano do arbítrio. Tudo se passa como se a América não pudesse ainda ser objeto de inteligência, mas somente de ações, de atitudes vitais, frente a infinita monotonia de seus intelectuais. De Sarmiento a Estrada, a relação do intelectual com seu entorno é de hostilidade. Ainda em 1956, em número dedicado ao peronismo, o emblemático comentário de Oscar Masotta intitulado *Sur o el antiperonismo colonialista*, arremata o mea culpa sartreano da revista:

> Somos tentados a estabelecer que durante todos os anos do peronismo não nos rendemos. E por não nos ter entregue, entendemos não só que não havíamos dado ao peronismo, mas também ao anti-peronismo, que havíamos lutado (...) para dissipar a verdade sobre o que estava acontecendo no país (MASOTTA em CONTORNO, 1956 ,n 7 e 8, p. 1)[810].

Interessa perceber, a essa altura, que a circulação da ética do compromisso através dessa leitura específica da obra de Sartre já operava, via *Contorno*, desde o começo da década de 1950. Ela se torna mais aguda, conforme tenho observado, a partir do momento em que se encontra com o amadurecimento da crítica nacionalista ao escamoteamento ético que pretendia o projeto de Germani. Vale salientar, nesse ponto, que não apenas a sociologia científica é

---

[807] "Contando con que es necesario el afán, la pasión de actuar, de actuar con la vida. Pues nos prece haber sido demostrado que la sola fidelidad al espíritu es traición del espíritu. Y que, sin juegos de palavras, termina en traición al espíritu" (VINAS em CONTORNO, 1953, p. 4)

[808] "El intelectual argentino es negativo porque su postura inteligente surge como un control de la vida, como una defensa contra al miedo original de vivir" (KUBCH em CONTORNO, 1953, p. 4).

[809] "Pero nosostros somos arbitrários y suicidas en America, porque ella es todo aquello que más se opone a la inteligência" (idem, p. 5).

[810] Nos sentimos tentados de establecer que durante todos los años del peronismo no nos habíamos entregado. Y por no habernos entregado entendíamos no solamente no habermos entregado al peronismo, sino tampoco al antiperonismo, que habímos luchado (...) para distringuir la verdad sobre lo que estaba ocurriendo en el país (1).

atacada mas, junto com ela, atores como a própria *Sur* que também representavam, a seu modo, uma negativa da ideia de engajamento social do conhecimento. Classe contrarrevolucionária e naturalmente antinacional, a categoria de "burguesia" funcionou como corolário de projetos, a rigor, tão distintos, como o da *Sur* e o de Germani: acaba aqui, portanto, a discordância na concordância das décadas anteriores. Tanto um como outro representam, enfim, a ma fé, "quer dizer, da renúncia ou da suposição da própria liberdade inevitável, foram aquelas pessoas boas que a náusea caracterizou como o protótipo do conformismo" (TERÁN, 1991, p. 69)[811].

A figura norteadora, agora, é o jovem moderno que empreende, que age e se compromete, figura tão antagônica aos "embotados estetas" de *Sur* e, ao mesmo tempo, à postura de rigor científico da sociologia. O *Instituto Torcuato di Tella*, por exemplo, sobrevivendo na esfera privada e ecoando ainda o legado de Germani, foi "questionado pela direita como dissolvente dos bons costumes, desde a esquerda só se via a frivolidade que com efeito continha e que figurava como antítese do modelo do intelectual comprometido" (idem, p. 86)[812]. Juan José Sebreli em *Buenos Aires, vida cotidiana y alien*ación (1965), dizia já que a juventude tendia a se converter num valor positivo em si mesmo, retomando o diagnóstico de Funes acerca dos anos 1920. Os jovens dos 60´s, no entanto, não levam a crise para dentro de suas consciências, mas vão à praça pública, tal como Sartre fora, e assumem-se na história.

Todo esse processo é paralelo, em termos continentais, à atmosfera anti-imperialista que repercutia inclusive teoricamente, com a teoria da dependência substituindo, em todos rincões do continente, ainda que em ritmos desiguais, a teoria da modernização.

> Assim, um eclipse foi produzido da teoria da modernização para outra dependência, que colocou o eixo do problema não no desenvolvimento técnico, mas numa questão política que exigia uma ruptura com a própria burguesia nacional, que se na primeira versão era protagonista da mudança, fora incapaz de liderá-la e agora abandonou sua vocação nacional, teve que ser substituída por outros atores sociais (TERÁN, 1991, p. 121)[813].

A Revolução Cubana, emerge, nesse contexto, como novo paradigma, não apenas político, mas também intelectual. Leve-se em conta, por exemplo, a aclamada recepção de Regis Debray entre os quadros dessa militância estudantil argentina. Defendido por de Gaulle

---

[811] "es decir, de la renuncia o la asunción de la propia e inevitable libertad, eran esas buenas gentes que la náusea había caracterizado como el protótipo del conformismo" (TERÁN, 1991, p. 69).

[812] "cuestionado por la derecha como dissolvente de las buenas costumbres, desde la izquierda sólo se veia la frivolidade que en efecto contenía y que figuraba la antítese del modelo predominante del intelectual comprometido" (idem, p. 86).

[813] "Se producia así un eclipse desde la teoria de la modernización a outra de la dependência, que colocaba el eje del problema no en el desarrollo técnico sino en una cuestión política que demandaba la ruptura con la propia burguesia nacional, que si en la primera versión era la protagonista del cambio, se había revelado incapaz de liderarlo y ahora abandonado su vocación nacional, debía ser reemplazada por otros actores sociales" (TERÁN, 1991, p. 121)

e por Sartre quando preso na Bolívia, Debray é um dos formuladores da interface intelectual do compromisso castrista, divulgado em termos tão contundentes como:

> Nós nunca somos completamente contemporâneos com o nosso presente. A história avança no disfarce; aparece no palco usando a máscara da cena em questão, e tendemos a perder o significado da peça. Cada vez que o certo sobe, a continuidade tem que ser restabelecida. A culpa, claro, não é da história, mas está em nossa visão, sobrecarregada de memória e imagens aprendidas no passado. Vemos o passado sobreposto ao presente, mesmo quando o presente é uma revolução (DEBRAY, 1967, p. 19)[814].

O significado de Cuba, pontua Debray, escapa às lentes do passado, a formula da URSS não se conecta mais com o presente, nem com a América Latina. Não se trata mais, enfim, de capturar a sabedoria dos livros, nem mesmo dos marxistas. A compreensão da especificidade que pode garantir o sucesso da ação vêm, agora, da experiência, da concretude. O intelectual, essa figura já abjeta, tende a aprisionar o presente em quadros do passado, "pensando que já sabe, vai aprender mais devagar, exibir menos flexibilidade" (DEBRAY, 1967, p. 21)[815]. No contexto de foco de guerrilha, frisa, não há espaço para tegirversações, nem para intelectualismos, sequer para intelectuais: é preciso aceitar a suspensão temporária da democracia interna em nome de uma disciplina militar. "Estes são os militantes do nosso tempo, não mártires; não funcionários, mas combatentes" (idem, p. 113)[816], o caminho não é, pois, institucional, é preciso criar anti-corpos contra a poítica formal, já que ela só mobiliza os mobilizados.

Se não há espaço para intelectualismos na síntese de Debray, também não havia, como se sabe, na interpretação peronista destes processos. Vale lembrar a Conferência de Mendoza, em 1949, já citada anteriormente, onde Perón discursa afirmando que a ciência não dá conta de orientar e conter os homens em momentos de crise: "é necessário que os valores morais criem um clima de virtude humana capaz de compensar em todos os momentos, juntamente com o que foi ganho, o que é devido. Nesse aspecto, a qualidade reafirma seu senso de eficiência" (*Atas del congresso de Mendoza*, 1949, p. 9)[817]. O sentido de comunidade e o eventual sacrifício que este implica é, segue Perón, o antídoto contra o intelectualismo. Eis o sentido ético de sua aposta pelo 'uso feliz da liberdade'. A transformação do *Yo* en *Nosotros* não opera, pois, como

---

[814] "We are never completely contemporaneous with our presente. History advances in disguise; it appears on stage wearing the mask of the proceding scene, and we tend to lose the meaning of the play. Each time the certain rises, continuity has to be reestablished. The blame, of course is not history´s, but lies in our vision, encumbered with memory and images learned in the past. We see the past superimposed on the present, even when the present is a revolution" (DEBRAY, 1967, p. 19).

[815] "thinking that he already knows, he will learn more slowly, display less flexibility" (1967, p. 21).

[816] "These are the militants of our time, not martys, not functionaries, but fighters" (1967, p. 113)

[817] "es preciso que los valores morales creen un clima de virtude humana apto para compensar en todo momento, junto a lo conquistado, lo debido. En esse aspecto, la cirtud reafirma su sentido de eficácia" (1949, p. 9).

extermínio da individualidade, mas como reafirmação destas em sua função coletiva. Sem moral, o espírito sucumbre diante do agigantamento do técnico.

Esse encontro da esquerda com o peronismo em termos de formulação de uma ética de compromisso intelectual é destacado por Matías Manuele (in GONZALEZ, 2000) na figura de Arturo Jauretche, uma espécie de catarse retórica que se transforma em denuncia política, sobretudo contra a *intelligentsia*[818]. Jauretche assume aqui, nos termos de Neiburg, o lugar do discurso de barricada, "baseado numa retórica de qualificações e desqualificações, acusações e defesas, declarações de aliança ou dissensos" (NEIBURG, 1997, p, 25). Retórica de combate, na prosa de Jauretche se pode mensurar a dimensão das lutas de classificação travadas em torno do peronismo. Sua tese é de que os intelectuais não são capazes de perceber o óbvio, observa analiticamente mas não "vê", habilidade que estaria vedada ao intelectual acadêmico pois "é composta de um conjunto de conhecimentos que não cabem em tipologias técnicas já que supõe um contato quase hermenêutico com a coisa" (JAURETCHE, 1957, p. 303)[819].

> Não é apenas a discussão quantitativa ou qualitativa da metodologia sociológica, mas o que está em discussão é a própria importância do que está sendo definido pela Nação. Ou seja, os dados não devem apenas ser corrigidos pelo estanho, mas devem ser reconstruídos de tal maneira que a própria realidade descubra sua face. Porque o estanho não é apenas uma opção epistemológica ligada à etnologia, mas é um caminho político que exclui o chapéu importado do trabalho científico. Só com a condição de ter a cabeça nacional podemos construir a teoria que a engloba (1957, P. 303)[820].

Jauretche em *Los Profetas del Odio*, já em 1957, procurava traçar uma linha moral entre os universitários e a inteligência nacional: "À estrutura material de um país dependente corresponde uma superestrutura cultural destinada a impedir o conhecimento dessa dependência, de modo que os pensamentos dos nativos ignoram a natureza de seu drama"

---

[818] "A maior vitória de Arturo Jauretche talvez se encontre na eficaz consagração de um estilo próprio, 'jauretchiano'. Seus textos, feitos de lembranças, anedotas e ditos populares, procuram convencer pela empatia, convocam o leitor a reconhecer uma experiência comum e, fundamentalmente, a autoridade de palavras imbuídas da intensidade de sua vida, da qual ele teria extraído uma especial capacidade de observar e compreender seus semelhantes. Não se trata nem de uma obra autobiográfica, nem de uma obra testemunhal. Mais do que isso, sua retórica faz parte de uma sociodicéia, cuja arma principal é o conhecimento do senso comum popular, a expressão de uma particular sensibilidade que transparece nas referências a experiências de vida introduzidas em momentos chave da argumentação. A obra de Jauretche é uma demonstração magnífica da possibilidade de transformar uma biografia em argumento de autoridade" (NEIBURG, 1997, p. 47-48).

[819] "esto ultimo alcanza un conjunto de conocimientos que no caben en tipologias técnicas ya que suponen un contacto casi hermenêutico con la cosa" (1957, p. 303).

[820] "No se trata solo de la discusión cuantitativa o cualitativa de la metodológia sociológica, sino que lo que está en discusión es la propia sustância de lo que por Nación se está definiendo. Esto es, el dato no solo debe ser corregido por el estaño, sino que debe ser reconstruído de manera tal que la propia realidad descubra su rostro. Porque el estaño no solo es una opción epistemológica ligada a lo etnológico, sino que es un camino político que excluye del quehacer científico el sombrero importado. Solo a condición de tener la cabeza nacional podemos construir la teoria que la abarque" (1957, p. 303).

(JAURETCHE, 1957, p.28)[821]. Haveria, em seu ponto de vista, uma incapacidade histórica da "intelligentsia" em conhecer a natureza profunda dos fatos nacionais, o que desemboca na existência de duas Argentinas, a real e a das "formas" que é a dos intelectuais. Jauretche recupera, assim, a mesma dicotomia descrita por Mallea e assimilada por Perón reiteradas vezes. 1955 é, pois, para ele, um segundo Caseros, ainda mais pernicioso do que o primeiro, pois anti-progressista: "creio que estamos diante de uma nova oportunidade para a inteligência argentina que não se resgina ao papel de 'intelligentsia'" (idem, p. 34)[822]. Os intelectuais precisam dar-se conta, segue o autor, de que também eles são cabecitas negras "e que o esforço intelectual consiste em dar uma expressão cada vez mais alta do *cabecita negra*" (idem, p. 35)[823]. Os intelectuais seriam, em suma, um obstáculo a inteligência nacional cujo "único propósito de adaptar os fatos nacionais às tabelas sinóticas feitas sobre fatos estrangeiros, que espalham os slogans da propaganda internacional" (ibid., p. 41)[824].

A reivindicação é, pois, de cariz nacionalista e popular: os intelectuais, para Jauretche, fazem apenas conturbar teses que o mais elementar bom senso seria capaz de descobrir. "O que aconteceu com o nosso proletariado rural não está nos livros, mas foi visto por qualquer homem que tenha entre 50 e 60 anos e tenha olhado sem ser cego para o drama de seu povo" (JAURETCHE, 1957, p.68)[825]. É a armadilha, sustenta, da educação colonialista: é livresca, incapaz de olhar para os lados. Jauretche reivindica, sobretudo, a experiência nacional. É ela quem fornece o bom senso nacional, aquele que os intelectuais não conseguem sequer perceber. Em sua acusação, uma enormidade de vicissitudes do que se passou com os peões é entendida, pela *gente culta*, como um mero "problema de cultura". É essa, para Jauretche, a armadilha e a fraqueza da educação colonialista: "os intelectuais em política são assim. Primeiro estudam o catálogo e depois classificam por analogia o que vêem em seu país (...) são como as crianças buscando figuras difíceis para então nomea-las" (idem, p. 110)[826]. Seu prestígio, diz Jauretche,

---

[821] "A la estrutura material de um pais dependiente corresponde uma superestructura cultural destinada a impedir el conocimiento de esa dependência, para que el pensamento de los nativos ignore la naturaleza de su drama" (JAURETCHE, 1957, p. 28).

[822] "creo que estamos em presencia de uma nueva oportunidad para la inteligencia argentina que no se resigna al papel de la intelligentzia" (idem, 1957, p. 34).

[823] "y que el esfuerzo intelectual consiste en dar uma cada vez más alta expresión del cabecita negra" (idem, p. 35).

[824] "la única finalidad de adecuar los hechos nacionales a los cuadros sinópticos confeccionados sobre hechos foráneos, que difunden los 'slogans' de la propaganda internacional" (ibidem, p. 41):

[825] "lo que há pasado com nuestro proletariado rural no está em libros, pero lo há visto desarrollarse cualquier hombre que ande entre los 50 y los 60 años y haya mirado sin anteojeras el drama de su pueblo" (JAURETCHE, 1957, p. 68).

[826] "los intelectuales em politica son asi. Primero estudian el catálogo y después clasifican por analogia lo que veen em su pais (...) andan como los chicos buscando figuritas dificiles, para nominarlas" (idem, p. 110).

se fabrica artificialmente, justificado por um humanismo que é incapaz de encontrar, afinal, o ser humano.

Na parte final da obra, intitutlada *La Colonización pedagógica*, Jauretche afirma que "eles" veem a cultura que tem raízes como incultura simplesmente porque não coincide com o "novo" que almejam: "ocorreu aqui o inverso do que aconteceu entre os gregos, para os quais o bárbaro era o exótico à elite, e o culto o próprio" (1957, p. 149)[827]. Se confunde, segundo ele, civilização com cultura do mesmo modo com que tem confundido erudição com educação. Era preciso retomar a essência popular, não falar para o povo nem sobre o povo, mas a partir do povo. Susbscreve, nesse ponto, a crítica também contundente de Arregui que, posicionando contra o que chamava de "inteligência sem bandeira".

Sobre a reformulação da universidade que se inciai em 1955, Jauretche é irônico "retornar à universidade os 'velhos mestres' e ingressam os 'flor de Romero' que serão a semente dos 'velhos mestres' enquanto o vento varre as ultimas 'flores de Cebo" [828] (JAURETCHE, 1957, p. 189)[829]. Sobre o banimento de peronistas em concursos (disposição da Ley Universitária de 1955, analisada anteriormente) Jauretche é crítico. Para ele tal medida fazia com que não importasse a orientação do postulante, desde que não fosse nacional.[830] Todos os defensores de 1955 compartilham, para ele, de um "subconsciente de elite", tendo perdido totalmente o contato com a realidade, "o desiderato é então uma universidade asséptica, purificada de toda preocupação relacionada ao destino da comunidade e, conseqüentemente, da nação, à qual dá a despreocupados especialistas os objetivos da técnica e o resultado de sua aplicação" (idem, p. 1197)[831].

---

[827] "ocurrió aqui lo inverso que entre los griegos, para los cuales lo bárbaro era lo exótico a la Helide, y lo culto lo próprio" (1957, p. 149).

[828] "Flor de cebo" era a alcunha dada aos professores que se posicionaram favoravelmente a intervenção política na universidade e dela obtiveram benefícios, como o próprio mantenimento dos cargos.

[829] "Retornan a la universidad los 'viejos maestros' e ingresan los 'flor de Romero' que serán semilla de los 'viejos maestros' mientras el vento varre las ultimas 'flores de cebo'" (JAURETCHE, 1957, p. 189).

[830] O próprio Perón, exilado, era grande interlocutor de Jauretche. No documento firmado em 1973, nesse sentido, recapitulando a ocasião da reforma universitária de 1955, lê-se "A recolonização iniciada em 1955 resultou em uma política cultural voltada para restaurar a dependência dos grandes centros internacionais de poder (...) mais uma vez estruturando os mecanismos de um ensino alheio às necessidades e objetivos da libertação nacional, importantes setores estudantis reiteraram o erro histórico de seus predecessores de 1930 e 1945"(MINISTERIO DE LA EDUCACIÓN. La derrota de la conspiración anti-peronista contra la universidad, octubre, 1973.) ["La recolonización iniciada a partir de 1955 se tradujo en una politica cultural dirigida a restablecer la dependência de los grandes centros internacionales de poder (...) volvían a estructurar los mecanismos de una enseñanza ajena a las necesidades y objetivos de la liberación nacional, importantes sectores estudantiles reiteraban el error histórico de sus antecessores de 1930 y 1945" MINISTERIO DE LA EDUCACIÓN. La derrota de la conspiración anti-peronista contra la universidad, octubre, 1973]

[831] "El desideratum entonces es uma universidad ascéptica, depurada de toda preocupación vinculada com el destino de la comunidad y, por consecuencia, de la nación, a la que da expertos despreocupados de los fines de la técnica y el resultado de su aplicación" (idem, p. 197).

Em *El medio pelo*, análise de uma classe média supostamente iludida quanto a seu próprio status frente à oligarquia, o mesmo Jauretche se colocaria na posição que ele chama de *orillas de la ciéncia*, reivindicando um modo de pensar o social que se aproxima, conforme explicita no prólogo da obra, daquele de José Hernandez, autor do Martin Fierro[832]. É nessa obra, inclusive, que ele detalha seu famoso *método de estaño*, aspereza advinda da vivência que seria mais apta a ajudar os argentinos do que as grandes elucubrações abstratas de seus cientistas.

Apesar do tom profético e pouco generoso das críticas de Jauretche, sua exemplaridade é incontornável. A ampla repercussão desses ataques, bem como o amadurecimento de uma tendência nacionalista nos debates no campo da história sugerem, sustento, uma reorganização de larga monta no campo intelectual argentino. Em 1967, quando da sanção da *Ley Orgánica* da Universidade, por exemplo, a autonomia universitária e de pesquisa é condicionada a que a instituição funcione enquanto transmissora da herança espiritual argentina (II, p. 07). O ministro de *Cultura y Educación*, Carlos Maria Gelly y Ober afirmava, no mesmo tom, que a intervenção tem por objetivo "O único objetivo de avançar e conseguir uma melhor e mais perfeita adaptação das estruturas universitárias à realidade cambiante do país, às exigências do futuro e àquelas que nos alcançam incessantemente da base da cultura nacional" (Estatísticas Educativas; FFyL, volume II, p. 06)[833].

O discurso Carlos María Gelly y Ober, empossando o reitor da universidade de Córdoba, Rogelio Martinez em 9 de fevereiro de 1967, que se refere à *Sanción de la ley orgânica de las universidades argentinas*, também ajuda a dimensionar o impacto dessas críticas. Superar o perigo comunista, estranho a nacionalidade que se pretende defender, volta a ser o grande mote dessas discussões, tal como havia sido no peronismo "temos que pensar em novas especializações, em carreiras mais curtas, que incluem a formação de técnicos de todos os tipos que o país exige" (UBA, 1987, p. 8)[834]. As carreiras estratégias Agronomia, Veterinária, Economia e Administração, Engenharias e Ciencias Basicas, passam a ser os focos de recebimento de recurso, respondendo a uma demanda patriotica de conhecimento que poderia, enfim, fomentar um "reencontro com os valores essenciais de nosso passado histórico" (idem,

[832] "creo en la eficacia utilizar como correctivo del dato numérico la constatación personal para que no ocurra lo que al espectador de fútbol que con la radio a transistores pegada a la oreja, cree que dice el locutor con preferencia a lo que ven sus ojos" (JAURETCHE, 1967, p. 05).
[833] "el solo objeto de marchar hacia adelante y de lograr una mejor y más perfecta adecuación de las estructuras universitárias a la cambiante realidad del país, a las exigências del futuro y a las que incessantemente nos llegan desde el fondo de la cultura nacional" (Estadística Educativa, FFyL, tomo II, p. 06).
[834] "Hay que pensar en nuevas especializaciones, en carreras más breves que contemplen la formación de técnicos de todo tipo que el país requiere" (UBA, 1987, p. 8).

p. 13)[835]. A universidade deveria colocar-se, portanto, a serviço do destino histórico do país. Para isso, claro, é preciso que exista um destino histórico. E, além disso, profetas que o descortinem e o carreguem nos ombros, e não sacerdotes, que falam somente em nome de seu cargo.

Apenas alguns anos mais tarde, em 1973, quando a simbiose entre direita nacionalista e esquerda sartreana já era francamente inviável, é possível encontrar, em documento oficial[836], formulação parecida à de 1967, partindo, inclusive, do mesmo tom acusatório, "a recolonização iniciada a partir de 1955 se traduziu em uma política cultural dirigida a reestabelecer a dependência dos grances centros internacionais de poder" (GLN, 1973, p. 5)[837], de modo que o esforço dos anos anteriores "Voltou a estruturar os mecanismos de um pedagogo alheio às necessidades e objetivos da libertação nacional, setores importantes dos estudantes reiteraram o erro histórico de seus predecessores de 1930 e 1945" (G.L.N, 1973, p. 5)[838]. Trata-se, enfim, da segunda gestão peronista que, mais uma vez, procurará descolonizar a cultura e enfrentar o que aparecia, em seus termos, como uma conspiração anti-peronista travestida de discurso liberal. *La Nación* e *La Prensa*, diz Perón, teriam contribuído publicando as sentimentalidades dos professores que abandonavam seus postos, evidenciando se tratar de nada mais que uma forma de ressentimento das velhas elites "É que o camarada Puigarós, como Hernández Arregui, como Scalabrini Ortiz, como tantos soldados peronistas tão qualificados, não pertence aos Borges ou ao Cortázar, mas ao povo peronista" (idem, p. 11)[839]. Recuperar o sentir do povo, onde reside a cultura argentina. Com esse objetivo em mente, o interventor Puiggrós estabelecia as três pautas: anulação do convenio com a Fundação Ford, obrigatoriedade, para todos os cursos de graduação, da diciplina "historia socia de las luchas del pueblo argentino, enfatizando los períodos de Yrigoyen e Perón" e a declaração de incompatibilidade entre docência e o serviço a empresas expoliadoras da economia nacional. Cultura e ciência, afinal, deveriam estar a serviço do bem e praticados por pessoas do bem. "A cultura popular do povo é que, mesmo

[835] "reencuentro con los valores esenciales de nuestro pasado histórico" (idem, p. 13)
[836] La derrota de la conspiración antiperonista. Documento original.
[837] "La recolonización iniciada a partir de 1955, se tradujo en una política cultural dirigida a restablecer la dependência de los grandes centros internacionales de poder" (GLN, 1973, p. 5),
[838] "Volvía a estructurar los mecanismos de una enseñanza ajena a las necesidades y objetivos de la liberación nacional, mportantes sectores estudantiles reiteraban el error histórico de sus antecessores de 1930 y 1945" (idem, p. 5).
[839] "s que el compañero Puigarós, como Hernández Arregui, como Scalabrini Ortiz, como tantos y tan calificados soldados peronistas, no pertenece a los Borges ni a los Cortázar, sino al pubelo peronista" (1973, p. 11).

que não tenhamos uma pessoa sábia ou um homem extraordinariamente culto, temos uma massa popular de cultura aceitável" (G.L.N, 1973, p. 15)[840].

A partir de então o processo de radicalização é constante, a ponto de que "No final de 1983, a Carreira de Sociologia era um espaço marginal extremamente isolado de seu meio" (BLOIS, 2008, p. 113)[841]. Já uma década antes, em 1973, os sociólogos da esquerda peronista encampavam um projeto muito mais que retórico em que a política real começa a se impor de modo decisivo e eventualmente violento dentro da instituição (RUBINICH, 2017) e os intelectuais de perfil mais acadêmico novamente abandonam a universidade e rumam em direção à instância privada, de onde não sairão antes do governo Alfonsín. Observador agudo dessas tensões, o próprio Germani diagnosticaria o impacto dessa mudança atitude:

> Os jovens sociólogos ainda estão com raiva. Agora, há cerca de 110 sociólogos com estudos e títulos específicos. Quem teria dito isso? Dez anos atrás não havia ninguém. Agora eles estão dedicados a destruir uns aos outros. Embora as velhas linhas divisórias entre católicos e não. Mas esta é realmente a razão para sair daqui. A atmosfera se torna um pouco irrespirável. Embora eu pudesse me isolar, resolvi desagradável depois de ter sido um pouco o principal autor desta comédia. Pode ser uma crise de crescimento, mas é melhor observar de longe (Carta do arquivo pessoal in A. GERMANI, 2004, p.233)[842].

Embora não se possa considerar, diante do atual protagonismo dos cientistas sociais argentinos em nível continental, que se tratou de um epílogo, pode-se afirmar, já neste momento, que a sociologia científica e as condições de sua emergência e queda enquanto projeto intelectual constituem um capítulo decisivo de uma disputa tradicional no universo simbólico argentino, aquela que remete à cultura científica que procura espaço, sob alcunha plebeia, em um universo de prevalência da cultura humanista clássica. Retomando a discussão de Charles Snow que abre este estudo, vale observar que se tratou de um enfrentamento não apenas teórico mas, também, institucional e atitudinal. O movimento que ganha forma, no mundo inteiro, em 1968, pode ser entendido, pois, como a culminação e, ao mesmo tempo, o fim de um capítulo dessa celeuma, sobretudo quando inserimos no debate a desconcertante observação de que é possível, e muito frequente, discordar em concordância, o que deixa as

---

[840] "La cultura popular del pueblo está en que aun cuando no poseamos ningún sábio ni ningun hombre extraordinariamente culto, tengamos una masa popular de una cultura acceptable" (idem, p. 15).

[841] "a fines de 1983, la Carrera de sociologia era un espacio marginal sumamente aislado del medio cultural y académico más general" (BLOIS, 2008, p. 113).

[842] Los jovenes sociólogos siguen enojados. Ahora hay como 110 sociólogos com estúdios específicos y títulos. Quien lo hubiera dicho. Hace diez años no había nadie. Ahora se dedican a destrozarse los unos a los otros. Aunque han desaparecido las viejas líneas de divisón entre católicos y no. Pero ésta es realmente la razón para irse de aqui. El ambiente se hace algo irrespirable. Aunque podría aislarme, resuelta poco agradable después de haber sido un poco el autore principal de esta comedia. Quizá sea una crisis de crecimiento, pero es mejor observarla desde lejos (Carta, arquivo pessoal, p. 233)

alegações de ordem ética muito comumente expostas a adesões que lhe seriam, numa análise especificamente argumentativa, contrárias.

.

Este capítulo dedicou-se ao detalhamento do projeto da sociologia científica a partir da universidade. Primeiramente, a instituição, notadamente na figura de sua representante mais importante, a Universidade de Buenos Aires, foi analisada a partir da reformulação ocorrida com o fim do peronismo em 1955. Com isso, pôde-se compreender de que modo o projeto de um curso de sociologia era, também, um projeto de reformulação da universidade em novas bases. Em um segundo momento, as teses de Germani sobre a crise foram apresentadas em diálogo com as reflexões internacionais sobre o mesmo tema, no intuito de destacar que esse aspecto fundamental das teses de Germani (a discussão sobre a crise e a assincronia) são, ao mesmo tempo, fruto de seu projeto de inserção da sociologia argentina nos debates universalistas em torno da ciência. Por fim, enfocou-se a reação ao projeto de Germani, tanto institucional quanto extra-universitária, de modo a observar que seu projeto crítico entra em crise, precisamente, pela retomada dos paradigmas essencialistas que, conforme exposto nos capítulos anteriores, tiveram repercussão decisiva na conformação das referências intelectuais anteriores, notadamente a partir da circulação das referências francesas e alemãs que sobreviviam como dois modos de posicionamento contra o novo paradigma técnico e científico, associado aos Estados Unidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Outrora o poeta considerava-se como um profeta, era honroso; depois tornou-se pária e maldito, o que ainda era aceitável. Mas hoje caiu no grupo dos especialistas, e não é sem certo mal-estar que menciona, nos registros de hotel, a profissão 'homem de letras' a seguir do nome"

Sartre em Le Temps Modernes.

Muitas coisas são aceitas como evidentes pelo historiador e, até mesmo, são consideradas como proezas: se, por exemplo, um historiador descobre relações ocultas – ligações, como dizemos – entre tal personagem histórico e um outro, ele é elogiado, e esse episódio é visto como uma descoberta. Ao passo que, se eu viesse a publicar, por exemplo, o décimo do que se impunha dizer para compreender o funcionamento do universo universitário - os campos acadêmicos – eu seria considerado um delator monstruoso. Por outro lado, penso que a distância temporal tem uma virtude de neutralização – aliás, conhecida por todo mundo. Mas, no caso da sociologia, estamos sempre em terrenos candentes; além disso, as coisas que devatemos estão vivas, e não mortas, nem enterradas.

Pierre Bourdieu em entrevista para Roger Chartier.

A culminação deste percurso poderia ser condensada a partir da ideia de *crise*. Crise da sociologia científica, crise do cientista como paradigma de ação intelectual mas, também, crise da confiança no potencial emancipatório de um mundo planejado. Os famosos *Essays on Liberation*, escritos por Herbert Marcuse em 1968, poderiam funcionar como epílogo, se fosse o caso de tê-los. Conforme Jay (1986, 2008), Marcuse saiu do ostracismo para virar uma espécie de *commoditie* obrigatória em todos os discursos de contra cultura de 1968 e é o interesse por ele que ajuda a reabilitar o interesse pelos frankfurtianos na década de 1970, aspecto também notado por Batriz Sarlo (2000) no caso argentino. Os ensaios, gestados no contexto de maio de 1968 e respondendo àquela atmosfera, pretendiam reabilitar a utopia, o sem lugar, em suma, o não planejado, o que escapa à ideia de que o conhecimento científico poderia orientar o mundo para melhor. O jovem que protagoniza o esforço crítico de Marcuse é aquele que diz "não nós, mas nossos pais, são os culpados" (MARCUSE, 1969, p. 9)[843]. O recurso ao passado como categoria explicativa e prescritiva do futuro, enfim, pronunciadas por um alemão radicado nos Estados Unidos simboliza, na economia desse argumento, as mudanças pelas quais passou o discurso sobre a crise ao longo dos 50 anos que tangenciaram o escopo desta tese.

Na utopia de Marcuse "A técnica tenderia então a tornar-se arte, e a arte tenderia a formar a realidade: a oposição entre imaginação e razão, faculdades inferiores e faculdades superiores, pensamento poético e científico, seria invalidada" (1969, p. 35)[844]. O novo princípio de realidade seria um *aesthetic ethos*, contrário ao espírito de seriedade, que pudese combater o realismo soviético com *Rock n Roll*. Reabilitar o poder da imaginação, da força da vida, das vinculações ontológicas: do tempo trágico alemão, da crise dos tempos de Ortega, da recusa da técnica heideggeriana, ao tempo promissor e emancipatório da juventude dos muros de Paris, permanece em Marcuse, como um recalcado, o vitalismo e o elogio da imaginação que o conectam à tradição frankfurtiana e, através essa, à alemã.

Não seria preciso, contudo, recorrer a Marcuse para tratar dos descaminhos da cultura científica que chegam, mediados, à Argentina na segunda metade do século XX. Os exemplares dessa desconfiança proliferam na mesma proporção em que a figura do intelectual clássico e a do técnico neutro são relegadas ao anacronismo. Poderia-se pensar na figura de Jean Paul Sartre afirmando que se sentia de algum modo satisfeito em ter sido hostilizado nas ruas de Havana (uma possibilidade de expurgar a culpa burguesa de seu próprio nascimento), na figura do professor Adorno, de volta à Europa, francamente constrangido diante dos arroubos juvenis de

---

[843] "not we, but the fathers, are guilty" (1969, p. 9).

[844] "Technique would then tend to become art, and art tend to form reality: the opposition between imagination and reason, highes and lower faculties, poetic and scientific thought, would be invalidated" (1969, p. 35).

maio de 1968 ou, ainda, como culminação desse *aggiornamento*, em Focucault, em seu diálogo com Deleuze, defendendo o *intelectual específico*. Protagonista e, ao mesmo tempo, objeto dessa mudança, a *sociologia* é pega, em maio de 1968, em plena expansão, principalmente em suas versões estruturalistas e empiristas. O sociólogo cada vez mais legitimado como o *expert* do planejamento público e privado é, nesse momento, francamente questionado pelas novas modalidades de atitude intelectual encarnadas por figuras tão diferentes como Sartre e Foucault. Como conta um protagonista desse contexto, "com mais ou menos violência, mais ou menos discriminação, a sociologia, triunfante e oficial, é denunciada" (MORIN, 1968)[845].

Todas essas grandes figuras, embora não possam sintetizar todo o leque de posições possíveis, podem indicar uma mudança radical na bússola desses tempos, especialmente no que diz respeito ao papel que as reflexões das ciências humanas e sociais poderiam assumir frente a sociedade, impulsionadas agora por forças mais dispersas e, ao mesmo tempo, mais plurais. Nesse sentido, a crise da sociologia científica na Argentina parece ter sido bem mais que uma resistência específica de alguns setores das elites letradas bonaerenses – embora isso tenha, como espero ter evidenciado, desempenhado papel fundamental – mas foi também, ao mesmo tempo, resultado da própria inserção da Argentina no cenário mundial das disputas científicas: a universalidade implícita no projeto de Germani, aspecto fundamental da força de suas teses, é também o caminho através do qual suas teses poderiam ser confrontadas, e o foram, nos anos 1960, no bojo de um questionamento mais amplo, sistêmico, que fissura as sociedades ocidentais nesse período e que assume, na Argentina, feições autóctones.

Essa tese procurou percorrer essa sinuosa relação na história intelectual argentina, tomando a sociologia científica como observatório de aspectos cabais como a própria redefinição do intelectual e primando, antes da linearidade dos eventos, pela relação de polifonia entre esses universos, que se explicam mutuamente na medida em que estabelecem relações de complementação, cooptação ou dominação.

O primeiro capítulo procurou trazer para o debate três aspectos importantes da conformação do universo intelectual no qual germinará, na década de 1950, o projeto da sociologia científica. Inicialmente, partindo da discussão entre positivistas e espiritualistas, procurou-se abordar o trânsito de leituras do positivismo francês e do romantismo alemão tal como se deu na virada do século XIX para o século XX. Num segundo momento, a mesma

[845] "avec plus ou moins de violence, plus ou moins de discrimination, la sociologie triomphante, officielle, est dénnoncée" (MORIN, 1968, p. 2).

discussão foi observada a partir dos relatórios de Ernesto Quesada, no intuito de circunstanciar os modos através dos quais esses debates teóricos assumiam a feição de um debate institucional. Por fim, procurou-se rastrear a circulação de dois modelos de atitude intelectual que, através de um amplo repertório de autores e revistas, chegaram à Argentina no começo do século XX e ali se aclimataram, tomando forma própria, a partir das demandas sociais e culturais do período. Esses três observatórios ajudaram a perceber que as zonas híbridas entre as diversas posições elencadas são constitutivas da história do mundo intelectual argentino e que, nesse sentido, pensar o nascimento do fenômeno "sociologia científica" é uma tarefa que exige o equacionamento da história das tensões entre universidade e esfera privada de produção e divulgação intelectual.

O segundo capítulo procurou traçar um quadro histórico da formação da sociologia enquanto disciplina. Assumindo que a tarefa não é passível de esgotamento em um trabalho monográfico, optou-se por aborda-la a partir da história de diferentes campos nacionais, o francês, o alemão, o estadunidense e, por fim, o latino-americano. Em um segundo momento, a estratégia foi apresentar de que modo a ideia de "sociologia" circulava pelo mundo intelectual argentino antes de sua consitutição enquanto disciplina, o que foi feito a partir das trajetórias e planos de curso de alguns de seus principais personagens como Ricardo Levene, Alfredo Povina e Gino Germani. Se, já nos planos de curso, a proposta de rompimento de Gino Germani é evidente, isso se torna ainda mais contundente a partir da análise comparativa das publicações oficiais do Instituto (o *Boletín del Instituto de Sociología* e os *Cuadernos de Sociología*), levada a cabo na terceira parte do capítulo. A partir desta análise, essa tese propôs que as mudanças que levam à formação do curso de sociologia, em 1955, não foram apenas rupturas de ordem teórica, nem se referem à adesão irrefletida a uma ou outra corrente hegemônica mas, efetivamente, responderam à uma mudança na concepção do *homem de ciência* que está atrelada ao amadurecimento de determinadas configurações institucionais.

O terceiro capítulo procurou apresentar os modos pelos quais o repertório alemão se difundiu pela argentina a partir dos anos 1930. Retomando, nesse sentido, a discussão do primeiro capítulo, a proposta foi circunstânciar a atividade de Gino Germani antes do estabelecimento do curso de Sociologia, em 1957, equacionando, por um lado, a prevalência da iniciativa privada de produção cultural em relação a universidade e, a partir dela, a penetração de um repertório anti-cientificista que será de fundamental importância para entender os enfrentamentos da sociologia científica na década de 1950. Inicialmente, portanto, a sociabilidade das revistas e das redes privadas foi apresentada em comparação com o processo de autoritarismo na universidade. Em um segundo momento, apresentou-se dois espaços

prioritários de convívio intelectual, o CLES e as editoras, que funcionaram enquanto sociabilidade possível nas ocasiões de intervenção na universidade. Por fim, o caso das traduções dos autores frankfurtianos por Germani e pela *Sur* pretendeu funcionar como observatório da significação da tradição alemã para as disputas de prestígio especificamente argentinas.

Finalmente, o quarto capítulo dedicou-se ao detalhamento do projeto da sociologia científica a partir da universidade. Primeiramente, a instituição, notadamente na figura de sua representante mais importante, a Universidade de Buenos Aires, foi analisada a partir da reformulação ocorrida com o fim do peronismo em 1955. Com isso, pôde-se compreender de que modo o projeto de um curso de sociologia era, também, um projeto de reformulação da universidade em novas bases. Em um segundo momento, as teses de Germani sobre a crise foram apresentadas em diálogo com as reflexões internacionais sobre o mesmo tema, no intuito de destacar que esse aspecto fundamental das teses de Germani (a discussão sobre a crise e a assincronia) foi, ao mesmo tempo, fruto de seu projeto de inserção da sociologia argentina nos debates universalistas em torno da ciência. Por fim, enfocou-se a reação ao projeto de Germani, tanto institucional quanto extra-universitária, de modo a observar que seu projeto crítico entra em crise, precisamente, pela retomada dos paradigmas essencialistas que, conforme exposto nos capítulos anteriores, tiveram repercussão decisiva na conformação das referências intelectuais anteriores, notadamente a partir da circulação das referências francesas e alemãs que sobreviviam como dois modos de posicionamento contra o novo paradigma técnico e científico, associado aos Estados Unidos.

Procurei levar em conta que a circulação do discurso da crise e, a partir da década de 1950, a circulação do discurso americano - que poderíamos considerar, nesse momeno, um discurso crítico sobre a crise -, foi um dos componentes da inserção da Argentina, e da sociologia argentina, mais especificamente, em uma posição específica no espectro mundial das hierarquizações intelectuais. Desse modo, a universalidade, tão fundamental na própria composição teórica do projeto de Gino Germani, mostra-se também enquanto objeto crítico, vulnerável, notadamente quando emerge, em fins da década de 1960, uma nova versão da ideia de intelectual e de compromisso. A hipótese inicial, de que os aspectos propriamente teóricos da obra de Germani não eram os únicos responsáveis pela resistência que suas teses sofreram, foi desenvolvida a partir do cotejamento de uma tensão específica: o vigor da esfera privada, objeto dos capítulos 1 e 3, ajudou a criar um espaço de enunciação intelectual para além da universidade, fator fundamental para que se possa perceber que, antes mesmo de defender um projeto de sociologia científica, fosse preciso consolidar a própria posição intelectual da

universidade. Esse foi o aspecto sincrônico, o cotejamento da sociologia em relação a outras manifestações de seu tempo: as revistas culturais, os debates dos cafés, etc. Em paralelo, os capítulos 2 e 4 procuraram se ater, mais especificamente, à uma dimensão diacrônica, ou seja, ao conflito entre diversas versões da universidade que se insinuavam a partir de distrintas tradições e do conflito entre uma cultura humanista e a cultura científica.

Falou-se, sobretudo, de uma permanência, a saber, a resistência dos setores tradicionais da elite intelectual argentina em aceitar certos aspectos da confiança científica e, com isso, abrir mão das explicações ontológicas sobre a essência argentina. Essa resistência, conforme essa tese propôs, não se dava apenas no plano do enfrentamento entre ideias abstratas mas, sobretudo, no plano das atitudes: aquele no qual se personificam os distintos modos de aquisição e familiarização com as ideias. A década de 1960 representa, nesse sentido, um novo capítulo nessa delicada composição entre confiança científica e retorno às alternativas nacionalistas e essencialistas.

Um dos pontos nodais da Argentina dos anos 1960, especialmente no que diz respeito aos setores intelectuais, é a opção dos jovens radicalizados pelas explicações nacionais. Recusando-se em larga medida, como notou Manzano (2017), a associarem-se aos protestos de Paris, a grande consígnea era aproximar-se dos trabalhadores. Essa radicalização, fruto das brutais perseguições de 1966, sob governo de Onganía, aproximou os estudantes radicalizados, e também muitos professores, das demandas populares que começaram a confluir com os sindicatos, especialmente com a CGTA (*Confederación General del Trabajo de los Argentinos*), fundada em 1968, católica e peronista. O fio condutor do maio de 1968 argentino foi, em suma, político, a ponto de que Sarlo tenha podido afirmar que a discussão intelectual praticamente desaparece desse contexto, cedendo seu espaço às identificações políticas. Mais uma vez, tal como nas pontuações de Mallea (1961), tratava-se de substituir o universalismo "imperialista" por uma perspectiva nacional, de apelo popular, epistemologicamente afeito às ontologias nacionais. Distantes das expectativas de uma sociedade progressivamente racional, aventadas por Germani, essas análises focavam-se em encontrar alternativas de liberação nacional e continental através, em muitos casos, da luta armada. Tal inclinação se emancipava dos rigores acadêmicos e operava em instâncias extra-oficiais. Nos termos de Manzano, "os bares também podiam funcionar como aulas alternativas: alguns intelectuais organizavam grupos para estudar autores que não estavam incluídos no programa formal, como Jean Paul Sartre" (2017, p. 98)[846]. Conforme Gutierrez sintetizava na *Revista Antropologia del Terer*

[846] "Los bares también podian funcionar como aulas alternativas: algunos intelectuales organizaban grupos para estudiar autores que no estaban incluídos en el programa formal, como Jean Paul Sartre" (2017, p. 98)

Mundo, "a questão é inserir-se nos valores universais da única forma possível: a auto-afirmação através do projeto de liberação. Cultura nacional, ciência nacional, isso é liberação nacional (1969, n 2, p. 6)[847].

Quando observamos essas inflexões, voltamos à indagação que motivou esta tese: a função da sociologia como técnica ou como crítica não se estabelece, como tentamos observar, por uma eleição entre sociologias disponíveis, como num cardápio, mas, ao contrário, em relação a outras dimensões extra campo, de modo que analisa-la demanda algo mais que pensar uma sorte de "competição entre escolas". A opção desta tese foi, buscando pensar a dimensão sincrônica e diacrônica desses conflitos, analisar em que medida adversários podem ser cúmplices – e vice versa – no interior de um universo teórico.

Cinquenta anos após a reforma de Córdoba, de 1918, os desdobramentos de maio de 1968 rearranjam as possibilidades de enunciação intelectual. Essa tese é escrita precisamente 50 anos depois dos acontecimentos de Paris: tem, portanto, o mesmo distanciamento temporal que os revolucionários da década de 1970, na Argentina, podiam ter em relação aos acontecimentos da Reforma. A pertinência de entender as disputas entre cultura científica e cultura humanista, as tensões que se colocam entre o mundo universitário e os espaços de enunciação informais e, principalmente, as ameaças que a opção técnica e seu reverso oferecem ao intelectual motivaram, em larga medida, algumas das perguntas que aqui tentou-se perscrutar. Retorna, nesse sentido, a narrativa da crise, com todo o potencial questionador que ela pode carregar. Nesse ponto talvez possa-se alimentar a questão de Edward Said (1993): nunca a solidariedade antes da crítica. Será mesmo? Os movimentos de concordância na discordância que conectam os reclamos dos positivistas da virada do século com a atividade sistematizadora de Germani no limite parecem indicar que há um caminho viável para a aporia de Said: a solidariedade pode vir antes da crítica, mas não antes da auto-crítica, pois é a aplicação de nossos esquemas teóricos em nossa própria direção – nesse sentido, contra nós mesmos, nos termos de Bourdieu – que pode nos garantir a possibilidade de que as discussões de valor não sejam afastadas dos debates teóricos, ao mesmo tempo em que não se insinuem, insidiosamente, em nossas teses. A sociologia científica, depois de tudo, não precisa passar por um julgamento de valor: sua trajetória é exemplar, em muitos sentidos, dos descaminhos da confiança científica, e na história dessa desconfiança parece fazer casa, efetivamente, a auto-imagem intelectual.

---

[847] "La cuestión es insertarse en esos valores universales de la única forma posible: la autoafirmación a través del proyecto de liberación. Cultura nacional, Ciencia nacional, es Liberación nacional." (A 3er M, N° 2, p. 6)

Esta tese procurou mostrar que, embora a sociologia científica, enquanto agenda de pesquisa e enquanto projeto intelectual, não possa ser reduzida a um reflexo da longa disputa entre cultura científica e cultura humanista, ela tampouco pode ser compreendida sem que se considere a história dessa tensão. Assumiu, portanto, a inspiração de que nas lutas de hoje não estão em jogo apenas conflitos gestados no momento presente. Desde as primeiras formulações do romantismo alemão, passando pela contenda personificada por Dilthey até as tensões que se projetaram ao longo das décadas 1950 e 1960, é importante perceber que essa antítese tem sua própria história e, sobretudo, que essa história pregressa é estruturante das disputas modernas, e isso é o oposto de dizer que atuam sobre elas enquanto repetição pura e simples. O entendimento das disputas entre cultura humanista e cultura científica, espiritualismo e positivismo, continentais e analíticos e, em ultima instância, da disputa entre um olhar histórico e um olhar puramente abstrato são entendidas na perspectiva desta tese, portanto, como um requisito para que se possa pensar as hierarquias mundiais de consagração do saber nas quais se acomodam, com variados graus de autonomia, os campos nacionais. A história dessa tensão, além disso, requere, no caso argentino, o olhar diacrônico que perpassa essa tese, a saber, aquele dedicado a considerar as relações de complementação, cooptação e disputa entre a entre esfera universitária e as instâncias privadas de produção cultural já que, graças aos padrões de recrutamento, às particularmente vigorosas redes de mecenato privado na Argentina e, não menos, às tensões políticas e sociais que fissuraram o país ao longo do século XX, pôde-se perceber que a cultura científica tendeu a radicar-se mormente na universidade e a humanística, ao contrário, pôde resguardar-se das irrupções políticas que atingiam o ensino oficial, em sua rede cultural particular. Essa configuração, como essa tese procurou demonstrar, não está inscrita na natureza do campo e, muito menos, na natureza das teses defendidas pelos protagonistas do debate. Ao contrário, é a historia dessa tensão que se deixa antever nos combates travados por Gino Germani e seu grupo em relação à uma tradição francamente amparada no repertório e no *ethos* 'continental', oposto àquele que, na década de 1950, se generaliza mundo a fora a partir do irresistível modelo americano.

Observatório dessa tensão, as reflexões sobre a crise exemplificam essas formatações: o tema da crise não é um tema exclusivamente continental nem, muito menos, restrito às reflexões "humanistas", ao contrário, ele ganha acentos distintos quando pensados por cada uma das tradições intelectuais que nele se adentram. Se nos marcos da tradição alemã, exemplarmente, ele se conecta com a literatura de catástrofe, nas vertentes de língua inglesa – às quais Germani pretendeu, em boa medida, vincular-se, o tema da crise aparece de modo prospectivo, representante da própria confiança na potência e na validade geral da

racionalidade. Vale lembrar, conforme D´Agostini (2003), que a década de 1950, momento em que a sociologia científica se projeta no cenário de debates, é precisamente aquele em que a tradição positivista, em suas diversas formulações, ancora em território estadunidense e lá desenvolve-se hegemonicamente. Na Europa, por outro lado, o ensaio, a hermenêutica e as novas preocupações de cunho histórico que sobrevem nesse contexto, deixam antever o deslocamento geográfico que organiza essa tese: o modelo do sábio perde espaço, paulatina mas definitivamente, para o do especialista. Deslocamento geográfico que é, portanto, temporal, essas redefinições transpassam os debates argentinos de tal modo que pareceu possível dizer, já no começo desta investigação, que a prevalência de certa opção teórica orientada para a tradição alemã, contra a qual se erigiu e pela qual se mediu a sociologia científica, implicava uma certa opção de segunda ordem, sobretudo no que diz respeito às filiações nacionais.

Parece prudente, nesse momento, citar a Borges – o "argentino inevitável", diz Sarlo (2005). Embora muito distante da atitude intelectual da sociologia científica – ele poderia ser, inclusive, o grande modelo do dândi defensor da cultura humanista em oposição à tão rasteira ciência dura – Borges está, sob um outro ponto de vista, irmanado a Germani: as duas posições no campo são confrontadas, a partir de 1968, porque ambas dependiam, a rigor, da validade de uma busca por universais. Nesse sentido, é preciso imaginar que Germani responderia "sim" à pergunta de Borges acerca da possibilidade de acessar a literatura universal a partir de uma periferia como a Argentina. Aliás, talvez seja mesmo possível imaginar que Germani apreciasse a ironia de Borges em "O escritor argentino e a tradição":

> Encontrei dias atrás uma curiosa confirmação de que o verdadeiramente nativo costuma e pode prescindir da cor local; encontrei esta confirmação na História do Declínio e Queda do Império Romano, de Gibbon. Gibbon observa que no Alcorão, livro árabe por excelência, não há camelos; creio que se houvesse alguma dúvida sobre a autenticidade do Alcorão, bastaria essa ausência de camelos para provar que ele é árabe. Foi escrito por Maomé, e Maomé, como árabe, não tinha por que saber que os camelos eram especialmente árabes; para ele eram parte da realidade, não tinha por que distingui-los; em compensação, a primeira coisa que um falsário, um turista, um nacionalista árabe teriam feito seria povoar de camelos, de caravanas de camelos, cada página; mas Maomé, como árabe, estava tranquilo: sabia que podia ser árabe sem camelos (1957, p. 270).

A imaginação. Essa palavra de ordem contra o positivismo que, desde o século XIX procurava resistir ao mundo progressivamente técnico, retorna, na década de 1960, repaginada (BRILLANT, 2003). O conteúdo da crítica ao mundo técnico, embora não muito distante daquele reivindicado pelos primeiros românticos alemães, poderia até ser colocado em segundo plano quando se trata de cotejar, a rigor, a similaridade constrangedora da forma: em ambas as

ocasiões, a racionalidade que desumaniza, o imaginativo que perde espaço e, seu correlato, o técnico que não é capaz de julgar as finalidades do que executa parecem funcionar como representações daquilo que deve ser combatido. A ideia de crise, contemplada por distintas modulações, funcionou, nesta tese, em dois níveis: como narrativa organizadora, foi capaz de unificar aportes teóricos tão distintos no tempo e no espaço e de garantir um espaço de tradicionalidade, de usos de textos do passado, na definição de filiações intelectuais; por outro lado, as muitas maneiras de significar a crise – dentre as quais as poucas que esta tese abordou – operaram como indicativos da própria historicidade e contingência de suas possibilidades.

Se antes da década de 1960 o trinômio progresso-ciência-democracia funcionava enquanto modelo teorético capaz de mobilizar projetos intelectuais robustos, como o da sociologia científica, agora, como sugerira Marcuse e Agathon antes dele, a ciência precisará servir à vida e, mais pontualmente, à vida emancipada. O cientista e, em igual medida, o homem de letras conversador, na formula de Viñas, perdem espaço para o confrontador, para o intelectual que "fala a verdade ao poder" (SAID, 2005). Muitas modulações intelectuais adviriam desse questionamento dos universais. Acompanho, a título de conclusão, o argumento de Edward Said, uma das formulações críticas mais representativas do estado da questão na contemporaneidade. Ativista da causa palestina, Said afirmava, em ocasião das críticas à sua palestra para a BCC, que o "papel público do intelectual como um outsider, um 'amador' e um perturbador do status quo" (SAID, 2005, p. 11). Na esfera pública, longe dos dogmas e de olhos abertos, os intelectuais representam algo para o público e, paralelamente, se representam. O intelectual de Said pretende equacionar, anos após a geração de Sartre, ação e erudição imaplacável. Essa dupla constituição, para ele, impõe-se como uma exigência. Não existe, afinal, aquilo que poderia ser chamado de intelectual privado, para Said, ele e o público se pressupõe e, como tributo a essa simbiose, deve assumir a função de causar embaraço. Sua vocação, afirma Said, é um estado de alerta constante. Nunca a solidariedade antes da crítica, conclui Said, antes de que se julgue negativamente a academia em si, seria preciso observar o dano da especialização, do profissionalismo exacerbado. Ficamos muito tempo preocupados, pondera, com a censura nos regimes autoritários, afirma, e "não fomos tão exigentes em relação às ameaças, para o intelectual enquanto indivíduo, de um sistema que recompensa a conformidade intelectual" (SAID, 2005, P. 85).

. Há dois modos de pensar o futuro que singularizam o projeto da sociologia científica frente aos nacionalistas, peronistas e sartreanos de modo geral. Se, para esses últimos, o futuro não pode ser pensado sem o lastro do passado, especialmente nacional, para a antiga associação entre ciência-democracia-progresso o futuro não tem lastro ontológico, é apenas um futuro

lógico, que se desdobra do presente. O futuro tal como pensado pelo projeto das esquerdas nacionalistas neste contexto é, tal como aquele que emergirá, na mesma década, nas ruas de Paris, tributário das relações sociais e de sua materialidade. O futuro da utopia científica é, ao contrário, promessa, abstração.

O retorno das perspectivas nacionalistas, bem como as globalmente em voga reivindicações de um novo vitalismo, circunscrevem um novo modo de pensar o futuro histórico e, como sustenta Koselleck (2006), a própria pergunta ao futuro histórico. À ideia de uma ciência social unificadora, capaz de fornecer um repertório de ações eletivas que sustentassem a democracia e se seguissem dela, sobrepõe-se uma concepção onde o "novo", o elemento prospectivo, volta a radicar-se no passado histórico, na periferia do tempo. Como disse Sarlo, meditando acerca da "guinada subjetiva" que têm início em momento parecido, "não se prescinde do passado pelo exercício da decisão nem da inteligência; tampouco ele é convocado por um simples ato de vontade" (2007, p. 9). O ostracismo da sociologia científica, nesse sentido, bem como a prevalência de um discurso nacional e experencialista, também precisam ser pensados, para além das disputas das teses, em relação à demanda narrativa daquele contexto que, lembra Sarlo, era bem mais favorável à "razão do sujeito" do que aos flertes estruturalistas que compareciam no discurso de Gino Germani e de seu projeto.

A crítica "a tudo o que está ai" que informa o movimento de Maio de 1968, ganha na Argentina contornos próprios: amalgama o peronismo, os movimentos católicos, a juventude universitária e os trabalhadores em um projeto alheio ao da república de cientistas. Vale menção, nesse caso, à figura do jovem que, recuperada discursivamente a partir das alusões ao movimento de Córdoba e ao arielismo do começo do século, parecia condensar, em toda sua possibilidade ou em toda sua *expectativa*, esse novo modo de equacionar a vida intelectual e a discussão sobre compromisso. A crítica à sociologia científica, afinal, também institui, a seu modo, uma crise: a partir da necessidade de responsabilização e comprometimento intelectual, tudo se passa como, sob nova roupagem, se tratasse de manter viva a antiga indagação de Korn, respondendo aos arautos da cultura científica que pretendia combater na virada do século: "valeria a pena empregar longos anos de cálculos teóricos e de ensaios heroicos para construir o avião e destiná-lo ao assassinato com a mesma brutalidade ancestral?" (KORN, 1944, p. 15)[848]. A resposta, nos *sixties*, é decididamente negativa, negação que carrega em seu bojo, não se pode deixar de notar, os despojos do potencial crítico que estavam contidos na confiança científica. Longos anos de ditadura e de horror nas décadas seguintes deixariam sua marca na

[848] "Valía la pena emplear largos años de cálculos teóricos y de ensayos heroicos para construir el aeroplano y destinalo luego al asesinato con la misma brutalidade ancestral?" (KORN, 1944, p. 15).

trajetória da disciplina sociológica argentina. Alunos e professores desaparecidos e o cultivo sistemático do horror acabaram gerando um longo interlúdio nas discussões que informam essa tese. Os momentos de exceção, afinal, não comportam a asserção de Mannheim que inspira essa tese – a de que não se defendem apenas teses mas sempre, ao mesmo tempo, um mundo onde as teses estejam em casa – ao contrário, eles põe em cheque as zonas híbridas e os espaços de formulação do discurso sobre a crise; tolhem, em sentido cabal, a própria possibilidade da experiência crítica. Apesar disso, as atuais contribuições de sociólogos argentinos para os debates latino-americanos sobre as ciências sociais funcionam como um lembrete de que o compromisso intelectual tem matizes plurais e não podem ser reduzidos a trajetórias pessoais ou a desavenças rigidamente epistemológicas: são também fenômenos sincrônicos, que se relacionam com o que cada sociedade é capaz de esperar de seus narradores e a partir de quais expectativas organiza seu passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS

BIBLIOGRAFIA GERAL

ABELLAN, J. L. *Filosofia Española en America (1933-1966).* Seminários Editoriales S.A. Madrid, 1967.

ADORNO, T. W. *A disputa do positivismo na sociologia alemã* (org. e prefácio por Marcio Pugliesi). Trad. Ana Laura. 1 ed. São Paulo. Cone, 2014.

ADORNO, T. W. *La Personalidad Autoritária*. Trad. Dora y Aída Cymbler e Eduardo Colombo. Buenos Aires. Ed. Proyección, 1965.

ADORNO, T. W. *Minima Moralia. Reflexões a partir da vida danificada.* Trad. Luiz e Bicca. São Paulo. Ed. Atica, 1992.

ADORNO, T. W. *Palavras e Sinais. Modelos críticos*. 2. Ed. Trad. Maria Helena Ruschel. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1995.

ADORNO, T. W. *Epistemología y Ciencias Sociales*. Trad. Vicente Gómez. Madrid. Ed. Cátedra, 2001.

ADORNO, T. W. *Notas de Literatura 1*. Coleção Espírito Crítico. Ed. 34, 2012.

ADORNO, T. HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 1975.

AGATHON. *L´ Sprit de la Nouvelle Sorbonne. A crise de l aculture classique. La crise du françai*s. 3. Ed. Mercrive de France, 1911.

AIZPURUA, J. P. *La crisis de la conciencia europea* in CABRERA, M, JULIÁ, S, ACEÑA, P. M. (comp). *Europa in Crisis 1919-1939*. Madrid: Ed. Pablo Iglesias, 1991.

ALATAS, s. f. *Academic Dependency and the global division labour in the social sciences. Current Sociology.* Vol. 51. N. 6, 2003, p. 599-613.

ALGER, C. F. LYONS, G. *Social Science as a transnational system.* Social Science Journal, 1974, v. 26, 137–149.

ALTAMIRANO, C. *Bajo el Siglo de las Masas*. Ed. Ariel. Buenos Aires, 2001.

ALTAMIRANO, C. *Ideias para um programa de história intelectual*. Trad. Norberto Guarniello. Tempo Social, v 19. N 1, p. 91-17. Jun. 2007.

ALTAMIRANO, C. *Um mundo em crise*. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, v 21, n 2. Nov, 2009.

ALTAMIRANO, C. (org). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Tomo II. Las aventuras de la ciudad letrada. Buenos Aires. Ed. Katz Conocimiento, 2010.

ANGENOT, M. *Malaise dans l'idée de Progrès* (1889). In: *Mots*, n°19, juin 1989. Batailles de mots autour de 1900, sous la direction de Gabrielle Drigeard et Maurice Tournier. pp. 5-22.

ANTÓN, G. *El programa de investigaciones de Gino Germani*. VII Jornadas de Sociologia. Facultad de Ciencias Sociales, UBA. Buenos Aires, 2007.

ARENDT, H. *Responsabilidade e Julgamento*. Trad. R. Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARICÓ, José. *La cola del diablo, itinerário de Gramsci em America Latina*. Buenos Aires. Siglo XXI Ed., 2005.

ARON, R. *German Sociology*. Translated by Mary and Thomas Botomore. Free Press of Glencoe. Nova York, 1964.

ARON, R. *El ópio de los intelectuales*. Trad. Enrique Alonso. Barcelona: RBA Libros, 2011.

ARREGUI, J. J. H. *Imperialismo y cultura: la política en la intelligentsia argentina.* Buenos Aires. Ed. Amerindia, 1957.
ARREGUI, J.J.H. *La formación de la conciencia nacional.* Buenos Aires. Ed. Plus Ultra, 1973.
ASTRADA, C. *El Mito Gaucho. Martín Fierro y el hombre argentino*. Buenos Aires. Ed. Cruz del Sur, 1948.
AYALA, F. *Tratado de Sociologia*. Madrid. Ed. Aguilar, 1959.
BABINI, J. *História de la Ciencia em la Argentina.* Buenos Aired. Bib. Argentina Sonar, 1 ed, 1986.
BACHELARD, G. *A formação do espírito científico. Contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro. Contraponto, 2005.
BEIRED, J. L. *Autoritarismo e Nacionalismo: o campo intelectual da nova direita no Brasil e na Argentina (1914-1945).* Tese de doutorado, banco de teses da FFLCH USP, 1996.
BEIRED, J. L. *Breve História da Argentina*. São Paulo. Ed Ática, 1996a
BEIRED, J. L. *O hispanoamericanismo historiográfico: Espanha e América na perspectiva de Ricardo Leve e Rafael Altamira*. Revista de História da Unisinos. Vol 13, n 1, jan-abr, 2009.
BEM-DAVID, J. *O papel do cientista na sociedade, um estudo comparado*. Trad. Dante Moreira Leite.São Paulo. EDUSP, 1974.
BEM-DAVID, J. *Social factors in the origins of a new science. The case of psychology*. American Sociological Review. Vol 3. N 4, 1996, p. 451-465.
BEN PLOTKIN, M. *Psicoanalisis y política: la recepción que tuvo el psicoanáilses em Buenos Aires 1910-1943.* Redes. Vol III, n 8. EC 1996, p. 163-198.
BEN PLOTKIN, M. *Freud in the pampas. The emergence and development of a psychoanalytic culture in Argentin*a. Stanford University Press, California, 2001.
BENDA, J. *La trahision des clercs*. Collaborateur bénévole a partir de collections de cahiers rouges. Ed. Grasset. Paris, 2003.
BENDER, T. *Intellect and public life. Essays on the social history of Academic Intellectuals in the Unites States.* John Jopkings University Press, 1997.
BENTHIEN, R. *Interdisciplinaridades: latinistas, helenistas e sociólogos em revista (França, 1898-1920)*. Tese de doutorado defendida no departamento de História da Universidade de São Paulo, 2011.
BIAGINI, H. *El movimento positivista argentino*. Ed. Belgrano. Buenos Aires, 1985.
BIAGINI, H. *Filosofia Americana e identidad: el conflictivo caso argentino.* 1. Ed. Buenos Aires: EUDEBA, 1989.
BLANCO, A. *Ideología, Cultura y Política: la escuela de Frankfurt em la obra de Gino Germani.* Prismas. Revista de Historia Intelectual, 1999, ano 3, n3, Universidad Nacional de Quilmes.
BLANCO, A. *La Asociación Latinoamericana de Sociologia: uma história de sus primeros congresos.* Sociologias. Porto Alegre, ano 7, n 14, jul-dez 2005, p. 22-49.
BLANCO, A. (org) *GERMANI, G. La renovación intelectual de la sociologia*. Buenos Aired. Universidad Nacional de Quilmes, 2006a
BLANCO, A. *Razón y Modernidad. Gino Germani y la Sociologia em la Argentina.* Buenos Aires. Siglo XXI Ed., 2006b.
BLANCO, A. *Ciências Sociais no cone sul e a gênese de uma elite intelectual*. Tempo soc. [online]. 2007, vol.19, n.1, pp.89-114.
BLANCO, A. *Karl Mannheim em la formación de la sociologia moderna em América Latina.* Revista de Estudos Sociologicos. XXVII: 80, 2009, p. 393-431.
BLANCO, A. JACKSON, L. C. *Sociologia no Espelho: ensaístas, cientistas sociais e críticos literários no Brasil e na Argentina (1930-1970).* São Paulo. Ed. 34, 2014.
BOBBIO, N. *Os intelectuais e o poder: duvidas e opções de homens de cultura na sociedade contemporânea.* Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo. Ed. UNESP, 1997,

BOLLO, H. G. *El instituto de sociologia de la Facultad de Filosofia y Letras (UBA), 1940-1947.* Revista Investigaciones y Ensayos 48. Enero-deciembre 1998, Buenos Aires, p. 299-320.
BOLTANSKI, L. *Note sur les échanges philosophiques internationaux*. Actes de la Recherche en Sciences Sociales. Vol 1. N 5-6. Nov, 1975, p. 191-199.
BORGES, J. L. *O escritor argentino e a tradição* in BORGES, Jorge Luis. Discusión; Obras Completas. Buenos Aires: Emecé, 1957. p.151-162.
BORROTORÁN, P. *El peronismo bajo el prisma de los intelectuales*. Anais da ANPHLAC, Campinas, 2006.
BOS, J. *Les Types de marginalisation dans leur relation constitutive au discours.* In L´Homme et la Société, 2008, n 167, p. 168.
BOURDIEU, P. *Sistèmes d´Enseignement et Systèmes de Pensée*. *Revue internationale des sciences sociales*. - Volume XIX, n° 3, 1967. In: *L'Homme et la société*, N. 6, 1967. pp. 209-210.
BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. Org. Sergio Miceli. São Paulo. Ed. Perspectiva, 1974.
BOURDIEU, P. SAINT MARTIN, M. *Les categories de l´entendement professoral*. In In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 1, n°3, mai 1975. Les catégories de l'entendement professoral. pp. 68-93.
BOURDIEU, P. *Le champ scientifique*. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 2, n°2-3, juin 1976. La production de l'idéologie dominante. pp. 88-104a
BOURDIEU, P. BOLTANSKI, L. *La production de l'idéologie dominante*. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 2, n°2-3, juin 1976. La production de l'idéologie dominante. pp. 3-73b.
BOURDIEU, P. *La Production de la Croyance*. [contribution à une économie des biens symboliques]. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 13, février 1977. L'économie des biens symboliques. pp. 3-43.
BOURDIEU, P, *Les Doxosophes*. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 71-72, mars 1988. Penser la politique-1. pp. 2-4.
BOURDIEU, P. *Sur les rapports entre la sociologie et l'histoire en Allemagne et en France*. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 106-107, mars 1995. Histoire sociale des sciences sociales. pp. 108-122.
BOURDIEU, P. *The State nobility. Elite Schools in the field of power*. Trad. Lauretta Clough. Polity Press, 1996.
BOURDIEU, P. *As condições sociais da circulação internacional das ideias*. Trad. Fernanda Abreu. Revista Enfoques. Rio de Janeiro. V. 1. N 1. 2002. P. IV-117.
BOURDIEU, P. *As regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo, Cia das Letras, 1996a
BOURDIEU, P. *Meditações Pascalianas.* Trad. Sergio Miceli. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 2001.
BOURDIEU, P. *Razões Práticas. Sobre a teoria da ação.* 9 ed. Trad. Mariza Correa. Campinas. Papirus, 2006.
BOURDIEU, P. *Homo Academicus.* Buenos Aires. Ed. Siglo XXI, 2008.
BOURDIEU, P. *Intelectuales, política y poder*. Buenos Aires. EUDEBA, 2009.
BOURDIEU, P. *A distinção. Uma crítica social da faculdade do juízo*. Trad. Pedro Durte. Lisboa. Ed. 70, 2010.
BOURDIEU, P. CHARTIER, R. *O sociólogo e o historiador*. Ensaio Geral. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2012.
BOURDIEU, P. PASSERON, J. *Los herederos: los estudiantes y la cultura.* 3. Ed. Buenos Aires. Siglo XXI, 2013.

BRASIL JR, A. *Passagens para a Teoria Sociológica. Florestan Fernandes e Gino Germani.* Hucitec Ed. CLACSo. São Paulo, 2013.
BRAUDEL, F WALLERSTEIN, I. *History and the social sciences: the long durée.* Review. Fernand Braudel Centre. Vol 32, n 2. Commemmorating the longue durée. 2009, p. 171-203.
BRAUDEL, F. *História e Ciências Sociais*. Lisboa. Ed. Presença, 1990.
BRESCIANI, S. *Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX).* Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 5, n. 8-9, p. 35-68, set./abr. 1985
BRILLANT, B. *Les clercs de 68.* Le Noued Gordien. Presses Universitaires de France. Paris, 2003.
BRINKMANN, D. *La Teoria de la Transferencia Cultural y la Construcción de um referente cultural alemán em la España de entreguerras (1919-1936*) tese doutoral. Universidade Complutense de Madrid, 2014.
BROCKMAN, J. *The Third Culture. Beyond the scientific revolution*. Ed. Simon & Schuster, 1995.
BRUNO, P. (2009). La *Vida literararia porteña entre el 1860 y el fin de siglo*. Anuario IEHS 24 (2009), pp. 339-368.
BUCHBINDER, P. *História de la Facultad de Filosofia y Letras. Universidad de Buenos Aires.* Buenos Aires. EUDEBA, 1997.
BUCHBINDER, P. *Los Quesada. Letras, Ciencia y Política em Argentina, 1850-1934*. 1. Ed. Buenos Aires. Edhasa, 2012..
BUNGE, C. O. *Educación de los degenerados. Teoria de la Educación.* Madrid. Biblioteca Científico Filosófica Daniel Jorro ed. 1903.
BURROW, J. W. *La crisis de la razón. El pensamento europeo. 1848-1914*. Trad. Jordi Beltrán. Barcelona. Ed. Crítica, 2000.
BUSTELO, N. *La Reforma Universitária como kulturkampf. La lectura gramsciana de Juan Carlos Portantiero.* Revista Sociohistórica, n 31. 2013.
CALDELARI, M. FUNES, P. *Escenas Reformistas de la Reforma Universitaria 1918-1930.* Buenos Aires, EUDEBA, 1998.
CALIFA, J. SEBASTIAN. *Reforma y Revolución. La Radicalización Política del Movimiento Estudantil de la UBA, 1943-1966*. CABA, Buenos Aires. Eudeba, 2014.
CAMBIASSO, N. GRIECO Y BAVIO, A. *Los usos del orden: de la Escuela de Chicago al Funcionalismo*. Buenos Aires. EUDEBA, 1999.
CANÉ, M. *El Positivismo*. In Ensayos. Buenos Aires. Imprenta de la Tribuna, 1877.
CANÉ. "*En Viaje*" (1881-1882). Buenos Aires. Talleres Gráficos Argentinos de L. Rosso, 1928.
CARDOSO, F. H. FALETTO, E. *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*. 2 ed. Rio de Janeiro. Zahar, 1978.
CASANOVA, P. *A republica mundial das letras*. Trad. Marcia Appenzeller. São Paulo. Estação Liberdade, 2002a
CASANOVA, P. *Consécration et acumulation de capital littéraire (la traduction comme échange inégal).* Actes de la Recherche em Sciences Sociales. V. 144. Sep 2002b. P. 7-20;
CHARLE, C. *La République des Universitaires. 1870-1940*. L´Universe Historique. Paris: Éditions du Seuil, 1994.
CHARLE, C. *Les Intellectuels en Europe au XIX Siècle. Essai d´histoire comparée*. Paris. Ed. Seuil. L´Universe Historique, 1996.
CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. Trad, Fulvia Moretto. São Paulo. Ed. UNESP, 2002.
CHAUNU, P. *Histoire et Décadence*. Paris. Libraire Académique Perrin, 1981.
CHOMSKY, N. *American power and the new mandarins.* Vintage Books, New York, 1969.
CIRIA, A e SANGUINETTI, H. *Los Reformistas*. Buenos Aires. Editorial Jorge Alvarez, 1968.
COHN, G. *Crítica e Resignação. Max Weber e a Teoria Social*. São Paulo. M Fontes, 2003.

COLEMAN, P. *A note on Michael Polanyi and the Congress of Cultural Freedom* in Polyiana, 2006, 1-2 (15), p. 56-64.
COLLINS, R. *A global theory of intelectual change. The sociology of phisolophies*. EUA. Harvard Un. Press, 2001.
COMTE, A. *Discours sur l´ensemble du positivismo*. Paris. Société Positiviste Internationale, 1907.
COSER, L. *Hombres de ideas. El punto de vista de um sociólogo.* Trad. Ivonne de la Peña. Ciudad de Mexico. Fondo de Cultura Económica, 1968.
DARÍO, R. *El Triunfo del Calibán*. Acessado em https://www.ensayistas.org/antologia/XIXA/dario/
DE DEUS, J. D. (org). *A crítica da ciência. Sociologia e ideologia da ciência.* 2; ed. Rio de Janeiro. Zahar ed, 1979.
DE TORRE, G. *Madrid: Meridiano intelectual de hispanoamerica*. La Gaceta literária. Madrid. 15 de abril de 1927.
DEBRAY, R. *Revolution in the revolution? Armed Struggle and political strugle in Latin America*. Trad. B. Ortiz. Grove Press. New Yotk, 1967.
DELICH, F. *La invención de la Universidad. Buenos Aires*. Talleres Gráficos Cabrera, 1988.
DEWEY, J. *German Philosophy and Politics.* New York. Van Rees Press, 1942.
DI TELLA, T. GERMANI, G. GRACIARENA, J. *Argentina, Sociedad de Masas*. Buenos Aires. EUDEBA, 1965.
DI TELLA, T. *La sociologia Argentina en una perspectiva de veinte años*. Desarrollo Económico, Vol. 20, No. 79 (Oct. - Dec., 1980), pp. 299-327.
DI TELLA, T. *História Social da Argentina Contemporânea*. Brasília. Funag, 2010.
DILTHEY, W. *Filosofia e Educação*. Tras. Maria N C Pacheco Amaral. São Paulo. EDUSP, 2010.
DONGHI, T. H. *La democracia de masas*. 3 ed. Buenos Aires. Paidós, 2000.
DONGHI, T. H. *História de la universidad de Buenos Aires*., Buenos Aires: libros de Rojas, 2012.
DURKHEIM, E. *La vie universitaire a Paris*. Paris. Libraire Armand Colin, 1918.
ECHAVARRÍA, J. M. *La planeación em las formas de la racionalidad.* Cuadernos del instituto latino-americano de Planificación Económica y social. Santiago do Chile, 1973.
ECHAVARRÍA, J. M. *Sociologia como Ciencia Social Concreta*. Madrid. Ediciones Cultura Hispanica del Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1980.
ECHAVARRÍA, J. M. E GAOS, J. *Responsabilidad de la Universidad.* Jornadas 129. Mexico. Colégio de Mexico, 1999.
ELIAS, N. MARTINS, H. WHITLEY, R. *Scientific Establishments and Hierarchies*. Holland. D. Reidel Publishing Company, 1982.
ELIAS, N. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX.* Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro. Jorge Zahar ed., 1997.
ENTEL, A. LENARDUZZI, V. GERZOVICH, D. *Escuela de Frankfurt. Razón, Arte y Libertad*. Buenos Aires. EUDEBA, 2000.
ESCUDERO, E. *Ricardo Levene: políticas de la história y de la cultura. 1930-1945.* 1 ed. Córdoba. Ed. Ferreyra, 2010.
ESPAGNE, M. *En deçà du Rhin. L´Allemagne des philosophes français au XIX siècle.* Bibliothèque Franco-Allemande. Paris: Les éditions du CERF, 2004.
ESTRADA, Ezequiel M. *Radiografia de la Pampa.* Ed. Crítica organizada por Leo Pollman. Paris – México – Buenos Aires – São Paulo: Ed.Alcca UFRJ, 1996.
ESTRADA, E. M. *La Cabeza de Goliath*. http://www.biblioteca.org.ar/libros/656459.pdf acessado em 02/07/2015.

FALS-BORDA, O. *La crisis, el compromisso y la ciéncia*. Bogotá. CLACSO. Siglo del hombre Editorial, 2009.
FERRÉ, L. *Cincuenta años de filosofia em Argentina*. Prólogo de Alberini. Buenos Aires. Ed. Peuser, 1958.
FERNANDES, F. *A condição do sociólogo*. Prefácio de Antonio Candido. São Paulo. Ed. Hucitec, 1978.
FERNANDES, F. *A universidade brasileira: Reforma ou Revolução*? 2. Ed. São Paulo. Ed. Alfa Omega, 1979.
FERNÁNDEZ, S. M. (dir). *La investigación, las bibliotecas y el libro en cien açnos de vida de Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires*. UBACyT: Buenos Aires, 1996. (INIBI)
FIORUCCI, F. *El antiperonismo intelectual: de la guerra ideológica a la guerra espiritual.* Paper de LASA. 2001a. Washington D.C. p. 6-8.
FIORUCCI, F. *Los escritores argentinos y la SADE.* Prismas. Revista de História Intelectual. N 5, 2001b, p. 101-105.
FIORUCCI, F. *Los marginados de la revolución: los intelectuales peronistas*. Congresso Brasileiro de Hispanistas, oct, 2002. Scielo.
FINKELSTEIN, M. *The american academic profession. A synthesis of social scientific inquiry since world war I*I. Ohio State university P`ress, 1984.
FOURNIER, M. GINGRAS, Y. MATHURIN, C. *L´Évaluation par les pairs et la définition legitime de la recherche.* In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 74, septembre 1988. Recherches sur la recherche. pp. 47-54.
FREEDEN, M. *Crisis? How is that a crisis?! Reflection on nan overburneded world. Contributions to the history of concepts*. Vol 12. Issue 2. Winter, 2017, p. 12-28.
FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu*. In Obras Completas. V 15. São Paulo, Cia das Letras, 2010.
FREUD, S. *O mal estar da civilização e outros textos*. São Paulo. Cia das Letras, 2010.
FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Porto Alegre: P&PM, 2012
FRIEDMANN, G. *Révolution industrielle et crise du progrès*. In: Annales. Economies, sociétés, civilisations. 3e année, N. 3, 1948. pp. 331-338.
FROMM, E. *A sobrevivência da humanidade*. Trad. W. Dutra. Rio de Janeiro. Zahar, 1964.
FROMM, E. *O medo à liberdade*. Rio de Janeiro. Zahar, 1974.
FUNES, P. *Salvar la Nación*. Buenos Aires. Prometeo Libros, 2006.
GALVEZ, V. (Vicente Quesada) *Memorias de um Viejo. Escenas de Costumbres de la Republica Argentina*. Buenos Aires. Ed. Argentinas Solar, 1942.
GARBAL-BLACHA, N. ZARRILLI, A. BALSA, J (org) *Estado, Sociedad y Economia em la Argentina (1930-1997*). Univ. nacional de Quilmes, Buenos Aires, 2001.
GARCÍA, J. A. *La ciudad indiana, sobre nuestra incultura y otros ensayos*. 1. Ed. Bernal. UNQ, 2006.
GARCIA, L. M*odernidad, Cultura y Crítica. La escuela de Frankfurt em Argentina (1936-1983)*. Tesis doctoral. Editorial Filosofia y Humanidades, UNC. Córdoba, 2014.
GAY, P. *A cultura de Weimar*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1978.
GHILINI, A e GIL GARCÍA, M. *La experiencia de las Catedras Nacionales de la Carrera de Sociologia en la Facultad de Filosofía y Letras de la UBA entre 1968/1972*. V Jornadas de sociologia de la UNLP. La Plata, 2008.
GHILINI, A. *Gino Germani: rebelión de sus discípulos e impugnaciones a la sociologia científica*. Revista Nómadas (Col), n 46, abril 2017, p. 253-263.
GHIOLDI, A. *Libertad de Enseñanza. Universidad de Buenos Aires*. FFyL. Depto de ciências de la educación. Buenos Aires, 1961.
GIDDENS, A e TURNER, J. *Teoria Social hoje*. São Paulo. Ed. UNESP, 1999.

GINGRAS, Y. *Les formes spécifiques de l'internationalité du champ scientifique*. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 141-142, mars 2002. Science. pp. 31-45
GIRAL, F. *Ciencia española en el exilio (1939-1989*). El exilio de los científicos españoles. Colección Memória Rota. Barcelona, Madri, CIERE, 1994.
GONZÁLEZ, H. (org) *História Crítica de la Sociología Argentina. Los raros, los clássicos, los científicos, los discrepantes.* Buenos Aires. Ed. Colihue, 2000.
GORELIK, A. *A Buenos Aires de Ezequiel Martines Estrada*. Tempo Social. Dossiê Bsas; Vol. 21. N 2. 2-, 2009.
GOUARNÉ, I. *Crise do Progresso, Antifascismo e Ciências Sociais: a Journée d'histoire et de psychologie du travail et des techniques1 (Toulouse, junho de 1941)* Política & Sociedade - Florianópolis - Vol. 17 - Nº 38 - Jan./Abr. de 2018.
GOULDNER, A. *The coming crisis of western sociology*. London. Hunneman Ed, 1970.
GOULDNER, A. *La crisis de la sociologia occidental*. Buenos Aires: Amorrotou, 1979.
GRACIANO, O. *Entre la torre de marfil y el compromisso político. Intelectuales de Izquierda em la Argentina, 1918-1955*. Bernal. Universidad Nacional de Quilmes, 2008.
GRACIARENA, J. *Diseño de un modelo de investigación sobre la deserción estudantil universitária.* Universidad Nacional del Litoral. Dpto de Pedagogia universitária. Santa Fé, 1961.
GRAMUGLIO, M T. *Sur: uma minoria cosmopolita na periferia ocidental*. Tempo soc. [online]. 2007, vol.19, n.1, pp.51-69.
GROUSSAC, P. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires. Ed. Jesús Menendez, 1925.
GRYNSZPAW, M. *Ciência, política e trajetórias sociais. Uma sociologia história da teoria das elites.* Rio de Janeiro. Ed. FGV, 1999
GUADAMARRA, P. *Razones del positivismo y antipositivismo sui generis em America Latina.* Cuadernos Americanos. Nueva Época, 137, UNAM, Ano XXV, v. 3 2011
GUTIÉRREZ, J. M. ECHEVERRÍA, E. *El salón literário*. Estudio preliminar de Weinberg. Librería Hachette. Buenos Aires. SD.
HABERMAS, J. *Para que ainda a filosofia?* Trad. A. Marchusci. Do original em alemão Wozu noch Philosophie. Bibliothek Suhrkamp. Frankfurt, 1971, p. 11-36.
HABERMAS, J. *Diagnósticos do tempo. Seis Ensaios*. Trad. Flavio B. Siebeneichler. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2005.
HANEY, D. P. *The Americanization of social Science. Intellectuals and public responsability in the postwar United States*. Philadelphia. Temple University Press, 2008.
HARTOG, F. *Evidência da história. O que os historiadores vêem*. Coleção História e Historiografia. Trad. Guilherme João de Freitas. 1. Ed. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2013. .
HARTOG, François. *Croire en l´Histoire*. Paris: Ed. Flammarion, 2013.
HARTOG, F. *Regimes de Historicidade. Presentismo e experiências do tempo*. 1. Ed. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2014.
HARVEY, D. *Paris: capital da modernidade*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Boitempo, 2015.
HEIDEGGER, M. *Auto-afirmação da universidade alemã*. Discurso em Friburgo 1933, trad. Alexandre Franco de Sá. Lusofobia Press, Corvilhã, 2009.
HEILBRON, J. *The rise of social theory. Contradictions of modernity*. Great Britain. University of Minessota Press, 1995.
HEILBRON, J. *Toward a sociology of translation*. Volume: 2 issue: 4, p. 429-444. Issue published: November 1, 1999.
HEILBRON, J.; Guilhot, N. & Jean-Pierre, L., *Vers une histoire transnationale des sciences sociales*. Sociétés Contemporaines, 1(73), 2009.
HERMAN, A. *A ideia de decadência na história ocidental*. Trad. Cynthia Azevedo e Paulo Soares. 2 ed. Rio de Janeiro: Reccord, 2001.

HINKLE, R. *Founding Theory of American Sociology 1881-1915*. Boston. Routledge e Kegan Paul, 1980.
HOLLINGER, D. A. & CAPPER, C. (org) *The american intelectual tradition*. Vol II. New York, Oxford University Press, 1997
HOPENHAYN, M. *Ni apocalípticos ni integrados, aventuras de la modernidade em América Latina*. Santiago do Chile. Fondo de Cultura Económica, 1994.
HORKHEIMER, M. *Eclipse da Razão*. Trad. Sebastião Uchôa Leite. São Paulo: Centauro, 2002.
HOROWITZ, I.L. *The decoposition of sociology*. New York: Oxford University Press, 1993.
HOROWITZ, I. L. *Sociologia Científica y Sociologia del conocimiento*. Buenos Aires: Libreria Hachette, 1959.
HOUSSAY, B. *La Investigación Científica*. UNL, Santa Fé, 1945 (1 ed é de 1942).
HUSSERL, E. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Int. e trad. Urbano Zilles. – 2 ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008.
INGENIEROS, J. *Al margen de la ciência*. Buenos Aires. Ed. Lajouane, 1908.
INGENIEROS, J. *La Evolución de las ideas Argentinas*. Buenos Aires. Talleres Gráficos de J J Roso y Cia, 1918. Introdução (tomo I) e Cap VII (tomo II).
INGENIEROS, J. El *Hombre Mediocre*. Buenos Aires. Elmer ed. 2 ed, 1957.
INGENIEROS, J. *Sociologia Argentina*. Obras Completas de José Ingenieros. Vol 8. Buenos Aires. Ed. Elmer, 1957.
JACOB, C. (dir) *Lieux de Savoir. Espaces et communautés*. Paris: Ed. Albin Michel, 2007.
JACOBY, R. *O Fim da utopia*. Ed. Record. Rio de Janeiro, 2001.
JAURETCHE, A. *El medio pelo en la sociedad argentine. Apuntes para una sociologia nacional.* Buenos Aires. Talleres Gráficos Orestes, 1967. Disponível em www.labaldrich.com.ar acessado em 14 de julho de 2018.
JAURETCHE, A. *Los profetas del ódio y la Yapa. Colonización Pedagógica.* Buenos Aires. Peña Lillo Ed, 1973.
JAY, M. *Permanent Exiles. Essays on the intelectual migration from Germany to America*. New York. Columbia University Press, 1986.
JAY, M. A *imaginação dialética*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro. Contraponto, 2008.
JOAS, H. *Interacionismo simbólico* in GIDDENS, A e TURNER, J. Teoria Social hoje. São Paulo. Ed. UNESP, 1999.
JUNGER, F. G. *Perfección y Fracaso de la Técnica*. Trad. Murena y Vogelman. Estudios Alemanes. Ed. Sur. Buenos Aires, 1968.
KARADY, V. *La migration internationale d´etudiantes en Europe, 1890-1940*. Actes de la recherche en Sciences Sociales, v. '45, dec 2002, p. 47-60.
KARADY, V. *Os sociólogos antes de 1950*. Política & Sociedade - Florianópolis - Vol. 17 - Nº 38 - Jan./Abr. de 2018, p. 62-93.
KING, J. *Sur. A study of the Argentine Literary Journal and its role in development of a Culture, 1931-1970*. Cambridge Iberian and Latin American Studies. London, 1986.
KORN, A. *La libertad creadora*. Buenos Aires. Ed. Losada, 1944.
KORN, A. *Influencias filosóficas em la evolución Nacional*. Anuário da FFyL, 1960.
KORN, A. *El pensamento argentino*. Buenos Aires. Ed. Nova, 1961.
KOSELLECK, R. *Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v 5, n 10, 1992, p. 134-146.
KOSELLECK, R. *Crítica e Crise. Uma contribuição à patogênese do mundo burguês.* Trad. Luciana Villas Boas Castelo Branco. UERJ, Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 1999.
KOSELLECK, R. *The practice of conceptual history. Timing History, Spacing concepts*. Stanford. Un. Press, 2002.

KOSELLECK, R. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de janeiro. UFRJ/Contraponto, 2006.
LANGLOIS, CH. *Cuestions d´Histoire et d´enseignement*. Paris. Libraire Hochette, 1902.
LARRAZ, F. *Un Campo Editorial? Cultura literária, mercados editoriales entre argentina y españa.* Mendoza. Cuadernos del CILHA. Vol 15, n 21. Dez, 2014.
LAXAGUEBORDE, J. *La sociología como espacio naturalmente revolucionario. Roberto Carri, liberación o dependencia. Prorrateo singular de su identidad intelectual*. VII Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2007.
LEFEBVRE, B E BAILLARGEON, N. (org). *Histoire et Sociologie. Positions épistémologiques et pédagogiques*. Les éditions Logiques. Quebec, 1996.
LEPENIES, W. *Las tres culturas. La sociologia entre la literatura y la ciéncia.* Mexico. Fondo de Cultura Económica, 1985.
LEPENIES, Wolf. *La seduction de la cultur en la historia Alemana*. Trad. J. Castiñeyra. Madrid, Ediciones Akal, 2006.
LEVITT, C. *Children of Privilege. Student Revolt in the sixties*. Univeristy of Toronto Press; Canada, 1984.
LEWIS, D. & SMITH, R. *American Sociology and pragmatism: Mead, Chicago Sociology and Symbolic Interaction*. Univ. of Chicago Press, 1980.
LIEDKE FILHO, E. *A sociologia no Brasil: história e desafios*. Revista Sociologias. Porto Alegre, ano 7. Jul-dez 2005, p. 376-437.
LIMONIC, F e MARTINHO, F.C. (org) *Os intelectuais do antiliberalismo. Projetos e políticas para outras modernidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
LIPSET, S. *Political Man: the social bases of politics*. Garden City, NY. Doubleday, 1960.
MAIER, Joseph. WEARHERHEAD, Richard W. (edit) *The Latin American University.* University of New Mexico Press. Midgard Foundation. United States, 1979.
MALLEA, E. *Historia de una pasión Argentina*. Buenos Aires. Ed. Sudamericana, 1961.
MANNHEIM, K. "*Competition as a cultural phenomenon"* en Wolff, Kurt H., *From Karl Mannheim*, Oxford University Press, New York, 1971, pp. 223-261)
MANNHEIM, K. *Diagnostico de nosso tempo*. Rio de Janeiro. Zahar, 1973.
MANNHEIM, K. *Conservatism: A contribution to the sociology of knowledge.* Collected Works. Vol 11. Edit. Kelter, Volker Meja & Nico Stehr. Ed. Routledge. London, 1986.
MANNHEIM, K. *Ideologia y Utopia. Introducción a la Sociologia del Conocimiento*. Trad. Echavarría. Mexico. Fondo de Cultura Económica, 1987.
MANNHEIM, K. *El hombre y la sociedad en la época de crisis*. Ed. El Aleph, 2000.
MANZANO, V. *La era de la juventud en Argentina. Cultura, política y sexualidad desde Perón hasta Videla*. 1. Ed. Buenos Aires. Fondo de Cultura Económica, 2017.
MARCONDES FILHO, Ciro. *O princípio da razão.* Tomo II. São Paulo. Paulus, 2011.
MARCUSE, H. *Eros e Civilização. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud.* 5 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
MARCUSE, H. *Essays on liberation*. Disponível no endereço: https://www.marxists.org/reference/archive/marcuse/works/1969/essay-liberation.htm. Acessado em 14/06/2018.
MARCUSE, H. *La Sociedad Opresora.* Caracas. Ed. Nuevo Tiempo, 1971.
MARCUSE, H. *Razão e Revolução*. 3 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1978.
MARCUSE, H. *El hombre unidimensional. Ensayo sobre la ideologia de la sociedad industrial avanzada.* Trad. Antonio Elorza. Madrid. Planeta Agostini, 1993.
MARINI, R. M. *Dialética da Dependência*. Petrópolis. Ed. Vozes / CLACSO, 2000.
MARRAMAO, G. *Poder e Secularização. As categorias do tempo*. Trad. Guilherme Gomes de Andrade. São Paulo: Ed. UNESP, 1995.

MARSAL, J. F. (DIR). *El intelectual latino-americano. Un simpósio sobre sociologia de los intelectuales.* Buenos Aires. Instituto Torcuato di Tella, 1970.
MARSAL, J. *La Crisis de la sociologia norteamericana*. Barcelona. Ed. 62, 1977.
MATOS, O. *A Escola de Frankfurt - Luzes e Sombras do Iluminismo*. São Paulo: Moderna, 1993.
MEINECKE, F. *El historicismo y sus genesis.* Mexico. Fondo de Cultura Económica, 1982.
MERCHIOR, G. *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*. Rio de Janeiro. Ed. Tempo Brasileiro, 1969.
MERLIO, G. *Le pessimisme culturel entre la France et l'Allemagne*. In: *Mil neuf cent*, n°14, 1996. Progrès et décadence. pp. 41-67.
MERTON, R. *The Matthew Effect in Science*. Science, v 159, 1968, p. 56-63.
MERTON, R. *Sociologia de la ciência. Inevstigaciones teóricas y empíricas*. Madrid. Alianza Editorial, 1977.
MICELI, S. *Sonhos da periferia*. São Paulo. Companhia das Letras, 2018.
MICELI, S. *Vanguardas em Retrocesso*. São Paulo. Companhia das Letras, 2014.
MILLS, W. *A imaginação sociológica*. Rio de janeiro, zahar, 1969.
MILO, D. *La bourse mondiale de la traduction : un baromètre culturel ?.* In: Annales. Économies, Sociétés, Civilisations. 39e année, N. 1, 1984. pp. 92-115.
MONEGAL, E. *El juicio de los parricidas. La nueva generación argentina y sus maestro*s. Buenos Aires. Deucalión, 1956.
MORIN, E. *Pour une sociologie de la crise*. In: *Communications*, 12, 1968. Mai 1968. La prise de la parole. pp. 2-16.
MURMIS, M. e PORTANTIERO, C. *Estudos sobre as origens do peronismo*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1972.
MYERS J. in NOGUEIRA DE SÁ, M N (org). *História intelectual latino-americana. Itinerários, debates e perspectivas*. Rio de Janeiro. Ed PUC-Rio, 2016.
NAGEL, E. *The Structure of Science. Problems in the logic of scientific explanation*. Hackett Publishing Company. Cambridge, 1979.
NEIBURG, F. *Os intelectuais e a invenção do peronismo*. Trad. Vera Pereira. São Paulo. EDUSP, 1997.
NEIBURG, F. PLOTKIN, M. *Intelectuales y Expertos*. Buenos Aires. Ed. Paidós, 2004.
NISBET, R. *A sociologia como forma de arte*. Revista Plural. Sociologia. USP; São Paulo, v 7, p. 111-130, 1 sem. 2000.
NISBET, R. *História da Ideia de Progresso*. Trad. Leopoldo J. Jobim. Brasília. Ed. UNB, 1985.
NOÉ, A. U*topia y Desencanto. Creación y institucionalización de la Carrera de sociologia em la UBA*. EUDEBA. Buenos Aires, 2005.
NOGUEIRA DE SÁ. (org). *História Intelectual latino-americana. Itinerários, debates e perspectivas*. Rio de Janeiro. Ed. PUC Rio, 2016.
ORGAZ, R. *Ideas y Doctrinas de Nuestro Tiempo.* Buenos Aires. Librería del Colégio de Buenos Aires, 1929.
ORTEGA y GASSET, J. *El tiema de nuestro tiempo*. 1. Ed. Revista de Occidente. Madri, 1956.
ORTEGA Y GASSET, J. *A rebelião das massas*. Rio de Janeiro. Ed. Livros Iberoamericanos, 1971.
ORTEGA y GASSET, J. *Obras Completas. Vol*. 4. Madrid. Alianza Editorial. Revista de occidente, 1983.
PALTI, E. J. *El momento romántico. Nación, história y linguajes políticos en la Argentina del siglo XIX.* Buenos Aires, EUDEBA, 2009.
PARSONS, T E PLATT, G. *The American University.* Harvard University Press. Cambridge, Massachussets, 1973.

PASTERNAC, N. *La Revista Sur: un cierto americanismo* in CRESPO, R. (Coord) *Revistas en América Latina: proyectos literários, políticos y culturales*. México. CIALC/ Eón Editores, 2010.
PELLETIER, N. *Crises et conscience de crise dans les pays de langue allemande (années 20 et 30).* Presse Universitaire Bordeaux, 2008.
PEÑA, M. *Masas, caudillos y elites: la dependência argentina de Yrigoyen a Peron*. Buenos Aires. Ed. Ficha, 1973.
PEREYRA, D. *Dilemmas, challenges and uncertain boundaries of Argentinian sociology*. Tese de doutorado. Un. Sussex at Brighton, 2005.
PINTO, L. *L'inconscient scolaire des philosophes*. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 135, décembre 2000. Inconscients de l'école. pp. 48-57
PINTO, Louis. *Le commerce des idées philosophiques.* Paris. Éditions du Croquant, 2009.
PODLUBNE, J. *Compromiso espiritual e independência creadora. Una moral humanista para la literatura en la Revista Sur (1935-1945*) em Revista Iberoamericana. Madrid. Año IX (2009), n 35, p. 19-35.
POLANYI, M. *A lógica da liberdade*. Rio de Janeiro. Ed. Topbooks, 2003.
POLLACK, M. *La planification des sciences sociales*. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 2, n°2-3, juin 1976. La production de l'idéologie dominante. pp. 105-121.
POLLACK, M. *Paul Lazarsfeld: fundador de uma multinacional científica*. Política & Sociedade - Florianópolis - Vol. 17 - Nº 38 - Jan./Abr. de 2018, p. 94-134.
PONZA, P. *Intelectuales y violência política, 1955-1973.* 1 ed. Cordoba. Babel Ed, 2010.
POVINA, A. *Examen Crítico sobre el carácter de ciência general o ciência especial que debe atribuirse a la sociologia*. Revista de la universidad nacional de Cordoba. Año XVII, n 7 e 8, 1930.
POVINA, A. *Historia de la sociologia en Latinoamerica*. Fondo de Cultura Económica. 1941a.
POVIÑA, A. *História y Logica de la Sociologia.* Cordoba. Imp. Univ. córdoba, 1941b.
RAPOPORT, M., SEOANE, M. *Buenos Aires. Historia de una ciudad. Tomo* 1. Fundación Banco Ciudad. Ed. Planeta. Buenos Aires, 2007.
RAPPOPORT, M. *Bolchevique de Salón. Vida de Félix Weil, el fundador argentino de la escuela de Frankfurt*. Buenos Aires. Ed. Debate, 2014.
RASMUSSEN, A. *Critique du progrès 'crise de la science': débats et répresentations du dournant du siècle* in: Mil Neuf Cent, n 14, 1996, Progrès et décadence, p. 89-113.
RECALDE, A. *Ciencias Sociales, universidad y politica en las décadas de 1960-1970: la Revista Antropologia 3er mundo*. Tesis de doctoado. UNLP, 2014
RICOEUR, P. *Tempo e Narrativa.* VOL III. PARTE II. 2014.
RINGER, F. *Fields of knowledge: french academic culture in comparative perspective. 1890-1920*. Cambridge. Un. Press, NY, 1992.
RINGER, F. *O Declínio dos Mandarins Alemães.* São Paulo. EDUSP, 1999.
ROCHER, G. *Talcott PArsons e a Sociologia americana*. Trad. Olga Lopez da Cris. Rio de Janeiro. F. Alves Ed, 1976.
RODÓ, L. H. *Ariel*. Madrid. Espasa-Calpe, 1975
ROIG, A. A. *Los Krausistas argentinos*. Puebla, México. Ed. José M. Cajicajr, 1969.
ROJAS, R. *La restauración nacionalista*. A Peña Lillo Ed. Buenos Aires, 1971.
ROLLAND, D. In PERRONE-MOISÉS, L. (ORG). *Do positivismo à desconstrução. Ideias francesas na América*. São Paulo: EDUSP, 2004.
ROMERO, F. *Los problemas de la filosofia de la Cultura*. Instituto Social de la UNL, Santa Fé, 1936.
ROMERO, J. L. *Latinoamerica: las ciudades y las ideas.* Buenos Aires: Ed. Siglo Veinteuno, 1976
ROMERO, J. L. *Historia de Las Ideas Políticas em Argentina.* Fondo de Cultura Económica.

México, 1956.
ROMERO, J. L. (comp). *La experiencia argentina y otros ensayos.* Buenos Aires. Ed. Aguilar/Taurus, 2004.
ROMERO, L. A. (coord). *La Argentina en la escuela: la idea de nación en los textos escolares.* Buenos Aires. Siglo XXI ed, 2004.
RORTY, Richard. *Consequências do pragmatismo (ensaios: 1972-1980*). Trad. João Duarte. Lisboa. Instituto Piaget. Original da universiade de Minessota, 1982.
ROUANET, S. P. *Teoria Crítica e Psicanálise.* Biblioteca Tempo Universitário. 4. Ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.
RUBINICH, L. *Los sociólogos intelectuales: cuatro notas sobre la sociologia em los años sesenta.* Cadernos da UBA, documentación docente, 2017.
RÜEGG, W. (coord). *Uma História da Universidade na Europa, vol II. Trad*. Universidade do Porto. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa, 2002. Cap 6.
RUVITUSO, C. *Diálogos existenciales. La filosofia alemana em la Argentina Peronista (1946-1955).* Madrid. Iberoamericano, IAI, Vervuet, 2015.
SABATO, J. *La Clase Dominante em la Argentina Moderna: formación y características.* Buenos Aires. Ed. Imago Mundi, 1991.
SAID, E. *Representações do Intelectual. Conferencias Reith de 1993*. São Paulo. Cia das Letras, 2005.
SAINT-SIMON, CH. de. *La Physiologie Sociale, Oeuvres Choisies*, Int. Georges Gurvitch. Bibliothèque de Sociologie Contemporaine. Paris: Presses universitaires de France, 1965.
SALAS, H. *Homero Manzi y su tiempo*. Buenos Aires. Ed. Vergara, 2001.
SAN MARTÍN, J. *Ensayos sobre Ortega*. Madrid. Universidad Nacional de Educación a distancia, 1994.
SANCHEZ, M. *Intelectualidad Española em America Latina. La junta para ampliación de Estudios y sus redes culturales*. Sociotam. Vol XVII. N 1, 2007.
SAPIRO, G. HEILBRON, J. *La traduction littéraire, un object sociologiq*ue. Actes de la recherche en sciences socials. Vol 144. Set, 2002.
SAPIRO, G. *Elementos para uma história do processo de autonomização: o exemplo do campo literário francês.* Trad. Miceli e Guillon. Revista Tempo Social, julho 2004, p. 93-105.
SAPIRO, G. *Translation and the field of publishing*, Translation Studies, 1:2, 2008, p. 154-166
SAPIRO, G. *Modelos de intervención política de los intelectuales. El caso francês*. EHESS. Prismas, n 15, 2011. P. 129-154.
SAPIRO, G. *La circulation des sciences humaines et sociales em traduciton: enjeux et obstacles a l´heure de la globalisation.* Traduire, 227 | 2012, 5-15.
SAPIRO, G. *Le champ est-il national ? La théorie de la différenciation sociale au prisme de l'histoire globale* », *Actes de la recherche en sciences sociales*, 2013/5 (N° 200), p. 70-85.
SAPIRO, G. (dir). S*ciences humaines en traduction. Les livres français aux États-Unis, Royaume-Uni et en Argentine*. Paris, Institut Française, 2014.
SARLO, B. *Los dos ojos de contorno.* Revista Iberoamericana. Vol. XLIX, Núm. 125, Octubre-Diciembre 1983.
SARLO, B. *La imaginación técnica. Sueños Modernos de la cultura argentina*. Buenos Aires. Ed. Nueva Visión, 1997.
SARLO, B. e ALTAMIRANO, C. *Ensayos Argentinos, de Sarmiento a la Vanguardia.* Buenos Aires. Ed. Ariel, 1997.
SARLO, B. *Siete Ensayos sobre Walter Benjamin*. Buenos Aires. Fondo de Cultura Economia, 2000.
SARLO, B. *A paixão e a exceção: Borges, Eva Perón, Montoneros*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
SARLO, B. *La batalla de las ideas (1943-1973).* Buenos Aires. Emecé, 2007.

SARLO, B. *Modernidade periférica. Buenos Aires 1920 e 1930*. Trad. Julio Pimentel, prólogo de Miceli. Prosa no observatório. SP. Cosac Naif, 2010.
SARLO, B. *El império de los sentimentos: narraciones de circulación periódica en Argentina (1917-1927)*. Buenos Aires. Ed. Siglo XXI, 2011.
SARLO, B. *Intelectuais. Em Antologia del pensamento crítico argentino*. CLACSO. Texto em Tempo Presente, Buenos Aires. Siglo XXI ed. P. 195-253, 2015.
SARTRE, J. P. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo. Ed. Atica, 1994.
SARTRE, J. P. *O que é literatura?* 3 Ed. Atica. São Paulo, 2004.
SARTRE, J. P. *O existencialismo é um Humanismo*. 4 ed. Trad. João B. Kreuch. Petrópolis. Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 2014.
SCHNÄDELBACH, H. *Filosofía en Alemania*, 1831-1933. Madrid. Edicioines Cátedra, 1991.
SCHORSKE, C. *Fin de SiÈcle Vienna: Politics and Culture*. Vintage Books. New York, 1981
SCHWENDIGER, H e SCHWENDIGER, J. T*he sociologists of the Chair. A radical analysis of the formative years of north-american sociology (1883-1922)*. New York. Basic Books Inc Publishers, 1974.
SCOTT-SMITH, G. *The politics of apolitical culture. The Congress for cultural freedom, the CIA and the Post-war American Hegemony*. London. Ed. Routledge, 2002.
SEBRELI, J. J. S. *La saga de los Anchorena*. Buenos Aired. Editorial Sudamericana, 1985.
SHILS, E. *The Calling of Sociology and Other Essays on the pursuit of Learning*. The University of Chicago Press: Chicago, 1980.
SHUSTER, M. *Autonomy after Auschwitz: Adorno, German IDealism and Modernity*. Chicago. Chicago university Press, 1992.
SIGAL, S. *Le Role politique des intellectuels en Amerique Latine. La derive des intellectuels en Argentine*. Paris. Ed. L´Harmattan, 1996.
SIGAL, S e VERÓN, E. *Perón o muerte: los fundamentos discursivos del fenómeno peronista.* EUDEBA: Buenos Aires, 2003.
SILVA, P. R. *As Revistas Sur, Contorno e a Nova Geração intelectual argentina*. Revista da ANPHLAC, n 464.
SIMMEL, G. *Filosofia del dinero*. Alianza ed. Madrid, 1977.
SIMMEL, G. *As grandes cidades e a vida do espírito*. Revista Maná. Vol 11. N 2. Rio de Janeiro, 2005, p. 577-591.
SIRINELLI, J. F. LEYMARIE, M. *L´histoire des intellectuels aujourd-ui*. Paris. Press Universitaires de France, 2013.
SNOW, C. P. *The two Cultures*. Cambridge. Cambridge University Press, 1998.
SOMOZA RODRIGUES, M. *Educación y Politica em Argentina (1946-1955)* Buenos Aires. Ed. Miño y Dávila, 2006.
SOROKIN, P. *The crisis of our age. The social and the cultural outlook*. New York. E. P. Dutton & Co, 1941. Cap. 1, 3, 8 e 9.
SOULEZ, A. (org) *La Conception Scientifique du Monde. Le cercle de Vienne (1929). Manifeste du Cercle de Vienne et autres écrits.* Paris. Ed. Philosophie aujourd´hui, 1985.
SPENCER, H. *Do progresso. Sua lei e sua causa*. Trad. Eduardo Salgueiro. Cuadernos Inquérito. Lisboa, S.D.
SPENCER, H. *La Science Sociale*. Bibliothéque Scientifique Internationale. 14 ed. Félix Alcan Éditeur, 1908.
SPENGLER, O. *La decadência de Occidente. Bosquejo de uma morfologia de la historia universal.* Trad. Do alemão: Manuel G. Morente. Buenos Aires. Ed. Espasa Calpe, 1952.
SPINELLI, M. *Los vencedores vencidos: el antiperonismo y la revolución libertadora*. Buenos Aires. Ed. Bilbos, 2005.
SUASNÁBAR, C. *Universidad e Intelectuales. Educación y Política em la Argentina*. Buenos Aires. FLACSO, 2004.

SVAMPA, M. *El dilema argentino: civilización o barbárie – De Sarmiento al revisionismo peronista*. Buenos Aires. El Cielo por Asalto, 1994.
TABORDA, S. *La crisis espiritual y el ideário argentino*. Universidad nacional del Litoral, Santa Fé, 1941.
TERÁN, O. *Nuestros años sesentas. La formación de la nueva izquierda intelectual en la Argentina (1956-1966)*. Buenos Aires: Ed. Puerto Sul, 1991a
TERÁN, O. *Rasgos de la cultura intelectual argentina*. Rockfeller Humanities Fellow. University of Maryland at College Park, 1991b
TERÁN, O. (org.*). Ideas en el siglo - intelectuales y cultura en el siglo XX latinoamericano*. Buenos Aires: SigloXXI, 2004
TERÁN, O. *Vida intelectual em el Buenos Aires fin de siglo (1880-1910).* Derivas de la Cultura Científica. Buenos Aires. Fondo de Cultura Económica, 2008.
TONNIES, F. *Comunidade e Sociedade (org. por Florestan Fernandes*). São Paulo. EDUSP, 1995.
TOURAINE, A. *The academic system in American society*. Mc Graw Hill Book Company, New Jersey, 1997.
TOURAINE, A. *Critica da Modernidade.* Lisboa. Ins. Piaget, 1992.
TRAINE, M. *El enigma de Félix. Los Orígenes argentinos de la Escuela de Francoforte*. Ver. Espacios, n 16, jul-ago, 1995, p. 37-48.
TREBITSCH, M e GRANJON, M. *Pour une histoire comparée des intellectuels*. Paris. Éditions Complexe, 1998.
TUNNERMANN, C. *Ensayos sobre la universidad latino-americana*. Ed. Universitária Centro-Americana. San José, 1981.
VALADE, B. *Durkheim et la sociologie durkheimnienne en France*. Nouvelles Lectures. L´Année Sociologique, v. 62, n 2m 2012, p. 535-544.
VALDÉS, D. E. *El pensamiento latino-americano en el siglo XX. Entre la modernización y la identidade*. Tomo I. Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950). 1 ed. Buenos Aires. Ed. Bilbos, 2000.
VALÉRY, P. *La libertad del espiritu*. www.elaleph.com , 2000. Acessado em 7 de junho de 2016.
VANDENBERGHE, F. *Une histoire critique de la sociologie allemande. Aliénation et réification.* Tomo II. Colection Recherches. Bibliothèque du Mauss. Paris. La decouverte, 1998.
VANPAEMEL, G. *The german modelo f laboratory Science and the european pheriphery* (1860 – 1914) in SIMÕES, A; DIOGO, M. P.; GAVROGLU, K. (org) Sciences in the universities of Europe. Nineteenth and Twentieth Centuries. Academic Landscapes. Springer, 2005.
VÁZQUEZ, K. *De la modernidad y sus mapas – revista de occidente y la nueva generación en la argentina de los años 20*. Estudios interdisciplinarios de America Latina y el caribe. V. 14, n 1, enero-junio, 2003.
VASQUEZ-RIAL, H. (org*). Buenos Aires (1880 – 1930): la capital de un imperio imaginário.* Madrid. Alianza Editorial, 1996.
VERÓN, Eliseo. *Conducta, Estructura y Comunicación*. Buenos Aires. Ed. Jorge Álvarez, 1968.
VERÓN, E. *Imperialismo, lucha de clases y conocimiento: 25 años de sociologia en Argentina.* Buenos Aires. Ed. Tiempo Contemporáneo, 1974.
VERSCHUEREN, P. *É possível planejar a ciência? Os cientistas franceses e a gênese de uma política científica no pós guerra*. Política & Sociedade - Florianópolis - Vol. 17 - Nº 38 - Jan./Abr. de 2018.
VEZZETTI, H. *Aventuras de Freud en el país de los Argentinos. De José Ingenieros a Enrique Pichón Rivière*. Buenos Aires: Paidós, 1996.

VIALA, A. *Naissance de l´écrivain*. Le sens Comum. Ed. De Minuit. Paris, 1985.
VILLEGAS, G. *Los Profetas y el Mesias: Lukács y Ortega como precursores de Heidegger em el Zeitgeist de la Modernidad (1900-1929).* Mexico. Fondo de Cultura Económica, 1998.
VIÑAS, D. *Literatura argentina y política. De los jacobinos porteños a la bohemia anarquista.* Buenos Aires: Santiago Arcos ed, 2005.
WEBER, M. *Economía y Sociedad. – Tipos de comunidade religiosa*. Mexico. Fondo de Cultura Económica, trad. Echeverría, ímaz. 1944.
WEBER, M. *Tipos de Comunidade Religiosa* (sociologia de la religión). Em Economia y Sociedad. Tomo I. Ed. Ciencias Sociales. Inst. Cubano del Libro. La Habana, 1964.
WEBER, M. *Ensaios de sociologia*. Org. e int. Write Mills. 2 d. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.
WEBER, M. *Metodologia das Ciências Sociais*. Campinas. Ed. UNICAMP, 2017.
WILLIAMS, R. *Campo e cidade na história e na literatura*. São Paulo. Companhia das Letras, 1990.
WILSON, P. *La traducción y sus discursos. Apuntes sobre la historia de la traductologia.* Revista del departamento de letras de la UBA. V. 2, 83, p. 82-95.
WISZNIACKI, M. *El Peronismo y la Crisis de la hegemonia en la Argentina*. Facultad de ciencias socials de la UBA. Universidad de Buenos Aires, 2004.
YGNAN-SAINT, J.-L. *Drieu de la Rochelle ou l´obsession de la décadence*. Paris. Nouvelles éditions latines, 1984.
ZELUCK, O. (Ed). *L´Esprit européen.* Textes in ex-tenso des conférences et des entretiens organisées par les Rencontres Internationales de Genève. Paris, 1946.

OBRAS DE GINO GERMANI

Alguns textos de Gino Germani foram consultados diretamente do *Boletín del Instituto de Sociologia*. Contudo, devido à existência de novas edições e antologias, indico a referência dessas compilações, onde encontram-se as versões mais atuais, e adiciono a data de publicação original em colchetes. Os textos do Boletín estão indicados conjuntamente com as demais fontes documentais no tópico seguinte.

GERMANI, G. *Anomia y desintegración social* [1945] in BLANCO. Gino Germani: la renovación intelectual de la sociologia. Bernal: UNQ, 2006.
GERMANI, G. *Las condiciones objetivas de la libertad* [1946] in BLANCO. Gino Germani: la renovación intelectual de la sociologia. Bernal: UNQ, 2006.
GERMANI, G. *Las condiciones subjetivas de la libertad* [1947] in BLANCO. Gino Germani: la renovación intelectual de la sociologia. Bernal: UNQ, 2006.
GERMANI, G. *Una década de discusiones metodológicas* [1952] in BLANCO. Gino Germani: la renovación intelectual de la sociologia. Bernal: UNQ, 2006.
GERMANI, G. *Sobre algunas consecuencias prácticas de ciertas posiciones metodológicas en sociologia, con especial referencia a la orientación de los estúdios sociológicos en América Latina* [1952] in BLANCO. Gino Germani: la renovación intelectual de la sociologia. Bernal: UNQ, 2006.
GERMANI, G. *El surgimento del Si-mismo (self) y los fundamentos de la psicologia social* [1953] in BLANCO. Gino Germani: la renovación intelectual de la sociologia. Bernal: UNQ, 2006.
GERMANI, G. *La distribución geográfica de los habitantes* [1955] in Gino Germani, la sociedad en cuestión : antología comentada . - 1a ed. - Buenos Aires : Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2010.

GERMANI, G. *Diferenciación de las actitudes políticas en función de la estructura ocupacional y de clases* [1955] in Gino Germani, la sociedad en cuestión : antología comentada . - 1a ed. - Buenos Aires : Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2010.
GERMANI, G. *El psicoanalisis y las ciências del hombre* [1956] in BLANCO. Gino Germani: la renovación intelectual de la sociologia. Bernal: UNQ, 2006.
GERMANI, G. *Prólogo a La Imaginación Sociológica* de MILLS, W. Selección de obras de sociologia. Mexico. Fondo de cultura económica, 1961.
GERMANI, G. *Prólogo a La imaginación sociológica* [(1961)] in Gino Germani, la sociedad en cuestión : antología comentada . - 1a ed. - Buenos Aires : Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2010.
GERMANI, G. *La Sociologia científica. Apuntes para su fundamentación*. Cuadernos de Sociologia. 2ed. Biblioteca de Ensayos sociológicos. UNAM, México: 1962.
GERMANI, G. *Encuestas en la población de Buenos Aires. Características técnicas generales de las encuestas* [1962] in Gino Germani, la sociedad en cuestión : antología comentada . - 1a ed. - Buenos Aires : Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2010.
GERMANI, G. *La Sociologia em la America Latina: problemas y perspectivas*. Editorial lEUDEBA. Buenos aires, 1964.
GERMANI, G. SAUTU, R. *Regularidad y Origen Social em los estudiantes universitários. Investigaciones y Trabajos del Instituto de Sociologia UBA*, Cuadernos de Sociologia, 1965
GERMANI, G. *Hacia una sociedad de masas* [1965] in BLANCO. Gino Germani: la renovación intelectual de la sociologia. Bernal: UNQ, 2006.
GERMANI, G. *Estudios sobre sociologia y psicologia social*. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1966.
GERMANI, G. *Investigación sobre los efectos sociales de la urbanización en un área obrera del Gran Buenos Aires* [1967] in Gino Germani, la sociedad en cuestión : antología comentada . - 1a ed. - Buenos Aires : Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2010.
GERMANI, G. *Asimilación de migrantes en el medio urbano. Aspectos teóricos y metodológicos* [1969] in Gino Germani, la sociedad en cuestión : antología comentada . - 1a ed. - Buenos Aires : Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2010.
GERMANI, G. *Política e Sociedade numa época de transição*. São Paulo. Mestre Jou, 1973.
GERMANI, G. *El surgimiento del peronismo. El rol de los obreros y de los migrantes internos* [1973] in Gino Germani, la sociedad en cuestión : antología comentada . - 1a ed. - Buenos Aires : Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2010.
GERMANI, G. *Sociologia da modernização. Estudos teóricos, metodológicos e aplicados a América Latina*. São Paulo. Ed. Mestre Jou, 1974.
GERMANI, G. *Democracia y autoritarismo en la sociedad moderna* [1979] in BLANCO. Gino Germani: la renovación intelectual de la sociologia. Bernal: UNQ, 2006.
GERMANI, G. *Autoritarismo, Fascismo y Populismo Nacional*. Fundación Herederos de Gino Germani / Temas Grupo Editorial. Trad. Alma Idiart y Mariana Podetti. Buenos Aies, 2003.

LISTAGEM DE FONTES DOCUMENTAIS

- Boletíns del Instituto de Sociologia (1942-1947). Archivo de la Biblioteca Raul Augusto Cortázar de la Facultad de Filosofia y Letras, Universidad de Buenos Aires.
- CLES. Veinte dos años de labor. 20/05/1930-16/07/1952. Archivos del Instituto de História Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani.
- Consejo Superior de la UBA. Provisiones de Cátedras. Reglamentaciones, 1962. Archivo de la Biblioteca Raul Augusto Cortázar de la Facultad de Filosofia y Letras.

- Cuadernos de Sociologia. Hermeroteca. Archivo de la Biblioteca de la Facultad de Filosofia y Letras.
- DEVOTO, R. Sobre una nueva universidad. Discursos y Conferencias. Universidad de Buenos Aires. Reitorado de 68 a 69. Archivo de la biblioteca del Instituto de História argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani.
- FEDERACIÓN UNIVERSITÁRIA DE BUENOS AIRES. La reforma universitária. Tomo II. Documientos relativos al movimento estudantil en Córdoba y Buenos Aires. 1918. Comp. Gabriel Del Mazo. Talleres Ferrari, 1927.
- GOBIERNO DE LA NACIÓN. Ciencia e investigación. Revista patrocinada por la Associación Argentina para el progresso de la ciência. Enero, 1956. Vol 12. N 1, p. 23-27.
- GOBIERNO DE LA NACIÓN. Debate Parlamentario sobre la Ley Avellaneda. Ins. Roberto Bustamanti. FFyL, UBA, 1959.
- GOBIERNO DE LA NACIÓN. El problema universitário ante la junta consultiva nacional. 8. Reunión extraorginária de la junta consultiva (29 de febrero de 1956). Versión Taquigráfica. Biblioteca do Instituto de História argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani.
- GOBIERNO DE LA NACIÓN. La derrota de la conspiración antiperonista contra la universidad. Origen y desarrollo de la campaña continuísta. Dirección de Prensa y difusión. Octubre, 1973. Archivo de la Biblioteca de la Facultad de Filosofia y Letras.
- GOBIERNO DE LA NACIÓN. La Revolución Libertadora y la Universidad. 1955-1957. Poder Ejecutivo Nacional. Despacho General 1955. Decretos de intervención.
- GOBIERNO DE LA NACIÓN. Programas de Educación Católica y Moral. Ciclo Básico, libreta peronista / Programas de curso do ciclo básico. Archivo de la Biblioteca de la Facultad de Filosofia y Letras.
- INDICE Paidos. Biblioteca de Psicologia Social y Socilogía. Cuadernos del Instituto de Sociología.
- INGENIEROS, J. LUGONES, L. La Montaña. Periódico Socialista Revolucionário (1897). Universidad Nacional de Quilmes. Bernal. Buenos Aires, 1996.
- LEVENE, R. El instituto Internacional de Sociologia em America. Boletín del Instituto de Sociología, n 4, 1945, p. 5-8.
- LEVENE, R. La Fundación de la universidad de Buenos Aires (su vida cultural em los comienzos y la publicación de los cursos de sus professores. Academia Nacional de História. Buenos Aires, 1940.
- MEMÓRIA del Congreso de Mendoza, 1949.
- MEMÓRIA del congresso americano de ciencias sociales. Tucumán, 1916. Buenos Aires. Imrenta José Tragnat, 1917.
- MINISTERIO DE LA EDUCACIÓN NACIONAL, Buenos Aires. Programas de los cursos universitários, 1951 a 1970. Archivo de la Biblioteca Raul Augusto Cortazar, Facultad de Filosofia y Letras de la Universidad de Buenos Aires.
- MINISTERIO DE LA EDUCACIÓN NACIONAL. Mensaje del ministro de Educación Dr. Atílio Dell´Oro Maini a los professores y estudiantes universitários, 1955.
- MINISTERIO DE LA EDUCACIÓN. Plan Operativo de 1973. Archivo de la Biblioteca de la Facultad de Filosofia y Letras.
- PODER EJECUTIVO NACIONAL. Dirección nacional de investigaciones científicas y técnicas. Registro científico nacional. Guía de investigaciones en processo de desarrollo, 1955.
- PODER EJECUTIVO NACIONAL. La Revolución Libertadora y la Universidad. Despacho General, 1957. Archivo del Instituto de História argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani.
- QUESADA, E. Discurso pronunciado em el banquete dado a los periodistas brasileños. Sabado. 27 de octubre de 1900. Buenos Aires. Librería Bredahl, 1900.

- QUESADA, E. Introducción a CANÉ, M. Em Viaje (1881-1882). Buenos Aires. Talleres Gráficos Argentinos de L. V. Rosso, 1928.
- QUESADA, E. La crisis universitária (discurso na colação de grau da faculdade de dirieto da UBA. 17 de agosto de 1906. Librería de J Menéndez. Buenos Aires, 1906.
- QUESADA, E. La facultad de derecho. Relatório presentado. Archivo del Instituto de Investigación de História Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani.
- QUESADA, E. Los sistemas de promoción em la Universidad de Londres. RUBA. Tomo XX. Buenos Aires. Imprenta de Coni Hermanos, 1912.
- Revista de Occidente. Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- Revista Imago Mundi (1953-1955). Arquivo Cedinci.
- Revista Contorno (1953-1956). Arquivo Cedinci.
- Revista Sur (1931-1969). Archivo de la Biblioteca de la Facultad de Filosofia y Letras / - Instituto de História Argentina Emilio Ravignani e acervo pessoal.
- Revista Antropología del Tercer Mundo.
- Revista Causa Peronista
- Revista de la Universidad de Buenos Aires (RUBA) – Hermerotéca de la Facutad de Filosofia y Letras.
- RIVAROLA, R. Labor universitária. Instituto de História Argentina Emilio Ravignani.
- ROMERO, F. Palestra na Asociación Médica de Buenos Aires, 1955. Archivo de la Biblioteca de la Facultad de Filosofia y Letras.
- ROMERO, J. L. la experiencia argentina y otros ensayos. Compilação de L. A. Romero. Buenos aires. Taurus, 2004, onde constam:
    ROMERO, J. L. Asunción del rectorado em 1955.
    ROMERO, J. L. Discurso sobre a reforma universitária, 1956.
    ROMERO, J. L. Función social de la universidad latino-americana, 1959 e
    ROMERO, J. L. Inauguração de los cursos na ffyl año 1961, 1962.
- SOCIEDAD KANTIANA DE BUENOS AIRES. Indice de la filosofia alemana traducida al español, 1935, 1942.
- "Testimonios" de Victoria Ocampo. Editorial Sudamericana. 1980.
- UBA. Digesto de la FFyL. Imprenta y Casa editora Coni, 1940. Archivo de la Facultad de Filosofia y Letras de la Universidad de Buenos Aires.
- UBA. Estatuto de la universidad de Buenos Aires. 1940 e 1968. Secretaria de estado da cultura y educación. Assinado por Onganía.
- UBA. Guía de Investigaciones em Curso na Universidad de Buenos Aires, 1961/ 1962 /1968 / 1969 / 1970 / 1971 / 1973 / 1981 / 1982. Instituto de Biblioteconomia,
- UBA. Guía de investigaciones en curso en la Universidad de Buenos Aires. 1971-1973: Instituto Bibliotecológico, 1976.
- UBA. Informe estadístico preliminar sobre alunos ingresado y egresados a la Universidad de Buenos Aires, 1958.
- UBA. Libro de Grados de Doctor. 1826-1830. Instituto de História Argentina Emilio Ravignani.
- UBA. Nomina de Graduados. Jurisprudencia y Medicina. 1826-1880. Instituto de História Argentina Emilio Ravignani.
- UBA. Planes de Estudio da FFyL, Guía de Orientación Vocacional, 1965.
- UBA. Programas de los cursos del año de 1951. FFyL
- UBA. Tesis presentadas a la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales. 1829-1960. Instituto de Biblioteconomía, 1979.